

GUILHERMINO CESAR

**HISTÓRIA DA
LITERATURA
DO
RIO GRANDE DO SUL**

COLEÇÃO



PROVÍNCIA

EDITORA GLOBO

· RIO DE JANEIRO — PÔRTO ALEGRE — SÃO PAULO

HISTÓRIA DA LITERA- TURA DO RIO GRANDE DO SUL

Guilhermino Cesar

Dividida em vinte capítulos, acompanhados de opulentas informações bibliográficas, a *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, da autoria do escritor mineiro *Guilhermino Cesar*, representa um minucioso levantamento da vida mental do povo gaúcho, desde suas origens até nossos dias.

É um trabalho de valor inestimável, ante a documentação em que se apóia, o método que emprega, as curiosas perspectivas que desvenda à historiografia e à crítica. Estuda longamente as escolas literárias, os principais autores, as obras capitais de cada período, empreendendo uma ampla sistematização da literatura sul-rio-grandense, tendo em vista a sua íntima ligação com a cultura brasileira, de que é um dos mais vivos reflexos.

Estamos, portanto, em face de um livro sério, meditado, rico de ensinamentos, cuja leitura revelará aos estudiosos, e até mesmo a especialistas, alguns aspectos até hoje não focalizados numa obra de conjunto.

+

Publicação da
EDITORA GLOBO

DO AUTOR:

MEIA-PATAÇA

Poesias, de parceria com
Francisco Inácio Peixoto —
Editora Verde - Cataguases - 1928

SUL

Romance - Liv. José Olímpio
Editora — Rio — 1939

HISTÓRIA DA LITERATURA
DO
RIO GRANDE DO SUL

COLEÇÃO PROVÍNCIA
VOL. 10

COLEÇÃO PROVÍNCIA

- 1 — J. Simões Lopes Neto — Contos Gauchescos e Lendas do Sul
- 2 — Augusto Meyer — Cancioneiro Gaúcho
- 3 — Darcy Azambuja — No Galpão
- 4 — J. Simões Lopes Neto — Casos do Romualdo
- 5 — Amaro Juvenal — Antônio Chimango
- 6 — J. Simões Lopes Neto — Cancioneiro Guasca
- 7 — Rubens de Barcellos — Estudos Rio-Grandenses
- 8 — Vargas Neto — Tropolha Crioula e Gado Xucro
- 9 — Darcy Azambuja — Coxilhas
- 10 — Guilhermino Cesar — História da Literatura do Rio Grande do Sul

GUILHERMINO CESAR

História da Literatura
do
Rio Grande do Sul
(1737-1902)



EDITORA GLOBO
RIO DE JANEIRO — PÔRTO ALEGRE — SÃO PAULO

*D*e tôdas as literaturas regionais do Brasil, tenho a impressão que a gaúcha é a que mais apresenta uma identidade de princípios, uma normalidade geral dentro do bom, uma consciência de cultura, uma igualdade intelectual e psicológica, que a tornam fortemente unida e louvável.

Mário de Andrade

1956

DIREITOS EXCLUSIVOS DE EDIÇÃO, EM LÍNGUA PORTUGUÊSA, DA
LIVRARIA DO GLOBO S. A. — PÔRTO ALEGRE — ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I — AS ORIGENS	25
A <i>Academia Brasileira dos Renascidos</i> e o Rio Grande do Sul. — Conflitos de cultura. — Hipólito da Costa e o Padre Manuel de Macedo. — Escassa influência da Igreja. — Ausência de colégios e de cultura clássica. — O gaúcho da campanha. — A linguagem coloquial: sua expressividade; sua utilização literária. — Do regional ao nacional.	
CAPÍTULO II — A LITERATURA ORAL	41
1. — Formação do cancionário rio-grandense. — Motivos predominantes. — 2. — O Romanceiro. — 3. — Poetas e trovadores populares. Pedro Canga. — 4. — Influência do lirismo anônimo sobre a poesia culta.	
CAPÍTULO III — DOS PRECURSORES AO INÍCIO DA LITERATURA ESCRITA	63
O primeiro autor em livro. — Situação mental do Rio Grande em 1822. — A fermentação pré-revolucionária. — A poesia e a prosa do ciclo farroupilha. — Poesia popular inspirada na gesta de "35". — A imprensa.	
CAPÍTULO IV — PREPARAÇÃO AO ROMANTISMO	93
1. — O primeiro livro rio-grandense: <i>Poesias</i> , de Delfina Benigna da Cunha. — 2. — Prosa e poesia de Ana Eurídice Eufrosina de Barandas. — 3. — A obra de Manuel de Araújo Porto Alegre.	
CAPÍTULO V — A CAMINHO DO HUMANISMO E DA CIÊNCIA	117
1. — Fase empírica dos estudos gramaticais e históricos. — 2. — Antônio Álvares Pereira Coruja e a dialetologia. — 3. — A investigação científica: José de Araújo Ribeiro, Joaquim Caetano da Silva, Francisco Ferreira de Abreu.	

CAPÍTULO VI	— OS PRIMEIROS CRONISTAS E HISTORIADORES	127
	Contribuição de viajantes estrangeiros. — Os <i>Anais</i> do Visconde de São Leopoldo. — Outros historiadores de menor importância, até à Guerra do Paraguai.	
CAPÍTULO VII	— O CRIADOR DO ROMANCE	139
	José Antônio do Vale Caldre e Fião. — <i>A Divina Pastora</i> e <i>O Corsário</i> . — Qualidades de sua prosa.	
CAPÍTULO VIII	— POETAS DA PRIMEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA	151
	A primeira revista literária: <i>O Guaíba</i> . — “Casimirianos”, antes de Casimiro de Abreu. — Principais representantes do sentimentalismo romântico na poesia. — A revista <i>Arcádia</i> .	
CAPÍTULO IX	— O GRUPO DO “PARTENON LITERÁRIO”	169
	Prenúncios de regionalismo. — Como surgiu o “Partenon”. Seu programa; sua revista. Influência exercida em outros centros da Província. — O teatro em Porto Alegre.	
CAPÍTULO X	— A POESIA GAUCHESCA NA FASE ROMÂNTICA	187
	Poetização do “monarca das coxilhas” pelos autores cultos. — Bernardo Taveira Júnior; as <i>Provincianas</i> .	
CAPÍTULO XI	— APOLINÁRIO PORTO ALEGRE	199
	O ficcionista, o poeta, o dramaturgo. — O negro, o guasca e o espírito liberal em sua obra. — Ensaios de filologia e lingüística. — Influência que exerceu.	
CAPÍTULO XII	— APOGEU E DECADÊNCIA DA POESIA ROMÂNTICA	211
	Introdução. — Carlos Ferreira. — Menezes Paredes. — Múcio Teixeira. — Lôbo da Costa. — Os ultra-românticos.	
CAPÍTULO XIII	— TRANSIÇÃO AO MODERNISMO CIENTIFICISTA	247
	Os <i>brummers</i> . — O jornalismo de idéias. — Ligações com a Escola do Recife. — A obra de Carlos von Koseritz.	
CAPÍTULO XIV	— A LITERATURA DRAMÁTICA	257
	O teatro nos principais centros rio-grandenses. — Autores românticos e autores naturalistas.	

CAPÍTULO XV	— DA REAÇÃO ANTI-ROMÂNTICA AOS PRIMEIROS PARNASIANOS	269
	Influência da “poesia científica”. — Os primeiros parnasianos. — Românticos retardados. — Intervalo europeu.	
CAPÍTULO XVI	— A PROSA DE FICÇÃO, DO ROMANTISMO AO NATURALISMO	305
	Introdução. — Os precursores. — Representantes do romantismo individualista. — O grupo regionalista. — O Naturalismo e os temas urbanos.	
CAPÍTULO XVII	— A CRÍTICA LITERÁRIA	339
	Introdução: Positivismo filosófico e política positiva; positivistas rio-grandenses. — A crítica literária: Apolinário Porto Alegre, Damasceno Vieira, Carlos von Koseritz.	
CAPÍTULO XVIII	— A HISTORIOGRAFIA, APÓS A GUERRA DO PARAGUAI	357
	Renovação da pesquisa e da crítica. — Análise da Revolução Farroupilha. — Depoimento sobre a Guerra do Paraguai. — A Revolução de 93. — Os Almanques.	
CAPÍTULO XIX	— A ORATÓRIA, O JORNALISMO, A SATIRA POLÍTICA	371
	Oratória sagrada e oratória política. — A imprensa através das grandes campanhas em que se empenhou. — Poetas satíricos do século XIX.	
CAPÍTULO XX	— SIMBOLISMO À VISTA	389
	O início do século XX. — Panorama da vida mental. — Marcelo Gama e Zeferino Brazil. — Do Simbolismo ao Pré-modernismo.	
BIBLIOGRAFIA	395
ÍNDICE ONOMÁSTICO	403

HISTÓRIA DA LITERATURA
DO
RIO GRANDE DO SUL

INTRODUÇÃO

Muito haveria que dizer, se fôsse meu propósito historiar a gênese dêste livro. Basta referir que o escrevi com amor, pensando saldar dêste modo a dívida contraída por mim com o povo gaúcho, desde que aqui cheguei, em 1943, pela mão amiga de Ernesto Dornelles, a quem dedico estas páginas.

Hesitei um sem-número de vêzes sôbre se convinha enfrentar a emprêsa. Mas, estudando a literatura rio-grandense desde vários anos, por gôsto e afinidade que remontam aos primeiros tempos do Modernismo, e, ainda, por dever de ofício impôsto pelo magistério, vi crescer em meu espírito o desejo de realizar o presente trabalho. Ao decidir-me, esbarrei na primeira dificuldade, a do título. Por que "história", se o valor estético independe, em última análise, dos fatos exteriores, da cronologia, do critério fechado das escolas? E o têrmo — história, no caso, poderia não exprimir exatamente a minha intenção de fazer também crítica literária.

Não vinha a pêlo discutir assuntos de metodologia, tanto mais quanto, a prevalecer um método mais rigoroso, ficaria eu privado de dar uma visão, embora rápida, do complexo cultural rio-grandense, segundo a imagem fixada na vida literária. Nem, para tanto, poderia deixar de socorrer-me da historiografia, a fim de ilustrar melhor certos aspectos artísticos, que não teriam maior sentido desacompanhados dêsse elemento esclarecedor.

À proporção que caminhavam as pesquisas, percebi que da enorme efervescência intelectual rio-grandense, no século XIX, ressaltava sobretudo a vigorosa originalidade do seu estilo cultural.

Em tais condições, e dada a relativa pobreza estética da literatura brasileira, em que são tão poucos os ângulos universais, pareceu-me que o método histórico-literário seria inicialmente o preferível, para não dizer: o mais adequado às nossas limitações, e até, se quiserem, o mais construtivo.

Verá, portanto, o leitor que não desprezei as achegas da história e da sociologia, sempre que se tornou preciso enquadrar autores ou obras no seu meio sentimental próprio — uma vez que a maior virtude de nossa vida literária provin-

INTRODUÇÃO

Muito haveria que dizer, se fôsse meu propósito historiar a gênese dêste livro. Basta referir que o escrevi com amor, pensando saldar dêste modo a dívida contraída por mim com o povo gaúcho, desde que aqui cheguei, em 1943, pela mão amiga de Ernesto Dornelles, a quem dedico estas páginas.

Hesitei um sem-número de vêzes sôbre se convinha enfrentar a emprêsa. Mas, estudando a literatura rio-grandense desde vários anos, por gôsto e afinidade que remontam aos primeiros tempos do Modernismo, e, ainda, por dever de ofício impôsto pelo magistério, vi crescer em meu espírito o desejo de realizar o presente trabalho. Ao decidir-me, esbarrei na primeira dificuldade, a do título. Por que "história", se o valor estético independe, em última análise, dos fatos exteriores, da cronologia, do critério fechado das escolas? E o termo — história, no caso, poderia não exprimir exatamente a minha intenção de fazer também crítica literária.

Não vinha a pêlo discutir assuntos de metodologia, tanto mais quanto, a prevalecer um método mais rigoroso, ficaria eu privado de dar uma visão, embora rápida, do complexo cultural rio-grandense, segundo a imagem fixada na vida literária. Nem, para tanto, poderia deixar de socorrer-me da historiografia, a fim de ilustrar melhor certos aspectos artísticos, que não teriam maior sentido desacompanhados dêsse elemento esclarecedor.

À proporção que caminhavam as pesquisas, percebi que da enorme efervescência intelectual rio-grandense, no século XIX, ressaltava sobretudo a vigorosa originalidade do seu estilo cultural.

Em tais condições, e dada a relativa pobreza estética da literatura brasileira, em que são tão poucos os ângulos universais, pareceu-me que o método histórico-literário seria inicialmente o preferível, para não dizer: o mais adequado às nossas limitações, e até, se quiserem, o mais construtivo.

Verá, portanto, o leitor que não desprezei as achegas da história e da sociologia, sempre que se tornou preciso enquadrar autores ou obras no seu meio sentimental próprio — uma vez que a maior virtude de nossa vida literária provin-

ciana tem sido a profunda identidade de pensamento, dos homens que a construíram, com o seu povo, sendo a opção a regra e a disponibilidade a exceção. E no Rio Grande, de modo particular, verificou-se essa presença viva do homem de letras em todos os movimentos da alma coletiva.

Todavia — convém advertir — se muitas vezes lancei mão de tal processo, não quer isso dizer que pretendesse condicionar a produção da obra de arte a fatôres estranhos, teoricamente, à intuição criadora.

Jamais olvidei a boa lição de Benedetto Croce: “não se pode fazer história literária apenas como decorrência da “erudição e do bom gosto”, porque a compreensão e representação históricas lhe são indispensáveis (*). Eis por que, embora saiba que o fenômeno artístico tem objeto próprio, planejando, por conseguinte, acima das contingências sociais que influem a conduta do homem, não trepidei em empregar o método histórico-literário nesta *História da Literatura do Rio Grande do Sul*.

• No complexo cultural rio-grandense, em que a região da campanha entra com a parte mais rica de originalidade, procurei discernir os traços característicos, os de mais valia para o andamento da cousa espiritual, mas, ante a carência de dados, tive que empreender penoso levantamento, utilizando-me da observação direta tanto quanto da fonte escrita. E para que isso, se o meu objetivo era a vida literária dessa comunidade? Porque não me seduzia ficar exclusivamente na apreciação de valores estéticos frios, senão verificar também a origem, a possível motivação psicológica, assim como a resultante cultural de tais manifestações. Nem o esteticismo puro se deve aplicar, no Brasil, como tábua de valores exclusiva, num país onde tudo o que fazemos diz da profunda servidão a que nos obrigam o isolamento geográfico, a sociedade imatura, a vida mental esgarçada, sem grande tradição que a ampare. Isto é, temos poucas oportunidades e estímulos para trabalhos de revisão sistemática do que somos como povo e do que foram, como representantes de uma elite, algumas nobres figuras das letras brasileiras. Como povo, criamos a teoria de que não há propriamente o que rever, porque o nosso passado recente não dá para tanto; como indivíduos, vivemos em solidão, a dialogar com os nossos fantasmas interiores, à falta de convivência espiritual mais es-

(*) Cf. Croce, *Estética*, cap. XVII.

timulante. A nossa vida literária, no máximo, se processa à mesa dos cafés, entre *parvenus* da cultura e do bom gosto. A base universitária de nossos estudos desinteressados é nenhuma; só agora, com as Faculdades de Filosofia, tende a melhorar substancialmente. Improvisamos, ao sabor do vento; somos instáveis e leves como êle. Investigar, aprofundar os temas, não agrada ao nosso *fregolismo* intelectual, partidário das côres brilhantes, do impressionismo fugidío, do descompromisso orgulhosamente inteligente ou malévolaemente crítico.

Haja vista a omissão que a historiografia nacional, desde o grande Sílvio Romero, tem feito do Rio Grande dentro do processo cultural brasileiro. Para explicá-lo, não basta o isolamento geográfico em que viveu esta província, nem as peculiaridades de seu estilo de vida obstam a que se compreenda, ao primeiro contacto, a alma brasileira que aqui lateja.

Não relembramos, porém, êsse doloroso capítulo. Vejamos de preferência a obra dos que compreenderam o problema rio-grandense em sua exata significação, dos que refletiram e ponderaram antes de emitir juízo sobre êste trato de terra onde se tornou tão pugnaz e afirmativa a cultura nacional.

É de Mário de Andrade que parte a primeira análise certa do caso literário rio-grandense. Diz êle: “De tôdas as literaturas regionais do Brasil, tenho a impressão que a gaúcha é a que mais apresenta uma identidade de princípios, uma normalidade geral dentro do bom, uma consciência de cultura, uma igualdade intelectual e psicológica, que a tornam fortemente unida e louvável.” Depois de dizer que, vencido o regionalismo dos primeiros tempos, “a literatura do Rio Grande do Sul é hoje brasileira, como as que mais o sejam”, Mário anota por fim, com maior precisão: “Em todo caso, há um caráter geral na inteligência gaúcha que, mesmo sem boleadeiras, cultivo exterior da valentia, pampices e minuanos de fácil côr local, tonalizam intimamente o gaúcho e lhe permitem permanecer dentro de um regionalismo mais profundo e enriquecedor da nossa entidade nacional. Uma inteligência mais lenta e baseada na cultura, incapaz de audácias cabotinas, pouco ou nada amiga do brilho e da virtuosidade, uma constante ausência dêsses elementos de brandura cariciosa, sem sensualidade seresteira de... gostosura, que se poderia resumir pela palavra “tropicalismo” (*).

(*) V. Mário de Andrade, *Os Gaúchos*, rodapé da “Vida Literária” in *Diário de Notícias*, Rio, 1939.

O depoimento de Mário de Andrade é bastante para apagar os juízos imprudentes ou injustos do passado.

• Afigurou-se-me necessário dividir a literatura local em períodos, que não obedeceram, é claro, a normas rígidas, mas satisfazem ao critério histórico-literário que adotei na obra.

Se bem que haja seguido a nacional em todos os seus momentos principais, do romantismo ao neo-realismo de nossos dias, a literatura rio-grandense viveu as seguintes fases bem características:

- 1.^o período — Desde as origens até 1834 — ano da publicação das *Poesias*, de Delfina Benigna da Cunha;
- 2.^o período — de 1834 a 1856 — ano do aparecimento do grupo d'*O Guaíba*;
- 3.^o período — de 1856 a 1869 — ano da *Revista Mensal* da "Sociedade Partenon Literário";
- 4.^o período — de 1869 a 1884 — ano da publicação das *Opalas*, de Fontoura Xavier;
- 5.^o período — de 1884 a 1902 — ano da publicação de *Via Sacra*, de Marcelo Gama;
- 6.^o período — de 1902 a 1925 — ano da publicação de *No Galpão*, de Darcy Azambuja;
- 7.^o período — de 1925 em diante.

O primeiro período (1737-1834) foi o da luta instintiva pela conquista de uma expressão nacional. Entre os últimos árcades e o pré-romantismo, acentuou-se aqui tal preocupação, vivida inconscientemente pela literatura em germe, mas muito consciente no plano político, a exemplo da xenofobia agressiva que a partir do Sete de Abril preparou a Revolução Farroupilha. Irrompeu esta justamente como fôrça insubmissa ao espírito colonial, que teimava em subsistir na jovem província. É a época do aparecimento da imprensa (1827); os primeiros poetas tentam chegar à letra de fôrma.

O segundo período (1834-1856) é o da assimilação consciente dos valores integrantes da cultura nacional maturada

nas antigas capitanias do Centro. Surgem as primeiras tímidas manifestações românticas, dentro da mesma coordenada de integração paulatina da raia meridional no espírito do Brasil. Hajam vista a linguagem e a temática de um Caldre e Fião, o criador do romance gaúcho (1847). Nesse período ocorre grave acontecimento político, fértil em conseqüências: a Grande Revolução, que durou dez anos.

O terceiro período (1856-1869) é o da primeira floração romântica pròpriamente dita, com o grupo da revista *O Guaíba*. A corrente lírica é a mais forte, isenta, porém, de traços localistas. A tendência ao universal predomina por meio do individualismo patenteado pelas figuras desse grupo, com o qual adquire o Rio Grande expressão nacional definitiva. Mostraremos, até, como são quase todos os poetas, antes mesmo de Casimiro de Abreu, "casimirianos" puros, isto é, herdeiros do lirismo português afeiçoado já à nossa maneira.

O quarto período (1869-1884), do aparecimento da revista do "Partenon Literário" aos rebates iniciais do Parnasianismo, traduz concomitantemente um recuo temático ao regional e a renovação da expressão pelo aproveitamento da linguagem oral do homem da campanha. É a fase do romantismo de cunho liberal, defensor e pregoeiro da liberdade, sua nota permanente. Por mais paradoxal que pareça, acentua-se a volta ao passado gaúcho, espécie de mergulho nas peculiaridades da campanha. A sêde de veracidade, de autenticidade, manifestada pelos autores em geral, leva-os pouco a pouco para o Realismo, que vai ter entre os grandes nomes desse período os seus primeiros representantes. Mas a tendência regionalista corrente estava destinada a servir de leito comum à literatura gaúcha. Não mais desaparecerá. Vai marcar, de fato, daí por diante, tôdas as obras de valor, salvo as do sexto período, em que o universalismo de um Eduardo Guimaraens passou quase despercebido.

O quinto período (1884-1902) é o do abandono paulatino do ideário romântico, com a adoção de formas mais vizinhas do Realismo. O Parnasianismo tem nas *Opalas*, de Fontoura Xavier, e nas *Iluminuras*, de Aquiles Pôrto Alegre, a sua manifestação inaugural, enquanto os ensaios de prosa realista, anteriores a 1884, se repetem com autores mais afirmativos.

O sexto período (1902-1925) oscila entre o espiritual do Simbolismo e o neo-realismo. Assinala o fluxo simbolista, em seu berço, a *Via Sacra*, de Marcelo Gama; neo-regionalistas, porém, são as *Ruínas Vivas*, de Alcides Maya, e *Lendas do*

1) Melhor haja vista - V. - L. Fraire - Linguagem e estilística p. 30 e 31

Sul, de J. Simões Lopes Neto, êste já um prosador moderno. E, efetivamente, o Modernismo não demoraria a aparecer; durante mais de dez anos, vai imperar na poesia e na prosa, ambas fortemente vincadas pelo tom regionalista. Exemplos: *Coração Verde*, de Augusto Meyer; *Tropilha Crioula* e *Gado Xucro*, de Vargas Neto; *No Galpão*, de Darcy Azambuja. Mesmo os últimos simbolistas, como Pedro Vergara, voltam à temática da campanha (*Terra Impetuosa*).

O sétimo período (1925 em diante) vem até nossos dias, até pelo menos ao aparecimento da revista *Quixote* (1947), onde uma nova geração, regionalista por um lado, universalista por outro, lança em foco nomes de certa importância, menos pelo que têm realizado do que pela inquietação que anunciam. Surge o dilema: implantação de novo processo literário ou o regresso ao regional. Surgem no período, após a fase modernista, dois romances de valor: *Um Lugar ao Sol*, de Erico Verissimo, e *Os Ratos*, de Dionélio Machado (ambos de 1935). A obra de Erico documenta a posição dilemática em que se vê colocada a última geração: o universalismo inicial do grande romancista, ou o neo-realismo gauchesco de *O Tempo e o Vento*.

Note-se que a distribuição da matéria em capítulos não seguiu passivamente a periodização a que aludo. Permiti-me certa liberdade no estudo dos grupos e das figuras isoladas, mas a divisão acima foi o meu roteiro.

- Entre fazer um livro agradável, exame improvisado de fenômenos mais profundos, preferi estudá-los detidamente. Daí o levantamento, a que procedi, de tôdas as atividades literárias principais que se deram na província de São Pedro, desde o aparecimento do primeiro autor que a representou. Pode-se escrever sobre Molière sem sair de casa, ou no máximo indo consultar a biblioteca do vizinho. Mas acêrca dos autores rio-grandenses, isso não é possível. Não tiveram êles ampla divulgação, seus livros não existem nas melhores bibliotecas do Estado; sua vida e seu merecimento intelectual, a ação que desenvolveram, as influências que determinaram, são cousas ignoradas pela maioria dos leitores. Era preciso, pois, que eu investigasse lançando mão de todos os gêneros de pesquisa: da localização do livro à consulta a jornais e periódicos, viagens ao interior, cartas, pedidos de informações e de empréstimo de livros.

Pois bem, a despeito de todo êsse esforço, que me consumiu meses seguidos, vedando-me outras leituras e trabalhos,

sinto bem as enormes deficiências desta história literária. Mas considerando justamente aquelas dificuldades na obtenção de informes precisos, — pois que no geral os bibliógrafos e críticos se limitam a repetir o primeiro informe que se lhes depare, — tive que sobrecarregar de datas, referências e citações às vêzes longas, muitas páginas que sem isso seriam talvez de leitura mais corrente. Tratando-se de autores e livros sobre os quais as referências são sempre imprecisas, quando não deturpadas e de segunda-mão, penso que tal aparato documental facilitará, pelo menos, o trabalho de algum grande crítico que venha a precisar do material aqui inventariado.

- Perceberá também o leitor o seguinte: não deslambrei que, estudando os gaúchos, estudava autores da literatura brasileira e, pois, privei-me de compará-los mais estiradamente com estrangeiros. Procurei sempre rastrear, nos de cá, a influência de seus patrícios do Centro e do Norte, a ver se se aproximavam ou se afastavam do conjunto nacional. O exame mais miudamente crítico veio convencer-me de que a literatura rio-grandense, ao contrário do que se pensa, jamais deixou de participar de tôdas as correntes válidas da literatura nacional. O seu regionalismo inspirou-se remotamente no exemplo de poetas e escritores românticos de outras regiões, com os quais — apontei-o no devido lugar — os nossos tiveram íntima afinidade. Onde, pois, a influência platina descaracterizadora — alegada impensadamente, por comodidade, preguiça ou ignorância — sobre o conjunto do regionalismo gaúcho? Se algumas notas vieram do Prata, muitas outras vieram de Portugal e de França, afora as influências já nitidamente brasileiras. E o que importa, em suma, não é ter recebido influência, mas sim a maneira como foi esta assimilada, passivamente ou segundo um processo ativo de recriação.

Cheguei à conclusão de que a literatura gaúcha é um dos elos mais fortes de nossa unidade literária. Eis o que neste livro mais me satisfaz.

- Em certos capítulos, como o dedicado a Apolinário Porto Alegre, descí a minúcias que seriam escusadas se não se tratasse de personagem tão abrangente, que se mete por tôda a literatura atual. Documentei com alguma impertinência o apêgo do solitário da Casa Branca à fórmula castro-alvina de poesia condoreira, no seu livro de estréia. Fiz cousa idêntica na parte consagrada a Carlos Ferreira. A razão principal dêsse

modo de proceder é que tais poetas foram estudados muito por alto; acêrca de Carlos Ferreira, por exemplo, não se conhece nenhum estudo realmente esclarecedor.

- É hábito da historiografia literária registrar os autores adotando como critério de seriação as datas de nascimento. Procedi diferentemente. A data que tomei por base de precedência foi sempre a da obra mais característica; a da estréia, no caso de autores menos significativos. Pareceu-me preferível tal sistema, por motivos óbvios.

- Incluí neste estudo os autores naturais do Rio Grande do Sul que emigraram para outros pontos do país. É o caso de Manuel de Araújo Pôrto Alegre. Do mesmo modo procedi no concernente a autores estrangeiros que se fixaram no Sul, aqui desenvolveram atividade saliente, ou, mesmo de longe, versaram assuntos rio-grandenses. Os dois Carlos, Koseritz e Jansen, servem de exemplo. Receberam igual tratamento filhos de outros pontos do país, de ascendência gaúcha, que não se desligaram da terra de seus maiores, inclusive tomando assuntos locais como tema de trabalhos literários. Exemplificando: Oliveira Belo, autor do romance *Os Farrapos*.

- O ideal de Papini, não o realizei... O ilustre escritor inclui na sua *Storia della Letteratura Italiana* cêrca de sessenta autores; justifica tal poupança, em face de uma das literaturas mais ricas do mundo, dizendo que sua obra não era dormitório público. Se eu fôsse aplicar tal rigor, não já à literatura local, mas à brasileira, quantos autores escolheria?

- Para história regional, o volume pode parecer — e é — muito alentado. Mas há de ser um guia de estudiosos da atividade literária gaúcha, senão também dos que demonstrem curiosidade pela cultura local.

- Num livro como êste, as repetições são inevitáveis, até mesmo necessárias. As omissões, deliberadas umas, involuntárias outras, não desfiguram, porém, o essencial.

- Sempre que possível, fui às fontes. Não me arrependo. Sobretudo porque consegui esclarecer alguns aspectos bibliográficos essenciais. E o que me pesa é ainda ter escrito esta história antes de encontrar, após alguns anos de afanosa busca, certos livros de alto valor documental ou histórico. Por

exemplo, não consegui sequer localizar o primeiro romance rio-grandense, *A Divina Pastora*, de Caldre e Fião, sem embargo de ter feito o impossível para isso. Espero que algum leitor magnânimo me dê um dia êsse prazer.

- Devo o mais cordial agradecimento aos que cooperaram comigo nessas buscas, orientando, indicando pistas, fazendo sugestões preciosas. Com prazer escrevo os nomes das pessoas e instituições de que me vali: Othelo Rosa, que me franqueou a sua biblioteca e me assistiu com admiráveis conselhos, fruto de seu largo conhecimento de tôdas as cousas do pago; Olyntho Sanmartin, Walter Spalding e Leônidas Garcez, que me facilitaram a leitura de obras raras; Moisés Vellinho, que tanto me encorajou a levar adiante a tarefa; D. Flora Valério de Castro e seus auxiliares da Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande — Irenadir Germano, Adelina Melo, Jaime Pelufo; Dr. Fernando Duprat da Silva, da mesma cidade; Henrique Morais e funcionários da Biblioteca Pelotense; universitário Darci Rebêlo, de Pelotas, que me copiou trechos de autores da sua cidade; Biblioteca Nacional e Biblioteca do Real Gabinetê Português de Leitura, do Rio de Janeiro; Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, cuja valiosa biblioteca consultei freqüentemente, e onde recebi de seu zeloso funcionário Tomás Carlos Duarte a mais prestimosa e inteligente cooperação; Dr. Dante de Laytano, diretor do Museu Júlio de Castilhos; Rev. Irmão Dionísio Lucas, professor e bibliotecário da Pontifícia Universidade Católica de Pôrto Alegre; Biblioteca da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul; professores Elpídio Ferreira Paes, Jorge Godofredo Felizardo, Lourenço Mário Prunes, Milton de Lemos e Lothar Hessel; historiadores A. Guerreiro Lima, Mons. João Maria Balém e José de Araújo Fabrício; Biblioteca Pública de Pôrto Alegre; escritor Reynaldo Moura e Sra. Noah Moura, professor João Francisco Ferreira; Ronald Spindler e Íris Strohschoen, que datilografaram os originais; D. Laurence Curtenaz, que revisou as provas tipográficas; E. d'Artagnan Carvalho, Salvador Petrucci e Biagio Tarantino, prestimosos informantes.

Viamão — Pôrto Alegre,
1953 — 1955.

CAPÍTULO I

AS ORIGENS

A *ACADEMIA BRASÍLICA DOS RENASCIDOS* E O RIO GRANDE DO SUL. — CONFLITOS DE CULTURA. — HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA E O PADRE MANUEL DE MACEDO. — ESCASSA INFLUÊNCIA DA IGREJA. — AUSÊNCIA DE COLÉGIOS E DE CULTURA CLÁSSICA. — O GAÚCHO DA CAMPANHA. — A LINGUAGEM COLOQUIAL: SUA EXPRESSIVIDADE; SUA UTILIZAÇÃO LITERÁRIA. — DO REGIONAL AO NACIONAL.

CAPÍTULO 7

AS ORIGENS

Antes mesmo de incorporado definitivamente ao Império português, no tórrido período da contenda entre Portugal e Espanha, pela posse das terras do Prata, o Rio Grande de São Pedro foi chamado a representar-se num cenáculo literário.

A instalação do governo independente, à entrada na Barra, no antigo presídio do Rio Grande, origem da cidade e do Estado do mesmo nome, data de 1760. Um ano antes, porém, vagos literatos de ranço árcade, os mesmos que fundaram em Salvador a "Academia Brasílica dos Renascidos", instituição de vida efêmera, entenderam necessário que no seu quadro social figurasse um representante da Colônia do Sacramento e do Rio Grande do Sul.

Não faltou visão histórica aos pupilos de José Mascarenhas Coelho de Melo, diretor perpétuo da mesma Academia. Embora nominal, a inclusão da extremadura brasileira e do burgo platino na jurisdição literária da língua portuguesa correspondia efetivamente, no campo das letras, ao que a política e as armas porfiavam em consolidar nas mãos da Coroa.

O certo é que na recém-fundada Academia teve assento um representante das terras do extremo Sul. Chamava-se êle José Correia da Costa.

Quem era êsse homem, que obras escreveu, pouco se sabe de positivo. Foi desembargador na Bahia, onde provavelmente faleceu, e se acha sepultado na igreja conventual de Santa Teresa. ⁽¹⁾ Não conseguimos apurar quando e onde nascera, nem que idade tinha quando a Academia o elegeu "sócio numerário", a 2 de junho de 1759. ⁽²⁾

- (1) Pedro Calmon, *História da Literatura Bahiana* Coleção Documentos Brasileiros, vol. 62, Liv. José Olímpio, Rio, 1949, pág. 63.
- (2) Do Catálogo dos acadêmicos de número da *Academia Brasílica dos Renascidos* consta, sob o n.º 23: "O Rev. Dr. José Correia da Costa, presbítero secular e advogado nos auditórios desta cidade (de Salvador). V. Max Fleiuss, *As principais associações literárias e científicas do Brasil*, in *Revista Americana*, ano VI, n.º 6, março de 1947, págs. 67 e segs.

Sentar-lhe-ia bem a carreira das armas, ao primeiro poeta que representou lá fora o Rio Grande do Sul, porque êste nasceu à beira de um acampamento de guerra. Embora não nos conste que fôsse militar, queremos crer que participou, direta ou indiretamente, da aventura portuguesa nas margens do Prata. Contudo, por mais que nos embrenhássemos em pesquisas de todo o gênero, não nos foi possível esclarecer esse ponto. (3)

Quanto aos méritos intelectuais do homem, é fácil responder. Ao lado dos encrespados poetóides do grupo dos "renascidos", José Correia da Costa não foge ao tom geral. As únicas produções suas que subsistem são as poesias recolhidas por Alberto Lamego, (4) em número de quatro, sendo uma em português e as demais em latim. Que era espírito cultivado, de boa formação humanística, não resta a menor dúvida, pois os seus versos latinos são bem-feitos.

Quanto ao soneto em português, obra de encomenda, seu interesse é puramente histórico:

"Em louvor da Academia Brasilica, com a empreza Fenix e a letra — multiplicabo dies — sob a protecção d'El-Rey Nosso Senhor".

SONETO

"Esta academia em tudo peregrina,
Perpetua se verá neste hemispherio,
Excedendo as que applaude o Reyno Esperio
E o Lycêo que em Paris domina.

Não se jacte de douta ou de divina
A dos Arcades do Romano Imperio,
Que a Brasilica tem maior mysterio,
Que a protecção Augusta vaticina.

(3) Estava escrita esta página quando se nos deparou o seu registro de matrícula em Coimbra. Aí consta que era natural da Bahia e que se formou em cânones em 1740. Era filho de Manuel Correia da Costa. — V. Francisco Morais, *Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil*, suplemento ao vol. IV de *Brasília*, Pub. da Univ., 1949, pág. 149.

(4) Alberto Lamego, *A Academia Brasilica dos Renascidos*, L'Édition d'Art Gaudio — Paris, Bruxelas, 1923, págs. 29, 34, 95, 96.

De Platão, o Lycêo que he tão famoso,
O templo sepultou; porém a idade
Deste Lycêo será quasi infinita.

Pois de sublime heroe, Rey majestoso
A empreza simbolisa a eternidade
O patrocínio às glorias, felicita."

Como seus companheiros, Correia da Costa foi uma das vítimas da opressão de que nos dá notícia a curta e acidentada existência da instituição que fundaram. O "Rei Majestoso" celebrado pelo nosso presbítero secular confiara o destino de seus súditos às mãos de Pombal. Êste, receando os poetastros inofensivos da Bahia, ordenou o fechamento da citada instituição acadêmica, enquanto o seu diretor-perpétuo, José Mascarenhas, foi metido a ferros e mandado sucessivamente para a fortaleza de Santa Cruz, em Santa Catarina, e Ilha das Cobras, no Rio, durando 17 anos a sua prisão.

Mas, por que trouxemos para êste livro o nome de José Correia da Costa, a quem não se liga nenhuma atividade literária de importância? Para mostrar a instabilidade com que o Rio Grande do Sul, no primeiro século de vida, ou pelo menos durante o período colonial, gravitou dentro da órbita de influência portuguesa. Portugal temia perdê-lo; os jesuítas, em primeiro lugar, e os soldados castelhanos, logo depois, penetraram o pampa pelo Oeste e pelo Sul, dispostos a consolidar a posse da terra para o seu rei. Abrindo, porém, um ponto de fixação nos costados do inimigo, a Colônia do Sacramento serviu de anteparo ao avanço espanhol. Mais tarde, com o mesmo objetivo, Silva Pais fundava o presídio do Rio Grande (1737), onde se localizaria o primeiro govêrno próprio da futura capitania.

Não é preciso dizer mais para mostrar que a colonização das terras de São Pedro, obedecendo inicialmente a móveis políticos e só depois do aparecimento do bandeirante seguindo a linha de interesse econômico traçada pela fome de carne e de animais de tração nas capitanias do Centro, se processou num ambiente carregado de apreensões, entremeadas de lutas cruentas, — o que contribuiu sem dúvida para supervalorizar os homens de ação, os soldados, os comandantes, — todos aquêles que por sua energia e bravura representassem uma garantia de resistência eficaz às pretensões espanholas. A sociedade resultante desse amálgama de bravos habituou-se, por isso, a admirar e querer o valor pessoal, a au-

dácia, a pugnacidade. E a literatura da região, como iremos ver nas páginas seguintes, tem aí, nesse sentimento coletivo particular, sua motivação essencial, seu primeiro fundamento psicológico.

O Brasil perdeu a Colônia do Sacramento, mas o Rio Grande do Sul se tornou uma de nossas províncias; adotou com sacrifício os valores culturais portugueses comuns à formação nacional, e lutou de armas na mão para se manter brasileiro. Entretanto, desaparecidos os fatores de ordem externa que perturbaram a fixação do seu arcabouço físico, evoluiu sem deixar de ser o centro de um processo social dos mais dramáticos, por isso mesmo dos mais ativos na caracterização do Brasil contemporâneo.

* *

*

Estudar a literatura rio-grandense é, de certo modo, abrir um livro de sociologia. Os conflitos de cultura verificados no Sul vêm de longe; ainda em nossos dias a imigração estrangeira renova-lhes a ação direta e a influência indireta, oferecendo ao observador material bastante para analisar a sociedade de tipo aluvional daí resultante.

Julgamos oportuno referir, de passagem e cronologicamente, os componentes desse terreno social de onde emerge o gaúcho de nossos dias. Em primeiro lugar, no substrato étnico, encontramos o guarani; após, a partir de 1627, o espanhol representado pelo padre jesuíta e pelos colonizadores e guerreiros do Vice-Reinado do Prata; em seguida, a contar do *rush* paulista em demanda de Guairá, surgem os bandeirantes e demais predadores de índios, mamelucos de Piratininga e tropeiros do interior de Minas; da praça forte de Laguna, berço do Rio Grande português, descem os primeiros povoadores da costa; em meados do século XVIII, (5) arribam os açorianos; o contingente inicial de colonos alemães, a que em pouco tempo se seguiram numerosos outros, chega em 1824; a colonização italiana começa em 1875 e logra também extraordinário desenvolvimento. O mapa demográfico, a toponímia, os costumes, a dieta, a arquitetura, as deformações prosódicas sofridas pela língua portuguesa, fazem com que re-

(5) Segundo o General Borges Fortes, *Casais*, s/. lugar e s/. editor, 1932, pág. 98, a primeira leva de açorianos (106 casais) só chegou ao Rio Grande em 1752.

conheçamos facilmente, nas diversas áreas ocupadas por tais levadas povoadoras, os traços ainda bem visíveis da cêpa originária.

A fixação de tais elementos não ocorreu, porém, num fluxo calmo e tranqüilo, a não ser no período republicano. Durante o Império, lutas iterativas com os castelhanos trouxeram essa população em alvoroço, mas ainda aí coube ao elemento de origem lusa arcar com os maiores, se não todos os ônus e responsabilidades da defesa do território.

O espírito batalhador deste último prepara, assim, o caminho para o trabalho silencioso do colono de outras procedências. Quando estes chegaram, a vitória obtida contra o invasor já havia consolidado a expressão política do descendente luso, dando-lhe merecida ascendência nos quadros locais. E tal predomínio, por outro lado, impõe a todos os núcleos populacionais a cultura de base portuguesa, vale dizer, brasileira. Os nossos poetas, prosadores, políticos e jornalistas realmente dignos de nota, até princípios deste século, são ainda os que procedem da linhagem do velho tronco ibérico. (6) A região colonial só começa a aparecer nos quadros intelectuais após a Guerra de 1914-1918.

Dito isto, convém acrescentar que os acontecimentos históricos assumem importância considerável para a compreensão e valorização dos aspectos literários que vamos estudar.

No Rio Grande do Sul, a colocação do problema literário coincidiu com a do problema da fronteira física e da fronteira lingüística. (7) A mobilidade da linha de demarcação mede-se pelos critérios, diversos uns dos outros, estabelecidos em sucessivos tratados luso-castelhanos, nenhum dos quais dirimiu definitivamente a velha pendência territorial. Resolvidas mais tarde, por obra de Rio Branco, as questões de fronteira, continuou a preocupar-nos — em outro plano — o destino da língua e, conseqüentemente, o da cultura de que é portadora. Só então começamos a tratar da assimilação do imigrante europeu que havíamos trazido para dentro de casa, ou melhor, que largáramos sozinho na região colonial, sem estradas, sem escolas, sem assistência direta do poder público. Núcleos estrangeiros formados em tais condições seriam naturalmente

(6) A ascensão do colono na hierarquia dos valores literários (e políticos) é fenômeno recente, cujas causas e conseqüências escapam ao plano deste livro. Será, porém, estudado num outro, *Agonia do Peão*, que temos em preparo.

(7) Usamos aqui o termo — lingüística — no sentido geral.

pouco permeáveis à penetração do idioma literário. E foi o que se verificou.

Ainda no ano de 1939, em algumas regiões — não exageramos — o marginalismo deu ensejo a que se repetissem episódios como aquêles narrado por Honório Bicalho a Machado de Assis. (8)

Quer dizer: tôdas as criações significativas do período que nos ocupa foram concebidas numa atmosfera de drama social intenso. Se olvidarmos os sucessos emocionantes que emolduram a cidadania rio-grandense, não poderemos penetrar a intimidade de suas manifestações artísticas, as verdadeiramente expressivas sempre voltadas para uma realidade áspera, para tudo aquilo que distingue o anfiteatro onde o paroxismo das ambições e dos ideais deu vida a uma comunidade e lhe condicionou a sobrevivência.

* *
*

Durante o período colonial, não houve atividade literária, em língua portuguesa, no Rio Grande do Sul. Na Colônia do Sacramento, que lhe pertencia à área geográfica, sendo a avançada platina uma projeção dos mesmos objetivos políticos determinantes da criação do presídio do Rio Grande, nasceram, porém, no século XVIII, duas figuras que agitaram, cada uma a seu modo, a vida social e política da centúria posterior. Referimo-nos a Hipólito José da Costa, o patriarca da imprensa brasileira, e ao padre Manuel de Macedo, turbulento pastor da Arcádia Lusitana, curiosa personagem da “Guerra dos Poetas”, desregrado como o seu coetâneo e rival Filinto

(8) “... mas nunca ousei falar de raças, que me não me lembre do Honório Bicalho. Estava êle no Rio Grande do Sul, perto de uma cidade alemã. Iam com êle moças e homens a cavalo; viram uma flor muito bonita no alto de uma árvore. Bicalho ou outro quis colhê-la, apoiando os pés no dorso do cavalo, mas não alcançava a flor. Por fortuna, vinha da povoação um moleque, e o Bicalho foi ter com êle.

— Vem cá, trepa àquela árvore, e tira a flor que está em cima...

Estacou assombrado. O moleque respondeu-lhe em alemão, que não entendia português. Quando Bicalho entrou na cidade, e não ouviu nem leu outra língua senão a alemã, a rica e forte língua de Goethe e de Heine, teve uma impressão que êle resumiu assim: “Achei-me estrangeiro no meu próprio país!” — Machado de Assis, *A Semana*, ed. Garnier, 1922 (Crônica de 14 de agosto de 1892), pág. 19.

Elísio. O bom padre oratoriano, com o arrevesado da sua linguagem de nêri orgulhoso, poeta apaixonado pela Zamperini, a quem dedicou uma ode que causou escândalo e furor em Lisboa, não deve ser estudado neste ensaio, porque lhe escapa aos objetivos. Pelas mesmas razões óbvias deixaremos de lado o nome de Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça. Nascido na mesma Colônia, mau grado não houvesse sequer conhecido a futura Capitania de São Pedro, não tem faltado quem o reivindique para nós. (9) Contudo, parece-nos que seria fora de propósito incluí-lo neste trabalho. Na vida, obra e atitudes do incomparável jornalista e patriota não se vislumbra o mais tênue reflexo destas paragens em que viveram seus pais a mesma vida incerta e dolorosa dos pioneiros continentinos, embora o berço cercado de sustos, apreensões e sangue, houvesse possivelmente traçado uma linha de predestinada obstinação ao ardente batalhador liberal do *Correio Brasiliense*, cujas pobres colunas foram o primeiro arauto da nossa independência política.

Não é, pois, com os dois nomes precedentes que a literatura rio-grandense começa a existir. Desde quando se registraram atividades artísticas por aqui? É difícil dizê-lo. Antes da implantação da imprensa na província, em 1827, (10) na cidade de Pôrto Alegre, não há notícia de atividade literária

(9) Fernando Osório, *Ferreira Viana e sua terra natal*, Rev. I. H. e G. do R. G. S., ano XII, fasc. III, págs. 91-2, propõe seja êle considerado pelotense, por ter sido de Pelotas, a cuja companhia de ordenanças pertencia, que o alferes Pereira da Costa Furtado de Mendonça, pai do jornalista, partiu “destacado para a Colônia do Sacramento, indo para essa guarnição com sua esposa D. Ana. Esse lar (...) foi aureolado com a ventura de dar ao Brasil o grande Hipólito”.

(10) Ainda hoje se discute a partir de quando se instalou a primeira tipografia no Rio Grande do Sul — se por volta de 1703, nas Missões Jesuíticas, ou se no acampamento do Marquês de Barbacena, comandante-em-chefe das forças imperiais em ação contra a República das Províncias Unidas do Rio da Prata. Está averiguado, porém, que o nosso primeiro jornal — o *Diário de Pôrto Alegre*, surgiu a 1.º de junho de 1827, impresso na Tipografia Rio-Grandense, instalada nos salões térreos do Palácio do Governo. (Cf. A. A. Coruja, *Antigualhas*; Aurélio Pôrto, *Notas para a história da Imprensa Rio-Grandense*; Nestor Erikson, *Apontamentos para a história da imprensa no Rio Grande do Sul*, in “*Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História de Geografia*, IV, 2.165-99; João Pio de Almeida, *Gênese da Imprensa no Rio Grande*, in “*Comemorações em honra do Centenário da Independência do Brasil — Pôrto Alegre*, Of. Gráf. d’A Federação, 1923).

própriamente dita no vasto território continentino. Se é certo que antes daquela data os padres jesuítas, nas Missões do Paraguai, vizinhas dos Sete Povos, tiveram a sua imprensa rudimentar e imprimiram livros, isso não inculca devam êstes ser considerados documentos de nossas primeiras letras, conforme se pretendeu, porque escritos em guarani e excepcionalmente em espanhol. ⁽¹¹⁾

O mais certo seria dizer que desde a fundação do presídio, depois cidade, do Rio Grande, até pelo menos a Independência, não houve lazeres, nem cultura, nem ambiente propícios à criação literária que se comunicasse ao público.

Os imprevistos da luta armada entre Portugal e Espanha traziam em constante sobressalto as povoações litorâneas, como as do vale do Jacuí. Pacíficos, humildes e incultos ilhéus portugueses, procedentes dos Açôres em grande maioria, haviam sido transplantados para meio adverso, onde continuaram a sua agricultura rotineira; paulistas e outros aventureiros preadores de índios e de rebanhos de gado e cavalos alçados; milicianos em guarda, à espera do castelhano; poucos índios semicivilizados, remanescentes das Missões — com êsse elemento humano na verdade tão interessante, mas inculto ⁽¹²⁾ e pobre, o Rio Grande da época oferece vasto campo

(11) "Queda indicado ya el carácter de todo lo que esta imprenta (a dos jesuitas nas Missões Paraguaías) produjo: catecismos, sermonarios, ejemplos, todo en guaraní. No hay más excepción que la misteriosa carta del infortunado doctor Antequera y Castro, condenado poco después a muerte por el virrey del Perú. La primera edición de esta carta, tiene por pi de imprenta *Typis missionarium Paraguaricæ, 1727*, y fué probablemente lo último que se imprimió allí." — M. Menendez y Pelayo, *Historia de la Poesía Argentina*, col. Austral, Espasa-Calpe, 1947 — pág. 24. Iniciou-se a imprensa missionária em 1705, donde se conclui que não durou senão 22 anos.

(12) A instrução pública se mede, até 1820, por índices quase negativos. É o que diz Alfredo Varela: "A Paulo Gama devemos as primeiras reclamações em favor da instrução do povo. Indicou que se criassem aulas para o ensino da leitura, da escrita e do cálculo elementar, em Pôrto Alegre, Rio Pardo e Rio Grande, apresentando que, em vez de uma escola de latim, tão em voga no tempo, coubesse também à Capital uma de gramática portuguesa e francesa, por ser mais conveniente que se conhecessem as regras da língua vernácula e a da gente policiada do mundo, em lugar de uma língua morta; assim como aconselhava a criação de uma aula de aritmética, geometria e trigonometria, com o fundamento de que habituava o espírito a proceder com lógica. Infelizmente, êsses louváveis esforços nada lograram; ainda em 1820 não existia uma só aula de primeiras letras em

a pesquisas históricas, mas é uma fôlha em branco para o historiador de sua literatura.

No território continentino, os centros mais populosos eram aldeias inexpressivas, cujas populações viviam do pastoreio e da agricultura. O gado proliferava nos campos abertos, entregue ao Deus-dará, enquanto a agricultura praticamente se restringia às exigências do consumo interno. As únicas mercadorias exportáveis eram o trigo, o charque e subprodutos do boi — couro e graxa. O pastoreio e a agricultura, exercidos empiricamente, não seriam, por certo, favoráveis à elaboração de uma sociedade polida, exigente, que se fizesse notar por seu padrão intelectual.

População esparsa, atormentada pela guerra, a do Rio Grande conheceu também muito tarde os benefícios da escola. A instrução era de remota serventia para essa gente: de guerreiros é que ela nascera; de guerreiros continuava a precisar, e não de letrados e sonhadores.

A Igreja, em outras partes do Brasil, cedo instruiu e educou as populações, erigiu escolas e colégios; antecipou-se de muito à iniciativa do poder público. No Sul, as Missões dos Sete Povos, emprêsa dos jesuítas espanhóis, se lançaram a semente da instrução no círculo fechado das populações guaranis, os frutos não amadureceram. Da banda de cá, desde o litoral arenoso até às nascentes do Ibicuí e do Jacuí, as cousas se processaram diferentemente. A oposição a Castela e aos inicianos foi sobretudo militar e política. O que ocorreu na zona de influência portuguesa, segundo narram velhas crônicas, bem o demonstra. Aí se fundaram, em primeiro lugar, presídios e estabelecimentos agrícolas; somente ao crescerem as populações é que veio o padre para as capelas e curatos que os proprietários territoriais abastados fizeram erigir em seus domínios. Como, porém, se achavam as igrejas muito espalha-

todo o território, porque não houve professôres para reger as aulas decretadas para as freguesias, visto ser insuficiente o estipêndio." — Alfredo Varela, apud. A. G. Lima, *Cronologia da História Rio-Grandense*, Ed. Globo, 1936, pág. 47.

"A instrução pública, na Província, teve início em 1820, com a nomeação de seus primeiros professôres régios. Em 1816 havia sido pelo govêrno da Capitania dirigido um memorial, pedindo o estabelecimento de aulas, na Capitania, que não teve despacho algum. O primeiro professor nomeado para Pôrto Alegre foi Francisco Pedro de Miranda e Castro, para o ensino das primeiras letras, em 27-VII-1820. — *Publicações do Arquivo Nacional*, XXI — Processo dos Farrapos, vol. III, pág. 531 (nota de Aurélio Pôrto).

das pelo território, não vemos como poderiam os párocos exercer entre as populações aquela influência e domínio de que gozaram em outras zonas do país. Ainda em 1812 a situação no tocante à assistência religiosa era de quase penúria, sobretudo na chamada campanha, onde até 1773 não fôra criada uma só freguesia. (13)

* *
*

É visível a ausência de cultura clássica nos primeiros poetas e prosadores que, nascidos e educados na remota Capitania del-Rei, dela não se afastaram. Faltou-lhes, no geral, base humanística suficiente; ainda os mais letrados, como iremos ver, se abeberaram nos franceses do enciclopedismo, preferindo, ainda assim, as obras de caráter doutrinário ou político. As grandes literaturas do período clássico eram por eles praticamente desconhecidas, restando-lhes da antiguidade — por via dos contemporâneos árcades — o gosto quase abusivo da mitologia. Mas, se a proscrição dos autores antigos, em seus hábitos de leitura, não deixou de representar um *deficit* cultural, essa mesma circunstância contribuiu para dar ao gaúcho, ao seu pensamento, às suas ambições, certa fôrça de juventude — alegria quase infantil de quem vê as cousas de modo mais direto, sem se enredar em minúcias. E tal aspecto da sua vida espiritual, pouco crítico, serviu justamente para que o homem aqui formado surgisse no século XX num grande ímpeto criador, com as suas energias intactas, para afeiçoar uma civilização *sui-generis*.

Assim, a cálida atmosfera de lutas em que andaram mergulhados, desde o berço, não tendo sido atenuada, no plano espiritual, por obras e autores de conteúdo menos imediatista, foi extremamente favorável à adoção dos cânones românticos. E destes seguiram preferentemente os que mais alto falavam a necessidades da vida civil — o nacionalismo exclusivista, agressivo em face do Prata, e, como contrapartida,

certo liberalismo vago e frouxo, que tudo fêz por estruturar a vida da província, durante e mesmo após os dez anos da Revolução Farroupilha, com o nobilíssimo propósito de implantar no extremo meridional do Brasil um mecanismo institucional compatível com as idéias mais liberais do tempo.

A formação histórica, as peculiaridades, a conduta da comunidade rio-grandense, impõem que a consideremos dentro da linha mais extremada do nacionalismo brasileiro. Se suas afirmações de íntima afinidade com as origens comuns não se fizeram e não se fazem presentes sem alguma teatralidade, tais excessos são facilmente explicáveis. Repelindo — criada que fôra quase que exclusivamente para isto — o castelhano platino, recebeu duros golpes, fundiu com o dêle o seu sangue em inúmeros campos de batalha e diversas ocasiões.

Viveu perigosamente. A presença do risco e das surpresas deixou-lhe traços profundos no espírito e no caráter. A teatralidade gaúcha vem daí, do hábito de pelear, e não, como queria João Pinto da Silva, do fato de serem quase as mesmas as atividades econômicas de que se ocupavam as duas facções rivais.

Mas se os brasileiros da raia meridional viveram a conjurar perigos — os da guerra não menores que os do pastoreio rudimentar — nada mais natural do que a ação pronta, a energia muscular, os movimentos rápidos que, desde então, passaram a caracterizar o tipo clássico do rio-grandense.

* *
*

Gaúcho é sinônimo de homem do campo. Afeito a duras lidas, sobra-lhe tempo para conhecer a natureza que o rodeia; surpreende-lhe os segredos — simpatia natural determinante de uma experiência que o predispõe a aceitar de bom grado, a amar com exagêro tudo aquilo que valorize tal experiência.

A zona da campanha criou e impôs à sociedade nascente os caracteres mais distintivos, que se infiltraram em outras regiões, mesmo as colonizadas pelo imigrante alemão e italiano.

Mas, o que nos interessa, por enquanto, é dizer que os escritores rio-grandenses, na sua quase maioria, procedem da região onde domina a pecuária. Mesmo os autores mais distanciados espiritualmente do *terroir* gaúcho, aqueles nos quais se nota acentuado pendor para outros temas de sentido mais

(13) Somente quatro vilas haviam sido elevadas a freguesia antes da chegada dos primeiros casais açorianos. Em 1813 o continente de S. Pedro abrangia apenas cinco câmaras eclesiásticas: Pôrto Alegre, Rio Grande, Vacaria, Rio Pardo e Piratinim. — Cf. Mons. João Maria Balém, *A Primeira Paróquia de Pôrto Alegre*, Tip. do Centro, P. Alegre, 1941 — pág. 73. Cf. mesmo autor, *O Rio Grande do Sul no primeiro centenário de sua emancipação eclesiástica*, artigo no "Correio do Povo", 3 de julho de 1953.

geral, mesmo êsses denunciavam, se bem examinados, uma ligação muito íntima com a terra e o homem que a povoa.

A gesta do gaúcho não foi obra exclusiva dos momentos excepcionais — das guerras externas, das cruentas lutas fratricidas. Alimentou-se do cotidiano, nos rodeios, nas tropeadas pelas coxilhas, em trabalhos sempre árduos e perigosos.

Na cidade grande, o gaúcho conserva ainda um traço de inadaptação — a rusticidade, que é um de seus encantos, uma das marcas dessa civilização naturalmente fraterna, sem atitudes constrangidas.

Por tudo isso, cabe afirmar que sendo o gaúcho, no geral, um nostálgico do campo, a literatura urbana teve entre nós, até hoje, poucos intérpretes, mesmo nos centros de maior densidade demográfica, como Pôrto Alegre.

* *
*

Vida ativa, carência de escolas, pouca influência do clero e dos clássicos e, afinal, segregação do resto do país, atuaram profundamente para diversificar a língua portuguesa falada e escrita ao sul da linha média nacional, no que tange ao vocabulário e mesmo à prosódia.

Não vamos estudar os fenômenos lingüísticos ocorrentes, (14) nem a importância que o fator geográfico desempenhou na conservação de vocábulos e locuções arcaicas, imprópriamente chamados brasileirismos por alguns pesquisadores.

O que vale acentuar, na oportunidade, é o seivoso, o original da linguagem coloquial gaúcha, tão artisticamente trasladada à ficção por um escritor admirável como J. Simões Lopes Neto. É a vitória, na luta pela expressão, de uma linguagem que pende à terra, busca raízes no âmago da campanha. Tal instrumento de comunicação forjou-se nos “fogões” gaúchos, nas lides do campo; de lá invadiu as cidades, criando para as tristes cousas urbanas o disfarce agreste de nomes ingênuos ou rudes.

Conseqüentemente, as letras rio-grandenses não deixaram nunca, nos seus autores fundamentais, de apresentar um espírito profundamente *campagnard*. À falta de termo próprio, usemos o impróprio: “regionalistas” são quase todos êles. Des-

(14) Consulte-se o excelente trabalho de Elpídio Ferreira Paes, *Alguns aspectos da fonética sul-rio-grandense*, in *Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada*, S. Paulo, 1938, págs. 363-428.

conhecer ou menosprezar o colorido regionalista dessa literatura — caminho natural, estágio fecundo para subir ao plano nacional — seria não compreender as direções múltiplas de uma cultura das mais ricas e complexas do país. Seria, em última análise, fazer tábua rasa de toda a literatura rio-grandense.

O modo de viver do gaúcho estampa-se na sua arte literária com insistência que chega a ser monótona. Não se copiaram por aqui, deliberadamente, modelos portugueses ou espanhóis; quanto aos franceses, foram assimilados por via indireta, através de outros brasileiros, depois, portanto, de já batizados de verde-e-amarelo. Os poetas e escritores já nasceram americanos de espírito, afora um ou outro caso confirmador da regra geral. E se a literatura rio-grandense surgiu disforme, instintiva, como imperativo da necessidade de comunicação artística, nunca lhe faltou o que hoje tanto se procura — côr local.

Nesse sentido, é precursora da expressão dramática visada pela literatura *engagée* de nossos dias.

CAPÍTULO II

A LITERATURA ORAL

1. — FORMAÇÃO DO CANCIONEIRO RIO-GRANDENSE. MOTIVOS PREDOMINANTES. — 2. — O ROMANCEIRO — 3. — POETAS E TROVADORES POPULARES. PEDRO CANGA. — 4. — INFLUÊNCIA DO LIRISMO ANÔNIMO SOBRE A POESIA CULTA.

CAPÍTULO II

A LITERATURA ORAL

1. — *Formação do cancionero rio-grandense.*

Até o início da colonização alemã e italiana (1824 e 1875, respectivamente), o território de São Pedro foi povoado por paulistas e lagunenses, portugueses (sobretudo açorianos), e uns poucos espanhóis, êstes na zona ou campanha, mais o guarani e o negro.

O caldeamento, como se sabe, foi dos mais completos, de tal sorte que em 1835, ao irromper a Revolução Farroupilha, o tipo antropológico do gaúcho havia adquirido feição bem característica, que até hoje o distingue, na zona fronteira, do resto da população.

A literatura oral mereceu de cada um dos componentes contribuição muito variável, mas as lendas conhecidas versam na maioria assuntos da campanha, assinalando destarte a preeminência do pastoreio como fator concorrente na formação da nova sociedade. Dos romances conhecidos, um é originário, por transplantação, dos Açores, ao passo que o outro parece proceder diretamente da região missioneira. O troveiro anônimo acusa a presença de todos, e é por êle que vamos iniciar.

A coleta de trovas de descante começou a fazer-se em fins do século passado, com Apolinário Pôrto Alegre. Segue-lhe o exemplo o jornalista Carlos von Koseritz, que a pedido de Sílvio Romero começou a registrar, na *Gazeta de Pôrto Alegre* (1880), o resultado de suas investigações. Vieram depois: Cezimbra Jacques (1883), Graciano de Azambuja (1887), Alfredo Ferreira Rodrigues (1889), J. Simões Lopes Neto (1910), Múcio Teixeira, Pedro Luís Osório, Walter Spalding, Contreiras Rodrigues, entre os principais.

O homem culto que apanha no ar a trova do descante anônimo se aligeira em fantasias ao comentá-la. Empresta-lhe originalidade quase sempre nenhuma, esquecido das filiações subjacentes, — só visíveis a especialistas de larga erudição no gênero, — ou, o que é pior, transcreve mal, quando não colabora com a sua ciência para afeiçoar a insciência

agreste da origem. Nessa terra de ninguém, são possíveis tais ousadias, sobretudo no Brasil, onde a pesquisa filológica e linguística só agora começa a empregar métodos científicos mais adequados.

Permitimo-nos afirmar que em sua maioria as peças do cancionero gaúcho remontam aos primeiros tempos da colonização. Daí para cá o enriquecimento foi paulatino — influência do centro e norte do Brasil, por um lado, influência do Prata, por outro lado. De qualquer modo, no estado atual das investigações, é lícito afirmar que a poesia popular rio-grandense denuncia intimamente a sua filiação portuguesa.

Cotejando o material registrado por Carlos von Koseritz, J. Simões Lopes Neto, Múcio Teixeira, e sobretudo as silvas recolhidas ao *Anuário* de Graciano de Azambuja, *Almanaque Literário* de Ferreira Rodrigues e *Almanaque Popular Brasileiro*, o escritor Augusto Meyer, no *Cancioneiro Gaúcho*,⁽¹⁵⁾ classifica e analisa boa parte do material existente. Conclui, porém, que “é pobre a matéria original, ou simplesmente marcada de influência local, dentro da relativa profusão do nosso cancionero”.⁽¹⁶⁾ E comentando o *Cancioneiro Guasca*, de J. Simões Lopes Neto, afirma que “das suas setecentas e tantas trovas, apenas cem poderiam considerar-se, não direi originais, o que me parece audácia, mas francamente retemperadas pelo timbre gauchesco. Magro aparte, em rodeio tão grande. Do restante, muitos são originários do Nordeste, porém quase todas, num compacto acervo representam a permanência da tradição portuguesa. Repete-se aqui o mesmo fato observado na questão dos brasileirismos, quando passam pelo crivo de um estudo consciencioso: a contribuição original recai à medida que avança a pesquisa”.⁽¹⁷⁾

Não vamos discutir a tese do que é ou não genuinamente gaúcho na silva de quadras conhecidas; deixemo-la aos especialistas, mesmo porque ao nosso trabalho não interessa delimitar tais zonas de influência. Em todas as literaturas modernas as dificuldades que aqui se nos deparam são as mesmas. E praticamente não há, nas manifestações folclóricas de tal parte, certeza absoluta, que venha a estabelecer critérios fixos. De resto, todas as literaturas populares do Ocidente se interpenetram; fundem-se os motivos, na essência os mesmos — o amor, a alegria, o luto, o sofrimento, a morte.

(15) Liv. do Globo, P. Alegre, 1952.

(16) Op. cit., pág. 4.

(17) Op. cit., pág. 4.

Fora, porém, da temática universal, longe do que pertence ao homem enquanto ser, e que este exprime, bem ou mal, em todas as latitudes, há certo “tratamento” poético que, no cancionero particular em referência, traz a marca iniludível dos pagos. São formas originais de exprimir, acentos fonéticos particulares, imagens tiradas da paisagem, da flora, da toponímia, dos acontecimentos locais, e eis aí o relevo particular que nos interessa, como índice de uma preferência que irá condicionar, de certa maneira, a produção literária e até mesmo as tendências da maioria dos leitores.

Não é, por conseguinte, a incerteza quanto à origem próxima ou remota, portuguesa ou platina, de quadras como esta

“Cuidavas que me deixando
Eu ia morrer de dó;
É bem fraco o carreirista
Que tem um cavalo só”⁽¹⁸⁾

que nos vai impedir de considerar o exemplo como altamente ilustrativo da cultura gaúcha. O tratamento dado ao motivo central, a roupagem que o veste, os costumes que relembra — anda no afeiçoamento da copla citada o estilo de vida do guasca, sua volubilidade amorosa, seu orgulho de homem. A mesma estilização, dado ser a quadra vinho de outra pipa, responde a um conceito de amor preexistente.

Sem embargo da sua provada vinculação a Portugal, o cancionero gaúcho se apresenta quase estreme da ingênua devoção religiosa que enxarca o seu irmão português.⁽¹⁹⁾ Difere também, nesse particular, da maioria das silvas populares do resto do Brasil. Evidentemente que aí aparece o nome de Deus; invoca-se a Jesus:

“Jesus! que sanga tão funda!
Ai! meu Deus, quem passará?
Triste de quem tem amôres
Dessa sanga para lá!”

Mas onde estão os santinhos e santinhas com que o povo português enfeita os queixumes rimados do seu coração?

(18) Registrado por Múcio Teixeira, *Os Gaúchos*, I, pág. 59.

(19) Saint-Hilaire, em 1820, anotara que os homens do Rio Grande “são mais ou menos estranhos a sentimentos religiosos”. V. *Viajem ao Rio Grande do Sul*.

A participação do negro, dos ressentimentos do escravo, na composição do cancionero rio-grandense, ao que nos foi dado concluir, após percorrermos o que de essencial se coligiu, parece nula. Mas a presença do negro escravo se denuncia pelo desprezo, pela arrogância com que é tratado pelo branco:

“Negro prêto, côr da noite,
Cabelo de pixaim,
Pelo amor de Deus te peço,
Negro, não olhes pra mim.” (20)

O anu é pássaro prêto,
Pássaro de bico rombudo,
Foi praga que Deus deixou
Todo o negro ser beçudo.” (21)

Já o mulato fala com liberdade:

“Pardo fôrro sem govêrno,
Senhor das minhas ações;
Sei amar gratuitamente
E punir ingratidões.” (22)

A mulata é um dos grandes temas do folclore rio-grandense; é louvada e desejada com toda a força do complexo ancilar, como, de resto, em todo o país:

“Mulatinha, se eu pudera
Formar do mundo um altar,
Nêle te colocaria
Para o povo te adorar.” (23)

O platino é pouco visado pela poesia anônima. Encontramos sôbre êle duas ou três quadras, tôdas inexpressivas. Mas também não é exaltado.

O nosso primeiro historiador literário, João Pinto da Silva, ao tratar das trovas anônimas do Rio Grande do Sul, discerniu um ponto fundamental, que explica a psicologia do gaúcho. Diz êle: “Mostrando-nos (as quadras do cancionero) o

(20) Sílvio Romero, *Cantos Populares do Brasil*, ed. de 1897, pág. 306.

(21) Idem, pág. 306.

(22) Idem, pág. 330.

(23) Sílvio Romero, obra citada — pág. 303.

gaúcho, agreste e enérgico, vencedor de touros e de potros, assim inteiramente submisso à mulher, assim dócil às imposições do amor, não querem, contudo, dizer que êle se resigne, em qualquer emergência, à condição de títere do *eterno feminino*. (24) O Sr. Augusto Meyer acentua mais precisamente: “Seu tema é a exuberância animal do amor, seu meio de expressão é a lealdade do macho que só enfeita um pouco o desejo para lhe dar mais tempêro, pelo simples gôsto de arrastar a asa em verso”. (25)

Assim é, com efeito. A confissão de amor do tropeiro serve-lhe a uma afirmação de masculinidade, de fome sexual. As peléias amorosas não disfarçam a urgência do desejo:

“Quando há de chegar o dia
Em que há de a sua mucana
Botar os nossos chinelos
Debaixo da mesma cama?” (26)

Não te encostes na parede
Que a parede larga pó;
Encosta-te no meu peito,
Que esta noite dormi só. (27)

Se tu não queres que eu venha
Pé por pé, de madrugada,
Vai, então, devagarinho,
Que eu deixo a porta encostada.” (28)

Os brincos do amor são lentos, cheios de requebros e esquivanças. O gaúcho tem pressa — não está para isso:

“Não mandes mais o moleque
Trazer tanto recadinho,
Põe o xale na cabeça,
Vai me esperar no caminho.” (29)

(24) João Pinto da Silva, *História Literária do Rio Grande do Sul*, (2.ª ed.), Liv. do Globo, P. Alegre, 1930, pág. 21-4.

(25) Augusto Meyer, *Cancioneiro Gaúcho*, pág. 8.

(26) Múcio Teixeira, *Os Gaúchos*, I, pág. 51.

(27) Idem, pág. 51.

(28) Idem, pág. 52.

(29) Múcio Teixeira, idem, pág. 52.

A beleza física vale mais que tôdas as outras prendas femininas:

“Não me gabo do que faço,
Não choro de desventura,
E nem gasto o meu dinheiro
Com mulher sem formosura.” (30)

O guasca desconhece o viver sedentário que conduz à monogamia, à adoração de um bem único. A vida andeja não lhe dá tempo para se render, amolentado, aos pés da amada:

“Meu amor brigou comigo,
Eu não sei por que motivo;
Que me importa? lá se avenha,
Não é de amôres que eu vivo.” (31)

Aqui e ali, há exceções, — versos magoados, de amor não correspondido; mas a sua mesma composição exclui a origem campeira. O guasca é sempre positivo e viril.

Pelo menos, é o que se observa numa das partes mais típicas do cancioneiro — o motivo da *monarquia*, que para Augusto Meyer é “tema importante do nosso cancioneiro, sem dúvida o mais completo como canto da vida semibárbara do gaúcho primitivo. O individualismo, o nomadismo, a liberdade sem peias, a exaltação da coragem pessoal, o amor à aventura, o culto da *monarquia* transbordam de cada quadra com um vigor inimitável e a seu lado empalidecem as imitações ou variações do mesmo tema, tentadas por Apolinário Pôrto Alegre, Múcio Teixeira, Taveira Júnior, Assis Brasil, Zeferino Vieira Rodrigues” (32).

Bastam êstes exemplos:

“Quando ato a cola do pingo
E ponho o chapéu de lado,
E boto o laço nos tentos,
Por Deus que sou respeitado! (33)

(30) Múcio Teixeira, idem, pág. 53.

(31) Múcio Teixeira, obra citada, pág. 60.

(32) Obra citada, pág. 208.

(33) Apud Augusto Meyer, *Cancioneiro Gaúcho*, pág. 72.

Desde guri eu já era
Um monarca abarbarado,
Ninguém me pisou no poncho
Que não ficasse pisado.” (34)

Falta considerar, nesta rápida indicação, o tema predileto do gaúcho — o cavalo, mas quanto se dissesse ficaria descolorido e inexpressivo diante da fôrça com que o tropeiro primitivo celebrou o cavalo, a mulher e a coragem pessoal, sintetizando os três grandes temas nesta quadra:

“Tenho meu cavalo baio,
Ferrado de pata e mão,
Para tirar uma dama
Da garupa de um pimpão.” (35)

2. — O romanceiro

O gênero de vida das populações, as duras provas por que passaram, o isolamento em que viveram, as guerras externas, os conflitos internos, os seus heróis populares, eis em largos traços a matéria sugestionável que poderia ter provocado a formação do romanceiro gaúcho. Mas não foi o que se deu. A celebração do heroísmo ficou relegada aos historiadores, à oratória de circunstância, conforme se tem acentuado várias vezes.

Note-se, aliás, que nenhum dos velhos romances portugueses, excetuada a *Nau Catarineta*, subsistiu no Rio Grande. Augusto Meyer, que estudou lucidamente o problema, observa: “Apesar de sobraem sugestões e motivos propícios, possuímos quando muito um romance completo ligado a episódio da nossa história: o *Lunar de Sepé*, que é de origem missioneira. É verdade que existe nos versos do *Tatu* uma tendência para articular-se em romance, como no *Boi Barroso* e na *Chimarrita*; mas não passam de um vago esbôço.” (36)

Chega a impressionar tal ocorrência, quando se sabe, notante, por exemplo, aos farrapos, que as facções rivais inspiraram não só os poetas citadinos, mas também os bardos incultos. Foi sobretudo na campanha, ao gemido da viola

(34) Idem, pág. 73.

(35) Augusto Meyer, obra citada, 80.

(36) Obra citada, pág. 24.

crioula, instrumento que ainda predominava entre as populações do interior, que os cantores registraram, em suas coplas imperfeitas, os grandes lances da gesta de 35.

Quem percorra o cancionero gaúcho perceberá bem vivas as pegadas do heroísmo farrapo. A redondilha maior, medida familiar ao descante da gente simples, foi a preferida na louvação dos nomes e feitos que mais impressionaram a imaginação popular, bem como na repulsa aos delegados imperiais, aos cabos de guerra a serviço da ordem. Compreende-se. A poesia popular, encarando temas e situações pelo prisma dos sentimentos elementares, não podia, com sobradas razões, ter afinidades com os defensores da monarquia. Foi toda para Bento Gonçalves, Canabarro, Garibaldi, Neto, para os gloriosos imprudentes de Piratini, a admiração enternecida dos cantores.

Exaltando os rebeldes, mesmo depois da derrota, o poeta anônimo fixou a reação afetiva da população; exerceu normalmente o seu ofício de bardo, que consiste em recolher as grandes paixões, esperanças, crenças e desilusões da comunidade, ou dos que a tenham representado nos movimentos coletivos.

Despertaram, sem dúvida, os bulhentos episódios da Revolução de Setembro, sentimento bastante para nutrir o veio modesto da quadrinha popular. Por exemplo: as aventuras de Bento Gonçalves — a prisão, a fuga, o duelo com Onofre Pires, a sua coragem, o seu magnetismo pessoal. Mas não são muito profundos os sinais deixados pelos republicanos na redondilha do cancionero local. (37) Por outro lado, fôrça é reconhecer que não se deu o mesmo na poesia culta. Aí se fizeram muitos, pesados, trabalhosos versos, os quais não se popularizam. Nem podia mesmo a oralidade apropriar-se de tais produções: foram retidas pelo papel, a duras penas.

Estranhemos agora, — como o fizeram João Pinto da Silva, Moisés Vellinho e Augusto Meyer, — que trataram do mesmo assunto antes de nós, — a ausência de romances populares, um que seja, sobre os Farrapos. Se algum se escreveu, não teve fôlego para se folclorizar, para permanecer co-

(37) "A exaltação de Bento Gonçalves, Neto, João Antônio, Canabarro, ficou nalguns arranques secos de trovas cantadas ao som do hino farrapo ou no fôlego curto das quadrinhas". — Augusto Meyer, *Cancioneiro Gaúcho*, "Coleção Província", ed. Globo, 1952, pág. 26.

mo expressão dos sentimentos e das paixões desatadas naquele momento. Moisés Vellinho observa: "Apesar da impregnação belicosa do ambiente, geradora de tantos heroísmos, não seria impossível descobrir nas raízes da alma coletiva obscuros movimentos de reação contra as incertezas sempre renovadas das campanhas que nunca tinham fim. Pois que serão as vozes dos primeiros poetas e escritores que aqui surgiram em meio à própria fumagem das batalhas, senão o eco de uma latente necessidade de repouso e de construção? Desde cedo a alma anônima do povo aproveitava os rápidos intervalos que iam de uma a outra guerra para recolher-se e tentar os primeiros arremedos de criação literária. Assim apareceram, canhestras, ainda cheias de medo, as manifestações líricas iniciais, traduzidas nas redondilhas do populário gauchesco. Elas quase só falam de amor. A graça e o entono que têm são inteiramente alheios ao ânimo guerreiro que esbraseava a atmosfera. Falta a essas gestas primitivas o tônus épico que imperava em torno. Tal omissão, que o Sr. João Pinto da Silva encara como um fato estranho e paradoxal, não valerá antes como a contraprova mais expressiva de que entre nós a guerra correspondeu apenas a uma contingência histórica, nunca a um programa ou ideal de vida?" (38)

A inexistência de composição com tais características no cancionero gaúcho, cremos que seria lícito explicá-la como segue.

Os romances populares são símbolos de devoção. É preciso, por assim dizer, que certo espírito religioso — aceitação do mistério, do sobrenatural — intervenha para lhes dar corpo e conteúdo, fôrça e perenidade. Onde falta o elemento devocional, misto de amor e pena, admiração e medo — não se criam romances.

Ora, os chefes farroupilhas mais gloriosos, aqueles que por sua bravura seriam capazes de inspirar a *chanson* cíclica, eram no fundo, sem embargo de tudo, heróis à moderna. Utilizavam armas e recursos de gente da cidade. E não se haviam sublevado por motivos obscuros de crença cega ou unção mística. Terçavam armas num entrevêro político. Chefiavam homens livres, ciosos de suas opiniões. E em todos os instantes pensaram em dar ao povo uma estrutura de esta-

(38) V. Moisés Vellinho, *Letras da Província*, ed. Globo, P. Alegre, 1944 — págs. 70-71.

do moderno, um regime segundo a melhor tradição do pensamento democrático, como se viu através da Constituição de Piratini, precursora do nosso direito constitucional republicano.

Onde encontrar, portanto, a feição rude, instintiva, os sentimentos contraditórios dos chefes de bando que atuam na penumbra, tão propícia à elaboração da fantasia?

A mentalidade rio-grandense havia evoluído bastante para esquecer os resíduos líricos de sua remota origem européia, do medievalismo gerador do romanceiro. E, de resto, exceção talvez única do Nordeste, isso é o que tem ocorrido no Brasil. Nesta parte do continente, o forte da poesia popular são as quadras de inspiração lírica.

Bem sabemos que o romance é encontrado nos Estados nordestinos. Basta citar o caso de Lampião, que tem suscitado por lá o aparecimento de um bom número dêles. Mas, no Sul, sem que isso signifique pobreza de imaginação do povo gaúcho, nenhum romance chegou realmente a popularizar-se. O que se sabe de positivo é que nem mesmo o *Lunar de Sepé*, adiante transcrito, se tornou jamais uma aquisição natural da memória coletiva.

Finalmente, caberia uma pergunta. O português trasladado das Ilhas para o continente de S. Pedro, o paulista fixado nas primeiras estâncias, o negro das charqueadas, o alemão recém-chegado, o peão da campanha, nenhum dêles, mormente o último, teria sentido como *povo* a gesta de 35?

Talvez se pudesse responder dizendo que a formação gaúcha, de base aluvionária, ainda não atingira, no período farrupilha, o grau de identificação, de uniformidade psicológica imprescindível à perpetuação dos romances. ⁽³⁹⁾

Vejamos, porém, o *Lunar de Sepé*, romance recolhido por J. Simões Lopes Neto e referente a um dos nossos heróis autóctones. Sepé Tiaraju, índio civilizado pelos padres das Missões, ficou-lhes agradecido e leal. Quando da guerra da demarcação, combateu à frente da indiada, contra as tropas luso-castelhanas; caiu em combate, e virou santo...

Eis como a história vem contada em

(39) Dizemos perpetuação, ao invés de criação, porque depois de Joseph Bédier, de seus estudos magistraes sobre as legendas épicas, ninguém ousará afirmar que tal gênero de poesia seja uma criação natural do povo.

O Lunar de Sepé

“Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Mandaram por serra acima
Espantar os corações;
Que os Reis Vizinhos queriam
Acabar com as Missões,
Entre espadas e mosquetes,
Entre lanças e canhões!...

Cheiravam as brancas flores
Sôbre os verdes laranjais;
Trabalhava-se na fôlha
Que vem dos altos ervais;
Comia-se das lavouras
Da mandioca e milharais.

Ninguém a vida roubava
Do semelhante cristão,
Nem a pobreza existia
Que chorasse pelo pão;
Jesus Cristo era contente
E dava sua benção...

Por que vinha aquêl mal,
Se o pecado não havia?...
O tributo se pagava
Se o vizo-rei o pedia,
E, até sangue se mandava
Na gente moça que ia...

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Os padres da encomenda
Faziam sua missão:
Batizando as criancinhas,
E casando, por união,
Os que juntavam os corpos
Por fôrça do coração...

Do sangue dum grão-cacique
Nasceu um dia um menino,
Trazendo um lunar na testa,
Que era bem pequenino:
Mas era um — cruzeiro — feito
Como um emblema divino!...

E aprendeu as letras feitas
Pelos padres, na escritura;
E tinha por penitência,
Que a sua própria figura
De dia, era igual às outras...
E diferente, em noite escura!...

Diferente em noite escura,
Pelo lunar do seu rosto,
Que se tornava visível
Apenas o sol era pôsto;
Assim era — Tiaraiu —,
Chamado — Sepé, — por gôsto.

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Cresceu em sabedoria
E mando dos povos seus;
Os padres o instruíram,
Para o serviço de Deus,
E conhecer a defesa
Contra os males dos ateus...

Era moço e vigoroso,
E mui valente guerreiro:
Sabia mandar manobras
Ou no campo ou no terreiro;
E nas cruzadas dos perigos
Sempre andava de primeiro.

Das brutas escaramuças,
As artes e artimanhas
Foi o grande Languiru
Que lh'ensinou; e as façanhas,
De enredar o inimigo
Com o saber das aranhas...

E, tudo isto, aprendia;
E tudo já melhorava,
Sepé-Tiaraiu, chefe
Que os Sete Povos mandava,
Escutado pelos padres,
Que cada qual consultava.

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

E quando a guerra chegou
Por ordem dos Reis de além,
O lunar do moço índio
Brilhou de dia também,
Para que os povos vissem
Que Deus lhe queria bem...

Era a lomba da defesa,
Nas coxilhas de Ibagé,
Cacique muito matreiro
Que nunca mudou de fé:
Cavalo deu a ninguém...
E a ninguém deixou de a pé...

Lançaram-se cavaleiros
E infantes, com partazanas,
Contra os Tapes defensores
Do seu pomar e cabanas;
A mortandade batia,
Como ceifa de espadanas...

Couraças duras, de ferro,
Davam abrigo à vida
Dos muitos, que, assim fiados,
Cercavam um só na lida!...
Um só, que de flecha e arco,
Entra na luta perdida...

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Os mosquetes estrondeiam
Sôbre a gente ignorada,
Que, acima do seu espanto,
Tem a vida decepada...;
E colubrinas maiores
Fazem maior matinada!...

Dócil gente, não receia
As iras de Portugal:
Porque nunca houve lembrança
De haver-lhe feito algum mal:
Nunca manchara seu teto...;
Nunca comera seu sal!...

E, de Castela, tampouco
Esperava tal furor;
Pois sendo seu soberano,
Respeitara seu senhor;
Já lhe dera e ouro e sangue,
E primazia e honor!...

H L - 4

A dor entrava nas carnes...,
Na alma, a negra tristeza,
Dos guerreiros de Tiaraiu,
Que pelejavam defesa,
Porque o lunar divino
Mandava aquela proeza...

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

E já rodavam ginetes
Sôbre os corpos dos infantes
Das Sete Santas Missões,
Que pareciam gigantes!...
Na peleja tão sòzinhos...
Na morte tão confiantes!...

Mas, o lunar de Sepé
Era o rastro procurado
Pelos vassalos dos Reis,
Que o haviam condenado:...
Ficando o povo, vencido...
E seu haver... conquistado!

Então, Sepé, foi erguido
Pela mão do Deus-Senhor,
Que lhe marcara na testa
O sinal do seu penhor!...
O corpo, ficou na terra...
A alma, subiu em flor!...

E, subindo para as nuvens,
Mandou aos povos — benção!
Que mandava o Deus-Senhor
Por meio do seu clarão...
E o — lunar — da sua testa
Tomou no céu posição...

Lançaram-se cavaleiros
E infantes, com partazanas,
Contra os Tapes defensores
Do seu pomar e cabanas;
A mortandade batia,
Como ceifa de espadas...

Couraças duras, de ferro,
Davam abrigo à vida
Dos muitos, que, assim fiados,
Cercavam um só na lida!...
Um só, que de flecha e arco,
Entra na luta perdida...

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Os mosquetes estrondeiam
Sôbre a gente ignorada,
Que, acima do seu espanto,
Tem a vida decepada...;
E colubrinas maiores
Fazem maior matinada!...

Dócil gente, não receia
As iras de Portugal:
Porque nunca houve lembrança
De haver-lhe feito algum mal:
Nunca manchara seu teto...;
Nunca comera seu sal!...

E, de Castela, tampouco
Esperava tal furor;
Pois sendo seu soberano,
Respeitara seu senhor;
Já lhe dera e ouro e sangue,
E primazia e honor!...

H L - 4

A dor entrava nas carnes...,
Na alma, a negra tristeza,
Dos guerreiros de Tiaraiu,
Que pelejavam defesa,
Porque o lunar divino
Mandava aquela proeza...

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

E já rodavam ginetes
Sôbre os corpos dos infantes
Das Sete Santas Missões,
Que pareciam gigantes!...
Na peleja tão sôzinhos...
Na morte tão confiantes!...

Mas, o lunar de Sepé
Era o rastro procurado
Pelos vassalos dos Reis,
Que o haviam condenado:...
Ficando o povo, vencido...
E seu haver... conquistado!

Então, Sepé, foi erguido
Pela mão do Deus-Senhor,
Que lhe marcara na testa
O sinal do seu penhor!...
O corpo, ficou na terra...
A alma, subiu em flor!...

E, subindo para as nuvens,
Mandou aos povos — benção!
Que mandava o Deus-Senhor
Por meio do seu clarão...
E o — lunar — da sua testa
Tomou no céu posição...

Eram armas de Castela
 Que vinham do mar de além;
 De Portugal também vinham,
 Dizendo, por nosso bem...
 Sepé-Tiaraiu ficou santo
 Amém! Amém! Amém!..." (40)

3. — *Poetas e trovadores populares. Pedro Canga.*

Violeiros e cantadores não faltaram também ao Rio Grande do Sul. Vitorino Rasgado (41) deixou fama em Pôrto Alegre, tendo subido até aos saraus presidenciais. Em São Jerônimo, notabilizou-se Bernardino Félix; em Upamarotim, Silvério Cardoso; em Uruguaiana, Fidélis Martins. (42)

A viola foi o instrumento do gaúcho primitivo. Viajantes e cronistas, como Saint-Hilaire, Roberto Avé-Lallemant, Jean Charles Moré, Nicolau Dreys, narram episódios e festas em que a viola aparece como o instrumento popular por excelência.

Contudo, já não é assim. A gaita veio substituí-la, dando razão à trova popular muito conhecida:

"A gaita matou a viola,
 O fósforo matou o isqueiro,
 A bombacha o chiripá
 E a moda o uso campeiro."

Augusto Meyer (43) atribui a mudança a dois fatores: "influência crescente da imigração e do comércio urbano". Mas o recuo do instrumento vem já de fins do século passado, conforme anota Graciano de Azambuja (citado pelo mesmo autor) em 1896: "A viola, a nossa chorosa viola, ao som da qual a poesia popular progredia, se não morreu de todo, agoniza, enquanto a gaita alemã *farreia* nos bailes, que a seu turno mataram o fandango gracioso, no qual o espírito dos versos sobrepuja a maestria coreográfica."

(40) J. Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, ed. Globo, P. Alegre, 1950, págs. 348-353.

(41) Aquiles Pôrto Alegre, *Fóllhas Caídas*, ed. Globo, P. Alegre, 1912, pág. 39.

(42) Cf. João Cezimbra Jacques, *Assuntos do Rio Grande do Sul*, pág. 28.

(43) Augusto Meyer, *Guia do Folclore Gaúcho*, Gráfica Editôra Aurora, Rio, 1951, pág. 187.

As músicas populares enriqueceram, dando-lhe sal e pique, a literatura oral dos pampas. (44) Mas o estudo das danças e folguedos, se não deixa de interessar à história da cultura, só entraria nestas páginas ao arpejo do plano que nos impusemos.

A documentação existente sobre poetas populares é exígua e carece de notas elucidativas mais estiradas. Os colecionadores falam dos bardos iletrados como se o seu nome, os episódios de sua vida, por muito conhecidos, dispensassem esclarecimentos. Não perdoamos, por exemplo, ao prestimoso Cezimbra Jacques o laconismo de informações como esta: "Porém tratando agora dos poetas espontâneos, não devemos deixar de falar dos trovadores das campinas dignamente representados pelos repentistas Cabo Borba, da divisão Portinho, Sagaz e Bento Cego, de Cima da Serra da Cruz Alta." (45) Feita a referência, moita; passa a outro assunto.

Existiram, porém, muitos poetas populares, alguns de grande fama, como Zeferino Vieira Rodrigues e Pedro Muniz Fagundes (cognominado Pedro Canga); Chiquinho da Vovó, autor de uma das letras do hino farroupilha; Quinca Coronel, pelotense de nossos dias, e muitos outros que estão a pedir investigadores pacientes.

Da poesia popular desfavorável aos farrapos, bem como dos poetas que cantaram a legalidade, muito pouco se conhece. Contudo, uma e outros existiram na província. É que a memória do povo, em tôdas as partes e ocasiões, retém preferentemente os assomos da rebeldia contra o poder, valorizando os seus heróis em detrimento dos que representam a ordem ou a reação.

Confirmando o que deixamos dito, aí está o poeta Pedro Canga, nome de guerra de Pedro Muniz Fagundes, de quem se sabe tão pouco, e ainda assim êsse pouco só foi divulgado a partir de 1889. Ao publicar-lhe uma *Glosa* no *Anuário* para aquêl ano, Graciano A. de Azambuja insere ao pé dos versos esta explicação, que prima pelo laconismo: "Filho do Erval. Na revolução de 1853 militou nas fileiras da *Legalidade*. Prometem-nos a remessa de outras produções dês-

(44) Consulte-se: Ênio de Freitas e Castro, *Música Popular do Rio Grande do Sul*, in *Rio Grande do Sul*, Pôrto Alegre, Editôra Cosmos Limitada, 1942.

(45) João Cezimbra Jacques, "*Assuntos do Rio Grande do Sul*. Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia, P. Alegre, 1912 — pág. 28.

te engenhoso poeta rio-grandense, que não conhecíamos.” (46)
O próprio redator do *Anuário*, espírito curioso e investigador paciente, confessa que não tivera antes notícia do poeta, talvez o mais espontâneo, o mais inspirado do seu tempo.

Era de um lirismo ingênuo e delicado, capaz de surtos como êste:

“Troncos secos deram fruto,
O campo reverdeceu;
Até pararam os ventos
No dia em que amor nasceu

Troncos secos deram fruto,
O campo reverdeceu;
Riu-se a própria natureza
No dia em que amor nasceu.

Eu subi co'a minha amada
Até onde ninguém viu,
As nuvens disseram: basta,
Até aqui ninguém subiu.” (47)

A corda da sua lira tinha porém uma nota mais aguda, desagradável a uns, agradável a outros, mas destinada a pronto esquecimento. Glosando mote antifarrupilha, Pedro Canga desferiu pancadas de mestre nos revolucionários, ao mesmo tempo que ressalta o sacrifício da Guarda Nacional:

“Se filhos degenerados
Contra a pátria se arremessam,
São filhos que só professam
Seguir trilhos desgraçados,
Lôbos famintos, malvados,
Escravos ambiciosos
Que com passos tenebrosos
Nossos bens querem roubar;
Monstros tais vinde esmagar
Guardas Nacionais briosos!

(46) V. *Anuário* citado, anos de 1889, 1890, 1892 e 1893.

(47) Apud João Cezimbra Jacques, obra citada, pág. 22.

Não deixeis que a tirania
Levante o seu estandarte!
Frente a frente em qualquer parte
Combatei-a noite e dia!
A lei seja o vosso guia,
Que vos sirva de divisa,
Com ela a pátria eterniza,
Se aumentam filhos e pais.
Vinde Guardas Nacionais!
A pátria de vós precisa!

Êsses novos liberais
Que a lei confundir procuram,
Hoje velozes se apuram
Cravar-nos duros punhais
Às vidas e cabedais!
É sua ambição profunda!
Pois só de caterva abunda
Essa gente que a lei pisa,
Porém convosco eterniza
A pátria, que é mãe fecunda.

Correi aos campos de Marte
A favor da pátria e leis!
À frente de vós vereis
Minerva e seu baluarte!
Fazei que por toda a parte
Ressoie uma voz decisa
Que só tendes por divisa:
Manter a Constituição!
Vereis que a pátria então
Convosco o nome eterniza!” (48)

Pedro Canga, tido como poeta inculto, não era, na verdade, inteiramente desprovido de letras. Cita o seu Marte, fala na Constituição, cousas de gente da cidade. Onde, nêle, o acento genuíno da poesia popular? Só se a tomarmos por extensão, como peça de autor cujo nome se perdeu. O que já não é o mesmo.

(48) *Anuário* de Graciano A. de Azambuja, para 1892, pág. 96.

4. — *Influência do lirismo anônimo sobre a poesia culta*

Qualquer que seja a origem, o valor documental, a força lírica, a motivação genuinamente gaúcha, os meigos traços portugueses do nosso cancionero, uma cousa é evidente: o que nêle existe de mais rude e característico do linguajar da campanha exerceu poderosa influência na poesia culta.

A nostalgia do campo ⁽⁴⁹⁾, entre os gaúchos, é fator de permanente sugestão lírica. Assume, contudo, um caráter bem diverso do que ocorre em outros pontos do país. Não é tanto a nostalgia da paisagem física, mas dos seres humanos, bravos e fortes, que humanizaram êste pago e são recordados com ternura embevecida. A peonada da estância, revivescência do *monarca das coxilhas*, está hoje em decadência; não dá grande gosto vê-la mal vestida e doente, com os olhos enamorados do primeiro automóvel que passe para a cidade. Mas nos velhos tempos da vida crioula, quando os trabalhos do campo, as guerras e revoluções acendiam o sangue, pedindo audácia e valentia, "o gaúcho" foi uma realidade. A poesia culta rondou-lhe o pala, as chilenas agudas, o sombrero, a adaga. Imitou-lhe o gesto, a fala, o gosto das imagens simples; só não conseguiu ser genuína e natural como o símbolo que a fascinara.

Essa poesia gauchesca manipulada na cidade, servida por uma ilustração literária que voluntariamente decalca, ao feitiço da musa popular, a temática do homem forte da campanha, embora lhe falte o sabor da outra, tem sido muito apreciada no Sul. Dentre os poetas eruditos, encharcados de hábitos pracionos, que se deram ao capricho de estilizar literariamente o guasca, citam-se Bernardo Taveira Júnior, Lôbo da Costa, Múcio Teixeira, Manuel do Carmo, entre os antigos; na poesia moderna, Augusto Meyer, Vargas Neto e Pedro Vergara seguiram a temática tradicional, renovando-lhe, porém, o tratamento. E, de resto, em todos os lances da história literária do Rio Grande do Sul o gauchismo poético dominou a cancha, pelo menos para a sensibilidade da maioria dos leitores. Mas nem sempre foi tão bem sucedida como no *Antônio Chimango*, a sátira vivaz de Amaro Juvenal, pequena obra-prima da poesia brasileira.

CAPÍTULO III

DOS PRECURSORES
AO INÍCIO DA LITERATURA ESCRITA

1. — O PRIMEIRO AUTOR EM LIVRO
- 2. — SITUAÇÃO MENTAL DO RIO GRANDE EM 1822 — A FERMENTAÇÃO PRÉ-REVOLUCIONÁRIA — 3. — A POESIA E A PROSA DO CICLO FARROUPILHA — 4. — POESIA POPULAR INSPIRADA NA GESTA DE "35" — 5. — A IMPRENSA.

(49) V. *As origens*, cap. I.

CAPÍTULO III

DOS PRECURSORES AO INÍCIO DA LITERATURA ESCRITA

1. — O primeiro rio-grandense autor de livro impresso foi o Padre Antônio Marques de Sam Payo. ⁽⁵⁰⁾ Livro, propriamente, não; um opúsculo em que estampou a sua oração gratulatória pela chegada do Príncipe Regente ao Brasil. Orador correto e instruído, celebrou a fuga dos Braganças numa linguagem espontânea, a que não faltaram, porém, candentes apóstrofes, para castigo de Napoleão e das tropas invasoras... Epítetos vingadores e figuras mitológicas repulsivas foram trazidos à cena, mas, a par desse condimento clássico, próprio da ocasião e dos ouvintes, reponta da oração de Sam Payo certo orgulho nativista por ver o Brasil transformado em abrigo da Família Real. Imprecando contra Napoleão, parece agradecer-lhe a mercê de haver tangido para cá a côrte de D. Maria I.

Dez anos depois, publicava uma tradução da *Memória sobre o Brasil*, do cavaleiro de Langsdorff, pequeno guia para imigrantes.

Obra parca e sem maior expressão literária, a do Padre Sam Payo, é porém um documento vivaz da época, ferindo problemas de interesse nacional: a transferência da Côrte e a colonização estrangeira. Esta última questão estava na ordem do dia, e o lacunoso guia de Langsdorff, em que pese à sua deficiência, representou uma contribuição oportuna, destinada a esclarecer os imigrantes sobre as condições de nosso país.

(50) Antônio Marques de Sam Payo nasceu em Pôrto Alegre a 22 - 5 - 1778, segundo dados colhidos para este livro pelo genealogista José de Araújo Fabrício (Blake e os demais indicam o ano de 1771) e faleceu no Rio (18 - 2 - 1846). Era presbítero secular e cônego honorário da Capela Imperial. Recebeu a comenda de Cristo; era cavaleiro da Rosa e oficial da ordem do Cruzeiro. Na legislatura de 1826 - 29, representou Minas Gerais, como suplente do senador Antônio Gonçalves Gomide. Escreveu: *Oração em ação de graças pela feliz chegada da Sua Alteza Real e sua Augusta Família a esta Côrte do Brasil*, recitada na real Capela do Rio de Janeiro na manhã de 7 de março de 1812 — Impressão Régia — Rio, 1812. Traduziu: *Memória sobre o Brasil*, para servir de guia àqueles que nêle se desejam estabelecer, pelo cavaleiro G. de Langsdorff — Rio, Silva Pôrto & Cia., 1822.

O Padre Sam Payo caiu nas boas graças de D. João VI e de seu filho, o futuro Pedro I, chegando a fazer vida pública; representou Minas Gerais na primeira legislatura de 1826-29, como suplente de Gonçalves Gomide. Recebeu da Monarquia ordens honoríficas; pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde Manuel de Araújo Pôrto Alegre lhe fez o elogio póstumo, ⁽⁵¹⁾ e veio a falecer após o término da Revolução dos Farrapos. Não deixou, ao que parece, escritos sobre o Rio Grande, mas o livro que traduziu, destinado a chamar a atenção geral para os assuntos referentes à colonização, foi um serviço que o bom padre prestou à sua província natal, onde havia condições favoráveis à entrada do agricultor europeu. As armas portuguesas lutavam, à época, na Cisplatina, e as expedições militares necessitavam de maiores fontes de abastecimento. A colonização do Rio Grande do Sul, aventada naquele período, veio atender a essas necessidades, pois criou um celeiro variado e abundante. O Padre Sam Payo, filho do Rio Grande, viu o problema com clareza; com a sua tradução, fez-se um dos precursores do movimento em favor da entrada no país de correntes imigratórias européias.

Manda o Rio Grande à capital do futuro Império, no ano de 1820, a figura singular de Antônio Manuel Corrêa da Câmara, ⁽⁵²⁾ ligado por laços de amizade a José Bonifácio e, como êste, ardente paladino da Independência. Homem viajado, instruído, apaixonado e seguro de si, agitou os fluminen-

(51) V. *Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras.*, tomo II, vol. 11, 1848.

(52) O conselheiro Antônio Manuel Corrêa da Câmara nasceu em Rio Pardo a 24 de setembro de 1783 e faleceu em Pôrto Alegre a 30 de junho de 1848. Teve vida trabalhosa e útil. Estudou no Colégio S. José, do Rio, para onde foi mandado aos dezesseis anos; cadete voluntário, serviu ao exército português em Goa, Damão e vários pontos de Portugal, desligando-se da carreira quando da invasão do país pelas tropas francesas, que mais tarde o prenderam. Muito moço, desempenhou postos de relêvo, quer como militar, quer como diplomata. Viajou pelos Estados-Unidos, Índia, França, Turquia e outros países. Prestou inestimáveis serviços à causa da Independência e recebeu de José Bonifácio, de quem era amigo pessoal, importantes comissões que desempenhou com rigor e lealdade ao Brasil. Andou pelos países platinos em missão consular e diplomática, tendo previsto o agravamento de nossas relações com o Paraguai. Sobrevindo a revolução dos farrapos, fez causa comum com os rebeldes, tornando-se embaixador de Piratini no Paraguai. Homem de boas letras, falava e escrevia várias línguas. Escreveu poesias de sabor clássico e a *Correspondência Turca Interceptada a um Emissário Secreto da Sublime Porta, residente na Córte do Rio de Janeiro*, 8 fascículos, Imp. Nac., Rio, dados à estampa de março a maio de 1822. E ainda: *Res-*

ses de então dando à estampa a sua *Correspondência Turca* — uma série de opúsculos anônimos que ocultavam, mais do que o seu autor, uma ampla experiência das intrigas políticas das côrtes européias e dos seus reflexos na vida das ex-colônias americanas. A sagacidade do observador é ali evidente. Traça perfis políticos e morais, narra e sublinha os acontecimentos com uma naturalidade e fluência de grande cronista, às vezes satírico impiedoso. Só foram publicados oito fascículos, dos quais Aurélio Pôrto extrata, nos *Anais do Itamarati*, trechos denunciadores das qualidades que estamos apontando. Não há ali nenhum embaraço, nenhuma hesitação, nenhum indício de timidez ou inexperiência; os painéis são largos, coloridos, onde luz a malícia do “Enviado da Sublime Porta”, que se exprimia à laia do correspondente de Montesquieu nas *Cartas Persas*. Nem se estranhe, no caso, o anonimato; Antônio Manoel, corajoso e franco, só se ocultou sob o disfarce turco para melhor traduzir a sua perícia de observador, adquirida em contato com homens e instituições de três continentes.

No mesmo ano do aparecimento da *Correspondência Turca* (1822), o português Antônio José Gonçalves Chaves, ⁽⁵³⁾ charqueador e estancieiro em Pelotas, começa a publicar as *Memó-*

posta do Pontífice aos Carbonários e Manifesto da Praia Grande. Tendo organizado a Repartição de Estatística da Província, a pedido de Caxias, em 1845, deixou ao morrer os excelentes *Ensaio Estatísticos*, publicados n' *O Mercantil*, de Pôrto Alegre, em 1851. V. Aquiles Pôrto Alegre, *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*; Alfredo Varela, *História da Grande Revolução*, e sobretudo a minuciosa biografia de Câmara publicada por Aurélio Pôrto, juntamente com a sua correspondência diplomática, nos *Anais do Itamarati*, II, III e IV.

(53) Antônio José Gonçalves Chaves, tramontano da vila de Chaves, radicou-se no Rio Grande em 1805 e à margem do arroio Pelotas montou uma charqueada, a mais próspera da capitania no seu tempo. Saint-Hilaire, na *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1820-1821), refere a visita que lhe fez e elogia a inteligência e atividade do proprietário, de quem colheu preciosos dados estatísticos. Pioneiro da navegação a vapor, com Domingos José de Almeida e outros, foi também membro do Conselho Geral da Província e deputado à primeira Assembléia Legislativa (1835). Sobrevindo a revolução farroupilha, afastou-se para sua propriedade e daí para Montevidéu, onde montou nova charqueada e morreu num naufrágio ocorrido na baía (1838). Escreveu as *Memórias Econômico-Políticas*, em número de cinco, impressas a 1.^a, 2.^a e 3.^a na Tipografia Nacional, Rio, 1822; a 4.^a, idem, 1823; a 5.^a, na Tipografia de Silva Pôrto e Companhia, Rio, 1823. Foram reeditadas por J. B. Hafkemeyer S. J., na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, ano II, trimestres II e III, P. Alegre, 1922, de onde extraímos os dados biográficos acima.

rias *Ecônomo-Políticas* (*sic*), fruto de dezesseis anos de observação e análise das peculiaridades locais do Rio Grande de São Pedro do Sul. Nenhum outro natural da terra ou pessoa nela residente em caráter definitivo, salvo José Feliciano Fernandes Pinheiro, o futuro Visconde de São Leopoldo, dera até então notícia mais circunstanciada de sua vida econômica, social e política. As *Memórias* de Gonçalves Chaves são anteriores à publicação da viagem de Saint-Hilaire, mas o seu maior mérito, para nós, está na minúcia dos informes que ministra acêrca do estágio cultural dos rio-grandenses. Certos aspectos concernentes à instrução não passaram em branco na obra de Chaves. Preocupou-o, como a Dreys, Saint-Hilaire e Félix Azara, o vazio encontrado na sociedade continentina, quanto à ilustração reclamada por seu crescimento e importância econômica. Para uma população avaliada em pouco mais de 106 000 almas no ano de 1823, as escolas eram praticamente nenhuma, consoante nos faz ver a prosa singela de Gonçalves Chaves. (54)

Entretanto, mal decorridos doze anos, o Rio Grande, na Revolução Farroupilha, experimentava forte agitação intelectual, como fazem prova os jornais da República Rio-Grandense, seus poetas, sua constituição e leis complementares, o jornalismo político, a atividade das câmaras e, acima de tudo, a verificação de que seus habitantes esposavam, na prática de uma revolução que durou dez anos, os princípios liberais mais avançados. Tudo isso, matéria que seduz o historiador, abre curio-

(54) "Não nos consta que haja mais de três homens formados, naturais desta Província, e quatro meninos em Coimbra. Esta falta de gôsto pelas ciências, não se pode ter contudo como inaptidão para elas nos naturais; mas antes são dotados de grande engenho. Muitas causas poderemos descobrir a esta falta de homens de letras, e as principais nos parecem ser: 1.º A falta de Escolas até de primeiras letras. Quem diria que em tôda esta Província até 1820 havia uma única aula de Latim, a de Pôrto Alegre, que não havia uma Escola de primeiras letras paga pelo Estado em tôda a Província! Em 1821 abriu-se uma Aula de Filosofia Racional em Pôrto Alegre, e duas de Latim: no Rio Grande, e em Rio Pardo. E as Aulas de primeiras letras que se mandavam criar nas Freguesias, ninguém as tem querido? porque o honorário é só de 100,000, e com menos de 400,000 não se pode achar um mestre. 2.º Causa nos parece ser a pouca idade da Província. Há hoje muitas Casas de capitais; mas todos são adquiridos: há pouco tempo, e nós mesmos conhecemos pessoas, que quando há poucos tempos se viram com capital suficiente, lamentavam ver seus filhos, já homens, e sem estarem habilitados a entrar em Estudos" Antônio José Gonçalves Chaves, *Memórias Ecônomo-Políticas* (5.ª) Rio de Janeiro, na Tipografia de Silva Pôrto e Companhia, 1823 Citamos da reedição feita por J. B. Hafkemeyer S. J., *Revista do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul*, ano II, II e III trimestres, pág. 179.

sas perspectivas aos estudiosos e vem perturbando os plácidos descritivos da história nacional, se deu numa terra que, conforme o sempre prestante memorialista, não possuía em 1823 senão três de seus filhos formados e quatro em estudos fora do Brasil, em Coimbra.

Como se processou, em tão pouco tempo, a evolução de que nos dá notícia a história literária? Como poderiam os rio-grandenses oferecer ao país, mal transcorridos vinte anos da instalação do primeiro prelo, uma poetisa como Delfina Benigna da Cunha, portadora de nobre inspiração lírica? E como se explicaria também a floração dos poetas da revolução, um Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena, provinciano como os demais; um Pedro Canga, admirável poeta inculto, mas de grande simplicidade e força expressiva; um Serafim de Alencastre, um Antônio Álvares Pereira Coruja, um satírico como Pedro Boticário?

É que a fermentação oculta não foi levada até hoje em linha de conta. A sociedade rio-grandense, acostumada ao sofrimento oriundo da luta com os espanhóis e do clima ríspido e variável, adquiriu bem cedo, isolada como se achava no extremo Sul, a certeza de que não podia esperar grande coisa dos irmãos do Norte. Persuadiu-se de que só devia contar com suas próprias forças. O isolamento enrijou-a, dando-lhe energia interior para superar deficiências e dificuldades. Progrediu porque a comunidade vivia à mercê de constantes perigos. Porque se não resistisse, o seu trabalho pela fixação ao solo, pela posse das vastas coxilhas e do gado solto que as povoava, tudo iria cair em poder dos platinos remanescentes da Espanha inimiga. Foi, em conclusão, a épica do povoamento que impulsionou os gaúchos primitivos, e mercê da qual abriram êles a inteligência a ventos que sopravam de outras paragens, à semelhança das idéias, à fascinação da vida mental.

Passado o instante crucial de adaptação, aqui, da cultura luso-brasileira, nem por isso desapareceram para o rio-grandense os motivos de temor. A luta armada com a outra banda do Prata — para resumir tudo — se manteve acesa, com ligeiros períodos de trégua, até a Guerra do Paraguai.

Foi preciso que eclodisse a Revolução Farroupilha, concludando tôdas as energias válidas, dando azo a que se improvisassem os mentores intelectuais de ambas as facções, foi preciso que as necessidades da propaganda multiplicassem os jornais, foi preciso uma catástrofe para evidenciar como se enrijara com relativa brevidade a mente da província.

Pelo menos, a imprensa do Rio Grande do Sul, no período que vai da instalação do primeiro prelo (1827) à Constituição

de Piratini (1843), registra uma vibração política seguida de perto por preocupações de ordem literária em pelo menos seis centros principais — Pôrto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Caçapava, Rio Pardo e Alegrete. A prolongada luta interna, sob êsse aspecto, foi um bem. Favoreceu acentuadamente o intercâmbio de idéias com outras regiões do país, e mesmo do exterior recebeu estímulos, carreados pelo livro⁽⁵⁵⁾ e por homens como Garibaldi, Rossetti, Zambecari e Anzani. Além do que, considerada à luz de investigações mais profundas, a epopéia dos farrapos contribuiu a maturar no gaúcho as idéias comuns aos movimentos liberais que agitaram a nacionalidade desde a abdicação de Pedro I, até à pacificação final do Império.

Mas o intercâmbio não se processou somente no plano das idéias. O Rio Grande incorporou à sua mentalidade, tornou seus, cidadãos do seu clã, a homens vindos de outras províncias, bastando citar os que atuaram com brilho na economia interna da insurreição de 35. Um Domingos José de Almeida, um Ulhôa Cintra, um Modesto Franco, um Tobias de Aguiar e Barros, foram mais que simples inconformados; homens de ação, possuidores de cultura intelectual razoável, aqui encontraram razão de ser para a luta e o sacrifício.

Mas, como já fomos dizendo, a vida intelectual, naquele período, não deixou de brotar aqui e ali — modestos olhos d'água que em 1868 iriam formar a rumorosa torrente do "Partenon Literário". Os gaúchos deram nesse período excelente testemunho de si mesmos. Fizeram a vigília das armas, mas não olvidaram o cultivo do espírito. Literariamente, produziram pouco, que foi muito, dada a limitação dos recursos a seu dispor. Escreveram versos, fizeram jornalismo, cultivaram a história episódica e narrativa.

Não foram literatos puros? Pouco importa. A verdade é que se espraíram por todos os âmbitos da cultura, construindo, assim, algo de duradouro, de imprescindível à sua caracterização social. Sem êsse trabalho preparatório, a inteligência rio-grandense continuaria a ser, quando muito, o reflexo de um acampamento de guerra. Importava, e êles o perceberam a tempo, superar o espírito colonial. Nesse sentido é que serão um dia estudados mais de assento, quando se levantar a história da cultura rio-grandense, para cujo edifício esta interpretação literária oferece uma pálida contribuição.

(55) "Os escritos mais ímpios e mais demagógicos do século dezoito corriam pela Província do Rio Grande do Sul traduzidos em espanhol" — observa o Conselheiro Rodrigo de Souza da Silva Pontes na *Memória* sobre a rebelião de 1835. Vide nota 94.

A poesia

3. — A imaturidade literária do período farroupilha é evidente. Nem querem dizer outra coisa os inúmeros poetas daquele ciclo, os quais raramente ousaram ultrapassar o decassílabo camoniano ou a redondilha maior de gôsto popular. Inúmeros foram êsses poetas, como veremos. Mas a própria ocorrência exagerada de versejadores, em detrimento da prosa, denuncia o atraso da província, que mal acabava de inaugurar, então, as suas primeiras escolas públicas.

O estudo de tais poetas seria perfeitamente escusado numa história que procurasse, de preferência, fazer ressaltar os valores estéticos mais genuínos. Não é isso o que pretendemos.

Desejamos consignar, sem demasiado sacrifício para a arte literária considerada em sua integridade, ao lado dos grandes artistas, os pequenos, humildes e canhestros cultores da poesia e da prosa, a ver se conseguimos, assim, discernir melhor as coordenadas gerais da cultura rio-grandense. Os nomes secundários não ilustram menos as vicissitudes e triunfos de um dado momento histórico. Assim pensando, vamos chamar para estas páginas muita gente que, em outras circunstâncias, aqui não seria admitida. E assim procedendo — no tocante àquela fase — queremos ainda contribuir para que a grande revolução tenha estudados, numa história literária, os reflexos sentimentais, as motivações psicológicas, o colorido particular que a prolongada carnificina não podia deixar de impor ao comportamento artístico do povo gaúcho, naqueles tempos e nos imediatos.

No ciclo farroupilha é que aparecem os primeiros poetas. O ardor guerreiro os incita. E seus versos, visando a exaltar as armas rebeldes, lhes dão certa notoriedade no ambiente conturbado. A nova república desperta-lhes o gôsto da ênfase, na glorificação dos feitos de seus improvisados governantes e paladinos militares. Bento Gonçalves e seus mais ilustres companheiros são vitoriados pela musa local, que os compara a quanto herói insigne refere a história de Grécia e Roma. O Parnaso trava a batalha da retaguarda, nos momentos de exaltação cívica da jovem e efêmera república.

Estudando os poetas do decênio, Alfredo Ferreira Rodrigues observa com a costumeira probidade: "Homens sem cultura alguma, apenas com instrução elementar, familiarizavam-se com as musas comendo versos com a mesma facilidade com que jornalistas de hoje se jactam de escrever artigos para a imprensa." (56) Dentro da improvisação geral do surto revolucionário

(56) *Apud* Alcides Lopes Miller, *Poetas Farroupilhas*, in "*Anais do IV Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense*," I, pág. 227.

rio, nada de mais que assim fôsse. A safra poética do período, se não é abundante, atenta à duração — dez anos — da insurreição armada, é contudo suficiente para nos dar uma idéia da obstinada paixão com que o povo rio-grandense viveu o instante mais belo e doloroso da sua história.

A reedição fac-similada de *O Povo*, órgão oficial dos farra-
pos, (57) a divulgação de cópias apográficas em poder de re-
manescentes ou herdeiros dos farroupilhas, bem como o esforço
de atentos pesquisadores, (58) resultaram na coleta de um con-
junto apreciável de versos alusivos àquele movimento.

De um lado e de outro, homens aguerridos, separados em
duas facções distintas — revolucionários e legalistas, ou, para
adotarmos a terminologia da época, “republicanos” e “imperiais”,
“farroupilhas” e “caramurus”. Mas, sendo êsse o traço que mais
lhes distingue a fisionomia, por isso que literariamente todos se
equivalem, vamos agrupá-los consoante as tendências políticas.

O grupo “imperial” era sem dúvida o mais ilustre e tam-
bém o mais seguro de si: Delfina Benigna da Cunha, Ana Eu-
rídice Eufrosina de Barandas, Maria Josefa da Fontoura, na
poesia culta, e Pedro Canga, poeta popular.

O grupo farroupilha era mais numeroso: Pedro José de
Almeida, conhecido por Pedro Boticário ou Vacabrava; Sebas-
tião Xavier do Amaral Sarmento Mena e seus irmãos Fran-
cisco de Paula do Amaral Sarmento Mena e Frederico Augusto
do Amaral Sarmento Mena; Francisco Pinto da Fontoura, cog-
nominado Chiquinho da Vovó; Antônio Paulo da Fontoura, co-
nhecido também por Paulino da Fontoura ou Antônio Paulino;
Serafim Joaquim de Alencastre, José Pinheiro de Ulhôa Cin-
tra, João Machado da Silveira, Antônio Manuel Corrêa da
Câmara, Antônio da Silva Neves Piranga, José Gonçalves Lopes
Ferrugem, Joaquim Antônio de Borba, Antônio Vicente da Fon-
toura, e, incidentemente, Manuel Luís Osório, futuro Marquês
do Erval.

Poucos dos autores citados, como é o caso do rio-pardense
Sebastião Xavier do Amaral, (59) compuseram obra lírica, de-

(57) O Sr. Eduardo Duarte, a quem se deve a iniciativa, declara: “... só
tive conhecimento seguro dos gloriosos cantores da revolução quan-
do, após nove anos de paciente pesquisa, consegui reunir aquela
valiosa coleção dos cento e sessenta exemplares do órgão oficial dos
farraços”. *Parecer* sobre o trabalho de Alcides Lopes Miller, citado.

(58) Entre outros, Apolinário Pôrto Alegre, Alfredo Ferreira Rodrigue-
s, Graciano A. de Azambuja, Aurélio Pôrto, Eduardo Duarte,
Dante de Laytano, Walter Spalding.

(59) V. *Obras Completas*, de sua autoria, coligidos e anotados por Dan-
te de Laytano, Papelaria Velho, Rio, 1933.

sinteressadamente literária. Dão a impressão de terem sido
atraídos ao manejo do verso tão só pela causa em nome da qual
empunharam armas e saíram a pelejar. O amor, a melancolia,
o medo, o desamparo, o mistério da vida e suas infinitas va-
riações, isso lhes foi indiferente. Havia um perigo à vista: tor-
naram-se poetas por instinto de conservação. Os carmes amo-
rosos ficariam para depois, quando fôsse ganho o último com-
bate. O estado de espírito de tais poetas da grei revolucionária
foi traduzido por um deles, José Gonçalves Lopes Ferrugem,
num soneto que podia ser subscrito pelos demais. É quando
êle diz, claudicante mas eloqüente:

“Despreza minha musa êsses amôres
Com que outrora me ocupava extasiado.

.....
Eu pretendo cantar meigos favores
De um povo generoso, livre e honrado,
Levantando padrões que o tempo e o fado
Não possam eclipsar os seus louvores.” (60)

Lamentavelmente, pouco se conhece do que ficou guar-
dado na tradição oral. Apolinário Pôrto Alegre intuiu o valor
que teria um documentário dessa natureza; procurou reunir
as produções que corriam anônimas, mas, solicitado por ou-
tros trabalhos, não levou avante a tarefa, de modo que a sua
coletânea (61) guardou proporções modestas, sendo, contudo, o
que de melhor já conseguiu coligir um só pesquisador.

A linguagem dos autores confessados e anônimos é sempre
alcandorada — quando se trata dos seus correligionários — e
extraordinariamente agressiva para com o regente Feijó, os co-
mandantes legalistas e os seus sequazes. Contudo, algumas vê-
zes, mercê de lutas internas, os poetas farroupilhas não per-
doaram aos próprios companheiros. Assim, o bilioso Sebastião
Xavier do Amaral Sarmento Mena, com referência a um dos
pró-homens da Revolução, José Pinheiro de Ulhôa:

“Quem na cara deslavada
Mostra ser um lagalhé (sic)?
José.

(60) *Apud* Alcides Lopes Miller, lugar citado, pág. 1227.

(61) V. *Cancioneiro da Revolução de 1835*, (publicação póstuma), Pôr-
to Alegre, Liv. do Globo, 1935.

Quem pancadas tem levado,
Que nem cavalo roceiro?
Pinheiro.

Quem a razão do mais forte
Reputa sempre a mais boa?
Ulhôa.

Não se encontra, certamente,
Desde aqui até Lisboa,
Bandalho, que igualar possa
José Pinheiro de Ulhôa.” (62)

E o próprio Francisco Modesto Franco não escapou às iras do poeta rio-pardense, que sobre êle descarrega todo o pêso da sátira cruel:

“Quem por falso ser devia
Enterrado em podre cisco?
Francisco.

Quem tem a perversidade
Pintada no horrendo gesto?
Modesto.

Quem louva o bruto assassino?
É pra roubar não é manco?
Franco.”

e termina com esta veemência:

“Se, por êrro da natura
No mundo aparece branco,
Nas ações é mais que negro
Francisco Modesto Franco.” (63)

Bento Manuel Ribeiro, uma das figuras mais discutidas da revolução, por ter participado, ora de um, ora de outro dos grupos contrários, além da execração popular, foi o alvo mais cruelmente visado pela poesia anônima. “Homem sem caráter, sem moral”; “estúpido animal”; “escravo de um déspota exe-

(62) V. *Cancioneiro da Revolução de 1835*, citado.

(63) No primeiro verso da quadra, “natureza”, in *Obras Completas*, possível êrro de cópia; “aparecem”, no verso seguinte, também engano do copista.

crado”, eis o que de suave e terno diz dêle um poeta pelas páginas do *Americano*... (64)

Cito tais expressões, bem pouco literárias, para mostrar a que excessos verbais chegaram êsses homens simples, compelidos de um dia para o outro a defender uma causa apaixonante.

De Pedro Boticário, (65) o mais veementemente xenófobo da revolução, ficou-nos a fama do improvisador e satírico feroz. A sua bile impressa derramava-se contra os portugueses, atribuindo-lhes todos os males de que sofria a província. As diatribes com que o diabo coxo — pois tinha êsse defeito físico — agrediu os que divergiam de suas idéias, do seu nacionalismo impenitente, eram de uma violência de estarrecer. E em parte devido à pena do Boticário, agitador que não teve paralelo em tôda a história local, alvorotou-se ainda mais a Pôrto Alegre de então. Mas, além de praticar o jornalismo de forma incisiva e desapiedada, era também poeta, e por sinal que dos mais razoáveis. Agredido, em verso, por um inimigo político, que se referira desairosamente ao seu defeito físico, Pedro Boticário respondeu num soneto que vem reproduzido em velhas fôlhas, como pano de amostra da sua arte de agredir. As gentes de antanho sabiam-no de cor:

“Defeitos naturais não envilecem
Uma alma bem formada, ó vil galego,
Recorde-te o Camões, forte labrego
A quem as Musas elogios tecem.

(64) N.º 17, de 19 de novembro de 1842. Vide o 2.º volume dos *Documentos Interessantes* para o estudo da grande revolução de 1835 - 1845 — do Museu e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1930.

(65) Pedro José de Almeida, conhecido por *Pedro Boticário*, ou *Vaca-brava*, é das personagens mais interessantes da Revolução Farrroupilha. Em Pôrto Alegre, exerceu o cargo de juiz de paz e manteve um jornal político. Todo o ódio dêsse ferrabraz da imprensa virou-se contra aquêles que dissentiam de seu liberalismo furioso, contrário às instituições monárquicas e ao predomínio dos portugueses nos cargos e funções públicas. Fundou o mais agressivo dos jornais rio-grandenses, a *Idade do Pau*, que exhibia no cabeçalho um camête, símbolo da sua linguagem despejada. Sobrevindo a revolução, batalhou ardentemente pela vitória. Mas foi prêso e encarcerado na fortaleza da Laje, com Bento Gonçalves; transferido êste para a Bahia, *Pedro Boticário* foi mandado para Pernambuco, dêle não se tendo mais notícia. V. Alfredo Ferreira Rodrigues, *Notas para a imprensa no Rio Grande do Sul*, in *Almanaque* para o ano de 1900, e Aurélio Pôrto, *Processos dos Farrapos*, II, págs. 336-8.

Virtudes com sarcasmos não fenecem,
Sejam filhas do Brasil ou do Mondego:
Aprende estas lições, ó meu borrêgo,
Que bem pode ser que te interessem.

O homem que pintou a musa tua
Não faz caso de ti, não se avalia,
Constante segue avante a marcha sua.

Pátria, honra, virtude êle aprecia,
E como aos versos teus não retribua
A resposta de pau melhor seria." (66)

O improviso poético, na literatura portuguêsã, grassou em caráter endêmico depois da fama criada por Bocage com as suas facécias rimadas. No Rio Grande das primeiras décadas do século XIX, foi também assim: a glosa passou a ser, para os letrados, o cúmulo da arte e do bom gosto. Inclusive poetas incultos, como parece ser o caso de Pedro Canga, se afeiçoaram a tal gênero de poesia.

O General Osório, adestrado nas armas durante a insurreição farrapa, além de quadras e poesias em tom menor, também costumava glosar os seus motes. De um dêles o Capitão Manuel dos Santos Jardim, companheiro de acampamento do futuro Marquês do Erval, reproduziu de memória alguns versos nos seus *Apontamentos*:

"Minerva baixou do Olimpo,
Essa deusa, essa Beldade,
Erguendo sôbre o Rio Grande
O pendão da Liberdade.

Exultai, ó dia Vinte,
Com glória, com igualdade,
Os Rio-grandenses defendem
O pendão da liberdade.

A pátria em paz chama os filhos
Tôda cheia de bondade:
Filhos meus, defendam sempre
O pendão da Liberdade." (67)

(66) *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul* para o ano de 1823, direção de Graciano A. de Azambuja, pág. 171.

(67) V. Fernando Luís Osório (pai), *A Guerra dos Farrapos*, Ed. Globo, P. Alegre, 1935, pág. 217-8.

Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena (68) não é o mais singelo, o mais sensível dos poetas do ciclo farroupilha, mas cabe-lhe sem dúvida o primeiro lugar, pela influência que exerceu, atestada, entre outros fatos, pelo grande número de louvores que lhe endereçaram, também em versos, seus contemporâneos. E além disso era homem de alguma cultura. Conhecia o seu francês, traduziu La Fontaine, Antoine Houdar de La Motte, Arthur Léon Imbert de Saint-Amand, Charles Robert Richet, Claude Joseph Dorat, os fabulistas Boisard e Florian.

Legou aos seus uma pequena silva de "Pensamentos", à maneira de La Rochefoucault, nos quais exhibe o seu desencanto e a sua amargura, do mesmo passo que mantém antigas convicções e princípios. Como pano de amostra do "pensador", aqui vai esta terrível frioleira:

"Os homens que nas revoluções defendem princípios e não pessoas, os que desejam o bem da humanidade, quase sempre são vítimas dos malvados, ou são constrangidos a representar um papel passivo nos acontecimentos da revolução. Se indagássemos bem as origens dêstes sucessos, talvez não descobríamos outra senão a falta de instrução do povo". (69)

Mas é sobretudo como poeta da Revolução que êle há de ser considerado. Cultivou a ode sáfica, à maneira de Filinto Elísio (inclusive na dureza da forma e nas inversões oracionais), tendo com o seu modelo mais uma afinidade — era um gênio intratável. Negando à poesia o seu primeiro fundamento — a sugestão — quis fazer dela uma arma muito acerada e muito objetiva. Vejam, por exemplo, aonde foi êle buscar, em que doce pensamento ou imagem, a epígrafe para uma de suas odes; do mesmo Filinto Elísio, escolheu apenas isto:

"A verdade, a só única verdade
Soube inspirar-me o canto." (70)

Como o seu mestre português, passeia pela mitologia; político, cita abundantemente os franceses e americanos liberais,

(68) Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena nasceu em Rio Pardo a 23 de novembro de 1809; ali faleceu em 13 de junho de 1893. Deputado à Assembléia Constituinte da República Rio-grandense; jornalista, poeta, professor público, polemista, propagandista republicano; promotor-público, durante trinta anos, na comarca de Rio Pardo, onde exerceu também a advocacia. Deixou inéditos, reunidos em *Obras Completas*, coligidas, anotadas e precedidas de um estudo por Dante de Laytano — Rio, Papelaria Velho, 1933.

(69) *Obras Completas*, pág. 261.

(70) *Obras Completas*, pág. 77.

combate a escravidão e sonha a república. Havia nêle, porém, no seu temperamento ouriçado, na sua orgulhosa austeridade, algo de um Catão ressentido, de modo que infundiu a tôdas aquelas boas causas, como poeta, um travo de amargura e desilusão. O seu personalismo indomável levou o mestre-escola que êle foi a tratar por cima, com pouca indulgência, os contemporâneos e mesmo os companheiros de revolução, como vimos linhas atrás. Na cidade de Rio Pardo viviam à época outros irmãos e parentes do poeta; todos gozavam de boa situação social, mas em tôrno de Sebastião, chefe intelectual do clã, gravitaram submissos. A fama de que gozava a família, o perigo que suas idéias liberais representavam para a ordem, na província convulsionada, de modo a atrair sôbre êles a animosidade dos legalistas — tudo serviu ao renome que a figura do poeta político desfrutou entre seus coestaduanos. Hoje, porém, que a sua obra — pelo menos a maior parte dela — se acha publicada, quando podemos analisá-la a frio, desapassionadamente, o artista perde todo o relêvo, enquanto o homem batalhador ganha novos foros de bravura moral.

Ao passo que seu irmão Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Mena, (71) morto durante a campanha, é um dos nossos poetas mais perfeitos da primeira metade do século XIX. Morreu aos 32 anos, tendo passado quase dois lustros sob armas, em ação de guerra. Conhecemos, de sua lavra, um único soneto; na sua estrutura, cadência e rima, palpita o arcaísmo da forma, o seu amaneirado, a sua delicadeza, o seu impessoalismo. E tanto quanto se podia exigir de um homem de guerra, no Rio Grande convulsionado de então, o soneto é admirável:

“De Liza o terno amante ausente estava
quando cheio de amor foi debuxando
num painel sua imagem, que a beijando,
de lágrimas as faces inundava.

(71) Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Mena (Coronel), militar de carreira, natural de Rio Pardo (?), onde verificou praça no Regimento de Dragões em 1819. Desligou-se do Exército Imperial, no posto de Tenente, em 1832, tendo antes participado de vários combates no Prata. Presidiu em Rio Pardo a *Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional*, criada em oposição à *Sociedade Militar* e ao partido restaurador. Ferido durante um ataque, nas cercanias de Pôrto Alegre, faleceu a 18 de julho de 1836, aos 32 anos. (Dados extraídos de Aurélio Pôrto, *Processo dos Farrapos*, I, 406-7 e da biografia publicada no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* para 1899, págs. 97 - 100.

Eu vejo Citeréia: assim falava
ao ir de Liza o rosto copiando.
— Êstes olhos formosos vão matando,
dizia, quando os olhos retratava.

— Eis aqui o primor da gentileza
formando o corpo, disse, que acumula
as delícias mais sãs da natureza.

Chega ao ponto que mais o congratula;
vai pintar, quando, ó Céus! na doce emprêsa
treme o quadro, a mão pasma, a voz tremula.”

A seu lado, fazendo-lhe boa companhia, deve figurar João Machado da Silveira. (72) Numa “epístola” dirigida a Sebastião Xavier do Amaral Sarmiento Mena, agradecendo ao amigo versos que recebera, lamenta não poder “seguir teus influxos”; diz que

“Os públicos grilhões, com que o destino
Meus pulsos algemou, tiram-me a glória
De afoito empreender altas proezas.”

e termina, com elevação, beleza de forma e sonoridade:

“Se, neste baixo estado em que me vejo,
Por acaso a fortuna me ofertasse
Ricos palácios, o diamante, o ouro,
E um milhão de soldados a meu lado,
Dispostos, resolutos na obediência
Das ordens e decretos que eu ditasse;
Que devia fazer? Devia acaso
Desprezar isto tudo, e ir meter-me
Em feia solidão, em triste aldeia?
Aprazível porém, a todos quantos
Não puderam, como eu, alcançar tanto,
Minhas fôrças medindo e meu talento,
Seria uma demência, uma estultície,
Aspirar cousas grandes, que não podem
Ter nenhuma firmeza e segurança.
De sobejo conheço quão distante

(72) Pouco se conhece de sua vida. Aurélio Pôrto, *Notas ao Processo dos Farrapos*, I, pág. 454, esclarece que era tenente do 2.º Corpo de Cavalaria do Exército estacionado em Bagé. Natural de Rio Pardo, neto paterno de um casal de ilhéus povoador da região.

Eu estou de alcançar essa fortuna,
 Que a muitos elevou por fáceis meios.
 E, portanto, que mais devo esperar?
 Qual hoje me será mais aprazível?
 O descanso, o retiro dos empregos,
 Fugir do tempo mau, viver seguro
 Entre os braços da espôsa, entre os filhinhos,
 Os meios procurando com que possa
 Educá-los, fazê-los venturosos,
 E seguir estas regras eu pretendo
 Enquanto tiver vida, enquanto a pátria
 Asilo para tanto me fôr dando.
 Se os poéticos dons que em ti diviso
 Os tivera igualmente, tu verias
 Que, imitando a Camões, Filinto, Elmano,
 Em lira sonora, em doce estilo
 O teu nome elevara além dos tempos,
 Afetuoso rendendo aos versos teus
 Os devidos encômios que merecem.” (73)

Frederico Augusto do Amaral Sarmento Mena (74) cultivou o gênero poético menor. Caricioso, terno, compôs quando vivia na Côrte, deportado, um poema em quadras, — *Ausente da Pátria*, — ao gôsto popular, que assim termina:

“Quem ama sinceramente
 A terra que o viu nascer,
 Longe dela desterrado
 Não pode alegre viver.

Um só instante se passa
 De minha mesquinha vida,
 Que não me lembre de ti,
 Ó minha pátria querida!

(73) Apud Alcides Lopes Miller, lugar cit., págs. 228-9.

(74) Deportado em 1836 para o Rio, com um irmão, por esposar idéias republicanas, só voltou após a pacificação. Sentando praça, na Côrte, fêz o curso de engenheiro militar. Deputado à Assembléa Provincial em várias legislaturas; participou da campanha contra Rosas. (cf. Aurélio Pôrto. *Notas ao Processo dos Farrapos*, 408-9). Além da *Refutação do General D. César Dias à parte do Sr. Barão de Pôrto Alegre sobre a batalha de Monte Caseros, traduzida e publicada com várias notas, Rio Grande*, 1853, deixou poesias avulsas, que nunca foram reunidas em volume. V. sua biografia no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande* para 1899, de Alfredo Ferreira Rodrigues, págs. 203-6.

Se não vou atualmente
 Por ti meu sangue ofertar,
 Unido com meus patrícios
 A tua causa ajudar,

É para ser-te algum dia
 Do que hoje mais proveitoso:
 Só êstes nobres desejos
 Domam meu gênio fogoso.

Meus votos são pela pátria,
 É dela meu coração;
 Só vendo a pátria ditosa
 Eu terei satisfação.”

Coplas simples, mesmo incorretas, são entretanto *A Canção do Exílio* dos farrapos — sem a beleza da de Gonçalves Dias, que viria depois, mas denunciando o mesmo sentimento de sincero amargor, compensado, porém, de forma viril, pela certeza de que voltaria à terra natal para lhe ser útil em outras circunstâncias. Frederico realizou a sua generosa antevisão de moço: foi uma das figuras mais ilustres do partido liberal; lutou contra Rosas; morreu na tribuna da Assembléa Provincial, defendendo o seu partido.

Mas a outro soldado, Francisco Pinto da Fontoura, coube o epíteto de *Poeta dos Farrapos*, (75) além dêste apelido doce-mente familiar — *Chiquinho da Vovó*. O primeiro lhe veio talvez por ter composto uma das três versões da letra do *Hino Republicano rio-grandense*, cantado ao som de uma valsa de Strauss, afeiçoada ao compasso marcial pelo maestro Joaquim José Mendanha, de Rio Pardo. (76)

A letra de *Chiquinho da Vovó* tornou-se a mais popular. É esta:

“Como a aurora precursora
 do farol da divindade,
 foi o Vinte de Setembro
 precursor da liberdade.

(75) Francisco Pinto da Fontoura, natural de Alegrete, era irmão de Antônio Paulino (V. nota 77), com êle lutou pela revolução; compôs umas quadras para serem cantadas com a letra arranjada pelo maestro Joaquim José Mendanha, de Rio Pardo, e ficou a partir daí conhecido com o epíteto de “Poeta dos Farrapos”. Advindo a República, o Estado adotou como oficial o Hino Farroupilha.

(76) V. Aurélio Pôrto, obra citada, I, 471-7.

Mostremos valor, constância,
nesta impia, injusta guerra,
Sirvam as nossas façanhas
de modelo a tôda a terra.

Entre nós reviva Atenas
para assombro dos tiranos;
sejamos gregos na glória
e na virtude romanos.

Mostremos valor, constância,
etc.

Mas não basta pra ser livre
Ser forte, aguerrido e bravo;
povo que não tem virtude
acaba por ser escravo.

Mostremos valor, constância,
etc.”

Antônio Paulo da Fontoura (77) chegou a pôsto eminente no govêrno da ousada república dos farrapos. Mas o seu nome vem para estas páginas por ter sido hábil repentista, segundo a tradição.

Quase nada se conhece, porém, de sua autoria, ou porque seus originaes se perdessem, ou porque o poeta repentista não se houvesse dado ao trabalho de escrever o que improvisava. Em 1828, antes pois da revolução, dedicou um bom sonêto a Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena. (78)

Serafim Joaquim de Alencastre (79) é uma personagem revolucionária sôbre quem pesa desconhecimento quase completo. Sabe-se, porém, que foi êle o autor da primitiva letra do *Hino*

(77) Antônio Paulo da Fontoura, conhecido por Paulino da Fontoura, ou Antônio Paulino, foi vice-presidente da República Rio-grandense e morreu assassinado em Alegrete. Irmão de Francisco Pinto da Fontoura, citado linhas atrás.

(78) V. *Obras Completas* de Sebastião Xavier, citadas, pág. 7.

(79) Acêrca do combatente farroupilha Serafim Joaquim de Alencastre, pouco se conhece. Do *Processo dos Farrapos* consta um Alferes do 4.º Corpo de Cavalaria, à época da Revolução, com igual nome. O poeta aparece, porém, como capitão nos documentos posteriores àquele.

dos Farrapos, composta (e a última quadra o revela) para celebrar o combate de 30 de abril em Rio Pardo:

“No horizonte rio-grandense
Se divisa a divindade,
extasiada em prazer,
dando viva à liberdade.

Da gostosa liberdade
brilha entre nós o clarão;
da constância e da coragem
eis aí o galardão.

Avante, ó povo brioso,
nunca mais retrogradar,
porque atrás fica o abismo
que ameaça vos tragar.

Da gostosa liberdade
etc.

Salve o Vinte de Setembro,
dia grato e soberano
aos heróis continentistas,
ao povo republicano.

Da gostosa liberdade
etc.

Salve, ó dia venturoso,
risonho Trinta de Abril,
que os corações patriotas
Encheste de gostos mil.”

Era ainda capaz de versos mais encorpados, como se vê dos que compôs em louvor de Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena. Assim principia o poema:

“Se as Musas, caro amigo, demandassem
Asilo virtuoso entre os humanos,
Decerto que ansiosas e anelantes
Teu peito buscariam.

Se Apolo ind'outra vez do céu baixasse
Frustrando as iras do tonante Jove,
Jamais volvera, se te conhecesse,
Ao seu assento antigo.

Com vivo assombro serão sempre ouvidos
Os nobres feitos da linguagem tua,
Cravando Clio nos anais das eras
Nomes tão respeitáveis.

Gênio fecundo, que o teu ser exalta,
Te dá glória maior, mais clara fama
Que aquelas que derivam das vitórias
D'eróis conquistadores." (80)

E continua no mesmo tom, graxosamente ditirâmico.

José Pinheiro de Ulhôa Cintra, (81) um dos pró-homens da revolução, poetou também sôbre um dos feitos das armas rebeldes — o ataque infrutífero, mas tenaz, que fizeram à vila de São José do Norte e no qual pereceu o Major José Inácio Pereira. Tais versos indicam, sem dúvida, algum trato mais íntimo com a poesia, como se vê da primeira quadra:

"Vulcões de fogo o bronze vomitava.
Em terra e mar, ensangüentada morte,
Alçando a dura mão no aflito Norte,
Cadáveres sem conta montava." (82)

Antônio Manuel Corrêa da Câmara, se não é o mais inspirado, foi o mais culto dos poetas que viveram no ciclo farroupilha. Conhecemos dois trabalhos poéticos seus: uma ode recitada em Montevidéu, em homenagem ao Barão da Laguna, e um soneto de exaltação a Domingos José de Almeida, pró-homem da república rio-grandense. O verso não lhe escorria da pena fluentemente; era duro e sêco. Mas, apesar de tudo, Câmara revelou uma força, um ímpeto admiráveis, sendo que na sua ode atinge a momentos de grande vibração, muito próxima do tom épico. (83)

Antônio da Silva Neves Piranga (84) afina pelo diapasão dos poetas patrióticos. Dêle conhecemos um soneto — Ao 7

(80) *Obras Completas* de Sebastião Xavier, pág. 18.

(81) Nasceu em Minas Gerais. Participou da Revolução Farroupilha. Foi, sucessivamente, alferes de linha, coronel, 1.º ministro da Justiça e dos Estrangeiros, ministro da Guerra, da Marinha e Exterior da República Rio-grandense, de cuja constituição foi um dos redatores. Membro da Assembléia Legislativa da Província em 1836.

(82) *Apud* Miller, lugar cit., pág. 225.

(83) Sôbre o prosador, veja nota 52.

(84) Em *Notas ao Proc. dos Farrapos*, vol. I, pág. 479, refere Aurélio

de Abril, (de 1831) — que não abona os seus foros de poeta, se é que os teve.

José Gonçalves Lopes Ferrugem, (85) citado páginas antes, é também um dos poetas farroupilhas sôbre os quais pouco se conhece.

Joaquim Antônio de Borba (86) parece ser o mesmo alferes reformado a que se alude no "*Processo dos Farrapos*". Conhecêmo-lo pelos elogios que lhe faz Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Mena: "Borba conspícuo, vate arguto" e quejandos exageros. Os poemas de tal grande homem não chegaram até nós...

Antônio Vicente da Fontoura, (87) sem embargo de suas excepcionais virtudes cívicas, foi antes um versejador. Escreveu, entretanto, para se desabafar, já na maturidade, quando andava fora de casa, prêso às últimas desventuras do exército rebelde, e isso torna perdoáveis os seus desregramentos líricos. Mas o seu *Diário*, que vai estudado em outra parte, é um documento interessantíssimo.

A êsse grupo de homens que, como vimos, se fizeram notar sobretudo pela ação, sendo a poesia, para êles, um veículo de seus mesmos ideais políticos, juntam-se no mesmo período nomes femininos — Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Maria Josefa Barreto e Clarinda da Costa Siqueira.

Pôrto uma pessoa dêsse nome, "natural do Pôrto, de Senhor do Matosinhos". A pág. 495 publica uma lista de presos enviados para o Rio, onde consta pessoa do mesmo nome, "natural da Córte, com 38 anos", etc. Será a mesma? Em 1839 Antônio da Silva Neves Piranga é anistiado. *Obra cit.*, II, págs. 271 - 72.

(85) O que se sabe de sua vida é uma falcatrua. No Rio, apropriou-se, por empréstimo, de cinco contos de réis, produto da herança paterna que Manuel de Araújo Pôrto Alegre destinava a custear sua viagem de estudos à Europa — e não os restituiu, sujeitando o conterrâneo e primo às maiores aflições. — V. De Paranhos Antunes, *O Pintor do Romantismo*, Zélio Valverde, Rio, 1943 — pág. 47 - 48.

(86) V. *Processo dos Farrapos*, I, pág. 350 (notas de Aurélio Pôrto).

(87) Nasceu em Rio Pardo a 12 de junho de 1807 e faleceu em Cachoeira a 20 de outubro de 1860, em consequência de ferimentos recebidos por motivos políticos, no interior de uma igreja, durante a eleição de setembro anterior. Foi ministro da República Rio-grandense e negociou a paz que pôs têrmo à guerra civil. Dêle diz Aurélio Pôrto: "Nos últimos dias da República, quando os caracteres vacilavam, enodoando-se na causa das conveniências pessoais, fascinados pelo ouro que Caxias derramava, Fontoura como Canabarro e poucos mais farrapos austeríssimos e dignos, salvam com a sua dignidade, com a sua honra, com os seus princípios republicanos, a glória dos legionários de 35. Fontoura é um símbolo de pureza inconfundível." (Notas ao *Processo dos Farrapos*, I, 483.

As duas primeiras, por se terem destacado de seus contemporâneos, serão estudadas mais adiante, em capítulo especial, e bem assim, Clarinda da Costa Siqueira, que pertence a uma fase distinta, a da introdução do processo romântico nas letras rio-grandenses.

Enquanto a irrequieta, viril Maria Josefa⁽⁸⁸⁾ deve ficar aqui, em companhia dos poetas farroupilhas, dentro da atmosfera belicosa em que viveram. O seu coração feminino pouco fala de amor. Ela se coloca a serviço do Império, contra os rebeldes de Bento Gonçalves. Não se deixa contagiar pela exasperação romântica com que os farrapos lutam contra o poder central.

Natureza assim, naqueles tempos, só mesmo dentro da moldura do arcadismo conseguiria exprimir-se. Foi o que fêz nos seus sonetos. Num dêles, publicado anos depois na revista "Guanabara", chama D. João VI de "o grande filho da imortal Maria" e supõe a inveja de Lísia, "envolvida em pranto", ao ver o rei bragantino imortalizado na América... Tudo, nela, está longe de anunciar doçura ou visão subjetiva. A sua mansidão rimada é mero disfarce que a escola lhe impôs à natureza agreste.

No seu jornal, que trazia o estranho título de *Belona irada contra os sectários de Momo*, e ainda na *Idade de Ouro*, redigido por ela e por Manuel dos Passos Figueirôa, essa brava mulher sempre quis competir com os homens. Feminista avançada, sim, mas poetisa medíocre.

A prosa

A prosa literária pouco progrediu, durante êsse período. Estudando-o, não encontramos nenhum ficcionista, como é compreensível, dadas as condições peculiares da cultura rio-grandense de então, mas apenas certos espíritos curiosos ou bem informados que se decidiram a deixar aos pósteros o registro de fatos ou observações concernentes à geografia, à vida econômica e administrativa, bem como à própria história que se escrevia, com sangue e ímpeto, naqueles dias conturbados.

No fragor mesmo da luta, a rebelião encontrou, assim,

(88) Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto, literariamente Maria Josefa Barreto, nasceu em Viamão, 1775. Casou com Manuel Inácio Pereira Pinto, primeiro carcereiro da cadeia de Pôrto Alegre, o qual respondeu a processo por ter deixado fugir um prêso e, condenado, desapareceu para sempre. (Cf. *Notas* de Aurélio Pôrto ao *Processo dos Farrapos*, II, 354 - 355.) Escreveu elogios dramáticos e várias poesias, ainda não reunidos em livro. V. biografia na revista *Guanabara*, II, pág. 105; Blake, *Dic. Bibliográfico*, VI, 233.

os seus apressados intérpretes e comentadores, um dos quais, o mais tarde conselheiro Rodrigo de Souza da Silva Pontes, produziu obra notável, pelo estilo, clareza e finos dons de observação. Pontes, natural da Bahia, ocupava o cargo de juiz em Rio Pardo quando foi colhido pelos acontecimentos de Setembro. Mais tarde, em 1844, a pedido do Imperador, escreveu o seu apaixonante e apaixonado depoimento, a que nossos historiadores, de Alfredo Ferreira Rodrigues a Varela e Aurélio Pôrto, têm oferecido as mais veementes contraditas.

Os filhos da terra, apesar das ligações afetivas, de certo modo impiedentes da franqueza com que se exprimiu o magistrado baiano, não se furtaram a depor honestamente, de modo que podemos hoje acompanhar de perto os sucessos revolucionários através dos relatos que nos deixaram alguns dos mais categorizados mentores ou partícipes da rebelião.

Está neste caso o prestante Antônio Vicente da Fontoura, que tudo deu, inclusive as poucas letras que aprendera na escola primária, à causa rio-grandense. Deixou-nos êle um excelente *Diário*, narrativa despretensiosa, fiel e dramática, do prolongado ocaso de Piratini. Escreveu-o de 1.º de janeiro de 1844 a 22 de março do ano seguinte, sob a forma de correspondência dirigida à espôsa, de quem se achava ausente, em razão dos episódios que relata. O desataviado da linguagem, os incidentes miúdos, as preocupações do homem de bem, a interpretação dos fatos, tudo tem valor, tudo se conjuga para realçar a fibra moral daqueles homens que por um decênio pelejaram sôzinhos.

Fontoura é também autor da muito louvada *Memória sobre a Revolução de 1835*.⁽⁸⁹⁾

Não é menos valioso, já sob outro aspecto, o das operações militares, o *Diário de uma Fôrça Revolucionária*, iniciado em 24 de março e terminado em 12 de setembro de 1844, da autoria do Major Francisco Lopes Leiria.⁽⁹⁰⁾

Memorialistas dignos de leitura são Lôbo Barreto, João Fagundes e Sebastião Ferreira Soares, para os quais Ferreira Rodrigues, seguindo a trilha de Antônio Álvarez Pereira Coruja, despertou a atenção dos estudiosos no seu *Almanaque Literário e Estatístico*, que tantos serviços prestou às letras históricas, por divulgar inúmeros ensaios e documentos, escritos uns e co-

(89) O *Diário* foi publicado, na íntegra, por Alfredo Ferreira Rodrigues, que lhe acrescentou cuidada biografia do autor, no *Almanaque Literário e Estatístico do R. G. do Sul* para 1910. V., sobre a *Memória*, o mesmo *Almanaque* para 1906, págs. 143 - 154.

(90) Divulgado e anotado por Aurélio Pôrto nas *Publicações do Arquivo Nacional (Processo dos Farrapos)* — Rio, 1937, págs. 500 - 540.

ligidos outros, durante longos anos, por seu benemérito organizador. (91)

Já no último quartel do século, ainda não extintas as paixões suscitadas pelo decênio farrapo, apareceram dois relatos muito discutidos. O primeiro é a *Guerra Civil do Rio Grande do Sul*, da autoria do conselheiro Tristão de Alencar Araripe, ilustre magistrado e político cearense que ocupou a presidência da província e aqui coligiu abundante documentação, visando sobretudo à defesa da legalidade. (92) Os críticos da *Guerra Civil* ressaltam a incompreensão com que o grave conselheiro apreciou a conduta e o idealismo dos rebeldes. Se bem que Araripe, da privança de Pedro II, que lhe confiou altos postos administrativos, não tenha revelado a isenção própria do historiador, a memória por êle escrita não deve ser olvidada, exatamente pelo tom faccioso de que se reveste.

Outro livro indispensável é a *Memória sobre a Revolução de 1835*, redigida na velhice por Francisco de Sá Brito, quando já retirado da atividade pública, na sua estância da campanha, (93) até onde chegaram as ressonâncias do verdadeiro processo verbal a que fôra submetido, perante a opinião pública, o seu nome ilustre. Pois Sá Brito, embora fôsse um liberal e julgasse confessadamente que as franquias e reformas do sistema por êle adotado deviam implantar-se por meios pacíficos, acompanhou os revolucionários, aceitou a sua eleição para deputado à Constituinte e exerceu as funções de ministro e secretário da efêmera república até fevereiro de 1845. Os mais exaltados não lhe perdoaram a contradição. Na *Memória* citada, produz a sua defesa, que é ao mesmo tempo um corte vertical nas convicções ideológicas dos seus companheiros e dos adversários.

(91) V. a transcrição dos trabalhos de Lôbo Barreto e Ferreira Soares nas *Publicações do Arquivo Nacional*, vol. XXXI, (III) do Processo dos Farrapos), págs. 271-374. Lôbo Barreto era português, mas viveu durante largo tempo no R. G. do Sul. Ferreira Soares, natural de Piratini, escreveu também relatórios e memórias sobre organização do serviço público.

(92) N. em Fortaleza (Ceará), a 26 de agosto de 1821 e faleceu em 1908. Magistrado e político. Presidiu a província do R. G. do Sul e escreveu inúmeros trabalhos sobre direito, administração e história pátria.

(93) Francisco de Sá Brito nasceu em Pôrto Alegre a 18 de junho de 1808, de ascendência açoriana, e faleceu a 14 de julho de 1875. Estudou em Coimbra e na Academia de S. Paulo, por onde se diplomou. Magistrado, político, administrador, exerceu também o jornalismo na capital. Foi deputado à Assembléia Provincial e nesse posto foi colhido pela rebelião. Afastou-se da vida pública em 1850; de 1870 a 1875 escreveu a *Memória da Guerra dos Farrapos*. V. ed. com prefácio, introdução biográfica e notas de Paulino Jacques, Gráfica Editôra Souza, Rio, 1950.

A imprensa

Como vimos, de todos os nomes citados neste capítulo, poucos subsistem sem que os liguemos, de algum modo, às causas e conseqüências da insurreição farroupilha. Fizeram êles arte literária? Talvez não se lhes possa pedir tanto. Foram, antes, testemunhas de um estado de inquietação literária coincidente com o de ordem política. E isto, precisamente, é que os torna estimáveis: a participação que tiveram no despertar da consciência provincial, o relêvo com que atuaram, a parte que lhes coube nos desvirtuamentos, esperanças ou conquistas do espírito nacional em formação.

Qualquer que tenha sido o motivo que lhes armou o braço e moveu a rude pena contra a ordem imposta do Centro ao Rio Grande, os liberais farrapos obrigaram o novo Império a sobreexceder a si mesmo, para superar as crises da Regência e da Maioridade; experimentaram-no em um de seus pontos críticos — a raia meridional, ameaçada sem pausa pelo caudilhismo platino. Ademais, chamaram a atenção da Côrte para a província esquecida, onde se iria forjar, em dez anos de peleja, perfeita consciência da unidade nacional, como a que opusemos às pretensões paraguaias, algumas décadas após.

No complexo de tais acontecimentos, coube à imprensa, apenas criada em 1827, uma importância até hoje não estudada com a necessária amplitude. Excitando os ânimos, criando rebeldias onde havia conformidade, pregando obstinadamente ideais de inspiração republicana, traduziu menos do que orientou a inquietação gaúcha, a caminho do surto rebelião.

Era então o Rio Grande do Sul uma das mais novas e menos populosas províncias do Império. Entretanto, apenas instalada, a imprensa teve aqui um surto extraordinário, dificilmente igualado, no mesmo período, em outras regiões brasileiras. E em todos os jornais, da capital como do interior, predominava o tom polêmico, o partidarismo faccioso, dividindo as opiniões entre liberais e restauradores, aqueles adeptos de um nacionalismo extremado, jacobinos violentos, enquanto êstes, na maioria portugueses, ou ligados aos restauradores, se opunham ao jacobinismo e à violência dos patriotas. Os liberais eram tachados de pedreiros-livres, "discípulos de Evaristo", e os segundos odiados como o espelho do ultramontanismo português.

Êste o divisor de águas, assinalado nitidamente pelos órgãos de imprensa da província, os quais gozavam da mais ampla liberdade de opinião, chegando mesmo a excessos de linguagem só compreensíveis pela tolerância com que se resguardaram, à época, os prelos recém-introduzidos no país.

Testemunha presencial das ocorrências pré e pós-revolucionárias, o lúcido Rodrigo de Souza da Silva Pontes atribuiu à “requintada demagogia” com que na imprensa se pregavam idéias democráticas uma das causas do levante. (94) Mas, se os companheiros de Bento Gonçalves, se os mentores da rebelião se excediam, assim também os jornalistas fiéis ao governo do Império. Se o *Recopilador Liberal*, do impávido Magalhães Calvet, era exaltado antagonista da Coroa, primava pelo excesso, do outro lado, *O Inflexível*, dirigido por Joaquim José de Araújo. O próprio *Correio Oficial de Província de S. Pedro* não se poupava demasias, traduzindo a animosidade destabocada do governo local.

Ambiente carregado, facções rivais poderosas, liberdade ampla de palavra, tanto bastou para que a imprensa nascente logo se expandisse, dada a curiosidade suscitada por suas catilinárias e diatribes. Circularam nesse período, entre outros, de que não logramos informes dignos de crédito, os seguintes jornais na província:

Em Pôrto Alegre: *Diário de Pôrto Alegre*, o primeiro órgão que se publicou na província (1827-1828); *O Constitucional Rio-Grandense* (1828-1831), *O Amigo do Homem, e da Pátria* (1829-1830), *A Sentinela da Liberdade* (1830-1837), *O Continentino* (1831-1833), *O Correio da Liberdade* (1831), *O Compilador de Pôrto Alegre* (1831-1832), *O Anunciante* (1832-1835), *O Recopilador Liberal* (1832-1835), *O Inflexível* (1832-1834), *Themis* (1833-1834), *Idade de Ouro* (1833-1834), *Idade de Pau* (1833-1834), *Belona* (1833-1834), *Inexorável* (1833-1834), *o Republicano* (1834), *O Pobre* (1834), *O Federal* (1834), *Sete de Abril* (1834), *Democrata Rio-Grandense* 1834), *Eco Pôrto-Alegrense* (1834-1835), *Correio Oficial da Província de São Pedro* (1834-1835), *Mestre Barbeiro* (1834-1835), *O Continentista* (1835-1836), *O Avisador* (1835), *O Quebra Anti-Evaristo* (1835-1836), *O Mensageiro* (1835-1836), *O Legalista* (1836), *O Justiceiro* (1836), *A Gazeta Mercantil* (1836), *Colono Alemão* (1837), *Campeão da Legalidade* (1837), *O Artilheiro* (1837).

(94) Pontes era magistrado, não sendo estranhável a sua opinião. Mais expressivo é o testemunho de Antônio Manuel Corrêa da Câmara (v. nota 52), prócer da república rebelde: “Tudo deve esperar-se finalmente, de um povo, que atravessando a cega mal conduzida guerra civil de seu país, que a todo momento provocado pelo exemplo contagioso de tantas outras províncias, que constantemente arremessadas para o charco imundo da brutalidade, imoralidade, impudor, e desenvoltura da asquerosa imprensa brasileira (*aliquanta exceptione concessa*)... — M. C. da Câmara, *Ensaio Estático* — apud Aurélio Pôrto, *Anais do Itamarati*, II, pág. CLXIII.

Na cidade do Rio Grande, apareceram êstes: *O Noticiador* (1832-1835), *O Observador* (1832-1834), *O Propagador da Indústria Rio-Grandense* (1833-1834), *O Mercantil do Rio Grande* (1835-1840), *O Liberal Rio-Grandense* (1835-1836).

O governo revolucionário teve imprensa própria, onde editou, sucessivamente, os seguintes órgãos oficiais:

O Mensageiro, em Pôrto Alegre, de 22-3-1836 a 3-5-1836, durante o governo rebelde de Marciano Pereira Ribeiro. Redator: Vicente Xavier de Carvalho.

O Povo, jornal político, literário e ministerial da República Rio-Grandense, redigido por Luiz Rossetti, italiano, e Domingos José de Almeida, natural de Minas, ministro da república. Editado em Piratini (1-X-1838 a 2-II-1839).

O Americano — periódico oficial, político e literário, editado em Alegrete, durante a permanência, ali, da sede do governo (9-1842 a 1.º-III-1843).

Estrêla do Sul — também publicado em Alegrete, a partir de 4 de março de 1843. (95)

(95) O “Museu e Arquivo Histórico do R. G. do Sul” (Museu Júlio de Castilhos) publicou, em *fac-simile*, a coleção completa dos jornais da República Farrroupilha — Liv. do Globo, P. Alegre, 1930. Sobre a imprensa rio-grandense, v. os seguintes: Antônio Álvares Pereira Coruja, *Antigualhas* — Tip. do Jornal do Comércio, P. Alegre, 1881; Alfredo Ferreira Rodrigues, *Notas para a história da imprensa no R. G. do Sul* — in “Almanaque Estatístico e Literário” para 1900, pág. 231; Alfredo Varela, *História da Grande Revolução*, Liv. do Globo, P. Alegre, 1933, I, 415 e IV, notas; Tancredo Fernandes de Melo, *Os primeiros jornais do R. G. do Sul*, in “Almanaque Popular Brasileiro”, 1905 e 1906; Nestor Erickson, *A Imprensa no R. G. do Sul, da Abolição à República*; idem, *Apostamentos para a história da imprensa no R. G. do Sul*, ambos in “Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia”, IV, págs. 2.165-2.186; João Pio de Almeida, *Gênese da Imprensa Rio-Grandense*, in “Comemorações em honra da Independência”, Of. Gráf. d’A Federação”, P. Alegre, 1923; Aurélio Pôrto, *Jornais publicados no R. G. do Sul de 1827 a 1837*, in “Publicações do Arquivo Nacional”, Processo dos Farrapos, II, págs. 319-367; Augusto Pôrto Alegre, *A Fundação de Pôrto Alegre*, 2.ª ed., pág. 240 e passim; Aurélio Pôrto, *Fundação da Imprensa Rio-Grandense*, in “Terra Farrroupilha”, I, págs. 216-236; Walter Spalding, *Exposição do Centenário Farrroupilha — A Imprensa e o livro no Pavilhão Cultural* — 1935; Scylla Soares da S. e Souza, *A imprensa em P. Alegre (1827-1889)*, in “Anais do III Congresso de História e Geografia”, Liv. do Globo, P. Alegre, 1937, págs. 1181-1202; Athos Damasceno Ferreira, *Jornais Críticos e Humorísticos de Pôrto Alegre no século XIX* — Liv. do Globo, P. Alegre, 1944. Sobre a imprensa em língua alemã, v. Aurélio Pôrto, *O Trabalho Alemão no R. G. do Sul*, Estabelecimento Gráfico Santa Teresinha, P. Alegre, 1934.

CAPÍTULO IV

PREPARAÇÃO AO ROMANTISMO

1. — O PRIMEIRO LIVRO RIO-GRAN-
DENSE: AS *POESIAS* DE DELFINA BENIG-
NA DA CUNHA. — 2. — PROSA E POE-
SIA DE ANA EURÍDICE EUFROSINA DE
BARANDAS. — 3. — A OBRA DE MANUEL
DE ARAÚJO PÔRTO ALEGRE.

CAPÍTULO IV

PREPARAÇÃO AO ROMANTISMO

1. — Delfina Benigna da Cunha ⁽⁹⁶⁾ recebeu na terra natal os primeiros rudimentos de instrução que foram a sua arma de combate. Quais fôsem, fácil é imaginar. A zona da Barra vivia em constantes tropelias: a cidade do Rio Grande, alvo das armas espanholas, ficava-lhe a dois passos, do outro lado do estreito. Embora filha de um capitão-mor, não deve ter tido maiores oportunidades para ilustrar-se, tanto mais que ficou cega aos vinte meses de idade. Contudo, essa pobre mulher é a primeira figura literária de alguma importância que surge nestas paragens. E é seu, do mesmo modo, o primeiro livro de versos que se publicou em prelos rio-grandenses. ⁽⁹⁷⁾

(96) Delfina Benigna da Cunha, cognominada a Cega, nasceu na estância do Pontal, Município de S. José do Norte, em 17 de junho de 1791; faleceu no Rio de Janeiro a 13 de abril de 1857. Devemos ao obséquio de D. d'Artagnan Carvalho os seguintes dados, que corrigem as imprecisões dos biógrafos de Delfina: "Era filha do Capitão Joaquim Francisco da Cunha, falecido a 30 de agôsto de 1825, natural desta Província, batizado na igreja de Nossa Senhora do Rosário, na vila do Rio Grande; era filho legítimo do Capitão João da Cunha e de Antônia Maria de Jesus. Casou com Maria Francisca de Paula e Cunha, de quem teve os seguintes filhos: 1. Pedro César da Cunha. 2. José Mariano da Cunha. 3. Francisco Augusto da Cunha, alferes. 4. Simeão Estelita Gomes da Cunha. 5. Joaquim Francisco da Cunha. 6. Maria Eufrásia da Cunha. 7. Maria Teodora da Cunha. 8. *Delfina Benigna da Cunha*, cega, e 9. Ana Raquel da Cunha." O Capitão Cunha, a quem Vasco de Araújo e Silva atribui o pôsto de capitão-mor e acrescenta o sobrenome "Sá e Menezes", era, pela origem, de boa cêpa portuguesa.

(97) Delfina Benigna da Cunha, *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*. Tipografia de Fonseca & Cia., rua de Bragança, 58 — Pôrto Alegre, 1834. Conhecemos mais as seguintes edições: *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses* — Tipografia Austral, Beco de Bragança, n.º 15 — Rio, 1838. (Há uma outra edição do mesmo ano, impressa na Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & Cia., rua do Ouvidor n.º 65. Escreveu também: *Coleção de Várias Poesias* dedicadas à Imperatriz viúva, Tip. Universal de Laemmert, rua do Lavradio, n.º 53 — Rio, 1846.

A sua poesia apresenta-se impregnada de melancolia e tristeza. A musa da desgraça é que a inspira. Aqui e ali não deixa, porém, de fazer poesia de ocasião; canta batizados, bodas e mortes, tudo isso com um largo dispêndio de encômios a amigos e protetores, revelando aquêlo oportunismo lamuriento e pegajoso dos cegos. Fora daí, a temática é já a dos românticos, preparada porém com os ingredientes próprios do arcadismo. Faltando-lhe a visão do mundo exterior, volta-se sobretudo para dentro de si mesma, para o seu desamparo de mulher bela e inválida. Os homens viviam em guerra. Só mesmo uma pobre mulher cega poderia fazer lirismo.

Mortos os pais, viu-se desamparada. Conquistou, porém, as boas graças de Pedro I, a quem se apresentara no Rio, em 1826, pedindo ajuda:

“Quem te fala, Senhor, quem te saúda
Não vê raiar de Febo a luz brilhante,
Dá-lhe pio agasalho um breve instante,
Seu fado imigo, em brando fado muda:

A sustentar o pêso assaz lhe ajuda
De uma vida, que à morte é semelhante,
Não chegue a ser aflita mendigante ⁽⁹⁸⁾
Quem um tal protetor roga lhe acuda.”

Noutro passo, agradece o benefício que o Imperador lhe prestara e admira-se da presteza com que foi atendida. ⁽⁹⁹⁾ Volta ao seu Rio Grande. De novo na Côrte, em 1829, diz ao imperante:

“A ti corro, Senhor, porque vivia
Saudoso (sic) por beijar-te a Mão Augusta,
O temido oceano não me assusta,
Nem me assusta d’Eolo a valentia:

Desprezo o seu furor com ousadia,
Porque longe de ti viver me custa;
Tua presença amável e venusta
Novc estro me dá, nova harmonia.”

São versos banais, como tantos outros da ofensiva rimada que a pobre moça desencadeia sôbre o Imperador, ainda

(98) Sic.

(99) Pedro I concedeu-lhe uma pensão, que Pedro II manteve (Cf Múcio Teixeira, *Os Gaúchos*, II, 87).

depois de morto, reveladores todos êles da nobreza do seu coração agradecido.

Cria-se talhada para a imortalidade, como o demonstra no sonêto em que festeja o natalício da Princesa D. Januária, filha de Pedro II:

“Enquanto o mundo a ver-Te se conspira,
E os brados solta em íntimo transporte,
Eu a triste, a mesquinha, empunho a Lira.

E a minha afrontando infausta sorte,
Por entre a multidão, que assaz me admira,
Com meu estro Te livro às leis da morte.”

A humildade com que Delfina apresentou aos leitores seu segundo livro, publicado na Côrte, mostra que vivia carente de recursos materiais. A sua condição de mulher, em pleno fastígio do patriarcado imperial, quando os homens reservavam o outro sexo exclusivamente para as delícias do gineceu, devia aumentar-lhe a insegurança: “Não é a glória quem me convida a fazer a presente publicação: nem posso ter pretensões a louvores; a minha obra os não merece, disso tenho consciência. Qual será pois o motor da audácia com que ao Público ofereço meus versos? Leitores, é a — necessidade! — A necessidade é o meu amor-próprio, eu nem posso ter outro. Filha do Rio Grande, aí, nos estragos gerais, eu padeci, e padeci muito: foi-me forçoso recolher ainda uma vez ao Rio de Janeiro: mas preciso viver! Tenho precisão de recursos, e eu peço recursos, oferecendo em troca o único trabalho de que é capaz quem é cega desde o berço!

“Êste pensamento é o único que devia estampar no frontispício desta obra, assim o fiz.” ⁽¹⁰⁰⁾

Na dedicatória de seu último livro, dirigida à Imperatriz viúva, assim fala:

“Êle, Senhora, as preces me acolhera
Nos meus amargos dias de desgraça,
A meu pesar e dores se mostrando
Um homem Deus que ampara o desgraçado.

.....
Inda amparo, Senhora, vos suplico,
Mórbida (sic) vate, errante, sem auxílio.”

(100) *Poesias oferecidas às Senhoras Rio-Grandenses* — edição da Tipografia Austral.

Morto Pedro I, diz que “por cruéis precisões apoquentada”, vagava sem guia, errante,

“Queixumes entregando aos surdos ares”

e que o seu estro se enfraquecera, gelada a

“... minha voz cansada, e rouca
De gemer entre os braços da amargura.”

O auxílio pecuniário da Coroa não bastava, talvez, à subsistência da poetisa, pois várias vezes se realizaram, no Rio, espetáculos em seu benefício. Em maio de 1840, no S. Januário, Delfina agradece ao público dizendo que ali comparecera tangida pela desventura, em busca de “sustento, paz e vida”. Em 1842 vemo-la de novo constrangida, implorando no mesmo teatro a caridade dos fluminenses:

“Hoje, qual uma tábua no oceano,
Abandonada ao ímpeto das ondas,
E perdida pra todos: — tal me vejo!...

Tudo careço, porque a luz é tudo,
Dai-me luz... dai-me luz; em vão vos peço...
Pois bem, o braço ao menos, e segura
Meus passos levarei à sepultura.” (101)

No Teatro São Francisco, de outra feita, tem êste desabafo:

“Nos vossos olhos acho os meus, que a sorte,
Tão desumana, me roubou na infância.”

Mas, para logo se arrepende de tal assomo de revolta íntima:

“Porém que digo, ó sumo Deus, perdoa,
Privando-me da vista, ó Deus, quem sabe
Se me isentaste de terríveis males
Que a vidame tornassem mais pesada?” (102)

Parece-nos sincera a mágoa íntima que externou. Sem embargo da simpatia que o seu defeito físico lhe granjeara na sociedade gaúcha de então, a poetisa surgira em má hora, numa fase de sangrenta agitação política. A Revolução Farrou-

(101) Obra cit., págs. 39-40.

(102) Obra cit., pág. 42.

vilha, num longo estágio de dez anos, mergulhara a província no luto e na insegurança. E a pobre ceguinha, a cantar as suas penas, a dizer que lamentava ter um só coração, pouco para tanto amor — o seu *Elmano*, talhado segundo o corte árcade. Aos homens que pelejavam nas cidades e na campanha seriam indiferentes os carmes dulçurosos em que a moça de São José do Norte invocava Cupido, celebrava o Nume, afrontava Eolo — em suma, repisava os temas e metáforas da poesia do século anterior.

E foi então que ela teve de emigrar para o Norte. Passou a viver no Rio; viajou pela Bahia e pelo vale do Paraíba, em suas cidades então dominadas pela “nobreza do café”, onde teria encontrado repouso e consolação nas casas solarengas. Nas cidades de Parati, Lorena e Campos, colheu muitas assinaturas para a publicação de seu último livro. Só na primeira dessas cidades obteve a contribuição de cerca de 130 assinantes, enquanto as da sua província natal, reunidas, não chegaram a 200. (103)

Compelida a asilar-se no Rio, (104) Delfina não poupou críticas aos revolucionários, sobretudo a Bento Gonçalves.

Causticou-o em versos que traduzem profunda repulsa ao glorioso chefe rebelde:

QUADRA

“Maldição te seja dada
Bento infeliz, desvairado,
No Brasil, e em tôda a parte
Será teu nome odiado.”

GLOSA

“A ti que um punhal violento
Cravaste na pátria aflita,
A ti a quem sempre irrita
Da virtude o luzimento,
A ti que dás o tormento

(103) Os livros do tempo se imprimiam geralmente para os assinantes e protetores do autor, e as páginas finais eram dedicadas a registrar-lhes os nomes. Assim o livro em referência.

(104) “Tendo rebentado a guerra civil na província (...) foi D. Delfina obrigada a procurar asilo no Rio de Janeiro, onde já havia estado por ocasião de dirigir-se ao Sr. D. Pedro I.” — Araújo e Silva, *Esboço Biográfico* de Delfina Benigna da Cunha, in *Rev. Mensal da Sociedade Partenon Literário*, 2.^a série, V, 1872, págs. 161 e segs.

Dessas infernais moradas,
Que tens feito desgraçadas
A mil famílias de bem
Do alto Céu como a ninguém
Maldições te sejam dadas.

Chovam sôbre ti os raios
Da Divina Providência
E seja tua existência
Passada em frios desmaios;
Nos mais cruentos ensaios
Sempre estejas engolfado,
Por querer do ímpio fado
Todos os males te assaltem
Té que os alentos te faltem
Bento infeliz, desvairado.

Recuse a terra ensopada
Em sangue, por ti, perjuro,
Dar a êsse corpo impuro
Uma obscura morada;
Tôda a gente horrorizada
Nem ousará nomear-te,
Ficando infeliz dest'arte
Teu nome sem fama, e glória
E de execrável memória
No Brasil, em tôda a parte.

Até mesmo os filhos teus
O seu opróbrio chorando,
Te irão amaldiçoando
Entre os ais e os prantos seus;
Verás contra ti um Deus
Por teus crimes irritado;
Como seguiste, malvado,
Dos ímpios todos os trilhos,
Até por teus próprios filhos
Será teu nome odiado." (105)

Quando Caxias pacificou a província, em 1845, Delfina escreveu sôbre o acontecimento estrofes de exultante entusiasmo. (106)

(105) *Poesias oferecidas às Senhoras Rio-Grandenses*, cit., págs. 145-146

(106) *Obra cit.* pág. 88.

Contudo, não se notam outros assuntos rio-grandenses em sua obra, que é parca de côr local, não apenas pela própria condição pessoal da autora, cega, senão também porque a poesia vigente não se dava a tais desfrutes...

Em alguns versos, os mais expressivos, porque não inspirados pelas musas de ocasião, atinge a notas de um subjetivismo perfeitamente aceitável; quando deixa falar o coração, quando refere a desdita que lhe selou os olhos, recobra o lirismo de feição gonzagueana, tão presente na produção dos poetas pós-românticos:

"Josina bela,
Eu vou louvar-te,
Ensaio a Lira
Para cantar-te." (107)

Ao que se infere das respostas e agradecimentos que lhes deu, em versos, Delfina foi louvada por muitos poetas do tempo, nenhum dos quais projetou seu nome até nossos dias. Uma de seus admiradores foi a poetisa mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão, que dirige uma *Epístola* à "ilustre colega", e na qual há versos assim:

"Ouvir-te, ver-te e amar-te,
Ser talvez por ti amada,
Eis o desejo mais vivo
Desta alma que te é votada." (108)

Os gêneros que cultivou foram vários: epístola, glosa, quadras, liras, sonetos, e a metrificacão empregada é bem mais perfeita, mais dentro dos cânones atuais do que a de muitos de seus predecessores, como Lôbo da Costa, por exemplo.

Há bondade e ternura humana em seus versos. O espírito meigo, a religiosidade, o gracioso abandono da mulher infeliz, mostram-se a cada passo. E êste soneto, se não é uma obra-prima, vale como documento da sua alma sofredora:

À Virgem Santíssima Senhora da Conceição

"Já toca o final têrmo, ó Mãe querida,
Augusta Imperatriz do Céu e terra,
De meus crimes imensos sinto a guerra,
Chorando o uso mau que fiz da vida.

(107) *Obra cit.*, pág. 35.

(108) *Obra cit.*

Atende-me, Rainha esclarecida,
O susto, a confusão, de mim desterra,
E se imenso poder em ti se encerra,
Presta-me auxílio, e não serei vencida.

Advoga por mim, Mãe adorada,
Na presença de um Deus Onipotente,
Para que dêle eu seja perdoada.

Por ti minha alma seja a Deus presente,
Porque sendo por ti apresentada
Não será confundida eternamente.”

Muito expressivo é este soneto, o mais conhecido de quantos compôs (e que anda, por sinal, transcrito por aí com muitas incorreções):

“Vinte vezes a lua prateada
Inteiro rosto seu mostrado havia,
Quando terrível mal que já sofria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o sol e o céu sendo privada,
Cresceu a par de mim a mágoa impia; (*sic*)
Desde então a mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natura,
E a fortuna, cruel sempre comigo,
Me negou tôda a sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve consigo;
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, sepulcral jazigo.”

Mas, somados os defeitos e qualidades de Delfina Benigna da Cunha, o saldo lhe é favorável, bastante para que a admiremos com ternura e compaixão, ou mesmo com espanto, em face da tenacidade com que ela, vencendo preconceitos, o ambiente, a cegueira, a pobreza, se criou uma reputação literária. O acervo poético da rio-grandense tem muita ganga impura, mas é justamente aí que se vai encontrar a verdadeira fisionomia moral da mulher afetuosa e infeliz, flor bizarra de um acampamento de guerra.

2. — Alguns anos depois da estréia de Delfina Benigna da Cunha, mas antes da divulgação, em livro, das *Brasilianas* de Manuel de Araújo Pôrto Alegre, surge outra mulher na literatura rio-grandense. É Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, (109) que na Capital publica — *A Filósofa por Amor*, voluminho delicioso, expressivo documento da época e da sensibilidade da autora. Esta se mostra aí cultivando vários gêneros — conto, poesia e crônica dialogada. No conto (deu-lhe a autora o nome de *alegoria*), prefere os tons suaves, a linguagem polida, as fantasias de cunho moral ao gosto do século XVIII. Suas pequenas histórias, como a *Queda de Safo*, ou *O Cinco de Maio*, com que fecha o volume, denunciam o amaneirado filosófico comum na literatura francesa daquela fase em que começava a tomar corpo o romance ocidental. Há também, para tornar mais perfeita a semelhança, certo didatismo no seu modo de apresentar tais alegorias, a que não falta sequer o vocabulário preferencial dos últimos arcaísmos. Por outro lado, freqüentemente aparecem ali, simbolizando paixões e desejos, as entidades mitológicas que no princípio do século anterior ainda serviam aos escritores para traduzir a fatalidade das situações e dos atos humanos.

Bastaria o que ficou dito para mostrar os muitos pontos de contato existentes entre Ana Eurídice e sua amiga Delfina. Mas há outros, traçados pelo destino. Tangidas ambas do Rio Grande pela Revolução Farroupilha, sofreram os mesmos pesares da luta fratricida. A prosadora, numa das peças do seu livro, intitulada *Uma lembrança saudosa* e escrita no Rio em 1838, evoca a sua infância passada em Belmonte — decerto uma das estâncias do Sul — e refere o ardor da luta entre farrapos e caramurus. Diz: “Ao fim de dezenove anos (em 1837) o meu vaticínio estava quase completo, res-

(109) Pouca cousa conseguimos apurar sôbre Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, cujo nome vem trocado no *Dic. Bibliográfico* de Sacramento Blake. O genealogista Jorge Godofredo Felizardo a nosso pedido, esclarece-nos em carta que ela nasceu em Pôrto Alegre; era filha do cirurgião Joaquim da Fonseca Barandas, natural da vila de Carapito, Portugal, e de sua primeira mulher Ana Felícia do Nascimento, esta natural de Viamão; foi casada com José Joaquim Pena Penalta. Na Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande, encontramos o seu livro, *A Filósofa por Amor*, exemplar a que faltam as dez primeiras páginas. O colofão diz: “Pôrto Alegre, 1845 — Tipografia de Isidoro José Lopes — Rua da Praia”. Esse exemplar foi recolhido por Abeillard Barreto àquela biblioteca. Blake, ao mencioná-lo, diz: “Nunca o vi”. Deve ser raríssimo.

tava-me apenas um pail... A guerra civil assolou o sítio, e Belmonte apareceu e sumiu-se da Província do Rio Grande, como um brilhante meteoro". (110) Não pára nessa página a sua lembrança do conflito armado. Nos *Diálogos*, (111) tomando por assunto a repercussão moral que tiveram aqueles acontecimentos, ela nos conta a transformação sofrida pelos hábitos domésticos, durante a revolução. Dentro do lar, as parcialidades políticas geravam lutas e dissensões, enquanto as próprias mulheres, outrora indiferentes a tais coisas, passaram a participar de tudo aquilo, embora perdendo as delicadezas do trato feminino, substituídas por preocupações e debates até então reservados aos maridos e filhos. E assim, fazendo crônica de costumes, a autora perpetuou em boa prosa aquêlê instante conturbado da vida gaúcha.

Poetisa, cantou igualmente ao feitio dos arcades, e nisso se parece também com a precursora Delfina Benigna da Cunha. Mais correta, porém, do que a poetisa cega, mais alerta às paixões, Ana Eurídice enfeixou no mesmo volume uns quantos versos sáficos, cuja filiação ao pastoralismo dos fins do século XVIII é visível ao primeiro exame. Leia-se êste soneto:

“Minha alma fria, e já desenganada,
Despida de ilusões a fantasia,
Em gostoso sossêgo aqui vivia
Dos prazeres do mundo já deixada.

Eis que por novo acaso sou tirada
Do profundo letargo, em que jazia;
Pela mais agradável simpatia,
Aos Elísios minha alma é transportada!

Magnético poder a ti me prende;
É só fria amizade? Não: eu minto;
Tanto fogo amizade não acende.

Que descubro! Ó Céus! Belo Filinto!
Que repentina luz me aclara e fende!
É amor... é amor que por ti sinto!” (112)

(110) Obra cit., pág. 45.

(111) Obra cit., págs. 49-64.

(112) Obra cit., pág. 33.

Ainda que se omita a poetisa, ficará sempre a prosadora, que soube contar com espírito, doçura e graça. E como ficcionista precede de vinte anos, com o seu livro, a *Iracema* de Alencar e a grande parte da obra de Macedo, vale dizer — surgiu antes de haver sido verdadeiramente criado, entre nós, o gênero romance. Só por êsse motivo merece destaque, além do que trabalhou uma prosa de boa categoria.

A *Filósofa por Amor*, de Ana Eurídice Eufrosina de Brandas, e as *Poesias* de Delfina Benigna da Cunha anunciam o desabrochar literário da província de São Pedro, em conjuntura social difícil, justamente quando o ofício das letras era quase defeso às mulheres.

3. — A personalidade de Manuel de Araújo Pôrto Alegre (113) é bem mais sedutora que sua obra literária. Raros homens exerceram no Brasil tão ampla e salutar influência, a um só tempo, nos mais diversos ramos da arte — a poesia,

(113) Manuel de Araújo Pôrto Alegre, Visconde de Santo Ângelo, filho de Francisco José de Araújo e Francisca Antônia Viana, nasceu na cidade de Rio Pardo em 29 de novembro de 1806; faleceu em Lisboa a 29 de dezembro de 1879. Acrescentou ao de família o sobrenome Pitangueira, que abandonou pelo de Pôrto Alegre. Aos dezesseis anos veio para a capital da província, onde aprendeu humanidades, trabalhou numa oficina de ourives e tentou rudimentos de desenho e pintura. Em 1826 embarca para o Rio; em princípio de 1827 matricula-se na recém-inaugurada Academia de Belas-Artes, onde conheceu a Jean-Baptiste Debret, de quem foi discípulo e grande amigo. Em 1829 (ano da primeira exposição pública de Belas-Artes no Rio e no país) vê premiados seus trabalhos de pintura e desenho arquitetônico, Estudou filosofia, anatomia, e fisiologia. Em 1830 comparece à segunda exposição com outros e mais importantes trabalhos; publica a *Ode sáfica*, dedicada a Debret, e que é, em ordem cronológica de publicação, a sua primeira produção em verso. Pinta o retrato de Pedro I e da família imperial; ganha o valimento do imperador. Após o 7 de abril, parte para a Europa, fixando-se em Paris (1831); chega em plena batalha do romantismo e convive com o exilado Almeida Garrett; estuda pintura. Estreita amizade com seu patrício, o poeta Gonçalves de Magalhães, e juntos partem para a Itália em 1834. Volta a Paris em novembro de 1835. Publica nessa cidade, com Magalhães e Gonçalves Dias, a revista *Niterói*, da qual saíram apenas dois números. Viaja pela Bélgica e Inglaterra; em Londres recebe carta de sua mãe pedindo-lhe que regresse (explodira a revolução farroupilha), o que faz, chegando ao Rio em maio de 1837, para onde fez que ela viesse. Professor do recém-fundado Colégio Pedro II (1839). No ano anterior escrevera o *Prólogo Dramático*, representado por João Caetano na presença de Pedro II, então

a pintura, a arquitetura, o teatro, a cenografia. Foi por isso mesmo, avaliando-lhe a prestigiosa ação de presença, que o historiador Max Fleiuss lhe aplicou o epíteto de "homem tudo", que resume quanto se deveria dizer dêsse espírito inquieto, laborioso, culto, dêsse homem de caráter reto e probidade exemplar, modelo de amigo e cidadão.

Atraído, desde a meninice, pelas artes do desenho, que praticava intuitivamente, encontrou na capital da província, a pequena Pôrto Alegre de 1822, atmosfera mais favorável às suas primeiras inclinações. Daí se passou para o Rio de Janeiro, no ano da fundação da Academia de Belas-Artes, em cujos cursos se lhe deparou o simpático Jean-Baptiste Debret, que foi para êle um guia e um amigo. O adolescente tinha fibra. Aplicou-se com fervor ao trabalho. No meio acanhado do Rio de então, referto de intrigas e incertezas políticas, de mexericos nos bastidores da nova Academia, onde os professores estrangeiros eram tratados com acirrada animosidade, o moço de Rio Pardo vivia somente para o atelier. Realiz-

com 12 anos. Data daí seu interêsse pelo teatro. Casa em outubro de 1838 com D. Ana Paulina Delamare.

Professor de desenho da Escola Militar. Em 1844 começa a escrever as *Brasilianas*. De 1848 em diante sua atividade literária suplanta a do artista plástico. Ferdinand Wolf, *Histoire de la Littérature Brésilienne*, A. Asher & Co., Berlin, 1863, pág. 172, diz: "Il a cherché à satisfaire ses penchants artistiques par la poésie, qui ne l'avait occupé autrefois qu'occasionnellement et sur l'invitation de ses amis". Em 1849, com Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias, funda a revista *Guanabara*. Volta à Academia de Belas-Artes como diretor, a pedido de Pedro II, e ali realiza uma administração sob todos os pontos de vista notável. Foi Cônsul em Dresda e em Lisboa, onde faleceu. Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e membro de inúmeras entidades de cultura. Usou o pseudônimo de Tibúrcio do Amarante nos *Excertos das Memórias e Viagens do Coronel Bonifácio do Amarante* — Tip. de Paula Brito — Rio, 1852. Obras principais: *Angélica e Firmino*, comédia, Rio, 1845; *A Estátua Amazônica*, comédia, Rio; *Brasilianas*, Viena, 1863; *Colombo*, poema, Viena, 1866; *Os Voluntários da Pátria*, drama, Imprensa Nacional, Lisboa, 1877; *O Prestígio da Lei*, drama lírico, Tip. de Paula Brito, Rio, 1859; *A Restauração de Pernambuco* e *A Noite de S. João*, Óperas líricas; *Os Judas e Os Lobisomens*, comédias; *A Escrava* e *O Rei dos Mendigos*, dramas; além de traduções, discursos, memórias, artigos de polémica literária. — Vide Hélio Lôbo, *Manuel de Araújo Pôrto Alegre*, Publicações da Academia Brasileira, Rio, 1938, e Aderaldo Castelo Branco, *A Polêmica sobre "A Confederação dos Tamoios"*. Ed. da Fac. de Filosofia da Universidade de S. Paulo, 1953, págs. 65 e segs.

zou ainda o milagre, mercê de sua simpatia pessoal, de captar a confiança e o valimento de homens velhos e experimentados. A seriedade e a aplicação lhe granjearam no plano moral o que os primeiros ensaios lhe dariam na pintura — o aprêço dos grandes, entre os quais o próprio D. Pedro I. Trabalhou intensamente. Nunca foi um boêmio, nunca teve um desfalecimento; levou a vida exclusivamente pelo lado do sério. Poder-se-ia mesmo dizer que o moço de vinte anos já era um ancião quando se matriculou na Academia. E não fêz mais que apressar a velhice prematura. Desde a mais tenra manifestação artística, seu pensamento veio carregado de substância, em prejuízo da leveza, da simplicidade, de certos toques de abandono que são a matriz subjacente de todo verdadeiro lirismo.

Se houve um gaúcho ausente dos quadros locais, indiferente mesmo à sorte de sua província, ao sofrimento de seus conterrâneos, êsse parece ter sido Manuel de Araújo Pôrto Alegre. Em nada do que escreveu traduziu a doçura, o descuidado, o aflitivo ou o trágico do seu viver. Saíndo dos pagos aos vinte anos, a êles só regressou trazido pela admiração reverente de seus patrícios, depois de morto. Na Europa, ao saber dos primeiros encontros armados da revolução farroupilha, pensou na velha mãe, que lhe pedira abreviasse o regresso; voltou efetivamente, mas ficou no Rio à espera de que ela fôsse ter com êle. Grato a Pedro I, que generosamente o estimulou, manteve-se fiel ao futuro Pedro II, à coroa, à ordem reinante, mas alheio às preocupações políticas da nacionalidade nascente. Só uma coisa lhe interessava realmente — a sua arte. Mesmo quando vereador pelo distrito da Côrte, teve em mira fins artísticos, como demonstrou durante o exercício da suplência: preocupou-se em acertar as posturas municipais, embelezar o Rio, sujeitar a exame prévio as plantas de casas e edifícios urbanos, introduzir toques de bom gosto nas praças e jardins. Em sua autobiografia, documento de suma importância, que abrange praticamente toda a sua vida, não há uma só palavra acêrca dos problemas de seu tempo. Não fôra o austero, a gravidade, a boa lentidão do seu espírito, diríamos que, como Ariel, planava acima do bem e do mal.

Tanta compostura revelou, era tal a sua paixão do exato, do concreto, que até mesmo como pintor isso lhe trouxe embaraços. O seu mestre, em Paris, discípulo, como Debret, do grande pintor Davi, observou, certa ocasião, ao vê-lo dedicar-se com escrupuloso esmero a reproduzir formas anatômi-

cas, que estas lhe estavam saindo das mãos perfeitas demais. Em tudo que fêz, até mesmo no exercício do consulado-geral de Lisboa, sinecura que êle transformou em organismo ativo e operante, pôs o bravo homem tôda a fôrça do “gênio das bagatelas”. Admirável exemplo, sem dúvida. Admirável vida moral, a que faltou um pouco de ar fresco do mundo exterior, o esgarçado das cousas inúteis, a visão do indefinível, aquêle sentimento poético que entre os seus mesmos amigos se vai encontrar, por exemplo, no incomparável Gonçalves Dias. Portanto, é fácil compreender a afinidade que o ligou a Domingos José Gonçalves de Magalhães, outro homem severo, “romântico arrependido”, na exata observação de Alcântara Machado. ⁽¹¹⁴⁾ Duas almas irmãs, dois destinos iguais — não chegaram a atingir a ebridez, a sutileza da escola nova.

Deixemos, porém, de lado os belos dotes morais que os seus contemporâneos tanto louvaram e aos quais se prendeu, pela amizade e proteção, o imperador Pedro II, para nos fixarmos naquilo que realmente importa ao nome de Araújo Porto Alegre para os de hoje — a obra literária que realizou, seus méritos e deméritos, a influência por êle exercida, e, afinal a posição definitiva que se lhe deve assinalar na história de nossa cultura.

Antônio Henriques Leal, o primeiro grande crítico de Gonçalves Dias, precisou em 1874 os traços característicos das *Brasílianas*. Daí por diante, o que se disse sôbre o assunto repete-lhe de certo modo a opinião honesta e franca. Diz o crítico: “Precursor de Gonçalves Dias no *naturalismo* e na poesia subjetiva, não se inspira, contudo, nos autóctones e nos seus ritos e costumes, senão nos dos homens civilizados, vivendo e lutando com a natureza virgem. (...) A primeira vocação, as qualidades do pintor superam nêle as do poeta; em tudo acha motivo para uma descrição, para um painel, e a maior parte das vêzes com extrema felicidade, como no seu poema dos arredores de Nápoles. Nêle tudo são relâmpagos e trovões, luz e brilho; e se peca por algum excesso, é pelo demasiado colorido. ⁽¹¹⁵⁾

As *Brasílianas* trazem um curto prefácio, em que o autor explica haver enfeitado no livro as produções que lhe

(114) V. Alcântara Machado, *Gonçalves de Magalhães ou o Romântico Arrependido* — Liv. Acadêmica — Saraiva & Cia. — S. Paulo, 1936.

(115) Antônio Henriques Leal, *Lucubrações*, Tipografia Castro Irmão, Lisboa, 1874, págs., 204-5.

pareceram melhores. E acrescenta: “Assim pois, esta pequena coleção não tem outro merecimento além de mostrar que também desejei seguir e acompanhar o Sr. Magalhães na reforma da arte, feita por êle em 1836, com a publicação dos *Suspiros Poéticos*, e completada em 1856 com o seu poema da *Confederação dos Tamoios*; porque a sua *Urânia* data de 1847, pôsto que só aparecesse em 1862.” ⁽¹¹⁶⁾

O primeiro poema é um *Canto Genetliaco*, oferecido a D. Pedro II. Tem por tema a paz que se seguiu às discórdias do período regencial, quando

“... a mão do Inferno, ourando vistas,
Afagando ambições, ao som das armas,
No campo erguera a lutuosa idéia
De o Brasil dividir para abismá-lo!” ⁽¹¹⁷⁾

Mas o anjo da paz, figurado pelo “divo menino” (o futuro monarca), selara a unidade do império. As províncias, em côro, saudam o mensageiro; uma a uma, são louvadas pelo poeta. Quando chega a vez da província de São Pedro, eis o que êle escreve de sua terra natal:

“Guerreira e altiva a nobre fronte erguendo,
Guarnecida de louros conquistados
Em seus mavórcios campos, chega e pára
Essa heroína que há mostrado ao mundo
Da espada rio-grandense o poderio!
Mostra o seu lado, maravilha eterna,
Onde cem rios despejando as ondas,
Figura um tronco, que do mar plantado
Pela terra se esgalha e frutifica.
Ali, cópia do Éden, bem se aclima
Das ilhas de Benaco o figo, e as rosas
Que ao turco Solimão deram saudades;
A loura espiga que coroa Ceres,
O áureo pomo, a oliveira ateniense;
O que a Pérsia mandou fruto melífluo;
O néctar purpurino dos banquetes,
Rival do Malvasia e do Felerno (sic);

(116) *Brasílianas*, Imperial e Real Tipografia, Viena, 1863, pág. 2.

(117) *Brasílianas*, pág. 6.

A pêra da Numídia; alvos morangos;
E êsse pomo que Banks previdente
Da América levou à velha Europa,
E três vêzes salvou da fome a França." (118)

Como visão poética do Rio Grande do Sul, dos seus rios, da sua natureza, da fartura de suas searas, não há nada mais arrebitado e mais falso.

Tamanha falta de naturalidade continua n'*A Destruição da Floresta*, dividida em três cantos, *A Derribada*, *A queimada* e *Meditação*. Invoca, na *Meditação*, os "brasileiros sábios", isto é, seus amigos Freire, Magalhães (Domingos José Gonçalves de Magalhães), Serrão, Silva (Joaquim Caetano da Silva), Frei Custódio, e a todos pede que afastem os pigmeus, o egoísmo, tudo quanto possa contrastar com a grandiosidade do cenário brasileiro. E termina em metro curto, depois de longas descrições trabalhadas em rudes decassílabos:

"Nossa fé se reanime
Nesta luta grandiosa;
Que uma idéia gloriosa
Exalta o nosso labor.

Essa idéia, ó Brasileiros,
É tôda pura harmonia,
É diva como a poesia,
É da pátria um santo amor." (119)

A terceira brasileira, *O Corcovado*, afina pelo mesmo tom. A descrição das ilhas, das praias, dos subúrbios, das montanhas; a comparação dos prodígios naturais do Rio aos panoramas que os olhos do poeta viram na Europa; a citação, como sempre, de Magalhães e de outros amigos — tôda aquela versalhada não apresenta uma só imagem que valha a pena transcrever, ou que nos tenha ficado na memória. Basta dizer que, quase ao findar o poema, no auge da admiração, o poeta só tem isto para dizer:

(118) Págs. 34-5.

(119) Págs. 83-4.

Daqui, sôbre êste monte alcantilado,
Entre o teu pavimento e o céu, ó Pátria,
Eu quisera exprobrar-te; mas não posso!
Vence amor em meu peito êste combate.
Da gratidão o néctar vem aos lábios,
Adoçar minhas vozes, e as transmuda
Em sagrada oblação, votos ardentes:
Fados brilhantes só te dê o Eterno." (120)

Um voto formulado em tais têrmos parece até brincadeira de mau gôsto. Nunca foi assim, nessa linguagem, que os verdadeiros poetas se dirigiram a Deus.

Mas vejamos se nos temas mais simples o nosso homem consegue reírear a incontinência verbal.

Aqui está *O Pousso*. De início, uma indicação: "A cena é no vale fronteiro à habitação do Marquês de S. João Marcos, junto à estrada dos Botais, na margem do Rio de Santa Ana." Fala

O TROPEIRO:

"Na serra dos Botais o sol já dorme;
Descansemos, amigos!
À trípode silvestre pendurada,
À marmitta fumegue.
Conduze a tropa ao verdejante pasto;
As fôrças refocile,
Que a jornada amanhã será mais longa.
Iremos à Pavuna.
Sus, Fabrício, depressa junto ao rio
O ambulante aposento
Precautos levantemos nesta gleba." (121)

Quem descansaria sossegadamente, com um palavreado dêste, em plena estrada, à bôca da noite? Dá mêdo. Mas, de súbito, o tropeiro canta assim:

"Límpido rio que desces
Por essas serras altivas,
Murmurando entre espessuras
As tuas águas esquivas;

(120) Págs. 148-9.

(121) *Brasilianas*, págs. 257-8.

Retrocede, os montes sobe,
E vai sonoro outra vez
Do Pati nas altas serras
Recordar à minha Inês:

Que vou sempre noite e dia
Por seus olhos suspirando,
E que ao som da melodia
Nosso amor vou avivando.

Vento, que rijo assobias
Com teu hálito friento,
Leva a Inês os meus suspiros,
Dize a Inês o meu tormento.

Ao roçar pelo sopé
Do seu rancho venturoso,
Dize-lhe, ó vento, que eu canto
Num som gemente e saudoso.

Nuvem cinzenta, que cobres
Aos meus olhos as estrêlas,
Ah! não encubras a lua
Que prateia as faces belas.

Da minha amada querida,
Da virgem que eu amo e adoro,
Daquela que é minha vida,
E por quem tão longe choro.” (122)

Fiquemos por aí. É perigoso prosseguir: o demônio do mau gosto, o saci-pererê dos maus poetas anda por perto do rancho, a espreitar o pouso em que o tropeiro canta ao luar. As suas trovas são um refrigerio no meio desta caminhada que estamos empreendendo pela poesia de Araújo Pôrto Alegre. Nada produziu que fôsse mais simples.

Mas passemos ao tom geral do livro, que tanto impressionara o leitor brasileiro, a ponto de se ter afirmado — e o próprio autor o fez em mais de uma circunstância — que daí, das suas enredadas brasilianas, do espírito que as fecunda, surgiu o mote que os nossos grandes poetas da natureza vieram a glosar com talento e sensibilidade.

(122) *Basilianas*, págs. 259-60.

Não discutimos a afirmativa. Diremos somente que nas *Basilianas* palpita, com efeito, um sentimento nacional exuberante, talvez exuberante demais. Aí se alterna o decassílabo com a redondilha algumas vêzes, mas o setissílabo aparece ainda carente de ritmo e leveza. Contudo, é um ensaio que se deve respeitar, menos pelo que significa por si mesmo, como acabamos de ver, que pela inovação que traduz, pelo nacionalismo ardente que, apesar de tudo, conseguiu instilar em suas estrofes.

Na penúltima poesia do volume, *A Sepultura de Camões*, receando talvez a censura do grande morto, evita o verso heroico. Louvemos a suspicácia do barão... Emprega o metro de onze e sete sílabas, em estrofes alternadas; rima com espontaneidade e singeleza:

“Amo essa pedra despida
Sem uma letra mendaz,
Sem epitáfio falaz,
Sem uma frase mentida.
Ah! não foi envilecida
Co’uma fútil inscrição!
Amo êsse liso, êsse chão,
Essa laje sem vaidade,
Porque aí vejo a humanidade
Na pedra da ingratidão.” (123)

Quando apareceu o *Colombo* (1866) dêle já se conheciam fragmentos, publicados em revistas da época. O objetivo que transparece das *Basilianas* vinha agora substituído por outro mais alto e mais ousado — fazer poesia americanista; a medula do poema, com os seus intermináveis dezenove cantos, elide tais propósitos.

Quase todo o segundo volume é dedicado a descrever a terra americana, sobretudo o México, servindo o azteca de motivo a comparações esdrúxulas com quanta tribo brasileira existiu. Mas não é aí, no apresentar a natureza do Continente, que o poeta chega a alturas consideráveis. Seu coração, seu espírito, sua inspiração, estavam na Europa. É à natureza ordenada, às obras de arte acabadas, aos monumentos e homens ilustres de lá que Manuel de Araújo Pôrto Alegre dedica os melhores versos, em íntima ligação com os cenários

(123) *Basilianas*, págs. 347-52. A poesia tem a data de 1859.

vistos na mocidade. Mas raramente se encontra um episódio sequer desprovido de aparatos inúteis. Tudo é pesado e frio, mercê de tantos ouropéis. Confirmando a influência do Velho Mundo em sua sensibilidade de visual, observe-se que é no prólogo, cuja ação se passa em Granada, quando as tropas de Castela penetram o Alhambra, tendo à frente Isabel e Fernando, que se encontram os versos menos artificiais. Ali onde tudo evoca uma era morta, que a civilização árabe pontilhara de incomparáveis filigranas, pode-se permitir o detalhismo cansativo do poeta. Razão por que não surpreende vermos também ali, em meio a frases de pechisbeque, imagens como esta, positivamente bela:

“Ao arauto falou em voz tão surda,
Que a tomaras por eco do silêncio.” (124)

O mais segue a linha equívoca do canto XX, pág. 10 do 2.º volume.

Após inenarráveis canseiras e perigos, Colombo vê terra americana:

“E do novo Abarim vencido o tope,
Viu Colombo de um lança o vasto mundo,
Que América se chama, e extasiado
Genuflexo caiu, assim dizendo:
“Almo lume do amor mais puro e santo,
Sol do infinito no horizonte eterno,
Meu Deus, minha esperança, eu te agradeço
Dêste momento a previsão tão grata
Que em minha alma a vereda delinea
Como as côres do céu!... Tudo está claro!
Eis a terra da Cruz, da fé de Cristo!” (125)

O momento augusto, coroamento de uma vida, fruto de um sonho imemorial dos povos europeus, através do verso contrafeito, malsoante, com a irreparável cacofonia final, nem de leve nos arranha a sensibilidade. Lemos e relemos com enfado tanto recheio de prosa simplória. Que temos a ver com isso? Colombo, ao divisar pela primeira vez o Novo Mundo,

(124) Pág. 48, I.

(125) Canto XX, pág. 10 do 2.º vol.

no poema do barão, nos deixa indiferentes como se houvesse descido, às três da tarde, da barca de Niterói...

Mas a verdade é que tudo isso só tem importância, ou melhor, não tem importância nenhuma para quem se habituou à sonoridade fácil dos românticos. À época em que apareceu, Pôrto Alegre não foi apenas um grande poeta, senão também o arauto de uma intensa visualização da natureza, como em nenhum outro poeta brasileiro tão exuberante e enfática. Esse o seu mérito, que não é pequeno. Com os seus painéis imensos, onde se sucedem planos e figuras, ele corrigiu, pelo desperdício, a avareza dos arcades e forneceu material para que os românticos se servissem à larga. Gonçalves Dias sentou-se à mesa e escolheu as iguarias mais finas. Mal comparando, é Plauto que sucede a Ênio.

A sua atividade literária não ficou circunscrita à poesia. Foi também um dos fundadores do nosso teatro, nos bons tempos de João Caetano. Deu ao Rio de Janeiro a oportunidade de ver pela primeira vez grandes cenários, por ele pintados com o mesmo entusiasmo com que escrevia peças. Algumas destas tiveram êxito. Os entendidos dizem que não vale grande cousa a produção teatral de Pôrto Alegre. Mas abriu caminho, suscitou entusiasmos, prestigiou a ação de homens do palco — como sucedeu a João Caetano — e contribuiu para renovar a cenografia, dando-lhe toques de bom gosto.

Quando os restos mortais do poeta foram transportados para Pôrto Alegre e daí a Rio Pardo, onde descansam, Ângelo Guido anotou o seguinte: “Mas eu penso que Araújo Pôrto Alegre foi, na totalidade da suma expressão intelectual e artística, acima de tudo, um espírito que teve a percepção dos rumos novos que deveria seguir a mentalidade nacional e, nesse sentido, um precursor, creio que consciente, no grandioso movimento literário e estético do romantismo nacional. Todos os elementos que mais tarde floresceram em formas admiráveis nos diversos aspectos da nossa literatura, estavam, em germe, na obra ou nas preocupações de Araújo Pôrto Alegre. O estudo do índio, do negro e principalmente do mestiço, o estudo do folclore, o aproveitamento de temas da mitologia indígena e do vasto cenário do nosso ambiente, tudo isto como que entrevia, para matéria de criação estética, o admirável senso divinatório do Barão de Santo Ângelo. E talvez fôsse essa visão obscura, instintiva, indecisa, da vida nova que alvo-recia para o espírito novo da América, o segrêdo da sua inquieta inteligência, que, parece-me, por dispersar-se em for-

mas diversas de criação, não conseguiu revelar-se na plenitude de sua potência criadora." (126)

Considerando outro aspecto, devemos dizer que é inquestionável o poder verbal do Barão de Santo Ângelo. O apuro da forma, se foi a sua prisão, contribuiu entretanto para enriquecer a literatura brasileira nascente, dando mais consciência artesanal aos nossos artistas, como vimos nos precursores rio-grandenses; representou contudo um regresso à expressão de sabor setecentista, já ultrapassada por alguns dos últimos árcades nacionais. Amando a nossa paisagem, interessado em exprimi-la com o pincel e a pena, Manuel de Araújo Pôrto Alegre nos deixou sobretudo o exemplo admirável do homem que se dedica, fazendo da arte uma disciplina e uma aspiração desinteressada. Entre defeitos sem conta, não lhe faltaram qualidades. Mas, como observou lúcida e corretamente um escritor, sobre sua poesia paira "recôndito o espírito de Coimbra." (127) Espírito pesado, lerdo e gordo, que um contemporâneo do nosso poeta — Almeida Garrett, sacudiu ao longe, sem o que não seria um dos escritores mais límpidos e arejados da língua portuguesa.

(126) Ângelo Guido, discurso publicado no *Diário de Notícias*, P. Alegre, 3 de janeiro de 1930.

(127) José G. Antuña, *El Nuevo Acento* — apud Helio Lôbo, obra citada, pág. 177.

CAPÍTULO V

A CAMINHO DO HUMANISMO E DA CIÊNCIA

1. — FASE EMPÍRICA DOS ESTUDOS GRAMATICAIS E HISTÓRICOS. — 2. — ANTONIO ALVARES PEREIRA CORUJA E A DIALETOLOGIA. — 3. — A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA: JOSÉ DE ARAÚJO RIBEIRO, JOAQUIM CAETANO DA SILVA, JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM E FRANCISCO FERREIRA DE ABEU.

CAPÍTULO V

A CAMINHO DO HUMANISMO E DA CIÊNCIA

1. — A despeito das suas árduas contendas com o estrangeiro e da luta interna em que se empenhou, o Rio Grande do Sul, nos primeiros decênios do século XIX, conheceu um belo surto literário; que se distingue pela variedade dos gêneros cultivados. Inicialmente, tivemos a poesia e a memorialística; veio logo depois a prosa de ficção, até que, desenvolvendo-se a imprensa, outros domínios das letras foram alcançados de modo brilhante.

As divergências partidárias, após a Independência, foram particularmente favoráveis, como vimos antes, ao surto da imprensa, que serviu de veículo quase que exclusivo à produção intelectual da terra, pois a impressão de livros significava emprêsa muito além das possibilidades materiais das humildes oficinas gráficas de então. Mas, ainda assim, não deixaram estas de imprimir algumas obras, poucas, como se compreende, de 1843 em diante.

Em matéria de instrução, confinada a número diminuto de aulas particulares e públicas, ministradas por inexperientes profissionais da palmatória, como o *Amansa-Burros* e outros de seus êmulos, o panorama era desanimador, limitado, opressivo. Não fôsse a ação dos mestres de latim e de filosofia, com os quais a mocidade começou a adquirir, por volta de 1820, rudimentos de cultura clássica, não se teria formado a geração que trinta anos depois adicionou novos ingredientes culturais à dieta magra consumida pelos pioneiros.

Entre as figuras da cátedra, prolongamento da Igreja — que só em 1853 teve aqui o seu primeiro bispo, D. Feliciano Rodrigues Prates, — avulta o padre-mestre João de Santa Bárbara. ⁽¹²⁸⁾ Com os Beneditinos do Rio, em cujo convento foi

(128) Padre João de Santa Bárbara, no século João Inácio Pereira. Nasceu em Laguna, Santa Catarina, em 1786 e faleceu a 5 de julho de 1868. Recebeu ordens eclesiásticas no Mosteiro dos Beneditinos, no Rio. Voltando à cidade de Cachoeira, onde residia sua mãe, secularizou-se. Como presbítero secular exerceu o munus sacerdotal ali e em Pôrto Alegre. Regeu aulas particulares de latim, de geometria, e a primeira cadeira de Filosofia Racional e Moral da província, para a qual foi no-

noviço e recebeu ordens, êsse homem se preparou para mais tarde exercer em Cachoeira e Pôrto-Alegre o magistério mais puro e extraordinário daqueles tempos. Por suas aulas de Filosofia Racional e Moral passaram os homens que iriam, ao depois, constituir a melhor elite da terra. Foi ao pé do padremestre, tão independente, vigoroso e lúcido, que se formou Antônio Álvares Pereira, o futuro Coruja, também êste preceptor da juventude.

2. — Coube a Antônio Álvares Pereira Coruja, cujas veleidades políticas a Revolução Farroupilha dissipara, inaugurar no mesmo ano do levantamento rebelde, com o seu *Compêndio de Gramática da Língua Nacional*, o segundo período da filologia portuguesa no Brasil. ⁽¹²⁹⁾ O título do seu livro, dando o qualificativo de nacional à língua que falamos, corre parrelhas com o mesmo nativismo exacerbado de um outro jacobino da época, o esquecido Luís Maria da Silva Pinto, autor do *Dicionário da Língua Brasileira*, impresso em Ouro Prêto (1832). Que a tendência nacionalista de Coruja assentava em preocupações mais construtivas, di-lo a circunstância de ter iniciado a dialetologia brasileira, conforme acentua Antenor Nascentes, com a *Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul*. A despeito de ser pequena a sua recolta, não deixou Coruja de influir poderosamente o gôsto pelas pesquisas de tal natureza. Dando fôros de cidade a têrmos e locuções criados na campanha rio-grandense, chamando para êstes a atenção dos estudiosos, contribuiu, em suma, para o enriquecimento da língua escrita.

meado em 1820. Eleito deputado às Côrtes de Lisboa e à 3.^a legislatura da Câmara dos Deputados, nesta participou, com veemência, de acesos debates. Eleito constituinte à Assembléia de Piratini, não tomou posse. Foi professor do Seminário Episcopal N. S. Madre de Deus e do Liceu D. Afonso. — V. *Notas de Aurélio Pôrto ao Processo dos Farrapos*, vol. XXXI das *Publicações do Arquivo Nacional*, págs. 529-537, para só citar o estudo mais completo sôbre o ilustre educador.

(129) “O segundo período se inicia com a publicação da primeira obra de certo valor, escrita por um brasileiro, o *Compêndio* de Coruja. “Não julguemos o trabalho de Coruja com o critério atual, julgemo-lo dentro das condições do país na sua época.

Coruja, que inaugurou a nossa gramaticografia, vai também inaugurar a dialetologia publicando em 1852 (...) a *Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul* (...) — Antenor Nascentes, *Estudos Filológicos*, 1.^a série, Rio — Civ. Brasileira, 1939 — pág. 23-4.

Gramático, dialetólogo, historiador, ⁽¹³⁰⁾ Coruja teve sobretudo a vocação do humanismo. A mesma figura desleixada, o seu desinterêsse, a sua generosidade, o abandono de si mesmo, as desilusões que o abateram — essa nobre vida de estudioso representa o esforço da província, nos dias crepusculares da revolução, em busca dos valores permanentes que o humanismo de boa cêpa cultua e propaga.

A essa linhagem pertencem dois outros rio-grandenses. Como Antônio Álvares Pereira Coruja, nasceram também na primeira década do seu século. Foram êles o Visconde do Rio Grande e Joaquim Caetano da Silva. Os três, contemporâneos e amigos, rivais algumas vêzes, marcam o século XIX com o seu saber e as suas virtudes. São espíritos de eleição, que se empenham em libertar o jovem Império do obscurantismo colonial.

3. — José de Araújo Ribeiro ⁽¹³¹⁾ deveu ao Rio Grande o berço, mas pouca influência lhe terá exercido no espírito a terra natal, de onde se afastou muito jovem, para estudar em Coimbra. Aos 26 anos de idade, já diplomado, vêmo-lo secretário da legação brasileira em Nápoles. Daí por diante a carreira diplomática levou-o a outros pontos da Europa e da América do Norte, com ligeiras fugas à representação parla-

(130) V. o capítulo — *Os primeiros historiadores*.

(131) José de Araújo Ribeiro, Barão e depois Visconde do Rio Grande, nasceu em Pôrto Alegre a 20 de julho de 1800 e faleceu no Rio em 25 de julho de 1879. Formado em direito civil pela Universidade de Coimbra. Secretário da legação do Brasil em Nápoles (1826), encarregado de negócios nos Estados-Unidos (1828); ministro em Londres (1833), Lisboa (1834), Paris (1837-43). Iniciou em Londres negociações sôbre os limites de Guiana. Deputado, senador, conselheiro, presidente das províncias de Minas Gerais (julho a novembro de 1833) e Rio Grande de S. Pedro (1836-37). Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Obras: *O Fim da Criação ou a natureza interpretada pelo senso comum*. — Rio, Tipografia Perseverança, 1875; *Cartas políticas, dirigidas pelo roceiro Cincinato ao cidadão Fabrício*. Rio, 1871. *Inéditos* (catálogo da Biblioteca Nacional): *Breve exposição sôbre o comércio e navegação entre o Brasil e a França; Regulamento para o corpo diplomático do Brasil; Qual é o rio Vicente — Pinçon?; Parecer acêrca da Memória do Conselheiro Miguel Maria Lisboa, posteriormente Barão de Japurá*, relativa à *Questão de Limites do Brasil com a França pelo Rio Oiapoc*. (Cf. Sacramento Blake, *Dic. Bibl. Bras.*, IV, 315-6; Argeu Guimarães, *Dic. Biobibl. Bras.*, 412).

mentar e ao govêrno de duas províncias, Minas Gerais e Rio Grande.

Ensimesmado, retraído, orgulhoso, não foi bem sucedido em sua terra, quando da guerra dos farrapos. Mandando-o ao Sul para promover, como presidente provincial, a pacificação dos espíritos, após os primeiros sucessos revolucionários, a Regência lhe previra o mais absoluto sucesso. Além de gaúcho, era um diplomata de carreira. Aconteceu, porém, o contrário. Embora estivesse habituado, por dever de ofício, a versar enredados negócios, faltou-lhe espírito de finura, habilidade e tato, qualidades que anos depois, em condições idênticas, se não mais difíceis, seriam postas em evidência por um soldado, o futuro Duque de Caxias.

Mas o que nos interessa é fixar a posição de Araújo Ribeiro em face da cultura rio-grandense, capítulo em que merece destaque especial, como tipo isolado de estudioso das ciências naturais, uma das paixões dêsse bacharel coimbrão *in utroque jure*.

Não sendo aquela a especialidade a que ostensivamente se dedicava, pôde contudo escrever sobre a matéria um dos livros mais curiosos de nossa literatura científica, o único, pelo menos, que no Brasil registrou as tendências da geologia em meados do século XIX. Esse é um dos méritos d'*O Fim da Criação*, publicado quando o autor já completara 75 anos de idade. Antes de estampá-lo, não gozava de boa fama nos círculos intelectuais: era sêco, frio, de um mutismo intratável. (132)

Numa página famosa, *O Velho Senado*, Machado de Assis assim o recorda: "... o Ribeiro do Rio Grande do Sul, que não falava nunca, — não me lembra, ao menos. Este, filósofo e filólogo, tinha junto a si, no tapête, encostado ao pé da cadeira, um exemplar do dicionário de Moraes. Era comum vê-lo consultar um e outro tomo, no correr de um debate, quan-

(132) "Araújo Ribeiro foi sempre de uma britânica gelidez e de uma taciturnidade comentada com acidez na mais alta assembléia do Brasil, onde, antes de estampar-se *O Fim da Criação*, os colegas o classificavam de "o Burro do Senado". Nesta Câmara esquivava-se de tomar parte nos debates, até mesmo nas palestras; arredio de círculos quaisquer, o solteirão e misantropo sulense. Nas que acaso tinha, notabilizava-se pelo agreste laconismo, sem castidade, nem delicadeza. A sua linguagem habitual era a dos que entendem não usar de escolha. Era a dos que recorrem à mais descarnada, para não dizer a mais baixa e grosseira; prática de estranhar sobremodo, em intelectual de sua força e cultura" — Alfredo Varela, *História da Grande Revolução*, II, pág. 514-5.

do ouvia algum vocábulo, que lhe parecia de incerta origem ou duvidosa aceitação." (133)

Mas o solitário, o reservado, o insociável surpreendeu a todos com o livro da sua ancianidade. Antes, havia escrito exposições, pareceres — cousas de burocrata. Agora se entregava, por puro gôsto, a aturadas especulações, com o objetivo de demonstrar que a vida não era privilégio dos dois reinos orgânicos, porque se repete em tôda a criação do universo. Na primeira parte da obra, examina as teorias correntes, sobretudo a da origem ígnea; insiste na teoria de que a Terra se nutre, bem como os astros, colhendo no espaço o necessário ao seu desenvolvimento. Considera o autor um estôrvo ao progresso da ciência afirmar-se que a Terra se conserva sempre do mesmo tamanho; argumenta com a formação das camadas geológicas, que estuda longamente, passando em revista diversas obras estrangeiras, notadamente as que se referem à geologia brasileira.

Na segunda parte, estuda o espaço, o sol, a renovação do ar atmosférico e os sólidos do nosso planêta.

Os conhecimentos de José de Araújo Ribeiro levam-no a discutir com agilidade; expõe e critica, por exemplo, as teorias mais conhecidas, filiando-se, em tudo, ao evolucionismo darwinista, cujas excelências apregoa, embora sem ênfase. Cabe aos cientistas a última palavra sobre seus méritos, nesse assunto. (134)

A nós, neste trabalho, nos interessa sobretudo o escritor. Quanto a isto, a clareza, a precisão e elegância do seu estilo não deixam dúvidas sobre a qualidade do prosador. Pena é que não nos houvesse dado o seu depoimento sobre a revolução farroupilha; responsável, segundo muitos, pela continuação da luta, mercê da atitude dúbia que assumiu na presidência, o Visconde do Rio Grande faltou à história com o seu testemunho.

O Fim da Criação apareceu trinta anos após o têrmo daquela aventura republicana. Escrevendo-o, é possível que o

(133) Machado de Assis, *Páginas Recolhidas*, ed. Garnier, 1923 — pág. 176.

(134) "Li a obra (do Visconde do Rio Grande) há bastantes anos e lembro-me distintamente da impressão então produzida, que foi — que se o autor tivesse, quando moço, se dedicado ao estudo da natureza conjuntamente com o da literatura do assunto com a mesma habilidade com que, estando velho, estudou esta última somente, teria sido o primeiro geólogo brasileiro e um dos primeiros do mundo." — Orville A. Derby, in *Revista Brasileira*, III ano, tomo XII, 67.º fascículo, 1897, pág. 64.

autor quisesse fugir, por um natural fenômeno de compensação, ao seu próprio malôgro de homem público que não conseguira pacificar seus irmãos.

4. — Depois do bom Coruja e do grave geólogo José de Araújo Ribeiro, abrimos lugar a Joaquim Caetano da Silva, tipo de humanista completo, um dos homens exemplares que o Rio Grande do Sul produziu. ⁽¹³⁵⁾ Versou os assuntos mais diversos. A física, a geografia, a medicina, mas sobretudo as grandes línguas clássicas, notadamente o grego, receberam dêsse homem simples e um pouco ingênuo — como convém aos humanistas de polpa — uma contribuição original. Era um investigador paciente e tenaz. A fama que lhe redoura a imagem de asceta é quase tôda oriunda, para os homens de hoje, das repercussões causadas por sua memória intitulada *L'Oyapock et l'Amazonie*, fruto de uma longa, assombrosa pesquisa geográfica. Passaria talvez despercebido êsse trabalho de beneditino, não houvesse dado ao Barão do Rio Branco, quando tratou da questão de limites com a Guiana Francesa, a oportunidade de revelar ao país a excepcional significação da obra de Joaquim Caetano. Graças à impressionante documentação ali reunida, acrescentamos alguns milhares de quilômetros quadrados ao território nacional. Se o atual território do Amapá foi incorporado definitivamente ao Brasil, em grande parte o deve à visão premunitória do sábio rio-grandense. Numa época em que a geografia não passava, entre nós, de um vago esbôço do que é hoje, Joaquim Caetano elevou-a à dignidade de ciência.

(135) Joaquim Caetano da Silva nasceu em Jaguarão a 2 de setembro de 1810 e faleceu em Niterói a 27 de fevereiro de 1873. Formou-se em medicina por Montpellier e em letras pela Universidade de Paris. Regressou ao Brasil em 1838. Lente de português, retórica e grego do Colégio Pedro II e seu diretor em substituição ao Bispo de Anemúria. Desempenhou missão diplomática; dirigiu a Instrução Pública da Côrte e o Arquivo Nacional. Em 1829 e 1832 apresentou à Sociedade Luso-brasileira de Montpellier uma relação de vocábulos não consignados no *Dicionário de Moraes*. Publicou: *Fragment d'une mémoire sur la chute des corps* — Montpellier, 1836; *Quelques idées de philosophie médicale* — Montpellier, 1837. *Memória sobre os limites do Brasil com a Guiana Francesa*, in *Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras.*, tomo XVI, págs. 421-512. *L'Oyapock et l'Amazonie*, Paris, 1861 — 2 vols. *Questões Americanas* (publicou apenas partes, em revistas). Deixou inéditos: *Gramática Portuguesa* e *Mecanismo da língua grega*.

Mas aos seus conhecimentos da geografia do país juntou uma cultura filológica incomum, atestada por numerosos trabalhos que deixou publicados ou inéditos.

A cegueira tornou-lhe defeso o trabalho intelectual, nos últimos anos de vida, mas o seu exemplo e a sua obra foram para os rio-grandenses um estímulo constante, de que se aproveitaram, entre outros, Manuel de Araújo Pôrto Alegre, José de Araújo Ribeiro e quantos estudantes e homens de pensamento o grande sábio acolheu e orientou.

* *

Caberia referir ainda os nomes de José Martins da Cruz Jobim ⁽¹³⁶⁾ e Francisco Ferreira de Abreu, Barão de Teresópolis, ⁽¹³⁷⁾ que ilustraram a ciência e contribuíram de modo especial para melhorar os padrões do ensino médico no país.

Jobim, trinta e sete anos diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi um dos homens mais discutidos da sua época. Machado de Assis, por exemplo, procurou ridicularizar em suas crônicas da mocidade o velho sábio rio-grandense, cujas teorias serviram de mote fácil à mordacidade jornalística. Ao saneamento da capital do Império prestou grandes serviços, mas, trabalhando desinteressadamente pela grande cidade, sofreu, como sucederia a Oswaldo Cruz, o assalto da crítica indouta e até mesmo o escárnio das multidões.

Mas não estudou apenas os mais graves problemas da medicina de então, — a febre amarela, a hidrofobia, as moléstias tropicais, — tendo em vista as más condições sanitárias da capital do Império. Incursionou também pela história, patenteando grande curiosidade e inteligência.

O Barão de Teresópolis levou a outras terras, sobretudo à França, onde se educara, uma notícia viva da ciência brasileira, na fase em que esta se libertava dos preconceitos coloniais para ingressar no campo da pesquisa. Foi um dos nossos primeiros grandes investigadores de laboratório.

(136) Nasceu em Rio Pardo a 26 de fev. de 1802 e faleceu no Rio a 23 de agosto de 1878. Formou-se em medicina pela Universidade de Paris. De 1841 a 1878 foi diretor da Faculdade de Medicina do Rio. Autor de inúmeros trabalhos de ciência e de estudos acêrca do ensino médico.

(137) Nasceu em Rio Pardo a 18 de novembro de 1823 e faleceu na França a 14 de abril de 1885. Médico pela Faculdade de Medicina da Côrte e da de Paris. Publicou trabalhos, em português e francês, sobre farmacologia e química farmacêutica.

CAPÍTULO VI

OS PRIMEIROS CRONISTAS
E HISTORIADORES

CONTRIBUIÇÃO DE VIAJANTES ES-
TRANGEIROS. — OS *ANais* DO VISCONDE
DE SÃO LEOPOLDO. — OUTROS HISTO-
RIADORES DE MENOR IMPORTANCIA,
ATÉ A GUERRA DO PARAGUAI.

CAPÍTULO VI

OS PRIMEIROS CRONISTAS E HISTORIADORES

Parece fora de dúvida que a mais antiga descrição do Rio Grande do Sul é a que vem esboçada no relatório de viagem do Padre Roque González de Santa Cruz (1627), completada mais tarde (1698) pela obra do Padre Sepp. Mas nenhum documento assinado por estrangeiro nos ministra melhores dados esclarecedores sobre a população de origem européia, no século XVIII, que a narrativa do Major J. C. Semple Lisle (1709), num livro que não conhecemos no original, mas de que lemos os extratos apaixonantes publicados por Alfredo de Carvalho. ⁽¹³⁸⁾ O seu depoimento sobre os hábitos e costumes do litoral, sem esquecer as usanças militares das tropas portuguesas estacionadas na cidade do Rio Grande e no Estreito, esclarecem a fisionomia de uma época.

É também estimável a obra de Félix de Azara, publicada no princípio do século XIX. ⁽¹³⁹⁾ Versa sobretudo, no que tange ao Rio Grande, o tratado de limites de 1777 e a recuperação dos Sete Povos, defendendo com brio bem espanhol a posse das terras situadas na raia do Prata.

Um dos viajantes bem informados do princípio do século, observador nem sempre imparcial, foi o inglês John Luccock. ⁽¹⁴⁰⁾ Mercador de olho vivo, teve a preocupação evidente de servir, como o seu relato, a interêsses do comércio inglês nas

(138) Inglês degredado, o Major Lisle veio dar às costas do Brasil em 1797. Seu livro foi publicado dois anos depois: *The life of Major J. G. Semple Lisle; containing a faithfull narrative of his alternate vicissitudes of splendor and misfortune.* Written by himself. London, Printed for W. Stewart, 1799 — Cf. Alfredo de Carvalho, *Aventuras e Aventureiros no Brasil* — Paulo, Pongetti & Cia., Rio, 1930.

(139) Vejam-se as *Memorias sobre el estado rural del Rio de la Plata em 1801* — Madrid, 1847.

(140) John Luccock, *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil* — Tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1809 a 1818 — (Trad. de Milton da Silva Rodrigues) — Biblioteca Histórica Brasileira, vol. X. — São Paulo, Livraria Martins, 1942. Existe uma tradução parcial da mesma obra, *Aspectos Sul-Rio-Grandenses*, feita por Nelson C. de Melo e Sousa — Ed. Record, Rio, 1935.

partes do Brasil que visitara. Talvez por ter vivido em contato muito estreito com a gente do comércio e correspondentes de casas inglesas, chega a dizer que os brasileiros, amigos da Inglaterra, ficariam contentíssimos se essa nação ocupasse a Ilha de Santa Catarina; de outras regiões do país, todos acorriam felizes para lá...

Na obra de John Mawe, paciente e erudito pesquisador, há um capítulo dedicado à capitania do Rio Grande, mas o seu relato, de caráter predominantemente científico, não oferece a variedade e a graça, nem revela a acuidade do seguinte, também cientista de nomeada. Referimo-nos ao valiosíssimo trabalho de Saint-Hilaire⁽¹⁴¹⁾ sobre a extensa viagem que fez nos anos de 1820 e 1821 ao território do Rio Grande. Nenhum dos viajantes anteriores ou posteriores o supera em exatidão, probidade e finura crítica. A *Voyage* é livro de história, de geografia, de botânica, como também manancial para estudo dos costumes, da etnografia e da administração. Representa, em suma, o mais belo documentário já escrito sobre o Rio Grande do Sul, e tão estimado se tornou pelos estudiosos, que Saint-Hilaire foi cognominado — pai da sociologia rio-grandense.

A obra de Arsène Isabelle,⁽¹⁴²⁾ menos abrangente, tem significação especial, quando comparada à de seus parceiros viajantes: é a mais objetiva no tocante à economia, aos fatores da produção, e relata com minúcia os fatos administrativos, — tornando-se indispensável ao estudo dos primeiros dias da colonização estrangeira, — mas não esquece os costumes da população de origem portuguesa. Os flagrantes que tomou são, neste particular, extremamente vivos, tendo por isso mesmo provocado reparos e contraditas não raro contundentes.

Nicolau Dreys⁽¹⁴³⁾ residiu por dez anos na província e publicou durante o transcurso da Revolução Farroupilha a

(141) Saint-Hilaire, *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1820-1821) — trad. de Leonam de Azevedo Pena — Ariel editôra Ltda., Rio, 1935.

(142) Dois são os livros de Isabelle que nos interessam de modo particular: *Voyage à Buenos-Ayres et à Porto Alegre, par la Banda-Oriental, les Missions d'Uruguay et la Province de Rio-Grande-do-Sul* — Havre, 1935, e *Émigration et Colonisation dans la Province brésilienne de Rio-Grande-du-Sud, la République Orientale de l'Uruguay et tout le bassin de la Plata* — Montevideo, 1850. Do primeiro há excelente tradução de Teodemiro Tostes — Zélio Valverde, Rio, 1949; do segundo, indicamos a tradução de Belfort de Oliveira, pref. de Augusto Meyer — Gráfica Editôra Souza, Rio, 1950.

(143) Nicolau Dreys, *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul* — Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., Rio, 1839.

sua *Notícia Descritiva*, que tem sido igualmente muito discutida. Observador de má língua, não escondia o pensamento. O seu livro reúne uma série variada de informes ordenados com método, breves e incisivos, nem sempre aceitos por historiadores de péso.

Embora represente, no conjunto, insubstituível fonte de referência, a obra dêsse e de outros viajantes e cronistas estrangeiros não versou senão de passagem a história local, cujo levantamento sistemático e ordenado seria feito por brasileiros suficientemente identificados com o velho continente de São Pedro.

Com êsse espírito, a historiografia rio-grandense começa a ser cultivada no início do século XIX, após a transmigração da Família Real para o Brasil, mas foi a partir da Independência, como ocorreu igualmente em outras regiões do país, que os estudos históricos mais se desenvolveram. Não deixa de ser significativo, como índice da contemporaneidade referida, a circunstância de o pai da historiografia local, José Feliciano Fernandes Pinheiro, ter sido sócio fundador e presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição que, bem ou mal, se tornou na época o centro de mais vivo interesse pela especialidade.

Na fase empírica dos labores históricos, marcada por acentuada tendência às meras relações episódico-narrativas, o Visconde de São Leopoldo⁽¹⁴⁴⁾ construiu uma obra que refoge

(144) José Feliciano Fernandes Pinheiro nasceu em Santos, S. Paulo, a 9 de maio de 1774 e faleceu em Porto Alegre a 6 de julho de 1847. Formado em Cânones pela Universidade de Coimbra em 1798, passou em seguida por apremiantes dificuldades financeiras, mitigadas pela proteção do naturalista frei Mariano da Conceição Veloso, a quem prestou serviços como tradutor de obras francesas e inglesas. Foi despachado para o Brasil com a missão de instalar uma alfândega no Rio Grande e Ilha de Santa Catarina, o que fez. Deputado à Junta de Administração da Fazenda Pública, auditor dos regimentos militares do Rio Grande do Sul. Deputado por S. Paulo às Côrtes de Lisboa de 1821 e deputado pelo Rio Grande à Constituinte de 1823. Foi o primeiro presidente da província (1824-26) e estabeleceu a colônia de alemães no atual município de São Leopoldo; do Conselho do Império (1827); senador; Secretário de Estado dos Negócios do Império e interino da Justiça; plenipotenciário do Brasil junto ao govêrno da Inglaterra e da Prússia. Fundador e presidente perpétuo do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro; sócio de várias entidades científicas e literárias. Além de traduções e livros outros, deixou a seguinte obra histórica: *Anais da Capitania de São Pedro*, 2 vols., o 1.º na Imprensa Régia, Rio, 1819; o 2.º, na

aos padrões em voga, por mais atento à interpretação dos fatos e capaz de sínteses até hoje válidas. Por isso os *Anais da Capitania de São Pedro* são ainda hoje indispensáveis; seu arcabouço resultou de aturado esforço pessoal, pois até 1819 — data do aparecimento do primeiro volume — nada se havia escrito, numa visão de conjunto, sobre a formação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Coube ao seu autor descobrir, ordenar e analisar documentos até então inéditos, abrangendo a história local desde as origens obscuras do continente de S. Pedro, e a tarefa meritória do ilustre precursor contribuiu para valorizar a pesquisa, num campo muito sujeito à ligeirice desapetrechada de fontes seguras, e às generalizações inconseqüentes.

Entretanto, a crítica aos *Anais*, endereçada à revisão do nosso processo histórico, se tem renovado em tôdas as épocas. O primeiro a opor embargos a certas conclusões de Fernandes Pinheiro foi o seu contemporâneo Antônio José Gonçalves Chaves, nas prestantes *Memórias Econômico-Políticas*, por dissentir da sua apreciação sobre o caráter do povo rio-grandense. São Leopoldo aceitou o reparo: na segunda edição da obra, omitiu as páginas incriminadas.

Prova a utilidade dos *Anais*, o tiro certo que êle significa — a sua permanente atualidade. Ainda agora, a despeito da evolução da ciência que cultivou, mercê do desenvolvimento das disciplinas auxiliares, e até mesmo ante novos critérios de avaliação, o Visconde de São Leopoldo é autor prestante. Veraz e nada imaginoso, viu os fatos em sua nudez; as conclusões lhe saíram da pena visando à objetividade. Documentos vindos a lume posteriormente invalidam aqui e ali as suas deduções, mas o corpo da obra, a sua base espiritual, as grandes linhas da evolução rio-grandense, isso não foi sacrificado. A cautela com que se houve obviou às dificuldades resultantes da carência de arquivos, documentos e testemunhos fidedignos. Se não criou obra original, quanto ao esti-

Imp. Nacional, Lisboa, 1922. *Anais da Província de São Pedro* (2.^a ed.). Paris, Tipografia de Casimir, 1839, Idem, idem, vol. XXI da Biblioteca Popular do Instituto Nacional do Livro, com prefácio de Aurélio Pôrto, Rio, Imprensa Nacional, 1946. *O Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* (memória); *Quais são os limites naturais pacteados do Império do Brasil?* (memória); *Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e Bartolomeu Lourenço de Gusmão*, Rio, 1841; *Memórias das Sociedades Literárias que existiram no Brasil*; *Memórias do Visconde de São Leopoldo*, in Rev. I. H. G. Bras., 1874-75 e na Rev. do I. H. e G. do Rio Grande do Sul, 1.^o trimestre, ano II, P. Al., 1922.

lo e à visão histórica, deu-nos um exemplo de probidade e desinteresse. José Honório Rodrigues diz que os *Anais* “são o primeiro grande modelo de história provincial” no Brasil. (145)

Acostumado desde cedo a lutar pela vida, Fernandes Pinheiro viu-se forçado, ainda em Portugal, recém-saído de Coimbra, onde se formara em Cânones, a traduzir obras inglesas e francesas. Adquiriu, assim, o bom vêzo das letras históricas; mais tarde, as suas responsabilidades de político e administrador não o afastaram do gosto pela pesquisa; com igual pertinácia, levou-a a outras direções e assuntos. (146)

Contam-se pelo dedo os memorialistas, na literatura local. Mas ainda nesse ponto avulta o nome de São Leopoldo, que contribuiu para a criação do gênero com um trabalho de cunho pessoal muito interessante. As *Memórias*, só publicadas em 1874, ricas de informes, minuciosas mesmo, acrescentam lustre e entono à figura do ilustre santista, tão afeiçoado ao Rio Grande.

Seus outros trabalhos, versando assuntos mais limitados, não têm hoje o mesmo interesse dos livros referidos linhas atrás, mas dizem da constante preocupação de Fernandes Pinheiro pela pesquisa histórica. Está neste caso a *Memória das Sociedades literárias que existiram no Brasil*, confirmadora da curiosidade e probidade do investigador.

Antônio Álvares Pereira Coruja (147) viu a história de outro ângulo, mais modesto por um lado e mais pitoresco por

(145) V. autor cit., *A Pesquisa Histórica no Brasil*, — Inst. Nac. do Livro, Rio, 1952 — pág. 63.

(146) Veja-se a relação completa de seus trabalhos no estudo de Aurélio Pôrto à edição dos *Anais* feita pelo Instituto Nacional do Livro.

(147) Antônio Álvares Pereira nasceu em Pôrto Alegre a 31 de agosto de 1806 e faleceu no Rio em 4 de agosto de 1889. Adotou o apelido que recebeu na escola — Coruja — incorporando-o ao sobrenome de família. Político e educador, entregou-se sobretudo a esta última atividade, que lhe divulgou o nome em todo o país. Escreveu: *Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* — in “Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.”, 1852, tomo XV, pág. 223. (Há uma edição de 1856: Trübner & Cia., Londres, feita a expensas do Príncipe L. Bonaparte). *Compêndio de Gramática da Língua Nacional*, dedicado à mocidade rio-grandense, Pôrto-Alegre, 1835. Há outras edições: 1849, 1862, 1872. *Manual dos Estudantes de Latim* — Rio, 1838. *Compêndio de Ortografia da Língua Nacional*, dedicado a S. M. o senhor Dom Pedro II — Rio, Tip. Francesa, 1848. *Manual de Ortografia da Língua Na-*

outro. Em 1835, ao irromper a revolução, era deputado provincial; fêz causa comum com os rebeldes, mas abandonou depois a política para dedicar-se inteiramente ao ensino. Educador de apoucados dotes espirituais, com grande esforço produziu alguns livros didáticos, a teor das *Lições de História do Brasil*, que teve muitas edições, obra equiparável, quanto à popularidade, ao seu *Compêndio de Gramática da Língua Nacional*. Cansou-se, afinal, de produzir livros para meninos, o simpático e boêmio Coruja, e começou a escarafunchar a história de Pôrto Alegre, sôbre que escreveu algumas páginas vivazes, nas quais predomina o espírito de *humour*.

Nomes de ruas, tipos populares, recordações da era farroupilha, depoimentos sôbre homens do velho burgo açorita, de tudo deu notícia, salvando nas *Antigualhas* um patrimônio de reminiscências e costumes que de outro modo se teria perdido. Como historiador, distinguiu-se portanto no gênero menor, mas nem por isso deixa de ser extremamente curiosa a contribuição que nos legou. No século XX, seguindo-lhe a trilha, Augusto e Aquiles Pôrto Alegre, Gaston Hasslocher Mazon e Athos Damasceno Ferreira deram a lume outros interessantes subsídios para a história pitoresca de Pôrto Alegre. Mas dentre os continuadores não se deve esquecer ainda o nome de Sebastião Leão, que adotou o pseudônimo de *Coruja Filho* em seus artigos sôbre a metrópole, enfaixados no *Correio do Povo* a partir de 1900.

cional — Rio, 1852. *Aritmética para meninos* — Rio, 1850. *Compêndio de Gramática Latina do Padre Antônio Pereira de Figueiredo*, com aditamentos e notas — Rio, 1852. *Lições de História do Brasil* — Rio, 1855. (Conhecem-se 7 edições). *A vida de José Bernardino de Sá depois de sua morte* (sic) ou o processo Vila-Nova do Minho, contendo as peças principais do processo prôpriamente dito Vila Nova do Minho, e precedido de um outro processo, o do Dr. Manuel Jacques de Araújo Bastos — Tip. N. L. Viana, Rio, 1856. *Algumas anotações às Memórias Históricas do Rio de Janeiro*, de Monsenhor José de Souza de Azevedo Pizarro e Araújo na parte relativa ao continente do Rio Grande do Sul — in Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., XXI, Rio, 1857. *Notas à Memória do Tenente-coronel José dos Santos Viegas* — idem, 1860. *Antigualhas e Reminiscências de Pôrto Alegre*, Tip. do Jornal do Comércio, P. Alegre, 1881. *Ano Histórico Sul-Rio-Grandense*, Tip. de José Dias de Oliveira, Rio, 1889. *Efemérides Rio-Grandenses*, in Anuário do Rio Grande do Sul de Graciano A. de Azambuja; *Memória sôbre a revolução de 20 de setembro*, idem, 1889, p. 124; *Antigualhas. As ruas de Pôrto Alegre*. Idem. 1888, p. 74; 1889, p. 94; 1890, p. 85.

Dois franceses aqui radicados, João Carlos Moré (148) e o cônego João Pedro Gay, (149) afeiçoaram-se também aos estudos históricos. O primeiro, professor em Pôrto Alegre, ocupou-se da colonização, dedicando-lhe um volume, e lançou um opúsculo polêmico ao livro de Charles Expilly, desfazendo pontos obscuros ou imprecisos focados por seu compatriota. O segundo, apegado ao território missioneiro, onde residia, na cidade de Uruguaiana, esforçou-se em afanosas pesquisas, donde a *História da República Jesuítica*, que não goza de boa fama quanto à veracidade dos informes. De fato, ao comentar os sucessos ali ocorridos, alguns dos quais já suficientemente explicados antes dêle, enredou-se em suposições e hipótese descabidas ou extravagantes. Reuniu, porém, opulento acervo de documentos e informes, os quais, despojados das longas franjas que lhes pespegou o bom padre, serviram de muito a estudiosos da estatura do Barão do Rio Branco, Padre Carlos Teschauer e Aurélio Pôrto. Relatou ainda a invasão paraguaia e divertiu-se compondo um dicionário da língua guarani, sem lograr, contudo, maior ressonância.

Trabalho modesto, mas de grande proveito, inclusive por servir de modelo a outros investigadores, foi o publicado pelo engenheiro Domingos de Araújo e Silva. (150) Dentre os livros de referência postos a correr no século passado, ainda é

- (148) João Carlos Moré, de nacionalidade francesa (?) foi professor de francês na antiga escola normal de Pôrto Alegre. Bibliografia: *De la colonisation de la province de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — Hamburgo, 1863. *Reflexões sôbre a brochura do Sr. Charles Expilly, "Le Brésil, Buenos-Ayres, Montevideo et le Paraguay devant la civilisation"* — P. Alegre. Tipografia do Rio-Grandense, praça da Alfândega, n.º 4, 1868.
- (149) João Pedro Gay nasceu em França a 20 de novembro de 1815 e faleceu em Uruguaiana a 19 de maio de 1891; naturalizou-se brasileiro. Foi vigário em Alegrete, São Borja e Uruguaiana; cônego honorário da capela imperial; sócio do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro. Bibliografia: *Notice sur les dernières années de la vie du naturaliste M. Aimé Bompland* — Rio, 1861. *História da República Jesuítica do Paraguai* — Rio, 1863. (Publicado também na Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., tomo 26, e em francês num volume impresso na Europa). *Invasão paraguaia na fronteira brasileira de Uruguaiana*, Rio, 1865. *O primeiro que pisou na província de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — manuscrito existente no Inst. Hist. e Geog. Bras. Deixou inéditos outros trabalhos. V. Sacramento Blake, *Dic. Bibliogr.*, IV.
- (150) Domingos de Araújo e Silva nasceu em P. Alegre a 22 de nov. de 1834 e faleceu no Rio a 21 de jan. de 1901. Engenheiro geógrafo, civil e militar; do conselho do Imperador; serviu no

de consulta obrigatória, mau grado as suas naturais deficiências, comuns em levantamentos de tal natureza.

Em 1868, Eleutério de Camargo ⁽¹⁵¹⁾ publicava o seu primeiro trabalho, um quadro estatístico e geográfico, a que se seguiram outros de história, sobre Osório e Antônio Manuel Corrêa da Câmara, o criador da primeira repartição de estatística, na então província. A sua atividade política foi mais ou menos intensa; jornalista de combate, polemizou com alguma acrimônia, de molde a tornar-se alvo de malquerenças que ainda perduram. Mas a sua obra desinteressada, embora pequena, tem prestado inestimáveis serviços aos estudiosos.

Até 1870, como estamos vendo, preocuparam-se os cultores da história local em esclarecer notadamente as origens do Rio Grande, reunindo do mesmo passo material para estudos mais completos acerca das Missões, durante a dominação espanhola. Terminada essa primeira fase dos estudos históricos, só veio a aparecer a segunda após a Guerra do Paraguai, em que a província perdeu tantos filhos e conquistou tantos heróis. A preferência dos historiadores iria então bipartir-se: de um lado, o assunto ainda ensopado de sangue — a luta externa; de outro lado, com os primeiros rebates da livre propaganda republicana, a valorização da experiência e do heroísmo dos farrapos.

É o que iremos ver em novo capítulo, páginas adiante.

* *
*

Consideremos, agora, antigos inéditos vindos a lume no século passado e da autoria de soldados ou cronistas de poucas letras, mas em tudo estimáveis, por constituírem a des-

Exército até o posto de capitão do estado-maior de 1.^a classe
Bibliografia: *Dicionário Histórico e Geográfico da Província de S. Pedro* — Rio, Eduardo e Henrique Laemmert, 1865. Escreveu também uma *Teoria das integrais definidas* e um *Curso de Topografia*.

- (151) Antônio Eleutério de Camargo nasceu em Pôrto Alegre em 1839 e faleceu em S. Paulo em 1.^o de junho de 1895. Foi engenheiro militar, deputado provincial e geral, Conselheiro de Estado e Ministro da Marinha; um dos fundadores d'A *Reforma*, jornal pôrto-alegrense, onde colaborou com assiduidade. Deixou a atividade política após a proclamação da República. Bibliografia: *Quadro Estatístico e Geográfico da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 1868. Além de estudos menores, plantas, e biografias.

crição menos desfigurada da infância do continente. Sobre os mesmos muito haveria que dizer. Limitar-nos-emos a mencionar os mais dignos de aprêço. Dada a grande cópia de informes nêles consignados, e ainda porque foram escritos quase sempre ao Deus-dará dos infortúnios, a história deve encontrar aí, nesses papéis despreziosamente simples, sem luxos de erudição, um gôsto de vida e uma autenticidade indispensáveis à caracterização da terra e das gentes, na era do castelhana invasor.

Citaremos os seguintes: *Diário* do sargento-mor de Dragões Patrício José Corrêa da Câmara (1776); ⁽¹⁵²⁾ *Notícia Particular do Continente de Rio Grande do Sul*, por Sebastião Francisco Bettâmio (1870); ⁽¹⁵³⁾ *Compêndio Noticioso do Continente do Rio Grande de São Pedro*, por Francisco João Roscio (1781); ⁽¹⁵⁴⁾ *Diário Resumido*, de João de Saldanha (1787); ⁽¹⁵⁵⁾ o *Diário* do Capitão Jacinto Rodrigues da Cunha. ⁽¹⁵⁶⁾

Todos êsses relatos, que têm sido utilizados no levantamento da história regional, se completam com o *Almanaque da Vila de Pôrto Alegre*, o mais antigo trabalho que no gênero se conhece. Escreveu-o em 1808 o comerciante transmuntano Manuel Antônio de Magalhães, que, apesar de pouco instruído, fixou com clareza e graça observações muito agudas sobre o contrabando, o comércio de gado e muares com as capitânicas do Centro, a falta de escravos para a lavoura, os gêneros cultivados, o charque, a justiça, a concessão de sesmarias, não deixando de apreciar a situação de penúria dos continentinos no tocante à assistência religiosa. A despeito da brevidade com que tratou os seus temas, Magalhães se coloca entre os informantes de consulta obrigatória para quem queira conhecer a região no ano da transmigração da Família Real. Escrito para ser transmitido a um dos grandes de Portugal que fôra vice-rei do Brasil, o *Almanaque* permaneceu inédito.

- (152) Aurélio Pôrto põe em grande destaque a valia de seu trabalho.
(153) Composto por ordem do vice-rei Luís de Vasconcellos e Souza. *V. Rev. I. H. e Geogr. Bras.*, tomo 21, págs. 239 a 299.
(154) Francisco João Róscio (1733-1805), engenheiro militar português, serviu no Rio Grande desde 1767 até o dia de sua morte. Chegou ao posto de Brigadeiro. *V. Artur Alfredo da Mota Alves, Elementos para a biografia do Eng. F. J. Róscio*, in *R. I. H. G. R. G. S.*, ano XIX, III trimestre, págs. 3-28.
(155) *V. Rev. I. H. e Geogr. Bras.*, tomo XVI, pág. 220 e segts.
(156) *V. Rev. I. H. e Geogr. Bras.*

to até 1867, mas desde aí tem merecido a maior atenção dos estudiosos da história e da sociologia, dando-lhes a pista para investigações de maior peso acêrca dos problemas da época e da sociedade pioneira do Rio Grande do Sul. ⁽¹⁵⁷⁾

CAPÍTULO VII

O CRIADOR DO ROMANCE

OSÉ ANTÔNIO DO VALE CALDRE E
FIAO. — *A DIVINA PASTORA E O CORSÁRIO*. — QUALIDADES DE SUA PROSA.

(157) *Almanaque da Vila de Pôrto Alegre* — Com reflexões sôbre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul, por Manuel Antônio de Magalhães — Pôrto Alegre, 20 de julho de 1808. Primeira publicação na *Revista do I. H. e Geogr. Brasileiro*, tomo XXX; 2.^a, Liv. do Globo, P. Alegre, 1908, anotado por Augusto Pôrto Alegre; 3.^a na *Rev. do I. H. e Geogr. do R. G. do Sul*, n.º 81, 1940; 4.^a no *Boletim Municipal* da Prefeitura de P. Alegre, anotado por Walter Spalding, n.º 5, ano II, 1940.

CAPÍTULO VII

O CRIADOR DO ROMANCE

Antes d'*O Guarani*, d'*As Minas de Prata* e da *Iracema*, mas precedida de três anos pela *A Moreninha* e de dois pelo *O Moço Louro*, surge *A Divina Pastora*, da autoria de Caldre e Fião, ⁽¹⁵⁸⁾ indubitavelmente o primeiro romance rio-grandense de que se tem notícia. Se o precedem, no Brasil, Norberto de Souza e Silva, Teixeira e Souza e Macedo, o certo é que Caldre e Fião aparece quase à mesma época, não se justificando, destarte, a omissão de seu nome entre os dos introdutores do gênero na literatura nacional. Afora isto, dever-se-á considerar ainda a importância intrínseca de sua prosa, prin-

(158) José Antônio do Vale, que acrescentou posteriormente ao nome o apelido Caldre e Fião, nasceu em Pôrto Alegre a 22 de agosto de 1813 e faleceu em São Leopoldo a 20 de março de 1876. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, viveu na Côte ainda alguns anos depois de formado, até que se transferiu para a terra natal, onde continuou a pregação ali iniciada em prol da Abolição. Fundou e dirigiu no Rio *O Filantropo*, órgão da Sociedade Filantrópica e um dos primeiros jornais que se bateram pela causa do escravo. Escreveu: *A Divina Pastora* — novela rio-grandense — Rio, 1847, 2 vols. 188 e 200 págs. (Segundo Sacramento Blake, pois não logramos ver o romance ou ter notícia dêle em mãos de alguém.) *O Corsário* — romance rio-grandense — Tipografia Filantrópica, rua da Assembléia, 30 — 1851. De suas obras pudemos consultar também os *Elementos de Farmácia Homeopática* — Rio, 1846, e a tese de doutoramento. Informa Blake que escreveu ainda: *Curso de Poesia Brasileira* — Rio, 1847, (?); *Elogio dramático ao faustosíssimo batizado do príncipe imperial D. Pedro* — Rio, 1848; *O Coronel Manuel dos Santos* — drama — Rio, 184..; *O Jardim da Noiva*, poesia — Rio, 184..; *Imerisa*, id., Rio, 184..; *Ramalhete Poético* — Rio, 1849 — e redigiu a *Enciclopédia dos Conhecimentos Úteis*, Rio, 1849. Em Pôrto Alegre exerceu sobretudo a medicina, mas foi o primeiro presidente da *Sociedade Partenon Literário*, cuja *Revista* ajudou a fundar e na qual publicou poesias e estudos biográficos. Pertenceu ao partido liberal; cindido êste em duas alas, ficou com a chamada — progressista. Intransigente defensor do escravo, foi muito combatido; conta-se que voltou ao Sul premido pela ameaça constante dos escravistas. Aquiles Pôrto Alegre, *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*; Blake, *op. cit.*; *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio; *Rev. Mensal do Partenon Literário*.

principalmente no segundo de seus romances, *O Corsário*, livro sob muitos aspectos excelente, mesmo sem levarmos em conta a mediania da primeira geração romântica.

Compreende-se, mas não se justifica o esquecimento em que jazia o seu nome, nem de leve referido por autores credenciados que se ocuparam da historiografia literária em geral, ou ainda dos que estudaram a fundo o romance brasileiro. Todos os seus livros foram publicados no Rio — poesia, prosa e trabalhos de literatura médica — antes de regressar o autor ao Rio Grande, já formado em medicina, fugindo à sanha dos escravistas, tão veementemente combatidos por sua pena de paladino. ⁽¹⁵⁹⁾

Aqui, abandonou praticamente a prosa, para se dedicar sobretudo à poesia, mas não produziu, neste último gênero, cousa de maior importância.

Adquiriu em Pôrto-Alegre largo renome, ante a dedicação apostolar com que exercia a medicina. Eleito deputado provincial, pelos liberais progressistas, Caldre e Fião defendeu amplas e generosas reformas no tocante ao ensino, à saúde, à economia e ao trabalho servil, coerente com a posição que assumira, no Rio, pelas páginas d'*O Filantropo*, periódico que se intitulava “órgão da sociedade contra o tráfico de africanos e promotora da colonização e civilização dos indígenas.”

Quando Apolinário Pôrto Alegre e seus companheiros se reuniram para fundar a “Sociedade Partenon Literário”, o nome de Caldre e Fião, cercado de uma auréola de fama e de autoridade moral, lhes ocorreu como talhado para presidir a nova agremiação. Amparados por êle, puderam levar avante a iniciativa, cuja concretização tomou um colorido indisfarçavelmente liberal. Prova-o o fervor com que se lançaram à campanha da Abolição e da República, do mesmo passo que realizavam conferências, debates e espetáculos teatrais destinados a angariar fundos para libertar meninos escravos. Pôrto Alegre vibrava com os saraus, as representações teatrais e a revista do “Partenon”, enquanto a tudo isso emprestava austeridade o romancista d'*A Divina Pastora*, companheiro mais velho e experiente daqueles rapazes buliçosos.

A geração que êle ajudou a projetar-se não o esqueceu, é bem verdade, mas também não contribuiu para esclarecer os desvãos da sua biografia, ou rastrear a influência literária por êle exercida. Tendo participado, quando estudante no Rio, das primeiras tentativas de romance nacional, tendo tra-

(159) Cf. Aquiles Pôrto Alegre, ob. cit., 2.^a ed., págs. 44-6.

zido de lá uma obra feita, *Caldre e Fião*, sem embargo do entusiasmo com que acolheu os ardores daquele grupo juvenil, manteve-se diante dêste numa atitude um pouco fria e distante. Absorvido pela profissão, solicitado a clinicar numa vasta zona, não se negou a sacrifícios que deixaram lembrança no reconhecimento da população, a exemplo do comovente desinterêsse com que enfrentou uma das epidemias de cólera-morbo. Deu, assim, à medicina o que dois de seus colegas e contemporâneos, Joaquim Manuel de Macedo e Manuel Antônio de Almeida, furtaram à filantropia para oferecer às letras — uma dedicação de tôdas as horas. O médico Caldre e Fião matou o romancista Caldre e Fião.

Seus romances foram esquecidos; constituem hoje raridade bibliográfica, bastando dizer que não os encontramos na Biblioteca Nacional, nem no Gabinete Português de Leitura. A Biblioteca Pública de Pôrto Alegre, a Biblioteca Rio-grandense e a Biblioteca Pelotense também não possuem um só exemplar d'*A Divina Pastora*. Pudemos, contudo, localizar um exemplar d'*O Corsário* na biblioteca particular de um amigo, ⁽¹⁶⁰⁾ e devemos a êste achado a possibilidade de acrescentar êste capítulo, que faltava realmente, à história da literatura rio-grandense, para não dizer da brasileira.

Ao lado dos precursores citados, Teixeira e Souza, Norberto e Macedo, o rio-grandense pode figurar sem desdouro, antes com enorme vantagem sôbre os primeiros, enquanto sobrepuxa o autor d'*A Moreninha* em alguns aspectos, como iremos ver.

A efabulação d'*O Corsário* abrange um quadro psicológico, moral e histórico, de grande envergadura; chega a ser ousada, para o tempo, dadas as limitadas ambições de nossos primeiros romancistas. Toma um episódio que foi comum nas costas do Sul — o naufrágio de navios veleiros, na altura de Tramandaí. Os destroços de repetidos naufrágios eram recolhidos por famílias das redondezas, uma das quais vivia das desgraças ocasionadas pelo mar. De uma feita, vem dar à praia o capitão de um navio corsário, Vanzini, homem de passado escuro, autor de crimes que o haviam tornado indesejável em Veneza. Maria, moça praieira, encontra o capitão desfalecido, num dos cômodos da costa, e por êle se apaixona, mas o jovem serve-se de todos os recursos para iludi-la, pois

(160) Olyntho Sanmartin, que generosamente nos franqueou a sua preciosa coleção de autores rio-grandenses.

a sua alma de corsário visava sobretudo aos bens materiais. Em S. José do Norte e outras localidades do litoral encontra êle amigos e protetores, um dos quais vivia do contrabando e de piratarias marítimas. Enreda-se a história: Maria foge com o amante, enquanto a família sai em perseguição de ambos. A linha sentimental do romance é o amor de Maria e Vanzini: afinal, desmascarado êste nas suas intenções, a moça vem a amar um rude e honesto vaqueano, João Martinho, prometendo ao leitor o *happy-end* das histórias do gênero. Mas os incidentes que levam o corsário à morte e a virtude à recompensa giram todos em tórno de episódios ligados à formação do Rio Grande e à sua legenda heróica. Assim é que, a par da descrição da vida das populações litorâneas, com seus contrabandistas e aventureiros, perpassa pelo romance o sôpro épico da luta farroupilha. Mas o romancista, que ao romper o Vinte de Setembro contava 22 anos, não tem acêrca dos homens que participaram da revolução, Bento Gonçalves, Gomes Jardim e Garibaldi, entre outros, uma visão aguardamente romântica. Não poetiza as cenas de que são figurantes, mas serve-se dêles para dar verossimilhança às personagens, aos episódios vividos pela ficção, como o da violência com que Vanzini, a mando de Garibaldi, participa da guerra de preia na Lagoa dos Patos. Aqui e ali, a ação dos farroupilhas serve-lhe de pano de fundo. Mas, se não é derramado no apreciá-los, um homem, dentre os chefes da sedição, merece-lhe tratamento especial — Bento Gonçalves. Mas Caldre e Fião não se perde no ditirambo palavroso; o seu Bento Gonçalves é um homem, não uma figura lendária. O herói se nos mostra em plena ação, vivendo intensamente a sua hora de sangue e sacrifício. Eis um dos passos a que nos referimos:

“Bento Gonçalves que o escutava com grande atenção, tornou-se pensativo, e disse entre dentes:

— Um novo amigo!... A notícia de uma fôrça dos *ca-ramurus* junto à *Restinga Grande* onde as minhas providências já foram dadas!... E eu desta não sabia!...

— Ontem, continuou êle falando para Matias, aqui estiveram três homens que sem dúvida vos procuravam.

— Três homens! disse Matias admirado, e já temendo alguma traça do malvado corsário; que queriam êles de mim?!... disseram-vos alguma cousa?...

— Não; sòmente me vieram pedir proteção a bem de seguirem para o Rio Grande, e eu não lha neguei.

— Nem uma palavra deixaram escapar que revelasse qual era sua intenção?

— Êles praticaram lá entre si; eu observei sòmente que tratavam de vingar-se: falaram muitas vêzes de uma vingança futura...

— Vingança futura!!... exclamou Matias tremendo: e contra quem, meu Deus?!...

— Não sei; não lhes ouvi mais nada.

— Eram nossos patrícios ou eram estrangeiros?

— Um dêles me pareceu italiano.

— Italiano! São reais as minhas suspeitas!... Quanto tenho sofrido dêses *macarrões!*... Deram-me, é verdade, bastantes lucros no tempo da guerra; mas agora, santa virgem! agora têm-me esfolado à grande! Dei uma vez dois mil patacões para uma especulação em Montevideú, dos quais nunca mais vi a côr. Depois disto algumas facadas de quando em quando... e finalmente o empréstimo, aquêle empréstimo que minha mulher pediu em favor de Vanzini... mas, ah! agora me lembro! sôbre empréstimo, eu tenho algumas dúvidas; segundo eu creio, aquela carta não foi senão um laço para me pilhar. — Tenho sido bem perseguido! continuou êle dirigindo-se a Bento Gonçalves; os meus inimigos têm por mais de uma vez querido dar-me cabo da pele. Se eu me não tivesse tornado matreiro, fugindo daqui e dali, sem dúvida teria levado um esfrega em que teria perdido couro e cabelo.

— Não tem dúvida, amigo, eu vos hei de proteger, disse Bento Gonçalves; uma vez que vos dedicais em favor da causa da pátria, e vos tornastes encarnizado inimigo dos tiranos, deveis contar conosco. Vós reunindo os homens da Costa, e marchando com êles para Viamão no tempo em que vos marcamos, haveis de fazer um serviço relevante ao nosso país.

— Mas aqui para nós, observou Matias, quais são os lucros que daí nos provêm?

— Os lucros?! disse Bento Gonçalves; os lucros que nos hão de daí resultar são muitos: a glória; um nome que há de passar às futuras gerações! — Quando os homens de qualquer país, não podendo sofrer os grillhões da tirania e do despotismo, os calcam aos pés, e em seu lugar regam com seu suor e mesmo com o seu sangue, a árvore benéfica da liberdade, que tem de cobrir os seus filhos e as gerações que se seguem, granjeiam um lugar brilhante e majestoso no templo onde os seus nomes ficam escritos em caracteres indeléveis. Os defensores da liberdade de sua pátria não morrem; vivem eterna-

mente na memória dos povos. Quanto é feliz o homem que pode trabalhar para tornar livres os seus irmãos, e dizer-lhes um dia: "Nós já não somos escravos; as cadeias com que os tiranos roxcavam os nossos pulsos, vêde-as: ali estão despedaçadas; podemos calcá-las com os nossos pés, porque o monstro hediondo do despotismo morreu. Ali jaz o seu cadáver estendido na poeira do passado!! Quanto é feliz o homem que pode um dia, um só dia, verter um rio de suor para lavar a afronta e uma nódoa que o absolutismo lançou na frente dos povos!"

— Eu vos respeito muito, meu amigo e senhor; mas sempre vos queria fazer uma observação: de que serve essa cousa de um nome que nunca morre, se o homem vai caminhando para a sepultura muito fresco e nada goza além desta vida, porque nós ignoramos o que vamos passar lá na outra. Quem sabe lá... Deus é muito justo; mas o presente é que é real; é necessário trabalhar para o presente, e ganhar bastante dinheiro, e ter que deixar aos filhos. Enfim ir satisfeito para a outra vida.

— A vossa linguagem é um pouco burlesca, observou Bento Gonçalves; fere-me bem de perto. Ganhar dinheiro!... ter que deixar aos filhos! Reduzir-se um homem a si e unicamente a si: e a sua pátria, a grande família a que pertence há de ficar abandonada e entregue à mercê dos tiranos, desses bárbaros vândalos!... Ah nunca!! nunca! A minha terra não há de queixar-se com razão de ter alimentado um filho que para nada lhe prestou; que não ouviu o seu gemido no momento em que ela estava debaixo do peso da opressão e da miséria!

Enquanto êle assim se absorvia na efusão dos seus sentimentos patrióticos, e que parecia todo dominado por uma influência poderosa, Matias curvou a cabeça, e se resolveu a não dizer nem mais uma palavra. Bento Gonçalves observou o seu silêncio, e passados seis a sete minutos perguntou-lhe:

— Então, amigo, está resolvido a partilhar da minha glória e dos meus trabalhos?

Matias conservou o silêncio." (161)

Mas onde chega a ser excelente a sua técnica, a ponto de dominar a de seus contemporâneos, exceção talvez única de Manuel Antônio de Almeida, é no corte das figuras imaginárias. Estas se apresentam por si mesmas, através de uma dia-

(161) *O Corsário*, págs. 60-62.

logação realmente viva, que ocupa a maior parte do livro. A ação sobrepuja a descrição. Como se vê dêste exemplo:

— Pois sim, disse êle descuidoso.

Êles se apearam, desencilharam os cavalos, e os puseram a pastar, enquanto o vaqueano acendia o fogo em seu isqueiro e queimava alguma *macega* seca, para assar um churras-co, e uma pouca de carne que trazia na garupa. Quando êles estavam em meio de sua refeição frugal, na margem oposta do rio apareceram três gaúchos lanceiros que o passaram, e vieram sentar-se muito sem-cerimônia ao lado de Matias, e começaram a participar do almôço que lhes não tinha sido oferecido, sem todavia abandonarem um instante sequer as suas armas. Matias tornou-se desconfiado, e não foi sem receio que lhes perguntou para onde iam.

— Para casa do Sr. capitão José Gomes, respondeu um dêles. Nós somos da gente de Bento Gonçalves.

— Há alguma novidade? perguntou Matias.

— Há muitas, continuou o primeiro que tinha falado. Os *caramurus* estão muito alevantados; o Silva Tavares é agora o comandante superior da Guarda Nacional, e está comandando também o 4.º regimento de cavalaria.

— Que mudança foi essa? perguntou com surpresa Matias; então Bento Gonçalves já não é mais o amigo do presidente Braga?

— O presidente virou a casaca, tornou o gaúcho. Já não é mais do nosso partido; está agora *caramuru*.

— Levais essas notícias ao Capitão José Gomes?

— Êle já sabe de tudo.

— E o coronel está só?

— Nós viemos agora da sua casa, e lá deixamos três moços que estavam conversando muito com êle; mas quem êles são nós não sabemos.

— Não ouvistes nada do que êles disseram?

— Não, senhor; nós estávamos aparelhando os cavalos, e partimos logo, porque o coronel nos tinha recomendado que caminhássemos quanto antes a entregar esta carta. Nós não nos podemos demorar muito, vamo-nos já embora.

E êle lançou um olhar de inteligência aos outros dois, que saltaram sobre os cavalos, e em breves minutos Matias estava só com o seu *vaqueano*, e se preparava para continuar a sua viagem." (162)

(162) *O Corsário*, págs. 57-58.

— O General Lavalleja estêve há poucos tempos em casa do Capitão José Gomes, disse o jovem, e foi recebido com grandes honras por todos os nossos patriotas; e julgo que muito breve há de haver uma estourada na Campanha, porque todos os habitantes dela estão resolvidos a adotar o partido da federação; mas enquanto a mim, há de haver a sua diferença a respeito da eleição do presidente, porque os Orientais hão de querer; nós também não lhe havemos de ceder com muita facilidade. Deus sabe o que há de acontecer!...

— Eu pela minha parte, Sr. Ansão, disse Vanzini, posso muito bem dirigir a esquadriha contra os navios do Rio de Janeiro; mas vmcê. bem vê que enquanto eu aqui estiver prêso, não posso resolver nada. É preciso que ditem de me soltar para combinar nesses meios. O Capitão José Gomes é muito meu amigo, e nessa ocasião em que Lavalleja cá estêve eu senti bem não poder falar-lhe para me ajustar com êle.

— Mas a propósito, disse Ansão, vmcê. já sabe por que está prêso?

— Eu não, senhor, nem mesmo suspeito cousa alguma; isto são sem dúvida despotismos do presidente Braga: mas vmcê., que se encarregou dos meus papéis, há de saber disso.

— Nada me quiseram dizer. Eu fui à polícia, e a única cousa que pude obter com as cartas que levei foi que vmcê. havia de sair sôlto antes de chegar ao meado do mês que vem.

— Para o mês que vem! Pois então que fiz eu para me reterem assim tanto tempo na cadeia?...

— Eu não sei, disse Ansão; certamente que não é por vmcê. ter dado esmolos." (163)

Num livro assim, a paisagem, ainda que tratada românticamente, não chega a cansar. Caldre e Fião é discreto, sobretudo quando as cenas transcorrem na costa arenosa do Rio Grande, tão pobre de árvores e de colorido. As pinceladas, rápidas, são talvez frias demais; contudo, era preciso que assim fôsse, para guardar fidelidade ao modelo:

"Era a hora sombria da tarde: o céu azulado se enegrecera um pouco e se cobrira de nuvens diáfanas e opacas que ou ocultavam a face do sol ou descambavam-se preguiçosas e lânguidas, e se estendiam no horizonte do mar, para fazer-lhe um leito fácil nas abas do céu e dormir tranquilas. Estas nuvens propagavam-se para as partes do Sul; e lá se perdiam umas sôbre as outras, na amplidão do espaço, e era bem mau agouro. As areias estavam quentes; e da superfície sinuosa

dos cômodos levantava-se uma poeira ou vapor que abafava a terra e as casas dos miseráveis habitantes das costas. As aves ribeirinhas (os gansos e os patos) fugiam do mar, e vinham abrigar-se debaixo destas raras árvores por aí plantadas. Cansados, nem grasnar ousavam. Era bem mau agouro! Os homens respiravam a custo. O seu coração batia vigorosamente; as bôcas lhes secavam: a ordem dada em voz baixa como de prevenção, os obrigava ao movimento para que se não achavam dispostos; a fadiga e a alegria reinava entre êles. Era bem mau agouro!" (164)

Com estas qualidades e defeitos, Caldre e Fião constitui um autor dos mais interessantes da nossa primeira geração de prosadores. Romântico pelo enredo, pelos recursos anedóticos, chega às vezes a uma ingenuidade exemplar, mas denuncia já uma visão realista da natureza e das paixões.

Escrevendo com apuro, o criador do romance rio-grandense adota poucos *gauchismos*, mas quando os emprega recorre sempre ao itálico. No geral a sua prosa se apresenta despida de elementos acessórios endereçados a obter a sonoridade fácil que foi uma das fraquezas de Macedo e de seus companheiros de geração. A adjetivação parca e o senso de objetividade constituem ainda uma de suas marcas. Num lance, com economia de palavras, desenha o caráter das figuras:

"Esperai um pouco e vêde."

Uma cavalgada parou diante da casa de Matias. Dois homens saltaram ligeiramente, e entraram.

Eram Bento Gonçalves e o Capitão Antunes.

Não se poderia dar maior surpresa! Todos se levantaram involuntariamente, e soltaram um grito de terror... êles estavam gelados!!...

Manuelzinho, porém, saído o primeiro dêste estado de torpor e sobressalto, deu dois passos para o chefe da insurreição; estendeu-lhe a mão e disse-lhe com ironia:

— Valente coronel, foi sem dúvida a vossa ida à Côrte que vos fêz mudar as boas disposições patrióticas que tínheis em outro tempo, como me afirmou meu pai!

E voltando-se para os outros com voz firme e pronunciada:

— Um rio-grandense não deve trair a sua pátria!... não deve servir aos interesses dos vis cortesãos!!

Todos estremeceram; Bento Gonçalves fixou-lhe um olhar em que transluzia a raiva e o desespero; mas que brevemente

mudou por um sorriso que a sua dissimulação sabia emprestar-lhe em momentos críticos. Ele disse depois com acento pausado:

— És ainda muito moço, meu menino, para me compreenderes. Entendes?" (165)

Embora nos falte, para completarmos o estudo da obra de Caldre e Fião, *A Divina Pastora*, seu romance de estréia aparecido quatro anos antes d'*O Corsário*, podemos dizer que se trata de um autor capaz de resistir a um cotejo rigoroso com os fundadores do gênero.

A prosa descarnada, reveladora de boas qualidades literárias, não foi a que prevaleceu, a seguir, entre os seus discípulos do "Partenon", tão exuberantes algumas vêzes. Por outro lado, embora tomando por tema a paisagem, os costumes e a história da terra natal, mostrou-se infenso ao documentário. Por exemplo: trasladou ao papel a linguagem coloquial comum do Brasil, embora não deixasse de usar uns poucos gauchismos essenciais. Escreveu segundo um nacionalismo literário mais arejado. Donde concluímos por afirmar que o romance d'*O Corsário* não autoriza se inclua o nome de Caldre e Fião na corrente regionalista.

Ele inicia e encerra uma fase da prosa. Rita Barém de Melo, Félix da Cunha e João Vespúcio de Abreu e Silva, predominantemente poetas, pertencem ao mesmo grupo — que se caracterizou pela inserção da literatura gaúcha num plano menos local e mais nacional.

Mas a geração seguinte, liderada por Apolinário Pôrto Alegre, sequiosa de assuntos gauchescos, tomou outra direção; fêz-se notar pelo excesso com que incorporou à linguagem escrita as peculiaridades impròpriamente chamadas dialetais.

Caldre e Fião não chegou, assim, a influir decisivamente, como seria normal e até certo ponto desejável, a ficção rio-grandense da segunda metade do século XIX. Mas a sua obra de prosador, não só no caso particular do Rio Grande, senão também no concernente às letras nacionais, tem o mérito de haver ajudado a criar o romance. Esquecer o seu nome, não incluí-lo entre os dos precursores, isto é que não nos parece justo.

CAPÍTULO VIII

POETAS DA PRIMEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA

A PRIMEIRA REVISTA LITERÁRIA:
O GUAIBA. — "CASIMIRIANOS" ANTES
DE CASIMIRO DE ABREU. — PRINCIPAIS
REPRESENTANTES DO SENTIMENTALIS-
MO ROMÂNTICO NA POESIA. — A REVIS-
TA *ARCÁDIA*.

CAPÍTULO VIII

POETAS DA PRIMEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA

Do início da segunda metade do século XIX ao aparecimento da "Sociedade Partenon Literário", as letras rio-grandenses atravessaram o período de adaptação da poesia ao romantismo nacional em sua mais viva expressão individualista. O sentimentalismo à Chateaubriand, sobretudo no que concerne à natureza e aos desfalecimentos do espírito combativo, dando lugar à contemplação, à melancolia, ao abandono e à tristeza, libertaram a literatura local, nessa fase, de compromissos com os aspectos mais genuinamente gaúchos. Os poetas que surgiram por aqui eram todos êles individualistas fechados, sensíveis ao extremo, dando vazão às lágrimas e ao desencanto sem nenhum respeito humano, e, ademais, indiferentes às condições de raça ou de nacionalidade. E foram, contudo, os que mais fielmente traduziram a voz íntima da alma brasileira, languorosa e terna, que iria vibrar no verso de Casimiro de Abreu. Note-se que, ao aparecer essa geração rio-grandense, o próprio Casimiro apenas começara a poetar. Entretanto, muitos dos nossos já se apresentavam com o mesmo tom, igual temática e o mesmo acento que distinguiriam o fluminense, donde poderemos dizer que tivemos, aqui, uma corrente casimiriana, antes mesmo de Casimiro.

Em torno da revista *O Guaíba*, publicada na capital (1856-1858), gravitaram os principais representantes desse momento poético, a saber: João Vespúcio de Abreu e Silva (1830-1861), Félix da Cunha (1833-1865), Rita Barém de Melo (1840-1868), Pedro Antônio de Miranda (1843-1900) e João Capistrano Filho (1834-1864). Desaparecendo a revista porto-alegrense, surge na cidade de Rio Grande a *Arcádia* (1867-1870), que entre outros valores poéticos revelou Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867), remanescente do arcadismo, que se afeiçãoou também à nova tendência do romantismo individualista.

Foi, aliás, com o grupo d'*O Guaíba* que a literatura rio-grandense começou a tomar forma definida. A contar daí os nossos poetas e escritores apareceram em grupo, unidos por ideais e aspirações comuns, e o seu esforço conjugado, além

de marcar fundamente a sua época, revelou, ademais, laços de estreita afinidade com os outros românticos do Centro e do Norte.

Não faltou ao grupo d'*O Guaíba*, para identificá-lo ainda mais com aquêles, a nota macabra da "escola de morrer jovem". Pois quase todos os seus poetas morreram prematuramente, na mesma década em que faleceu Casimiro de Abreu.

Com exceção de Félix da Cunha, que aos talentos de orador juntou marcante atuação política, os demais passariam despercebidos aos seus contemporâneos, não fôsem os seus versos. Salvo Clarinda Siqueira, mais ligada ao arcadismo, cultivaram a poesia de côres melancólicas, de ritmos plangentes; a mesma atração do lar lhes inspirou uma poesia menineira. Mas houve nesse grupo um nome, Rita Barém de Melo, que precedeu o mesmo Casimiro, com quem todos se parecem; publicou ela, em 1855, versos que diríamos assinados pelo poeta fluminense, ou feitos à sua maneira, se não soubéssemos que as *Primaveras* só foram dadas à estampa quatro anos depois.

Enquanto o velho Araújo Pôrto Alegre, de longe, trovejava as *Brasílianas*, companudas e pesadas, na sua província os moços cantavam como os pássaros, com naturalidade e fluência, despreocupados de tudo. Temperamentos magoados, traziam consigo uma sede infinita de poesia. Nem mesmo o nacionalismo literário, que seria, poucos anos depois, a ária de bravura do movimento do "Partenon", lhes picou a idéia, impondo-se-lhes voluntariamente à sensibilidade. E o mais agradável é que, não indagando de tais cousas, são brasileiro-simos. Colocaram-se exatamente nas coordenadas do nosso lirismo tradicional, na doce companhia dos poetas que não curam de escolas, nem de influências.

* * *

João Vespúcio de Abreu e Silva ⁽¹⁶⁶⁾ teve uma vida cheia de canseiras e enfermidades. Os contemporâneos chamaram-

(166) João Vespúcio de Abreu e Silva, filho do Major João Luís de Abreu e Silva, nasceu na Bahia, onde o pai, gaúcho, se achava destacado com a família. Isso contraria os biógrafos do poeta, que lhe dão por berço a cidade de Pôrto Alegre. A nosso pedido, o historiador Jorge Godofredo Felizardo apurou que dos assentamentos eclesiásticos de João Vespúcio consta ser êle natural daquele Estado. Casou em Pôrto Alegre em 18 de julho e faleceu em 7 de outubro de 1861. Apenas na certidão de óbi-

lhe *Poeta da Solidão*, nome de uma poesia em que extravasa a sua mágoa, a sua tristeza de valetudinário precoce. No período em que êle e os seus companheiros d'*O Guaíba* poetaram, Pôrto Alegre não havia ainda adquirido completo domínio sôbre a vida cultural da província. Abreu e Silva sentia-se só e desamparado. Sem maiores estímulos, mas revelando vontade férrea, conseguiu quebrar um pouco o indiferentismo que o cercava. A sua poesia é de tom sombrio e nada revela do ambiente e da paisagem do Sul. Compôs versos sob a inspiração da lírica portuguesa, com todo o seu cortejo de imagens e figuras dolentes. O salgueiro, a fonte, a soledade, — eis o vocabulário melancólico do seu temário poético.

Félix da Cunha ⁽¹⁶⁷⁾ começou a fazer versos muito jovem. Atraído pela política, a que o inclinavam seus raros dons de orador, deixou de parte a poesia, passando a dedicar-se com entusiasmo à imprensa partidária. Mas, após a sua morte, Francisco Cunha, seu irmão, reuniu-lhe em volume as produções, que representam um dos mais belos subsídios do Rio

to consta a naturalidade gaúcha. Exerceu o magistério secundário na cidade de Pelotas; foi administrador da mesa de rendas gerais de Bagé, secretário da Instrução Pública, administrador do correio geral da província e deputado provincial pelo círculo de Rio Pardo. Ao fundar-se o primeiro Instituto Histórico e Geográfico, por iniciativa de Artur Montenegro, foi considerado sócio efetivo. Militou por algum tempo na imprensa do Rio, quando ali residiu em busca de melhores climas para a saúde abalada. De agosto de 1856 a maio de 1857 redigiu o semanário *O Guaíba*, de Pôrto Alegre. Publicou: *Poesias*, 1856. (V. *Esbôço Biográfico de J. V. de Abreu e Silva*, in *R. M. do Partenon Literário*, 3.º ano, janeiro de 1874, da autoria de H. (ilário) R. (ibeiro).

(167) Félix Xavier da Cunha nasceu em Pôrto Alegre a 16 de setembro de 1833 e aí faleceu a 21 de fevereiro de 1865. Oito anos após o seu falecimento, Hilário Ribeiro lhe traçou a biografia na *R. M. do Partenon Literário* (vide n.º 7 do 2.º ano, 1873); em nota, lamentou que apesar de constantes apelos, não conseguira maiores dados sôbre o ilustre rio-grandense. Formou-se em direito pela Faculdade de S. Paulo. Colaborou n'*O Guaíba*, periódico literário; dirigiu *O Mercantil*, jornal político, ambos de Pôrto Alegre. Orador eloqüente, foi um dos baluartes do partido liberal, ao lado de Osório e Silveira Martins, do qual dissentiu mais tarde. Deputado à Assembléia Provincial. Obras: *Victor*, drama em 5 atos; Tipografia do "Jornal do Comércio", Pôrto Alegre, 1874; *Poesias* (póstuma), P. Alegre, 1874; segunda edição — Liv. Ed. Freitas Bastos, Rio, 1933; *Uma noite de vigília*, romancete; *Atenas*, ensaio.

Grande à poesia romântica. Machado de Assis ⁽¹⁶⁸⁾ traçou-lhe o elogio, numa crônica de março de 1865, em termos calorosos: "Era um grande lutador Félix da Cunha. Era uma inteligência e uma consciência, na acepção mais vasta destes dois vocábulos. Jovem ainda, soubera criar um nome que se estendeu desde logo em todo o país, e tornou-se uma das estrelas da bandeira liberal. Tinha a estima dos amigos, o respeito dos adversários — e a admiração de todos. Na imprensa, como na tribuna, a sua palavra era dotada de robustez e brilho, de audácia e convicção.

"Foi poeta nos seus primeiros anos; cedo, porém, abandonou o lar das musas como tantos outros, para sacrificar à fada prestigiosa de todos os tempos, que atrai com tanta fascinação e que prepara às almas cândidas as decepções mais cruéis. Não sabemos se êle as teve; devia tê-las." ⁽¹⁶⁹⁾

Esse homem de coragem e ímpeto excepcional na tribuna política era contudo um amoroso do melhor quilate, não isento da morbidez que trasladou a poesias como esta:

"É tempo de dormir — cansou-se a orgia;
Sinto a fronte em delírio, os membros lassos,
E as pálpebras pesadas — vem, mulher,
Um beijo mais... e estende-me teus braços...

Quero deitar-me nêles esta noite,
A ver se vejo o paraíso em sonhos;
Já que acordado a vida é tormentosa,
O pego escuro, os escarcéus medonhos.

Oh! vem — banha-me a fronte com teu hálito,
Vaza o nectar do amor nos lábios meus,
Até que me embriague — é nos teus beijos
Que hei de erguer-me da terra aos pés de Deus.

Durmamos, que o dormir semelha a morte
E a lousa terreal sorri do pranto;
Vivos — a dor castiga-nos o peito,
Mortos — do nada envolve-nos o manto.

(168) O grande romancista referiu-se várias vezes ao poeta gaúcho, sempre com o maior apreço.

(169) V. *Crônicas*, 2.º vol., ed. Jackson, 1937, págs. 339-40.

O sono é quase a morte — e o leito
é um túmulo — a cruz uma mulher —
O orvalho dos chorões — seu pranto falso —
A prece — o som dos beijos que ela der.

Chorar — isso vale — nos licorés
Afoguemos a dor que ferve n'alma,
No leito onde caírmos sem sentidos,
O corpo lasso — aí teremos calma.

Se vos irrita o estrondo do banquete,
O alarido da dança — o rir blasfemo,
Fugi — deixai-me só com o meu delírio
Endeusar o prazer no brado extremo." ⁽¹⁷⁰⁾

Compreende-se a fascinação despertada por tal gênero de poesia. Mas a sisuda política do Império não se comprazia em evasões líricas, e o moço ambicioso de glórias públicas pendurou a sua harpa num salgueiro do Guaíba.

Mas o seu livro póstumo revela, sem sombra de dúvida, um excelente poeta, mesmo examinado agora, a mais de cem anos de distância. Pois naquele volume figuram versos de 1850, quando o autor, estudante de Direito em S. Paulo, contava dezesete anos. Quanto à substância, é a mesma da geração que se sentou nos bancos acadêmicos com Álvares de Azevedo, aliás contemporâneo do poeta gaúcho nas Arcadas. Por efeito do prematuro desaparecimento do colega, ou porque a antevisão da morte próxima lho infundisse, o certo é que Félix da Cunha — afora o refrão patriótico, quase monótono, das inúmeras poesias dedicadas ao Sete de Setembro, e do ardor com que evoca a liberdade da Itália sob Garibaldi, — pisa e repisa o tema da morte:

"Vem! é longa demais minha agonia,
Já me pesa a existência aos vinte anos" ⁽¹⁷¹⁾

até mesmo quando se declara enamorado:

"Em nuvem negra envolveu-se
E com ela esvaneceu-se
O sonho de meu porvir,

(170) *Poesias*, ed. de 1874, págs. 47-8.

(171) *Poesias*, ed. de 1874, pág. 14.

Que era amar-te de tal sorte
 Que nem a foice da morte
 Nos pudesse desunir." (172)

A *Última Súplica*, poema de 1853, termina com êste lance, positivamente belo:

"Em cova humilde dormirão meus ossos,
 Basta à minha ambição grossa mortalha
 E tôsca pedra sem letreiro ao menos:
 Basta que à noite o orvalho dos salgueiros
 Lave a poeira que os pés do caminhante
 Deixaram sôbre as colchas de meu leito.
 Basta que a luz de um astro rompa as nuvens
 E pouse um pouco sôbre o chão da lousa.
 Isso me satisfaz: terei no orvalho
 O pranto, e no fulgor puro dos astros
 O olhar de Deus, que nunca mente aos mortos." (173)

De um poeta tão espontâneo, quer no decassílabo, quer na sextilha setissilábica, muita plástica e sonora em suas mãos, tem-se vontade de transcrever mais. Basta, porém, o que aí fica para documentar a lição de uma sensibilidade extremamente delicada, prêsa da angústia, da nostalgia, do desespero, da dúvida que sacrificou na flor dos anos a geração brasileira de 50.

* * *

Rita Barém de Melo (174) é uma voz suave e pura; ninguém a excedeu, até ao aparecimento de Lôbo da Costa, em doçura, musicalidade e emoção. Poucas vezes, seguindo a cor-

(172) *Poesias*, ed. de 1874.

(173) *Poesias*, ed. de 1874, pág. 16.

(174) Rita Barém de Melo nasceu em Pôrto Alegre a 30 de abril de 1840; faleceu na cidade do Rio Grande a 27 de fevereiro de 1868. Seu pai, funcionário público, carregado de filhos, só lhe pôde dar educação primária. Extraordinariamente precoce, publicou os primeiros versos pela mão de João Vespúcio de Abreu e Silva, n' *O Guaíba*, 1856, sob o pseudônimo de *Juriti*. Casou aos dezessete anos; teve dois filhos e perdeu-os. (V. Caldre e Fião, *Esboço Biográfico in R. M. do Partenon Literário*, 2.º ano, n.º 2, fev. de 1875) Obras: O biógrafo citado parece ser a fonte do engano em que incidem todos quantos trataram da poetisa. Diz êle que os redatores d' *O Guaíba* "publicaram seus ensaios poéticos, as suas primeiras produções, sob o pseudônimo de Juruti, que eram as flores da sua *Lyra dos 15 anos*, coleção dos primeiros

rente de uma literatura, se encontram águas tão claras e cantantes. A pequena obra poética dessa apagada e infeliz provinciana nos encharca de melancolia, dada a fôrça com que exprime fraquezas: o desamparo, o abandono, a solidão. Mas, fora daí é também graciosa e alada a sugestão que nos dá, como ao descrever as paisagens fluviais da sua terra. Temperamento doentio, marcado sem dúvida pelo morbo romântico, infundiu à paisagem um colorido cinéreo, fazendo um lirismo de primeira ordem, que basta para documentar a fusão da natureza com o sentimento, no evolver do processo romântico entre nós.

A vida simples, no fundo amarga, porque mais próxima das grandes verdades, teve nela cantor sem igual. Os arredores de Pôrto Alegre, a quietude nostálgica do Guaíba ao pôr de sol, nos primeiros frios de março, a solidão da Ilha da Pólvora, as serras que mal se insinuam para os lados do Norte, — o admirável anfiteatro do Guaíba está presente, como em nenhum outro poeta ou prosador, nos versos dessa menina.

Da vida simples a pobre Rita partiu também — e aí já se denuncia o sortilégio da leitura — para cantar a vida do aborígine; mas com que espontaneidade o fez! Numa e noutra de suas diversas feições, usou sempre os metros curtos. Jamais pretendeu impressionar pela erudição ou tortura da frase; é incorreta muitas vezes. Mas em alguns cantos, como flores noturnas, molhadas de sereno, encontramos certas dicções arcaicas que valorizam a sua expressão dolorida, sempre límpida, em que predominam as palavras mais corriqueiras da língua. Manteve-se coerente e natural: não abusou das tintas, não escolheu vocábulos, nem elegeu temas arbitrários ou inalcançáveis pelo seu vôo. Através das cousas modestas, evocou os sentimentos profundos. E quando o seu coração de mãe e de irmã experimentou lutos sem remédio, pôs-se simplesmente a chorar. Nenhum artifício de mau gosto lhe enfeia a produção, ainda que levemos em conta a mocidade da autora e o meio acanhado e pobre em que viveu.

Por tudo isso, estamos convencidos de que uma edição completa de sua obra, com o capricho e o saber que Sousa

versos feitos em 1855". Daí se concluiu que deixara um livro com aquêlê título; não se encontra nem mesmo na Biblioteca Nacional, onde consultamos porém o seguinte: *Sorrisos e Prantos*, poesias póstumas de D. Rita Barém de Melo (Juriti) — Rio Grande, 1868, Tip. do *Eco do Sul*, de P. B. de Moura (220 págs.) O livro é oferecido à Sociedade Portuguesa de Beneficência de Rio Grande por José Correia de Melo.

da Silveira colocou a serviço da glória de Casimiro, revelaria certamente uma das intérpretes mais luminosas da poesia brasileira. Dá pena ver-lhe o nome lançado à vala comum dos maus poetas.

O velho e sempre generoso Caldre e Fião não exagerou quando disse: "A crítica ainda não deu o devido lugar aos escritos de Rita Barém; ainda ninguém sabe em que ordem ela deve ficar na galeria dos prosadores e poetas rio-grandenses. (...) E assim como não houve crítica, também não houve cuidado na revisão do livro que tem seu nome, e que foi impresso às expensas da Sociedade Portuguesa de Beneficência da cidade do Rio Grande. Os literatos que isto conhecem não deixarão de fazer êsse trabalho, êsse serviço importante às letras pátrias e à memória dos que a elas hão dado os seus melhores dias." (175)

O injustificado esquecimento continua. Só podemos atribuí-lo a idênticos motivos que durante tantos anos sombrearam a figura de Casimiro de Abreu. O tom lírico de Rita Barém não casava com a música perseguida pelos parnasianos, e foi dessa geração que saíram os críticos e historiadores mais válidos de nossa literatura. O ultra-romantismo teve realmente um traço piegas, que a *Dalila* contribuiu para ressaltar até à saciedade, segundo nos lembra José Veríssimo, na página em que reivindica para o autor das *Primaveras* posição de mais destaque e significação intrínseca. (176)

No caso dessa poetisa, chega a ser incompreensível o descaso com que a tratou João Pinto da Silva, no geral tão arguto: nem sequer lhe menciona o nome no corpo da *História Literária do Rio Grande do Sul*. Apenas ao pé da página 28, e ainda assim através do Barão de Santo Ângelo...

Êste, já velho, vislumbrou pelo menos a importância da poetisa conterrânea. Diz êle em carta de 1874, dirigida a um amigo do Rio Grande: "A falecida Barém, cujos versos li cheio de admiração, foi uma das organizações mais perfeitas e mais elevadas que é possível para a poesia. Há nas suas obras o cunho do verdadeiro engenho." (177)

(175) V. *Esbôço Biográfico*, autor e local citados, pág. 59.

(176) V. José Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*, Liv. Francisco Alves, Rio. Ou a edição da Liv. José Olímpio Editora, 1954, Rio.

(177) V. João Pinto da Silva, obra citada, págs. 28-29 (nota). V. ainda outros tópicos desta carta na *Revista Mensal do Parta-non Literário*, III ano, abril de 1874, págs. 716-17.

A substância do seu lirismo é incorpórea e diáfana, atmosfera de ebríez e sonho, como na poesia *Vem!*, de que transcrevemos estas quadras, de rimas internas, tão naturalmente musicais:

"Vem! Que t'importa que maldiga o mundo.
O amor profundo que nos liga? vem;
Vem, que no vale de cheirosas flores,
Nossos amôres viçarão também.

Vem! de joelhos no tapiz de nardo
Há de te o bardo suspirar idílios,
Cantar-te a face rorejada em pranto,
O orvalho santo do frouxel dos cílios.

Pensa na sombra da floresta virgem...
Nesta vertigem... nest'amor ali!...
Aves felizes no sendal dos ramos
Seremos: vamos, que o serei por ti!

Vamos unidos como a luz ao astro
O amor da Castro na soidão lembrá-lo
Nas longas plumas que a palmeira agita
A alma palpita de Virgínia e Paulo.

Que mais tu queres, anjo e flor? Escuta:
Quem ama luta? Não lutemos, vem!
Vamos aos vales de cheirosas flores,
Que é flor de amôres meu amor também."

Os temas de Rita Barém de Melo foram os mais simples — o amor, bem infeliz, já se vê; a maternidade, a morte. Com essas notas principais a rio-grandense exprimiu um mundo de emoções perenes. Uma poesia assim, límpida como água de fonte, classifica-se por si mesma. Seria quase uma impertinência incluir a autora entre os ultra-românticos. Basta-lhe ter explicado, de maneira tão completa, a permanência em nossa sensibilidade do quebranto, do languor e da saudade portuguesa.

Pedro Antônio de Miranda, ⁽¹⁷⁸⁾ que assinava na revista o comentário semanal, com o pseudônimo de *Freguez*, publicou também ali muitas poesias, levemente nostálgicas, à semelhança de João Capistrano Filho, ⁽¹⁷⁹⁾ adolescente que não chegou a emplumar as asas. Ambos tiveram má sorte, o primeiro na Guerra do Paraguai, de onde voltaria para cumprir uma pena iníqua, o segundo arrebatado pela morte quando o seu estro começava a firmar-se.

* * *

Embora não houvesse participado do grupo, pois era então uma criança, ao lado de seus integrantes deve figurar José Joaquim Cândido de Macedo Júnior, o Macedinho, que parece ter vindo ao mundo para fazer duas cousas: cantar e morrer jovem. ⁽¹⁸⁰⁾

(178) Pedro Antônio de Miranda nasceu em Pôrto Alegre em 1843 e faleceu em 1900. Foi um dos fundadores d'O *Guaíba* e seu assíduo colaborador, em prosa (a crônica semanal) e verso. Durante a campanha do Paraguai foi condenado por homicídio involuntário e mais tarde perdoado pelo Imperador. Residiu em Itaquí e Pelotas, tendo exercido nesta última cidade o jornalismo profissional. Só publicou um livro didático. Cf. Damasceno Ferreira, *Revivências* — Tip. Leuzinger, Rio, 1928, onde Miranda é dado como natural de Pelotas.

(179) João Capistrano de Miranda e Castro Filho nasceu e faleceu em Pôrto Alegre (1834-1864). Foi amanuense da Secretaria da Presidência da Província e professor público em Cachoeira, para onde se transferiu por motivo de saúde. Não deixou livro publicado.

(180) José Joaquim Cândido de Macedo Júnior, o *Macedinho*, nasceu na cidade do Rio Grande a 10 de março de 1842, segundo Sacramento Blake, e faleceu a 22 de fevereiro de 1860. Os biógrafos, levados por um engano de Casimiro, se enredam completamente nessas datas. Não tivemos tempo para maiores pesquisas. A nosso pedido, E. d'Artagnan Carvalho apurou o seguinte: "Era filho do pernambucano José Joaquim Cândido de Macedo (coronel), falecido a 22 de novembro de 1872, que casou em primeiras núpcias com Felícia Joaquina da Cunha, de quem estêve divorciado. Casou pela segunda vez com Maria Antônia da Silva, natural desta província, filha legítima de Feliciano Teixeira da Silva e de D. Maria Lourença da Silva. Teve desta última esposa um filho: Alfredo. Deixou quatro filhos naturais reconhecidos: José Joaquim Cândido de Macedo Júnior, falecido; Joaquim Cândido de Macedo; Sebastião Cândido de Macedo, falecido, e Henriqueta Cândida de Macedo, casada com o Capitão Teodolindo Antônio da Rosa." Os dados acima foram colhidos por D'Artagnan Carvalho no inventário do Coronel Macedo, Arquivo Público do Rio Grande do Sul, ano de 1873, ma-

Por um desconchavo da sorte, a família assinalou-lhe a carreira das armas. Transferiu-se para o Rio antes dos dezesseis anos e foi conhecer, no escritório de Andrade Figueiras, a outros adolescentes também fascinados pela poesia. Na Côrte, mais entregue às musas que à matemática, impressionou a roda de letrados imberbes, e Casimiro de Abreu, num dos arroubos de que era pródigo, dedicou-lhe um poema cheio de imagens deliciosamente hiperbólicas.

A juventude do Macedinho não mereceu a confiança dos letrados mais velhos. Mas ficou famoso no meio dos adolescentes que, como êle, desaguavam vagidos líricos em revistas quase anônimas, como a da *Sociedade Filomática*, cujo único público seriam os caixeiros de venda e vagas meninas dos subúrbios. ⁽¹⁸¹⁾ Nessa atmosfera intelectualmente humilde, que daria contudo tanto relêvo à penetração romântica, foi que êle conheceu um fiapo de glória, muito aquém de suas ousadas ambições. Após a sua morte mãos piedosas reuniram-lhe as produções, duas das quais, *Agora eu te quero amar* e *Morreu*, J. Norberto de Sousa e Silva divulgou na quinta edição de Casimiro. O nome de Macedo Júnior ter-se-ia confundido com os outros "gênios" anônimos da farta galeria romântica, não fôsse o seu encontro casual, na Escola Militar, com o autor das *Primaveras*. Ali naturalmente conversaram de poesia, e o gaúcho mostrou-lhe uma coleção de versos, intitulada *Açucenas*, que pretendia publicar. Os versos, a precoci-

ço 965, feito n.º 45, estante 12. O pai de Macedinho fez testamento, que correu pelo 1.º Cartório de Órfãos e Provedoria da Comarca do Rio Grande — ano de 1872. (N.º do feito, 2141; maço 88, estante 13 — Arquivo Público do Estado). Aquiles Pôrto Alegre (*Serões de Inverno*, págs. 91-2) diz que o poeta estudou no colégio dirigido por Eduardo Grant e que seguiu para o Rio em 1858. Afirma, ainda, que publicou um livro de versos — *Açucenas*, o que parece inexato, conforme esclareceu Sousa da Silveira (*V. Obras de Casimiro de Abreu*, Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1940 — págs. 284-8. Sacramento Blake informa: Macedo Júnior matriculou-se em 1859 na antiga Academia Militar "apenas para satisfazer os desejos de seu pai; mas depois, não se sentindo com vocação para a carreira das armas de que mesmo o afastava o desgosto inerente à moléstia que desde alguns anos lhe minava a existência, pediu e obteve demissão do exército, e deixou o curso encetado". Obras, segundo o mesmo Blake: *Açucenas* (Já vimos que parece ser engano) e *A mocidade no século XIX*, publicado na *Revista da Sociedade Filomática* (o autor não chegou a completá-lo). — V. Sacramento Blake, *Dic. Bibl. Brasileiro*, IV, 470.

(181) Cf. Nilo Bruzzi, *Casimiro de Abreu* — Editora Aurora, Rio, 1949.

dade do autor, o ambiente favorável à descoberta de talentos impúberes — e em maio de 1858 Casimiro não sofreu a novidade. Escrevendo a um amigo, diz:

“Hoje vi e falei na Escola Militar onde estudo matemática, com uma criança de 14 anos (!) que é um gênio. (Aqui uma palavra para mim ilegível) ser mais que A. d’Azevedo.

“Tão moço e já tanto estudo e literatura!

“Principiei hoje uma poesia dedicada a êle que eu te avisarei quando fôr publicada. Chama-se... Macedo Júnior, e é filho do Rio Grande do Sul.” (182)

Cumpriu a promessa: o poema, que se intitula *A J. J. de Macedo Júnior*, faz parte das *Primaveras*. O entusiasmo com que aí se expressa acêrca do companheiro afina por êste diapasão:

“... ouvindo teus hinos me arrebatou
E pasmo ante o cantor!”

E completa o ditirambo com estas imagens:

“Quando tão moço, no raiar da vida,
Já doce cantas como o doce aroma
Das lânguidas cecéns,
Podes, criança, erguer a fronte altiva!
Como André-Chénier, no crânio augusto
Alguma cousa tens!

Canta! e que teus hinos d’esperança
Despertem dêste mundo de misérias
A estúpida mudez;
E dos prelúdios dessa lira ingênua
Em poucos anos surgirá brilhante
Millevoeye — talvez!” (183)

O Macedinho que melhor conhecemos é o dos versos entusiastas do amigo. De sua vida sabemos muito pouco, o bastante para tornar-lhe a figura altamente simpática, numa afirmação de que a província do Rio Grande, amadurecendo

(182) Sousa da Silveira, nota in *Obras de Casimiro de Abreu*, cit., pág. 287-8.

(183) Cf. *Obras de Casimiro de Abreu*, edição crítica de Sousa da Silveira — Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1940 — pág. 282 e 283.

tarde para as letras, acompanhou contudo bem de perto as forças espirituais orientadoras do romantismo.

* * *

Menos significativa, do ângulo estético, que a de seus contemporâneos estudados neste capítulo, é a obra de Clarinda da Costa Siqueira; (184) historicamente, porém, representou o ponto de ligação entre a maneira de um Araújo Pôrto Alegre e a geração da revista *O Guaíba*. A poetisa rio-grandina, filha de pais incógnitos, teve, ademais, a redourar-lhe a vida uma espécie de auréola de santidade. E sua poesia responde satisfatoriamente a essa legenda que em tórno dela se formou. Traços clássicos, ela os teve, não só porque eram êstes os que dominavam na época em que começou a poetar, senão também pela convivência com autores bem representativos da mentalidade do século anterior. É o caso, por exemplo, de Antônio José Domingues, (185) poeta português que se radicara em Pelotas, onde vivia Clarinda da Costa Siqueira, que lhe bebeu as lições de bom saber de idiomas, apaixonado cultor do latim e repolhudo poeta de tom camoniano, pesado e indigesto. Entretanto, Clarinda da Costa Siqueira é leve, espontânea, não raro dando à estrutura métrica um tratamento mais musical, e sobretudo difere do mestre pelo subjetivismo que lhe banha tôdas as composições, algumas delas empapadas de misticismo, ou melhor, de profundo sentimento cristão. Para a igreja de S. Francisco de Paula, da sua cidade de adoção, não mandou apenas os finos paramentos que suas mãos bordaram a ouro; aos santos de seus

(184) Clarinda da Costa Siqueira, enfeitada por seus pais, nasceu na cidade de Rio Grande a 26 de dezembro de 1818 e faleceu em Pelotas a 27 de outubro de 1867. Possuía profundo espírito religioso, quase místico. O sobrenome Siqueira veio-lhe do marido. Deixou publicadas na imprensa suas principais produções. Obra póstuma: *Poesias*, Carlos Pinto & Cia., Pelotas, 1881, seguida de um necrológio por Antônio Joaquim Caetano da Silva e de estudo crítico da autoria de Carlos von Koseritz.

(185) Antônio José Domingues nasceu em Lisboa e faleceu em Pelotas (1791-1865). Estudou Farmácia no Rio, para onde veio aos 16 anos, depois de estudos feitos em Portugal. Lecionou gramática latina em Pôrto Alegre e Pelotas. Colaborou na imprensa e deixou muitas poesias inéditas, além de livros, tais como: *Collecção de poesias que ao muito alto e muito poderoso senhor dom Pedro II*, etc. Tipografia Imparcial, de C. A. de Melo, Pelotas, 1852; *O Suicida salvo por amor e pela amizade*, poema — Tip. Brasileira, Rio, 1858.

altares ofereceu também, dissolvidas em música, muitas preces rimadas.

A presença de Domingues, em Pôrto Alegre e Pelotas, exibindo o surrado gibão clássico, teve influência sobre o espírito de muitos poetas. Delfina Benigna da Cunha e Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, já citadas, e Clarinda Siqueira olhavam-no como a um dos mais nobres representantes da poesia lusa, quando na verdade o esforçado professor de latim não fazia mais do que defender o conservadorismo clássico, em suas formas corriqueiras. Mas, se aquelas duas ficaram adstritas a êsse tipo de poesia, o mesmo não se deu no tocante a Clarinda, cuja instrução era, contudo, menor que a de suas rivais. Com grande finura e intuição, ela se achegou aos românticos franceses, cuja língua se esforçou por aprender para melhor apreciar-lhes a obra, de que recebeu estímulo mais ou menos visível. Para resumir tudo, anunciou sem grande brilho, sem grande ruído, a geração d'*O Guaíba*, esta, sim, já fundamentalmente romântica. Se não atingiu a pobre mulher ao tom doce e abandonado de Rita Barém de Melo, nem ao quebranto desesperançado de João Vespúcio de Abreu e Silva, alcançou, porém, uma feição poética humana e sensível.

Seu livro *Poesias* só foi publicado em 1881, alguns anos depois de sua morte, o que representou, de certo modo, uma reparação ao esquecimento que lhe ocultava o nome. Mas aí o realismo já conquistara as primeiras posições na província, e a humilde autora continuou esquecida da crítica e da historiografia.

* * *

Morto Antônio José Domingues, tomou-lhe o lugar, como agitador do meio intelectual rio-grandense, seu patrício Antônio Joaquim Dias. ⁽¹⁸⁶⁾ Radicando-se primeiramente na cidade de Rio Grande, aí fundou êle uma publicação destinada a exercer salutar influência: a *Arcádia*, que será citada muitas vezes neste trabalho. Apareceu em maio de 1867,

(186) Antônio Joaquim Dias, de nacionalidade portuguesa, veio ainda jovem para o Rio Grande do Sul e fundou na cidade de Rio Grande o periódico *Arcádia*; em Pelotas, o *Jornal do Comércio*, que vendeu a Artur Lara Ulrich para fundar, em 1875, o *Correio Mercantil*. A idéia da criação da Biblioteca Pública Pelotense foi sugerida e amparada por êle, numa das campanhas do seu jornal. — V. notícia n'*A Ventarola*, n.º 13 — Pelotas, 1887.

quando antes dela só existira na terra gaúcha uma publicação do gênero, *O Guaíba*. Foi, de início, enquanto não surgiram as divergências naturais em semelhantes emprêsas, órgão "exclusivo do *Grêmio Literário Rio-Grandense*", da mesma cidade, e aí colaboraram: Bernardo Taveira Júnior, José Vicente Thibaut, Telêmaco Bouliech, Apolinário Pôrto Alegre, A. Ferreira Neves, Menezes Paredes, Clodomiro Paredes, Fernando Osório, Caldre e Fião, Nicolau Vicente Pereira, Vasco de Araújo e Silva, Carlos Eugênio Fontana, Aquiles Pôrto Alegre, Antônio M. Pinto, Hipólito Camargo, Ramos da Costa, Frederico de Villeroy, João Manuel Espinola, F. Lima, J. I. Arnizaut Furtado, F. Villas Boas, N. Teixeira Machado, Lôbo da Costa, êste muito jovem ainda, e alguns outros.

A partir do número 26 da IV série, passou a ser editada em Pelotas, para onde se transferira seu proprietário e principal redator, que ali veio a fundar o *Jornal do Comércio*. Deixou de circular com o número 44 da mesma série (1870).

A tenacidade com que Antônio Joaquim Dias, naqueles tempos, manteve a sua publicação, que ainda hoje seria, de qualquer modo, uma emprêsa difícil, revela o admirável espírito de luta de uma geração. Bem cuidada, bem impressa, publicando o que se escrevia de melhor na província, a *Arcádia* por mais de três anos divulgou exclusivamente matéria literária e pesquisas históricas. E quando já começava a entrar no ocaso, apareceu em Pôrto Alegre a *Revista Mensal do Partenon Literário*.

Através das páginas d'*O Guaíba* e da *Arcádia* os poetas e escritores rio-grandenses do século XIX tiveram o seu primeiro veículo de comunicação essencialmente literário; começaram a carrear os seus sonhos e ambições de glória para um movimento que se revestiria de singular importância: o "Partenon". Mas o certo é que as duas primeiras revistas mencionadas haviam já afeiçoado o espírito e o gosto aos cânones do romantismo, e mesmo divulgado algumas de suas peças mais expressivas. Quando Apolinário e seus companheiros fundaram a revista do "Partenon" a quadra inicial do movimento romântico fôra já vencida com algum brilho.

CAPÍTULO IX

O GRUPO DO "PARTENON LITERÁRIO"

PRENÚNCIOS DE REGIONALISMO. —
COMO SURTIU O "PARTENON". — SEU
PROGRAMA; SUA REVISTA. — INFLUÊN-
CIA EXERCIDA EM OUTROS CENTROS DA
PROVÍNCIA. — O TEATRO EM PORTO
ALEGRE.

CAPÍTULO IX

O GRUPO DO "PARTENON LITERÁRIO"

Impõe-se agora um lance de olhos à história do Brasil para estabelecermos contato com a vida rio-grandense, no período subsequente ao fim da guerra civil dos farrapos (1845). Na metade da centúria fôra o país definitivamente pacificado pelo Barão de Caxias. Mas já em 1851 teve de pegar em armas contra Rosas, o tirano de Buenos Aires, e treze anos depois partia constrangido para a Guerra do Paraguai (1864-1870). Quer dizer, mal feito da convulsão interna, o Rio Grande participou ativamente da luta contra o inimigo externo, vendo transformar-se de novo o seu território em acampamento militar, campo de batalha e centro de abastecimento do teatro de operações.

Além dos esforços sôbre-humanos despendidos nas guerras do Prata, a província cuidou de pensar as feridas recentes. O progresso material, devido em grande parte à contribuição dos imigrantes alemães, localizados quase sempre aquém da zona perigosa, não se detivera, antes se ampliara com a proximidade das fôrças militares, que, necessitadas de provisões de bôca, foram os primeiros grandes consumidores dos produtos agrícolas colhidos pelo colono.

Na ordem cultural, mercê de tantos estímulos e experiências — dolorosos, mas sempre fecundos — apurou-se o sentimento das peculiaridades brasileiras, o amor das tradições pátrias; marchou portanto o gaúcho, nessa ordem de afeições, no sentido de reviver, sublimando-o na arte, o seu próprio sentimento localista, a esta altura naturalmente exacerbado pela certeza íntima da valiosa atuação que lhe coubera em defesa da pátria comum, como que se penitenciando da rebeldia de 35.

É essa geração, a da metade do século XIX, que vai descobrir o Rio Grande para a vida literária, explorar o rico filão de seus costumes, hábitos e tradições. O estado de espírito romântico, já no ocaso em outras regiões do Brasil, servir-lhe-ia de estímulo e forneceria os modelos. Mas na década de setenta, decisiva para os gaúchos, como iremos ver, salvo José de Alencar e Castro Alves, os maiores românticos nacionais já estavam mortos ou haviam cessado de produzir.

A derivante do movimento passaria a ser, no pampa, o regionalismo propriamente dito, enquanto já se notavam, em Portugal e no Império, os primeiros rebates do romance realista e da poesia parnasiana.

Pois foi justamente nessa fase de transição — quando os mais ousados se denominavam “positivistas”, querendo significar com isto o seu repúdio à fórmula romântica — que a literatura rio-grandense entrou a ebulir, despertando influência social, como até então desconhecera, e adquirindo características próprias. O seu laboratório, o seu centro de pesquisa e irradiação foi obra de um grupo de moços inexperientes, aos quais não faltou decisão, sentimento nacional e espírito gregário.

Chegamos, assim, aos primeiros dias da “Sociedade Partenon Literário”, de surpreendente atuação no âmbito provincial, quer pelo que realizou como entidade de fins culturais, quer pelo que fizeram individualmente os seus agremiados, cujos nomes passaram a capitanear a vida mental do Rio Grande, no livro, no jornal, na tribuna, bem como na luta aberta pela Abolição e pela República. Seus generosos mentores quiseram-na espreada a todos os domínios da inteligência, orientando letras e artes, mitigando injustiças sociais, apontando rumos à organização política. O grande número de inteligências que reuniu, estimulou e descobriu, os centros de expansão que, a exemplo dela, se criaram nas cidades do interior, o prestígio que tal arregimentação conferiu à vida do pensamento — ainda hoje, percorrendo velhas folhas amareladas, nos deixam surpreendidos e emocionados.

Se a “Sociedade Partenon Literário”, através da revista que fundou e manteve, com interrupções, durante dez anos, viveu em tórno e sob a influência de Apolinário Pôrto Alegre, um dos mais moços do grupo, não lhe faltou, nas dificuldades iniciais, o amparo de Caldre e Fião. Deu êle ao Partenon, como seu presidente honorário, a solidariedade de um nome austero e prestigioso; mais que isso, concorreu para o êxito da empresa com a sua autoridade de autor de dois romances de caráter regional, *A Divina Pastora* e *O Corsário*, que estudamos páginas antes. A rebeldia e o idealismo, contaminando os mais velhos, fizeram o resto. Embora assinalem momento de extraordinária repercussão na vida rio-grandense, escapa a nosso objetivo examinar detidamente tôdas as atividades e iniciativas da instituição, porque não vamos fazer a história da cultura rio-grandense, mas somente um transunto de sua vida literária.

Do ângulo visado, passemos a estudar a *Revista Mensal*, os que ali apareceram, humildes estreantes ou nomes já consagrados em atividades do magistério, da tribuna política e do jornalismo. Um traço comum os irmana — o romantismo liberal, humanitarista e republicano. Mas, ardentes uns, tédidos outros, constituíram, em realidade, a primeira geração que, sem discrepância, trabalhou os valores já maturados da cultura local.

Essa última diretriz implica conseqüências imprevisíveis, como se não bastasse a fisionomia, a expressão cordial que imprimiram à obra realizada, em conjunto ou isoladamente, os participantes do movimento.

Até aqui, antes do aparecimento do “Partenon”, fôra desordenada a atividade literária, de que demos notícia nos capítulos anteriores; a mesma geração do decênio farrapo deixou marcas de vocação lírica confundidas com cicatrizes, morte e luto. Mas tudo quanto se fizera carregava o vício insanável das improvisações, o pouco sumo dos frutos imaturos. E a prosa de ficção, muito mais exigente, contava apenas dois ou três autores. Pálidas tentativas, aqui e ali, de memorialistas canhestros, algumas notas sobre assuntos econômicos, vagas incursões pela ciência, e nada mais. O romance era *avis rara*. E, com êle, a disciplina do escritor, a autocrítica, tôdas as qualidades e requisitos impostos por literaturas que se pretendam emancipadas.

Abre-se com o “Partenon” o ciclo da literatura regionalista, dita gauchesca, como conseqüência de uma atitude mental necessariamente combativa. Através de seus primeiros cultores, a nova corrente se deixou atrair, acima de tudo, pelo passado gaúcho, procurando reviver o guasca largado, o homem livre dos primeiros tempos da conquista, os rebeldes de 1835. A região colonial, não tendo êsse passado romântico por si mesmo, não lhes interessou senão episódicamente, como no caso de José Bernardino dos Santos. Para a região da fronteira, para o seu território banhado de sangue e ações heróicas, foi que se dirigiu a imaginação de Apolinário, de Taveira Júnior, de Múcio Teixeira (nas *Flores do Pampa*), de Caldre e Fião, do desventurado Lôbo da Costa, de todos, enfim, que tinham algo que dizer sobre a gente pampiana, seus pesares e alegrias.

O peão da estância, herdeiro do monarca das coxilhas, do herói dos tempos primevos, o peão que era já agora uma desbotada imagem da liberdade e ousadia do outro, passou a representar para os escritores, por efeito de uma transposi-

ção perdoável, o brio, a altivez e a coragem pessoal do antigo senhor das savanas. Ocupou, aqui, o lugar que coubera ao índio e ao negro na literatura liberal que desde Macedo enfartara as letras do centro e do norte do país. Para o seu sofrimento, a sua resignação de pária em decadência, caminhou célere a imaginação dos nossos artistas. Fixaram-no de mil modos — nas fainas da vida campeira, nas rixas políticas, nas carnagens da luta externa, nimbado sempre por uma auréola de campeador medieval. Puro romantismo, animado por uma indiscutível autenticidade crioula.

Houve em tais casos certo exagêro — a que não escaparam, no geral, os românticos europeus, tanto quanto os americanos — sobretudo na contrafação da linguagem, por via da inclusão forçada de vocábulos, expressões e modismos, aqui e ali deturpados ou erigidos em veículo de situações psicológicas maçantemente padronizadas. Mas isto é outra história.

O que conta, o que deve pelo menos ser levado a seu crédito, é que os homens de letras rio-grandenses não fugiram à sua experiência. Adotando a língua do peão, nos diálogos como no mesmo corpo da obra, deram um passo adiante na valorização da linguagem coloquial. Em verdade, nem sempre lograram naturalidade artística, mas seriam incomparavelmente menos fecundos se persistissem em seguir os padrões lusitanos. A dicção deformada, paisana, do genuíno modo de contar das populações da campanha, é hábito literário renitente entre nós. Mas é preciso considerar — como lembramos na Introdução — que as dificuldades enfrentadas pelo povo gaúcho, para se realizar literariamente, não foram pequenas. Lutou com o perigo dentro e fora de casa, sozinho na raia extrema do país, ilhado dentro da pátria. Adquiriu conseqüentemente da vida comunal uma noção muito particular, fortaleceu laços efetivos muito íntimos com o pequeno mundo da província; ensimesmou-se, prêso à terra ou nostálgico da antiga liberdade desfrutada pelos pioneiros da véspera. Buscou portanto o campo como quem procura suas raízes. Se quiséssemos generalizar, aplicando imagens fáceis, diríamos que os rio-grandenses daquele período eram os bascos do Brasil. Mas isso — que seria dizer muito — não define a alma inquieta, compassiva e solidária que se debruçou sobre suas remotas origens.

Acima de tudo — razão das razões — o artista do Rio Grande não elegeu os temas da campanha com o intuito de apenas se definir a si mesmo. Procurou, explicando-se, explicar-se ao Brasil. Seu fim último: mediante a guarda de valo-

res genuínos, afinar com a aspiração de originalidade que desde a Independência fôra preocupação das elites nacionais, só atendida pelo romantismo. Logo, o regionalismo gaúcho deve ser ainda considerado, no seu impulso e motivação instintivos, como um esforço bem sucedido pela definitiva integração da raia sulina na cultura da nação brasileira. Não o induzimos, por similitudes. Deduzimos pacientemente, após o exame de toda a literatura rio-grandense, de seus momentos de calma e de agitação. As provas coligidas estão condensadas neste livro. Raro é o autor estudado que não se inscreve, com as mesmas preocupações, ao lado de algum grande nome nacional. Seguiram os gaúchos as linhas mestras da literatura nacional, na fase em que ela tomou caráter diferenciador, e daí por diante não fizeram mais que estreitar vínculos, dia a dia mais apertados, a teor do que demonstram as novas gerações surgidas depois de 1925.

O assunto comporta outras considerações, que nos levariam longe, mas precisamos ver de perto o grupo do “Partenon Literário”, documento vivo do que acabamos de afirmar.

* *
*

A “Sociedade Partenon Literário”, fundada a 18 de junho de 1868, em Pôrto Alegre, surgiu no ano da Batalha do Humaitá. O ambiente social e político media-se por fatores conjugados de inquietação: a guerra do Paraguai, ainda em desenvolvimento; a tensão de espírito prenunciadora do manifesto republicano de 1870, e o recrudescimento da propaganda abolicionista. No campo das artes e das letras, não era menor a inquietação. O romantismo, no resto do Brasil, ia já em declínio, mas só então conquistou verdadeiramente o Sul, revelando, de resto, grande ímpeto e combatividade.

A iniciativa da criação de tal sociedade coubera a um grupo de jovens e representou o primeiro esforço bem sucedido para agremiar, aqui, os homens de inteligência. Pois o “Partenon” não se limitou a estimular as atividades literárias. Foram também outras tantas de suas preocupações a convivência social, as boas maneiras, a defesa de certos princípios político-sociais. Compreende-se, pois, por que nem só de homens de letras, no sentido mais rigoroso, se compunha o seu quadro social.

Perdida como se acha parte da documentação que diz respeito àquela organização torna-se difícil levantar a lista

completa de seus sócios efetivos ou correspondentes, de resto desnecessária a êste trabalho. Mas, compulsando a sua revista, as atas que se salvaram e alguns bons estudos, relacionamos muitos nomes, poucos dos quais sobrevivem hoje em nossa lembrança. Citaremos os que se puseram mais em evidência pelo valor literário, ou por outra atuação, como a política, o jornalismo, o magistério, na vida mental. E que são os seguintes:

José Antônio do Vale Caldre e Fião, Apolinário Pôrto Alegre, Carlos von Koseritz, Carlos Ferreira, Múcio Teixeira, Bernardo Taveira Júnior, Lôbo da Costa, João Damasceno Vieira, José Bernardino dos Santos, Napoleão Poeta, Aquiles Pôrto Alegre, Vasco de Araújo e Silva, Lúcio Pôrto Alegre, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Juvêncio Augusto de Menezes Paredes, Hilário Ribeiro de Andrade e Silva, José Teodoro de Sousa Lôbo, Afonso Luís Marques, Francisco Antunes Ferreira da Luz, Nicolau Vicente Pereira, Francisco Isidoro de Sá Brito, Manuel José Soeiro Júnior, Manuel José Gonçalves Júnior, Carlos Barrão, Manuel Veloso Paranhos Pederneiras, Apeles Pôrto Alegre, Eudoro Brasileiro Berlink, Inácio de Vasconcelos Ferreira, Francisco Cunha, Augusto Rodrigues Totta, Carlos de Lavra e Pinto, Zeferino Vieira Rodrigues, José de Sá Brito, José da Cunha Lôbo Barreto Filho, Teodoro de Miranda, Luís Kraemer Walter, Francisco da Natividade Franco, Cristiano Kraemer, Alexandre Bernardino de Moura, Horácio Maisonette, Frederico Ernesto Estrêla de Villeroy, Augusto Ernesto Estrêla de Villeroy, Artur Candal de Carvalho, João José Rodrigues da Silva, Felipe Néry, João Capistrano de Miranda e Castro, Manuel Pereira da Silva Ubatuba, Silvino Vidal (português), Alberto Coelho da Cunha (*Vitor Valpírio*), Gabriel Fay, Geraldo de Faria Corrêa, Augusto Guanabara, Gustavo Viana, Bibiano Francisco de Almeida, Antônio Palmeiro, Norberto Vasques, Fermino Antônio de Araújo, Julio César Leal (baiano), Manuel Miller, Joaquim Alves Tôrres, Miguel de Werna, Luís Motta, João Carvalho de Barcelos, Azevedo Júnior, Francisco de Paula Soares, Leopoldo de Freitas, Terêncio de Miranda, Estulano de Melo, Benjamim Villas Boas, Fernando Osório, Sebastião Horta, Fernando Ferreira Gomes, Graciano Alves de Azambuja, Artur Rocha, Alfredo de Freitas Chaves, Carlos Barth, Argemiro Galvão, Êrico da Costa, João Moreira da Silva, Ernesto Silva, Joaquim Moreira, Lúcio Brasileiro Cidade, Aurélio Py, Trajano César, Júlio de Castilhos, Tollone Júnior, Homero Batista, Joaquim Gonçalves Chaves, José Tomé Salgado,

Joaquim Francisco de Assis Brasil, Antônio Ferreira Neves, João Batista Pereira Souto, Sousa Motta, Timóteo Faria Corrêa Filho, Vasco de Azevedo, Antônio Antunes Ribas, Luís de França Almeida e Sá, Alfredo Luís de Melo, Crescentino de Carvalho, Manuel Corrêa da Silva Neto, Apolinário Teixeira, Manuel Gomes Viana, Eduardo Salomé, Vitorino José dos Santos Azevedo, Artur de Lara Ulrich, Manuel Ribeiro de Andrade e Silva, Pedro Antônio da Silva Horta, M. Alves de Paula, Júlio César Ribeiro de Souza, Jorge Pereira da Costa, Gaspar Guimarães, Carlos Thompson Flores.

O naipe feminino era êste:

Luciana de Abreu, Amália dos Passos Figueirôa, Luísa de Azambuja, Revocata dos Passos Figueirôa de Melo.

Mas figuravam ainda, no grupo, três sacerdotes: o Padre Teixeira e os Cônegos José Gonçalves Viana e José de Noronha Nápoles Massa, ilustres na oratória e no magistério. A maioria dêsses nomes (nem todos gaúchos) não desperta hoje a menor ressonância nos arraiais literários. Estão mortos e bem mortos, mas foram, em sua época, os mentores principais, constituíram a elite do Rio Grande do Sul.

Os escritores e poetas que se destacaram são poucos, como é natural, mas entre êles não houve unidade de direção, de gosto e de disciplina mental que lhes desse a oportunidade de atuarem em coluna cerrada, como componentes de uma escola. Em essência, eram todos liberais e republicanos, salvo poucas exceções. E entre os mais moços, por isso mesmo mais ardentes e "modernos", aparecem já os futuros positivistas rio-grandenses, que entrariam em choque com os velhos liberais da Monarquia. Os católicos conviveram ali com os maçons e os materialistas; os padres com os ateus, os moços com os velhos, numa camaradagem literária nunca antes ou depois vista por aqui. Entretanto, sua convivência não foi invariavelmente tranqüila e serena, como poderia parecer à primeira vista. Viveram êles amargos períodos de luta, de dissensões internas. Os heterodoxos, expulsos do grêmio, saíram para fundar associações semelhantes. Houve brigas, polêmicas, discussões violentas. A província era pequena para tanto ardor e combatividade, e os homens do "Partenon" constituíam uma legião. A vida pública, ainda no princípio do século, vai ainda recolher os últimos sinais de suas discordâncias e antagonismos.

Literariamente, porém, pelo menos nos primeiros anos de existência do "Partenon", dominaram o quadro as concepções artísticas de fundo romântico, voltadas sobretudo para

as terras da campanha, donde ter sido como êsse grupo que o regionalismo tomou corpo e se impôs ao meio como afirmação de maioridade literária.

Quanto aos objetivos da Sociedade, poderíamos resumilos da seguinte forma, tendo em vista o que fêz ela de prático no campo da cultura:

Agremiou prosadores, poetas e homens de teatro, dando-lhes oportunidade de aparecer em conjunto, através de ruidosas afirmações. Publicou a *Revista Mensal*, cujo primeiro número apareceu em março de 1869. (187) Instituiu aulas noturnas gratuitas, que começaram a funcionar em 1872, para ministrar ensino supletivo. Bateu-se ardorosamente pela Abolição, organizando para isso festivais de propaganda e recolhendo donativos para a libertação de crianças escravas (Numa de suas sessões, o Conde de Pôrto Alegre propôs a criação — o que foi feito — da “Sociedade Libertadora dos Escravos”). Procurou libertar a mulher de certos preconceitos e atraí-la a cultivar o espírito — em reuniões literárias como pela imprensa e o livro. Criou a sua própria biblioteca e estimulou a formação de outras. Incluiu entre seus fins a pesquisa biobibliográfica relativa a homens de letras e rio-grandenses notáveis, como se vê de estudos publicados regularmente. Levantou o primeiro registro das tradições e lendas locais. Deu grande ênfase à comemoração de datas nacionais, como o Sete de Setembro e o 21 de Abril. Dedicou especial atenção ao teatro, dêle fazendo uma arma em favor

(187) “O Partenon Literário, fundado na cidade de Pôrto Alegre no dia 18 de junho de 1868, teve a sua revista, que iniciou a publicação em março de 1869, prosseguindo com tôda a regularidade até fim do mesmo ano. De janeiro de 1870 a junho de 1872 deixou de aparecer, tendo comêço a segunda série em julho de 1872, havendo, pois, uma interrupção de dois anos e meio. Foi normal a publicação até maio de 1876, quando novamente sofreu um interregno de cêrca de quinze meses. A terceira começou em 15 de agosto de 1877 e se estendeu até a primeira metade de 1878. Houve, depois, uma suspensão mais ou menos longa, até que em abril de 1879 surgiu a quarta série, de curta duração, uma vez que o derradeiro número parece ter sido o de setembro do mesmo ano. É a notável associação, pelos documentos existentes, arrastava em abril de 1885 penosa existência, parecendo definitivamente interrompidas as suas atividades mais ou menos em tal época” — Cf. notas comunicadas por Álvaro Pôrto Alegre à R. I. H. G. R. G. S., (n.ºs 113 a 116, págs. 3-4, que está reeditando a coleção da *Revista do Partenon*. Note-se que esta teve, sucessivamente, os seguintes nomes: *Revista Mensal* e *Revista Contemporânea*.

da libertação do escravo e das idéias republicanas. Exerceu intensa atividade social, promovendo reuniões em que se discutiam as teses mais diversas. Criou a imprensa literária e atraiu ao grêmio o simpático J. J. da Silva, que chegou a editar livros dos consócios, com vistas a fundar uma editôra. (188)

Como se está vendo, não faltou energia, combatividade e idealismo ao “Partenon”. As atas de suas reuniões, nos anos de 1872 e 1873, mostram ao vivo a ebulição intelectual que por lá se verificava. Realizavam, então, os agremiados seus círculos de estudo, em que discutiam variados temas, desde os maliciosos e provocantes aos ingênuos e excusados. Vejamos algumas teses que ali foram propostas a debate:

- *Qual o verdadeiro representante da nacionalidade brasileira, no desenvolvimento literário dêste século?*
- *Qual a influência do século de Péricles no domínio da literatura? Que domínios trouxe à história literária?*
- *Qual foi a época mais brilhante de Roma, sob o govêrno monárquico ou sob a república?*
- *O sangue derramado em trôco da liberdade é necessário?*
- *Os fins justificam os meios?*
- *Na antiguidade qual foi a forma de govêrno que presidia à marcha progressiva da humanidade? Qual é a que trouxe a maior soma de civilização? Qual é a que presidiu aos destinos dos povos modernos? Qual tem sido, pois, o ideal de liberdade em todos os tempos?*
- *A invasão da Província em 1865 tem justificação?*
- *Quem demonstra maior abnegação e valor em sua missão — o padre ou o soldado?*
- *As cruzadas trouxeram algum benefício em prol da civilização hodierna?*
- *O casamento nas condições do Catolicismo funda-se na lei natural? A indissolubilidade dos laços é útil ou prejudicial aos interesses sociais?*
- *A pena de morte é fundada no direito natural? A sociedade pode tirar aquilo que não pode dar?*

(188) “Os dignos diretores da *Revista* estabeleceram uma tipografia própria, e vão editar sob o título: *Biblioteca Rio-grandense* — dramas e romances da lavra dos rio-grandenses que se têm dado com tanto proveito às composições dêste gênero em nossa futura terra” — Vale Caldre e Fião, *Crônica in Revista M. do Part. Literário*, 2.º ano, n.º 12 dez. de 1873. V. também *Crônica*, 4.º ano, agosto de 1875.

— *Em qualquer dos sentimentos ou paixões humanos quem revela mais nobreza e mais generosidade — o homem ou a mulher?*

— *Qual o meio a empregar-se, a fim de impedir e derrocar a influência exercida pela companhia de Jesus sobre o Ensino?*

— *A alma é imortal?*

— *Quais as causas que trouxeram a revolução de trinta e cinco na Província? A revolução foi necessária? A revolução exprime a real manifestação do povo?*

E, finalmente, esta tese bem ao gosto da época, quando se articulava na casa um movimento de emancipação da mulher, através das idéias feministas da professora Luciana de Abreu e da poetisa Amália Figueirôa:

— *Por que razão a mulher não goza da liberdade do homem? Deve gozá-la?* (189)

O meio provinciano não comportava então, sem sobresalto, o debate de temas da natureza dos apontados. E os jesuítas de S. Leopoldo começavam já a ficar inquietos com os ataques desferidos contra a Ordem pelos ingênuos carbonários da rua de Bragança. Reagiram, naturalmente, espicados pela ousadia daqueles moços republicanos. O jornal *Deutsches Volksblatt*, que editavam naquela cidade, abriu baterias contra Pôrto Alegre. Os elementos conservadores afastaram-se da sociedade, e esta foi pouco a pouco decaindo de prestígio, enquanto as dissensões internas lhe minavam os alicerces morais.

*
* *

Observamos que o início da segunda metade do século XIX foi no Rio Grande excepcionalmente fértil em tentativas de afirmação mental. Basta dizer que a partir daí, num período relativamente curto, apareceram em Pôrto Alegre e no interior várias publicações periódicas, exclusiva ou predominantemente reservadas a divulgar trabalhos literários.

O *Guaíba*, semanário fundado por Félix da Cunha em 13 de agosto de 1856, na capital de Pôrto Alegre, foi o primeiro periódico literário de importância que aqui se publicou. Seus

(189) Cf. Florêncio de Abreu, *Atas das sessões do Partenon Literário*, in *R. I. H. G. R. G. S.*, ano IV, I e II trim., e ano IV, III e IV trim., 1924.

redatores, Carlos Jansen e João Vespúcio de Abreu e Silva, recrutaram colaboradores entre a gente moça da terra. Ali apareceu, menina de 15 anos, Rita Barém de Melo, com o pseudônimo de Juriti. Vespúcio de Abreu publicou também na revista os seus versos. E Pedro Antônio de Miranda comentava com espírito os sucessos da semana. João Capistrano Filho, Zeferino Vieira Rodrigues Filho, Félix da Cunha, Ulhôa Cintra, Miguel Meirelles, Frederico de Villeroy, e muitos outros, quase sempre disfarçados sob pseudônimo, colaboraram na simpática publicação, onde Carlos Jansen, o futuro novelista d'*O Patuá*, se adestrou em novelinhas curtas, ao gênero das criações fantásticas da época. Não teve longa duração, pois já em março de 1858 a revista se queixava de aperturas financeiras, donde concluímos que com o n.º 13 deste mês deixou de circular. Nota-se a timidez dos colaboradores. Raros apareciam com os seus próprios nomes; o pseudônimo era a regra. Mas não se pode negar o bom gosto d'*O Guaíba*, donde a procedência da observação de um de seus colaboradores, ao dizer que essa modesta revista concorreu para estimular o cultivo das letras em tôda a província. (190)

Pelotas não se fez esperar. Em 1857 lá aparecia o *Ara-ribá*, revista igualmente de feição literária, fundada pelo Barão do Arroio Grande, Francisco Antunes Gomes da Costa, com a cooperação de Tôrres Crohuet e Machado Filho. (191)

Em Rio Grande, surge a *Arcádia* (1867), revista mantida com enormes sacrifícios pelo seu fundador, Antônio Joaquim Dias, que a transfere dois anos depois para Pelotas, quando já havia aparecido a confraria do "Partenon".

A "Literária Gabrielense", associação criada nos moldes da sua congênere de Pôrto Alegre, funda também, como esta, uma revista mensal, *A Crisálida*, cujo primeiro número é de 26 de outubro de 1874.

E ainda na capital uma ala do "Partenon" se desgarra para fundar a revista mensal *Murmúrios do Guaíba*, que aparece em janeiro de 1870 com o propósito de se consagrar às letras e à história da Província de S. Pedro. É a mais bem feita de tôdas. Dirige-a um jornalista e escritor de mérito, José Bernardino dos Santos.

(190) Cf. Damasceno Ferreira, *Revivências* — Tipografia Leuzinger — Rio, 1928 — pág. 16 e *passim*.

(191) Cf. Antônio Carlos Machado, *Coletânea de Poetas Sul-Rio-Grandenses* — ed. Minerva Ltda., Rio, 1952 — pág. 48, e L. C. Melo, *Subsídios para um Dicionário dos Intelectuais Rio-grandenses*, pág. 63.

Mas a onda da imitação não pára de bater, e surge a "Sociedade Ensaio Literários", com Damasceno Vieira, Lôbo Barreto, José Martins Flores, Gustavo Viana, Frederico de Villeroy, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Dionísio Monteiro, Carlos Lôbo, Antônio Carlos Duarte, José de Sá Brito, Alves Tôres e Artur Borba. Dentre êstes figuram alguns dissidentes que haviam sido expulsos do "Partenon", em ruidosa sessão. (192)

Tôda essa efervescência, aqui e nas cidades do interior, mostra como se ia operando lentamente a descentralização da vida literária.

*
* *

Mas nenhuma das publicações citadas teve a duração e o prestígio da *Revista do Partenon Literário*. No primeiro número, apresenta-se com um *Programa*, da autoria de Apolinário Pôrto Alegre, em que o jovem professor de então fixa dois aspectos: a liberdade de pensamento, representada pela imprensa, e a liberdade política, pelas câmaras, não satisfaziam as aspirações do espírito. As emprêsas jornalísticas, diz ainda Apolinário, quando não se limitam "aos interêsses do comércio e indústria, é quase certo morrerem no embrião, motivo por que quase tôdas são mercantis, excluindo mil outros modos da vida intelectual." E conclui: "Portanto, nem os prelos, nem os comícios provinciais não preenchendo em tôda a latitude os fins de sua criação, não podendo realizá-los na estreiteza das órbitas atuais, não sendo mesmo de sua alçada a multiplicidade de conhecimentos, é certo que havia necessidade imperiosa duma nova instituição.

"Esta, graças à boa vontade de alguns obreiros que medem a grandeza da obra pela extensão do sacrifício, veio felizmente a lume.

É o Partenon Literário". (193)

A nova publicação enfrentou inúmeros fatores adversos; por duas vezes deixou de circular, durando o seu silêncio, numa delas, cêrca de vinte e oito meses. Pelo que se vê das referências feitas no próprio corpo da revista, não lhe faltou a

(192) V. Damasceno Vieira, *Através do Rio da Prata* — Tip. do Jornal do Comércio — P. Alegre, 1890 — pág. 177 e *Atas do Part. Lit.*, cit.

(193) V. "Programa", página de abertura da *Rev. Mens. do Part. Lit.*, 1.º ano, março de 1869.

animosidade de pessoas influentes, que descreiam da benemerência da obra iniciada pela sociedade da rua de Bragança.

José Bernardino dos Santos, assíduo colaborador da revista, reduziu a peça de teatro o poema *I-Juca-Pirama*, de Gonçalves Dias. O fato não passou sem reparo, segundo nos consta o mesmo autor. Um missivista embuçado dirigiu-lhe longa carta, em que chamava à realidade os escritores e poetas da província. Por que preferiam buscar lá fora motivos com os quais não se achavam identificados, quando havia tanto assunto local à espera de intérpretes?

A increpação podia estender-se ao mesmo Apolinário, que até então não tratara, nas páginas da revista, de temas rio-grandenses. Ao contrário. Começara no primeiro número a publicar o romance histórico *Os Palmares*; a seguir, além de notas, divulgara também ali estirado poema sôbre *O Celibato católico*, onde havia versos assim:

"O padre não se fêz para o silêncio,
Seu cajado um rebanho, com cuidado,
Guia ao vale profícuo d'áurea crença;
Suas vozes não são para o deserto
E sim para as cidades, para os homens,
Onde há criatura que duvida,
Que sofre, que não crê, onde dos erros
Com passo destemido o espectro vaga,
Onde as paixões refervem nos abismos
E a virtude de vícios se rodeia." (194)

A censura feita a José Bernardino serviu a todos, sobretudo a Apolinário. Mas, antes disso, muita água passou por debaixo da ponte.

Pode-se acompanhar, mês a mês, através da revista, a mudança de orientação dos mais moços do grupo, visando a nacionalizar, a regionalizar os temas. A propósito, e a título de documento, vamos reproduzir um trecho da introdução aos *Contos Rio-Grandenses*, de Vitor Valpério:

"Creio, como alguns escritores nacionais, que temos elementos de sobra para fazermos independência literária, e estabelecemos na federação das letras república à parte.

"Como êles, acho que o cunho americano deve-se ostentar em tôdas as produções do gênio brasileiro; que um raio do

(194) Apolinário Pôrto Alegre, *O Celibato*, poema in *R. M. do Partenon Lit.*, n.º 7, set., 1869.

sol das Américas, que doira as nossas fontes juvenis, deve espalhar-se brilhante nas produções da musa dos brasileiros.

“Dos ombros da náiade do Amazonas afastemos o manto servil da imitação européia, pesado para nosso clima ardente, e demos-lhes as vestes leves, gentis, das virgens da floresta natalícia!” (195)

Ingênuo? Desnecessário, depois de Gonçalves Dias? Analisado o problema pelo prisma de hoje, a grande distância, daremos resposta afirmativa. Mas a trivialidade do lance quer dizer muita coisa, para o Rio Grande da época. Nos tímidos propósitos do jovem articulista vibra uma nota particular, que será daí por diante a tônica de tôdas as produções valiosas das províncias.

Quando Vitor Valpírio lançou a sua proclamação nacionalista, Apolinário mal iniciava a publicação d'*O Vaqueano*, onde o intuito de fazer um romance tipicamente gaúcho se perdeu na frase sonora, na fuga à mesma realidade, no amaneirado da prosa alencariana, a que Apolinário tanto se prendera n'*Os Palmares*, e ainda pelo sortilégio exercido sobre êle e seus companheiros pelo arredondado e flexuoso Alexandre Herculano, um dos ídolos do “Partenon”.

Compreendemos o dilema com que se defrontavam aquêles moços, jungidos pela admiração a escritores como o solitário de Val de Lóbos, mas com a inteligência e a sensibilidade seduzidas pelo temário local, donde o hibridismo, o insexuado das obras historicamente consideráveis que produziram e cujo grande mérito é oferecerem abundante material para estudos de literatura comparada.

Caldre e Fião, com os romances *A Divina Pastora* e *O Corsário*, dera o primeiro sinal da revoada localista, alguns anos antes; mas a êsse tempo já era um medalhão, e os moços dêle se utilizaram principalmente como baliza de sua propaganda contra a escravatura. Apolinário é que lhes serviria de modelo e exemplo, pois vinha disposto a enfrentar literariamente os temas da campanha nativa, enquanto de Pelotas lhe mandavam, por intermédio de Taveira Júnior, uma adesão calorosa, estimulante. Estava traçado o caminho. A poesia e o romance, êste na sua fase inicial, seguiram no tranqui-to nacionalista, como queria Vitor Valpírio, sem embargo de recorrerem, aqui e ali, a certos recursos que o socialismo confuso de um Oliveira Martins (do grupo de Coimbra, me-

(195) V. Vitor Valpírio, *Contos Rio-Grandenses (Introdução)* in *R. M. do Partenon Lit.*, n.º 5, 2.ª série, nov., 1872.

lhor dito) exportaria para as terras do Sul. O romantismo retardado de Tomás Ribeiro não foi igualmente estranho ao ritmo poético do “Partenon”.

*
* *

Por seus autores representativos, não ficou limitada ao temário nacionalista a atividade estética da plêiade pôrtorealense. A época era de grande inquietação política, após a vitória dos aliados na Guerra do Paraguai. O grupo, que madrugara na propaganda republicana, recebeu o manifesto de 70 com natural alvoroço e entusiasmo. A sua poesia, o seu romance, o seu teatro, transposta a fase inicial, de identificação com a sociedade gaúcha e seus problemas, passaram a agitar outros temas de sentido geral, a satirizar o espírito burguês, o reacionarismo dos conservadores e da nobreza do Segundo Reinado, pondo, assim, na expressão literária um fervor juvenil e audaz, de fundo indisfarçavelmente partidário. E o teatro foi então a grande arma do grupo.

Mas, aí, voltou-se contra êle parte das energias que sua própria obra educativa desencadeara. E como em seu quadro social nem todos fôssem partidários da mudança do regime, alguns elementos literariamente pouco atuantes, mas fiéis à Monarquia e prestigiosos no meio local, retiraram-se do “Partenon” ou deixaram de colaborar com os companheiros da véspera. Mesmo entre os adeptos da República estalaram, ali, sérias divergências, em parte devidas à nova geração, criada à sombra do “Partenon”, que regressara da Academia de São Paulo exibindo com altivez e firmeza novas idéias — o lêvedo das agitações anteriores e posteriores a 93.

No ano de 1884, em Pôrto Alegre, surgiu *A Federação*, tribuna e baluarte dos novos. E no ano seguinte a “Sociedade Partenon Literário” deixou de existir. Mas a sua obra principal já estava concluída. Divulgara autores e livros, estimulava o trabalho intelectual, transformara os hábitos de vida mental do Rio Grande do Sul, em tudo conferindo dignidade à missão do homem de letras. Êste foi o seu maior legado.

CAPÍTULO X

A POESIA GAUCHESCA
NA FASE ROMÂNTICA

POETIZAÇÃO DO "MONARCA DAS CO
XILHAS" PELOS AUTORES CULTOS. -
BERNARDO TAVEIRA JÚNIOR; AS *PRO*
VINCIANAS.

CAPÍTULO X

A POESIA GAUCHESCA NA FASE ROMÂNTICA

É difícil rastrear a origem subjacente da chamada poesia gauchesca, porque para isso precisaríamos conhecer a alma recôndita de todo um povo. Todavia, pode-se determinar quando e como apareceu, com que autores, sob que condições culturais, e os rumos posteriores tomados por tal gênero de poesia.

Do Cancioneiro é que procede, sem dúvida, a mais remota fonte de contaminação. A receptividade que o trovista anônimo, estudado em capítulo anterior, encontrou no Rio Grande, desde os tempos da Capitania del-Rei; o prestígio do guasca, descendente dos primeiros povoadores, mercê do sentido batalhador de suas tarefas cotidianas, como pela legenda que se criou na vida civil e nos campos de luta; o pundonor autonomista dêsse homem rústico e valente, transformado pela imaginação coletiva no tipo ideal do herói farrapo — tudo conspirou para conferir ao viver pampeiro expressão e colorido de nobreza patricia. Se a sua imaginação se aguça, o observador pode ver no cadinho social da estância, que entre nós foi a célula inicial, anterior ao Município, traços patentes de organização medieval, a que não faltou sequer a figura do bárbaro, vivida pelos castelhanos do Prata... Mas, deixando de lado a sedução lírica do tema, certo é que a vida do gaúcho da campanha tem sido o mais abundante veio poético da literatura rio-grandense.

A inflação começou ao findar o Arcadismo. Os românticos brasileiros haviam elegido com entusiasmo temas nacionais próprios da nova escola, tais como o indianismo, o americanismo, o negro, o sertanejo. Imitando-os, os gaúchos, senhores de um estilo de vida a que nunca faltou bastante côr local, isolados das outras províncias por fatores geográficos e ainda por dez anos de guerra civil, passaram instintivamente a cultuar os seus heróis e fatos mais notáveis, donde a inevitável valorização da cultura regional, em seus aspectos exteriores de fácil assimilação. Generalizou-se bastante. Emprestaram-se a todos os filhos do Sul os valores da comunidade fronteira. Na ordem literária, as zonas de colonização estrangeira, embora compreendam a maior parte do território rio-

grandense, foram praticamente excluídas da área sentimental geradora de motivos.

Mas, se percorrermos a história literária do Uruguai e da Argentina, povos oriundos de sociedades criadas igualmente à base da atividade pastoril, veremos que também à mesma época surgiram ali vigorosas manifestações de gauchismo literário. Sim, mas o que então ocorreu no Prata não foi exatamente o que serviu de modelo, entre nós, nas últimas décadas do século passado. No desabrochar da gauchesca rio-grandense, acima de tudo vigorou o estímulo das correntes internas do pensamento brasileiro. Foram sobretudo os autores do Norte, um Gonçalves Dias, com o seu americanismo tão sonoro e sugestivo; foi o exemplo de Araújo Pôrto Alegre, com as *Brasilianas* e mesmo o *Colombo*; foram os portugueses, com a paixão ardente de Herculano pela história e pelas lendas antigas do seu país, — foram êstes e não os platinos os fatores do nosso despertar para o gênero. A musa negra de Castro Alves entrou com o mólho picante: o tom épico, as clarinadas marciais que se casavam, no campo aberto, à vocação teatral do monarca das coxilhas.

Por outro lado, o autodidatismo dos primeiros gauchescos de linhagem culta ⁽¹⁹⁶⁾ exclui maiores sugestões alienígenas.

(196) "Isolado na provincia mais provinciana do país, pobre mestre sem recursos, Apolinário Pôrto Alegre era abastecido de obras novas pelo seu amigo Silveira Martins. Descreveu-me certa vez Alcides Maya a cena comovente, relatada por testemunha. O tribuno acabava de atender, a um canto da sala, numa conversação a meia voz, o último dos visitantes, pois ocorriam em bando os correligionários, à notícia de sua chegada. Falava, aconselhava, persuadia ao interlocutor, mais fascinado pelo homem do que enquadado nos princípios de um partido. Do outro extremo da sala, Apolinário, que era dos íntimos, os da longa prosa noturna, estimulada a chimarrão, acompanhava a cena com verdadeira angústia, impacientado por aquelas intermináveis manhas políticas; acendia o seu crioulo, esmagava-o na unha do polegar, furioso, crispado. Despediu-se finalmente o sujeito. Gaspar da Silveira Martins voltou-se para o amigo, sorrindo um sorriso cúmplice; como a degustar-lhe a impaciência, arredava para longe do ponto essencial a conversa: perguntas, casos, gauchadas... E então, enfiando pelos profundos bolsos do poncho de viagem a mão poderosa, parceira da sua voz dominadora, revelou aos olhos do amigo os presentes que lhe trazia da Córte: livros, livros caros e raros, as últimas novidades em folclore, filologia e lingüística, ou alguma obra curiosa de viajante, Marckmam, von Tschudi, todo um mundo de sonho e pesquisa para o solitário da Casa Branca... — Augusto Meyer, *Guia do Folclore Gaúcho*. Gráfica Aurora Editôra, Ltda., Rio, 1951 — págs. 12-3.

nas. Eram todos êles homens pobres, fruto do próprio esforço: Apolinário Pôrto Alegre, Taveira Júnior, Lôbo da Costa, até mesmo o versátil e andejo Múcio Teixeira. Com exclusão do último, viveram na província, onde publicaram seus livros, dela se afastando ocasionalmente. Sua experiência literária resultou de uma intensa observação das peculiaridades nacionais, enquanto a pessoal se alimentou do que possuía de mais típico e original a cultura do pampa. Tudo os prendia ao torção natal, inspirando-os, subjugando-os, e, de certa forma, cerceando aptidões naturais e limitando-lhes o horizonte artístico.

Bernardo Taveira Júnior, ⁽¹⁹⁷⁾ ao publicar as suas *Provincianas*, escreveu em nota liminar o seguinte: "Não tenho notícia, até ao presente, de que haja algum patricio meu, literato, poetizado sôbre assuntos puramente com respeito ao nosso campeiro, e aos seus hábitos, costumes e tradições." A palavra — literato — se embebe no texto de sentido próprio; conduz a outra afirmativa, destinada a reivindicar uma prece-

(197) Bernardo Taveira Júnior nasceu a 5 de junho de 1836 na cidade do Rio Grande; faleceu em Pelotas a 19 de setembro de 1892. Completou os preparatórios em S. Paulo, para onde se transferira com o objetivo de ingressar na Faculdade de Direito; falhando-lhe recursos, voltou para a província. Em Pelotas exerceu o magistério particular, lecionando português, inglês, latim e história; fundou um colégio em S. Gabriel, de onde retornou a Pelotas, ali se fixando (1866) definitivamente. Morreu após prolongada enfermidade. Abolicionista e republicano militante. Obras: *Poesias Americanas*, Rio Grande, Tip. da *Arcádia*, 1869; *O Anjo da Solidão*, cena dramática, 1869; *Poesias Alemãs* (com prefácio de Carlos von Koseritz), 1873 (consultamos a 2.^a edição, Gundlach & Cia., P. Alegre, 1884); *Provincianas*, Livraria Evangélica, Rio Grande, 1886. Três poematos: *Primus inter pares*, à memória de Herculano; *Ave, Poeta*, à memória de Victor Hugo, 1885; *O entêrro*, sôbre a libertação dos escravos, 1888. *Memórias de Garibaldi*, de Alexandre Dumas (tradução da primeira parte). Alfredo Ferreira Rodrigues acrescenta: "Há também um drama em prosa, *Paulo*, publicado em folhetins (1874) pelo *Jornal do Comércio*, de Pelotas, de modo a poder formar volume; em idênticas condições, as *Poesias Patrióticas*; além da tradução em verso do *Guilherme Tell*, de Schiller, publicada no *Progresso Literário*, e a de um romance de Malot, *A Falta de uma Mãe*, em folhetim da *Pátria*, de Pelotas. (...) Ficaram inéditos três volumes: *Bagatelas Poéticas*, *Evoluções Poéticas* e *Avulsas*, paráfrases dos *Trenos* de Jeremias e de Ossian; traduções da *Expição*, da *Epopéia do Leão* e outras de Victor Hugo; do *Requiem*, de Dranmor, do drama *Intriga e Amor*, de Schiller, além de grande número de versões do alemão e de algumas odes de Horácio." — Cf. Alfredo Ferreira Rodrigues, estudo republicado na revista *Província de S. Pedro*, IV, págs. 78 e segs.

dência: “Antes de prosseguir, cumpre-me advertir que a poesia a que me refiro agora não é essa que, de quando em quando, por aí aparece em estilo chulo, e sem mérito algum literário.”

A que categoria de poetas aludia com tal acrimônia, reprochando-lhes o descuido, a chulice formal? Só pode ser uma a resposta. Bernardo Taveira Júnior investia contra os seus predecessores iletrados, primeiros e autênticos cultores da poesia gauchesca, visto como os “literatos” não haviam até então descoberto o rastro da musa crioula, escondido pelas “lânguidas cecéns” do romantismo.

Confessa êle ainda duas coisas: — as *Provincianas* estavam concluídas desde 1873, à espera de editor; começara a escrevê-las em 1865, antes portanto de dar a lume o seu primeiro livro. É um pedido de escusa pela inatualidade. Pois o Rio Grande já havia produzido as *Opalas* (1884), de Fontoura Xavier, e *A Musa Moderna* (1885), de Damasceno Vieira, ambos marcados, nesse período de transição, pela estética parnasiana.

A estréia de Bernardo Taveira Júnior, com as *Poesias Americanas*, três anos após a publicação do *Colombo*, mostra o seu estro a serviço do indianismo, à laia de Gonçalves Dias. Alguns títulos de seus versos o confirmam de maneira evidente: *Cunhambebe*, *Canto das Amazonas*, *Uiara* (que êle grafou *Ayura*), *O Membira*, *O Guarani*, *O Aimoré*, *O Caiapó*, *Jaci*, além do que empregou largamente vocábulos indígenas, os mesmos que haviam entrado a correr familiarmente em livro desde Gonçalves Dias. A influência do maranhense é ali perturbadora, tanto no metro como na maneira de apreciar a bondade natural e o heroísmo do índio.

Publicou posteriormente as *Poesias Alemãs*, onde reuniu as suas traduções dos românticos, Schiller, Uhland, Goethe, Gottfried August Bürger, Theodor Körner, Chamisso, Lenau, Heine, Dranmor, e mais uma vintena, reproduzindo ao lado o original. Carlos von Koseritz, prefaciando a obra, derramou-se em elogios à perícia do tradutor, e a autoridade desfrutada pelo admirável polígrafo deve ter valido bastante à boa fortuna do livro, que teve duas edições.

Mas o nome de Taveira Júnior permanece na literatura gaúcha por outras razões. Quem lhe deu certa notoriedade, levando-lhe o nome à popularidade dos almanaques, foram as *Provincianas*, versão poética dos costumes e tradições dos campeiros do Sul.

Em boa hora o fêz. O leitor da época se acostumara a outro tipo de poesia; o lirismo casimiriano havia já substituído o indianismo e atenuara de muito o prurido americanista. Com os últimos românticos, um sem-número de autores tendiam no plano da ficção para a vida campestre, para o homem do interior, numa palavra — encorpava-se o regionalismo para empreender uma dura batalha, que ainda continua. Apolinário Pôrto Alegre, chefe espiritual da geração do “Partenon”, já publicara na sua revista *O Vaqueano*. Mas, afora êste e *O Crioulo-do-Pastoreio*, do mesmo autor, a *Divina Pastora* e *O Corsário*, de Caldre e Fião, e *Os Farrapos*, de Oliveira Belo, todos em prosa, nenhum outro livro tão deliberadamente gauchesco havia pintado com maior pachorra as labutas do pastoreio e os hábitos do peão de estância.

Taveira Júnior surge, pois, como uma novidade. E êle próprio, como vimos, o disse também pela primeira vez. Não obstante, era preciso preparar o leitor da cidade para receber tal poesia “bárbara”. Taveira entendeu de lhe facilitar a tarefa, para o que juntou à obra um vocabulário de termos crioulos.

Vê-se claramente, pelo cuidado pôsto nessas minúcias, que o poeta quis resguardar para sempre a sua prioridade. Não viesse outro, mais ousado, arrebatá-lhe as glórias... E foi o que sucedeu. Álvaro Teixeira reivindicou para seu pai, Múcio Teixeira, uma posição de destaque no movimento: “A poesia da província, de *côr local*, já enriquecia o cancionário rio-grandense, quando Apolinário e Múcio (êste com mais fogo) começaram a cultivá-la, ampliando-a, dando-lhe uma feição inteiramente nova e artística, de acôrdo com a raça, o meio e o momento.”⁽¹⁹⁸⁾ Com a habitual agressividade, Múcio depõe em causa própria: “Ora, os iniciadores da poesia pampiana são Apolinário Pôrto Alegre e Múcio Teixeira, que em 1873 se voltaram para essa fonte de inspiração, só treze anos depois aparecendo Taveira no mesmo caminho, já então percorrido por outros, como José Bernardino dos Santos, Lôbo da Costa, Teodoro de Miranda, Araújo Viana e Caldas Júnior”.⁽¹⁹⁹⁾

Não se pode, aliás, dizer a quem coube a primazia da iniciativa, tantos são os sinais de uma transformação dirigida para aquilo que seria, com o correr dos anos, o chamado regionalismo gaúcho. O que é lícito afirmar é que Taveira Júnior

(198) V. *Os Gaúchos*, II, pág. 128.

(199) Idem, pág. 127.

foi de todos os seus contemporâneos o que publicou em primeiro lugar livro homogêneo, uno, todo inspirado no temário crioulo. Caberia ainda aduzir que o termo *gauchesca* (de uso recente) não era empregado naquela época. Múcio e outros usavam a expressão *poesia pampiana*, ou como fez Taveira Júnior, mais simples e modestamente — *assuntos campeiros*.

Vejamos, agora, as *Provincianas*. Se as analisarmos segundo o nosso gosto, segundo os padrões em voga, pouco, muito pouco ficará de pé. Mas, se nos colocarmos diante delas com preocupações menos estéticas do que culturais, já então o livro assumirá importância e relêvo particulares.

Em primeiro lugar, basta lermos os títulos das poesias que o compõem: *Rio Grande do Sul, Os nossos campos, O vaqueano, O canto do gaúcho, O rancho, O tropeiro, O laçador, Carreiras, O boleador, A marcação, O domador, O rodeio, O gateador de marrecas, Declaração, Tio e sobrinho, O casamento, O camponês, O cavalo moribundo*. Ao todo, dezoito, todas dirigidas a documentar, talvez excessivamente, a vida da campanha. Em nenhum passo o autor cede de seus propósitos, o que de algum modo impede o livre surto criador, gerando monotonia e repetições escusadas. Talvez por isso mesmo, Taveira Júnior variou bastante de metro, empregando ora um, ora outro, na mesma composição, não raro para obter efeitos onomatopáicos. O seu decassílabo é duro e áspero, mas no eneassílabo ganha bastante flexibilidade, mercê do martelar constante do anapesto. Faltou-lhe, porém, no metro mais popular, — o setissílabo, — a flexuosidade, a maleabilidade tão encontrada até mesmo nos poetas incultos. Tais defeitos são ainda acrescidos de outro: a intromissão, em versos que se pretendiam naturais e espontâneos, de certas expressões, boleios e cadências desconformes com o assunto e o ambiente retratado. Na paisagística, tanto quanto na descrição de costumes característicos, lê-lo é ver uma chapa fotográfica. Mas isso é pouco. Queríamos uma campanha que se erguesse e falasse, uma cousa viva que nos entrasse pelos olhos e pelo coração.

O guasca largado aparece aí de corpo inteiro, e identificado com o seu trabalho, o seu destino e seus folguedos, — o cavalo! Como neste trecho:

“De lombo arqueado caminha o potrilho,
A cria selvagem dos campos do Sul,
E o bravo campeiro procura-lhe as voltas,
E monta-o, se estriba, sorrindo taful.

A mão — sempre a esquerda — que as rédeas segura,
De rasto o cabresto segura também;
Na destra o rebenque que o bruto verbera;
No peito a coragem não cede a ninguém.

E o bravo campeiro
No potro bizarro
Folheiro se ostenta
Fumando o cigarro.

E o bicho no dorso mal sente um estranho
Cingi-lo nos flancos com rijo vigor —
Ai! vida! a cabeça baixando entre as pernas,
Corcovos atira que metem horror!

Mas sôbre o lombilho parece pregado,
Parece uma estátua de gênio imortal!
Não perde os estribos, um só movimento
Nos altos corcovos do fero animal!” (200)

Mau grado tanta fidelidade cansativa, o trecho tem o seu vigor e mostra a alternância do metro, dentro da linha melódica traçada a seus sucessores pelo exemplo de Gonçalves Dias.

O *Gateador de marrecas*, de que vamos transcrever também um trecho, serve para documentar as qualidades e defeitos a que aludimos:

“Figure quem quiser vasta lagoa,
Em cuja margem ledo, extenso bando
De marrecas, incauto, se espaneja;
Esperto caçador figure ainda,
Que fazer intenta ali bela caçada,
Por quanto, sem a caça,
Não pode o *gateador* entrar em cena (201)

Auxilia o caçador no seu empenho
Um cavalo adestrado. Vereis como.
Mal êste nosso herói o bando avista,
Desencilha o cavalo, que já sabe

(200) *Provincianas*, págs. 65-6.

(201) Nesse e em outros versos, aparecem grifados alguns termos ditos regionais.

O modo por que tem de comportar-se.
Aos sinais do seu dono, passo a passo,
Qual se livre no campo andasse ao pasto,
Vai d'esguelha a lagoa demandando,
Em que arisca estância a gorda caça.

Do lado o caçador da montaria
Co'as pernas do animal com tal astúcia
As suas emparelha,
Que no passo em que vão assim unidos
Um só e mesmo vulto
Parece o caçador com o cavalo.

Sem nada suspeitar dessa artimanha,
Do sendeiro iludida pelo aspecto,
A caça vê chegar, e não lobriga
O cruento inimigo de quem tanto
Medrosa se arreceia.

O quero-quero
Se ouve gritar,
Parece à caça
Aviso dar.

E o bando de marrecas põe-se à escuta,
Quando grita esvoaçando o quero-quero;
Mas tudo é calma. Apenas um sendeiro
Do lago lentamente se aproxima,
Talvez para beber das suas águas.

E o gateador astuto
Lá gateia,
Se meneia
Pé por pé;
E a bandada
Das marrecas,
Embaçada,
Não no vê!" (202)

Diga-se o que se disser, não procede de Múcio Teixeira, poeta mais culto e de forma incomparavelmente superior, a estirpe gauchesca. Autores menos apurados, mais objetivos,

(202) *Provincianas*, págs. 86-8.

abeirantes da transposição direta, herdaram a sua maneira aos continuadores dos fins do século passado e princípios deste. Considerando por isso a obra de Taveira Júnior à luz do relativismo que lhe é imanente, nada teríamos que acrescentar. Mas importa lembrarmos que a sua poesia — tendo por centro de irradiação a cidade de Pelotas, cujo adiantamento cultural, naquela época, influía a vida de toda a província, se não mais, pelo menos tanto quanto Pôrto Alegre — teve o condão de despertar interêsse sem precedentes. Se alguns dos sucessores o sobrepujaram, por mais bem dotados de substância lírica, nenhum porém refletiu tão documentadamente a campanha sulina.

Só na fase moderna, principalmente após 1925, a maneira graciosa, o primitivismo natural de alguns poetas, suplantaram tudo o que se havia feito nos sovados caminhos da gauchesca.

CAPÍTULO XI

APOLINÁRIO PÔRTO ALEGRE

O FICIONISTA, O POETA, O DRAMATURGO. — O NEGRO, O GUASCA E O ESPÍRITO LIBERAL EM SUA OBRA. — ENSAIOS DE FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA. — INFLUÊNCIA QUE EXERCEU.

CAPÍTULO XI

APOLINÁRIO PÔRTO ALEGRE

Apolinário Pôrto Alegre (203) descerra às letras rio-grandenses uma fase salutar de inquietações e pesquisas, não ultrapassada, quanto à repercussão no terreno da cultura, por nenhum outro movimento de iniciativa pessoal. O “Grupo do Partenon”, como vimos anteriormente, gravitou em tórno de seu nome, e tanto bastaria para que o incluíssemos entre os patriarcas da vida mental do Estado. Mas foi ainda poeta, romancista e filólogo, teatrólogo, educador e jornalista político. Deixando, porém, de lado a influência pessoal, os estímulos e

(203) Apolinário José Gomes Pôrto Alegre nasceu na cidade do Rio Grande a 29 de agosto de 1844 e faleceu em P. Alegre a 23 de março de 1904. Matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, mas teve de interromper o curso quando do falecimento do pai. Fêz-se professor particular; fundou o *Colégio Rio-Grandense*, depois *Instituto Brasileiro*, em Pôrto Alegre, e por suas classes passaram muitos jovens que êle iniciou na carreira literária. Fundou e redigiu jornais e revistas. Sua maior atuação, desenvolveu-a como principal fundador da *Sociedade Partenon Literário* (1868-85), de cuja revista mensal (*Veja*) foi o mais assíduo colaborador, quase sempre sob o pseudônimo de *Iriêma* e *Bocaccio*. Proclamada a República, opôs-se à política de Júlio de Castilhos, aliando-se a Silveira Martins no combate ao castilhismo. Refugiou-se em Santa Catarina e depois em Montevidéu, durante a revolução federalista de 1893. Desgostoso com os acontecimentos, combatido e combatível, recolheu-se ao retiro da Casa Branca, nos subúrbios de Pôrto Alegre, de onde manteve acesa campanha pela imprensa. Morreu na Santa Casa de Misericórdia, na mais extrema pobreza. Obras publicadas em livro: *Bromélias*, poesia, P. Alegre, Imprensa Literária, 1874; *Paisagens*, contos, Biblioteca Rio-Grandense de J. J. da Silva, 1875; *A Tapera* — Tip. do Correio Mercantil — Pelotas, 1876; *Epidemia Política*, comédia — P. Alegre, 1882; *Flores da Morte*, poesia, Tip. Marinoni, P. Alegre, 1904 (póstuma). Publicadas na *Revista do Partenon*: *Os Palmares*, romance histórico, 1869; *O Vaqueano*, romance, 1872; *Feitiços de uns Beijus*, romance, 1873; *Gabala*, poema, 1874; *Sensitiva*, drama, 1873; *Mulheres*, comédia, 1873; *Os filhos da Desgraça*, drama, 1874; *Benedito*, comédia, 1874; *Ladrões da Honra*, drama, 1875. Publicado na revista *O Guarani*, a contar do n.º 2, I, julho de 1874, o romance *Lulucha*. Deixou muitos inéditos.

entusiasmo que prodigalizou, vamos estudar-lhe a obra escrita, marco de uma evolução literária que coincide com o desabrochar da consciência crítica entre os seus conterrâneos.

A sua primeira inclinação, segundo autorizado depoimento, foi o romance, a que se entregou em verdes anos. Só mais tarde é que começou a fazer versos, ao contrário de tantos de seus contemporâneos letrados. Com as *Bromélias*, coletânea poética, estreiou-se em livro. A primeira parte desse pequeno volume — *Harpa do Deserto* — é de inspiração nitidamente regionalista, como se vê das produções de 1872 e 74 que ali figuram, e que a esse respeito constituem a pedra de toque da obra. A segunda parte, *Lira da Mocidade*, não nos oferece senão suspiros e lágrimas, à laia dos românticos lamartinianos. Na terceira — *Alaúde do Século* — canta o poeta muitos dos temas sociais em voga, a saber: o celibato do clero, o liberalismo político, a imprensa, a escravidão. Os poemas finais, *Dies Irae* e *A África*, êste datado de 1872, apresentam matéria que julgo de importância para aferir de suas ligações, quando mal se iniciava, com a poesia condoreira. O leitor, ainda o mais desprevenido, verá no último daqueles poemetas a mão potente de Castro Alves traçando a ousadia da concepção. (204) O intransigente abolicionista gaúcho, ao escrevê-lo, quase cometeu um pecado literário, a bem da causa que com tanto

(204) Enrêdo d'A África: O continente africano, personagem que fala, começa com êste lamento: *Que infrene pesadelo em tantos evos!// Que maldição sem nome! que amargura!// Quem não se cinge no festim da vida!// Do flóreo diadema da ventura!// Sequer por um momento?!// e, no seu desespero, pergunta: Por que da Atlântida não tive a sorte?!// para não ver os filhos arrastados!// Da escravidão nas sendas!// Diz mais que suas irmãs fugiam dos lugares por onde ela passava — e assim as descreve: A Europa na vanguarda do progresso!//...// Tu, Ásia, sonhadora em lédas cismas!//...// América, te invejo, como és bela!// Como embalas no seio a liberdade!// Prossegue nesse diapasão, até que o poeta descreve o deserto e, neste, a miragem em que o continente negro vê seus filhos cativos, acorrentados, no bôjo de navios negreiros que sulcam os mares; mas aparece um cruzeiro inglês, que os liberta. Depois, vem isto: *Senhor meu Deus, não posso mais, não posso!// Basta de sofrimento, angústias tantas!//...// E qual meu crime!// Para arrastar um tão pesado lenho?! Mas a voz de Deus, dominando a tempestade que irrompera, prediz que todos os continentes virão um dia bater às portas da África, em busca de paz e abrigo. As irmãs, abraçadas A sombra das viçosas tamarceiras,// gozarão de paz e ventura. E a estrofe do trabalho em cada lábio!// Surgirá no arrebol da liberdade. — Vide *Bromélias*, págs. 183-95.**

ardor defendia. Mas, advertido a tempo, não mais voltou a frequentar a poesia do condor.

Todavia, Apolinário permaneceu fiel ao temário da primeira parte das *Bromélias* — a paisagem gaúcha, a serenidade no descampado, o pingo e a liberdade. E por êsse caráter se tornou, a par de Bernardo Taveirã Júnior, uma das vozes autênticas do regionalismo. Nas *Bromélias* aparece já também o veio naturalista em que se embebeu, como não podia deixar de ser, o prosador que alimentou o propósito de documentar a vida da sua província. Referimo-nos às notas finas, onde recalca, com minúcias de espantar em livro de verso, a veracidade, o fato real inspirador dêste e daquele poema. São notas rápidas, que abrem, contudo, enormes clareiras à interpretação de sua obra posterior.

O prosador descobriu filões inexplorados, trabalhou-os com entusiasmo, e, bem ou mal, influenciou gerações sucessivas; sobrevive em várias obras, oferecendo-nos ainda hoje perspectivas tão variadas como dignas de interesse.

Com *Os Palmares* (205) iniciou pròpriamente a sua carreira literária. Mas, romanceando um quilombo do Norte, aquêle que por sua denodada resistência às armas do branco passou a simbolizar a altivez e heroicidade do negro, o escritor seguiu muito de perto as pegadas estilísticas de Alencar:

“Luminosa auréola lhe inunda as faces, refletindo no argento da frente!

Serena placidez se espanega em seus lábios, semelhante ao brilho da lua na tez dum lago de berilo, na zona tórri-da...

Divino e augusto é o porte do santo varão. Dir-se-ia um indígete engolfado nos raios de extrema glória.

Trajava alvas roupas talares, brancas como o colo da jaburu que passeia galharda no debrum crisopráseo dos regatos, brancas como os flocos de sêda que a paineira desfia ao bafejar das auras!

Porém, entre os supercílhos, um vinco se desenha; aí paira um mistério profundo, uma lenda de íntima melancolia. O temporal cava a face lisa dos mares. O corisco sulca o céu de bonanças.

Que idéia triste adeja no semblante — manancial de doçura e simpatia?

Quem o sabe?!

(205) *Os Palmares*, romance histórico, in *R. M. do Part. Lit.* (a partir do 1.º n.º, março de 1869.)

Caminha a passo lento, aquém de S. Francisco, envolto nos folhos duma nuvem esplêndida, como o sacrário de seu coração. Assim vem a flor da carnaúba, dentro do espato, antes de aspirar o eflúvio mefítico da terra.

Qual, porém, o vulto que ocupa cada uma de suas pedregadas, e o segue, como a sombra par do corpo?

Veste negra túnica. A ave dos cadáveres não tem mais negra asa." (206)

Todavia, bem cedo o moço gaúcho buscou traduzir uma experiência pessoal mais direta. Na mesma revista em que iniciou a publicação d'*Os Palmares*, aparece um conto de sua autoria — uma história de encantamento, passada nos arredores do Morro de Sant'Ana, recanto pôrto-alegrense que lhe era familiar. O assunto vindo de baixo, da superstição popular, desemperra-lhe a pena. Embora pouco feliz nos diálogos, domina completamente o assunto. Identifica-se com as personagens, dá-lhes vida, e eis que a historieta convence e emociona o leitor. Uma das figuras mais prestigiosas do tempo, Felipe Néri, percebeu a importância do trabalho como signo de uma vocação; disse-o ao jovem principiante, e a palavra do amigo calou profundamente no espírito e decidiu da orientação de Apolinário. (207)

Não mais iria buscar assunto fora de sua província. E assim é que o vemos, já em 1872, meter mãos em empreza mais ousada — *O Vaqueano*. (207 a) Descrevendo um episódio da revolução de 35, põe em cena uma personagem até então quase desconhecidas dos prosadores — o vaqueano rio-grandense, tipo agreste de rastreador, leal e forte, corajoso e desinteressado. Ao fazê-lo, Apolinário como que sofreu uma transfiguração: a prosa tem outra consistência, o período surge mais sêco e pesado. Dir-se-ia que a sombra de Herculano houvesse tombado sobre o papel — o que não é de estranhar, porque o nome e as idéias do romântico português apareciam reiteradamente na Revista, denunciando a admiração que lhe votavam os componentes do grupo. Foi grande o êxito da narrativa, em parte pela novidade do tema, mas sobre-

(206) Idem, *ibid.*, quadro I, *Visão secular*.

(207) "Quando êle apareceu na *Revista do Partenon* (...) Felipe Néri disse de *Mandinga*: — É o engaste de ouro da Revista. Esta palavra decidiu de minha vocação literária." Apud Álvaro Pôrto Alegre, *Ciclo Apolinário Pôrto Alegre*, Tip. Thurmann, P. Alegre, 1944 — pág. 10.

(207 a) Começou a publicá-lo na R. M. do Partenon Literário, 2.^a série, n.º 1, julho de 1872. Apareceu em livro, ed. Globo, em 1927.

tudo pela amorosa fidelidade de seu autor no retratar a fisionomia moral do homem rio-grandense. E tudo isso êle o conseguiu pouco depois de haver tentado uma obra de pura imaginação, *Os Palmares*, cujos cenários lhe eram completamente estranhos.

A pequena história de José de Avençal abriu caminho à prosa rio-grandense, em continuação ao generoso esforço de Caldre e Fião. O ano de seu aparecimento (1872) coincide com o da *Inocência* de Taunay e a *Ressurreição* de Machado de Assis. Mas as letras nacionais viviam já uma fase prenunciadora de algo mais consistente: não demoraria a aparecer, no Maranhão, *O Mulato* de Aluísio Azevedo. Nesse período pré-agônico da prosa romântica, o exemplo de Apolinário acenou a seus conterrâneos com a bandeira do regionalismo, e a maioria lhe seguiu de perto a tendência, que só mais tarde ganharia corpo em outras zonas do Brasil.

Dera-se, com efeito, uma reviravolta no espírito de Apolinário Pôrto Alegre, que assim a descreve, num lance que obrigatoriamente se há de evocar, sempre que se estude sua personalidade. Diz êle:

"Numa faina de farinha, um peão, ruscando com outro que apertava os tipins na prensa, teve forte pendência em que me foi preciso intervir.

Dizia-me êle no auge da cólera:

— Veio-me com "pabulagens" de "pongó" ou "cabortei-ro", umas coisas de "bambáe"...

Mas ante a parlenda do meu patrício, que, durante um bom quarto de hora, esbofou uma linguagem completamente alheia para mim, fiquei estatelado. Sem dúvida, tinha mister de recomeçar os meus estudos, refazê-los desde a cumeeira até aos alicerces. Eu nada sabia, e êle, o rude agricultor e campeiro, era mais digno da América do que eu. Era êle um brasileiro e eu um manequim da Europa, deslocado no meio em que nasci, onde vivia e respirava, apesar de conhecer várias línguas, história, filosofia e quejandas matérias." (208)

Há nessa confissão certo traço de ingenuidade, que se desculpa no professor jovem, agarrado aos clássicos por dever de ofício. Mas quem se beneficiou da observação não foi propriamente o mestre-escola, senão o escritor à cata de assunto e de pitoresco. E surgiu o caso Apolinário Pôrto Alegre. Assim o vocabulário regional foi a ponte por onde o criador de

(208) Apud Augusto Daisson, *A Margem de Alguns Brasileirismos*, Liv. do Globo, P. Alegre, 1925 — págs. 59-60.

histórias alcançou a realidade da vida rio-grandense, obrigando-se a observações mais detidas. Desceu com ardente curiosidade ao estudo das peculiaridades dialetais e, conseqüentemente, dos costumes gaúchos, visando a colorir a ficção; com o tempo, passou a encarar tudo isso sob prisma um pouco mais severo. Dêsse jôgo de concomitâncias irrompeu o lingüista, ou antes, o filólogo improvisado, que comparou, classificou, generalizou, à luz das fontes formadoras do léxico. Deu sempre grande importância a tais estudos, que enfeixou em numerosos cadernos, destinados a corporificar uma obra tão volumosa quanto decantada, *O Popularium*, que infelizmente continua inédita, dela se tendo publicado apenas uma pequena parte. A súmula dos assuntos ali tratados mostra que Apolinário teve a curiosidade solicitada por vários aspectos, muitos dos quais são ainda hoje novidade; outros precursores mais felizes não tiveram olho clínico para discernir a tão grande distância. (209)

Se aqui e ali exagera, atribuindo valor dialetal a simples formas do português arcaico, se o seu crivo não era dos mais seguros, isso se deve ao seu autodidatismo e, mais que isso, ao atraso da lingüística e da filologia da época. Como quer que seja, serviu-lhe a pesquisa de muito: nos seus romances, contos e narrativas, sente-se o espírito arguto que reunia pacientemente quanta migalha da expressão coloquial se lhe deparasse.

Embebido de povo, de tradições locais, compreende-se a sinceridade da sua profissão de fé nacionalista: "A literatura brasileira é uma mina apenas de leve explorada. No homem tupi, mesmo em épocas pré-históricas, nos conquistadores, no

(209) "Matéria do *Popularium Sul-Rio-Grandense*: Introdução — um estudo sobre o português em sua evolução nos domínios europeus; elementos bantus, quechuas, taino calinos, aztecas; do português falado no Brasil; origens guarano-túpicas; processos tupi-guaranis, na formação das palavras; origens germânicas do português; tratamento doméstico. Expressões de carinho de pais a filhos e vice-versa. Influência primacial do tupi-guarani. Nulidade do fator africano; brinquedos e jogos infantis, superstições, credices e lendas; enigmas populares ou adivinhações; provérbios brasileiros e portugueses usados no Rio Grande do Sul; vestuário sul-rio-grandense; armas, castigos e suplícios peculiares ao Rio Grande do Sul; o cancionero rio-grandense; pêlos de animais. A antiga nomenclatura portuguesa, etc.; a cozinha rio-grandense; e nomenclatura geral." — V. Apolinário Pôrto Alegre, *Cancioneiro da Revolução de 1835*, Liv. do Globo, Pôrto Alegre, 1935 — págs. 96-7.

africano, nas diferentes raças que surgiram pelo cruzamento do sangue indígena, ariano e etíope, nas lendas maravilhosas, nas enormes modificações da língua e dos costumes europeus devido a êste amálgama no cadinho da América, não encontrará assunto para uma literatura pátria, vigoroso, escultural, só o espírito deslumbrado pelas novidades estrangeiras." (210)

Bons propósitos, sem dúvida. Mas à procura levou-o menos à beleza que à verdade: a fusão de elementos orais com o lastro erudito tornou-lhe a prosa pesada e desigual, de valor artístico mais que duvidoso.

Mas, não lhe faltou espírito crítico. Sobre o livro de contos das *Paisagens*, observa:

"Se há perspectivas trasladadas *d'après nature*, como em *A Tapera*, onde copiamos com as cenas desdobradas ante os olhos, se a descrição é feita geralmente com fidelidade mais ou menos exata, não diremos outro tanto da linguagem popular. Reproduzi-la nas acepções totalmente diferentes das clássicas, em seus provérbios e adágios que nos falam da América e não da Europa, em suas múltiplas comparações e formas idiotísticas tão belas pela simplicidade que fazem recordar a *Bíblia* e a poesia de Homero, é, foi e será sempre para nós uma das mais difíceis tarefas." (211)

Em Apolinário Pôrto Alegre são visíveis as marcas deixadas pela educação romântica. Contudo, sua obra em prosa não se enquadra perfeitamente nos cânones da escola, pois não chegou a cumprir uma de suas exigências fundamentais. Queremos nos referir à pobreza de sua visão do indivíduo, do homem isolado em luta consigo mesmo. O escritor não viu criaturas humanas, viu o *gaúcho*, tipo bem diferenciado, característico de uma região. Essa imagem unilateral prejudicou-lhe seriamente as criações romanescas. Ademais, não se abandonou ao fervor da criação; não deixou nunca que as personagens vivessem: a inteligência interferia a todo instante, para mostrar nelas, numa expressão, num sentimento, num gesto, outros tantos signos do grupo a que pertenciam. Como neste passo:

"O menino cresceu. O rebento fêz-se tronco. Porém, a harpa fremente de seu coração vibrava a uma idéia fulminan-

(210) *Bromélias*, nota, pág. 196.

(211) *Paisagens*, ed. da Biblioteca Rio-Grandense, de J. J. da Silva, Pôrto Alegre, 1875, — Apud Augusto Pôrto Alegre, obra citada, pág. 18.

te, fibra por fibra estremecia a uma só palavra do vocabulário das paixões humanas: — Vingança!

Vingança!? Vertigem do ultraje, ebríez de sangue, desfôrço da honra e sumultâneamente justiça fora dos códigos!

Vingança?! Mancenilha, — pomo de ouro no galho, no lábio fel e veneno!

Vingança!? Abraço da alma sorridente num sonho e da alma esmoída no ecúleo de angústias!

Vingança! És tu também uma das sombras a embruscar os traços magistraes do caráter rio-grandense, falha que ninguém pode, nem deve ocultar. Que importa, no entretanto?! Talvez seja o quinhão ou partilha dos povos cavalheirescos, a quem a hospitalidade, a lhaneza, a honra e lealdade parecem antes virtudes inatas do que obediência às leis do dever ou o resultado de obrigações morais. Lá no fundo de seu deserto, envolto no largo cafetã, como o árabe se assemelha contigo! Como a própria generosidade, que tanto o distingue, parece arrancar-lhe do imo do peito o grito de ódio e morte, quando foi cruelmente ofendido?

Avençal, rota a crisálida, não via outro fãl nos horizontes da mocidade. Crescera elado a um sentimento que tudo fazia recordar, ora a voz insinuativa e grata de Amaral devassando-lhe os segredos da esgrima, ora a solicitude maternal de Moisés, preparando-lhe o braço nos rudes manejos do campo.

Infante, não teve outra balata acalentando-o no berço; homem, não tinha outra rota a seguir. Era a fatalidade duma romagem: a herança que o punhal do assassino codicilara na garganta ensangüentada de seus pais.” (212)

Romântico pelo tratamento exterior, Apolinário se aproxima dos naturalistas pela substância documental, quando nada pelo interêsse demonstrado em focar o ser humano, não como um joguête de fôrças obscuras, mas como produto do meio, da situação social que lhe condicionasse e explicasse o comportamento. Sem o pressentir, navegou na esteira do positivismo científico — germe do naturalismo nascente — do positivismo que êle combateu, por sinal, com muita veemência.

Foi também assim, nessa encruzilhada do indistinto, que o naturalismo brasileiro fêz a sua entrada triunfal. Querendo

(212) V. *O Vaqueano*, cap. XVI.

a realidade, fugiam dela os nossos primeiros naturalistas. (213) Mas, no caso de Apolinário — façamos-lhe justiça — não houve pròpriamente a preocupação de seguir a moda. Nêle o caráter naturalista — forjado pelo acúmulo de elementos documentais — nasceu de uma tendência, de um gôsto todo especial pelos estudos sociológicos. Desde moço, como faz prova, entre outros livros, o *Popularium Sul-Rio-Grandense*, silva impressionante da sabedoria popular, seduziram-no os temas locais. (214)

No romance — melhor diríamos novela — d’*O Vaqueano*, seu objetivo foi estudar o temperamento do gaúcho tradicional. Ao invés de proceder como certos autores brasileiros do mesmo período, que se largaram em cenas de alcova, o escritor gaúcho, buscando os ares lavados da campanha, retrocedeu à época da Revolução Farrroupilha, e de lá guindou os tipos varonis com que teceu a sua história. Aliás, registre-se aqui — entre parênteses — que no Rio Grande do Sul não tiveram êxito apreciável os produtos literários à Zola e à Eça de Queirós, que tão boa fortuna tiveram por aí na década de 80. Foram os nossos um pouco mais saudáveis — fizeram grandes painéis sociais, a exemplo de *Os Farrapos*, de Oliveira Belo.

A linha do social, Apolinário perseguiu-a desde muito jovem; o ímpeto abolicionista, sincero e pugnaz, a altaneria de suas convicções republicanas, (215) grande parte de suas pesquisas — quase tudo, nêle, lembra um traço viril, combativo e agreste. A obstinação com que defendeu os seus princípios lhe trouxe penosas desilusões, que amargaram os últimos dias do escritor. Atirou a flecha num alvo mais alto:

(213) “É esta (o horror que lhe inspirava a realidade) uma das tendências mais contraditórias do nosso naturalismo. Dir-se-ia que, obrigando-se à reprodução minuciosa e unilateral de fatos em geral desinteressantes, os escritores adquiriam um invencível desgôsto pelo assunto.” — Lúcia Miguel-Pereira, *História da Literatura Brasileira*, vol. XII, Liv. José Olímpio, Rio, 1950 — pág. 126.

(214) Em 1943 ou 44, não podemos precisar a data, apresentou-nos o poeta Valdemar Vasconcelos ao Sr. Álvaro Pôrto Alegre, filho de Apolinário, e em sua casa examinamos rapidamente os vários cadernos manuscritos dessa obra inédita. Impressiona realmente a cópia de estudos ali reunidos, a vastidão dos assuntos abordados.

(215) É corrente que se obstinou em não prestar serviços à província, em cargos oficiais; para manter-se, abraçou a carreira de professor particular — que lhe assegurou a desejada independência política.

a preservação da liberdade do homem. Em tudo que escreveu pôs essa nota particular. Poeta, um de seus primeiros poemas condena o celibato católico; novelista, timbra em libertar a nossa da influência da literatura européia; nas suas peças de teatro, prega a abolição e combate a nobreza imperial, que oprimia pela imposição de uma casta privilegiada; contista, celebra a vida simples, sem rei nem roque, do homem da campanha.

Temperamento batalhador, só se afastou da cena para mergulhar, com os seus livros inacabados, no retiro da Casa Branca; mas ainda ali a sua pena de jornalista não cessou de combater os *profiteurs* da república.

É de extraordinária simpatia êsse professor e jornalista provinciano, empenhado em realizar algo de substancialmente nativo, aprofundando as ligações da arte com o meio e a experiência de vida do seu torrão. Raras vêzes, na história do pensamento brasileiro, ter-se-á visto um homem tão bem dotado para tarefas tão diversas. Interessado por todos os aspectos da cultura, não chegou, é certo, a produzir obra harmoniosa. Nêle, o que impressiona e domina é o conjunto. E pelo conjunto de seus trabalhos — que apontaram rumos à literatura regional talvez mais orgânica do Brasil — Apolinário Pôrto Alegre há de ser lembrado como um dos grandes vultos nacionais.

CAPÍTULO XII

APOGEU E DECADÊNCIA DA POESIA ROMÂNTICA

INTRODUÇÃO. — CARLOS FERREIRA.
— MENEZES PAREDES. — MÚCIO TEIXEIRA.
— LÓBO DA COSTA. — OS ULTRA-ROMÂNTICOS.

CAPÍTULO XII

APOGEU E DECADÊNCIA DA POESIA ROMANTICA

Dos inúmeros autores que citamos no capítulo — “O Grupo do Partenon Literário” — poucos enfrentaram a sorte do livro. E dos que o fizeram, raros são os que ainda hoje resistem a uma leitura moderadamente crítica. Homens cultos, familiarizados com o *Tratado de Metrificação* de Castilho, mas desprovidos de vocação especial para o gênero, se ainda hoje alguém os lê, é mais por curiosidade, ou necessidade — como no nosso caso — do que por puro deleite espiritual. Ora, se não despertaram ressonâncias, simpatias e afinidades estéticas, nem aliciaram a preferência do público, obviamente são poetas mortos. Contudo, para eles voltamos nossa atenção, por isso que, tendo lutado pela formação de uma cultura literária em sua terra, esculpiram, afinal, seus pobres versos na história da cultura rio-grandense. E merecem, portanto, quando nada, uma referência nominal, que deixaremos para o fim deste capítulo.

Fixemo-nos, por ora, nas figuras de primeiro plano, nas que, ultrapassando o puro exercício métrico, enriqueceram e valorizaram a arte do verso, conquistando aplausos e imitadores.

Além de Apolinário Pôrto Alegre e Taveira Júnior, poetas de fraca imaginação, mas de real importância histórica, já examinados, estudaremos mais desenvolvidamente os seguintes: Carlos Ferreira, Juvêncio Augusto de Menezes Paredes, Múcio Teixeira e o admirável Lôbo da Costa. Dêstes, apenas o primeiro e o último não se fizeram dentro dos quadros do “Partenon”, pois quando se juntaram aos do grêmio já haviam conquistado relativa popularidade. Mas todos os citados linhas atrás foram românticos, pelo menos na primeira fase, como iremos ver a seu tempo. Carlos Ferreira e Múcio chegaram a abraçar o parnasianismo, e não foi de todo estranho o último dêstes à influência da poesia simbolista.

Com tais nomes, a poesia romântica atingiu no Rio Grande o apogeu, com algum atraso, em verdade, comparativamente ao centro do Brasil, e, do mesmo passo, caiu em deca-

dência, através de um processo de transformação que, por várias causas, durou também muito pouco.

É que entre o fastígio de uma e o aparecimento de outra escola, o espaço de tempo foi consideravelmente pequeno. Pode-se dizer que ambas coexistiram, sem grandes rivalidades, uma ao lado da outra, muitas vezes na obra de um só autor. É o caso da poesia de Múcio Teixeira, onde os limites de uma e de outra são esgarçados, impalpáveis. Já no tocante a Damasceno Vieira, que teoricamente se traçou linhas bem nítidas, as fases se sucedem com precisão, sendo êle, ademais, o único poeta do período que se auto-analisou com a maior clareza. Por isso mesmo, deixamo-lo para ser considerado mais adiante.

CARLOS FERREIRA

Carlos Ferreira ⁽²¹⁶⁾ talvez continuasse a vegetar no seu ofício de ajudante de ourives, na capital da província, não fôra a Guerra do Paraguai. Pedro II, quando do cerco de Uruguaiana (1865), veio animar com a sua presença as nossas tropas; em Pôrto Alegre, durante as festas que se cele-

(216) Carlos Augusto Ferreira nasceu em Pôrto Alegre (segundo Múcio Teixeira a 24 de outubro de 1844; segundo Afrânio Peixoto, em 1846) e faleceu no Rio a 12 de fevereiro de 1913 (segundo Afrânio, faleceu em Campinas). Transferindo-se para S. Paulo, trabalhou no *Correio Paulistano*. Residiu depois de 1871 no Rio; pertenceu à redação do *Correio do Brasil*. Voltando a S. Paulo, redigiu a *Gazeta de Campinas*, da mesma cidade. Nomeado tabelião após a República, renunciou ao cargo anos depois. Mudou-se para a cidade de Amparo, onde redigiu o *Diário de Amparo*. Escreveu poesia, teatro, contos, romance. Obras: Poesia — *Cânticos Juvenis*, P. Alegre, 1867; *Rosas Loucas*, 1868; *Alcões*, Rio, 1870; *Redivivas*, Campinas, 1881; *Plumas ao Vento*, Campinas, Casa Genoud, 1908. Prosa: *Histórias Cambiantes*, contos, S. Paulo, 1874; *A Primeira Culpa*, romance; *Feituras e Feições*, Tip. Livro Azul — Campinas, 1905. Teve representadas muitas peças de teatro, no Rio e S. Paulo, dentre as quais algumas escritas de parceria com Felizardo Júnior, seu conterrâneo. Indicaremos as principais: *Arnaldo*, drama, 1865; *Lúcia*, 1868; *Madalena*, 1868; *Mártires do Coração*, 1868; *A Calúnia*, 1871; *Os Pequenos e os Grandes*, 1872; *A Espósa*, 1880; *O Pecado de Juventina*, comédia, 1884; *A Primeira Culpa*, drama, 1885; *Pedra de Toque*, comédia, 1889; *A Condessa*, comédia, 1905. Não pudemos ler a sua peça *O Marido da Doida*, publicada em 1874. A edição de *Rosas Loucas* de que nos servimos é a 2.^a, Casa Garraux, S. Paulo, 1883 — impressa em Paris.

braram, destacou-se a poesia que, com motivo na luta, foi recitada perante o monarca. O autor era Carlos Augusto Ferreira, jovem de dezenove anos. O Imperador tomou-o sob sua proteção. Feito pensionista da bolsa particular do Monarca, partiu o poeta para São Paulo, a fim de estudar jurisprudência, mas não chegou a matricular-se na Academia. Abrindo-lhe a imprensa as portas da independência econômica, o moço republicano pôde libertar-se do compromisso moral que o vinculava às instituições vigentes. Dali passou ao Rio, onde fez representar seus dramas, e após voltou à terra paulista, fixando-se no interior, Amparo e Campinas. Nesta última cidade, com seus amigos Campos Sales, Glicério, Jorge de Miranda e Quirino dos Santos, orientou pela *Gazeta de Campinas* intensa campanha republicana.

Não mais voltou a residir no Rio Grande, mas os fundadores do "Partenon Literário" consideram-no sócio correspondente da instituição, em cuja revista colaborou. Afirmativo e pugnaz na vida prática, na do espírito distinguuiu-se pelo tom grandiloquente, um dos motivos pelos quais teve larga extração a sua poesia: empenhada numa ingrata luta externa, a Nação pedia ênfase, ainda que escrita. Campinas, grande empório do café, era também, à época, centro de intensa agitação mental, de onde Carlos Ferreira irradiou seu nome a outras zonas do país, chegando a gozar de uma notoriedade que poucos dos contemporâneos desfrutaram em idênticas condições. Larga e até certo ponto benéfica foi a autoridade que exerceu sobre o Grupo do Partenon, com o qual manteve íntimas ligações, dispensando aos conterrâneos afetuoso e pródigo agasalho. Lôbo da Costa deu-lhe a prefaciara *Lucubrações*, seu livro de estréia; Múcio Teixeira, adolescente, recorreu por intermédio de Amália Figueirôa ao bajeiro daquele nome prestigioso. A República foi a senha que os identificou; daí a unirem-se na poesia, bastou um passo. Consagrado pelo aplauso popular, o poeta que emigrara tirou do anonimato muitas vocações. ⁽²¹⁷⁾

Estreara-se em Pôrto Alegre, com os *Cânticos Juvenis* (1867), atraindo a atenção da província; mas só conheceu verdadeiramente êxito completo em 1868, com as *Rosas Loucas*, editadas na Paulicéia. O fundo macabro e a linguagem

(217) A sua influência foi — sem exagero — imensa no Sul. Quase todos os estreates, de 1870 em diante, têm uma ou outra poesia com epígrafes tiradas da obra de Carlos Ferreira. Múcio, na época citada, não era ainda monarquista.

hugoana dêsse livro afastaram-no do lirismo dulçuroso e lamecha, em cujos arraiais caiu como um petardo. *O Baile das Múmias*, uma de suas composições, conheceu rapidamente os favores da popularidade; só *O Ranchinho de Palha*, de Lôbo da Costa, conseguiu desbancá-lo. Mas aquela penetrou sobretudo nas rodas cultas, enquanto que êste desceu ao povo, para constituir patrimônio do lirismo anônimo. Quer dizer, no plano das afinidades literárias coube a Carlos Ferreira atuar com mais largueza, deixando rastros evidentes na produção dos coevos. *O Baile das Múmias* apaixonou também a juventude paulista, que viu na poesia do gaúcho os tiques e maneiras — que lhe eram familiares — de Álvares de Azevedo. Aquelas estrofes atrevidas e apaixonadas, cheirando a cadáver e a flor, era um produto de certa *morgue* sentimental que lembraria Edgar Poe, não houvesse parente mais próximo a sugerir ligações e afinidades.

Publicou em S. Paulo, onde então residia, as *Rosas Loucas* (1868), enfeixando produções datadas de 1864 em diante, na fase que verdadeiramente lhe caracterizou o estro. ⁽²¹⁸⁾ Só então é que Castro Alves chegou à Paulicéia, transferido do Recife, trazendo inéditos e duas cartas que chamaram para si a atenção de todos. ⁽²¹⁹⁾ Mas nessa ocasião o poeta gaúcho, como dissemos, já havia dado a lume dois livros, nos quais o tom hugoano predominava sem contrastes. Diante disto, impõe-se verificar até que ponto Carlos Ferreira e Castro Alves, que se tornaram amigos íntimos, trocaram entre si influências literárias, confundindo-se no mesmo tom poético.

A consulta aos textos, como se não bastasse a cronologia, fará nova luz sobre o assunto. Mas, para não sobrecarregar êste capítulo, limitar-nos-emos a duas ou três citações.

Num dos poemas bem conhecidos de Castro Alves, *Vozes d'África*, encontram-se sugestões bebidas à obra de Carlos Ferreira, conforme se deduz do seguinte cotejo:

(218) V. *Rosas Loucas*. Divide-se em três partes: a primeira traz poemas datados de 1864-65-66-67-68-69 e 1870; a segunda, de 1866-67-68-69 e 1870; a terceira de 1867-68-69 (uma única poesia) e 1870. Como se vê, muitas são anteriores às *Espumas Flutuantes*, primeiro livro de Castro Alves publicado (1870); *A Cachoeira de Paulo Afonso* é de 1876.

(219) V. Machado de Assis, *Correspondência*, ed. Jackson, 1937. A carta de Alencar a Machado é de 18.2.68; diz: "O sr. Castro Alves... vai a S. Paulo concluir o curso que encetou em Olinda".

De Carlos Ferreira, *O Baile das Múmias*, datado de 1867:

"E as nuvens pávidas, trêmulas,
Deitam depressa a correr...
Medroso o trovão ao longe
Vai gaguejando morrer...
E os morcegos espantados
Fogem, correm dispersados
Numa carreira sem fim;
E sobre as tôrres pousadas
As corujas debruçadas
Espreitam esfomeadas
Os destroços do festim!..." ⁽²²⁰⁾

De Castro Alves, nas *Vozes d'África*, datadas de S. Paulo, 11 de junho de 1868, um ano após o *Baile das Múmias*:

"De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante,
E o camelo monótono, arquejante,
Que desce de Efraim..." ⁽²²¹⁾

De Carlos Ferreira, *Súplica*, (datada de 1870):

"Oh! deixa-me viver! Eu posso ainda
Saudar a luz do sol dos dias belos,
E meus lábios banhar no eflúvio doce
Das madeixas gentis dos teus cabelos!

E há tanto amor a me bater no peito!
Tanta loucura no adejar de anelos!
Vivo só... tenho medo... ai, deixa ao menos
Meus lábios mergulhar nos teus cabelos!

(220) *Rosas Loucas*, ed. de 1883, págs. 122-9.

(221) As *Vozes d'África* foram publicadas pela primeira vez n' *O Acadêmico*, de S. Paulo, n.º 15, 19.11.1868; em livro, no ano de 1880. Cf. Afrânio Peixoto, nota à pág. 146 das *Obras Completas* de Castro Alves, ed. cit. Jamil Almansur Haddad, *Revisão de Castro Alves*, Coleção Cruzeiro do Sul, Edição Saraiva, S. Paulo, 1953, observa que o poema castroalvino "pecaria por anacronismo", pois foi "divulgado cinco anos depois da lei Rio Branco". 1.º vol. pág. 200.

Fui um louco: pequei. Perdi meu norte.
Quebrei das crenças os doirados elos...
Tenho culpas, bem sei... Oh! prende o louco
Nas cadeias gentis dos teus cabelos!..." (222)

De Castro Alves, *O Laço de Fita*, datado de S. Paulo, julho de 1868:

"E agora, enleada na tênue cadeia,
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus elos,
Ó laço de fita!" (223)

Na ousadia das figuras e imagens, Carlos Ferreira aplicou admiravelmente bem a lição de Hugo e Byron. Na época, o seu processo em tudo se aproxima do de Castro Alves, de tal sorte que não saberíamos dizer a qual dos dois poetas pertencem versos como êstes:

"Hosana, assombroso vulto,
Invencível Briareu
Que à terra joga's o insulto
Cuspindo a fronte do céu!
Na tua eterna grandeza
Tens por trono a natureza
— Fulgente, enorme painel —
Um leito de pólo a pólo,
Vastos abismos por solo
E os pés de Deus por dossel!..." (224)

Morto o poeta bahiano, realizou-se em S. Paulo uma sessão fúnebre em sua honra, e Carlos Ferreira recitou versos que se diriam feitos pelo próprio homenageado:

"Eu que saudei um dia os teus fulgores,
Que te dei palmas e atirei-te flores,
Em horas de prazer,

(222) *Rosas Loucas*, págs. 32, 33 e 34.

(223) V. ed. Afrânio.

(224) *Rosas Loucas*, págs. 115-116.

Eu que arrojéi minh'alma ao teu proscênio,
Deixa que agora inda saúde, ó gênio,
Teu grande alvorecer!...

O mar — leito oscilante, imenso e fundo
Rançou ao teu tombar! Sombrio o mundo
Cerrou da face os véus...

E a liberdade em delirante anseio
Fêz p'ra teu nome um túmulo em seu seio
Deu-te por lousa — os céus!...

Não o perturbem, não! Daquele crânio
Dorme o vulcão talvez!... Astro titânio
É Deus quem o conduz!

Nos vastos plainos d'amplidão brilhando
Resvalou pela treva, e foi rolando
Cair no antro de luz!..." (225)

Não ficou, porém, Carlos Ferreira exclusivamente na poesia exterior, brilhante e clangorosa. Há em seus versos uma nota de sensualidade que à fôrça de se pretender muito afirmativa termina em sonhos e lágrimas. O próprio poeta chegou a dizer:

"Nas orgias sem fim do socialismo
Não tisonarei de negro a fronte minha;
Est'alma no aspirar do idealismo,
Anjo, será sòzinha!..." (226)

Percebe-se facilmente em sua poesia a ambivalência de sentimentos que Mário de Andrade notara agudamente nos românticos da primeira geração. Carlos Ferreira mistura sexo e ternura idílica, arroubos de amante insaciável e carícias infantis. Vejamos a poesia *Endechas*, onde há trechos assim:

"Se eu pudesse apontar-te no horizonte
Auroras boreais, astros luzentes,
E enxugar-te febril o suor da fronte
Co'a rubra esponja dos meus lábios quentes,

(225) Carlos Ferreira, *Alcíones* — Ed. J. T. P. Soares — Rio, 1872, pág. 188.

(226) *Rosas Loucas*, pág. 74.

Fui um louco: pequei. Perdi meu norte.
Quebrei das crenças os doirados elos...
Tenho culpas, bem sei... Oh! prende o louco
Nas cadeias gentis dos teus cabelos!..." (222)

De Castro Alves, *O Laço de Fita*, datado de S. Paulo, julho de 1868:

"E agora, enleada na tênue cadeia,
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus elos,
Ó laço de fita!" (223)

Na ousadia das figuras e imagens, Carlos Ferreira aplicou admiravelmente bem a lição de Hugo e Byron. Na época, o seu processo em tudo se aproxima do de Castro Alves, de tal sorte que não saberíamos dizer a qual dos dois poetas pertencem versos como êstes:

"Hosana, assombroso vulto,
Invencível Briareu
Que à terra jogas' o insulto
Cuspindo a fronte do céu!
Na tua eterna grandeza
Tens por trono a natureza
— Fulgente, enorme painel —
Um leito de pólo a pólo,
Vastos abismos por solo
E os pés de Deus por dossel!..." (224)

Morto o poeta bahiano, realizou-se em S. Paulo uma sessão fúnebre em sua honra, e Carlos Ferreira recitou versos que se diriam feitos pelo próprio homenageado:

"Eu que saudei um dia os teus fulgores,
Que te dei palmas e atirei-te flores,
Em horas de prazer,

(222) *Rosas Loucas*, págs. 32, 33 e 34.

(223) V. ed. Afrânio.

(224) *Rosas Loucas*, págs. 115-116.

Eu que arrojéi minh'alma ao teu proscênio,
Deixa que agora inda saúde, ó gênio,
Teu grande alvorecer!...

O mar — leito oscilante, imenso e fundo
Rançou ao teu tombar! Sombrio o mundo
Cerrou da face os véus...

E a liberdade em delirante anseio
Fêz p'ra teu nome um túmulo em seu seio
Deu-te por lousa — os céus!...

Não o perturbem, não! Daquele crânio
Dorme o vulcão talvez!... Astro titânio
É Deus quem o conduz!

Nos vastos plainos d'amplidão brilhando
Resvalou pela treva, e foi rolando
Cair no antro de luz!..." (225)

Não ficou, porém, Carlos Ferreira exclusivamente na poesia exterior, brilhante e clangorosa. Há em seus versos uma nota de sensualidade que à fôrça de se pretender muito afirmativa termina em sonhos e lágrimas. O próprio poeta chegou a dizer:

"Nas orgias sem fim do socialismo
Não tisanarei de negro a fronte minha;
Est'alma no aspirar do idealismo,
Anjo, será sòzinha!..." (226)

Percebe-se facilmente em sua poesia a ambivalência de sentimentos que Mário de Andrade notara agudamente nos românticos da primeira geração. Carlos Ferreira mistura sexo e ternura idílica, arroubos de amante insaciável e carícias infantis. Vejamos a poesia *Endechas*, onde há trechos assim:

"Se eu pudesse apontar-te no horizonte
Auroras boreais, astros luzentes,
E enxugar-te febril o suor da fronte
Co'a rubra esponja dos meus lábios quentes,

(225) Carlos Ferreira, *Alcíones* — Ed. J. T. P. Soares — Rio, 1872, pág. 188.

(226) *Rosas Loucas*, pág. 74.

Ambos nós morreríamos de gôzo...
 Tu, ébria de paixão, doida de zelos,
 Eu, bendizendo o céu, beijando ansioso
 As tranças divinas dos teus cabelos!"

Mas, o poema, tão arrebatado, termina desta maneira:

"Anjo loiro de amor dos mundos vastos,
 Estrêla da manhã! oh! vem querida,
 Quero envolver-te nos meus beijos castos,
 Quero de afetos povoar-te a vida!..." (227)

o que evidentemente contradiz o arrôjo das imagens desca-
 beladamente sensuais do início. (228)

Em terra estranha, assaltado pela saudade dos pagos,
 onde nasceu e viveu até à adolescência, Carlos Ferreira toma
 da pena para evocar o passado, e o que escreve é ainda uma
 impressão de delírio erótico:

Minha alcova

"Era uma alcova solitária aquela!...
 Hoje talvez ninguém suspire ali...
 Talvez a triste abandonada e bela
 Pergunte à solidão se eu já morri.

À tarde vinha o sol, doirando a mesa,
 Beijar meus livros com seus raios mornos;
 Era o sol, sua única riqueza,
 Sonhos e amor — seus únicos adornos!

Minhas noites gentis passei saudoso
 Na santa paz daquela alcova triste...
 E o leito onde eu sonhei febril... ansioso,
 A esta hora talvez já não existe.

(227) Idem, pág. 62-65.

(228) É a tese do "amor e medo", que levou um grande crítico a explicar o respeito à mulher como resultante de uma timidez amorosa pouco máscula: "Nos versos, a mulher vira *anjo*, *virgem*, *criança*, *visão*, denominações que a excluem da sua plenitude feminina". V. Mário de Andrade, *Amor e Medo*, in *Revista Nova*, ano I, n.º 3, setembro de 1931 — pág. 439.

E os versos que eu gravei pela parede
 — Vestígios fundos dos amôres meus —
 Aquêles gritos de aflição e sede
 Decerto alguém já os profanou, meu Deus!

Talvez tudo se envolva em abandono...
 Talvez o leito onde dormi ditoso,
 Murmure a convulsão de aflito sono
 E o beijo torpe de maldito gôzo!" (229)

Poema dos dezoito anos, *Minha alcova* mostra também a ambivalência a que nos referimos e que seria presente em quase tôda a "amorosa" de Carlos Ferreira.

Em suma, a temática de que se serviu nos seus primeiros livros, que são os mais inspirados, oferece similitudes com a de nossos românticos em geral. Não seria exato, tendo em vista a parte pròpriamente épica de que demos exemplos, julgá-lo seguidor passivo de Castro Alves. Vimos que não foi assim. Quando nada, a grandiloquência espontânea de ambos coincidiu no tempo cronológico; um e outro, cada qual a seu modo, muito contribuíram para impor à poesia brasileira o arredondado da forma, o timbre quente e heróico. Seria ridículo igualá-los; nem cogitamos de o fazer. Mas, tendo sido um dos poetas mais lidos dos fins do século passado, não é lícito esquecer ou subestimar a importância do gaúcho na difusão da poesia condoreira. Muitas penas de seus versos ajudaram o condor a subir.

A posição lírica em que se colocara, nos anos da mocidade, sofreu, porém, não pequeno desvio, no sentido da impassibilidade parnasiana. Efeito da nova escola, ou resultado inevitável do amadurecimento espiritual do homem, a fase criadora que se seguiu aos primeiros arroubos patenteia um desencanto profundo. De pura flama que era, passou à tepidez do rescaldo. A vida lhe fôra amarga. Desta fase de desilusão nos fala a parte introdutória das *Histórias Cambiantes*, (230) onde gravou a imagem desencantada do seu espírito em luta com o mundo. Viu-se perdido no grande *turbilhão* (a palavra estava na moda) e recorreu a imagens — "leopardos que se dilaceram" — para descrever a luta das paixões políticas.

(229) A poesia é mais longa; traz a data: S. Paulo, 1866. Vide *Rosas Loucas*, págs. 84-6.

(230) *Histórias Cambiantes* — Tip. do Correio Paulistano, de J. R. de A. Marques, Rua da Imperatriz, 27 — S. Paulo, 1874.

Tudo isto em 1874, mal iniciada a campanha republicana, de que foi um dos sustentáculos, com seu amigo Campos Sales, no interior de S. Paulo e, mais tarde, na Capital.

O prosador das *Histórias Cambiantes*, pretendendo compor um livro de leitura amena, fêz um livro triste, de escassíssimo valor literário, mas excelente para documentar a volubilidade da sua inteligência e o fundo impulsivo do seu temperamento. Impulsividade que vai explodir de maneira inesperada na renúncia a tôdas as evidências e comodidades que a República lhe dera. Retira-se da cena política para fundar e dirigir no interior um colégio de meninos. Como Apolinário, cortou as amarras do oficialismo para ser fiel ao seu ressentimento. E êste vai gerar os versos amargos da maturidade. Boa experiência de sofrimento, de desejos contrariados, de ambições sufocadas. Caldo de cultura muito favorável à poesia. Mas a boa poesia não veio.

Em *Plumas ao Vento*, de 1908, encontramos sòmente a lembrança apagada do original. Não conseguiu sequer igualar o êxito d'*O Baile das Múmias*. Desaparecera a chama com que estreará. E o homem sofria. Seus amigos, mortos. Castro Alves, companheiro de sonhos, fôra o primeiro a desertar. J. Felizardo Júnior, conterrâneo e amigo, com quem escrevera alguns dramas, também falecera prematuramente. Campos Sales e outros companheiros da vida pública, também mortos para o seu ressentimento. A morte da filha, a hemiplegia, a impossibilidade de escrever. Agonia lenta, a de Carlos Ferreira. Mas enquanto não morria, seus versos de outrora se espalhavam pelo Sul, a inflamar a imaginação dos poetas novos. O semimorto rejuvenescia na experiência alheia, pela fusão de elementos artísticos afins.

MENEZES PAREDES

Conviveu intimamente com Apolinário Pôrto Alegre um poeta tão moço quanto êle, J. A. de Menezes Paredes, "boêmio incorrigível" na expressão de Aquiles Pôrto Alegre, que o conheceu de perto. (231) Com o primeiro, escreveu o dra-

(231) Juvêncio Augusto de Menezes Paredes nasceu em Pelotas a 6 de setembro de 1843, segundo Múcio Teixeira, *Os Gaúchos*, II, págs. 155 e segs. — e faleceu em S. Gabriel em 1882. Em 1873, no prefácio às *Parietárias*, datado do ano anterior, diz que tinha então 24 anos, donde concluo haver engano na data indicada por Múcio; a ser exata a declaração do poeta, teria nas-

ma *Jovita*, representado na Capital e até hoje inédito, se é que não se perdeu entre os papéis do solitário da Casa Branca. Embora deixasse também fama de orador e teatrólogo, de sua produção ficou apenas um volume impresso, as *Parietárias*, prefaciado pelo autor, que diz a certa altura: "Dei à presente coleção o título — *Parietárias* — por dois motivos distintos. Primeiro, por ser derivação do meu nome de família; segundo, porque, como as parasitas que se enroscam ao tronco das árvores para roubar-lhes com a seiva — o vigor e a vida, assim os meus versos se têm entrelaçado aos meus vinte e quatro anos de existência, consumindo-me, com o labutar contínuo do espírito, as fôrças e a vida do corpo." Tudo aspira ao fúnebre, nas linhas citadas e no mais do volume, inclusive a data — "S. Gabriel, novembro, 2, 1873."

Sabe-se que Paredes residiu em Pôrto Alegre; que pertenceu ao grupo do "Partenon", em cuja revista colaborou, e que morreu relativamente jovem. A estranheza do título de sua coletânea poética não passou despercebida a Camilo Castelo Branco, que lhe reservou umas palavras sumamente irônicas no *Cancioneiro Alegre*, e desde aí ninguém mais se referiu ao poeta pelotense a não ser para relembrar a descompostura camiliana.

Julgo, porém, extremamente significativa a sua poesia, quer pela ressonância que teve à época, de modo a contagiar inúmeros outros líricos, como também pela constante crispação de nervos com que denunciou o seu inconformismo, algo mais sério que a convencional desesperança dos ultra-românticos. Se a tristeza que infunde teve origem no querer íntimo, no espírito voluntariamente enfermiço do autor, não importa. Menezes Paredes se nos antolha um desesperado no plano ideal da arte, ainda que a vida lhe houvesse sorrido alguma vez. O poeta fechou a porta à alegria, do mesmo modo por que cerceou a saúde do seu próprio lirismo.

cido em 1848. Foi professor e deputado à Assembléa Provincial. Perdeu uma irmã e um irmão, ambos tuberculosos; a mesma doença também o vitimou. Escreveu um drama, *Jovita*, com Apolinário Pôrto Alegre, e teria deixado inédito um outro, *Coroa de Martírios*. Só pudemos encontrar o seu livro *Parietárias* — Tip. da Reforma, P. Alegre, 1873 — na Biblioteca Nacional (n.º do catálogo, V-260,1,1, n.º 6), aliás em meu estado de conservação. A edição é desgraciosa e o papel ordinário, o que deve ter contribuído para o seu desaparecimento das estantes rio-grandenses.

Alquebrado de espírito, já aos vinte anos, deu-nos uma poesia que até certo ponto constitui surpresa nos quadros locais. Uma poesia retorcida, com esgares dolorosos, vesânica, cheia de sentimentos mórbidos; mas — novidade das novidades — apresentando sobretudo uma nota ácida, nitidamente intelectual. Daí talvez o interesse de Camilo, — a quem não faltou bastante incompreensão no apreciar os românticos brasileiros, — em incluí-lo, crivado de farpas, nas páginas do *Cancioneiro Alegre*, que de alegre só tem o nome.

As *Parietárias* dão bem a medida da feição característica de Juvêncio Paredes, isto é, a sua posição contrafeita dentro do ultra-romantismo. Produto dessa escola, não deixou, entretanto, de usar uma linguagem mordente, aciculada. Ridiculariza as paixões insinceras, o postigo, o falso, para ficar com os sentimentos legitimados pela dor. Pelo menos, na intenção. Como se vê da mesma poesia transcrita e posta em bulha por Camilo Castelo Branco:

A uma rapariga

“Vai-te embora, rapariga!
Em paixões já não me abraso;
tentação, deixa-me em paz!
Do deus Cupido na briga
sempre fui soldado raso
nos meus tempos de rapaz;

Hoje, que já sou *maduro*,
Tenho por norte e por norma
paz tranqüila desfrutar,
e não quero, e não futuro
fazer a menor reforma
no meu modo de pensar!

É portanto grã toleima
para mim teus lindos olhos
ver-te sempre a requebrar!
— Nem sempre alcança quem teima...
e, semear entre abrolhos,
é gôsto sem paladar!

Qu'importa que sejas bela?
Que tenhas rosto faceiro
de moreno e meiga côr?

Qu'importa ainda, donzela,
o teu riso feiticeiro,
dos róseos lábios na flor?

Qu'importa tudo, se vivo
entregue ao positivismo,
e assim me julgo feliz?...
Vai-te! — um homem positivo
no amor não acha algarismo
que iguale a fôrça de um *x!* (232)

Ri-te a outros. Muita gente
gosta dessa pepineira,
que se chama namorar.
Agrada a outro vivente,
que também namore, e queira
na igreja a coisa acabar.

Assim podes, — finda a briga
do cambão, achar marido
endinheirado e rapaz!
Sim, bem podes, rapariga,
conquistar outro *Cupido*
.....
Vai-te, pois; deixa-me em paz!” (233)

Pois a nota de *humour* era nova por estas paragens. Lôbo da Costa, excessivamente sentimental, não soube ousá-la: resvalou para o humorismo de tipo caboclo, o mesmo sucedendo a Múcio Teixeira.

Menezes Paredes atingiu o alvo em cheio. O seu humorismo perturba e confunde, pelo inusitado da forma, o bizarro da imagem, e foi isso mesmo, num instante de ferocidade português, que o solitário de S. Miguel de Seide quis ver e não viu nas *Parietárias*.

(232) Camilo glosa os versos finais: “Não é o cinismo que petrifica Paredes; é o algarismo. Ele não irá morrer em Missolonghi pela redenção dos gregos, nem a Moçambique pelas liberdades pátrias como o seu patricio Gonzaga. Há de ser vítima da falência fraudulenta de um mascate.” (*sic*) “Ele chama-se Juvêncio./ Este nome podia ficar na lista dos fatais, se não fôsse o algarismo. D. Juan de Marañá, Lovelace, Saint-Preux, Juvêncio Paredes, etc.” — Camilo, *Cancioneiro Alegre*, Liv. Internacional de Ernesto Chardron, Pôrto, 1887, II, págs. 17-20.

(233) *Parietárias*, págs. 94-5.

ocultista. Na companhia dos homens numerosos dêsse país, não figura entre os menos interessantes. Nem mesmo o seu conterrâneo Manuel de Araújo Pôrto Alegre, cuja obra estudamos em capítulo anterior, atingiu a tal desdobramento da personalidade.

Por isso mesmo, é desigual, notadamente nos poemas longos, onde a sua audácia passava por cima das dificuldades da composição e da medida. Apenas se dominou no soneto; compôs, aliás, alguns magníficos, principalmente os que se avizinham dos modelos parnasianos, cujos corifeus no Brasil, Bilac e outros, lhe pareciam, contudo, umas pobres criaturas inferiores.

Na prosa, a mesma variedade desconcertante. Deixou, porém, um estudo que é obra indispensável, mormente corrigidas certas imperfeições e erros — *Os Gaúchos*, tantas vezes consultada por nós durante a composição dêste trabalho. Mergulhou na história do seu Estado, retratando heróis, políticos e homens de letras, com abundantes minúcias, voluptuosamente empenhado, nalguns trechos, em acertar contas com os desafetos. Fala de si com vaidade e dos outros enfaticamente; mas, em que pese a tais demasias, ainda resta ali muita coisa útil, que teríamos perdido sem o seu depoimento.

Numa obra de conjunto, como é esta história, não cabe estudar de uma só vez aspectos tão variados e sedutores de um autor que ainda está a pedir exame demorado e severo, que o situe em difinitivo. Infelizmente, sobre Múcio Teixeira, o que há, de um lado, são incompreensões e ataques, suscitados pelo mesmo poeta, com o seu temperamento *démodé* e rebarbativo; de outro lado, elogios encomiásticos de alguns de seus contemporâneos, ou mesmo de seu filho Álvaro Teixeira, num livro que é bem a imagem do caos interior, da alma vesuviana do biografado. (235)

Mas, para considerá-lo apenas sob os aspectos essenciais, na parte em que sua atividade coincide com as diretrizes da história mental da sua terra, vamos passar em revista a obra de Múcio Teixeira, com vistas a apurar o saldo positivo ou que deva ser estimado como resultante de afinidades com o meio onde se formou. Será, êste, um trabalho imperfeito; na massa colossal de papel impresso deixado pelo Barão Ergonte, as datas e informes, as alterações sucessivas, as reedições me-

(235) Álvaro Teixeira, *Múcio Teixeira — O homem, o poeta, o prosador, o tribuno, o cientista* — Imprensa Nacional, Rio, 1922 — 3.^a edição.

lhoradas, as repetições e enganos são um labirinto para quem o queira compreender. Sobre seus méritos, que são muitos, é preciso pôr de quarentena, inicialmente, o juízo que de si mesmo fazia êsse homem original e — mau grado seu ar es-pantado de mata-mouros — de uma adorável candura infantil.

*
* *

Recebeu Múcio Teixeira o primeiro estímulo aos quinze anos de idade, através da já prestigiosa *Revista Mensal do Partenon Literário*, onde havia publicado uma longa poesia, *À minha mãe*, sob epígrafe e segundo a maneira de Álvares de Azevedo. (236) Logo depois a mesma revista anuncia o seu primeiro livro, *Vozes Trêmulas*, que apareceu efetivamente em seguida, prefaciado por José Bernardino dos Santos, um dos diligentes cooperadores daquele movimento.

Tudo quanto escreveu antes das *Flores do Pampa* (1879) equivale a mero adestramento para iniciativas mais ousadas. Mas a essa parte de um de seus livros êle próprio atribuía grande importância, por considerá-la a manifestação inicial, premonitória da poesia gauchesca, contrariando assim, como já vimos, afirmação expressa de Bernardo Taveira Júnior quando do aparecimento das *Provincianas*. O que porém se observa antes de tudo, nas tão decantadas produções aludidas, não abona os intuitos de seu autor. Múcio Teixeira mal se acercou do pampa, do viver gaúcho, contemplando-o com olhos de quem o vê pela primeira vez — turista curioso e bem informado. Nos cenários que descreve, o ambiente e até mesmo as coisas inanimadas pertencem a outras paisagens, às do mundo do livro:

“No tôpo das coxilhas verdejantes,
Os pinheiros atléticos, gigantes,
Vigorosos e nus,
Abrem os braços — destendêdo os galhos,
Talvez pedindo à noite mais orvalhos...
Aos dias menos luz.”

(236) V. Aurélio de Bittencourt, *Crônica*, in *Rev. Mensal do Part. Literário*, 4.^a série, IV, outubro de 1872.

ou como, um tom abaixo da melopéia castroalvina, neste quadro intitulado *Na estância*:

“De manhã cedo, quando as aves trinam
E a cerração nos descampados dorme,
Saltar de cima do lombilho e logo
Lavar o rosto na lagoa enorme.

Ir ao curral, e, mesmo na porteira,
Uma guampa beber de leite quente;
Sovar a palha e ir picando o fumo
A conversar com essa boa gente.

Encilhar o matungo, ir, no tranquilo,
Dar uma volta por aquêles pagos
E na venda mais próxima apeando
Cantar ao violão, tomando uns tragos.

Depois voltar ao rancho ou ao sobrado,
Tanto num como noutro há boa gente;
E na rêde — suspensa de dois caibros —
Saborear um chimarrão bem quente.”

Mas nessa coletânea, além da nota falsa que se observa nos trechos citados (atribuíveis a qualquer região do país, não fôsse a intromissão de alguns vocábulos de uso preferente na campanha), há indício veemente de que a poesia campeira do nosso autor lhe fôra em grande parte sugerida por impressões de leitura. Um dos indícios da fonte impressa é a versão parafraçada, feita por Múcio, do *Fausto Gaúcho* de Estanislau del Campo. Assim principia:

“Há de haver coisa de quatro
Ou cinco noites passadas,
Vi gentes encurraladas
No potreiro do teatro.

• E a tropilha, reunida
Por trás de um rincão deserto,
Esperava ali decerto
Ver coisas não conhecidas.”

Aliás, Múcio Teixeira parafraçou com prazer e com frequência: *O Fausto* de Goethe lhe deu um poemeto dramático,

Fausto e Margarida; parafraçou *O Cântico dos Cânticos*, seguindo a tradição de Renan; a *Parisiense*, de Byron, e muitos outros poetas. Além das paráfrases não confessadas. Porque a leitura meditada de sua obra corporificou em nós a impressão de que o seu temperamento fortemente impressionável se deixou vincar, iniludivelmente, em tudo quanto escreveu, por impressões de leitura. Durante sua estada na Bahia, adotou o sêlo inconfundível de Castro Alves. E dos tempos vividos na Venezuela, como representante diplomático, trouxe na pena a deformação provocada por Campoamor, que por lá era o ídolo do dia. De Guerra Junqueiro, cuja maneira imitou sem rebuços, herda por via direta *O Sultão*, que o nosso Múcio apresenta sob o disfarce de “lenda gaúcha”, mas a personagem da história, um cão, uiva também em alexandrinos bem soantes, à maneira do *Fiel* da outra banda do mar...

Afora essa versatilidade, própria dos precoces, foi um grande lascivo cerebral, hajam vista a tão decantada *Virgem Pampliana* e as *Leviandades de Climene*. Sensualidade dirigida, às vêzes crua, como se fôsse o amor, assim compreendido, um dever do homem másculo.

Não lhe faltaram, é certo, notas de *humour*, que esparziu por sua obra desde o primeiro ensaio dos quinze anos, como em *Vozes Trêmulas*, mas não teve bastante finura para mantê-las.

Pouco compreendeu a serenidade e a contenção alheias. Daí, talvez, as fortes objeções que opôs à obra e ao estilo de Machado de Assis. Num estudo tendente a demonstrar que o grande realista não passava de um poeta tímido e incorreto, amontoou dados estatísticos e notas terrivelmente bilientas, despercebido do ridículo da empresa: destruir o maior de nossos escritores.

Apesar de tudo, foi na enseada remansosa do parnasia-nismo que ancorou o seu barco, já cansado de longas viagens, quando sôbre êle desceram as sombras da velhice. *Brasas e Cinzas* documentam seu estado de espírito nessa quadra. Perdera o empeno, o ardor de outrora; mais serenado, depois da experiência da cabala e do ocultismo, pôde então retratar-se desta maneira:

Alma nua

“Sou o lago que a luz do céu reflete,
Sou o vôo das aves pelos ares;
Sou o vento sutil, que se intromete
Na folhagem dos bosques seculares.

Sou o leão que no deserto ruger
Se os tufões as areias movimentam;
Sou a torrente fêrvida, que estruge
Quando na praia as ondas arrebetam.

E... sou o colibri que beija as flores,
E no aroma das flores se embriaga;
Sou a falena: atraem-me os fulgores
De uma luz, que vacila, e não se apaga.

Sendo tôdas as coisas, sem que possa
Saber o que é que sou, e o que são elas;
Eu, na incerteza que de mim se apossa,
Confundo a luz do olhar com a das estrêlas.

É dos meus olhos que essa luz se exala,
Ou recolho os seus raios na retina?
E no silêncio, em que minh'alma fala,
Vibra uma interna música divina." (237)

Ante um autor da complexidade mental de Múcio Teixeira, as distinções que se estabeleçam, com o fim de enquadrar-lhe a obra em determinada escola, fatalmente serão prejudicadas por aparências formais, em detrimento da medula, do recheio, da alma que a vivificou. E esta, no homem de letras, se mostra vincada pela predestinação romântica. Entre o choro de Casimiro e o esbravejar de Castro Alves, a melancolia de Álvares de Azevedo e o cepticismo de Junqueira Freire, moveu-se Múcio Teixeira com uma naturalidade que o distanciou dos companheiros locais. Haja vista um Apolinário Pôrto Alegre, romântico por contaminação, pois o temperamento o destinava sobretudo a pesquisas e indagações de ordem positiva; um Taveira Júnior, romântico "de situação", afogado na sua triste sanga de mestre-escola. Êstes e tantos outros não foram românticos; sentaram praça constringidos no batalhão de Musset. Mas o nosso poeta o foi de maneira completa e integral; não conheceria outra posição mais compatível com as exigências profundas do seu espírito.

Ao ler os livros em prosa e verso que produziu, discernimos no fundo aquêlê jôgo íntimo, aquela "solidão orgulho-

(237) *Brasas e Cinzas*, poesias — Imprensa Nacional, Rio, 1922 — págs. 15-6.

sa e resignada" (238) que faz o encarcerado aceitar a pena. Múcio Teixeira tentou a evasão por diversos caminhos da arte, mas não se libertou; no seu caso, ninguém se liberta do demônio romântico a não ser à maneira de Werther. E o Barão Ergonte teimou em viver quase setenta anos...

LÔBO DA COSTA

Lôbo da Costa tinha quinze anos quando surgiu em Pôrto Alegre a "Sociedade Partenon Literário", a cujos quadros pertenceu, embora residisse a maior parte do tempo em Pelotas. (239) Sem meios para ilustrar-se, foi um autodidata, co-

(238) "O romantismo não é um estilo que se possa opor a outro estilo, como o clássico ao barroco ou o gótico ao romano; só pode opor-se simultaneamente a todos os estilos. (...) O romantismo é uma solidão, orgulhosa e resignada. O romantismo é o fim do estilo." — Wladimir Weidlé, *Destino Actual de las Letras y las Artes*, ed. Emecé, Buenos Aires, — págs. 136-7.

(239) Francisco Lôbo da Costa nasceu e morreu em Pelotas (12 de julho de 1835 — 19 de junho de 1888). Órfão em tenra idade, começou a trabalhar muito cedo, e aos doze anos cantou em versos a retomada de Uruguaiana. Ingressou no jornalismo aos dezesseis anos. Em 1874 seguiu para S. Paulo, parece que com o fim de estudar na Academia de Direito, de que se desviou para fazer vida de jornal. Ali estreou-se em livro, mas logo depois voltou à província, onde levou vida andeja e boêmia. Colaborou em tôdas as publicações importantes de sua terra. Foi sócio do *Partenon Literário*. Deixou poucas páginas em prosa. Foi sobretudo poeta. Obras impressas: *Lucubrações* — Tipografia J. Seckler, S. Paulo, 1874 (com retrato do autor, confeccionado na Litografia de Jules Martin); *O Filho das Ondas*, drama em verso, Livraria Americana, Pinto & Cia. — Cidade do Rio Grande (sem data); *Auras do Sul*, Tip. do Excelsior, Pelotas, 1888; *Flores do Campo* (prosa e verso), compilação de Francisco de Paula Pires, Editor Francisco Meira, Liv. Comercial. — Pelotas e Rio Grande, 1905; *Dispersas*, organizada por Francisco de Paula Pires — 1896; a 2.^a ed. é da Livraria Americana, Rio Grande, 1910; *As Melhores Poesias*, escolhidas por Mansueto Bernardi. — Liv. do Globo, P. Alegre, 1927. Muitos de seus livros se perderam, tais como *Rosas Pálidas*, *Mariposas* e peças de teatro; do romance *Espinheiros d'Alma* se conhece a edição feita por Pedro Bernardino de Souza — Rio Grande, 1872. Na Biblioteca Rio-Grandense, entre os papéis deixados pelo historiador José Artur Montenegro, acha-se cópia, feita por êste, de *Os Farrapos ou a Revolução no Rio Grande do Sul*, admirável poema épico de Lôbo da Costa. — Sobre o autor, V. Mozart Victor Russomano, *Vida e Morte de Lôbo da Costa e A obra de Lôbo da Costa*, in "Província de São Pedro", n^{os} 15, e 17 — 1951, e 1952, e Irmão Elvo Clemente, *Aspectos da Vida e Obra de Lôbo da Costa* — Of. Gráficas da Livraria Selbach, P. Alegre, 1953.

mo quase todos os seus companheiros de geração. Mas, convocado muito cedo ao trabalho material pela subsistência, julgou libertar-se da primeira corveta entregando-se à da imprensa. Com pretensões bem juvenis, fundou em 1868 um periódico literário, *Castália*, de efêmera duração. Passou a militar na imprensa política de sua terra; nesse ínterim, perambulou pelos arredores, visitou o Uruguai, apaixonou-se, bebeu a valer, e ei-lo de volta, mais inquieto e desiludido.

Em S. Paulo brilhava por aquela época, a par de Carlos Ferreira, seu co-provinciano, uma geração de moços quase ensandecidos pela febre da criação literária. Lôbo da Costa rumou para o Norte. O período que lá passou não foi ainda investigado. Sabe-se, porém, que teve algum êxito, a julgar pelas *Lucubrações*, livro de estréia, dado a lume em 1874. Abrindo-o, encontra-se a carta-prefácio de Carlos Ferreira, datada de 28 de outubro. O prefaciador, após vaticinar-lhe êxito, contradiz-se na advertência que lhe faz, talvez para mitigar os ardores do jovem parceiro — ou, o que é mais provável, para exprimir um ressentimento íntimo: “Todo e qualquer cometimento intelectual que fôr produzido fora do grande centro (refere-se à capital do Império) não entra lá, não vale a pena de ser assinado, não recebe portanto a consagração de uma simples notícia de jornal ao menos.”⁽²⁴⁰⁾

Abre o volume uma página em prosa, que convém transcrever:

“Um dia, debruçado à amurada de velejeira barca, sulcando a baía de nossa terra, em demanda de novos climas que me dessem saúde, ausente do lar e das coisas amigas, eu pensava em ti, minha irmã, e meus olhos como que embebidados de ternura e saudade, refletiam-se no imenso panorama que a natureza distendia, solene e majestosa.

“Como um vasto mar adormecido ao mágico clarão da tarde, longo cordão de serras majestosas se debruava no azul do céu; enquanto que a minha idéia agitava-se melancólica, lembrando-me anos bem ditosos decorridos para mim naquelas solidões, ao abrigo do rústico colono, e aos afagos de nossa pobre mãe.

“Eram os Tapes aquelas saudosíssimas cordilheiras que eu tinha aos olhos... Santas e felizes terras da minha meninice e dos meus primeiros amôres.

(240) Obra citada, pág. III. Carlos Ferreira tivera seu nome abafado pelo de Castro Alves, que chegara a S. Paulo precedido dos louvores impressos de Alencar e Machado de Assis. V. nota 219.

“Não sei se tive uma lágrima para atirar àquela santa imagem do meu passado!

“E tive desejos, desde aquêlo momento, de escrever-te um poema, que, quando não correspondesse à solenidade do assunto, ao menos fôsse testemunhar-te, as minhas saudades.

“Mais tarde, em Molhos, savanas imensas da república do Prata, veio de novo arder-me aquêlo desejo, manifestado ainda mais pelos constantes serões daquela boa gente, e o entusiasmo que demonstravam algumas senhoras, pela *Nebulosa* de Macedo.

“Aí vai o meu triste *Solitário*, que não tem êle as pretensões de nivelar-se ao mimoso poema de que falei, se bem que desse-lhe tôdas as côres daquele estilo que tão bem sabe manejar o romancista brasileiro.

“Recebe, pois o meu livro, e bafeja-o com todo o teu carinho. S. Paulo, setembro de 1874.”

A transcrição, embora longa, era necessária. Serviu para mostrar os sestros do autor e as primeiras impressões de leitura que o impulsionaram, bem como a vida íntima de quem tanto se deixou prender à sua terra, mas não encontrou paz em lugar algum. A sugestão da natureza, ainda que pouco marcada, aí está também presente.

O livro divide-se em três partes — na primeira, figura o *Solitário dos Tapes*; a segunda tem o título de *Poesias Líricas* e a terceira de *Humorísticas*. Vale a enumeração porque demonstra justamente os aspectos essenciais da sua poética, os que viria a cultivar com freqüência — o gôsto do poema longo, o lirismo amoroso e a sátira rimada.

O *Solitário dos Tapes* é um poemeto de imaginação, cujo nexa com a realidade se dá apenas por intermédio da natureza campestre que celebra. A psicologia do *Solitário* não oferece grandes enigmas — nasceu amoroso infeliz, tanto assim que plantou uma cruz na campa funerária da amada e deixou de cantar. Mas:

“Contam porém viajores, que às desoras
Em noite de luar, ou de tormenta,
Sai dos abismos da montanha um vulto
Enorme qual visão de antigos contos,
De branco amortalhado...

E então vagueia
Ao pé daquela cruz, entre gemidos.

Seu pisar sôbre a terra é como o vento...

A voz do seu gemer é tão sentida
Que semelha o carpir de ave noturna.

Tem horas em que vaga silencioso
Soltando aos frios ventos o cabelo...
Quando solta porém a voz cadente,
Tênuê vapor soergue-se da terra,
E sombra de mulher, também fantasma,
Corre a seus braços nus e por encanto
Vão fugindo p'ra o céu bem como nuvens,
Enquanto que no fundo do arvoredo
Escuta-se o tinir da harpa perdida."

A sua forma, tão espontânea, era às vêzes muito descuidada, mas Lôbo da Costa possuía, como poucos, senso musical e bom gôsto inato. Se qualidades e defeitos correm juntos nos seus cantos, nessa, como em tôda a obra posterior, pôs de manifesto exuberante imaginação criadora, que algumas vêzes entonteceu o poeta inculto nas alturas a que pretendeu subir.

De S. Paulo regressou ao Sul, e desde então não cessou a sua peregrinação atormentada: Pôrto Alegre, Rio Grande, Pelotas; de novo, Rio Grande e Pelotas. Tinha sempre um ganha-pão, que exercia com irregularidade — o jornal. Em cada uma dessas cidades descobria uma redação onde pudes-se iludir-se, escrevendo para si e para os outros, em alguns casos numa submissão dolorosa a interêsse de grupos políticos. Abafou por momentos sua vocação lírica e pôs-se a manejar as setas do sarcasmo e da injúria. Como figura moral, perdera todo o aprumo, convertendo-se num pobre-diabo.

O delírio ambulatório, que pressagiava o outro, fatal, continua — de novo em Pelotas e após em Pôrto Alegre; mas, convidado a descansar em casa de família amiga, permaneceu dois anos (para êle, uma eternidade) em Dom Pedrito, onde compôs *O Filho das Ondas*, drama em verso representado pela Sociedade "Thalia Pedritense".

O seu primeiro livro fôra esquecido. Produzia então muito pouco, mas os pequenos jornais do interior continuavam a divulgar os versos do poeta irrequieto e descuidado. Para se verificar a pobreza do autor e o nenhum cuidado que lhe merecia a apresentação de seus trabalhos, basta ver a edição do drama citado. Acha-se êle composto e impresso de um

modo que assusta, tantos são ali os erros tipográficos, que a insciência de um garôto de dez anos mal poderia hoje conceber.

Entretanto, com todos êsses fatôres contrários, ganha dia a dia mais popularidade, até que se fixa definitivamente em Pelotas, em estado de terrível miséria física. Poetas da terra se reúnem e publicam uma poliantéia — *Charitas* — para angariar fundos destinados ao tratamento do infeliz. Lôbo da Costa pôde então ser internado na Casa de Caridade, de onde ainda teve fôrças para agradecer, em verso, a iniciativa dos protetores e a cooperação da sociedade local, da mesma gente que êle em outros tempos satirizara de maneira feroz. Em extrema decadência física, tenta escrever um longo poema, — *Os Farrapos ou a Revolução no Rio Grande do Sul*, — que não pôde terminar, mas onde deixou um rastro luminoso do seu gênio. A simplicidade nervosa e viva de suas estrofes mostra a fôrça do poeta, ainda naqueles momentos de grave crise. Mas era chegado o fim. Iludindo a vigilância do estabelecimento, foge. Procuram-no em vão. Na manhã do dia seguinte, 19 de junho de 1888, encontram-no morto numa sarjeta de arrabalde. ⁽²⁴¹⁾

Francisco de Paula Pires começa então, desveladamente, a cuidar do espólio literário do amigo morto. Reuniu cópias, consultou jornais, almanaques e revistas, donde as *Auras do Sul*, coletânea que teve várias edições, sempre com os mais lamentáveis descuidos, que não devem ser imputados por inteiro ao autor, sobretudo tendo-se em vista as *Lucubrações*, seu livro de estréia, onde o poeta moço, portanto inexperiente, se mostrou muito mais correto e limpo de forma.

Coube ao poeta pelotense refletir com fulgor as mil e umas inquietações por que passaram diversas gerações românticas do Brasil. Colocado, quanto ao Rio Grande, entre Rita Barém de Melo, melodia pura, e Fontoura Xavier, virtuose do parnasianismo, Lôbo da Costa emprestou à poesia o que em sua alma encontrou de mais desinteressado. Foram-lhe estranhas as teses com que o romantismo agonizante procurou ocultar os novos tempos. Do ponto de vista formal, percebeu que devia afeiçoar o ritmo segundo a cadência nova. Mas não pôde fazer grande cousa. ⁽²⁴²⁾ Quando surgi-

(241) "Ele morreu dentro da noite, perdido, êbrio, saqueado, nu, fustigado pelo frio, queimado pela febre, abraçado a roseiras silvestres, como num derradeiro e tresloucado gesto de poesia romântica" — Mozart Victor Russomano, *estudo citado*, pág. 35.

(242) V. Irmão Elvo Clemente, *op. cit.*, capítulo — "Aspectos da sua poética".

ram as *Opalas* (1884), de Fontoura Xavier, Lôbo da Costa já estava em decadência. Não chegou a avaliar a profundidade da transformação que se anunciava. Morreu trazendo consigo, intacta, a imagem de um tempo passado. Do jôgo das escolas que se sucederam não poderia mesmo ter participado ativamente, ainda que vivesse muito. O sêlo particular do seu espírito era a inatualidade.

Lôbo da Costa encarnou a boêmia literária no mais alto grau da neurose romântica e do abandono de si mesmo. Se a vida não lhe houvesse dado, desde a juventude, boa cópia de amargores, êle os teria criado, com o sentimento bovarista de que foi pródigo. Andejo como Villon, ressentido como Lord Byron, sentimental como Lamartine, pertenceu-lhes à família, talvez inconscientemente, porque a sua escassa cultura não lhe dava poderes para forçar o parentesco. Com os nossos, Macedo, Álvares de Azevedo, Casimiro, Castro Alves, andou de mano a mano; Gonçalves Dias, mais encorpado, ser-lhe-ia quase estranho, a não ser na parte menos consistente do indianismo. Mercê de uma intuição admirável, assimilou o temário romântico, viveu-o intensamente. Num paroxismo rimado a que não faltam esgares inestéticos, semeou aos quatro cantos da província numerosas produções, que logo se popularizaram, dada a facilidade seresteira das suas estrofes reticenciadas:

“Acorda, escuta: os passarinhos cantam.
Olha: lá surge no deserto a luz:
É o sol vermelho que fugiu do leito,
Banhando a fronte nos regatos nus.

Ouve... Não ouves?... O tropeiro fala,
Treme a viola na canção gentil,
E as borboletas, despertando, fogem
Dos frescos seios das cecéns de abril.

Não durmas... Olha como o mar palpita,
E a branca espuma silenciosa vai!
— A espuma é o anjo que dormiu na rêde
E o mar acorda, murmurando: Amai!

Amor! a onda que descai serena...
Amor! as notas de cantiga vã!
Amor! a infância, as orações do berço...
Amor! o sôno da gentil irmã.

Eia! desperta!... Quanta luz se espalha!...
A aurora volta recamando o céu...
Serás a rosa ao suspirar das brisas;
Acorda, escuta... vem ouvir, — sou eu.”

O seu poder de comunicação e de encantamento, através de ritmos enleantes, tocou tôdas as almas. Mas a fama, em vez de apaziguá-lo, espicacou-o ainda mais. Desceu aos piores desregramentos, nas tascas e bordéis, até que a morte compassiva aninhou-o numa sarjeta de rua, por uma noite de inverno pelotense. No leito de morte — lama e álcool — não chegou certamente a ter a visão da posteridade que o chamava. Contudo, é dos poucos autores realmente vivos com que conta a literatura rio-grandense. As *Auras do Sul* andam nas mãos do povo, nas cidades do interior e nas estâncias. Versos seus, como *O Ranchinho de Palha*, geram e gemem por aí ao som das violas e das gaitas. Se os letrados ouviram sempre com certo desdém os gemidos dolorosos de Lôbo da Costa, razão por que influi muito pouco a poesia culta, na admiração popular reservaram-lhe um pôsto de honra, junto do Negrinho-do-Pastoreio, de Sepé Tiaraju e de outros infelizes. Virou símbolo.

AMÁLIA FIGUEIRÔA

Amália Figueirôa, ⁽²⁴³⁾ na melancolia e infelicidade de sua breve existência, irmanou-se a Rita Barém de Melo no tocante ao processo poético. Sua beleza de mulher, o noiva-

(243) Amália dos Passos Figueirôa nasceu em Pôrto Alegre a 31 de agosto de 1845 (segundo apurou, a meu pedido, o genealogista Jorge Godofredo Felizardo, desfazendo assim o engano de Blake e Múcio Teixeira) e faleceu na mesma cidade a 24 de setembro de 1878. Havia dúvidas quanto a esta última data, mas é a correta, conforme apuramos. (Vide o “Mercantil”, de P. Alegre, n.º de 26.9.1878) Ficou órfão de pai aos cinco anos e viveu em grande pobreza. Teve um noivado romântico com o poeta Carlos Ferreira, que a abandonou pelos estudos e pela vida literária em S. Paulo. A sua beleza, timidez e sensibilidade granjearam-lhe muitos admiradores. Morreu tísica, aos 33 anos incompletos. Colaborou na *Revista do Partenon* e em outras publicações daqui e do Rio, onde viveu alguns meses. Seu primeiro e único livro de versos — *Crepúsculos*, 1.ª série — acompanhado de uma nota crítica de Apolinário Pôrto Alegre — Tip. do Jornal do Comércio — P. Alegre, 1872.

do romântico, a pobreza, a hostilidade do meio, a orfandade, a tuberculose que a levou, concorreram para encerrar essa menina em sua tristeza, dando-lhe uma visão sombria do mundo. Na tessitura de seus versos tudo são devaneios, sonhos malogrados, alucinações de enfêrma. Em tôrno de si não via senão motivos de acabrunhamento, e o espinho da solidão abriu-lhe no peito vazios sem remédio. O seu primeiro e único livro, *Crepúsculos*, pertence à categoria das obras visceralmente românticas. Escreveu-o, não a mulher vaidosa da sua arte, mas a criatura desesperada a quem só restava essa porta de evasão. A pureza com que fixou a nostalgia e a desesperança, iludindo as convenções da escola, reclama a nossa atenção, e lamentamos, por isso, não se tenha divulgado bastante a sua lírica, portadora de tão aguda sensibilidade.

Desprezada pelo poeta que a deixou para conquistar glória literária além da província, Amália Figueirôa extraiu da sua condição de mulher amorosa e enfêrma a mais pura ressonância poética. Pôde, assim, compreender o conflito interior de Tomás Antônio Gonzaga, cuja morte lhe inspirou excelentes versos.

Ao pressentir a morte próxima, evocou doridamente a infância e os seus descuidados caminhos:

“E pois a mim o que me importa a vida,
A alma, o afeto, o coração também?
Que importa a sombra do passado gôzo
Triste pr'a sempre a caminhar além?”

Que importa a vida se êste corpo exangue
Marasma à noite num febril anseio?
Se nos delíquios dêste peito enfêrmo
Atroz verdade para mim eu leio?...”

Os senões do livro *Crepúsculos*, o canhestro do seu alexandrino, naquela fase em que a medida francesa era ensaiada às tontas no Brasil, isso tudo é nada diante da paixão com que se exprimiu a pobre gauchinha. O que dêle ficou é um grito de angústia humana, impressionante pela autenticidade do sofrimento.

FRANCISCO ANTUNES FERREIRA DA LUZ

Francisco Antunes Ferreira da Luz ⁽²⁴⁴⁾ pouco viveu no Rio Grande, mas iniciou-se na vida literária através das revistas de cá, especialmente a *Murmúrios do Guaíba*. No Rio, onde se formou em Medicina e passou a viver, sendo depois eleito deputado à Constituinte do Estado do Rio e ao Congresso Nacional, publicou seu livro de estréia, *Harmonias Efêmeras*, coletânea de versos da mocidade. Traduziu trechos do *Rig-Veda*, os quais, muito elogiados, não chegaram até nós. Pelo que dêle conhecemos, verifica-se que se aproximou bastante da limpidez de forma dos parnasianos. Contido e disciplinado, não deixou, porém, de dar largas às vozes mais doces do coração.

INÁCIO DE VASCONCELOS FERREIRA

O cronista de imprensa, o boêmio literário e a paternidade de alguns versos de ocasião se conjugaram para destacar a personalidade de Inácio de Vasconcelos Ferreira. ⁽²⁴⁵⁾ Foi mordaz e gracioso o jornalista; o boêmio conquistou Pôrto Alegre com as suas excentricidades, mas o lírico que êle

(244) Francisco Antunes Ferreira da Luz nasceu em Pôrto Alegre a 9 de setembro de 1853 e faleceu no Estado do Rio em 1896. Moço ainda, sofreu profundo abalo com a morte do pai, médico militar, que fôra aprisionado pelos paraguaios juntamente com o governador da província de Mato Grosso, Cel. Carneiro de Campos, e supliciado ao tentar a fuga. Formou-se em Medicina na Côrte e exerceu a clínica no Estado do Rio, onde casou; ingressando na política, foi eleito deputado à Constituinte fluminense e ao Congresso Nacional. Além de uma tese de Medicina, publicou as *Harmonias Efêmeras* — poesias, Rio, 1876. Deixou inéditos os *Ecos de Rig-Veda*, tradução em versos.

(245) Inácio de Vasconcelos Ferreira nasceu em Viamão a 28 de fevereiro de 1838 e faleceu em Pôrto Alegre a 8 de novembro de 1888 (ou 89?). Estudou Direito, sem concluir o curso, em São Paulo. Foi jornalista (*V. A Reforma*, onde manteve uma seção diária, *Sôbre Respigas*) e polemizou com Ramiro Barcelos. Usou os pseudônimos de *Ninguém* e *Athos*. Foi poeta, contista e tentou o drama em versos. Boêmio, alegre, folgazão, deixou renome na capital. Obras: *Um Livro de Rimas*, P. Alegre, 1865 (ou 63?) assinado com as suas iniciais invertidas — F. V. I.; *Trêtas e Pêtas* — prosa, P. Alegre, 1869; *Seleto Nacional*, em colaboração com Antônio de Azevedo Lima, P. Al., 1869; *Cantos e Contos*, poesia e prosa. Tip. do Jornal do Comércio, P. Alegre, 1870. Consta que traduziu *O Imortal*, romance de Daudet.

quis ser não merece grande atenção. A dureza de suas estrofes "sérias", a freqüência com que abusou da licença poética, justificariam que o excluíssemos dêste estudo, mas o viamonense se salvou por outra atividade — os seus comentários em versos simples, de dengosa inspiração popular. Tão postiço no lirismo amoroso, alcançou aqui notável simplicidade e veemência. O que subsiste reunido não é, contudo, essa produção despretensiosa, esquecida em velhas fôlhas, mas o volume intitulado *Um Livro de Rimas*, ásperos e enrolados versos da mocidade, e os *Contos e Cantos*, que não o salvam de figurar entre os maus versejadores. Contudo, o boêmio era ambicioso de glória literária; atirou-se ao teatro em verso, tendo escrito o drama histórico — *A Independência*, de que lemos o primeiro ato na revista *Murmúrios do Guaíba* (1870). Escrito em versos soltos, à maneira de Garrett, tem essa pequena parte um clima de paixão não inteiramente desprezível.

Pesquisas mais largas na imprensa da época dariam certamente em resultado a coleta de muitos versos chistosos de Vasconcelos Ferreira, a teor das estrofes ao Campara, deliciosa amostra de sátira social.

Com produções assim, escritas para a vida efêmera do jornal, ao sabor dos fatos cotidianos, fixar-se-á a tendência mais expressiva do seu temperamento poético.

ZEFERINO VIEIRA RODRIGUES FILHO

Zeferino Vieira, ⁽²⁴⁶⁾ monarquista ferrenho, teve da parte dos jovens republicanos do "Partenon" uma acolhida fraternal, a que fazia jus por sua inteireza moral. Homem de outra época, estêve sempre animado de sincero ideal artístico, mas, canhestro na execução, nada fêz de aproveitável. Quis subir a planos muito altos para suas pobres asas, a exemplo do tema épico de um de seus alvos: a Batalha do Riachuelo. O feito heróico, inflamando a nação, estava a pedir cantor que o glorificasse. E o velho Zeferino aspirou a

(246) Zeferino Vieira Rodrigues Filho nasceu na Capital em 1825 ou 1835 — os biógrafos divergem — e faleceu a 15 de junho de 1910, segundo Aquiles Pôrto Alegre, *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*, 2.^a ed., pág. 240. Funcionário da Alfândega de Pôrto Alegre. Consultamos o seu poemeto *Riachuelo*, Tipografia do "Artista" de A. C. Silveira, Rio Grande, 1866. Não encontramos seus outros livros, mencionados por Sacramento Blake.

tornar-se o épico da memorável jornada. Mas o seu *Riachuelo* não tem sequer a flama do mais tímido dos marujos que ali pelejaram. Perdoemos-lhe a ousadia, tanto mais quanto o próprio poeta, homem desconfiado, adverte o leitor de que escrevera aquêlo poemeto a fim de estimular os confrades... Nesse trabalho, curto e bem variado de metro, emprega a sextilha; quando descreve a batalha naval, recorre porém à oitava rima camoniana. A vulgaridade resultante é confrangedora:

"Da fragata *Amazonas* ao comando
Seguem oito escolhidas canhoneiras,
Qu'entre si vão as raias disputando
Das desertas e frias ribanceiras,
A tôdas a *Belmonte* vai deixando
No desigual impulso das carreiras;
À exceção da que tem forma risonha
E se chamava então *Jequitinhonha*." ⁽²⁴⁷⁾

O poemeto ocupa sòmente 57 páginas; nas outras figuram versos dedicados a Mariz e Barros, a Osório, e, por fim, a *Poesia* recitada em presença de Pedro II, na cidade do Rio Grande, em novembro de 65. Esta última, exagerando os méritos do bom imperante, vem apenas confirmar a sinceridade de Vieira ao louvar a monarquia. Múcio Teixeira, talvez por isso, destaca-lhe imoderadamente o valor, mas, com alguma suspicácia, corrige as estrofes que transcreve. ⁽²⁴⁸⁾

M. J. DE GONÇALVES JÚNIOR

M. J. de Gonçalves Júnior ⁽²⁴⁹⁾ figura desde o início do "Partenon" na primeira fila de seus poetas. Era um sentimental, coração sem malícia, brando e delicado, sem embargo de homem afeito a lutas materiais, motivo por que

(247) *Riachuelo*, poemeto — Tipografia do "Artista", de A. C. Silveira, — Rio Grande, 1866 — 77 páginas. É dedicado, entre outros, a seu pai, Zeferino Vieira Rodrigues, com quem é confundido em nossas biobibliografias.

(248) V. *Os Gaúchos*, autor citado, pág. 109 e segs.; confirmam-se as estrofes da pág. 110 com as do original, pág. 69 e 71. Outra incorreção de Múcio: tais estrofes não foram escritas após o degrêdo de D. Pedro II, e sim em 1865.

(249) Consta-nos que era português. Dedicou-se ao comércio em Pôrto Alegre, onde residiu durante muitos anos.

conseguiu pròvidamente cercar de tranqüilidade a velhice. Mas faleceu-lhe uma filha ainda jovem, Aurora, e o pai, desarvorado, escreveu logo um poemeto, em seis cantos, para descrever a meiguice da menina. Esse remoto precursor do *Mano de Coelho Neto* incidiu nos mesmos defeitos do romancista: aguou demais as suas lágrimas. Gonçalves Júnior prova, entretanto, que é bom poeta quando deixa aquêle tema. É o que acontece nas páginas finais, ao louvar a caridade cristã do Padre Joaquim Cacique de Barros. Há aí trechos realmente belos, versos que se fazem respeitar, como nos que celebram o milagre das rosas de Santa Isabel. ⁽²⁵⁰⁾

Em poesias esparsas, segundo a boa técnica dos ultraromânticos, chorou também a valer. Mas o seu nome não é mais lembrado, não só pela raridade do pequeno volume a que aludimos, como ainda porque não reuniu o autor, em livro, os poemas que no decorrer dos anos estampou em publicações periódicas. Dentro da poética do tempo, não chega a fazer má figura o ingênuo cantor de *Aurora*.

BENTO PÔRTO FONTOURA

Anote-se também, sòmente para documentar a descentralização literária a que aludimos em vários passos desta obra, o aparecimento, na vila de Passo Fundo, de Bento Pôrto Fontoura, com as suas *Flores Incultas*. Livro soberanamente cacête, de forma dura e inspiração tarda, seu único mérito é relembrar o pai do autor, a grande figura moral de Antônio Vicente da Fontoura, a quem o filho consagra algumas rimas lamentáveis:

“Foi a oito de Setembro
Que o feroz assassino
No templo do Senhor
Matou-me o pai tão dino.” ⁽²⁵¹⁾

(250) V. *Aurora*, poemeto em seis cantos, Tip. de César Reinhardt, P. Alegre, 1897 — Cf. a poesia dedicada ao Padre Cacique (págs. 117-122).

(251) Bento Pôrto Fontoura, *Flores Incultas*, livro de rimas, Tipografia do Jornal do Comércio — Rua dos Andradas, N^{os}. 249 e 251 — Pôrto Alegre, 1875.

OUTROS POETAS

Além dêsses, muitos outros poetas apareceram até 1884, ano da introdução do Parnasianismo no Rio Grande do Sul; como não se destacaram de modo especial, basta que cite-mos seus nomes: Antônio Ferreira das Neves, Afonso Luiz Marques, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Augusto Totta, João Talloni Júnior, Gabriel Pereira, Audálio Arquibaldo França, Carlos Bandeira Renault, Alberto Borges Soveral, Artur Candal, José Teodoro de Miranda, Ana Aurora do Amaral Lisboa, José Villalobos Júnior.

CAPÍTULO XIII

TRANSIÇÃO
AO MODERNISMO CIENTIFICISTA

OS *BRUMMERS*. — O JORNALISMO DE
IDÉIAS. — LIGAÇÕES COM A ESCOLA DO
RECIFE. — A OBRA DE CARLOS VON KO-
SERITZ.

CAPÍTULO XIII

TRANSIÇÃO AO MODERNISMO CIENTIFICISTA

A história já abriu capítulo especial aos *brummers*,⁽²⁵²⁾ cuja aventura no sul do Brasil reeditou a de tantas outras tropas mercenárias em principados e reinos da Europa. Dos participantes da milícia alemã, dois se destacaram na vida do pensamento — Carlos von Koseritz e Carlos Jansen; assimilaram nossa cultura, deram-se a empreendimentos literários coletivos, como o “Partenon” e *O Guaíba*, contribuíram para o desenvolvimento da imprensa nacional, divulgaram em publicações europeias cousas e fatos do nosso país, tiveram olhos para investigar a natureza e compreender o homem brasileiro. Em suma, deixaram traços inapagáveis em nossa vida mental, como iremos ver dentro em pouco.

Saíram os *brummers* da Alemanha, após as lutas liberais contra o medievalismo de Frederico Guilherme IV, e aqui, sob o govêrno de Pedro II, encontraram o clima de liberdade e tolerância em nome do qual muitos deles haviam combatido em 48. Dissolvido o corpo militar a que pertenciam, poucos regressaram à pátria ou saíram do Sul. Tornaram-se colonos, artifices, industriais, espalhando-se por todo o Rio Grande. E dentre

(252) Os soldados alemães mercenários, contratados na Alemanha por Sebastião do Rêgo Barros em 1851, ficaram conhecidos no Rio Grande do Sul, para onde foram mandados, pelo designativo de *brummers*. Lutaram contra Rosas. Aurélio Pôrto escreveu-lhes a história. Acêrca do epíteto, esclarece: “Segundo a tradição, originou-se do fato de terem recebido o primeiro sôlido em moeda de cobre (cobre grande, *chanchão*). Mas, *brummer*, em alemão, é “zumbidor”, o “descontente murmurador”, ou o “que está na prisão”, etc. É possível que o pagamento em cobre, do sôlido de 5\$115 réis que venciam, motivasse descontentamento, tornando-os “resmungões”, ou, quiçá, de provirem, os primeiros que apareceram na colônia, da fuga das prisões em que foram muitos deles detidos. C. Lenz diz que foram os próprios legionários que apelidaram o *chanchão* de *brummer*, transformando-o em cachaça, e daí a proveniência da designação com que ficaram conhecidos” — Autor citado, *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*, Estabelecimento Gráfico Santa Teresinha, P. Alegre, 1934, pág. 149.

seus companheiros, Carlos von Koseritz ⁽²⁵³⁾ foi o que alcançou maior relêvo; chegou a atuar com brilho na Assembléia Provincial e participou de rumorosos prêlios políticos ao lado de Silveira Martins. Carlos Jansen preferiu o jornalismo e o magistério, mas incursionou com êxito pela novela, escrevendo o *Patuá*, peça essencial nos forais do regionalismo rio-grandense.

- (253) Carlos Júlio Cristiano Adalberto Henrique Fernando von Koseritz, segundo barão dêsse título, nasceu em Dessau, capital do ducado de Anhalt, Alemanha, a 7 de junho de 1830 e faleceu em P. Alegre, a 30 de maio de 1890. Frequentou cursos superiores; ingressou na marinha e após no exército, tendo feito a campanha da Dinamarca. Veio para o Brasil engajado na fôrça estrangeira contratada para auxiliar nossas armas contra Rosas. Em Pelotas (1851), desertou para criar um colégio; iniciou também ali sua carreira de jornalista fundando o *Brado do Sul*; após, na cidade do Rio Grande, exerceu o magistério e o jornalismo; transfere-se afinal para Pôrto Alegre (1864). Colaborou no *Jornal do Comércio*, o *Rio-Grandense*, *A Reforma*; fundou a *Koseritz Deutsche Zeitung*, a *Gazeta de Pôrto Alegre* e um almanaque em alemão, *Koseritz Deutsche — Kalender*. Figura de prestígio da Maçonaria, fundou e redigiu o jornal maçom *A Acácia*, onde combateu veementemente a Igreja, sobretudo durante a “Questão dos Bispos”. Pertenceu ao grupo do “Partenon Literario.” Na exposição Brasileira-Alemã de 1881, que organizara, perdeu preciosa coleção de fósseis e artefatos indígenas no incêndio que destruiu o edifício. Deputado provincial, exerceu o mandato de 1883-85 e de 87-88. Proclamada a República, dirigiu-se aos correligionários concitando-os à ordem, ante a “onipotência dos fatos consumados”. Não obstante, foi prêso (sob pretexto de estorvar a consolidação do regime) em Pedras Brancas, hoje Guaíba, onde se refugiara. Pôsto em liberdade a 22 de maio de 1890, a 30 faleceu de uma síncope cardíaca. Cf. Damasceno Vieira, *Carlos von Koseritz, in Anuário*, de Graciano A. de Azambuja para 1892, págs. 84 e segs., e Aurélio Pôrto, *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*, Estabelecimento Gráfico Santa Teresinha, P. Alegre, 1934, págs. 182 e segs. Obras: Em português — *Resumo de História Universal*, Pelotas, 1856; *Um drama no Mar*, novela, Rio Grande, 1863; *Resumo de Economia Nacional*, P. Alegre, 1870; *Roma Perante o Século*, P. Alegre, 1871; *Laura, também um Perfil de Mulher*, P. Alegre, 1873; *A Igreja e o Estado*, P. Alegre, 1873; *Bosquejos Etnológicos*, P. Alegre, 1884; *A Terra e o Homem, à luz da moderna ciência* (duas conferências feitas em 1878) — Tipografia de Gundlach & Cia., P. Alegre, 1884; *Impressões da Itália*, P. Alegre, 1888. *Alfredo d'Escragnoille Taunay* — estudo crítico, Rio, Leuzinger & Filhos, 1886. A publicar, quando de sua morte: *Ensaíos Sociais e Políticos*; *Estudos Históricos*; *A Herança de Caim*, tradução de novelas de Sacher-Masoch. Deixou muitos trabalhos e livros impressos em alemão; dentre êles, *Bilder aus Brasilien, Imagens do Brasil* na tradução de Afonso Arios de Melo Franco — V. a obra de Alfredo de Carvalho, *Biblioteca Exótica Brasileira*, vol. III, que indica outros títulos. Consta que é de sua autoria o livro fescenino — *Memórias de uma Cantora*.

Convém acrescentar que ambos, portadores de boa cultura e grande curiosidade, conviveram fraternalmente com os canhestros letrados provincianos, incitando-os a conhecer melhor as cousas nativas, tanto no campo da investigação científica como no da ficção. O interêsse de Apolinário Pôrto Alegre pela filologia e pelo folclore — para dar um exemplo — casa no tempo e lugar com o de Carlos von Koseritz pelo cancionero rio-grandense. ⁽²⁵⁴⁾ Mas, se um homem como êste deu muito de si, da sua visão européia mais abrangente, recebeu bastante dos nossos. A Escola do Recife, sobretudo através de Sílvio Romero, influuiu bastante a obra de Koseritz, dando azo a que Tobias Barreto tivesse aqui maior repercussão. ⁽²⁵⁵⁾

O liberalismo europeu posterior a 48 entrara em decomposição, graças principalmente a fatores inerentes à autocrítica, na própria França, ⁽²⁵⁶⁾ senão ainda na Alemanha, de onde viera Koseritz, embebido do espírito da escola de Jena. ⁽²⁵⁷⁾

Que encontrou no Brasil o jovem artilheiro *brummer*? Um povo adolescente, orgulhoso de seu Imperador moço, instruído, afável, paternal; letrados ingênuos, à boa moda romântica, mas cheios de ardor, convencidos de que não teria fim a ebriez la-martiniana, já comprometida àquela época, na Europa, pela acuidade analítica de um Flaubert, de um Taine, de um Baudelaire. As linhas gerais do realismo, Koseritz emigrado as possuía em tímidos traços. No Brasil é que as aprofundou, enquanto no Nordeste começava a surgir a obra doutrinária de Tobias Bar-

- (254) Na *Gazeta de Pôrto Alegre*, de sua propriedade, Koseritz divulgou, em números sucessivos, a partir de 1880, a coletânea de quadras que Sílvio Romero aproveitaria nos *Cantos Populares do Brasil*. V. esta obra e ainda a de Augusto Meyer, *Cancioneiro Gaúcho*, Ed. Globo, P. Alegre, 1952 — pág. 7 e *passim*.
- (255) A pesquisa acêrca dêsse entrelaçamento cultural é capítulo virgem, merecedor de trabalhos amplos de comparação e crítica. Infelizmente, até agora nada se fez, em grande parte pelas dificuldades (só Deus sabe as que encontramos) resultantes da escassez de livros e jornais da época.
- (256) No campo da criação estética, vejam-se suas conseqüências em Alberto Thibaudet, *Histoire de la Littérature Française* (de 1789 à nos jours) — Libr. Stock, Paris, 4.^a ed., 1936.
- (257) “Sou franco adepto da escola de Jena, materialista científico, e tive a coragem de manifestar minhas opiniões numa terra essencialmente teológica e metafísica pela educação oficial. (...) Darwinista convencido, compilei o necessário para uma tentativa de vulgarização.” Trechos da carta de 22-12-84 mandada por Koseritz a Teófilo Braga, acompanhando um exemplar do livro *A Terra e o Homem à Luz da Moderna Ciência* — V. *Quarenta Anos de Vida Literária* — (cartas a Teófilo Braga) — Editôra Artur Brandão, Lisboa, 1902 — pág. 210.

reto. Quando este publicou os *Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica* (1873), petardo decisivo ao desenvolvimento da reação aos excessos românticos, Koseritz já havia entrado na liça com ardor, sobretudo através do jornal. Possuía vasto círculo de leitores, aos quais vinha ministrando idênticas idéias. Ainda que as suas diferissem das do sergipano, no conjunto alvejavam o mesmo objetivo — proscricção do idealismo romântico, em favor do criticismo científico. O Rio Grande do Sul, sempre inquieto, deu-lhe uma tribuna afeiçãoada ao que pretendia dizer. O alemão deparou o campo meio limpo — e plantou. ⁽²⁵⁸⁾ No jornal, como nos trabalhos sobre o homem primitivo e a imigração, etnologia, folclore e paleontologia, o que sobrenada da sua obra não é só o liberal no sentido político-partidário, mas em particular o racionalista agressivo e contundente. Aliou-se por isso aos que no Brasil e Portugal defendiam também o evolucionismo. Estreitou relações com Sílvio Romero e Teófilo Braga, não sem lhes dizer com franqueza o que pensava de suas obras e doutrinas, apontando as razões da divergência e arrastando aos companheiros as dificuldades que encontrava.

É tal a importância de Koseritz, como divulgador de idéias, naturalmente impregnadas de alemanismo, que se chegou a afirmar ter sido ele, ao invés de Tobias Barreto, o iniciador da corrente germanista no Brasil. Sílvio Romero, contrariando a tese desfavorável ao conterrâneo e companheiro, pronuncia-se deste modo: “Durante vinte e dois longos anos, de 1852 a 1874, Carlos von Koseritz fez jornalismo político em o Rio Grande do Sul, tomou parte em todos os debates mais notáveis ali travados, e jamais fez a propaganda por Tobias iniciada no Recife em 1870. Em 1874 é que, havendo o autor sergipano enviado a Richard Mathes, redator então da *Deutsche Zeitung* do Rio de Janeiro, a carta em língua alemã, cuja tradução vai neste livro, e logo após o prospecto do seu jornal naquela língua, *Deutscher Kämpfer*, e sendo uma coisa e outra publicadas na gazeta de Mathes, Carlos de Koseritz exultou no Rio Grande, transcreveu êsses artigos e pôs-se ao lado de Tobias, que nessa faina nós acompanhávamos, em termos, desde 1870.” ⁽²⁵⁹⁾ E como se não bastassem as datas citadas, acrescenta que Tobias

(258) Aceitava o positivismo científico, mas não a rigidez de seus dogmas. Vide *A terra e o homem*, obra que dedicou a seus “companheiros e amigos” Tobias Barreto de Menezes, Sílvio Romero, Graciano A. de Azambuja e Argemiro Galvão — Ed. da Tipografia de Gundlach & Cia., P. Alegre, 1884.

(259) Introdução de Sílvio Romero ao vol. XVIII das *Obras Completas* de Tobias Barreto — intitulado *Estudos Alemães* — ed. do Estado de Sergipe, Rio, Paulo, Pongetti & Cia., 1926 — pág. XIX.

já se pronunciara francamente pela *disciplina do pensamento* alemão, “bem antes de conhecermos, êle e nós, ao, mais tarde incomparável amigo nosso, Carlos de Koseritz.” ⁽²⁶⁰⁾

Alguns pontos da referência de Romero merecem retificação. Em primeiro lugar, Koseritz não fez apenas jornalismo político, como afirma o grande crítico; jornalista de combate êle o foi durante toda a sua permanência no Rio Grande. Não depôs a pena, como faz crer aquêle passo, em 1874. Escreveu sobre política até à véspera de morrer, em 1891, mas, ao lado do panfletário coexistiu o homem de ciência, ou, pelo menos, o curioso de tudo que se entendesse com o progresso das ciências naturais. E, cultivando-as, abeberou-se fartamente nos autores alemães, cujas opiniões e doutrinas êle, Koseritz, “darwinista convencido”, foi com certeza o primeiro a divulgar, cotidianamente, neste país, desde quando ingressou no jornalismo, ainda na cidade de Pelotas.

Êle e Tobias, vivendo longe um do outro, possivelmente se ignoravam até 1874, quando o sergipano enviou à *Deutsche Zeitung* a carta-manifesto aludida.

De um modo ou de outro, parece certo o seguinte: Tobias e Koseritz tornaram-se aliados, se não ostensivos, potenciais, no mesmo combate. Correspondem-se; ⁽²⁶¹⁾ são amigos, segundo o depoimento do próprio Romero, e é de crer que, passando-se da Escada ao Recife, o sergipano continuasse a manter ligação intelectual com a voz distante do ilustre jornalista alemão do Sul. Êste devia sentir-se bem ante a posição assumida pelo brasileiro Tobias Barreto, que lhe dava um escudo, amparava-o. Quando nada, a adesão deste ao germanismo representava uma justificativa à possível parcialidade do alemão nato no seu fervor pela cultura do país de origem. Fervor natural, pois não lhe teria exigido esforço o ato público de se confessar admirador dos pensadores, poetas e publicistas da sua língua materna.

O segundo ponto a assinalar é que bem antes de 1870, data em que se inicia a propaganda das idéias alemães empreendida por Tobias no Recife, já Carlos von Koseritz publicara em Pôrto Alegre inúmeros trabalhos denunciadores de uma forte mentalidade de *naturalista científico*.

Assiste, porém, razão a Sílvio Romero quando reivindica para Tobias Barreto a iniciativa da primeira campanha sistemática em prol do pensamento germanista no Brasil. Pelo menos, a ação do polígrafo sergipano teve a característica de um verda-

(260) Idem, *ibid.*, pág. XXII.

(261) Vide *Estudos Alemães*, pág. 511.

deiro apostolado cultural, enquanto Carlos von Koseritz, ao divulgar para o público rio-grandense obras e idéias de seus patrícios, não teve em mira introduzir no seu meio de adoção uma corrente de idéias bem definidas. Ademais, não possuía, como jornalista militante, senão idéias gerais acêrca do movimento cultural de sua terra. Tendo adotado a cidadania brasileira, tudo fêz, inicialmente, por conhecer a literatura, estudar os costumes e as tradições locais. Interessou-se em divulgar por lá a nossa desordem tropical, o exotismo e o pitoresco da sociedade em que passara a viver e constituiu família.

Mas depois de 1874, estimulado por Tobias e Romero, Carlos von Koseritz modificou um pouco aquela atitude; de naturalmente alemão que era, passou a ser voluntariamente alemão, ainda mais estimulado pelo êxito das armas prussianas na Guerra de 70. Recebeu da Europa, mercê da vitória de Bismarck, e do Nordeste, através da pregação de Tobias, um alento que o levou a novos empreendimentos de ordem cultural, já agora paralelamente ao ideário cientificista da Escola do Recife.

É depois daquela data que o jornalista se improvisa etnólogo e se declara "darwinista convencido" e "franco adepto da escola de Jena, materialista científico", após se ter declarado defensor da Igreja, nos idos de 1871, quando do combate sem tréguas que moveu à infalibilidade do Papa, ao celibato religioso e à influência dos jesuítas no sul do Brasil. (262) O publicista destemido, o panfletário violento, o político militante, o maçom e o católico coabitavam na pena de Koseritz, em permanente conflito. Nem êle mesmo poderia responder pela coerência de suas idéias. Decerto que as tinha, cambiantes e variadas, mais para uso externo, ao que nos diz o temperamento buliçoso do grande extrovertido. Justamente por isso teve renome e influência. Num meio ainda inculto, tais contradições não eram levadas em linha de conta. O que aí se apreciava — o brilho das idéias, o jôgo das antíteses — não faltou a Carlos von Koseritz. Daí a sedução que exerceu, por largos anos, no Rio Grande do Sul. Para os intelectuais nativos, o publicista parecia o mensageiro mais autorizado de todo o saber europeu; para os habitantes da região colonial alemã, católi-

(262) "Ainda uma vez o declaramos bem alto: — a luta que encetamos, vamos pelejá-la debaixo das sacras bandeiras de nossa santa religião, da mais pura fé católica: os seus divinos dogmas não terão atletas mais esforçados do que nós; as usurpações da cúria romana e dos jesuítas, também não terão piores inimigos do que nós" — Carlos von Koseritz, *Roma perante o Século* — Tipografia do Jornal do Comércio, P. Alegre, 1871, pág. 13.

cos ou protestantes, era o patrício que lhes falava, na língua de origem, de coisas inatingíveis ou simplesmente pitorescas.

Entretanto, foi na sociedade de raiz lusa que encontraram guarida as idéias mais altas que divulgou através do livro e da imprensa. Cordial, generoso, estendeu a mão a quantos espíritos da província lhe bateram à porta. Em Pelotas, por essa época, surge Bernardo Taveira Júnior, um dos criadores, como já vimos, da poesia gauchesca entre nós. Pois o poeta municipal, sem embargo do seu ardor regionalista, tornou-se também um dos divulgadores do alemanismo poético. Falam por si as traduções que fêz de grandes poetas tudescos, num volume prefaciado por Koseritz, cuja ação de presença, nesse como em outros casos, foi enorme.

Escrevendo diàriamente, durante longos anos, em alemão e em português, nos jornais da terra, encontrou ambiente favorável ao seu germanismo espontâneo e familiar, tão diferente daquele outro, agressivo e mal-humorado, de Tobias Barreto, que o fôra lançar no centro acadêmico recifense, até então dominado, por inteiro, pelo saber e pela literatura de França. A Escola de Recife representou uma reação de base exclusivamente cultural; a Escola de Pôrto Alegre, chefiada por Koseritz, foi uma decorrência inelutável da ascensão do imigrante alemão nos quadros políticos e sociais da província. No caso sulino, como não podia deixar de ser, intelectuais nativos de certo porte, um Apolinário Pôrto Alegre, um Damasceno Vieira, um Taveira Júnior, também aproveitaram a lição da cultura germânica, mas sem os choques e os exageros registrados em outras partes do Brasil.

* *
*

Não queremos dizer que von Koseritz houvesse construído algo de original e profundo. Não. Mas os vários escalões do seu pensamento renovador não deixam de refletir a transição que se processava ocultamente em nossas elites, nas últimas décadas do segundo Reinado. Sua ação de presença, no Rio Grande, só foi ultrapassada pela de Apolinário Pôrto Alegre, no mesmo período. (263) Êste possuía das cousas sociais a visão lírica que lhe esmalta a poesia, o conto, o romance; só nos cadernos do *Popularium-Rio-Grandense* deixou entrevar a cons-

(263) "Carlos von Koseritz... iniciou com *As quatro épocas do Rio Grande do Sul* o gênero literário que classificava de "*Kulturhistoriker*". V. Alfredo Varela, *Ensaio e Críticas*, Ed. Instituto América, Rio, 1948 — pág. 95.

trução monumental a que visava sua inteligência. Mas, como vimos, desajudado de petrechos críticos, não pôde dar-lhe o impulso e a vitalidade sonhados. Enquanto isso, Koseritz elegeu campo mais modesto, de resultados imediatos. Gastou-se no jornalismo, em obras de menor vulto, em trabalhos de simples divulgação, cousa, enfim, bem ao alcance do mesmo público a que se destinava. Não desdenhou, é certo, a ficção, mas nesse capítulo foi superado por Carlos Jansen.

Um livro, porém, há de ficar sempre a lembrar-lhe o generoso esforço de compreensão do país, seus homens, instituições e costumes, o *Bilder aus Brasilien*, só há pouco divulgado em português. Compõe-se de noventa e quatro artigos escritos em alemão para a *Koseritz Deutsche Zeitung*, de Pôrto Alegre, durante a viagem que o autor empreendeu, por via marítima, da capital da província à Côrte, em abril de 1883, incluindo uma visita a S. Paulo. Como já se disse, Koseritz era um liberal evoluído, de modo que soube ver como se decompunha a estrutura do Império naqueles anos de crise. Do ambiente em que jazia o fleugmático imperante, na Quinta de São Cristóvão, e da abertura das Câmaras, em dia propício à confraternização da nobreza com o povo, o jornalista sublinha traços deliciosos de colorido e exatidão. O que afirma nesses artigos escritos em cima das caronas, enquanto se mostrava receoso de contrair a febre amarela, não destoa, substancialmente, do ponto de vista hoje dominante na conceituação da fisionomia moral e pública daquela época. O observador nada perde — diversões, ambiente de rua, obras públicas; sobe às instituições de cultura, ao Museu, à Biblioteca Nacional, à Exposição Pedagógica, tudo devassa e registra em suas crônicas. Eis por que o seu ilustre tradutor chega a afirmar, no prefácio das *Imagens do Brasil*, que “em nenhum outro livro, de nosso conhecimento e referente ao mesmo período, as informações são mais copiosas, as críticas mais oportunas e as reflexões mais justas.” (264)

CAPÍTULO XIV

A LITERATURA DRAMÁTICA

O TEATRO NOS PRINCIPAIS CENTROS
RIO-GRANDENSES. — AUTORES ROMÂN-
TICOS E AUTORES NATURALISTAS.

CAPÍTULO XIV

A LITERATURA DRAMÁTICA

Os autores rio-grandenses de literatura dramática contam-se entre os que mais produziram. Desde o início da fase autônoma da literatura nacional, quando Gonçalves de Magalhães e Martins Pena despertaram, no país, o gosto pelo gênero, esteve a nossa província presente ao esforço comum, despendido na criação do teatro nacional, através de Manuel de Araújo Porto Alegre. No Rio de Janeiro de então, onde foi muito representado, alcançou algum sucesso, sobretudo pelas inovações de carpintaria que introduziu em cena.

Aqui mesmo, para o público local, muito se escreveu e representou. Lendo os jornais e revistas de Porto Alegre, no século passado, topamos com uma surpreendente proliferação de autores dramáticos, a par do interesse despertado por conjuntos teatrais de outras procedências, entre eles os portugueses, à época integrados por excelentes atrizes, que lograram aqui extraordinário êxito de bilheteria. O destaque dado pela imprensa a tais manifestações artísticas, a minúcia do noticiário, as crônicas apaixonadas no louvor ou na censura, são outros tantos sinais da continuidade com que o público acorria às casas de espetáculo, e da emulação que se estabelecera, quer entre autores, quer entre figurantes. A par disso, nota-se a reiterada atuação, na Capital como no interior, de sociedades dramáticas de todos os tipos, desde as formadas por iniciativa individual, até às que viviam na dependência de grêmios recreativos ou clubes dançantes. Sociedade que se prezasse devia ter, forçosamente, o seu grupo de amadores teatrais armado de ponta em branco. Mostrando a importância desse movimento, desde a remota *Casa da Ópera*, que antecede ao *São Pedro* (1858), Athos Damasceno Ferreira informa que existiram em Porto Alegre, no século passado, a partir de 1829, cerca de quarenta entidades particulares dessa natureza, o que representa alto índice de interesse. ⁽²⁶⁵⁾ Ademais, deve-se levar em linha de

(265) V. Athos Damasceno Ferreira, *O Teatro em Porto Alegre no Século XIX — in Fundamentos da Cultura Rio-Grandense* — Publicação da Faculdade de Filosofia da URGs — Impr. Universitária, Porto Alegre, 1955; Ari Martins, *Os Nossos Autores Dramáticos, in Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia* — Of. Gráficas da Liv. do Globo — P. Alegre, 1940 (III vol.).

conta a vibração também experimentada em outros centros. Em Pelotas, com o *Sete de Abril* (266) desde 1834, e em Rio Grande, com o *Sete de Setembro*, onde se iniciou Manuel José de Souza Bastos, não foi menor nem menos profunda a penetração da arte dramática em tôdas as camadas sociais. E não só nessas cidades, que possuem casas tradicionais de espetáculos, se verificou a floração de autores que ora nos preocupa. Observe-se, por fim, que as representações dramáticas, correspondendo a exigências naturais do meio, redundaram por sua vez em poderoso fator de convivência, de refinamento e de ilustração, justamente nas três cidades mais adiantadas da então província.

Não admira que letrados de imaginação se sentissem atraídos a tentar a sorte da ribalta. Assim ocorreu efetivamente. De raro em raro se encontra algum intelectual de certo merecimento, de meados do século XIX em diante, que não houvesse escrito teatro, ainda que uma cena breve, um prólogo dramático, ou mesmo uma poesia para ser recitada pela primeira dama da sua paixão, na habitual festa de benefício.

Entretanto, conhecemos somente de referência a grande maioria das peças produzidas no século anterior, pois muito poucas chegaram a ser impressas; nem isso lhes era necessário, porque tiveram vida, impressionaram e comoveram de outra maneira, a que melhor atendia à sua verdadeira finalidade: no palco, diante de platéias interessadas. Isso impede se faça um juízo mais exato da generalidade dos autores, alguns dos quais assinaram numerosos trabalhos. Uma outra pesquisa será, contudo, possível — desenterrar das publicações do tempo essa impressionante produção, em certas fases maior que a dos poetas, ou a ela equivalente, em busca das diretrizes, das coordenadas, da feição particular, da temática dominantes, uma vez que só assim se poderá dar aos estudos relacionados com a literatura dramática o sentido construtivo que devem ter. A título de demonstração, anote-se o bom exemplo que nos deu, nesse particular, o escritor Athos Damasceno Ferreira, que, em longas buscas na imprensa, encontrou material abundantíssimo para o seu livro *Palco, Salão e Picadeiro em Pôrto Alegre no Século XIX*, sùmula do que de principal ocorreu nesse período, com relação ao objeto de seu estudo. Será imprescindível, agora, continuá-lo, já com o objetivo de submeter a exame crítico mais demorado as mesmas peças que jazem por aí em maltratados arquivos de família, bem como em periódicos e bro-

(266) V. Guilherme Echenique, *História do Teatro Sete de Abril de Pelotas* — Liv. do Globo — Pelotas, 1934.

churas de difícil obtenção nas bibliotecas oficiais, onde o papel velho é sistematicamente desprezado.

Se desde o século XVIII, sendo ainda simples burgo açorian, Pôrto Alegre não deixou de ter a sua casa de espetáculo, só durante o decênio farroupilha começaram a aparecer os nossos autores com características diversas das do teatro português antigo. O elemento tradicional, que poderia ter dado ao teatro nascente a sua melhor feição, era aquêle mesmo de que se aproveitaram a poesia e a prosa: o gaúcho da campanha. Seria quase fatal que a curiosidade do artista se encaminhasse para o herói sem rei nem roque da vida campeira, em busca de novos temas. A existência movimentada do guasca, o seu fascínio lendário, o vigor e a coragem reclamados por seu gênero de atividade, os conflitos com o govêrno que de longe lhe impunha leis e reclamava impostos — não estaria, por acaso, nesse cenário vivo a personagem talhada para infundir realidade ao teatro romântico? Mas tal não se deu. A base cultural eminentemente lusa do meio pedia cousa mais sentimental, os drama-lhões do teatro popular, do teatro de cordel tão difundido na península. E os nossos autores, produto dessa mesma cultura portuguesa — não chegaram a perceber onde se escondia o filão dramático mais original. Caíram na imitação do modelo ultramarino, e daí resultou, não há dúvida, a fraqueza maior do teatro rio-grandense, em que pese à esclarecida atuação de Souza Bastos, adiante estudado, nos primeiros dias da nossa literatura dramática.

* *
*

Coube a Manuel de Araújo Pôrto Alegre, Barão de Santo Ângelo, lugar destacado entre os autores dramáticos do período a que Sílvia Romero, em sua *História da Literatura Brasileira*, chama "primeiro momento da criação romântica", ao lado de Magalhães e outros vultos de renome. Com a sua comédia *Angélica e Firmino* (1845), uma das poucas que deixou impressas, pois quase tôdas se perderam, o conhecido poeta e pintor iniciou-se no gênero teatral, se não levarmos em conta o *Prólogo Dramático*, obra de menos substância, representado anos antes (1837). De suas numerosas produções, tais como o *Sapatão Político*, *O Espião de Bonaparte* e *As Barras de Ouro*, resta apenas a menção feita pelos cronistas do tempo. Mas subsiste, publicada na revista *Guanabara*, uma de suas comédias, *A Estátua Amazônica*, sátira movimentada aos europeus que vêm à América fazer descobertas no campo das ciências e são aqui empulhados pelo primeiro caboclo inteligente

que lhes apareça. Conta a aventura de um basbaque da etnografia, o Conde Sarcophagin de Saint-Crypte, que, após passar algum tempo no Brasil, volta a Paris com um achado sensacional, uma estátua de pedra encontrada no Amazonas, que o sábio dizia remontar a eras primitivas. Em tôrno disto, das ilusões criadas por lá, nos meios científicos de França, pelo estranho objeto, que nada tinha de estranho, é bem de ver, tece Pôrto Alegre a sua comédia, bastante curiosa, agradável, bem escrita, ciosa, enfim, de gente civilizada. A cena final, em que o arqueólogo, ao verificar o lôgro em que caíra, resolve destruir a estátua, guardando completo silêncio sôbre o acontecido, é de um cômico irresistível. Em meio às obras do gênero que surgiram depois, tão carregadas de mau gôsto, essa peça do Barão de Santo Ângelo, poeta assaz rebarbativo, tem contudo um sabor que não se pode esquecer. Não conhecemos as suas comédias e dramas que existem em manuscrito na Academia Brasileira de Letras, mas basta *A Estátua Amazônica* para ajuizarmos do valor dêsse teatrólogo rio-grandense.

No mesmo período, isto é, por volta de 1850, a cidade de Rio Grande revelou um nome que também desfrutou grande fama. Ali aparece Manuel José de Souza Bastos (1825-1861), moço do comércio, que lentamente abandona as atividades mercantis para empreender, como autodidata, uma admirável aventura. Consagra-se totalmente ao teatro. Traz à província grandes atores, inclusive João Caetano, faz a pintura primitiva do teatro *Sete de Setembro*, em sua cidade, e escreve, em curto espaço de tempo, pois que faleceu aos trinta e seis anos, uma vintena de peças: *O Castelo de Oppenheim ou o Tribunal Secreto* (1849), *A Veneziana em Paris* (1850), *A Madrasta* (1852), *Os Brilhantes de Minha Mulher* (1857), *Um Testamento Falso* (1857), *O Primo do Diabo* (1858), *Exemplo de Honra* (1858), *O Louco do Ceará* (1859), *O Soldado Martins ou o Bravo de Caceres* (1858), *Os Homens de Honra* (1861), *A Condessa Arzola*, dramas, e *O Procurador Zacarias* (1852), *Quem Pensa não Casa* (1856), *A Filha do Pescador* (1858), *Anália ou As Recordações da Juventude* (1858), *Os Dois Gêmeos* (1859), *Os Apuros de uma Noiva ou o Dr. Palha* (1858), comédias. Muitas destas, como *O Louco do Ceará* e *O Soldado Martins*, se espalharam por todo o Rio Grande, tendo constituído o repertório de Bastos o prato de resistência de quanto grupo de amadores vicejou pelas coxilhas. Até princípios dêste século, veio sendo representado com freqüência, segundo depoimento que nos prestaram pessoas residentes no interior. Com aturado esforço, pois não tivera grande oportunidade de adquirir cultura, mas revelando propensão natural para o gênero que

abraçara, Souza Bastos criou na sua pequena cidade, e por emulação, em outros centros, uma verdadeira escola de teatro, tanto mais expressiva quanto procurou explorar assuntos nossos, com exceção da primeira peça que compôs, adaptada de romance estrangeiro. ⁽²⁶⁷⁾

O teatro de cunho romântico não se inaugura com Souza Bastos, mas com o grupo que veio em seguida, reunido em tôrno do "Partenon Literário", a sociedade que mais divulgou a literatura dramática no Rio Grande. Pelotas aparece também, em pleno fastígio do ultra-romantismo, com alguns nomes brilhantes: Taveira Júnior (*O Anjo da Solidão e Paulo*), Lôbo da Costa (*O Filho das Ondas, A Bôlsa Vermelha, Assunção ou A Morte do Tirano López, Os Amôres de um Cadete, O Maçom e o Jesuíta*) e, sobretudo, Colimério Leite de Faria Pinto. Se os dois primeiros, essencialmente poetas, se deram ao teatro de passagem, Colimério fêz dêle, a bem dizer, uma profissão. Seus dramas, à base do gôsto popular, portanto menos intencionalmente literários, abriram à cidade de Pelotas, no decênio de 70, a sua fase mais brilhante de literatura dramática. Compôs, entre outras, as seguintes peças: *O Voluntário, Caím, Albertina, Roma e a Família, A Mulher Homem, Travessuras de um Estudante, Paulo e o Bandido, A Última Conquista*. Trabalhador infatigável, nesse como em outros gêneros, Colimério Pinto não foi ainda estudado com amplitude, mas desde já se pode dizer que representou um momento feliz de identificação dos nossos escritores com a geração de Macedo e Alencar.

Devemos, porém, aos autores reunidos em tôrno do "Partenon Literário", em Pôrto Alegre, a ação coletiva mais brilhante. Em tôdas as peças, pelo menos nas que chegaram até nós, a ação social imediata, enquadrada no fraseado característico do romantismo liberal, senhoreia a própria inventiva. Dos temas explorados, salientam-se êstes: a escravidão do negro, o heroísmo brasileiro no Paraguai, o idealismo republicano, a opressão do dinheiro, os preconceitos de família, o jesuitismo, a maçonaria. Pregava-se no palco a liberdade do homem sob diversas formas. O burguês endinheirado foi a maior vítima do nosso teatro, mas a nobreza imperial, na pena dessa geração de republicanos, equiparou-se em perfídia e hipocrisia aos odiados detentores do dinheiro. Isto, a par de servir à causa política da derrubada do trono — diretriz que se acentuou após 1870, finda a Guerra do Paraguai — respondia ao dogma

(267) V. Antenor de Oliveira Monteiro, *Um Dramaturgo Rio-Grandense, in Anais cit.*, e *Rebuscas — Coisas e Fatos da Cidade*, recortes de jornal, na Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande.

“socialista”, que sorratamente penetrara a mentalidade dos letrados. Socialismo palavroso, informe, transmitido para cá pela geração de Coimbra — notadamente Eça e Oliveira Martins — e, como se sabe, não amassado em corpo de doutrina. Era menos um sistema que uma orientação geral dada à cousa literária por poetas e prosadores seduzidos pela vaga melopéia da solidariedade social. E como ia em crescente expansão o ideal do positivismo filosófico, começou-se a ridicularizar também a concepção metafísica do mundo e do destino do ser humano, donde um tema fértil em sugestões para os combates que o teatro da época desferiu contra a Igreja, ali apresentada como índice de ignorância e obscurantismo.

Na última metade do século anterior, além dos citados, destacaram-se os seguintes autores:

Miguel Pereira de Oliveira Meirelles (*A Mulher do Artista, A Baronesa da Tijuca, Um Homem do Século*); Félix da Cunha, grande orador e político, autor de excelente drama, *Vitor*, publicado quase dez anos depois de sua morte prematura; Inácio de Vasconcelos Ferreira, que deu à estampa bons trechos de um drama em verso, *A Independência*; Juvêncio Augusto de Menezes Paredes, autor do drama *Coroa de Martírios* (1874) e, de parceria com Apolinário, de um outro, *Jovita*, que não chegamos a ler, mas ao qual se referem encomiasticamente os críticos de então. Eudoro Brasileiro Berlink, historiador e jornalista de grande mérito, compõe dois dramas, *Mulher e Mãe* e *Georgina*. José de Sá Brito, seguindo de perto a tradição da comédia leve, o *imbroglio* que pôs em moda, no Brasil, o excelente Martins Pena, escreve e faz publicar em livro uma comédia realmente graciosa, em que satiriza a ignorância e filúcia das autoridades policiais. O delegado que êle nos apresenta em *File-o* (1875) é uma criação admirável, cheia de vida e espontaneidade. Mas Sá Brito foi atraído, logo depois, por temas que o afastaram desse caminho. Companheiro de Koseritz, na Maçonaria, do mesmo grande polígrafo que em *Inês e Nini* tentara também o teatro, escreve um drama — *Acácia e Roma*, que em 1876 se anunciava como obra de combate à Igreja e de propaganda do credo maçônico. Mas a sua peça mais conhecida é *A Descrida*, cuja ação se passa no Rio; é um drama romântico, amargo e doloroso, mas de ação um pouco lenta. Arrastado e monótono é o seu *A Grupiara*, publicado na *Revista do Partenon Literário* (1875), ousado demais para seu fôlego, inclusive pela circunstância de se passar a ação em Minas Gerais, no território da mineração de diamantes, mas de modo falso e postiço, significando a peça, a despeito de sua extensão, um ensaio mal-acabado, o mesmo não acontecendo com *File-o*, tão digno de aprêço.

Teatro antes para ser lido que representado foi o de Apolinário Pôrto Alegre. No decênio de 70 produziu muito. Escreveu em média uma peça por ano, sendo bem conhecidas as seguintes: *Sensitiva* (1873), *Os Filhos da Desgraça* (1874), *Ladrões da Honra* (1875), *Mulheres!* (1873), *Benedito* (1874), *Epidemia Política* (1882), além de *Tobias*, *Gildo*, *Cam* e *Jafé* e *Porcina*.

A preocupação da tese sacrificou bastante a espontaneidade do autor. Quando faz teatro de ação pura e simples, como em *Benedito*, atinge a atmosfera conveniente, consegue prender e interessar. A cena em que aparecem, nessa comédia, o sacristão casamenteiro e o voluntário de regresso do Paraguai, ambos excelentes tipos, é de uma comicidade natural, que mostra até que ponto o teatro de costumes seria bem sucedido, se nessa direção insistisse Apolinário. Outra de suas criações que a memória retém é a velha Pancrácia, da comédia *Mulheres!* O traço psicológico bem marcado, a linguagem viva, pitoresca, o ar “estúrdio” da sua figura e das suas palavras, tudo se conjuga para distingui-la como um dos melhores tipos criados pelo autor. Mas em *Os Filhos da Desgraça*, e outras peças que tais, de fundo social, foi que Apolinário insistiu, nelas derramando à larga a sua ideologia de republicano e antiescravista. O usuário Basílio, nesse drama, requinta em atrocidades, para justificar a sua sêde de ouro e de poder. O Harpagon baiano — pois a ação se passa em Salvador — inflinge aos escravos, ao filho e a uma pobre viúva, cujos haveres êle ambiciona, uma série de maus tratos que em cena devem ter comovido o público de então, mas cujo valor artístico é nenhum, dado o primário, o banal de tudo aquilo. A linha sentimental de efeito fácil conduz os quadros, donde a dialogação às vêzes ridícula, por demasiado marcada de intenção panfletária.

Em Carlos Ferreira — o poeta hugoano — a vocação para o gênero despontou cedo. Logo que chega a S. Paulo escreve com José Felizardo Júnior, gaúcho como êle, duas peças — *O Demônio do Lar* e *Madalena*, levadas à cena ali e no Rio. Sôzinho, escreve *O Marido da Douda* e *A espôsa*, que lhe deram algum renome. Excessivamente romântico no entretcho, não o foi menos na fatura. Se suas personagens dialogam com mais viveza que as de Apolinário, nem por isso permitem marcação movimentada. O seu teatro é sobretudo de declamação, como no geral o que então imperava. E também de declamação, com apóstrofes e lamentos de cortar pedra, foi o de Hilário Ribeiro, de quem conhecemos dois dramas, *Risos e Lágrimas* (1872) e *Uma História* (1874). Mais moderado de linguagem, mais liso e plano nos diálogos, não permite também *mise en scène* con-

vincente, e a prova é que, apesar de mais correto que seus antecessores, não teve maior êxito na ribalta.

João da Cunha Lôbo Barreto Filho deixou três obras que se tornaram conhecidas e louvadas em Pôrto Alegre: *Estrêlas e Diamantes*, drama, *O Senhor Queirós e Efeitos da Aguardente*, comédias. Revelou dons de observação e humorismo de primeira ordem, segundo a crítica contemporânea, mas, tendo falecido muito moço, não teve tempo de maturar as suas excelentes qualidades.

Múcio Teixeira, sobretudo poeta, produziu teatro de boa qualidade literária, como em *O Filho do Banqueiro*, *Tempestades Morais*, *Montalvo*, *Alvaro*, *o Farrapo*, *A Virtude no Crime*, peças sem dúvida curiosas em sua opulenta bibliografia, das quais só se pode dizer que foram representadas, mas não chegaram a conhecer nos palcos da província a consagração que mereceram autores mais modestos.

É o caso de Ernesto Silva, que escreveu *O Padrasto*, *Gênio do Mal*, *Amor e Política*, *Primos e Primas*, *Dentes de Plutão*, e, de parceria com João Moreira da Silva, *Por Causa de uma Carteira*, autor de comédias realmente graciosas, quadros vivos dos costumes rio-grandenses. O ar de família, a naturalidade das situações, a mordacidade da sátira, a acuidade no apanhar os flagrantes mais típicos da vida local, são fatores de inapreciável importância para a fixação de um teatro mais genuinamente nosso, autêntico reflexo de nossa alma e de nossos hábitos.

Pode-se dizer que desaparecera, a esta altura, o teatro romântico. O realismo dramático dar-nos-ia, contudo, pelo menos dois bons autores, aos quais o público recompensaria com a sua aprovação definitiva. Referimo-nos a Joaquim Alves Tôrres e Artur Rodrigues da Rocha, que, êstes, sim, conquistaram as platéias, foram e são representados, vivem através das emoções que despertaram em épocas sucessivas.

Alves Tôrres (1853 - 1890) inovou os processos teatrais, tornou o drama mais breve, deu-lhe intensidade e elevação. O amor, a ambição, o ódio, postos por êle em cena, são sentimentos autênticos, que nos fazem sofrer com as personagens, compreender-lhes as vacilações, decifrar o sentido oculto de suas palavras. Não diz tudo, linearmente, como os antigos; sublinha com malícia os traços caricatos, sempre dentro da medida e do bom gosto. Sua produção, vasta e colorida, abarca assuntos e situações nada monótonos. É um criador de vida. Escreveu, entre outras, as seguintes obras: *O Sexto Pecado Mortal*, *O Homem de Luto*, *O Espôso*, *Amor e Ciência*, *Salvador*, *O Marido de Ângela*, *O Dever*, *Frutos da Opulência*, *O Trabalho*, *O Ultraje*, *Cabeça e*

Coração, *O Lar Alheio*, *A Família Dória*, *A Imaculada*, dramas, e *A Mulher em Concurso*, *O Cometa* e *Os Impalpáveis*, comédias. Nos primeiros demonstrou melhor as suas altas e nobres qualidades de observador. O drama foi a sua vocação; agitou através dêle, com mão de mestre, problemas sociais palpitantes, e, como para êsse autor só a vida em si mesma é que tinha importância, sua obra há de perdurar.

Artur Rodrigues da Rocha, rio-grandino (1859 - 1888), logrou enorme popularidade, aliás merecida, porque soube dizer de modo direto e simples e caracterizar com precisão as personagens. Não subiu a eminências em que se aturdisse; ficou em planos discretos, mas soube, de fato, reviver conflitos morais, dando-lhes certa grandeza. Nada precioso, nada pedante, mas patenteando evidentes ressentimentos íntimos, por suas condições de côr e de fortuna, deu vazão à sua sêde de justiça e de paz social. Combateu a escravidão com a maior veemência, participou das lutas de seu povo, não se deixou ficar, egoisticamente, no seu sonho de arte. Êsse aspecto moral de sua obra não seria bastante para que o estimássemos. Admiramo-lo justamente pelo equilíbrio com que dosou o seu inconformismo, a sua amargura, a sua desaprovação ao sistema social vigente. Eis algumas de suas peças: *O Filho Bastardo*, *O Anjo do Sacrifício*, *Os Filhos da Viúva*, *Deus e a Natureza*, *A Filha da Escrava*, *José*, dramas. Deixou inéditos: *Lutar é vencer*, drama, e as comédias *O Distraído*, *Por causa de uma Camélia*, *Não façam aos outros...*

Alexandre José de Seixas Fernandes, gaúcho radicado na Bahia, Oscar Pederneiras, no Rio, foram incansáveis produtores de comédias, dramas e revistas. A fama do último, na capital do país, se alicerçou no domínio da peça leve, ao passo que o primeiro, com invulgar fertilidade, se desdobrou em diversos gêneros; teve franca aceitação, sendo um dos dramaturgos mais estimados daquela província, nos últimos decênios do seu século.

Restaria citar outros autores que incidentalmente escreveram teatro, nas diferentes fases por que êste passou no Rio Grande, durante o período que nos ocupa. Lembremos os seguintes: Menezes Paredes, Andradina de Oliveira, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Julieta de Melo Monteiro, o bahiano Júlio Cesar Leal, Eduardo Salomé, Revocata Heloísa de Melo, João Maia, Assis Brasil, Franco Bueno, Vasco de Azevedo. E quase ao findar o século, em Pelotas, Serafim Bemol (pseudônimo do futuro grande escritor J. Simões Lopes Neto) lança a revista cômica *O Boato*, de parceria com Mouta-Rara, e a seguir compõe outras peças ainda inéditas.

O teatro oitocentista rio-grandense, que tivera auspicioso início, com Souza Bastos, terminou, assim, de modo magnífico, com um nome de alta categoria.

Repitamos, para terminar, que, afora o caso do citado autor rio-grandino, notável criador de literatura dramática, os românticos e os naturalistas, a despeito de produzirem sem descansa, não criaram, efetivamente, um teatro válido como expressão inconfundível do meio. Em gerações tão marcadas por fortes afinidades com o povo, com o pago, com as tradições da grei, — valores afetivos e culturais discerníveis no romance e na poesia, — a sua literatura dramática não oferece traços comuns que a identifiquem, impondo-a ao nosso aprêço como algo de próprio, de particular e inconfundível.

Mas, não será também êsse o lado mais frágil do teatro brasileiro?

CAPÍTULO XV

DA REAÇÃO ANTI-ROMÂNTICA AOS PRIMEIROS PARNASIANOS

INFLUÊNCIA DA "POESIA CIENTÍFICA". — OS PRIMEIROS PARNASIANOS. — ROMÂNTICOS RETARDADOS. — INTERVALO EUROPEU.

CAPÍTULO XV

DA REAÇÃO ANTI-ROMÂNTICA AOS PRIMEIROS PARNASIANOS

O Parnasianismo foi introduzido no Rio Grande do Sul por Fontoura Xavier, Damasceno Vieira e Aquiles Pôrto Alegre. A linha universalista, a técnica e os temas adotados pelo primeiro aproximaram-no dos grandes nomes que em França deram renome à nova escola. O segundo foi o doutrinador apaixonado da “poesia científica”. Aquiles, no entanto, perfilhou um parnasianismo bem mitigado, como o que fôra traduzido em caboclo por outras figuras igualmente menos expressivas da poesia nacional. Entre Teófilo Dias, mais arejado, e B. Lopes, autor dos “cromos” que infestaram as letras brasileiras na década de 80, vai o irmão de Apolinário encontrar o seu caminho.

A importação da escola francesa fôra estimulada, em boa parte, mercê do entusiasmo contagiante de um rio-grandense: Artur de Oliveira, que, recém-chegado da Europa, seduziu os confrades da rua do Ouvidor, levando-os de cambulhada ao novo credo. Mas era um teórico, e se no Rio foi grande a sua ação de presença, a Pôrto Alegre chegaram apenas sinais muito esbatidos dela.

Em linhas gerais, a primeira geração parnasiana rio-grandense procede menos de Fontoura Xavier, excessivamente carregado de exotismos, que de Teófilo Dias, de Gonçalves Crespo, e sobretudo de Martins Júnior. Dêste e de outros intérpretes das idéias “socialistas” do século proveio a fonte de contaminação. O republicanismo porejante da segunda parte das *Fanfarras* e a “poesia científica” ao gôsto de Martins Júnior atraíram a seu grêmio — para exemplificar — o jovem Assis Brasil, que em 1877 revelara já, antes mesmo de travar relações com a turma da Academia de São Paulo, indisfarçável pendor pelo impessoalismo, inspirando-se em temas incompatíveis com a casuística amorosa. Damasceno Vieira veio de mais longe — de uma experiência romântica durante a qual desferira magoados trenos sentimentais. O ideário da “poesia moderna” tornou-se contudo, a partir de 1883, a sua obsessão, a ponto de tudo negar aos contrários, seus companheiros da véspera. Foi êle o porta-voz, o doutrinador intolerante do movimento por aqui, em críticas ousadas e contundentes.

As *Opalas*, de Fontoura Xavier, e as *Iluminuras*, de Aquiles Pôrto Alegre, surgem no mesmo ano (1884) das *Meridionais* de Alberto de Oliveira. Antes desta data, se um ou outro autor se pronunciou pelo Realismo, como sucedeu com Julieta de Melo Monteiro, passou despercebido. Mas o "modernismo" do fim do século teria aqui boa acolhida, graças a fatores de ordem geral, uns, de ordem pessoal, outros. Dentre os primeiros, a relativa imaturidade da província, a pouca cultura de seus homens de letras, o que permitiu fôsse a corrente científica recebida como algo de novo e definitivo, capaz de mudar a face da terra... E não devemos esquecer, ainda, a contribuição pessoal de Carlos von Koseritz, militante do evolucionismo, para a fixação da linha de ataque, pelo menos no campo das idéias, ao idealismo dos românticos.

A "poesia social" dos primeiros tempos e o parnasianismo propriamente dito, sem embargo do prestígio de seus corifeus, não extirparam o matiz ultra-romântico de Enéas Galvão, Ernesto Silva, Alberto Corrêa Leite e João Belém, ou mesmo de Zeferino Brazil, êste muito ligado a Musset com o seu livro de estréia (1891).

Numa literatura, mormente numa poesia tão encharcada de valores peculiares à vida gaúcha, ao modo de vida do homem da campanha, o universalismo temático não seria assimilado com o mesmo gosto, a mesma naturalidade com que o fizeram Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Bilac, homens habituados a viver em cidade grande, ou o trota-mundos insaciável que se chamou Fontoura Xavier. Não. Aqui o realismo tomaria desde logo um acento localista, um tom como o que jamais deixou o gaúcho de infundir aos labores artísticos. Talvez por isso, dentro da chamada impassibilidade da escola, a concessão que os nossos fizeram ao temário do realismo durou pouco tempo. O neo-romantismo, melhor dito, a visualização da campanha segundo o figurino romântico voltaria a dominar o quadro.

Veremos como Fontoura Xavier, por exemplo, seguindo de perto as pegadas dos franceses, se afastou poeticamente de nós, do nosso modo de sentir. Não seria, êsse, um jôgo de abstrações, um esteticismo que, por descarnado de substância afetiva, se mostrava inteiramente ao arrepio da sensibilidade comum dos poetas rio-grandenses?

Como quer que seja, a reação não se fêz esperar. E em pleno fastígio do Parnasianismo, como ainda no seio da própria geração simbolista, lá estavam os restos do velho fogão gaúcho — cujas brasas já meio cobertas de cinza a mão potente de um prosador, João Simões Lopes Neto, revolveria neste século para aquecer na chama alta tôda uma geração, os modernistas de

1925. Êstes, na aparência discípulos de Alcides Maya, em verdade o negaram, porque muito mais próximos do autor das *Lendas do Sul*. E, assim, os "novos" de após-guerra, Augusto Meyer, Vargas Neto e Darcy Azambuja, restabelecerão, na poesia e na prosa, ligações subterrâneas com a corrente que vinha de longe — do patriarcado duro e intratável de Apolinário.

ARTUR DE OLIVEIRA

Artur de Oliveira⁽²⁶⁸⁾ deixou perplexos os seus contemporâneos; ainda hoje nos perturba, embora saibamos já o valor exato da sua escassa produção escrita. Êsse gaúcho inquieto, contraditório, de imaginação prodigiosamente viva, não teve paciência, disposição e gosto para se dedicar ao artesanato requerido pela obra de arte. Rivarol caboclo, desde a adolescência planejou grandes cousas, mas a simples enunciação de tais projetos sucessivos ter-lhe-ia satisfeito a ânsia de exteriorizar-se. Todavia, ante sua figura sugestiva desfilaram cheios de pasmo, não apenas os nossos literatos tupiniquins, senão também grandes nomes e inteligências criadoras de França, com os quais conviveu em Paris — Victor Hugo e Leconte de Lisle, Villiers de l'Isle Adam, Catulle Mendès e Théophile Gautier. Talento verbal servido por boa cultura, adquirida no colégio mineiro do Caraça, onde fêz o curso de humanidades, apreendeu na Europa, com extraordinária viveza, as múltiplas direções que toma-

(268) Artur de Oliveira, filho de um comandante de barcas do Guaíba, nasceu em Pôrto Alegre a 11 de agosto de 1851 e faleceu no Rio a 21 de agosto de 1882. Estudou humanidades no colégio religioso do Caraça, em Minas Gerais. Seguiu para a Europa (1870) a fim de matricular-se na Universidade de Berlim; sobrevivendo a guerra franco-prussiana, foi expulso da Alemanha, por ter dado vivas à França nas festas da vitória. Passou-se a Paris e conviveu com a melhor intelectualidade da época, principalmente Victor Hugo e os grandes parnasianos, como Théophile Gautier. Não completou nenhum curso e regressou em 1873 para o Rio, onde esperdiçou seu enorme talento na boêmia literária. Contudo, escreveu alguns artigos e o mais que se acha no volume — *Dispersos, vida e obra de um escritor esquecido*, por Luís Felipe Vieira Souto (com prefácio de Afrânio Peixoto) — Publicações da Academia Brasileira, Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1936. Destaca-se entre o que deixou impresso: *Tese de Concurso*, sôbre os românticos, Manuel de Araújo Pôrto Alegre e outros; *Flechas*, panfletos à maneira d'*As Farpas*, sob o pseudônimo de Bento Gonçalves 1.º e 2.º fascículos, Livraria E. Dupont, 1873 (hoje raríssimos, segundo Vieira Souto); *A Rua do Ouvidor, monografia fluminense*, sátira aos costumes — mesmo pseudônimo, editor e ano de publicação; além disso, cartas ao pai, uma carta literária a Judith Gautier, e crônicas de arte.

va o parnasianismo. De volta ao Brasil, caiu em 1873 no Rio de Janeiro como um “saco de espantos” contrabandeado à alfândega literária. (269) O terreno já estava preparado para adotar o figurino que êle trazia de Paris — a lição de Gautier curvado sôbre a mesa, a polir e repolir o verso, em busca do têrmo peregrino, da rima rica, numa palavra — de tudo aquilo que Bilac, na *Profissão de fé*, aponta como o ideal do artista.

Nota-se na atitude de Artur de Oliveira certo desejo es-púrio de impressionar a todo o pano; mas isso dizemos hoje, diante de sua obra escrita. Falando, devia ser mesmo um encantamento, e a prova é que um homem reservado, suspicaz e malicioso, Machado de Assis, não resistiu ao sortilégio do gaúcho: em verso famoso, celebrou-lhe a inteligência; esclareceu depois, em nota igualmente calorosa, que Artur de Oliveira “não exauriu nunca a fôrça genial que possuía.” (270) O testemunho vale por uma consagração. E devido em grande parte à autoridade de tais palavras, o grande dispersivo veio até nós aureolado pela fama.

Há poucos anos a Academia Brasileira de Letras publicou os seus *Dispersos*, enfeixando cartas, artigos e trabalhos mais longos, como a Tese com que se apresentou a concurso para a cátedra de retórica, poética e literatura no Colégio Pedro II. Tudo quanto escreveu parece achar-se ali reunido. Pois foi a mais completa desilusão. Em letra de fôrma não se vislumbra de modo algum a genialidade a que aludem os contemporâneos de Artur. Mas resta sempre alguma cousa, que importa muito à evolução de uma literatura — o portador de idéias novas, o inconformado, o entusiasta, o palestrador brilhante — terra gorda, que bem assimilada costuma produzir excelente seiva. As letras não dispensam o convívio pessoal dos escritores, o debate, o atrito de opiniões e tendências cruzadas.

Sem embargo da avareza com que expendeu por escrito conceitos e opiniões, Artur de Oliveira contribuiu decisivamente, dizem os coevos, à difusão dos parnasianos franceses no Brasil. Por outro lado, nas poucas páginas introdutórias de sua *Tese de Concurso*, diz êle, em essência, que sendo a literatura

(269) Vide Machado de Assis, *Papéis Avulsos*, nota D ao conto *O anel de Polícrates*.

(270) A poesia de Machado de Assis, *A Artur de Oliveira enfermo*, encontra-se em *Papéis Avulsos*, ed. Jackson, 1937, págs. 214 e segs., com a explicação de que a personagem do *Anel de Polícrates*, Xavier, teve por original a Artur de Oliveira. Foi mais longe o escritor em sua admiração pelo amigo, pois, segundo relata Afrânio Peixoto, Filinto de Almeida fez do gaúcho patrono de sua cadeira na Academia Brasileira por sugestão de Machado. V. *Dispersos*, Nota preliminar.

a “própria geografia de um povo”, “na expressão de Walt Whitman”, é preciso estudar a nossa “aplicando a teoria do meio”, como fez “a crítica do nosso século”. E termina insistindo, não sem o habitual recheio erudito: “Não sendo possível dar aqui o devido desenvolvimento, que pediam estas rápidas considerações a propósito da literatura brasileira, fazemos nossas as seguintes palavras que julgamos definir as nossas idéias: “Não há dúvida, diz Humboldt, que o clima, a configuração do solo, o aspecto de uma natureza risonha ou selvagem influem nos progressos das artes e no estilo que lhes distingue as produções”. (271) Afrânio Peixoto, baseado na orientação da tese, e tendo em vista as diretrizes do pensamento crítico de Sílvio Romero, na *História da Literatura Brasileira*, chega a afirmar que o grande sergipano decerto não havia sido estranho à sugestão de Artur de Oliveira, o que nos parece excessivo, conhecidas como são hoje as fontes européias em que se abeberou diretamente. (272)

Ao Rio Grande não voltou Artur de Oliveira, desde que daqui saiu aos dezessete ou dezoito anos. Esqueceu a sua terra, que deixou, assim, de receber o estímulo de sua presença, a não ser através dos conterrâneos que com êle privaram ocasionalmente na Côte — Múcio Teixeira, Fontoura Xavier e alguns outros. E foi pena. Teria deparado em Pôrto Alegre com um homem que havia anos perseguia idéias semelhantes, com referência à *Kultur-historiker* — Carlos von Koseritz.

ASSIS BRASIL

Assis Brasil publica aos vinte anos seu primeiro livro, uma coletânea de versos. (273) Confessa no prefácio que o escrevera anos antes, mas é curioso como desde aquela época, mal iniciara o curso de Direito em São Paulo, se abria em apóstrofes violentas contra a monarquia e o papado, anunciando a revolução republicana em marcha. A Guerra do Paraguai, terminada sete anos antes, a Questão dos Bispos (1872 - 1875), a lenta decomposição do trono, eram fatos do dia, geradores de inquietações, e o jovem Assis Brasil acolheu em sua lira a semente das rebeldias esparsas no ar. O seu canto não tem o languor amo-

(271) *Dispersos*, pág. 231.

(272) *Noções de História da Literatura Brasileira*, Liv. Francisco Alves, 1931, pág. 13 (nota).

(273) V. a biobliografia de Joaquim Francisco de Assis Brasil. O livro *Chispas* foi impresso na “Tipografia do Jornal do Comércio”, Alegrete, 1877.

roso e desesperançado em que se deixariam modorrar sentimentalmente alguns nomes da mesma geração. O pensamento da pátria o absorve e domina, a par da expressão docemente altiva com que valoriza certos temas da terra natal, como n' *O Canto do Gaúcho*. Mas, acima dêsses, espraia-se pelo livro, torrente dominadora, um sentimento que sobrepuja o do terrunho — o combate a tôdas as formas de submissão do homem, sendo fácil, conseqüentemente, perceber a autenticidade do sentimento inspirador da sua poesia *Cena da escravidão*, painel das atrocidades infligidas na campanha ao negro escravo.

A seriedade de espírito, às vêzes ingênua, revelada mais tarde pelo homem público, está em germe nas *Chispas*, como afirmação poderosa do seu ser íntimo, sem que tal atitude invalide o poeta estreante, tornando-lhe os versos convencionais ou postiços. Bem ao contrário, são espontâneos e flexuosos, de ritmo agradável e bastant colorido. As ousadias de mau gosto que ali se vêem, ditou-as a concepção política extremada do autor, como nas estrofes da *Profissão de fé*, poemeto de abertura da coletânea:

“Sim! eu odeio os tiranos,
Odeio o papa e o rei.
Aquêl mata a consciência,
Est'outro assassina a lei.” (274)

Comparado a Taveira Júnior — Assis Brasil estudou em Pelotas, no colégio mantido pelo velho professor e poeta — é bem mais natural e fluente do que o mestre. Nota-se no moço a quase religião do povo. Imagens inconseqüentes, sonho meditativo? Queremos crer que foi algo de mais sério e deliberado. O político militante sagra a feição ali revelada como sendo a nota mais genuína do seu modo de pensar. Mas isso é outra história.

Aqui, devemos consignar que a musa não o desfavoreceu; pô-lo em pé de igualdade com outros talvez mais idosos e

(274) Raimundo Correia, amigo de Assis Brasil, a quem dedica o poema *O Povo*, tem a mesma idiosincrasia:

*Enquanto do Futuro o archote incendiário
Não vem incinerar os báculos e os cetros;
E repelir não vem do lóbrego cenário
Trono e Igreja — êstes dois pavorosos espectros.*

V. Raimundo Correia, *Obras Completas*, (Organização, prefácio e notas de Múcio Leão) — Companhia Editôra Nacional, S. Paulo, 1948 — II vol., pág. 192.

experientes. Se daí por diante se votou quase que exclusivamente à prosa, inclusive para reconstruir a *História da República Rio-grandense*, que iremos estudar mais adiante, não morreu de todo o poeta revolucionário. Apenas, tendo feito da ação partidária veículo de seus ideais, reservou ao verso a missão de cantar sentimentos mais desinteressados. Mas, como quer que seja, no volume das *Chispas* fêz portador de uma das lições mais ardentes de quantas tivemos, a daquela juventude que dos corredores da Academia de São Paulo anunciou em altos brados, nem sempre artísticos mas sempre divinatórios, uma transformação social iminente.

FONTOURA XAVIER

Ao ritmo da inquietação libertária que se apossou dos jovens estudantes de São Paulo, por volta de 1880, Raimundo Correia e Lúcio de Mendonça reproduzem, no Sul, o exemplo de Melo Morais Filho e Martins Júnior, no Norte; esposam com o mesmo entusiasmo a idéia republicana.

Fontoura Xavier, (275) que ali estudava, seguiu com fidelidade a moda de poetar contra a monarquia, no que foi aliás coerente com a posição ideológica de seus comprovincianos, pois vimos até agora que no Rio Grande do Sul dessa quadra constitui exceção o poeta que não se tenha deixado marcar pela tendência republicanizante.

Surgiu Fontoura num período ingrato, de transição da poesia “científica” à parnasiana, mas a sua forma brilhante, colorida e vivaz, ajudou-o a vencer, a impor-se como bom artífice do verso.

Data de seus tempos de estudante a sátira em alexandrinos *O Régio Saltimbanco*, que iremos estudar em outro capítulo, quando tratarmos do gênero satírico.

Aqui, o que deve importar é o livro das *Opalas*, uma das mais desconcertantes afirmações da poesia rio-grandense, pois

(275) Antônio da Fontoura Xavier nasceu em Cachoeira, a 7 de junho de 1856, e faleceu em Lisboa a 1.º de abril de 1922. Estudou na Escola Central, do Rio, e na Academia de Direito de São Paulo, mas não concluiu nenhum dos cursos. Fêz vida de imprensa na capital da república, colaborando na *Gazeta de Notícias*, *Revista Ilustrada* e a *Gazetinha*, de que foi um dos fundadores. Diplomata, ocupou vários postos de destaque na Europa e na América do Norte; ao falecer, era embaixador em Lisboa. Obras: *O Régio Saltimbanco* Rio de Janeiro, 1877. *Opalas*, poesia, com prefácio de Anibal Falcão-Carlos Pinto — Pôrto Alegre, 1884.

que não encontra símile em nenhum outro, dadas as múltiplas direções seguidas pelo autor.

Em primeiro lugar, a temática: extremamente variada e imprevista, representa por si mesma a instabilidade emocional do poeta — linha ondulante que parte tanto das *Odes Funambulescas*, como das *Flores do Mal*. Mas, em essência, deve mesmo proceder de Bainville, de seu rigoroso cinzel, de sua imaginação prodigiosamente fértil, de sua ironia e desencanto, a família a que pertence o nosso autor. É um europeu; denunciavam-lhe o berço os cenários naturais que descreve, os pró-homens americanos que admira, o tratamento que dispensa a amigos brasileiros; mas o que é orgânicamente nosso cultivamos de maneira bastante convencional. Onde Fontoura Xavier se sente bem, onde nos dá a impressão de se achar, é quando elege os temas que vai encontrando pelos caminhos do mundo — uma cena de Toledo, o Piccadilly, o esnobe do bulevar, o suicídio de Gérard de Nerval, a Avenida das Acácias, o ambiente de Paris. E por isso mesmo, notamos-lhe certo fastio, certo *spleen* elegante, que não se conforma com as correntes mais genuínas da poesia brasileira. Representando uma novidade gritante, trouxe, assim, à poesia rio-grandense um vinco que lhe faltava. Dá vertigens, a vertigem da altura, a sua visão ecumênica, só comparável, na literatura nacional, à de José Geraldo Vieira, o grande romancista contemporâneo.

Ao tema imprevisto correspondem, nas *Opalas*, a rima rara e o metro torturado, numa orgia de *enjambements* e distorções violentas. Aqui e ali, têrmos peregrinos marchetando as estrofes — som de tôdas as línguas; lê-lo em voz alta é ouvir farrapos de conversa dos grandes centros cosmopolitas.

Foi justamente êsse cosmopolitismo poético a maior virtude e, por contrapartida a maior franqueza de Fontoura Xavier. Se em algumas estrofes celebra o Tiradentes, nosso modesto grande mártir, parece fazê-lo para atender a exigência da propaganda republicana; se recorda o Barão do Rio Branco, quem fala é o funcionário do Itamarati; quando descreve o cenário amazônico ou o Gigante-que-dorme, nota-se o turista; ao exaltar a Águia Americana, não se pode esquecer o diplomata então destacado em Washington. E assim é que raramente encontramos o homem, com as suas paixões individuais, nas entrelinhas de tais versos. Descobrimos o corre-mundos, o poliglota, o curioso de ambientes, mas, nunca se insinua numa destas cabriolas rimadas o caráter ou o sentimento do seu povo. Despaísado desde a juventude, a diplomacia foi para êle uma solução natural. Da terra brasileira viu os grandes cenários convencionais, aqueles que mais flagrantemente impressionam os viajantes de outras

procedências. Deixou de lado os aspectos íntimos, o ar-de-família de São Paulo e do Rio do seu tempo, cidades onde viveu tantos anos. Faltou-lhe inclusive a grande lascívia dos trópicos. Era um blasé ou um esnobe? Optamos pela segunda hipótese. Foi mais por esnobismo, por vontade de aparecer e impressionar, que atacou a Monarquia e o Imperador Pedro II no panfleto poético d'*O Régio Saltimbanco*. E pela mesma razão equívoca traçou na sua poesia tantos painéis artificiais, irritantemente monótonos, tantos grandes desfiles de exotismos.

A sua nota íntima é polida e distante:

Íntimo

“Ah, meu querido irmão!... Eis a verdade e o êrro
Do ser e do não ser, o abismo do dilema,
A cova, a solução lógica do problema,
A saída fatal dêste amargo destêrro!

Rompeste finalmente o círculo de ferro...
Cala-te! Calma, inócua apóstrofe blasfema!...
Longe, noutro hemisfério, esta é a hora suprema:
Sinto que vai sair agora o seu entêrro!

Flores... mais flores... Êle semeava amôres,
É justo e natural cobrirem-no de flores.
Solene! como a morte é tristemente calma!

Tôda uma multidão move-se sem abalo,
Negra, pé ante pé, com mêdo de acordá-lo!
Silêncio... o *Dies irae!* Ajoelha-te, minha alma.” (276)

Sem embargo de tudo isso, possui como poucos o dom da música, da flexuosidade verbal, das antíteses estranhas. Quer no alexandrino ou no metro curto, quer no soneto ou no triolé, é sempre fosforescente, dissolve-se em prismas ondulantes. Tem às vêzes a morbidez de Poe, do mesmo Poe que êle, talvez por excesso de veneração, não teve ânimo de traduzir em verso, fazendo d'*O Corvo* uma versão em prosa ritmada.

Se o livro é desigual, há nêle, contudo, instantes de excelente poesia. Basta que leiamos

(276) *Opalas*. (Servimo-nos da 4.^a ed., Rio, Gráfica Sauer, 1928.)

Nos Funerais de um Poeta

Alas! poor Yorick
Hamlet

“Um instante, coveiro! o morto é meu amigo,
E como vês cheguei para dizer-lhe adeus;
Depois podeis levá-lo, a Satanás, contigo,
Que sei que não pretende a salvação de Deus.

Eu descuidei-me, sim; nós davamo-nos muito!
Há meses abracei-o e nunca mais o vi...
Alguém, quem quer que seja! aproveitou o intuito,
Matou-o em minha ausência e trouxe-o para aqui.

Vim despedir-me dêle... Escuta-me, primeiro.
Tu deves conhecer os mortos que aqui somes;
Muitas vezes Hamleto — a dúvida, coveiro,
Visita êste lugar interrogando nomes.

Estuda esta cabeça, o príncipe há de vê-la;
Repara bem, é loura, esplêndida, à Van Dick!
Pois bem, gasta a mortalha, então roída a tela,
Não tomes Baudelaire pelo bufão Yorick!” (277)

Só as coisas assim, macabras, exóticas ou elegantes lhe moviam a inspiração. Não obstante, manejou habilmente o triolé, deu-lhe sutilezas, fixando pequenas manchas realmente deliciosas. (278)

AQUILES PÔRTO ALEGRE

Aquiles Pôrto Alegre, (279) cuja formação se processara ao contato da boa gente do “Partenon”, foi dos primeiros a assimilar a “poesia moderna”, menos por uma questão de temperamento, êle tão romântico em tudo, mas por influxo da moda.

(277) *Opalas*, 4.^a ed., págs. 26 - 7.

(278) “Rei do triolé”, chama-lhe Sílvio Romero, “*Hist. de Lit. Bras.*, 3.^a ed. Liv. José Olímpio. Rio, 1943 — V. pág. 291.

(279) Aquiles José Gomes Pôrto Alegre nasceu na cidade de Rio Grande a 29 de março de 1848 e faleceu em Pôrto Alegre a 21 de março de 1926. Estudou na Escola Militar e prestou serviços no exterior, durante a Guerra do Paraguai. Aposentou-se como funcionário da

Ao lançar o seu primeiro livro de versos — *Illuminuras* — arri-mou-se na citação de um trecho de prosa em que Lúcio de Mendonça alega a impossibilidade de se “instituir como única verdadeira qualquer das escolas literárias com exclusão das outras”. Verdade sedíça, que o cauto provinciano, como que a pedir desculpas ao leitor, reforçou numa rápida explicação preambular:

“Não sei se o livro que hoje submeto ao critério da publicidade está de inteira harmonia com a orientação que os príncipes das letras buscam dar à poesia moderna.

“Sem preferências de escola, segui antes as tendências de minha índole, não me deixando arrastar na onda do fanatismo dos que entendem que a verdadeira estética só existe num determinado ideal, em cujo altar vergam os joelhos e levam as oferendas da adoração.”

Compreende-se a indecisão, o temor velado de suas palavras. Mas, se lhe faltou espírito combativo para repudiar expressamente o passado ultra-romântico do “Partenon”, a verdade é que em tôda a sua obra poética existe a preocupação evidente de fugir-lhe aos modelos. O que lhe conduz a poesia é o descritivo, à maneira de Gonçalves Crespo e B. Lopes; como os seus paradigmas, é correto e escorreito, apresentando não raro a preocupação da rima rica, do têrmo bem escandido.

Tesouraria da Fazenda. Inspetor escolar e professor. Fundou e dirigiu por 19 anos o *Jornal do Comércio*, de Pôrto Alegre. Encontram-se colaborações suas na *Rev. do Part. Lit.*, *Mosquito*, *Caixeiro*, *Album do Domingo*, *A Notícia*, de que foi proprietário, e *Correio do Povo*. Pseudônimos que usou com mais freqüência: *Carnioli* e *Manfredo*. Poeta, contista, pedagogo, sua obra principal são as crônicas em que evoca a Pôrto Alegre de sua mocidade e as principais figuras das letras rio-grandenses. Escrevia com amenidade e fluência. Bibliografia: *Illuminuras*, poesias, Tip. do “Jornal do Comércio”, P. Alegre, 1884; *Esculturas*, poesias, id. ib., 1889; *Contos e Perfis*, Liv. do Globo, P. Alegre, 1910; *Fôlhas Caídas* — Liv. do Globo, 1912; *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul* — Tip. do Centro, P. Alegre, 1916; *Vultos e Fatos do Rio Grande do Sul* — Liv. do Globo, 1919; *Através do Passado* — Liv. do Globo, 1920; *Flores entre Ruínas* — Wiedmann & Cia., P. Alegre, 1920; *Jardim de Saudades* — Wiedmann & Cia., 1921; *Val de Lúrios*, versos — Liv. do Globo, 1921; *Paisagens Mortas*, crônicas — Liv. do Globo, 1922; *Homens do Passado*, história — Liv. do Globo, 1922; *Noutros Tempos*, crônicas — Liv. do Globo, 1922; *Serões de Inverno*, crônicas — Liv. Selbach, 1923; *A Sombra das Árvores*, crônicas — Liv. Selbach, 1923; *Noites de Luar*, crônicas — Liv. do Globo, 1923; *Prosa Esparsa* — Liv. do Globo, 1925; *Palavras ao Vento*, crônicas — Liv. Selbach, 1925; *A Beira do Caminho*, crônicas — Liv. do Globo, 1925; *História Popular de Pôrto Alegre*, coletânea organizada por Deusino Varela — Liv. do Globo, 1940.

Não só nas *Iluminuras*, mas também nas *Esculturas* e no último de seus livros de poesia, *Flores do Gêlo*, revela acentuada preferência pelos quadros da vida burguesa, pelos flagrantes domésticos de fundo de quintal. Preferência limitadora de uma criação mais livre, empecilho à expansão em busca do que fôsse mais genuinamente gaúcho. Diante dos cenários agrestes, do homem rude do pampa, Aquiles perseguiu ainda a ronda equívoca das princesas, duquesas e "gentis senhoras", cuja beleza física, apreciada de modo pouco convincente, foi uma das excentricidades do parnasianismo tropical.

Tendo vivido bastante, o simpático poeta veio até nossos dias sem ter passado pela experiência simbolista. A norma parnasiana satisfiz-lhe as ambições, que não se realizaram com brilho excepcional, nem se concretizaram em algo que pudesse influir outras figuras. O futuro cronista da cidade de Pôrto Alegre, de que nos deixou páginas admiráveis de simplicidade evocativa, tem contudo o seu lugar na história da poesia gaúcha, justamente por ter assinalado o enleio e as perplexidades daquela fase de transição.

DAMASCENO VIEIRA

Damasceno Vieira, ⁽²⁸⁰⁾ em quase sessenta anos de vida, teve mais de quarenta dedicados sem pausa a atividades literárias. Produziu muito: foi dos colaboradores mais assíduos da

(280) João Damasceno Vieira Fernandes nasceu em Pôrto Alegre a 6 de maio de 1850 (Aquiles Pôrto Alegre, *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*, 2.^a ed. pág. 60, indica 1853) e faleceu em Salvador a 6 de março de 1910. Jornalista, poeta, dramaturgo, historiador. Foi um dos moços do *Partenon Literário*; colaborou ativamente em sua revista e publicações periódicas da província. Gozou de grande prestígio como poeta e homem espiritual. Funcionário do Estado, perdeu o cargo por motivos políticos, após a proclamação da República; passando ao quadro da União, serviu na Alfândega de Santos e na da Bahia. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do congênere baiano. Pseudônimo com que firmou versos jocosos e fesceninos: *Luciano de Aguiar*. Pai do poeta Arnaldo Damasceno Vieira. Obras: *Ensaio Timido*, primeiros versos, líricos e humorísticos, Tip. do "Jornal do Comércio", Pôrto Alegre, 1872; *História de um Amor*, narrativa, Tip. do "Jornal do Comércio", P. Alegre, 1876; *Auroras do Sul*, poesia, Tip. do *Artista*, Rio Grande, 1879; *Adelina*, drama, em três atos e 2 quadros, Tip. da Livraria Americana, Pelotas, 1880; *Esboços Literários*, estudos crítico-literários e poesia, Tip. da "Deutsche Zeitung", Pôrto Alegre, 1883; *A Musa Moderna*, poesias críticas e sociais, Tip. do "Jornal do Comércio", Pôrto Alegre, 1885; *Arnaldo*, drama

Revista do Partenon e deu a lume vários volumes de versos; em prosa, cultivou o gênero histórico, o teatro, a crônica literária, os estudos críticos, como o que vem no *Anuário de Graciano A. de Azambuja* para 1892, sobre Carlos von Koseritz. Deixaremos para apreciar no devido tempo sua atividade de prosador. Neste capítulo trataremos do poeta.

Seu livro *Musa Moderna*, não considerando os dois anteriores, nos quais a incontidência lírica se cobriu de verniz romântico, inaugurou no Rio Grande do Sul a fase da poesia dita *moderna* ou *científica*, lamentável concepção teratológica que teve no Brasil a sua época, ao mesmo tempo que o positivismo comtista.

A maneira de ser inicial da escola, precursora dos parnasianos, encontrou em Damasceno predisposições naturais para aceitá-lo. Em primeiro lugar, o seu edonismo espiritual de bomtom, que aliava ao gosto da originalidade certo *charme* pessoal; o prazer da anedota e do dito espiritualoso, segundo referem seus contemporâneos; a disponibilidade sentimental — tudo lhe preparou a sensibilidade para perfilhar a nova corrente. Como figura humana, foi precursor, aqui no Sul, da galanteria rimada, da boêmia risonha que, contraditoriamente, vicejou em pleno fastígio do positivismo.

Dizendo-se partidário do realismo artístico, bem como das doutrinas de Comte, afirma o seguinte: "Impelido pela fatalidade do meio, o poeta moderno não pode deixar de ser positivista, porque inquestionavelmente êsse é o estado que a huma-

em 3 atos, Tip. do "Jornal do Comércio", Pôrto Alegre, 1886; *Ecos de Paris*, folhetins de crítica, Tip. do "Jornal do Comércio", Pôrto Alegre, 1887; *Noites de Verão*, contos, Tip. do "Jornal do Comércio", P. Alegre, 1888; *Anália*, drama em 4 atos, Tip. da Livraria Guarani, Uruguaiana, 1889; *A Voz de Tiradentes*, cena dramática, em verso (reproduzida em *Albatrozes*), Tip. de César Reinhardt, P. Alegre, 1890; *Através do Rio da Prata*, impressões de viagem, Tip. do "Jornal do Comércio", P. Alegre, 1890; *Escrínios*, poesia, Tip. da Livraria Americana, P. Alegre, 1892; *Poemetos e Quadros*, poesia — Papelaria Guarani, S. Paulo, 1859; *Os Gaúchos*, comédia, 1891; *Brinde a Olímpio Duarte*, sátira, Cia. Tipográfica do Brasil, Rio, 1897; *A Castro Alves*, poesia, Tip. do Diário da Bahia, 1898; *A Flor do Manacá*, poemeto (reproduzido em *Albatrozes*), Tip. da Empresa Editôra, Bahia, 1900; *A Crítica na Literatura*, ensaio, 1907; *Albatrozes*, poesia, Lito-Tip. e Encadernação Reis & Cia., Bahia, 1908; *Memórias Históricas Brasileiras* (1500-1837) — Oficinas dos Dois Mundos — Bahia, 1903 (2 vols.); *Os Gaúchos*, comédia de costumes, em 3 atos — Tip. de Gundlach & Cia., P. Alegre, 1891.

nidade atravessa. ⁽²⁸¹⁾ Discorda por isso do passo em que Aníbal Falcão, prefaciando as *Opalas* de Fontoura Xavier, declara que só o passado pode oferecer ao artista costumes "susceptíveis de idealização vivaz". Quer ser poeta do seu tempo, identificado "com as aspirações do século nas suas idéias filosóficas, nos seus gigantescos impulsos de progresso, na sua veemente paixão pela liberdade". Nessa conformidade, não expõe em espetáculo "as amargas desilusões inerentes à vida humana".

Prefere os temas gerais: o labor das oficinas, o progresso científico, a beleza da forma, a visão do Cristo despojado de poderes sobrenaturais; numa palavra, o culto da Humanidade.

Ora, como não possuísse o autor grandes recursos de expressão, os poemas d'*A Musa Moderna* se perderam no indistinto, no incaracterístico da poesia dirigida, embora o poeta se esforçasse por atingir a uma beleza de forma tanto possível pessoal — era o rebote da impassibilidade a cercear os ardores da poesia romântica.

Manietado por essas convenções, só mais tarde se libertou da rigorosa disciplina que se traçara. Em *Albatrozes*, por exemplo, livro que chega a ser ótimo. Apurou a roupagem neoclássica, o brilho exterior da palavra, as imagens cambiantes, ajustando-os a temas como o Julgamento de Frinéia, os festins romanos, Prometeu, Sísifo, Pigmalião — que sei lá. Essa variada e inconseqüente motivação, na essência epidérmica, favoreceu porém a difusão de sua poesia, já de sainete parnasiano.

Não chegou, entretanto, ao esplendor formal de alguns de seus continuadores; achava-se muito comprometido com os ultra-românticos, — que lhe vincaram profundamente a sensibilidade, — e com o cientificismo poético.

A sua poesia da última fase é no geral simples, sem distorções, direta, a par de calorosamente humana e fraterna. Refugou, ali, na maturidade, tôda e qualquer ousadia, colocando-se bem no centro da ala conservadora da revolução parnasiana, à semelhança de outros tantos poetas de província, Augusto de Lima em Minas Gerais, Pethion de Vilar na Bahia, o catariense Luiz Delfino exilado na dispersão do Rio de Janeiro, todos os quais terminaram "conservadores" frios.

Na maturidade, ao lado da expressão polida, revelará mais alguma cousa — o tom levemente nostálgico de quem perseguiu afanosamente a beleza sem saber que ela estava no coração. E voltou a sorrir — nem tédio, nem aceitação da vida:

(281) V. Damasceno Vieira, *A Musa Moderna* — Tipografia do "Journal do Comércio" — Pôrto Alegre, 1885. As citações são do estudo crítico, págs. V-XXV.

"Quisera, sôbre um mármore de Carrara,
Eternizar-te a forma peregrina,
Tôda a lisa epiderme, branca e fina,
Todo o corpo, a mostrar perfeição rara.

Com que enlevos eu não esculturara
A estatura, a expressão quase divina,
E o sorriso da bôca pequenina
Que só heleno artista idealizara!

Completa a estátua, esbelta e vencedora,
Vencedora do tempo, eu sofreria
Dores atrozes que a razão obumbram,

Por ver faltar à Deusa encantadora
O que eu não posso dar à pedra fria:
A luz, com que teus olhos me deslumbram!" ⁽²⁸²⁾

Sua influência atingiu a novos e velhos, não só nos círculos literários como nos salões pôrto-alegrenses, dos dias heróicos do "Partenon" até princípios do século, quando se afastou do Estado, por questões políticas relacionadas com a sua função pública. Mudou-se para Santos e de lá para Salvador, mas a ausência não cortou liames; continuou a colaborar em jornais e revistas da terra, até pouco antes de morrer (1910). Deixara a tradição da boêmia dourada em que mergulhariam Marcelo Gama, Zeferino Brazil e Pedro Velho, que tanto lhe devem.

RENATO DA CUNHA

Ao primeiro contacto, a poesia de Renato da Cunha ⁽²⁸³⁾ nos deixa indiferentes. Apresenta-se desigual, retorcida, até mesmo grosseiramente incorreta, como que produzida a jato, numa contenção nervosa significativa de luta interior. Lido mais devagar, meditadamente, a impressão inicial desfavorável

(282) *Albatrozes*, Lito-Tip. e Encadernação Reis & Cia., Bahia, 1908 — pág. 115.

(283) João Marques Renato da Cunha nasceu em Pôrto Alegre a 15 de abril de 1869 e aí faleceu a 2 de maio de 1901. Foi redator do "Correio do Povo". Publicou: *Rutilações* — poesia e prosa, 1884; *Pérolas e Diamantes*, poesias, 1886; *A Nôdoa* — panfleto — 1887; *Maldições e Crenças* — poesia e prosa — 1888; *El-rei Milhão* — poesias — Liv. Americana — P. Alegre, 1889. Consta que publicou também outros, que não vimos.

se vai desvanecendo, e então percebe-se alguma cousa esclarecedora, que ficara escondida entre extravagâncias e descáidas. É que êle parece ter lutado, primeiramente, com o seu temperamento, indisfarçavelmente romântico, para exhibir uma combatividade que até certo ponto lhe era penosa. Tal luta deve ter sido o seu maior suplício, e a arte traduziu-o de maneira evidente. Senão, vejamos os seus primeiros versos, nos quais o amoroso, vizinhando o sentimental, mostra a obsessão de não parecer pueril, descambando em imagens de compensação que se tornam ridículas. Renato da Cunha não se entrega, guarda sempre uma parte de seu ser, mas o esfôrço que faz para se resguardar mal encobre o romântico desarvorado, a quem não basta amar, sofrer o amor; quer levar as suas penas a outrem, fundir-se com a amada, transmitindo-lhe a sua exaltação. Durou bem pouco essa postura de Renato da Cunha diante da vida. A sua revolta, tendo raízes mais profundas, transformou-se em apóstrofes violentas contra a ordem social, o poder do Dinheiro, o bem-estar dos "donos da vida". Tudo se transformou a seus olhos, que passaram a ver, ao invés das efusões amorosas, a mão secreta do mal, da iniquidade, a dominar as criaturas, dando-lhes uma razão cotidiana de misérias e opróbrios. Endurece o coração. Que causas profundas o levaram a mudar assim o diapásão de seu canto? Por que encobertas razões um coração sensível passaria a patentear-se refratário às emoções íntimas?

Algo de profundamente dramático deve ter atingido o poeta para que êle descrevesse a curva de que dão notícia suas últimas produções. Se em 1884 falava de amor com ternuras de namorado, em 1888 já se tornara sobretudo o poeta da revolta social, o reformador veemente.

El-rei Milhão é o livro da sua conversão à revolta, quando chegou a descrever de tudo, menos de si mesmo. É o livro do seu orgulho de homem brando que não se quer confessar vencido pela sensibilidade. Reúne ali trinta sonetos e diz que "... são trinta bombas de nitroglicerina que, partindo tôdas do mesmo ponto, fazem voar em estilhaços trinta alvos diversos". Os alvos visados são tipos sociais que em sua conduta se mostram mais permeáveis à influência do poder econômico. Mas, nesse arremêso, o poeta gaúcho não esconde sua filiação a Richepin, a Guerra Junqueiro, a Castro Alves.

Um seu contemporâneo e rival — Aquiles Pôrto Alegre, diz que Renato Cunha "fêz época, e êle mesmo era o maior, o mais ativo reclamista de seu engenho poético", e que "estava possuído de uma espécie de megalomania poética". Descontada

a evidente má vontade com que o retrata o admirável cronista, é preciso convir em que o ardor de Renato da Cunha não era comum nestas paragens, naquele período em que o parnasianismo se contentava com os brilharetes de salão. Mas, por outro lado, é preciso considerar que a sua reação, até certo ponto, foi humana. Combatido, negado, vingou-se do meio adverso, da mediocridade reinante, aafiando às suas armas de combate. Procurou difundir-se o mais possível. Não há pequena biblioteca do interior a que não tenha mandado os seus livros. As opiniões sôbre êstes emitidas, Renato as transcrevia aqui, nos jornais da terra, vaidade de resto perdoável num artista ferido pela animosidade dos confrades.

A invectiva, o ataque, a cólera — a combatividade da sua poesia era um dos sinais do tempo, e não será acaso, também hoje, uma das razões do prestígio de Neruda? Acontece que a rudeza da apóstrofe desagradou, como desagradaria hoje, aos conformistas e tímidos. Leiamos:

"Dorme à sôlta o banqueiro. A frouxa lamparina
Silente, funeral, pálida, avermelhada,
Espalha no cetim da alcova iluminada
No supremo estertor, a luz adamantina...

O grande espelho oval da *toilette* fina
Reflete-lhe o palor da fronte desmaiada,
Como o ôlho fatal da — consciência irada
Que olhasse o condenado escapo à guilhotina.

O Crespo dorme e sonha e vê naquele sonho
Passar e repassar o seu porvir risonho...
As doudas ilusões em bandos como abelhas;

Sùbitamente grita... e sente-se boiando
À proporção que vão as vítimas passando,
Num mar de lôdo e sangue e maldições vermelhas!"

Não discutamos o bom ou o mau gôsto de sua poesia. O certo é a combatividade do poeta, que serviu menos a si mesmo do que aos contemporâneos, amigos ou adversários. Sacudiu-os, deu-lhes matéria para debate, perturbou-os. Renato da Cunha, megalômano de tipo superior, era dêsses homens que se matam por vaidade, mas deixam sempre alguma cousa atrás de si.

E êle serviu, inconscientemente talvez, à renovação da poesia em sua terra. Depois da fase marcada por tais audácias, tendendo a uma poesia de côres mais suaves, antecipou a geração simbolista, precedeu os melhores momentos de abandono vividos por Marcelo Gama e Zeferino Brazil. E entre êle e Pedro Velho há também modos de ver comuns, semelhanças de processo e interligações de tema.

O que mais o torna simpático é que se deu totalmente à poesia, por ela e para ela viveu. Não passou em vão, tanto mais quanto soube também cantar humildemente a sua condição de homem, a sua profunda tristeza de solitário, perdido em si mesmo, a lutar por sua arte. E chegou então a ser simples como os tropeiros populares:

“Sineiros — dobrai os sinos...
Sinos — dobrai na amplidão...
Que eu sinto o peito rasgado
Aos dobres do coração!

Deixai gemer nos espaços
O vosso estranho dobrar;
Hoje enterraram-me a alma
Na cova do meu penar!...”

ENÉIAS GALVÃO

Enéias Galvão, (284) com o pequeno livro das *Miragens*, riscou o céu da poesia como os meteoros. Após estrear-se auspiciosamente, silenciou por completo. Não que lhe faltasse gosto ou disposição natural. O moço poeta revelou-se, ao contrário, muito sensível, talvez excessivamente voltado para dentro de si mesmo; o parnasianismo pedia quadros exteriores mais brilhantes, panejamentos luxuosos, que o rio-grandense não quis ou não lhe pôde dar.

(284) Enéias Galvão nasceu em S. José do Norte a 20 de março de 1863 e faleceu em Teresópolis em 1917. Era filho do Visconde de Maracaju, formou-se em Direito pela Fac. de S. Paulo e exerceu a magistratura no Estado do Rio e na Capital Federal, chegando a Ministro do Supremo Tribunal. Publicou: *Miragens*, poesias, com uma carta de Machado de Assis, Rio, 1885, além de trabalhos jurídicos e históricos, dentre os quais — *Juízes e Tribunais no Período Colonial*.

ERNESTO SILVA

Ernesto Silva, (285) mais apegado que o anterior à herança romântica, passou também de leve pela poesia. Reservou-se todo para o teatro, tendo escrito cinco dramas e uma comédia, esta de parceria com João Moreira da Silva. Só aos trinta anos publicou os *Lampejos Efêmeros*, de uma simplicidade que raia pela mesmice. Ante as exigências da nova escola, retraiu-se, abandonou de todo a esperança de atingir o campo adverso, motivo por que seria temerário chamar-lhe parnasiano. O pieguismo retardado de que deu mostras não quer dizer, porém, que lhe falecessem qualidades para explorar o lirismo enjoadinho, planta teimosa naquela fase:

“Escuta, Eulina, vem cismar comigo,
A tarde é linda nos vergéis do Sul.
Não vês?... suspira o gaturamo alegre,
No prado brinca a borboleta azul.”

ALBERTO CORREIA LEITE

Que se poderá dizer, agora, de Alberto Correia Leite, (286) um dos poetas mais festejados na terra gaúcha durante os primeiros anos da República? A precocidade do seu talento, a sua estouvada mocidade, — dom generoso de uma curta vida, — o riso irônico que êle trazia sempre à flor dos lábios e da pena, deram-lhe em Pôrto Alegre certo renome, quer como poeta, quer como jornalista. De tôda a sua afanosa atividade literária ficou, porém, quase nada — um raro livro de versos, intitulado *Sarças*, onde o pessimismo elegante do autor, talvez

(285) Ernesto de Sousa e Silva nasceu em Belém Novo a 16 de janeiro de 1855 e faleceu em S. Leopoldo a 12 de janeiro de 1909. Pertenceu ao “Partenon”, foi poeta e dramaturgo. Estreou com o livro de versos intitulado *Lampejos Efêmeros* — P. Alegre, 1886. V. sobre sua obra teatral o cap. *A Literatura Dramática*.

(286) Alberto Correia Leite nasceu em S. Pedro a 4 de setembro de 1871 e faleceu em Pôrto Alegre a 2 de fevereiro de 1898. Era irmão do poeta Mário de Artagão (*Veja*) e colaborou na imprensa de Pôrto Alegre, onde exerceu o comércio. Elegante de maneiras e de trato, usou o pseudônimo de *Quasimodo*. Aquiles Pôrto Alegre evoca-o numa crônica admirável. (*V. Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*, pág. 179). Publicou o livro *Sarças*, logo após retirado pelo autor da circulação, ante a malevolência da crítica.

para mais facilmente as conquistar, procura ferir as mulheres e a beleza feminina. O gracioso de suas estrofes, compostas segundo as regras da galanteria dominante nos fins do século passado, além de nos trazer a ressonância daquela época, atesta a fragilidade ingênita da derivante parnasiana que se fez adorno dos salões elegantes. Tal poesia, com Alberto Correia Leite, teve aqui o seu momento de fastígio, mas ao relermos os seus versos bem empoados fica-nos uma impressão penosa. Como é escassa de interesse humano, como é frágil e fugidia diante da complexidade do ser que procurava retratar. Mas, se o nosso gosto atual assim a vê, a poesia de que tratamos não deixou de representar uma das correntes definidoras das artes de então. Fim de um processo cultural, de uma era histórica ainda presente em muitos traços da vida brasileira, o estilo 1900 teve nesse pobre moço, na Pôrto Alegre que amanhечia para o industrialismo, o seu tipo por acaso mais simbólico. Além disso, aí estava uma das tendências a que a primeira década do século XX daria a maior ênfase, mesmo na capital do país, onde poetas e escritores de renome se prestavam ao desfrute de divertir o público feminino, nas salas de conferência, discorrendo sobre o perfume, o leque, o beijo...

ALBERTO RAMOS

Alberto Ramos, (287) natural de Pelotas, deveu sua formação mental à Europa, por lá vivendo precisamente na idade em que a inteligência é mais receptiva. Compôs (é o termo) a sua poesia sem denunciar grandes emoções, mas seria injusto negar-lhe, enquanto homem, uma natureza vibrátil,

(287) Alberto Ferreira Ramos nasceu em Pelotas a 14 de novembro de 1871. Fêz o curso de humanidades na Suíça e o de Direito em S. Paulo. Colaborou na imprensa paulista e carioca. Usou em alguns trabalhos o pseudônimo de *Marcos de Castro*. Bibliografia: *Versos Proibidos* — Tip. do "Jornal do Comércio", Rio, 1898; *Poemas do Mar do Norte*, de H. Heine, com o pseud. de Marcos de Castro — Rio, 1895 (diversas edições); *Odes e Outros Poemas* — Tip. Italiana, Rio, 1909; *Ode ao Campeonato* — Rio, 1902; *Ode a Santos Dumont* — Laemmert & Cia., Rio, 1903; *Elegias e Epigramas* — Jacinto R. dos Santos — Rio, 1919; *Canto do Centenário* — Rio, 1920; *O Último Canto do Fauno* — Of. do "Jornal do Comércio" — Rio, 1913; *O Livro dos Epigramas*, Ed. PAN, Rio, 1924; *Le Chant de Bienvenue pour le Roi* — Rio, 1920; *Poemas* — ed. "Ariel" — Rio, 1934; *Prosa de Ariel* (coletânea de artigos no *Boletim de Ariel*) — Rio, 1937.

capaz de reações ardentes. O caso é que em arte usou tons velados, linguagem polida e irônica, a par de um cepticismo que talvez fôsse a saudade de um mundo mais tranqüilo, onde a vida fôsse uma "bela atitude de sensibilidade e de bom gosto", segundo o ideal florentino dos versos de Raul de Leoni. Mesmo nos seus poemas de fundo idealista aparecem as garas do voluptuoso, do sensual; tem sempre uma figura, uma boa imagem à antiga para dissimular a ansiedade, a febre da carne. Preferiria certamente, nas maneiras clássicas, que tanto amou, as da fase de decadência da latinidade, quando tudo era motivo para facécias, sobretudo as rimadas. É aí, nessa atmosfera, que Alberto Ramos vai buscar paradigmas para a sua mordacidade epigramática. Bem poucos dos nossos ultrapassaram o autor rio-grandense na finura do epigrama; quem o lê, nesse gênero, desvia-se do trópico para as zonas temperadas da Europa onde pompearam as rosas de Marcial:

"Da excrescência verbal Fábio expurga a obra.
— Pois se tudo lhe tira, que lhe sobra?" (288)

Um poeta com tais características nasceu inatural. E justamente a sua inaturalidade é que lhe traça a órbita de grandeza. A imaginação do poeta, ainda quando escrevia sobre o Brasil, sobre o seu bárbaro Rio Grande, vinha carregado de leituras, de imagens, de lembranças da vida européia. Quanto à forma, castigou-a o mais que pôde, no afã de criar beleza sem idade, sem tempo cronológico:

"Noite, noite do espaço!
Ouço na terra o passo
da morte que caminha.
Sinto-lhe a sombra perto.
Rodeia-me o deserto.
Solidão, pátria minha!

Perdido amor! perdida
pena! Enganosa vida!
Glória, amor, amizade...
Que vale um louco obscuro?
A palma que procuro
Cresce na eternidade." (289)

(288) *O Livro dos Epigramas*, pág. 9.

(289) *Poesias* — ed. "Ariel", pág. 167.

Aí está captada a essência do seu desencanto. A vida era-lhe um fardo, saudade sem lenitivo de um mundo morto. Ou sêde de eternidade.

Grande solitário, teve nos últimos anos ocasião de conviver literariamente com os seus amigos da revista *Boletim de Ariel*, em cujas páginas deu a lume bons trechos de prosa.

Mas Alberto Ramos, um dos grandes artistas do Brasil, era já inatual no ano da sua estréia (1898) e jamais conseguiu impressionar a literatura rio-grandense, feita de pedaços sangrentos da realidade. Se lhe pertence por ter aqui nascido, com a mesma não tem grandes pontos de contacto, como de resto com a literatura brasileira, constituindo o seu um caso bem típico de marginalismo cultural. Só o passado contava para a sua sensibilidade, como deixa transparecer neste trecho, onde retrata fielmente o seu desgosto do moderno: "Não, a crise não é de poesia; a crise é de poetas. Depois de Goëthe, Byron, Victor Hugo, o mundo desabitou-se de ouvir as grandes vozes dos seus intérpretes soberanos. Outras, discretas e singulares, — Poe, Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, aquêle angélico e tenebroso Antero de Quental, quantos mais? — foram talvez sublimes acordes, sublimes e solitários, não o jubiloso cântico de aleluia ou a rajada profética da grande lira." (290)

FRANCISCO DE PAULA PIRES

Francisco de Paula Pires (291) foi em Bagé e Pelotas, onde afinal se radicou, arauto denodado do Naturalismo. Nessa última cidade exerceu enorme influência; colaborou nos seus principais órgãos de imprensa, redigiu a *Tribuna Literária* e o *Album Literário*, periódicos nos quais a juventude do

(290) V. *Boletim de Ariel* — ano III, pág. 40.

(291) Francisco de Paula Pires nasceu em Pelotas no ano de 1846 e faleceu em data que não conseguimos apurar. Em Bagé e na sua cidade natal exerceu o jornalismo; de 1876 em diante, por vários anos, foi bibliotecário da Biblioteca Pública Pelotense. Publicou: *Rimas*, Pelotas, 1888; *Quadros Horripilantes* (narrativas) Liv. Americana, Pelotas, 1883; *Dispersas* (Poesias de Francisco Lôbo da Costa e de outros poetas pelotenses, coligidas e apreciadas por um amador) — Pelotas, 1890; *Sonoras*, (Poesias de diversos autores nacionais), em colaboração com Carlos Bandeira Renault e Antônio J. Campos — Liv. Universal, Pelotas, 1891. Em 1882 anunciava a antologia *Pindo-Rio-Grandense*, que não sabemos se chegou a ser publicada. Usou dos seguintes pseudônimos: *Marylandico* e *Júlio Silvino*.

tempo abateu o gôsto romântico com freqüentes assaltos à cidadela "metafísica", vale dizer, romântica. Por dezesseis anos bibliotecário da Biblioteca Pública Pelotense, recolheu ao seu acervo documentos preciosos de nossa atividade cultural e contribuiu para tornar na cidade mais esperto e vivaz o gôsto da leitura. Escreveu novelas, contos, poesia. Mas o seu nome estaria hoje quase esquecido, não fôra a generosa intuição com que êle, amigo de Lôbo da Costa, reuniu e fez publicar as *Dispersas*, dêste último. Estendeu também a outros pobres artistas o seu carinho de bibliotecário zeloso; reunindo e compilando, sempre apaixonadamente, o que escreveram seus coestaduanos do Sul, divulgou ainda parte de seus trabalhos de pesquisa e forneceu boa cópia de informes a Sacramento Blake, cujo *Dicionário Bibliográfico* muito lhe deve. Publicou as *Sonoras*, antologia feita de colaboração com Carlos Bandeira Renault e Antônio J. Campos, saída a lume em 1891, um dos bons repositórios para estudo dos poetas gaúchos. Já o *Pindo Rio-Grandense*, antologia consagrada igualmente aos gaúchos, não sei se foi publicada; sôbre êle apenas encontrei uma referência ao manuscrito num artigo de Paulo Marques. (292)

Sem embargo de todo o seu generoso sonho de renome literário, como poeta não nos legou grande cousa o simpático Paula Pires. O seu *Rimas* é pobre de inspiração e de forma, como, de resto, os numerosos versos que inseriu nos jornais pelotenses, não raro sob os pseudônimos de *Marylandico* e *Júlio Silvino*.

O tenaz homenzinho das margens do São Gonçalo quis ser reformador em arte, mas para isso lhe faleceram qualidades naturais. A sua poesia não tem maior interêsse artístico; é estimável apenas pelo que nela se contém de documental acêrca daquela fase de transição. Doutrinando contra os seguidores de Victor Hugo e de Alencar, uniu-se espiritualmente a Damasceno Vieira; juntos, foram os mais ardorosos demolidores da poesia romântica no Rio Grande. Damasceno cantou mais tarde a palinódia; Paula Pires não se deixou convencer, mas, poeta pedestre, só se salvou por ter ligado o seu nome, na modesta condição de compilador, ao mais que romântico Lôbo da Costa. A amizade generosa que dedicou ao infeliz poeta foi o seu mais belo poema.

(292) V. *Arauto das Letras*, Pelotas, 3 de dez., 1882 — n.º 17.

JULIETA DE MELO MONTEIRO

Julietta de Melo Monteiro (293) refoge ao processo romântico para adotar a linha parnasiana no que ela tem de mais descritivo e impessoal. O seu primeiro livro, *Prelúdios*, foi prefaciado por Emílio Zaluar, e o segundo, *Oscilantes*, por Luís Guimarães Júnior. Bastam tais padrinhos para mostrar as preferências literárias da ardente *Penserosa*. Com sua irmã Revocata Heloísa de Melo, (294) também poetisa, a quem se ligou de tal modo que entre a obra de uma e de outra existe a mais completa identidade, escreveu teatro e contos. Fundaram, na cidade de Rio Grande, o periódico literário *Corimbo*, onde Julieta publicou a maior parte de sua abundante produção, colorida por discreto panteísmo. Em *Terra Sábara*, póstumo, há menos convencionalismo que nos seus livros anteriores. A despeito do fervor com que votou à poesia sua nobre vida, Julieta de Melo Monteiro oferece escassas condições de comunicabilidade; descritiva sem grande acuidade, deixou de sentir, por exemplo, o aveludado, a doçura quase mística da paisagem gaúcha.

ALARICO RIBEIRO

Alarico Ribeiro, (295) no último decênio do século, representou aqui a melhor tendência da poesia parnasiana brasi-

(293) Julieta de Melo Monteiro nasceu em Pôrto Alegre a 21 de outubro de 1863 e faleceu na cidade de Rio Grande. Obras: *Prelúdios*, versos, 1882; *Oscilantes*, sonetos, 1892; *Alma e Coração*, contos; *Coração de Mãe*, drama, de parceria com a irmã, Revocata Heloísa de Melo; *O Segrêdo de Marcial*, drama; *Berilos* — prosa, de colaboração com a irmã; *Terra Sábara*, poesias — publicação póstuma, Rio Grande, 1924-1928. Pseudônimo: *Penserosa*.

(294) Revocata Heloísa de Melo nasceu e faleceu na cidade do Rio Grande. Manteve durante muitos anos, em sua cidade natal, o *Corimbo*, cujo primeiro número parece ter sido o de junho de 1885, impresso na Tip. da Liv. Americana, e que variou muito de formato; de mensal passou a quinzenal e semanal. Publicou: *Fôlhas Errantes*, prosa, com pref. de Múcio Teixeira. — V. nota anterior.

(295) Alarico Herculano de Sampaio Ribeiro nasceu em Cachoeira a 7 de outubro de 1876 e faleceu em Pôrto Alegre em 1905. Foi promotor em sua cidade e em 1893 formou ao lado da legalidade, sendo após nomeado secretário da Repartição Central de Po-

leira, unindo à beleza de forma a intuspecção e a dúvida metafísica. Alma sensível, cheia de pudor, prêsã de angústia, vestiu bem as idéias, requintado na expressão como preciso na imagem. Pouco bracejante, a sua poesia é um grito abafado de dor, um apêlo patético à compreensão alheia. Como neste sonêto:

Céu abandonado

“Céu que tiveste auroras e poentes
Outrora, e sempre um sol para os teus dias,
E para as tuas noites os crescentes
Dos luares, e estrêlas, e harmonias;

Olho-te a vasta abóbada: — Sombrias
Mágoas, chuvas de lágrimas, mordentes
Ventos levam às solidões vazias,
Em contrárias e múltiplas correntes!

Cobre-te aquela escuridão palpável
Do caos, céu que já foste o invulnerável
Castelo azul dos deuses, no passado.

E eu, no abandono trágico de assombros
Em que te vejo, sinto-te pesado,
Como se te levasse sôbre os ombros!” (296)

Mostra tôda a sua poesia fortes traços de cepticismo, não escondendo, porém, a permanente preocupação do problema religioso, de uma religião sem dogmas, sem devocionário fixo, liberta de convenções sociais:

“Por entre as nuvens, o luar, que alaga
O espaço, jorra. — Então eu sinto-a, e peço
Um raio à Luz, por onde tenha acesso
Meu Sonho a essa, em que a vejo, etérea plaga.” (297)

lícia. Poeta e jornalista. Publicou: *Oásis* — Tip. do “Correio do Povo” — P. Alegre, 1896; *O Trono e os Vencidos* — panfleto em versos — P. Alegre, 1889. Não vimos o seu livro *Caos*, que anunciava em 1896, nem sabemos se chegou a ser publicado.

(296) *Oásis*, págs. 17-18.

(297) *Oásis*, pág. 37.

A descrença deu-lhe à poesia um tom de amargura que só é mitigado pelo sentimento do amor humano. Não acredita na sobrevivência do ser. Dá-se todo aos afetos, ao amor da beleza, à paixão da arte, vendo nesses sentimentos o único meio de superar a inanidade da vida. Em *Meu Testamento*, um de seus poemas mais amargos, fixa claramente a sua descrença. Substitui a Santíssima Trindade por:

“Amor, Sonho, Ilusão”

porque somente destes espera lenitivo para suportar os males do mundo.

Alarico Ribeiro pôde enfrentar, contornando os escolhos da banalidade, os mais ousados temas; exprimiu-se invariavelmente com elevação e nobreza. Perguntou sempre, pois o destino do homem era o que mais o preocupava; interrogou as nuvens, a água e a flor, o céu e o vento, sentindo que, assim, se interrogava a si mesmo. Ante o vazio do caos interior, sem resposta, pede:

“Mas, não!... Sufoca, oh! alma! o teu sofrer latente;
Dá de rédea ao corcel nostálgico e demente,
Que te arrasta à descrença, assim, a tôda brida.

Na bússola da fé aponta-me outro norte...
— Eu não quero dormir no cárcere da morte
Sem que me abras, oh Deus! o cárcere da vida...” (298)

O seu lirismo é de alta estirpe literária, e ainda mais se extrema se o comparamos ao dos autores da mesma época, sobretudo os últimos representantes do romantismo, ou os canhestros parnasianos que começavam a constituir legião. E cabe dizer, por fim, que a delicadeza de expressão, a musicalidade, certos toques e motivos dêsse poeta prenunciam já o Simbolismo. Não será exagerado dizer que Alarico Ribeiro, sob muitos aspectos, antecipa os maiores nomes dessa escola, no Rio Grande do Sul.

OUTROS POETAS

Os que acabamos de citar foram os principais poetas do período, mas lembraremos, de passagem, outros nomes que

(298) *Oásis*, pág. 28.

também contribuíram para o desenvolvimento da poesia na mesma época. Entre êles, Carlos Alberto Miller, da cidade de Rio Grande, com o livro *Casuarinas* (1880), leve, gracioso, mas sem maior significação; João Fanfa Ribas, falecido há pouco, autor de *Faíscas* (1893), Luís França Pinto, de *Borboletas* (1893); Augusto Sá, de *Épuras* (1894), Raul de Villeroy, de *Flores Rubras* (1897); Leal de Souza, que mais tarde se vai tornar um bom poeta parnasiano, autor do *Album de Alzira* (1899), livro de estréia; João Belém, outro dos estreates do período, com o *Aerólitos* (1891), e José Bernardino dos Santos, Cândida Isolina de Abreu, Cândida Fortes Brandão, Talloni Júnior, José Teodoro de Miranda, Timóteo Faria Corrêa Filho, Geraldino Silveira, Artur Candal de Carvalho, Carlos Bandeira Renault, Amália Vieira do Nascimento, Carlos Teixeira, Manuel Francisco de Bem, e Aurélio Júnior, aparecidos em fins do século, quase todos românticos retardados.

INTERVALO EUROPEU

Desde a sua fundação, à entrada da barra, pelo brigadeiro José da Silva Pais, a atual cidade do Rio Grande, primeiro núcleo organizado de povoação no antigo continente de São Pedro, tem preservado de descaracterizações mais ou menos profundas a sua origem lusa. A influência inglesa, nesse pôrto marítimo, foi também sensível, a partir de 1808, mas transitória e mercantil, não chegando, pois, a concorrer vantajosamente com a cultura de base peninsular. Ainda hoje, ali domina o tipo de vida portuguesa, apesar das transformações operadas; no século anterior, verificou-se o acrioulamento de tais influências; neste século, tende a cidade a ganhar nuanças mais cosmopolitas, dada a situação do seu pôrto, centro de intensa atividade comercial com o exterior. Mas a vida íntima das famílias, seus folguedos, suas festas de igreja, sua cozinha tradicional, são índices da permanência dos costumes portugueses nas camadas populares. E até mesmo o aspecto exterior da cidade, com os seus sobrados revestidos de azulejo do Pôrto, recorda a estirpe e a alma dos fundadores.

Na mais portuguesa das cidades rio-grandenses nasceram três de nossos poetas mais significativos, nesse período, a saber: Eduardo Ernesto de Araújo, Artur Pinto da Rocha e Mário de Artagão (pseudônimo de Antônio da Costa Correia

Leite Filho). Os três receberam na Europa — os dois primeiros em Coimbra, o último na Alemanha e em Portugal, onde viveu os seus últimos dias — a educação literária que os extrema da cultura gaúcha em geral, e não apenas da de chancela crioula. Ler-lhes os versos é respirar o clima espiritual europeu, percorrer velhos caminhos do Ocidente, sentir o pathos lírico de povos mais velhos, mais próximos da matriz latina.

Artur Pinto da Rocha, que teve vida longa, assimilou melhor, de retôrno à querência, a expressão afetiva da língua literária brasileira, mas não se libertou da influência portuguesa em seus melhores versos. Estes, em tudo — da temática ao mesmo afeiçoamento artístico — evocam o lirismo dos rosmaninhos, das tricanas e das aldeias de lá.

Eduardo Ernesto de Araújo, que morreu relativamente moço, pousou ainda menos, literariamente, na terra natal. Os versos que dêle ficaram, recolhidos pelo amigo e condiscípulo Pinto da Rocha, exprimem o modo de sentir entre magoado e garôto dos estudantes de Coimbra, onde a sua musa adolescente se expandiu gostosamente, à maneira da terra.

Já o poeta Mário de Artagão caminhou a princípio por horizontes mais amplos, tentou inclusive a abordagem da literatura alemã, de que lhe ficaram no espírito certas marcas, visíveis na tessitura metafísica em que se enlevou o seu pensamento. O poeta viria a abandonar o germanismo inicial, só se encontrando mais à vontade no momento em que, seguindo a lição do parnasianismo de Junqueiro, deu arras ao seu inconformismo, à sua revolta, esta bem pouco coerente, aliás, com as crenças monárquicas que tão bravamente defendeu pela imprensa. Da revolta, passou ao saudosismo. No fundo, ao cantar num longo poema o revés das armas portuguesas em Alcácer-Kibir, não fez mais do que traduzir o seu sebastianismo ingênito. Foi um pouco de tudo. Gomes Leal e Junqueiro, Nobre e Cesário Verde. Misturou germanismo e lusitanismo, religiosidade e ateísmo, suavidade e rudeza.

Mas êsses três poetas, bem superiores, pela inquietação metafísica e mesmo pelo aspecto formal, a muitos de seus conterrâneos do mesmo período, não tiveram aqui a boa acolhida que mereciam do ponto de vista artístico. A ambivalência psicológica — nem portugueses puros, nem brasileiros autênticos — prejudicou-lhes o renome e obrigou o mais discutido dos três, Pinto da Rocha, a uma confissão reveladora, quando da representação, em Pôrto Alegre, do seu drama *Talita*, recebido pela crítica local como obra portuguesa na inspi-

ração e na factura. Pinto da Rocha, defendendo-se, não pôde deixar de dizer:

“A minha adolescência e a minha mocidade fluíram em Portugal, nas escolas, nas aldeias, no seio patriarcal da família portuguesa.

“Com os portugueses, moços como eu, senti os pesares daquele grande povo, sorri nas alegrias daquela boa gente. [...] Dezoito anos correram para a minha vida feliz e descuidosa, naquela terra santa que é a pátria da saudade, e, quando o meu coração começou a sentir as amarguras do exílio [...] foi que eu aprendi a sentir a saudade do lar que aqui deixara[...].

“E como poderia eu, por que estranho processo de cirurgia, arrancar ao meu organismo essa metade portuguesa que constitui um nobre orgulho da minha vida?” (299)

Os três poetas citados ilustram uma fase não ultrapassada de conflito cultural. No Rio Grande, a que têm acorrido, a contar de 1824, fortes correntes imigratórias, ainda hoje não assimiladas de todo, seus nomes não configuram os únicos dramas pessoais ocorrentes na história literária. Um Koseritz e um Jansen, sólidamente germânicos, padeceram também do mesmo estigma; mas, por isso mesmo que estrangeiros natos, fizeram mais esforço para compreender e interpretar a terra de adoção.

MÁRIO DE ARTAGÃO

É Mário de Artagão (300) uma curiosa figura; rebelde, inquieto, monarquista em política, darwinista em ciência. A sua poesia exprime bem os vários estágios de uma inteligência fim-de-século: partindo da revolta social, notadamente

(299) V. Artur Pinto da Rocha, *Talita* — ed. Chardron, Pôrto, 1924 — parte final: “Resposta à crítica indígena” — págs. 149 e 150.

(300) Antônio da Costa Correia Leite Filho, literariamente Mário de Artagão, nasceu na cidade de Rio Grande em 16 de dezembro de 1866 e faleceu em Portugal no ano de 1937. Sacramento Blake, *Dic. Bibliográfico Brasileiro*, VI, 242-3, informa: “Começou sua educação na Alemanha, mas não pôde concluí-la, porque seu pai, ao cabo de três anos, o fez voltar à pátria para empregá-lo no comércio. Não houve razões, nem súplicas a que seu pai cedesse para dispensá-lo da vida comercial, e por isso deixou êle as vantagens, que lhe proporcionava a enorme fortuna paterna, para viver do seu trabalho”. Passou a viver do jornalismo, no Rio, em Pelotas, Recife, Pôrto Alegre, e sua terra natal. Partidário da monarquia, por ela lutou ainda depois

contra a Igreja, segundo a fórmula apostrofal de Junqueiro, terminou adotando o neo-romantismo risonho e inconseqüente de que nos dão notícia as peças em verso de Júlio Dantas.

Estreou-se em 1888 com *As Infernais*,⁽³⁰¹⁾ espécie de dramatização poética à maneira do poeta português Gomes Leal. Descreve em côres macabras a vida de um Lovelace, Antão d'Arouca, que, após gastar-se em orgias amorosas, morre abandonado e desiludido. Passando ao Inferno, para ser julgado por Lúcifer, d'Arouca começa a historiar em sonetos suas aventuras e sentimentos terrenos. Afinal, após estirada confissão das delícias que usufruíra, aparece-lhe Mário d'Artagão em pessoa e dá cabo de Satanás, isto é, mostra ao penitente que o seu julgador era uma criação "do frade e da beata". Desfeita a ilusão, morre Lúcifer,

"Mas não morrera o Instinto, êst'outro Satanaz,
Mil vêzes mais nojento, atroz e mais voraz." (302)

É, como se vê, uma criação de evidente mau gôsto, sem embargo do verso cantante. Mas teve na época o seu êxito, mercê das mesmas causas que ajudaram a difundir no Brasil o socialismo anárquico-difuso inspirado em Teófilo Braga

de proclamada a república. Redigiu no Rio, com Carlos de Laet, a *Tribuna Liberal* e em sua cidade o órgão monarquista, *A Atualidade* (1892-1893), fechado por ocasião da revolução de 1893, quando Mário de Artagão se refugiou, durante oito meses, no consulado inglês. Antes, trabalhara no jornal *Rio Grande do Sul*, deixando-o por questões políticas, e ainda no *Eco do Sul* e no *Correio Mercantil*, todos da província. Obras: *As Infernais*, poesias, Recife, 1888; (segundo outros, a 1.^a edição é da cidade do Rio Grande; a 2.^a, de que nos servimos, é de Recife, 1889); *O Saltério*, poesia, Rio Grande, 1894 (Há uma edição da Portugal-Brasil Limitada, Lisboa, s/data); *Música Sacra* poesia, Pelotas, 1901 (sem indicação de editor); *No Rastro das Águias*, poesia, Liv. Clássica Editôra, Lisboa, 1925; *Rimas Pagãr*, Comp. e Imp. na Sociedade Nacional de Tipografia, Lisboa, 1933; *Janina*, drama, 1900 (traduzido para o italiano). Anunciava em 1901, a publicar, os seguintes livros, que não encontramos, nem sabemos se vieram à luz: *O Crepe*, poema; *O Deputado*, romance, *A História de um Jornal*, luta de imprensa; em preparo: *Deísmo e darwinismo*, estudo; *A Taça*, drama, te-se sobre o alcoolismo. Em 1933 anunciava em preparo: *O Grande Exilado*, drama em verso, e *A Marcha para o abismo*, estudos sociais.

(301) Oferece o livro à Academia (deve ser a Academia Literária de França, que o inscreveu entre seus membros de honra) na carta que abre o volume, dirigida a George d'Olne e datada de Recife, 1.^o de dezembro de 1888.

(302) *As Infernais*, pág. 147.

da primeira fase, e sobretudo a exasperação junqueiriana, espécie de religião para indivíduos de curso lento.

Música Sacra — outro de seus livros — foi escrito, diz o poeta na introdução, para "acompanhar o Réquiem angustioso que a Saudade geme em tórno de duas catacumbas adoradas." Apesar do título, a revolta nêle se insinua e assinala os seus melhores momentos. Se não, vejamos esta declaração que aparece em nota liminar: "Apenas tenho olhos para o que me fica ao pé: — homens, lama, podridão e sapos!" Mas o livro, contraditório em tudo, termina com um suave poema de Natal. Vê-se que o inegável senso poético de Mário de Artagão se perdia sempre na mais aparatosa confusão de sentimentos, denunciadora de certa anarquia mental, a exemplo de alguns bons autores dos fins do século passado, brasileiros e portugueses. Um dos marcos dêsse itinerário em busca do nada é *O Saltério*, misto de panfleto monarquista, hino ao amor e espelho das frivolidades burguesas. Mera poesia de circunstância.

Ao chegar, porém, à maturidade, concebeu e levou a cabo um livro menos ambicioso e muito mais homogêneo. Referimo-nos aos poematos dramatizados que compõem o pequeno volume — *No Rastro das Águias*,⁽³⁰³⁾ embebidos de um caloroso sentimento luso, inclusive na evocação do *Desejado*, em harmonia com as convicções de quem, como o poeta rio-grandense, levou a extremos a sua solidariedade à monarquia. Nada há no livro que lembre a pátria do autor.

A forma se nos apresenta aí mais perfeita, o assunto sem descaídas, mas a dialogação lembra talvez excessivamente a música burguesa de Rostand e Júlio Dantas. A despeito de tudo, existe poesia nos seus alexandrinos seródios; a cena final d'*A Águia de Kionga* parece demonstrá-lo:

Dom Sebastião

"É certo!...

Sinto afogado em sangue o franco peito aberto...
Desde Alcácer-Kibir a minha sombra errante,
Como o esguio perfil d'um cavaleiro andante,
Passeia no Maghreb a tórva nostalgia
Da terra mais bonita e santa que Deus cria...
Espectros, como o meu, não morrem! Têm a vida
Granítica da Dor, que embora adormecida,

(303) Liv. Clássica Editôra — Lisboa, 1925.

Nasce e renasce enquanto houver, fremente e louca,
 Uma bôca a beijar, com febre, uma outra bôca!
 Julgais que estou vencido!... Olhai ao Nortel... Olhai!
 Uma asa!... Nada mais que uma asa que se esvai!
 Minha sombra, Muley! A doce sombra altiva
 Da terra por quem morro, eterna e rediviva!"

A voz dum muezzim
 (chamando os crentes à oração)

"Louvado seja Alá!"

Abd-el-Melek

"Maldita seja esta hora!"

O muezzim

"Orai, que perfumada, além, já rompe a aurora!"

Dom Sebastião
 (em profunda religiosidade)

"É numa aurora assim, candente e nupcial,
 Que canta e noiva e sonha uma águia em Portugal!" (304)

Escreveu ainda, entre outros, *O Psalterio na Kermesse* e *Rimas Pagãs*. O primeiro é um livrinho de 1896 e representa uma fase de galanteria rimada em sua obra. São barcarolas, canções leves, cousas de criatura enamorada. Já as *Rimas Pagãs*, publicadas quatro anos antes da morte do autor, nos levam ao passado. Ou melhor: é uma das peças do processo da sua decadência literária. Perdera, aí, Mário de Aragão a flama, a violência de outrora; passa a olhar tôdas as cousas enternecidamente, inclusive a terra natal. Mas o livro é todo artifício, como nos *Diálogos côr-de-rosa*. Na última parte, intitulada *Pátria distante*, lembrando-se do Brasil, deixa-se invadir por uma onda de ternura, e saúda o seu Rio Grande neste sonêto, ainda convencional, mas nem por isso menos artístico:

(304) Obra citada, págs. 21-22.

O Gaúcho

"Laço no tento, franco, de olhar vivo,
 Como um famoso cavaleiro andante,
 Lá vai o guasca intrépido e galante,
 Fundido em bronze, sôbre o pingo esquivo!

Por êsse pampa idílico e nativo,
 Onde o silêncio é môrno e perturbante,
 Corre e sonha e lateja a todo o instante
 A alma heróica do gaúcho altivo...

De poncho ao vento e de rebenque alçado,
 Enraivado de luz, transmonta o espaço!
 E nesse vôo audaz, desabalado,

Parece, numa fúria de vencê-las,
 Que vai, nervoso, derrubar no laço
 As manadas inquietas das estrêlas!..." (305)

(305) *Rimas Pagãs*, pág. 123.

CAPÍTULO XVI

A PROSA DE FICÇÃO,
DO ROMANTISMO AO NATURALISMO

INTRODUÇÃO. — OS PRECURSORES.
— REPRESENTANTES DO ROMANTISMO
INDIVIDUALISTA. — O GRUPO REGIO-
NALISTA. — O NATURALISMO E OS TE-
MAS URBANOS.

CAPÍTULO XVI

A PROSA DE FICÇÃO, DO ROMANTISMO AO NATURALISMO

Em cinqüenta e dois anos, desde Ana Eufrosina Eurídice de Barandas, com a *Filósofa por Amor* (1845), a Sousa Lobo, Mário Totta e Paulino de Azurenha, que escreveram de mão comum o *Estricnina* (1897), passou a ficção rio-grandense por vários estágios, explorou temas do campo e da cidade, conheceu diversas modalidades de estilo.

No período indicado, cujo início coincide com a deposição das armas pelos farrapos, surgiram muitos autores no domínio do romance, da novela e do conto. Este, precedendo as demais modalidades, se inaugura com o livro ainda impreciso, — mas extremamente interessante, do ponto de vista do choque das escolas, — da autoria de Eurídice Barandas, a quem dedicamos especial atenção quando do estudo que fizemos dos poetas e prosadores do ciclo farroupilha. O romance pròpriamente dito desabrochou pouco depois, com o admirável *Caldre e Fião*, que, por ser o criador do gênero no Rio Grande, ao mesmo tempo que Macedo e Alencar no centro do país, teve sua obra interpretada em capítulo especial. Apolinário Pôrto Alegre vai também estudado noutro lugar.

A ficção, entre os gaúchos, produziu inicialmente o romance individualista, sentimental; após, o romance condicionado ao meio social, atento às implicações determinadas pela terra, pelo gênero de trabalho e pela tradição local — e aí temos o chamado regionalismo. A essas duas tendências bem marcadas corresponderam obras que por si mesmas se classificam, pois não se fundem, — para exemplificar, — como expressão do mesmo processo, *A Donzela de Veneza*, de Koseritz, e a *Mãe do Ouro*, de Vítor Valpério, tão distanciadadas entre si, embora na aparência muito próximas.

Mas, abrindo novos caminhos, no decênio de 80 aparecem por aqui os primeiros naturalistas. Paulo Marques, no mesmo ano da publicação d'*O Mulato* e das *Memórias Pós-tumas de Braz Cubas*, quebrou na cidade de Pelotas, com a sua ficção atrevida, a unanimidade, o conformismo, a rotina,

e outros lhe seguiram o passo, se não com o mesmo brilho, com o mesmo destemor, ameaçando os modelos já consagrados pelo gosto e pela tradição.

Agrupemos, pois, segundo as tendências indicadas, os autores que em meio século, até ao aparecimento da novela simbolista, dividiram entre si campos tão opostos:

- A única figura do *pre-romantismo* é Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, autora de *Filósofa por Amor*;
- à corrente do *romantismo individualista* pertencem: Carlos von Koseritz, Carlos Eugênio Fontana, Sátiro Severo, Colimério Leite de Faria Pinto, Apeles Pôrto Alegre, Hilário Ribeiro, Damasceno Vieira, Arge-miro Galvão, Carlos Ferreira;
- ao *romantismo regionalista*: Caldre e Fião, Apolinário Pôrto Alegre, José Bernardino dos Santos, Alberto Coelho da Cunha (Vitor Valpírio), Luís Alves Leite de Oliveira Bello, Carlos Jansen, João Mendes da Silva (Heráclito);
- ao *naturalismo*: Paulo Marques, Francisco de Paula Pires, Maria Benedita Câmara de Bormann (Délia), Pardal Mallet, Pedro Osório, e os três autores de *Estricnina* — Sousa Lôbo, Mário Totta e Paulino de Azurenha.

Note-se a ausência, na classificação acima, do Realismo. Com efeito, não tivemos naquele meio século nenhum autor que abraçasse a ficção obedecendo à tendência analítica definidora dessa escola, sem embargo da grande influência de Spencer e, no geral, do cientificismo europeu de fins do século sobre os maiores adeptos do zolaísmo entre nós.

Cumpra observar, agora, que se os ficcionistas do período criaram personagens que se popularizaram, nenhum autor espontâneo, imprevisto, de prosa artística arrebatadora, transpôs as fronteiras. Nenhum suscitou imitadores em outros centros nacionais.

No geral muito carregados de peculiaridades, notadamente os do *romantismo regionalista*, a sua devoção à que-rência fê-los adotar a linguagem da campanha nos melhores passos da criação literária. Ganharam, com isso, um acento, um tom e uma fisionomia que os distinguem à primeira vista, mas tal circunstância impediu que suas obras se difundissem fora do círculo provinciano, tanto mais quanto a imprensa rio-grandense, muito ativa desde 1835, bastou aos gaúchos, que por aqui mesmo se imprimiram, não necessitando, como nas demais províncias, dos prelos portugueses ou cariocas. E no-

te-se: Pôrto Alegre não centralizava então a vida literária. Nela, como em Rio Grande, Pelotas, Bagé e outras cidades menores, os ficcionistas realizaram-se artisticamente sem maiores contactos uns com os outros, sem a vida de relação, o debate que o "Partenon Literário", surgido em 1868, quis em boa hora estimular. Em certa fase, o abolicionismo e o ideal republicano reuniram e aproximaram elementos esparsos; mas, libertado o escravo, feita a República, decaiu a flama literária, que se alimentara em boa parte das aspirações instiladas desde cedo no Rio Grande pelo espírito liberal. De 89 em diante a ficção arredou-se para dar lugar ao jornalismo político, à propaganda das idéias, à reestruturação republicana, e *quand même*, aos princípios filosóficos, o comtismo à frente. E a ficção não teve maior guarida nesse ambiente carregado de problemas da vida civil, os quais exigiam opção militante, por vêzes sangue — como no embate de 93.

Que os ficcionistas da época se dirigiram a escassos leitores, dadas as condições de pouca receptividade a que aludimos, diz o fato de nenhum deles ter sido aqui reeditado. Muitas obras de valor ficaram mortas em revistas e jornais.

As editôras de Pelotas, Rio Grande e Pôrto Alegre divulgaram, porém, ao lado da prata de casa, o seu Alencar, o seu Bernardo Guimarães, até mesmo Machado de Assis, mas os dois primeiros foram o prato de resistência do leitor gaúcho. Enquanto os autores se deixaram levar à imitação da linguagem colorida do primeiro e do feitio regionalista do segundo, já aí Aluísio, conjuntamente com Emile Zola, — pois nesse período foi que se verificou a maior influência dos franceses entre nós, — conheceram também o seu dia de festa.

Passando por êsses estágios de marcada influência dos maiores nomes do romantismo nacional — para não citarmos Herculano, com o romance histórico, e Victor Hugo com o sentimentalismo palavroso — os rio-grandenses continuaram fiéis à paisagem natal, ao seu temário, à sedução da linguagem oral.

OS ROMÂNTICOS INDIVIDUALISTAS

A obra de Caldre e Fião, como vimos antes, gira em torno de um aventureiro romântico, Vanzini, tipo completo e acabado do herói de folhetim, fantasioso e cínico, amoroso e cruel.

Pois o tema do proscrito social, muito em moda na época, evitou-o Carlos von Koseritz ⁽³⁰⁶⁾ nos quatro romances seus de que temos notícia, *A Donzela de Veneza* e *A Véspera da Batalha* (1858), *Um Drama no Mar* (1863) e *Laura, também Perfil de Mulher* (1873). O primeiro citado foi o único de seus trabalhos de ficcionista que conseguimos obter. Embora traga o subtítulo ambicioso de “romance contemporâneo”, *A Donzela de Veneza* é uma novelinha curta escrita ao correr da pena, com a fluência e o desembaraço próprios do grande jornalista alemão. Mas é de uma inconseqüência a tóda a prova. Fruto da fantasia, tudo ali é artificial, desde o cenário, a cidade de Veneza sitiada em 1849 pelas tropas comandadas pelo Marechal Radetzky de Radetz, até aos incidentes romanescos. Quando Koseritz aportou ao Rio Grande (1850), os intelectuais de todo o mundo vibravam de indignação contra os austríacos, cujas tropas assolavam o norte da Itália. O jovem “brummer”, imbuído de princípios liberais, pelos quais lutara em sua pátria, aproveitou o assunto em sua novela, que, como vimos, sendo inferior, em tudo, ao trabalho de Caldre e Fião, nem por isso deve ser esquecida, pois, na ordem das preferências dominantes, ao lado de Eugène Sue não fez assim tão má figura...

*
* *

No mesmo ano surge *O Homem Maldito* (1858), de Carlos Eugênio Fontana, ⁽³⁰⁷⁾ história mais complicada, mais próxima da verdade e com um fio romanescos mais perfeito. José Luiz, o proscrito social que justifica o título, é um sedutor de mulheres, ambicioso de renome, orgulhoso de suas proezas. O marginalismo social em que vive, repudiado por todos, exerce porém singular atração sobre o espírito feminino, e daí as suas aventuras de Lovelace fronteiriço, numa

(306) V. o cap. “Transição ao modernismo científicista”.

(307) Carlos Eugênio Fontana nasceu em Pelotas a 4 de nov. de 1830; ignoramos em que data faleceu. Apuramos que foi jornalista na fronteira e mesmo no Uruguai, onde montou tipografia, na cidade de Artigas, ali editando o *Comercio del Litoral*. Escreveu: *Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande, desde o descobrimento e fundação até a presente data* — in *Arcádia*, a partir de maio de 1867; reproduziu-os, em 1887, a *Rev. do Part. Lit. O Homem Maldito*, romance brasileiro, Tip. do “Eco do Sul”, Rio Grande, 1858. *Cenas da Vida* — romance, in *Arcádia*, 2.^a série.

atmosfera pesada de crimes, ambiente opressivo e sombrio, que Carlos Fontana consegue traduzir bem. José Luiz chefia um bando de fascinoras, ao qual procura atrair o irmão de uma de suas vítimas, Heloísa. As cenas mais patéticas do livro são aquelas em que o pai de Heloísa amaldiçoa o bandido e sua descendência, ignorando as ligações dêle com sua própria filha, que se engravidara. Nasce um menino, mas a casa incendeia-se e êste perece entre os escombros, para justificar naturalmente as maldições do avô, enquanto José Luiz, o pai desalmado, continua a sua vida de bandoleiro. Era o Homem Maldito, insensível e mau, que moldara a sua vida — diz o autor — por êstes versos de Gomes Leal, seu canto predileto:

“Sou assassino, manchado
Com sangue de meus irmãos!
Foi o meu nome riscado
Da lista dos cidadãos!”

Recursos como êsse, de evidente mau gosto, desfiguram as boas intenções de Carlos Fontana, sacrificando a verossimilhança em muitos trechos do romance, que evidencia, contudo, muitas qualidades positivas de seu autor.

*
* *

Colimério Leite de Faria Pinto ⁽³⁰⁸⁾ distinguiu-se pela fertilidade. Em trinta e cinco anos de vida, êsse homem en-

(308) Colimério Leite de Faria Pinto nasceu em Pelotas em 1852 e faleceu em março de 1887. No magistério e no jornalismo literário de sua terra exerceu grande atividade. Escreveu: *Albertina*, romance, Pelotas, 1873; *Meus Serões*, contos, 1879; *Queda de um Anjo*, romance, *Mendigo* e *O que eu Invejo*, poesias; *Traços biográficos de Clarinda da Costa Siqueira*. Para o teatro, as comédias: *Mais vale calar, que mal falar*, 1870; *Travessuras de um Estudante*, 1870; *Uma para dois*, 1872; *A Espera da Noiva*, 1874; *A Última Conquista*, 1879; dramas: *Caim*, 1874; *O Voluntário*, 1875; *Roma e a Família*, 1878; *Albertina*, 1878; *Paulo e o Bandido*, 1879. Traduziu as comédias — *Carmosina*, de Musset, 1871; *O Agente Secreto*, também de Musset, 1872; *Por um Irmão*, 1873; *Que Criança!*, 1873; *A Mulher-Homem*, 1881; e os dramas: *Catarina da Rússia*, 1878; *O Rei de Roma*, de Desnoyer e Léon Beauvallet, 1881; *Os Francos Juizes e os Invisíveis*, 1873. Traduziu também *Biblioteca Variada*, coletânea de contos e novelas, 1881. Deixou ainda um volume de poesias e um livro didático, ambos inéditos.

encontrou tempo para escrever ficção, teatro, poesia, e, bem assim, traduzir inúmeros autores. Produziu a jato contínuo, mas de sua enorme atividade muito pouco veio até nós, mesmo porque quase tôda a sua obra continua inédita. Nem haveria, à época, editor suficientemente ousado para fixar em letra de fôrma semelhante torrente de originaes. Estreou-se com o romance *Albertina* (1873), depois transformado em drama (1878), pois o seu forte foi sempre a comunicação direta com o espectador, à luz da ribalta. E quanto a isso de saber insinuar-se e conquistar o público, Colimério Pinto foi um mestre. De 1870 a 1881, na cidade de Pelotas, teve-o prêso, em noitadas rumorosas, às paixões agudas e aos quiproquós infundáveis impostos pela arte teatral do tempo às imaginações suburbanas. Um dos ídolos do autor foi Musset, o poeta como o dramaturgo, cujas obras traduziu e imitou. Apesar de suas andanças pela literatura estrangeira, ou por isso mesmo, não encontrou a sua própria feição definitiva. Em sua prosa, o improvisado feliz delineia mas não aprofunda o traço. É o que vemos nos contos que reuniu em *Meus Segredos*, onde a ingenuidade do narrador, em matéria de enrêdo, se espelha em títulos como êstes: *A virgem do cemitério*, *Amor macarrônico*, *A herança do poeta*, *Em Veneza*. Cousas assim, próximas da banalidade sem remédio, que tiveram, porém, os seus consumidores ávidos e sôfregos; a sociedade da época não queria outra cousa. Demasiado prêso à ligeirice, Colimério Pinto nada acrescentou de positivo às letras rio-grandenses, senão que satisfez o seu público, divertiu-o, dando-lhe a impressão de que fazia boa literatura. Um ilusionista.

*
* *

Na Ilha dos Marinheiros, fronteira à cidade de Rio Grande, Damasceno Vieira fez transcorrer a sua novela *Uma História de Amor*.⁽³⁰⁹⁾ Mas o cenário, aliás magnífico, daquelas paragens deixou de ser indicado, mesmo em linhas fugitivas, de modo que, praieira na intenção, a narrativa poderia ter por ambiente qualquer outro lugar. A presença do mar, os costumes dos pescadores, em cujo meio vive a maioria das personagens, os costumes típicos da região, de nenhum desses condimentos se aproveitou o novelista, do que resultou a falta de interêsse de quase tôdas as suas páginas; aliás, as bem escritas são poucas. A efabulação segue em tudo o des-

(309) Sôbre o poeta, v. bibliografia em outro capítulo.

carnado, o incaracterístico da paisagem apresentada. O que há de mais rio-grandense em *Uma História de Amor* é o sapa-teado do *tatu*, ao som da viola.

A novela principia com o naufrágio de Júlio, numa noite de tempestade; salva-o a moça Marieta, filha de um pescador, e, como é do jôgo romântico, mal se vêem, no dia seguinte estão apaixonados um pelo outro, mas o rapaz esconde os seus sentimentos, por saber que ela estava prometida. Dêsse desencontro de paixões arrasantes, pintadas sem a menor finura, se tece a novela, que não fixou senão a fantasia de Damasceno, à maneira de um Bernardin de Saint-Pierre, mas sem imaginação, pobre de inventiva, só se assemelhando a seu modêlo pelo tom lamecha, pelo primário e falso dos caracteres que delineia. O que há de curioso é que o autor, pouco tempo depois, iria refugar por completo êsse romantismo inconseqüente, já agora na poesia, tornando-se no Rio Grande um dos precursores da "poesia científica".

*
* *

O romantismo individualista foi também o sêlo distintivo de Sátiro Severo,⁽³¹⁰⁾ autor de uma novela inacabada. Estava a publicá-la na *Arcádia* quando o dever o chamou aos charcos paraguaios; por lá desapareceu, ou, não mais regressando à cidade do Rio Grande, onde residia, deixou em suspenso a sua novelinha, tão simpática na intenção e até mesmo na forma. Teríamos de citar ainda as novelas que na mocidade publicou o curioso, vivo, incansável Aquiles Pôrto Alegre,⁽³¹¹⁾ que, romanceando a vida da cidade, narrando casos ou fazendo biografia, fêz contudo um romance mais palpitante, história colorida, movimentada. Vamos omitir os seus trabalhos de ficção, que pouco lhe valem à perenidade do nome. Já era mais interessante, como contador de histórias irreais, o educador Apeles Pôrto Alegre,⁽³¹²⁾ bem como Hi-

(310) Sôbre Sátiro Severo sabemos apenas que começou a publicar a sua novela — *Retratos da época* — na *Arcádia* (1867), a qual ficou incompleta, por ter seguido o autor para a Guerra do Paraguai.

(311) V. a bibliografia do autor.

(312) Apeles Pôrto Alegre nasceu na cidade de Rio Grande a 24 de outubro de 1850 e faleceu na capital do Estado a 6 de julho de 1917. Poeta, jornalista, contista, mas sobretudo educador. Fundou *A Imprensa*, órgão republicano (1880). Em seus primeiros trabalhos literários, na *Rev. do Part.*, usou do pseudônimo de *Tancredo*.

lário Ribeiro, ⁽³¹³⁾ que se difundiu por todo o Brasil com os seus *Livros de Leitura*, alimento exclusivo que foram de muita gente que em suas historietas ingênuas e fraternas aprenderam a decifrar o alfabeto. O bom Hilário cometeu um pecado: a novelinha *Margarida*, inserta na revista do "Partenon Literário", sendo o autor ainda muito jovem. E era claro, límpido, tranqüilo e seguro na maneira de narrar. Não aconteceu o mesmo a Argemiro Galvão, ⁽³¹⁴⁾ homem de outra mentalidade, combativo, com fumaças de pensador. Uma boa cabeça que se deixou dominar pelo filósofo de Montpellier. Antes da infecção que lhe paralisou a pena de ficcionista para ativar a do jornalista político d'A *Federação* e da *Reforma*; antes de se diplomar em Direito na capital paulista, Galvão publicou *A Filha do Estancieiro*, que muitos biógrafos transformaram em *Filha do Estrangeiro*. Ao ilustre homem público teria sido indiferente a troca, porque tal livro, fruto dos 17 anos, não revela senão a sua inteligência pronta e ágil, tão louvada, aliás, por seus companheiros, jovens como êle, entre outros Assis Brasil e Amaro da Silveira. Assis, homem grave em tudo, não perdeu, porém, o ensejo de adverti-lo da inconsistência daquela primeira tentativa. E termina dizendo-lhe que devia aproveitar a inteligência para ampliar o tema, retomando os costumes da província, com o objetivo de dar à estampa trabalho mais aperfeiçoado.

A essa família literária, composta por moços inexperientes, vai juntar-se o já consagrado poeta Carlos Ferreira. ⁽³¹⁵⁾ Em S. Paulo, Campinas e Amparo, por onde andou, fêz

(313) Hilário Ribeiro de Andrade e Silva nasceu em Pôrto Alegre a 1.º de janeiro de 1874 e faleceu no Rio a 1.º de outubro de 1886. Poeta, dramaturgo, educador. Publicou copiosa literatura didática. Foi professor de desenho da Escola Normal de Pôrto Alegre e do Liceu de Artes e Ofícios do Rio. Escreveu os dramas *Risos e Lágrimas* e *Aurélia*, ambos publicados na *Rev. do Part. Literário*, onde deixou alguns esboços biográficos de escritores e poetas.

(314) Argemiro Cícero Galvão nasceu no Rio Grande do Sul. Formou-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo e ali participou da propaganda republicana, como jornalista. Em Pôrto Alegre colaborou no *Jornal do Comércio*, *A Reforma* e *A Federação*. Foi um dos adeptos da escola germanista de Tobias Barreto, "revoltado contra o rei e contra Deus", diz João Maia, *Lit., Letras e Artes, in O Rio Grande do Sul*, de Alfredo R. da Costa, pág. 127. Escreveu o romance *A Filha do Estancieiro* — Tip. do *Jornal do Comércio*, P. Alegre, 1876 (seguido de outro, *O Anel e a Carta*, sob o pseudônimo de *Ataliba Vale*). Traduziu: *Aparições*, de Tourgueneff.

(315) Sôbre o poeta Carlos Ferreira, v. bibliografia em outro capítulo.

boa cópia de trabalhos de ficção, tratando-a, porém, com a leveza descompromissada do jornalista ágil e brilhante que sempre foi.

E com êsses nomes, autores de romances, contos ou novelas de tipo neutro, que, à falta de outra denominação, rotularemos de literatura "mate doce", termina o nosso estudo sôbre o grupo dos românticos individualistas.

O GRUPO REGIONALISTA

O primeiro romance de José Bernardino dos Santos, ⁽³¹⁶⁾ *A Douda*, escrito mal acabava o autor de completar vinte anos, padece de certos defeitos, que se explicam, em grande parte, pela circunstância de ter sido composto, dia a dia, para o folhetim de um dos jornais de Pôrto Alegre. Apesar de tudo, foi bem recebido. Havia em suas páginas um assunto inexplorado — a vida do tropeiro, as peculiaridades da região serrana, e, a mais, uma paixão ardente, que terminava em loucura... Os condimentos românticos, aplicados à realidade do viver gaúcho, agradaram ao paladar das gentes de então. Mas a comissão de crítica do "Partenon Literário", pela pena de Apolinário Pôrto Alegre, apontou em longo estudo as falhas, imperfeições e deslizos do autor, que, reescrevendo sua obra, voltou a publicá-la na revista *Murmúrios do Guaíba*, por êle fundada e dirigida. A despeito das correções, permaneceu *A Douda* com o seu defeito principal, que José

(316) José Bernardino dos Santos nasceu em Pôrto Alegre a 20 de maio de 1848 (segundo outros, a 20 de fevereiro) e faleceu em Caxias a 1.º de junho de 1892. Fêz-se notar como jornalista, dramaturgo, poeta, romancista e orador eloqüente. Foi um dos primeiros regionalistas gaúchos e tomou por tema a vida das populações do planalto de Cima da Serra. Usou em seus trabalhos de ficção o pseudônimo — *Daymã*. Era funcionário da Tesouraria da Fazenda e serviu como Voluntário da Pátria na Guerra do Paraguai. Escreveu: *A Douda*, romance republicado, em parte, na revista *Murmúrios do Guaíba* (1870), fundada e dirigida pelo autor; *Y-Juca-Pyrama*, versão em drama lírico do poemeto de Gonçalves Dias (1869); *Frei Cristóvão de Mendonça*, drama, na mesma revista (1870); *Serões de um Tropeiro*, coleção de contos serranos, in *Rev. do Partenon Lit.* (1878), além de outros trabalhos menores, como o relato — *Batalha de Aquidabã* (*Murmúrios do Guaíba*, 1870). Deixou inéditos: *A Bodega de Mafalda*, romance de costumes pôrto-alegrenses, e *Memórias de um Rebelde*, autobiografia. Não consultamos seu livro de versos — *Flores de Maio*.

Bernardino iria repetir num segundo romance — a descrição estirada, muitas vezes fora do assunto. Exemplifica-o a parte inicial daquele livro, onde o paisagista nos traz de barco, desde a desembocadura da Lagoa dos Patos, até Pôrto Alegre, quando o romance se passa nos arredores do morro da Sapucaia... Hesita em entrar no assunto, descreve, tangencia, desborda. Mas quando a ação principia, o autor domina o ambiente, joga bem os diálogos, dá-lhes graça e pitoresco.

O que mais interessa, porém, em José Bernardino, é ter aberto caminho, como ficcionista, não só n'*A Douda*, mas principalmente nos *Serões de um Tropeiro*, ao estudo da natureza, do homem e dos costumes da região de Cima da Serra. Apesar de muito nova, quando êle apareceu, a ficção rio-grandense havia desprezado a região do Nordeste por outra mais cheia de vida, mais facilmente captável em seu pitoresco, em seu estilo de trabalho, em sua fisionomia heróica — a campanha. Em verdade, dos campos de Cima da Serra tivéramos já um pano de amostra, bem ralo por sinal, nas primeiras páginas d'*O Vaqueano*, bem como num conto "estúrdio" de Vítor Valpírio. Na dedicatória de sua novela, Bernardino referiu, aliás, a coincidência de se terem voltado para a região serrana aquêles escritores, "quando é ela, incontestavelmente, menos populosa, menos rica, menos culta, menos célebre, finalmente menos importante, sob qualquer ponto de vista pelo qual se pretenda estabelecer o confronto, do que a zona meridional". Não teria sido estranho a tal coincidência o fundo romântico daqueles escritores, todos pertencentes ao grupo do "Partenon", aos quais devia seduzir, sem dúvida, o rude, o selvático daquelas paragens, o alpestre das montanhas e vales por onde campeava o índio ou era ainda muito viva a sua lembrança, pois o imigrante chegara havia pouco para derrubar a floresta e semear as lavouras.

Os *Serões de um Tropeiro* não foram, porém, notados sob êsse aspecto senão por alguns espíritos mais agudos. Ademais, de um modo ou de outro, era mais fácil enfrentar literariamente a campanha. Os campos que bordejam e cruzam o planalto da serra apresentavam em 1874, ano do aparecimento do primeiro capítulo da novela de José Bernardino, uma face misteriosa, sendo quase desconhecido o homem sombrio e distante que residia no seu chão. Por que lado tomá-lo? Como romancear-lhe os costumes, desconhecidos dos literatos da época, quase todos homens da campanha? Bernardino pô-

de, contudo, sair-se mais ou menos bem de sua emprêsa: conhecia a região, tendo nela vivido a maior parte da sua meninice. E tão certo estava de que havia por lá matéria romanesca de sobra, que dirigiu aos confrades, nas páginas iniciais da novela, um convite para que explorassem o planalto. Seus companheiros, gente de Pelotas, Rio Grande, Jaguarão, Alegrete, Uruguaiana, não se deixaram seduzir, no que fizeram bem, porque lhes faltava experiência, conhecimento vivido, afetividade, para romancearem a vida áspera do serrano.

Contudo, o pitoresco andava de rastros por lá, a pedir observador ágil que o colhesse em sua riqueza de matices. Compreendendo-o, o autor dos *Serões* tentou fazer viver nas serranias agrestes, através da ficção, a bela e rude figura do Tenente Nico, a prima Nhainha, o velho estancieiro, os peões negros e índios, o mundo, enfim, dos birivas, resultante do empuxe para o Sul dos lagunenses e dos tropeiros de Sorocaba. O romance teria, ainda, um elemento novo — os "lamãos" que se haviam infiltrado por aquelas picadas, desde o ano da sua chegada a S. Leopoldo, na infância do primeiro Reinado.

Avulta particularmente, nesse ficcionista, o sabor da linguagem coloquial, traduzida aliás sem pedantismos ou excessos. Lamentamos, apenas, que no seu relato houvesse o autor, homem culto, introduzido longas e maçantes interpolações de história e botânica. Material excelente para notas finais foi ali espalhado a êsmo, desfigurando o texto, desviando-nos a atenção, sacrificando, enfim, a fluência e naturalidade do romance. Porque, a despeito de anunciado e comentado como uma reunião de contos, os *Serões de um Tropeiro* formam um só romance, a que não faltou o amor dos primos, a insídia do selvagem, o pitoresco das festas e celebrações empapadas de sentido folclórico. Sente-se, por outro lado, que aquela humanidade rústica se acha muito mais próxima do tronco português, que ali o cerne da língua é mais duro, mais consistente. Desde a época da publicação do romance, até nossos dias, a situação transformou-se bastante. O planalto é também um dos pontos do território rio-grandense em que a aculturação se tem feito presente de maneira intensa, com a participação de alemães e italianos. Bernardino dos Santos já fala, por exemplo, com algum desdém, da viola serrana, instrumento do povoador primitivo que a sanfona do alemão e do italiano vai fazendo rarear cada vez mais.

Aos amantes da filologia oferece êste romance um manancial inesgotável. A cadência da frase, as corruptelas, o vocabulário, as alterações semânticas — delícia dos filólogos — estão quase virgens de pesquisa na obra de José Bernardino dos Santos.

E onde fica, então, o romance como tal, a história vista do ângulo literário puro e simples? Não indagemos disso. Embora fôsse um escritor de imaginação, capaz de levar a sério o seu tema, e tendo dado excelente demonstração de suas possibilidades de narrador, Bernardino está longe de ser um grande romancista, mesmo se encarado com a indulgência a que nos obrigamos na apreciação dos prosadores dêste período. Cenas, fixou algumas realmente magníficas. Os diálogos dos tropeiros, quando voltam à estância, logo nos primeiros capítulos; a luta com o "tigre", o conflito dos peões, a festa da chegada, aqui e ali se recolhem páginas reveladoras de uma sensibilidade muito bem dotada. Contentemo-nos com isto.

Nêle, o que permanece é o caráter regionalista de que se reveste a sua linguagem, e mesmo o seu espírito, tão impregnado do sentimento da terra natal. Vale por sua afetividade literária ao *terroir*, pela ternura com que evocou os pais da sua infância, pela fidelidade com que transplantou à prosa a linguagem do biriva.

Teve intuição poética e abriu caminhos. Ou melhor, indicou-os, porque ninguém mais voltou a trilhá-los. Foi pena. Abandonou-se um esplêndido material romanesco, que teria dado mais variedade à literatura rio-grandense, até agora fechada, no que tange ao regional, no brete da campanha.

A própria encosta da serra só veio a ter, neste século, com a *Noite de Reis*, *A Vila da Serra*, e *No Planalto* os seus descobridores, desajudados, porém, de condições pessoais tão brilhantes como as de que deram provas José Bernardino dos Santos e Vítor Valpério. E ainda assim os livros por último referidos apenas tomam o material de um ângulo mais estrito, sem a imponência estilística, a inventiva, a fantasia do romance. Continua à espera dos contadores de história aquela ampla região do Rio Grande.

*
* *

Vítor Valpério ⁽³¹⁷⁾ escreveu e publicou aos vinte anos, na *Revista do Partenon*, onde foi recebido como uma revelação, a novela *Mãe do Ouro*, uma das obras características da época. Um ano antes do moço pelotense, cuja modéstia e timidez tanto lhe prejudicaram a carreira, Apolinário Pôrto Alegre, seguindo a linha nativista de Caldre e Fião, começara a tratar de temas gaúchos n' *O Vaqueano*. Vítor Valpério, a pouca distância, seguiu-lhe o exemplo, na citada novelinha, que se passa também na campanha, tendo por cenário as margens do arroio Piratini, com exceção do capítulo intitulado *Um par de galhetas e o casal Albernais*, movimentado relato da vida dos ascendentes de Janjoca, o peão de estância pai da heroína. Sômente naquele trecho se insinua o observador de costumes, com tal propriedade e graça, que o açoriano Albernais, saudosos da sua ilha, indo procurar na bebedeira dominical — único momento em que se furtava ao trabalho duro — compensação à sua nostalgia de ilhéu desterrado, chega a impressionar, afigurando-se-nos uma pessoa viva, como nenhuma outra personagem do livro. Mas é na campanha que as paixões definidoras da história têm o seu ambiente, a sua motivação, a sua poesia. Sem a agilidade demonstrada naquele capítulo, mas revelando, ao contrário, uma aceitação muito passiva da moda romântica, o autor apresenta, contudo, boas cenas — a tempestade, o umbu decepado pelo raio, a corrida de dois parceiros, a cobra coral em luta com o sapo. A descrição do cenário deu uns toques delicados, quase feminis, não inteiramente enjoativos, mesmo porque não é aí que reside a pouca consistência do seu trabalho de ficcionista. Êste se ressentia de vigor, de amplitude e segurança, quando Anita, menina e moça, se apaixona por Leonel. Por outro lado, quando nela despontam os primeiros impulsos da

(317) Nome literário de Alberto Coelho da Cunha, natural de Pelotas, onde se educou, foi propagandista da República e morreu afastado das atividades literárias a que se entregara com tanto brilho na mocidade. Informa Aquiles Pôrto Alegre (*Serões de Inverno*, Liv. Selbach, P. Alegre, 1923) que após a queda do Império Alberto Cunha deixou por completo as letras. Publicou: *Mãe do Ouro*, novela, "Rev. do Partenon Lit.", 2.^a série, 1874; *Pai Felipe* e *A Filha do Capataz*, contos, idem, respectivamente em 1874 e 1875. Colaborou na revista *Arcádia*. Conta o diretor dessa revista uma das originalidades de Alberto Cunha: reme-tia-lhe a colaboração pelo correio, de modo que durante algum tempo se ignorou na cidade quem fôsse o autor disfarçado com aquele pseudônimo.

sexualidade, o autor foi de uma delicadeza de traços realmente exemplar. Desejamos dizer que sendo o fio central o amor da moça pelo desconhecido que ela socorrera e abrigara em casa, era preciso dar mais fôrça aos sentimentos, mais vivacidade à cena em que Leonel passa com a mulher, num dia de carreira, sem perceber a menina enleada e chorosa que morria de amôres por êle. Aí é que faltou a Vítor Valpírio bastante fibra para encarar o tema de frente. Mas, não. Resvalou de novo para o descritivo, dando-lhe em todos os momentos um tratamento assemelhado ao de Alencar. Diga-se entre parênteses, que domínio teve o romancista cearense sobre os seus contemporâneos! Poucos escaparam à sua influência, de tal sorte que abrir uma dessas novelinhas escritas no Sul é topar fatalmente com a marca alencariana. Se tal sujeição muito desmerece a prosa de Vítor Valpírio perante os leitores de hoje, isso não quer dizer, porém, que lhe faltasse inventiva ou capacidade para escolher bons temas. Em linhas gerais, a *Mãe do Ouro* é bem traçada, segue uma linha contínua. A lenda que dá nome ao livro, narrada aliás com fluência e beleza, é que pouco importa ao desenvolvimento e desfecho do enredo.

Vivendo em Pelotas, Vítor Valpírio conhecia bem o trabalho das charqueadas, ao que se deduz do bom uso que fêz do vocabulário dos carneadores. Aproveitou o tema, até ali desprezado, em dois pequenos contos, *Pai Felipe* e *A filha do Capataz*, mas sobretudo no primeiro, onde nos apresenta um drama comum naqueles tempos, o sofrimento do negro escravo nos rudes trabalhos da "canha", da "pilha" e da salga. *Pai Felipe*, conto até certo ponto brutal, foi conduzido com habilidade; em nada falseia o sentimento primário das personagens e o ambiente de sangue e violência que lhe serve de moldura. *A Filha do Capataz* é já uma aventura amorosa, em que a parte final, tendendo ao cômico, não atinge o efeito desejado. Não convence.

A tais produções juntem-se ainda as que o autor publicou em sua cidade natal, na *Arcádia* e outros periódicos, sempre com a mesma naturalidade de composição. Não vamos examiná-las. Porque é bastante a pequena mancha colorida de poesia deixada em *Mãe do Ouro* — a lenda contada por uma das personagens femininas — para querermos bem a Vítor Valpírio e lamentarmos que não houvesse chegado a produzir o que o seu estilo claro e enxuto deixava prever. Estilo areja-

do, agradável, contrastando com o de Apolinário, que por outras razões teve entre nós maior prestígio.

*
* *

Oliveira Belo, ⁽³¹⁸⁾ autor d'*Os Farrapos*, retratou no seu romance, mais que os costumes gaúchos, as adversidades da revolução de 35. Escrevendo-o trinta anos após o término da luta, encarou-a sob prismas sombrios, o do jôgo das paixões desaçaimadas. ⁽³¹⁹⁾ Não deixa, é certo, de ressaltar o heroísmo dos rebeldes, sobretudo das grandes figuras, como Bento Gonçalves, mas o pano de fundo é o das ásperas realidades cotidianas — as chacinas inúteis, os degolamentos e outros excessos praticados por indivíduos como o Capitão Álvaro, tão só preocupado em enriquecer-se, sob o poncho de republicano, com o saque e o furto. E ao lado disso, a dedicação comovente dos que tudo sacrificaram pela república, a exemplo de Juca Silva, o herói da novela.

Mas, no fundo, parece ter querido Oliveira Belo demonstrar a tese de que a guerra civil devastara a província, mergulhando pessoas e lares no luto e na pobreza. É o que su-

(318) Luiz Alves Leite de Oliveira Belo, filho do político conservador e presidente de província de igual nome, nasceu em Pôrto Alegre a 17 de agosto de 1851 (Múcio Teixeira, *Os Gaúchos*, I, 359; segundo Sacramento Blake, obra cit., V. 344, nasceu no Rio em 1850; Damasceno Vieira, *Memórias Históricas Brasileiras*, I, pág. XXIII, diz que era fluminense) e faleceu no interior do Estado do Rio em 1914. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Presidiu a província de Santa Catarina e foi deputado à Assembléa Geral Legislativa. Conquistou renome de orador eloqüente. Abandonou a política. Escreveu: *Os Farrapos*, esboço de um romance brasileiro, que teve as seguintes edições: a 1.^a em folhetim; a 2.^a, primeira em livro, impressa na Tipografia da "Reforma", Rio, 1877; a 3.^a, nas "Oficinas da Livraria Moderna" Domingos de Magalhães, editor proprietário — Rio, s/d. (Lúcia Miguel Pereira, *Hist. da Lit. Bras.*, cit., indica 1878); a 4.^a saiu na "Biblioteca do Correio do Povo", s/d. e s/lugar (1896). Consultamos tôdas, mas lemos a última (exemplar pertencente a Othelo Rosa).

(319) "Vivem ainda atores da tragédia, inflexos pela velhice, mas com o rescaldo dos antigos entusiasmos, não de todo o pouco apagado talvez. Dez anos de luta porfiada não se diluem em trinta de paz ainda fraterna... O tempo urge, os testemunhos visuais vão desaparecendo, a tradição começa já a bordar as ramarias fantásticas da lenda na tela das narrativas revolucionárias; a fidelidade austera da crônica rende-se às seduções das musas, que inspiram os cânticos populares." (Págs. 25 e 26 da ed. de 1896).

cede a Chico Fernandes, velho guasca de Viamão, e seus dois filhos, Anita e Manduca, arrastados na voragem. O saque e o incêndio de sua casa, sob cujos escombros fumegantes perece o velho; as infelicidades de Anita, obrigada a tomar armas e fazer-se ao campo, nas partidas de gente equívoca, para salvar ao menos o seu amor ou vingar-se de uma infidelidade — tudo são mortes e ruínas. Tal visão dos acontecimentos difere da de seus contemporâneos ficcionistas, talvez porque Oliveira Belo tivesse motivos particulares para evocar sobretudo o lado negativo da revolução, que em sua própria família havia provocado enormes devastações. Seu pai, de igual nome, ⁽³²⁰⁾ herdara uma casa arruinada pelos efeitos da insurreição farroupilha, quando estudava em São Paulo, sendo êste, segundo se diz, o motivo por que, recém-formado, aceitou o cargo de promotor-público na comarca de Itaboraí. Mas, como famos dizendo, Oliveira Belo romanceou os planos secundários da revolução; dêsse ângulo, acentuou sobretudo as tragédias domésticas conseqüentes. Refere de passagem os grandes quadros do drama, para situá-lo no tempo, mas o que pinta são as pequenas cenas, os atos de heroísmo pessoal, a ambição de uns e a covardia ou pusilanimidade de outros.

A ação começa nos arredores de Santo Antônio da Patrulha e Viamão, passa-se à campanha — Caçapava e Alegrete, e lá termina com a restituição de Juca Fernandes à razão e aos braços de Anita. A paisagem domina as primeiras páginas, quando o autor descreve a caminhada de Juca até à capela. Deslocado o enredo para a campanha, apenas indica os traços principais da paisagem, sem se demorar, ou melhor, deixando-a quase de lado para se entregar por inteiro à narrativa.

Com efeito, o saque, o incêndio, a reunião dos chefes, o assalto a Caçapava, a libertação dos prisioneiros mandados à degola, a luta na estância do Padre Trindade — o que é ação desenrola-se sempre em traços incisivos. Os diálogos, algumas vezes longos, não revelam a preocupação de documen-

(320) "Não se destinava (o pai do romancista) à carreira da vida pública, mas, tendo a sua família perdido a modesta fortuna que possuía em consequência da guerra civil, que rebentou em sua província no ano de 1835, e que só acabou em 1844, foi obrigado a adotar essa carreira (...)" — Aquiles Pôrto Alegre, *Esbôço biográfico do Desembargador Luís Alves de Oliveira Belo, in Revista Mensal do Partenon Literário*, II ano, n.º 1, jan. de 1873.

tar a linguagem coloquial do gaúcho; contudo, registram o suficiente para adquirir côr local. No geral a narrativa é plana e bem urdida. Os tipos, por sua vez, são bem caracterizados, pessoas vivas e não sombras: o contrabandista, o gaúcho velho, o padre da campanha. O rastreador Manuel Serano, o anjo bom da história, enche tôda a novela. Estamos em dizer que é muito superior ao José Avençal, de Apolinário Pôrto Alegre, porque muito mais humano e verídico, sem a teatralidade do outro; confirma a impressão de que o autor se serviu da natureza, dos costumes e de um fato histórico para dar relêvo às paixões humanas.

Escritor correto e imaginoso, compôs uma novela que se lê com agrado de princípio ao fim e que, sendo regional, não chega a ser regionalista, no sentido em que empregamos o termo no tocante a *O Vaqueano*, de Apolinário.

Oliveira Belo herdou do pai, chefe conservador de largo renome no país, uma tradição de brandura que procurou continuar. Foi no retiro de sua fazenda, no Estado do Rio, que escreveu *Os Farrapos*. A distância do cenário gaúcho e a posição política do autor teriam favorecido o equilíbrio da novela, que, bem considerada a importância que empresta à análise das paixões, é já um sinal de realismo à vista. Realismo epidérmico, se quiserem, mas não romantismo tardio.

Apesar de tudo, o orador político tem sido destacado em detrimento do ficcionista, que nem sequer se menciona em obras como a de Sílvio Romero.

*
* *

Vejamos agora um *brummer*, companheiro e amigo de Koseritz, o culto e polido Carlos Jansen, cuja obra revestiu proporções modestas, pois se deixou absorver pelo magistério, nêle desenvolvendo notáveis qualidades de clareza e simplicidade, antes adquiridas na tarimba do jornal. ⁽³²¹⁾ Não se sabe

(321) Carlos Jansen, brasileiro naturalizado, nasceu na cidade alemã de Colônia e veio para o Rio Grande do Sul em 1851, como soldado da tropa dos *brummers*. (V. cap. XIII.) Exerceu o cargo de inspetor de colonização. Distinguiu-se no magistério e no jornalismo literário; fundou na Capital, com João Vespúcio de Abreu e Silva, a revista literária *O Guaiá*, a primeira do gênero a existir na província (1856). Transferiu-se no fim do Império para o Rio, onde publicou uma dezena de livros didáticos; foi professor de alemão no Colégio Pedro II e dirigiu um colégio. Com Machado de Assis, Sílvio Romero e Franklin Távora, redigiu a

quanto tempo permaneceu engajado na tropa, mas apareceu em Pôrto Alegre como editor responsável e redator d'*O Guaiába*, revista literária que reuniu um grupo de bons colaboradores, entre êles o aludido Jansen, Félix da Cunha, Zeferino Vieira Rodrigues Filho, João Capistrano Filho, Catão Damasceno Ferreira, Pedro Antônio de Miranda, Miguel Meirelles, João Vespúcio de Abreu e Silva, Inácio de Vasconcelos Ferreira, Eudoro Brasileiro Berlink e Rita Barém de Melo, então menina de seus quinze anos. (322) Foi depois eleito deputado provincial, mas não deixou memória na agitada política do tempo. Seu nome subsiste graças a uma pequena novela, publicada na *Revista Brasileira*, que até hoje não mereceu a vida menos obscura do livro, como fatalmente acontecerá no dia em que o passado literário do Rio Grande deixar de ser a nebulosa com que nos defrontamos.

Referimo-nos à novela *Patuá*. O narrador, falando na primeira pessoa, com o seu verdadeiro nome, conta que uma tarde, após estafante trabalho na redação do jornal político em que trabalhavam, êle e seu amigo Luís se puseram a considerar as delícias da vida do campo, de que estavam retirados e saudosos. Nisso, recebem de Jacinto, estancieiro à margem da Lagoa dos Patos, uma carta convidando-os para uma caçada de perdizes. Partem a cavalo, na manhã seguinte, e lá encontram uma bela moça, Glaura, filha do estancieiro. Visitam os arredores da fazenda e vêm a saber que o morador mais próximo, Roberto, guardava enormes ressentimentos de Jacinto, com quem havia demandado por questões de divisa. Na estância funcionava uma atafona, onde os hóspedes assistem à preparação da farinha, em meio a trovas e desafios de negros e agregados. Seguem-se novos passeios. Glaura encanta os rapazes com a sua sensibilidade. Luís publicara um livro de versos, muitos dos quais ela sabia de cor,

Revista Brasileira. Verteu, adaptando, ao português o *Robinson Crusôé*, com prefácio de Silvio Romero; as *Mil e uma Noites*, as *Aventuras do Barão de Munchhausen*, o *Dom Quixote*, e as *Viajens de Gulliver*, êste prefaciado pelo conselheiro Rui Barbosa. Escreveu a novela de costumes rio-grandenses — *Patuá*, publicada na *Revista Brasileira*, tomos I e III, 1879-80. Sacramento Blake, *Dic. Bibliográfico Bras.*, II, 75-6, menciona mais um romance, *Eliza*, que teria sido também divulgado numa revista da época; não nos foi possível identificá-la. Lemos o *Patuá* em cópia datilográfica, mandada fazer por diligência do escritor Athos Damasceno Ferreira; nossas citações nela se baseiam. N'*O Guaiába* publicou a novela *Um Defunto Ressuscitado*.

(322) V. capítulo — "Poetas da primeira geração romântica".

sem suspeitar fôsse êle o autor. Vem o namôro, e ficam prometidos. Voltam os amigos à cidade. Daí a dias recebem a notícia de que Jacinto fôra assassinado.

Partem para a estância com o chefe de polícia e iniciam as investigações, presenciadas pelo vizinho Roberto. Notam que êste mantém sempre a mão direita à altura do peito, a segurar o patuá que lhe pendia do pescoço, o qual, segundo a superstição corrente, tinha a virtude de "fechar" o corpo de seus portadores. Privado do amuleto, que Luís lhe arrebatara, Roberto sente-se perdido e confessa que praticara o crime para vingar-se do estancieiro. Encerrado num quarto, consegue porém fugir, não sem antes obter de volta o patuá, por intermédio de uma china, na ignorância de que a "carta de Cristo" fôra dêle antecipadamente retirada por Luís. Durante a perseguição, apontam contra o fugitivo, que nadava desesperadamente, as armas de fogo:

" — Podem atirar! — bradou êle em tom de triunfo e de desafio! — já tenho o meu patuá.

" — Sim — gritou nesse momento Luís — tens o patuá, mas a bôlsa está vazia — a carta do céu está na minha mão! "Roberto apalpou o patuá, e, conhecendo que Luís dissera a verdade, soltou uma imprecação forte, submergindo-se para só reaparecer sem vida."

Diante do cadáver de Jacinto, exclama Luís: "A superstição matou-te, a superstição vingou-te!"

Eis, em resumo, a novela de Carlos Jansen, que se lê com agrado, ante a naturalidade do enredo, a leveza e graça com que descreve a paisagem, a naturalidade das cenas, o tom finamente nostálgico pôsto na reprodução do ambiente. O paisagista é fino e discreto. A mesma discricção impera na apresentação da estância — a farinhada, o mate, a caça às perdizes, a luta com o "tigre", a doma de um redomão, a cura de uma rês mediante a aplicação do "rosário de garras". Os diálogos não chegam a ser tão postiços como os de alguns românticos da época. Aliás, o tratamento geral da novela pertence a esta escola. Mas o que lhe dá o pano de fundo é a superstição em que vivem mergulhadas as classes baixas da campanha. É um mundo desconhecido que se desvenda aos olhos dos dois companheiros vindos da cidade. Aqui e ali algumas tiradas racionalistas de Luís, que, depois de ter visto a cura da rês pelo processo da "simpatia", compreende a importância que para aquela gente tinha o patuá, que, como vimos, conduz à cena final. Por êsse lado, a novela poderia ter por cenário qualquer recanto do Brasil, mas o que ficou

de suas páginas é o toque habilíssimo com que retrata certos aspectos característicos dos costumes rio-grandenses. Vigor, propriamente, não há na história. As suas tintas são leves. Não aparece aí o gaúcho másculo e enérgico retratado por Apolinário e, já neste século, por J. Simões Lopes Neto. Os homens de Carlos Jansen não exibem os traços incisivos com que a ficção, sob o pretexto de originalidade, costuma desfigurar a vida. Europeu requintado, Jansen ficou nos planos do turismo literário das *Légendes Rustiques* de George Sand, a corrente em que também se inscreveu a doce nostalgia de *Inocência*. Talvez pela delicadeza do tom, pelo seu limitado objetivo "folclórico", ficou esquecida a novelinha; o regionalismo crioulo buscava outro brilho exterior, como em *Ruínas Vivas*, de Alcides Maya, aparecido alguns anos depois.

*
* *

A luta entre portugueses e espanhóis, no território missioneiro, deu a José Basílio da Gama o tema d'*O Uruguai*, onde aparece a figura feminina de Lindóia, que os versos do mineiro immortalizaram em nossa tradição literária. Mas, durante todo o curso do romantismo, quando seria normal a escolha de um tema indianista, os prosadores de cá fugiram a explorá-lo. Basta dizer que Sepé Tiaraju, o herói e santo da resistência autóctone, só recentemente teve no Sr. Manoelito de Ornellas o seu cantor, em termos de ficção. Os minuanos e tapes, os patos e os guanaans — a indiada dos primeiros tempos passou de raspão pela pena de nossos escritores, na fase aguda do movimento romântico. Só muito depois, já às portas deste século, buscou alguém produzir uma novela em que a sociedade aborígene fôsse apresentada em seus principais aspectos. Fê-lo um escritor modesto, arredado das confrarias literárias. Surgiu na pequena cidade de Taquari, chamava-se João Mendes da Silva⁽³²³⁾ e assinou seus trabalhos com o pseudônimo de *Heráclito*.

(323) João Mendes da Silva, que passou a assinar-se João Mendes de Taquari, viveu apagadamente no interior, sendo muito escasos os informes que colhemos sobre êle. Sabe-se que morreu como professor público na cidade de Taquari e que na mocidade (v. *Dedicatória*, in *Campeiro Rio-Grandense*), exerceu os mais diferentes misteres. Mostrou-me o prof. Lothar Hessel a certidão de óbito de João Mendes de Taquari, falecido com "52 anos de idade, mais ou menos", em 29 de abril de 1898, em conse-

Mais ambicioso do que parece à primeira vista, Heráclito quis totalizar em sua obra a generalidade do viver gaúcho, limitada, porém, ao estudo dos elementos formadores mais representativos da sociedade primitiva, a saber: o campeiro, o sertanejo e o índio. Com êsses três tipos poder-se-ia, realmente, sintetizar a vida gaúcha no século XVIII, sem esquecer, é lógico, o padre jesuíta. Heráclito não o esqueceu, revivendo-o na figura de Hermozila, mameluco rio-grandense, missionário da Companhia de Jesus.

A tarefa que se propôs obedeceu, sem dúvida, a um plano orgânico, vasto e difícil, a cuja realização não foi estranho o exemplo de Alencar na parte que concerne ao entrelaçamento da sociedade brasileira numa cadeia de romances. A semelhante propósito abalançou-se João Mendes da Silva, dentro dos limites indicados, sem ocultar o paradigma em que se inspirara. Diz êle, na dedicatória da *Índia Rio-Grandense*:

"Assim que começardes a lê-lo, vereis que modelei-o por *Iracema* — êsse poemeto do inimitável Alencar.

Antes d'ir adiante, devo dizer que não tive jamais a pretensão de imitá-lo; é apenas um tributo de homenagem que rendo ao grande escritor brasileiro: é o desejo veemente de ver continuado o gênero de literatura criado pelo eminente cearense.

Quando escrevi o meu *Sertanejo*, já alimentava essa vontade, mas reconheci, a tempo, que me faltavam as forças.

No *Campeiro*, o assunto não se prestava e ainda tive d'espáçar a admiração que consagro ao incomparável literato. Entretanto serviu, como sabeis, para mostrar aos nossos compatriotas o que vale o nosso gaúcho.

Só agora, na *Índia Rio-Grandense*, dou o testemunho que, há muito, tanto anelava."

A *Índia Rio-Grandense*, das três novelas de Heráclito, é a de mais imaginação. Parece ter sido escrita com o fim de dar uma origem lendária à escolha do local em que hoje se ergue a cidade de Taquari. Segundo refere, ali foi ter, após lutar pela pacificação das tribos indígenas que então se guerream, um padre jesuíta — Hermozila, herói da novela —

quência de ferimento provocado por arma de fogo. O escritor suicidou-se. Publicou: *O Campeiro Rio-Grandense*, romance, P. Alegre, 1889 — s/ed.; *O Sertanejo Rio-Grandense*, romance; *Índia Rio-Grandense*, romance — Tip. a vapor da "Agência Literária", P. Alegre, 1897; *Fundadores de Taquari*, in *Anuário de Graciano Azambuja* para 1896. Nos romances usou do pseudônimo de *Heráclito* e em outros trabalhos o de *João Mendes de Taquari*.

que construiu na selva uma pequena ermida, em torno da qual nasceria a cidade. Antes de publicar a novela, Heráclito inseriu no *Anuário* de Graciano Azambuja uma página documentada sobre os fundadores de Taquari. Omitiu-a, porém, daquele livro, onde devia figurar em apêndice, como anunciava a página de rosto. Não sabemos até que ponto o autor se baseou na tradição local para dar à sua cidade uma origem tão romanesca, mas, sugerida pela história ou fruto de imaginação, a *Índia Rio-Grandense* apresenta uma atmosfera poética bem próxima do tipo pretendido pelos corifeus do romantismo.

O seu entreccho é bem armado, de efabulação natural, e a narrativa consegue prender o leitor. A natureza da grande mesopotâmia formada pelos afluentes do Guaíba anima o quadro, sem perturbar, no entanto, com descrições escusadas, a fluência do enredo. O Padre Hermozila, de ascendência mameluca, a índia Obirici e seu pai, o velho cacique Juparetã, bem como as outras personagens, têm naturalidade, falam e agem como seres vivos. As correrias das tribos, seus hábitos e superstições, a vida nas malocas, tendem sempre, nessa novela, à poetização comum ao relato das lendas primitivas. Se, depois da obra do cearense, tudo quanto se fez nesse gênero sofre a desvantagem de um cotejo forçado com as obras do grande iniciador, mesmo assim não podemos dizer que João Mendes da Silva haja falhado. Atentas às qualidades reveladas pelo seu grande êmulo, não compôs um grande livro. Faltou-lhe maior agilidade estilística para ser inteiramente bem sucedido na arriscada empreza. Mas, narrador desprezioso, desenvolveu a sua fábula conservando todo o sabor da oralidade.

Ignora-se em que época João Mendes da Silva escreveu essa novela indianista. Publicou-a, porém, em 1897, quando já não era mais possível, salvo por um golpe de gênio, ressuscitar a maneira romântica, de há muito abandonada. Daí a sua inatualidade, que o próprio autor foi o primeiro a reconhecer.

Já os romances anteriores, *O Sertanejo Rio-Grandense* e *O Campeiro Rio-Grandense*, possuem a atualidade que vem do assunto, não esgotado de todo — o homem do interior, seus trabalhos, misérias e alegrias. E no segundo dos livros citados foi que Heráclito mais aprimorou a expressão, para bem traduzir a sua experiência. Aliás, vida movimentada, que só conheceu repouso junto ao apagado banco de mestre-escola, teve João Mendes da Silva: — em moço vagou pela cam-

panha, pelejou no Paraguai, fez comércio, arruinou-se; proprietário e patrão de chalupa, navegou as águas barrentas do grande estuário do Guaíba; e, na velhice, a cartilha do *abc* e os meninos de Taquari.

A figura do gaúcho que Heráclito modelou em prosa nada tem de falso ou convencional, isto é, não lhe deformou a vitalidade inata, mas também não a exagerou, como se estivesse criando deuses. E aqui é chegado o momento de aproximá-lo, num paralelo necessário, do bruxo velho que se chamou J. Simões Lopes Neto. O gaúcho plasmado por êste afigura-se um ser quase ideal, inclusive pela cadência poética de sua fala. Na sua oralidade tudo são imagens e boleios fraseológicos um pouco distanciados da vida, do tipo em carne e osso que nos acostumamos a ver e ouvir. É que Simões Lopes, usando da memória, procedeu como se retirasse as suas personagens da era "continentina." "Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas..." — escreveu na primeira linha do maravilhoso *O Negrinho do Pastoreio*. O tom evocativo, adequado à lenda do prêto escravo, é o mesmo, porém, que persegue e vitaliza tôda a sua obra de prosador. Ou por outra: Simões Lopes parece ter desenterrado um léxico perdido de há muito no chão da campanha; pôs na bôca do peão cousas esquecidas; ressuscitou têrmos, expressões e modismos do tempo em que as fronteiras do Sul oscilavam dia a dia, conforme a estrêla das armas portuguesas ou castelhanas. Essa impregnação do passado, de cousa morta — nostalgia, se quiserem, de uma arcádia crioula derruída pelo tempo, — evocada com tamanha graça, fôrça e poesia, pelo escritor pelotense, faz que o crítico de hoje, ao estudar os regionalistas de qualquer época, se veja forçado ao paralelo.

Heráclito, escritor de poucos recursos, contentou-se com o cotidiano, com a sua frouxa e diluída poesia; é o avêso do seu grande êmulo. Mas no fundo da mesmice, da fidelidade ao real, recriado tão discretamente, quem o leia de boa fé encontrará a mesma autenticidade, a mesma identidade com os pagos. E um dos aspectos que valorizam a contribuição de Heráclito é a maneira pela qual narrou algumas das cenas principais d'*O Campeiro Rio-Grandense* — o rodeio, a corrida, as carreiras, o jôgo de cartas, o fandango, a luta de adaga, a castração. Fleumático, de bombachas, discorre sobre tais cousas como se as estivesse vendo submissas a seus pés. Isso nos faz dizer que a sua imaginação, tão colorida na *Índia Rio-Grandense*, pouco trabalhou na arquitetura do Cam-

peiro. Tamanha naturalidade só se encontra em Luís de Araújo Filho, o "Laf" das *Recordações Gaúchas*.

O papel de Heráclito, de Laf e de Simões Lopes Neto, no que concerne à renovação da prosa gaúcha legada pela gente do "Partenon", só agora tem sido valorizado, quanto ao último, na justa medida. Mas o curioso é que todos eles viveram no interior, por lá escreveram, lá tiveram o seu público nem sempre muito "crente". A propósito, Carlos Reverbel, ⁽³²⁴⁾ ao pesquisar velhas gazetas em que se aninhava, esquecida, parte da obra de Simões Lopes, observou que o grande regionalista foi um "escritor municipal". Pois é preciso, agora, estender a denominação. Simões, Heráclito e Laf são, iniludivelmente, os maiores escritores municipais do Rio Grande, e nisto está a sua grandeza: viveram intensamente a realidade, e só depois a trasladaram à ficção.

O NATURALISMO

Paulo Marques, ⁽³²⁵⁾ imaginoso, inquieto, brilhante, com uma ponta de lirismo que lhe dá à prosa um tom meigo, foi a figura mais discutida do grupo pelotense, na época do Realismo. Pelo menos, com a sua ousadia, o seu destemor, o seu talento precoce, nenhum outro o sobrepujou, nenhum mais funda repercussão obteve, pois se tornou um caso literário que nem mesmo a sua morte, ocorrida aos 27 anos incompletos, no Rio de Janeiro, para onde se transferira, fez sair de imediato do cartaz. Viveu e pensou às pressas. Assimilando um pouco de Comte, saiu a dizer-se seu discípulo pelas páginas d'*O Arauto das Letras*, num artigo em louvor do amigo e

(324) V. Carlos Reverbel, *Esboço biográfico em tempo de reportagem*, in *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, 2.^a ed., Globo — P. Alegre, 1950, págs. 417-438.

(325) Paulo Marques de Oliveira nasceu em Pelotas a 13 de outubro de 1857 e faleceu no Rio em 1884. Além de poesias esparsas, escreveu os romances — *Alaísa*, Rio, 1880; *Verdadeiros Mistérios do Rio de Janeiro*, Rio, 1880; *Vênus ou o Dinheiro*, dado em folhetins no jornal pelotense *Onze de Julho* (1881) e após em livro, com uma nota de Francisco de Paula Pires, necrológio de Albino Costa e juízo crítico sobre a escola realista — Tip. da Liv. Americana, Pelotas, 1885. Deixou inédito, confiado à Biblioteca Pública Pelotense, o romance *A Canalha*. Sua comédia *Por causa de um chapéu de sol* foi representada na mesma cidade em dezembro de 1881. Foi redator da *Tribuna Literária* (1882); colaborou no *Arauto das Letras* de Pelotas, e na *Revista da Sociedade Fênix Literária e Tribuna do Comércio*, do Rio.

companheiro Paula Pires. Leu e releu Zola, e, movido por um fervor que se lhe percebe no estilo ágil, compôs o romance mais atrevido de quantos se publicaram no século passado, em terras do Rio Grande. É a *Vênus ou o Dinheiro*, dado à estampa pela primeira vez no *Onze de Junho*, e em livro após a morte do autor. Antecede, no tempo, com o seu realismo de côres vivas, ao mesmo Pardal Mallet, e filia-se à nova escola no ano em que Aluísio Azevedo surge com *O Mulato* e Machado de Assis com as *Memórias Póstumas de Braz Cubas*.

Peça forte, que fez época, — despertando reações violentas como as de que dá notícia o mesmo autor n'*O Arauto das Letras*, o jornal literário dêsse grupo destemido, — tal romance foi em 1881 uma pedra de escândalo na sociedade local. O que ali se apresentava, de forma poética algumas vezes, com um senso muito agudo do material romanesco recolhido, equivalia a uma revolução, e se as águas do S. Gonçalo não se tingiram de sangue, muito papel se encheu de tinta para alimentar polêmicas e diatribes. Formaram-se alas, partidos extremados, tanto mais quanto o autor era já antes disso bastante discutido, pois a sua comédia *Por causa de um chapéu de sol* fôra levada à cena num teatro da cidade, naquele mesmo ano (1881).

Ação intensa e rápida, que durou cinco anos, exerceu aquela vida vibrante, que está a pedir quem a situe no tempo e lhe estude tôda a obra, onde figuram mais dois romances, *Alaísa* e *Verdadeiros Mistérios do Rio de Janeiro*, os quais infelizmente não chegamos a ler. Blake faz menção ainda de um romance que Marques teria deixado inédito, *A Canalha*, título bem significativo do seu modo de enfrentar com bravura os temas da escola. É lógico que a leitura do que escreveu é hoje penosa, principalmente quando feita através dos jornais, como o já citado *Arauto das Letras*, onde lemos o seu romancete *A Nora do Banqueiro*. Mas um estudo repousado, o exame da atmosfera moral e social do tempo, a luta das facções rivais no campo literário, tudo isso há de ser feito um dia, e estamos certos de que Paulo Marques sairá engrandecido. O artista, nêle, se percebe ao primeiro relance. Notamos somente isto: o seu naturalismo bravio tinha muito da febre romântica. Faltou-lhe pachorra, experiência, objetividade para entrar a fundo nos segredos da escola. A rigor, talvez não se lhe possa aplicar o rótulo sem forçar a mão. Aquêlê ímpeto, aquela candura com que defendeu as posições da sua arte, frutos de convicção profunda ou mera in-

fluência ocasional, são de qualquer modo interessantes. Não nos antecipemos ao juízo definitivo que um dia se há de ditar acêrca do autor pelotense. Uma cousa, porém, é lícito afirmar desde já. Em poucos casos encontramos alguém que nos interessasse tanto, no Rio Grande, como vocação real para o gênero.

*
* *

Francisco de Paula Pires, cuja contribuição à poesia estudamos no devido lugar, teve em tórno de si, na cidade de Pelotas, um grupo que se decidiu revolucionariamente pelo Naturalismo. ⁽³²⁶⁾ Paulo Marques, Pedro Osório e Laranja Filho, entre outros, escandalizaram o meio com a sua ficção atrevida, sôco na ponta do nariz romântico, despertando a cidade de sua modorra digestiva. *A Tribuna Literária* e o *Arauto das Letras*, da mesma cidade, transmitiram o desafio dos "positivistas", como se chamavam então os discípulos de Zola naquelas paragens. E estampavam artigos de doutrina, poesias celebrando a evolução da humanidade, crônicas de alcova e cenas de bordel. Já em 1882, um ano após a publicação d'*O Mulato*, de Aluísio Azevedo, as fôlhas da cidade tresandavam a cadáver: os "escritores metafísicos" haviam sido impiedosamente sacrificados por Paula Pires numa série de artigos. Pois o sensualismo dos românticos lhe parecia um "veneno corrosivo que aos poucos vai contaminando as artérias da sociedade". E acrescentava: "José de Alencar, escrevendo a *Senhora* e Adolfo Bellot a *Espôsa e Virgem*, desenvolveriam a mesma tese? *Lucíola*, do escritor brasileiro, será porventura romance mais moralizador e menos sensual do que *Nana* de Emile Zola? Aos espíritos menos cultivados poderão repugnar quadros em que se pintam as cenas da vida íntima com as côres naturais: a êsses agradam sobremaneira as ficções estéreis do romantismo decadente." ⁽³²⁷⁾

Nessa posição de combate, o articulista defendia o pêlo do ataque feito pelos românticos às suas demasias de novelista. Amparava-se na acolhida dada pelos jornais de Pôrto Alegre aos seus e aos trabalhos de Laranja Filho. Negavam-lhe, os locais, chancela literária? Para confundir seus opositores citava os aplausos que vinham de fora, da capital

(326) V. bibliografia de Francisco de Paula Pires.

(327) V. *Tribuna Literária*, n.º 7 — Pelotas, 12.2.1882.

da Província. O mesmo sucedeu a Aluísio: aparou as pedras de São Luís de Maranhão com as flores da crítica fluminense.

Instruído na doutrina de Comte, admirava ao mesmo tempo, de cambulhada, Littré e Spencer, por lhe servirem aos ideais naturalistas, em oposição ao sensualismo de Locke, ao espiritualismo de Leibniz, ao idealismo de Arnauld. Cita Zola, gaba o paralelo que êste fizera de Hugo e Littré, para concluir que êste último, e não o poeta, era o maior homem do século...

Nessa posição definidamente anti-romântica se conserva ao publicar os *Quadros Horripilantes* (1883), onde narra com luxo de detalhes a história de duas mulheres perseguidas pelo sexo: Amélia e Adelina. Ambas as novelinhas nos mostram um escritor sem imaginação, sem estilo, sêco e direto, que se compraz em referir despudores chocantes, numa crônica demasiado crua para ser considerada obra literária. E tôda essa moxinifada precedida de *Duas Palavras*, com o fim de justificar-se: "Seguindo a norma traçada pelo grande mestre (Zola), só tratei nesta obra de narrar fatos da vida real. Podia tê-los desenvolvido, contando peripécias e mil fantasias que a minha imaginação pudesse criar; não o fiz porque julguei que ia desvirtuar uma escola que prima pela simplicidade".

Com tais propósitos de fidelidade ao fato real, não se salvou, porém, o autor dos *Quadros Horripilantes*. Faltou-lhe justamente o que desprezara propositadamente: fantasia, imaginação, poder de recriar a realidade.

*
* *

Não faltou ao Naturalismo a contribuição de uma escritora inteligente e vivaz, Maria Benedita Câmara de Bormann, ⁽³²⁸⁾ espôsa do ilustre José Bernardino Bormann, autor de uma *História da Guerra do Paraguai* e de um romance histó-

(328) Maria Benedita Câmara de Bormann nasceu em Pôrto Alegre a 25 de novembro de 1853 e faleceu no Rio a 23 de julho de 1895. Casou com o militar, mais tarde marechal, José Bernardino Bormann e viveu muito tempo fora da província. Colaborou, no *O Sorriso*, *O Cruzeiro*, *Gazeta da Tarde* e *O País*, todos do Rio, onde deu à estampa os seguintes romances: *Uma Vitima*, (seguido de *Duas Irmãs e Madalena*), Rio, 1884; *Aurélia*, 1883; *Lésbia*, 1890; *Celeste*, cenas da vida fluminense, Magalhães & Cia., Rio, 1893; *Angelina*, 1894; *A Estátua de Neve*, folhetim de *O País*, 1890. O Marechal José Bernardino Bormann, também

rico. Ambos cultivaram o gênero denotando propensão para enredos de sentimento, ela acrescentando-lhes a lascívia tropical que faltou às graves páginas escritas pelo marido sobre as aventuras de D. João III. Mas o temperamento de Maria Benedita, conhecida pelo pseudônimo de *Délia*, era mais sensível, mais agudo, derramando-se torrencialmente na composição de figuras insatisfeitas, perseguidas pela obsessão da casuística ou da prática amorosa. Não deixou, porém, apesar de ter produzido bastante, maior lembrança de sua passagem pela ficção, em parte porque o ar despachado de sua prosa, os assuntos meio crespos em que se gastou, os títulos de seus livros (*Lésbia* se chama o romance que publicou em 1890), tudo contribuiu para afugentar os leitores pudicos, as almas cândidas, os corações brandos. Mas a razão principal do olvido que lhe subtraiu o nome ao conhecimento dos de hoje adveio da superficialidade com que, a despeito de tudo, tratou os seus temas, visando ao êxito fácil. Tinha imaginação, nuançava o estilo, tramava situações curiosas. Pena que não houvesse correspondido a essas qualidades aprofundando-se no exame dos caracteres. Sua popularidade durou pouco, mas esse pouco lhe deve ter dado a sensação da glória, que não veio.

*
* *

Em Pardal Mallet, ⁽³²⁹⁾ rio-grandense que pouco viveu nos pagos, — pois tôda a sua mocidade de estudante do curso superior êle a passou no Rio, S. Paulo e Recife, não mais

pôrto-alegrense, nasceu a 4 de março de 1844 e faleceu no Rio a 1.º de agosto de 1919). Participou da Guerra do Paraguai, exerceu importantes comissões, foi Ministro da Guerra e faleceu no cargo de Ministro do Supremo Tribunal Militar. Escreveu: *Os Amôres de D. João III de Portugal* — romance; *O Marechal Duque de Caxias; Fotografia Militar*, Rio, 1880; *História da Guerra do Paraguai* — Imprensa Paranaense, Curitiba, 1897. Usou do pseudônimo de *Willagrã Cabrita*.

(329) João Carlos de Medeiros Pardal Mallet nasceu em Bagé a 9 de dezembro de 1864 e faleceu em Caxambu, Minas, a 24 de novembro de 1894. Estudou Medicina no Rio e Direito em S. Paulo e Recife, onde se diplomou. Foi um dos propagandistas da Abolição e da República, e sua atividade de imprensa salientou-se pelo ardor combativo. No govêrno de Floriano Peixoto, prêso por sedição, foi deportado para Tabatinga. Patrono da cadeira n.º 30 da Academia Brasileira de Letras. Escreveu: *O Hóspede*, romance — Pernambuco, 1887; *Meu Album* — Liv. Fluminense, Pernambuco, 1887; *Lar*, romance — Tip. Central, Rio, 1888; *Pelo Divórcio*, panfleto — Fauchon & Cia., Rio, 1894.

tendo voltado a residir no Sul, preferindo fixar-se na capital do país, entregue à boêmia e ao jornalismo, — o pendor naturalista despontou através da coletânea de contos rápidos, impressões e devaneios cépticos, intitulada *Meu Album*, que o autor dedicou aos seus colegas diplomandos da Faculdade de Direito. Em *O Hóspede* e *O Lar*, o ficcionista guardou fidelidade às linhas traçadas naquele cadêrno de estudante. Em ambos êsses trabalhos, de feição mais vincadamente naturalista que o precedente, pelo menos na intenção, nota-se o prosador que, escrevendo num tom delicado e colorido, acusava entretanto um morbo, não sabemos dizer se procedente de invencível fundo romântico, ou de uma visão naturalista deformada por preconceitos estéticos. Ao encantador Pardal Mallet, a quem não faltou, em arte, como na vida, uma elegância de atitudes que lhe redoura a memória, evocada com emoção por seus contemporâneos, a substância motivadora da escola a que se dizia filiado devia repugnar-lhe. Daí, talvez, o não ter sentido de perto tôda a sedução da temática em que se aprofundava com agrado o maranhense Aluísio Azevedo. Aproximou-se mais, estilisticamente, de Raul Pompéia, mas a sua fragilidade resulta de que, mesmo tendendo a um realismo de classe, não soube dar vida às suas figuras. Lúcia Miguel Pereira anota com agudeza: "*O Lar*, prêso a um cotidianismo abafado, é uma pobre amostra do horror que a muitos realistas — inclusive a Aluísio Azevedo — inspirava a realidade. É esta uma das tendências mais contraditórias do nosso Naturalismo. Dir-se-ia que, obrigando-se à reprodução minuciosa e unilateral de fatos em geral desinteressantes, os escritores adquiriram um invencível desgosto pelo assunto. ⁽³³⁰⁾ Como quer que seja, o exemplo literário de Pardal Mallet não deixou de influir as novas gerações rio-grandenses, onde fôra, aliás, precedido pela intuição poderosa de Paulo Marques, que não desdenhou descer aos porões mais sombrios da vida humana.

*
* *

(330) V. a cit., *Hist. da Lit. Brasileira* — Liv. José Olímpio, Rio, 1950, págs. 125-126.

Pedro Osório⁽³³¹⁾ insistiu com vigor na mesma tecla. Tomou o romance naturalista, em sua pena de médico, as proporções de um relatório clínico, servindo-lhe por isso as personagens para discorrer sobre casos patológicos realmente complicados. O resultado foi negativo; seu romance *O Poder da Carne* não nos comove, nem nos seduz como obra de arte. As mazelas do corpo foram tratadas por ele com certa volúpia, comprazia-se em exhibir bestialidades, e, conforme registram os jornais da época, êsse tipo de literatura escandalizou por suas demasias. Mas o autor, que havia pouco regressara de Paris, onde se diplomara em Medicina, não fêz caso disto. Na sua Bagé, a ronceira cidade de então, sentiu-se naturalmente superior ao meio, Liliput entre os anões. Em Pelotas, onde pontificava na mesma tribuna naturalista o bom Paula Pires, que tinha ao pé de si alguns outros discípulos de Zola, o livro causou sucesso. A pequena elite local teve no romance de Paulo Osório um aliado no combate aos últimos partidários renitentes da ficção romântica. Ademais, para aquêles moços que seguiam com entusiasmo a lição de Comte ou de Spencer, valiam também as suas páginas como antemural à influência do clero, a que o grupo movia combate. O romance fôra escrito para seduzir o leitor, conduzindo-o lentamente ao desfecho escabroso. Começa com estas palavras, que prometem tudo, menos a saturnal com que termina: "A história que vou contar teve por teatro principal a pátria de Laura, tão decantada por Petrarca." Mas logo a seguir opõe a êsse anúncio romântico as paixões sem freio, num desconchavo inestético que confrange e sufoca.

*
* *

(331) Pedro Luiz Osório Filho nasceu em Bagé em 1854. Era sobrinho do Marquês do Erval. Estudou na Faculdade de Medicina do Rio e após na de Paris, onde se diplomou e defendeu a tese: *Recherches sur l'exostose sous-unguêale du gros orteil*, Octave Doin, éditeur, 1882; de volta ao Brasil, defendeu também a tese *Operação cesariana* — Tip. de Miranda & Almeida, Rio, 1883. Fixou-se em Bagé, onde exerceu a medicina e se dedicou à pecuária e à política. Publicou o romance *O Poder da Carne* em folhetins no *Quinze de Novembro*. Consultamos a edição em livro feita pelo mesmo jornal (1890)

Sousa Lôbo, Mário Totta e Paulino de Azurena, amigos e companheiros de imprensa, encerram o período de maior influência da escola naturalista com um romance, escrito de parceria, cujo cenário é a cidade de Pôrto Alegre logo após a Revolução de 93. Intitula-se *Estricnina*.⁽³³²⁾

A heroína, pobre moça de Viamão, deixando para trás o seu modesto círculo familiar, que fôra impotente para evitar a desonra que a desqualificara, chega à capital procedente das bandas de Itapuã, em companhia de um patrão de navio, de quem se tornara amante, para colhêr na vida boêmia outros dissabores e despertar novas paixões, como a de Nico Borba, elegante, desfibrado e sentimental. Amam-se com desespêro, até sobrevir a saciedade. Mas aí a heroína já não pode prescindir de seu amparo; estava grávida. Não se sentindo com fôrças para abandoná-la, mesmo porque lhe voltara o amor por ela, Nico Borba tenta vencer a pressão social do meio pelo recurso extremo do suicídio. Após uma noite de prazer, ingerem estricnina, pondo têrmo à vida entre protestos de amor. Em resumo, é o que há de mais banal como inventiva.

Mas, enredada segundo o processo romântico, essa história reflete a atmosfera, o caráter naturalista, quer nas cenas de alcova, quer na intenção de satirizar os costumes locais, suas convenções e hábitos rotineiros. Dizer-se, porém, que *Estricnina* é um romance não nos parece certo. Os autores deram-lhe um subtítulo — "página romântica", que aumenta a ambigüidade, por fugir aos compromissos da classificação. A verdade é que se trata de uma novela, na qual a matéria romanesca assume umas vêzes a feição de crônica, — o espetáculo no "Teatro S. Pedro", por exemplo, — outras vêzes a do noticiário policial à antiga.

Resta considerar os aspectos exteriores que oferece. Nesse particular, são estimáveis os trechos que fotografam o meio pôrto-alegrense, os hábitos da vida noturna, os mexericos de rua, os bairros à margem do Guaíba. O fato de ter sido composta por três pessoas não lhe tirou, em essência, o único mérito — ou unidade — que possui: ter registrado o semblan-

(332) Os autores de *Estricnina* são êstes: Mário Totta (Pôrto Alegre, 5-1-1874-17-11-1947), José Carlos de Sousa Lôbo (Pôrto Alegre, 11-10-1875 - 18-10-1935) e José Paulino de Azurena (Pôrto Alegre, 1860 - 3-7-1909). Só neste século produziram obra literária que os individualiza

re moral de uma grande cidade brasileira, no momento em que começava a morrer o estilo de vida do século XIX.

*
* *

Alguns outros autores de prosa de ficção podem ser citados, nesse período: Florêncio Carlos de Abreu e Silva, *A Quebra do Juramento (in Culto à Ciência*, revista, S. Paulo, 1860); Lôbo da Costa, *Espinhos d'Alma*, 1872; Ernesto Jaó, *O Caçador de Avestruzes*, Alegrete, 1880; Raul de Villeroy e Mário Santos, *Noivos*, romance naturalista; Aurélio Veríssimo de Bittencourt, *Um Casamento por Amor*, 1868; Revocata dos Passos Figueirôa de Melo, *O Botão de Rosa*; José de Sá Brito, *Romance de um Louco* e *O Crime de Mário Serpa*; Andradina de Oliveira, *O Perdão*; João da Cunha Lôbo Barreto Filho e Damasceno Vieira, *Uma Página da Vida de dois Estudantes*; Clodomiro Paredes, *O Chapéu*, 1869. Do romance de Jaó, apenas conhecemos a indicação dada por Sacramento Blake, apesar de muitas buscas realizadas em bibliotecas da Capital e do interior; dos demais, uns foram publicados em revistas, outros editados em lugar ignorado. Lemos, porém, o romancete de Aurélio Veríssimo de Bittencourt, na revista *Arcádia*, 2.^a série, 1868; é obra de pouca valia. A novelinha de Damasceno Vieira e Lôbo Barreto (*in Revista do Partenon*, julho de 1874) também não oferece maior interesse.

CAPÍTULO XVII

A CRÍTICA LITERÁRIA

INTRODUÇÃO: POSITIVISMO FILOSÓFICO E POLÍTICA POSITIVA; POSITIVISTAS RIO-GRANDENSES. — A CRÍTICA LITERÁRIA: APOLINÁRIO PORTO ALEGRE, DAMASCENO VIEIRA, CARLOS VON KOSERITZ.

CAPÍTULO XVII

A CRÍTICA LITERÁRIA

Vimos, linhas atrás, como foi abrangente e fecunda a ação do evolucionista Carlos von Koseritz, que repercussões alcançou, as ligações que o identificaram com a Escola do Recife, através de Tobias Barreto e sobretudo de Sílvio Romero, e os liames que prenderam ao germanismo certos autores de fins do século passado.

Neste capítulo, destinado sobretudo a indicar os principais marcos do Positivismo entre nós, visto como desempenhou êle a missão de despertar no Rio Grande a consciência crítica, vamos sumariar os sucessos político-sociais que, inspirados de certa maneira na filosofia comtiana, se refletiram na atitude da maioria dos escritores e poetas dos últimos decênios do século anterior.

Se somente com a República o Positivismo ganhou, aqui, foros de doutrina oficial, muito antes disso o meio ambiente se fizera acessível à implantação de seus princípios. O cientificismo do século, mascarado com vários nomes, havia recrutado fervorosos adeptos, mercê em grande parte, como vimos anteriormente, do labor de publicistas avançados, entre êles Carlos von Koseritz e Graciano Alves de Azambuja. Este, autor das *Lições de Filosofia Elementar*, divulgadas a princípio pelas páginas da *Gazeta de Pôrto Alegre* (1880), rebateu a escolástica em termos candentes, bastando dizer que para êle "a filosofia é a ciência da natureza em geral e das suas leis, mas não admite como a metafísica a indagação das "origens, causas e fins finais", por considerá-la inteiramente inacessível à inteligência humana." Sua obra teve aqui ampla repercussão, e a posição do autor, ao lado de Comte e Spencer, serviu para apontar rumos aos intelectuais da terra. Até mesmo escritores e poetas de formação e prática romântica contribuíram insensivelmente para isso. No geral des preocupados dos grandes temas universais, não eram homens que se movessem com liberdade fora dos angustos limites do sentimentalismo chilo e lambão dos ultra-românticos. Com esta agravante: eram partidários do progresso indefinido. Misturavam idéias e doutrinas antitéticas, com a maior naturali-

dade, à falta de uma preparação discriminadoramente crítica. A supremacia das ciências naturais era para êles quase um dogma, e êsses bons provincianos construíram, assim, com os valores precários do naturalismo científico, a sua filosofia, a sua poética, o seu romance, a sua história.

Das fileiras dessa geração vai surgir um dos precursores da campanha positivista. É Augusto Luiz, colaborador da *Revista do Partenon*; adere entusiasticamente ao sistema comtiano. ⁽³³³⁾ Isso ocorreu no mesmo ano em que se começou a divulgar, na capital do Império, os nomes de Darwin e Comte, conforme o testemunho de Sílvio Romero: “No Rio de Janeiro, só de 1874 em diante é que, pela primeira vez, os nomes de Darwin e Comte foram pronunciados em público, em conferências ou escritos”. ⁽³³⁴⁾ Vale a pena ler a velha página, onde tudo respira o mesmo ar do filósofo de Montpellier — desde a epígrafe, tirada à obra do mestre, ao “argot” filosófico por êste pôsto a circular. O articulista de Pôrto Alegre apresenta-lhe a doutrina como novidade, mas escolhe um dos seus ângulos, o mais acessível à inteligência do tempo. Sua ária de bravura é a inópia do pensamento anterior ao “terceiro estado”. Fecha os punhos no ataque à metafísica, ao misticismo, mas, embebido de contradições, repele Büchner e Vogt, condenando o seu grosseiro endeusamento da matéria. Augusto Luiz quer a proscrição da metafísica e, ao mesmo tempo, a unificação das religiões em tórno de uma só religião; a unificação da filosofia em tórno de uma só filosofia... Para que a humanidade chegasse, certamente, mais depressa a submeter-se ao autoritarismo da Religião da Humanidade. Para o ingênuo provinciano, era chegado o momento de a poesia do século “soltar seus hinos sonorosos no tabernáculo da ciência”, pois “a musa do presente século revê-se no santuário da verdade”. Cremos que foi esta a primeira vez que na província se anunciou em tórmos explícitos a filosofia de Augusto Comte para tirar dela as conclusões literárias cujas linhas conduziram à “poesia científica” tentada mais tarde por Damasceno Vieira e outros.

Mas, antes de ganhar foros de doutrina fechada, o Positivismo era para essa gente o amor da ciência exata — a ma-

(333) “Duas Palavras sôbre Literatura”, in *Rev. Mensal do Partenon Literário*, ano 3.º, outubro, 1874 — págs. 150-156.

(334) Sílvio Romero, *A Prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro*, in *Revista Brasileira*, 2.ª fase, ano I, tomo II, Rio, 1879, pág. 496 — apud Lúcia Miguel Pereira, *Hist. da Lit. Brasileira*, Liv. José Olímpio, Rio, 1950, pág. 117.

temática, a história natural, a química, a física. Só depois da República foi que o tórmo ganhou contórno definido, pois só então, graças aos primeiros triunfos comtistas no preparo da insurreição antimonárquica, mercê da adoção de seus princípios pelo Govêrno Provisório, a Religião da Humanidade plantou em Pôrto Alegre, com o seu templo, uma confraria pequena, mas disciplinada.

Dentre as condições favoráveis ao florescimento, entre nós, do comtismo ortodoxo, apontam-se várias causas, umas de ordem sócio-cultural, outras de ordem política, mas até agora não se inventariou a ação pessoal dos precursores, na verdade todos aquêles que inconscientemente, desprovidos de cultura filosófica, abraçaram a evolução das ciências como *ultima ratio* do processo cultural.

Contudo, fatos mais exteriores, do conhecimento de todos, poderiam ser aqui apontados como favoráveis à implantação do comtismo.

A influência da Escola Central, através da Escola Militar de Pôrto Alegre, foi decisiva, sabido como é que no território sulino o Exército teve sempre uma de suas guarnições mais numerosas; todavia, não devemos esquecer a situação particular do povo gaúcho, através da infra-estrutura social e do estágio mental de suas elites, ali por volta do Quinze de Novembro.

O Catolicismo, que em Minas e Bahia, por exemplo, operara pesado dique à expansão do comtismo, pouco fêz para obstá-lo no Rio Grande, por lhe faltarem duas condições essenciais: unanimidade do sentimento religioso da população, sabido que o Protestantismo, a partir da entrada dos colonos alemães, conquistara boa porção do Estado, e um clero à altura dos debates, com ilustração e ímpeto. Ainda assim, se reação houve, no meio católico, às pretensões da Religião da Humanidade, veio ela dos jesuítas de Pôrto Alegre e São Leopoldo.

Outrossim, é sabido que os sentimentos republicanos do gaúcho vêm de longe; tiveram aplicação prática em plena vigência do Império, com a república de Piratini. Tal experiência, vivida no ardor de sanguinosos combates, embora frustrada, permaneceu no substrato coletivo, não sendo estranha à paixão republicana que desde então inflamou a mentalidade gaúcha. Júlio de Castilhos aproveitou-a hábilmente, com o seu espírito de doutrinador veemente e sagaz. Fizeram-lhe côro os seus conterrâneos e contemporâneos da Academia de São Paulo.

Para o espírito da maioria dos rio-grandenses, o tribuno Silveira Martins, chefe do partido liberal, passou a representar a involução, enquanto Castilhos, seu antagonista, significava a *ordem e o progresso*. A grande vitalidade dos castilhistas, na luta, vem da sinceridade com que se dispuseram a sustentar a idéia republicana, já uma vez vencida e humilhada na bandeira dos farrapos. Não perderiam de novo, na refrega, o barrete frígio. No ambiente esbraseado da propaganda, pelo menos teòricamente, Positivismo e República eram sinônimos. E os positivistas passaram a ter voz no capítulo, a influir, orientar. Muitos não o eram, mas silenciaram, para não cair no desagrado dos chefes do dia.

Já se quis ver, como fator predisponente ao êxito do Positivismo no Rio Grande, o autoritarismo inato dos nossos chefes de clã pastoril. Consoante tal interpretação, Júlio de Castilhos, Demétrio Ribeiro, Joaquim José Felizardo Júnior, Juvenal Otaviano Miller, Raul Abbot, Faria Santos, Borges de Medeiros, para citar apenas êstes, seriam os herdeiros das tradições de mando do homem de prol da campanha. Nada menos exato. Dos nomes citados, figuras de relêvo na história do positivismo rio-grandense, nem todos são originários da campanha; um é filho de pernambucano, alguns nasceram e se criaram em Pôrto Alegre, de boa árvore açoriana, católica até à superstição. O autoritarismo que encarnaram, de fato ou teòricamente, foi bebido à fonte estrangeira escrita. Em Comte e Littré, nos seus seguidores estrangeiros ou nacionais, é que aprenderam, talvez a contragosto, a admirar a "ditadura científica". Ademais, os chefes positivistas gaúchos deveram a sua formação intelectual superior a outros centros, S. Paulo e Rio, de onde voltaram, já formados, à terra natal para pregar o evangelho do "Mestre dos Mestres".⁽³³⁵⁾ Constituíram uma pequena elite, capaz e extremamente combativa, que pôs em ação, a partir de 1884,⁽³³⁶⁾ como chamariz para o grosso público, os postulados mais suscetíveis de aliciar a simpatia do povo rio-grandense: a Abolição e a Repú-

(335) "Basta-me consignar que ainda no alvorecer da minha adolescência, empreendi timidamente o estudo lento dos livros portentosos do Mestre dos Mestres — Augusto Comte (...) — Júlio de Castilhos, "Carta à Devoção do Menino Deus", in Othello Rosa, *Júlio de Castilhos*, Liv. do Globo — P. Alegre, 1928 — pág. 499.

(336) Nesse ano, a 1.º de janeiro, circulava em Pôrto Alegre, fundado por Júlio de Castilhos, o jornal *A Federação*, que se fêz arauto de concepções políticas baseadas na doutrina de Augusto Comte.

blica. Quanto a isto, nada mais fizeram do que continuar a batalha sistemática iniciada pelo "Partenon" em 1868. A diferença essencial entre as duas gerações — a de Apolinário Pôrto Alegre e a de Júlio de Castilhos, que fôra discípulo do primeiro no curso de humanidades — é que a mais velha se formara ao influxo do liberalismo romântico, concentrando-se sobretudo na interpretação dos fenômenos literários. A mais nova, negando a anterior, como é próprio do jôgo, se fêz uma geração política, impregnada da *moral positiva*, cujos princípios procurou resguardar, embora transigindo com o meio. A Constituição Rio-Grandense de 14 de julho de 1891, que tantas discussões, polêmicas e revoltas suscitaria, não deixou de sofrer a influência do comtismo. Entretanto, o "Clube Cooperador Positivista Pôrto-alegrense" julgou que o estatuto fundamental em preparo não se aproximava como devia das "soluções positivas". E nesse sentido sugeriu fôssem introduzidas alterações substanciais no texto em discussão. Não conseguiu o seu intento, em parte porque a Assembléia Constituinte, obedecendo a Júlio de Castilhos, mais fiel à República do que ao Positivismo, transigiu com a maioria da opinião pública.⁽³³⁷⁾

A especulação filosófica, pouco desenvolvida por aqui, não alcançou o cimo a que seria levada se de fato tivesse podido penetrar todo o imponente sistema de Comte. Não foi, pois, o seu método perfilhado integralmente. Os mais entusiastas eram na maioria jovens políticos ambiciosos ou militares que se reduziam, em ciência, a cultivar a matemática necessária a seus estudos técnicos. Tomaram ao mestre fran-

(337) Da representação referida consta êste trecho: "O Clube Cooperador Positivista Pôrto-Alegrense", reconhecendo que no projeto de Constituição, ora discutido por vós, estão consignados alguns artigos, que, se não forem modificados, poderão trazer o descrédito para a doutrina em que êle foi inspirado; e receando que aquêles que não aceitam o Positivismo possam tirar argumentos contra êle, se o referido projeto não fôr cercado de tôdas as garantias para a sua boa aplicação, resolveu manifestarvos sua opinião franca e sincera, baseando-se em um dos artigos do capítulo VI do título II do mesmo projeto — o que trata da decretação das leis. E, principalmente no empenho de salvar a responsabilidade da escola filosófica, da qual é um órgão neste Estado, o "Clube Cooperador Positivista Pôrto-Alegrense" toma a liberdade de apresentar a essa Assembléia algumas emendas ao projeto de Constituição, as quais, lacônicamente justificadas, serão tomadas na consideração que as vossas luzes e patriotismo aconselharem". — Apud Othello Rosa, *Júlio de Castilhos* — Liv. do Globo, P. Alegre, 1928, pág. 229.

cês as diretrizes sociais do seu pensamento, as normas que valorizam o princípio da autoridade e a conduta moral. De tal sorte que, substituindo, por exemplo, a ética do Catolicismo pela moral comtiana, não deixaram de imprimir grande austeridade a muitos setores da vida pública, fazendo-se, também, na doméstica, cidadãos de comportamento irreprochável. Sob êsse ângulo é que devem ser vistos e admirados. E não há dúvida que semelhante couraça, impondo temor e respeito, aliviou os golpes desfechados à prática republicana, que teve naquela geração nobres arautos e defensores.

Não tivemos, conseqüentemente, positivistas ortodoxos que houvessem deixado obra escrita merecedora de referência especial. Via de regra, os que publicaram alguma cousa digna de registro eram políticos militantes. Serviram-se da Religião da Humanidade como fonte de motes fãcilmente memorizáveis, em proveito de empreendimentos e soluções administrativas, bem como para coonestarem, sob disfarces filosóficos, suas atitudes ditadas por interesse nãmiamente partidário. Os mais desinteressados fizeram, no máximo, breves incursões pela imprensa, através de escritos nem sempre repousados e orgânicos — mera obra de divulgação ou propaganda.

Aqui podemos relacionar os seguintes, que mais se destacaram: Demétrio Ribeiro, Júlio de Castilhos, Antão de Faria, Antônio Augusto Borges de Medeiros, João Cezimbra Jacques, Carlos Maximiliano, Henrique Alberto Carlos, Joaquim José Felizardo Júnior, Faria Santos, Raul Abbott, Carlos Tôrres Gonçalves, Juvenal Otaviano Miller, Augusto Pestana, Ildefonso Borges Toledo da Fontoura, João Simplício de Carvalho, Artur Homem de Carvalho, Manuel da Costa Baradas, Benito Ilha Elejade.

Todos os citados foram ardorosos propugnadores do regime republicano, mas nenhum dêles sobrepujou em vigor, neste terreno, a Júlio de Castilhos, tipo másculo e autoritário, inteligência admiravelmente bem dotada, polemista destro e persuasivo. A sua dialética de fundo positivista, colocou-a ao serviço, em primeiro lugar, da propaganda e, após o Quinze de Novembro, do federalismo à *outrance*. Lutou com advsários poderosos, dialetas do naipe de Rui e Silveira Martins; na Constituinte de 91, como no govêrno do Estado, advogou ardentemente os princípios do govêrno forte. Inscreveu suas idéias na carta estadual, defendeu-a pela imprensa; e no govêrno rio-grandense defendeu-a também mobilizando as armas que tanto sangue derramaram em 93. Deve-lhe a República um grande serviço. Foi o mais decidido colaborador

de Floriano. A glória do Consolidador não se escreverá jamais sem a menção do nome de Castilhos, dêle afastado a princípio, mas a quem prestou, com raro destemor, inapreciável cooperação, nos dias mais críticos e tormentosos. ⁽³³⁸⁾ Os artigos de doutrina e polêmica que deu a lume n'*A Federação* traduzem algo de sólido, de orgânico, que os antagonismos políticos não suscitam habitualmente neste país.

É inegável a formação filosófica de Castilhos. Êle próprio confessa que desde muito moço lera e assimilara refletidamente a obra de Comte. Os desvios doutrinários — e o ilustre rio-grandense os teve — resultaram de acomodações determinadas pela conveniência partidária, pela cautela em não acirrar os ânimos, já de si mesmos exaltados. É preciso convir em que a clareza e o logicismo de Castilhos deveram muito às suas leituras de moço, quando fêz da doutrina comtiana os alicerces sôbre os quais iria construir a sua obra de pensador político.

*

* *

Ao findar o século XIX e no início do atual, a disputa ideológica, uma vez estabilizado o regime, continuou a aliciar combatentes, mas já agora num plano intelectual mais desinteressado. Os contendores eram êstes: de um lado, os comtistas da velha guarda; do outro, os spencerianos, ou littréistas. A pendência envolveu grandes nomes e permaneceu acesa até pelo menos o fim da primeira Grande Guerra. Esclarece um contemporâneo: "A propaganda das idéias de Comte através das colunas de *A Federação*, sob a inspiração de Castilhos, granjeou proselitismo nos meios acadêmicos do meu tempo. Outra corrente, porém, se formou em contraposição às doutrinas de Comte, seguindo o evolucionismo de Spencer. Era um dos evangelizadores do spencerismo o jovem Alcides Maya, que proferia conferências nas "repúblicas" de estudantes, onde houvesse sala adequada.

"Por sua vez, o então coronel de engenharia Rodolfo Brasil, discípulo e genro de von Koseritz, fazia também con-

(338) "A unidade brasileira consolidara-se em 1845 pela vitória da Monarquia centralizadora; a vitória de Castilhos consolidaria a República federativa" — José Maria Belo, *História da República* — Civ. Brasileira, S. A. — Rio, 1940 — pág. 165.

ferências nos mesmos locais, e propaganda do transformismo de Darwin e de Buchner. ⁽³³⁹⁾

E, para terminar, temos João Cezimbra Jacques, um dos últimos abencerrages do comtismo. Tradicionalista não só de sentimento, mas de ação, legou-nos prestimosa obra, analisada em outro capítulo, sobre costumes e tradições do pago. ⁽³⁴⁰⁾ Mas não deixou, coerentemente, de ir mais longe, a ponto de tentar uma sistematização positiva do Direito, assunto forte demais para as suas limitadas aptidões. ⁽³⁴¹⁾ Inspirou-se, ao fazê-lo, na *Política Positiva*, mas não chegou a vencer a barreira das citações. (O prefaciador da obra, Carlos Maximiliano, fôra também, na mocidade, ardente defensor das soluções positivas. Haja vista o prefácio que escreveu para o livro de estréia de Alcides Maya, *Pelo Futuro*, no ano de 1897. Mas, transcorridos vinte anos, mitigou os ardores da sua primeira atitude, limitando-se a expor a teoria de Comte acêrca do Direito, sem revelar maior interêsse pelo sistema.)

O pequeno livro de Cezimbra é o último trabalho mais ou menos sério da geração coetânea de Castilhos, inspirado na filosofia do mestre francês.

Como se está vendo, houve no Rio Grande uma agitação intelectual, provocada pelo comtismo, que não se circunscreeveu à política. As letras receberam inspiração e estímulo como nunca dantes ocorrera, donde o aparecimento da crítica literária nesse mesmo período, com algumas características que a vinculam ao processo mental iniciado pelo debate filosófico de que demos notícia nas páginas precedentes.

A CRÍTICA LITERÁRIA

Ao fundar a sua revista, a "Sociedade Partenon Literário" entendeu conveniente estimular, entre os próprios agraçados, o gôsto pelo ensaio crítico. Instituiu, para isso, uma Comissão de Crítica, e com êste grave nome começou ela a trabalhar. Já nos primeiros números da revista mantida pela associação apareceram os frutos da iniciativa. Eram os *pa-*

(339) Florêncio de Abreu, prefácio à *História do Rio Grande do Sul*, de Souza Docca — Organização Simões — Rio, 1954, pág. II; nota.

(340) V. bibliografia em outro local.

(341) *O Direito na Sociologia* — Pimenta de Melo & Cia. Rio, 1917 (Com prefácio de Carlos Maximiliano).

receres — que assim se chamavam — relatados geralmente por um especialista e submetidos a exame, discussão e aprovação dos sócios. Dessa maneira é que surgiu boa parte dos artigos sobre temas de história, religião, literatura, direito e ciências naturais, estampados no órgão oficial do grêmio pôrto-alegrense ou em publicações congêneres. Era, aliás, comum os autores filiados ao "Partenon" apresentarem seus trabalhos, antes de publicados, à crítica daquela comissão.

Tem essa origem o parecer de Apolinário Pôrto Alegre sobre o romance inédito *A Douda*, de José Bernardino dos Santos, seu amigo íntimo. Apesar dos laços de estima que os irmanavam, o crítico, para ser honesto, não poupou o criticado, descendo a minúcias de técnica, a reparos de ordem formal que representam, se outro valor não tivessem, um verdadeiro itinerário, um precioso material de consulta para bem conhecermos a orientação estética daquela fase. À independência do julgamento, friamente objetivo no condenar e parcimonioso no aplaudir, respondeu o autor do romance com igual superioridade, inserindo a crítica arrasadora na revista literária que fundara e dirigia. ⁽³⁴²⁾

Não erraríamos afirmando ter sido êsse o primeiro tentame de crítica literária — ou que assim possa ser considerado — pôsto em letra de fôrma na província. Com êle, Apolinário conquistou o lugar de precursor do gênero, título que em verdade lhe pertence, tanto mais quanto voltou a escrever, agora com maior desenvoltura, sobre obras de mais significação.

A nossa geração romântica não teve melhor crítico do que o autor de *Lulucha*. Pertence-lhe, como tal, a peça mais encorpada que os autores românticos produziram na década de 70. Referimo-nos ao estudo biográfico de José de Alencar, no qual o escritor gaúcho responde aos ataques feitos à obra do romancista cearense, nos *Novos Ensaio Críticos*, pelo português Pinheiro Chagas. ⁽³⁴³⁾

Chamaram-no à liça dois pontos principais — o reparo feito à linguagem de Alencar e a expressão nacional de sua obra. O brilho, a veemência com que defende o agredido podem não ter sido motivados por uma perfeita gratuidade de sentimento; é possível que a posição de D. Pedro II na con-

(342) Vide *Murmúrios do Guaíba*, ano de 1870.

(343) *O Estudo Biográfico* foi publicado em vários números da *Revista Mensal do Partenon Literário*, a contar da 2.ª série, II ano, n.º 9, setembro de 1873, págs. 371.

tenda, ao lado de Cincinato, furioso antagonista do cearense, haja espicaçado os brios republicanos de Apolinário. Mesmo que assim fôsse, a defesa não perde o seu valor como documento dos mais preciosos à caracterização definitiva do fenômeno Alencar em face do processo romântico. E tem, ainda, para nós, um outro mérito: fixa as reações de Apolinário, o seu modo de ver a temática da escola, a linguagem afeiçoada ao modo de sentir e dizer da nossa gente. Falta-lhe, em muitos passos, serenidade de julgamento, atributo que só muito depois, com a evolução do processo crítico, se veio a instalar nesses domínios. É preciso considerar, porém, que a mesma exaltação posta a serviço do romance alencariano teve parêntese na acrimônia sem medida dos adversários do grande escritor brasileiro. (344)

Não é, ainda, com Apolinário que a exegese crítica se vai aproximar do mínimo exigido, a caminho da crítica literária em sua expressão mais perfeita. Esta só vai ser de fato introduzida no Rio Grande, em livro, dez anos depois, por alguém que até então se fizera conhecido como poeta lírico — Damasceno Vieira.

“Anima-nos a intenção de iniciar na província o estudo consciencioso da crítica” — escreve no pórtico de seus *Esboços Literários*, acrescentando: “Teremos sempre uma palavra de gratidão para todo pronunciamento que se levantar acêrca do primeiro livro de crítica que se publica na província”. (345)

Situado cronologicamente entre os *Estudos Alemães* de Tobias Barreto e a primeira edição da *História da Literatura Brasileira* de Sílvio Romero, o pequeno volume de Damasceno Vieira visava não só à crítica literária, mas à das idéias, razão por que deixou para trás os tímidos ensaios de seus conterrâneos, inclusive Apolinário Pôrto Alegre. Partiu amparado por um corpo de doutrina, por um gôsto estético bem

(344) Alencar comoveu-se: “Ignorava que ao tempo das emboscadas que me faziam uns moços... convertidos em instrumentos de um rábula... houvesse na heróica e generosa província do Rio Grande, um escritor de grande mérito e nobres sentimentos que espontaneamente tomou a si vingar os foros de nossa nacionalidade literária, ferida por paixões inconfessáveis.” — Carta de Alencar, Côte, 12-1-1875, agradecendo a remessa de números da *Rev. do Partenon* com os artigos de *Iriema* (Apolinário Pôrto Alegre) — *In. Rev. P. Lit.*, 4.º ano, jan., 1875, pág. 37.

(345) Damasceno Vieira, *Esboços Literários* — poesia e crítica — Tip. da *Deutsche Zeitung* — rua General Câmara, n.º 2. Pôrto Alegre, 1883 (Com retrato do autor).

definido; nesse terreno, houve-se com a maior sem-cerimônia, pois não podia mesmo ser tímido ou vacilante quem se confessava discípulo de Tobias e Sílvio Romero, embora dêles discordasse, como iremos ver.

Demorando-se no exame analítico da poesia, segundo o método naturalista de um Hannequin e de um Taine, procede sempre — conforme expressão sua — de acôrdo com os “princípios mais modernos e consentâneos com a razão”. Que princípios eram êstes? “A poesia, como tôdas as artes,” — diz — “obedece ao impulso das leis evolutivas.” Não é de estranhar, portanto, que linhas adiante justifique a proscricção do sentimento, em favor das idéias, da ciência, da verdade. O autor de tal crítica normativa, como que se penitenciando do seu passado de poeta lírico ao gôsto de Musset, passa da teoria à prática. E então, ali no mesmo livro, insere o poema *A grande nau*, que não é outra senão a da Idéia com I, “tripulada por bravos” que combatem o “temporal da treva” e o “vendaval dos vícios”:

“Atingirás esplêndido futuro,
 Ó nau, que levas tôda a Humanidade!
 Tens por impulso a lei da Evolução,
 Por legenda a Igualdade,
 Por bússola a Razão,
 Por farol a Ciência, e por destino
 O Pôrto da Verdade!” (346)

Sem embargo da mediocridade irremediável de tais versos, bem conformes, aliás, com a chamada poesia científica de um Teófilo Braga, de um Tobias Barreto, o nosso Damasceno Vieira tudo fêz por se colocar em planos culturais mais elevados, por adquirir uma visão universal dos problemas que discute. E põe a desfilar diante de nós os assuntos mais diver-

(346) Idem, pág. 18. Seguia, talvez sem o saber, a lição de Vigny e Victor Hugo: “Echo sonore” de son siècle, le poète doit, de plus, être son guide ver l'idéal. Vigny est celui qui, avec Hugo, a le plus insisté sur ce rôle de la poésie. Délaissant le “passager” dans les luttes politiques, le poète devra indiquer le grand chemin de l'avenir idéal; il sera le pilote du navire humain; il fortifiera les faibles et éclairera les ignorants en donnant comme matière à sa poésie de grandes idées de justice, de pitié, de vérité.” — Philippe van Tieghem, *Petite Histoire des Grandes Doctrines Littéraires en France* — “Presses Universitaires”, Paris, 1950, pág. 184.

sos, desde as últimas investigações da antropologia ao movimento cultural do evolucionismo, passando pelo dissídio encabeçado por Littré, dentro da escola comtiana.

Literariamente, discorda muitas vezes dos autores que mais admira no campo científico. Tratando, por exemplo, de Tobias Barreto, se o exalta por ter excluído a psicologia do grêmio das ciências, ⁽³⁴⁷⁾ reprocha-lhe a dureza de suas apreciações acêrca de Manuel de Araújo Pôrto Alegre e José de Alencar. Igualmente reticente se revela para com a poesia do autor sergipano; condena as páginas do *Dias e Noites* nas quais o poeta de índole romântica nega o pensador grave. Diz: "A lira em suas mãos (de Tobias) deixa às vezes de ser um instrumento de progresso, destinado a cantar as grandes lutas da humanidade, para tomar a forma de viola sertaneja, acostuada aos improvisos em desafios" (...) ⁽³⁴⁸⁾ E assim prossegue, cada vez mais adstrito às fórmulas, a ponto de recusar validade à feição sentimental, ao quebranto poético, cousa, a seu ver, já superada, meras "frivolidades detestáveis". Para o crítico pôrto-alegrense, no livro de Tobias "algumas de suas poesias intituladas *amorosas* pouco se recomendam: fundo e forma combinam-se em apresentar-nos criancices rimadas, que mais parecem produtos de colegial pouco afeito às escabrosidades do Pindo..." Que sobra, pois, do *Dias e Noites* para o especioso censor? Apenas a última parte, as *Patrióticas*, de que transcreve trechos, para encarecer a excelência dos versos sôbre temas impessoais. Referindo-se a essa segunda parte, exclama: "A transfiguração é completa: o poeta sentimental abandona o lacrimoso alaúde e desfere entusiásticos sons da lira patriótica". Se Tobias não o fêz em todo o livro, é que, "por uma dessas excentricidades peculiares aos grandes homens, parece ignorar a profunda revolução por que a poesia tem passado êstes últimos tempos."

A mesma intransigência se nota no estudo sôbre *A Literatura e a Crítica Moderna*, livro em que Sílvio Romero cometera alguns despautérios, ao afirmar, por exemplo, que "Tobias Barreto, como poeta, resume todos os outros" e que Alencar não passa de "um repetidor de idéias já gastas". Tais juízos são rebatidos por Damasceno, que ao esgotar as suas censuras ao prosador passa ao poeta dos *Cantos do Fim do Século*. Evidentemente que encontraria na poesia de Romero alguma cousa não muito de acôrdo com o figurino *positivo*.

(347) Idem, pág. 39.

(348) Idem, pág. 42-43.

E eis que aponta à condenação do leitor os trechos rimados onde o evolucionista desabrido sacrificara no altar dos românticos, concessão que para o logicismo doutrinário do jovem Damasceno representava um atentado à poesia, pois êle só a tolerava "isenta do vício metafísico".

Não foge a êsse tom quando aprecia outros poetas — Teófilo Dias e Múcio Teixeira. Vê nas *Fanfarras*, do primeiro, um sentimento republicano que lhe satisfaz as exigências, mas as poesias amorosas do mesmo livro lhe parecem demasiado frívolas. Quanto a Múcio, revela-se quase cruel ao dissecar-lhe a produção poética. Pondo de parte as idéias em que se arrima, são justas as observações que produz acêrca dos defeitos do poeta, a sua demasiada sujeição a vários modelos, a sua volubilidade.

Há, portanto, uma novidade nos *Esboços Literários*; é êste o nosso primeiro livro que assinalou à crítica, segundo padrões estéticos definidos, uma ação normativa. Desceu, por isso mesmo, a minúcias que antes passaram despercebidas aos críticos. O termo impróprio e a imprecisão da imagem, os pecados métricos e os desvios doutrinários — nada que lhe parecesse indigno da beleza formal e das idéias humanitárias do positivismo deixou o autor de condenar com rigor e veemência. Por tudo isso, Damasceno Vieira foi no Rio Grande do Sul quem abriu caminho às novas gerações parnasianas, como doutrinador do modernismo cientificista do século. Mas, se o disse, também o praticou. Do mesmo volume a que nos referimos constam vários poemas — diríamos experimentais — que procuram aplicar a doutrina preconizada. E nessas poesias se acha também em germe o ideário que na *Musa Moderna*, publicado dois anos depois, iria o poeta desenvolver com mais amplitude.

A posição de Damasceno, como crítico, repete a do poeta nas *Auroras do Sul*, publicadas anos antes. ⁽³⁴⁹⁾ Ali declara êle: "É grandioso o espetáculo, imponente a luta travada entre o lirismo artificioso, anacrônico, cheio de puerilidades infantis, de infundadas agonias, e de imaginárias saudades, ante as quais o coração é mudo como um espectador indiferente, e o realismo vigoroso, atlético, armado para tôdas as pugnas como a antiga Minerva ao saltar da cabeça de Jove.

"Mau grado a notável preponderância que a escola moderna manifesta sôbre a antiga, valorosos paladinos das letras, amantes das tradições e das velhas fórmulas, ainda não

(349) *Auroras do Sul* — Tip. do "Artista" — Rio Grande, 1879.

compenetrados de que a poesia é uma arte, e por isso não deve condenar-se a um estacionamento aviltante e indigno de si, têm com denôdo batalhado em favor da causa lírica, intentando sufocar assim a revolução realista que levanta-se resplandecente e ruidosa como a lava de uma cratera."

Mas a fisionomia de Damasceno Vieira ficará incompleta se deixarmos de acentuar o paradoxal de sua atitude: realista em poesia, foi de um romantismo dessorado na prosa de ficção. Além disso, faltou-lhe originalidade ao pensamento; quando nada, foi demasiado simplista em assuntos de estética literária. A obstinação com que combateu, no princípio do século, a poesia simbolista, ⁽³⁵⁰⁾ notadamente a de Cruz e Souza, a veemência da sua poesia social, talhada segundo os moldes da Religião da Humanidade, e, afinal, o repúdio de tudo o que pregara na juventude, mostram nêlo o mais borboleteante dos críticos. Crítico miúdo, prêso a idéias preconcebidas, nem por isso deixou de ser significativa a atuação que desenvolveu. O cientificismo de que foi pregoeiro deixaria lesões profundas na vida mental do Rio Grande, mormente no início da República. No campo literário, Damasceno Vieira anuncia Júlio de Castilhos na política.

*

* *

O ensaísmo de Koseritz versou preferentemente grandes temas de cultura geral, consoante deixamos observado em outra parte.

Entretanto, não desdenhou a crítica literária, como o demonstra o seu excelente trabalho sôbre o Visconde de Taunay. ⁽³⁵¹⁾ Não se pode dizer que haja aí uma ampla revisão das qualidades literárias do criticado, mesmo porque, entre nós, no Brasil, só muito mais tarde logrou a crítica certa amplitude que a individualizaria como gênero autônomo. O que se nota no estudo de Koseritz é uma análise rigorosa das idéias do autor de *Inocência*, mas as observações de cunho estético já se insinuam aqui e ali, deixando de lado a preocupação louva-

(350) V. *A Crítica Literária* — Reis & Cia. — Bahia, 1907 — págs. 177 e *passim*.

(351) V. Carlos von Koseritz, *Alfredo d'Escagnolle Taunay (esboço característico)* — Traduzido do alemão por R. (odolfo) P. (au) B. (rasil) — Tip. de Leuzinger & Filhos — Rio, 1886 — 2.^a ed. (A tradução é precedida de um prólogo, datado de Curitiba, 1886 — mas o original fôra escrito em 1884 e publicado no *Koseritz's Deutscher Volkskalender* (1885).

minheira. Assim, examinando de um lado a obra do ficcionista, Koseritz sublinha notadamente o que lhe pareceu demasiado conservador e reacionário na polêmica em que se bateu o Visconde "com os meus amigos e confrades de lutas Tobias Barreto e Sílvio Romero". ⁽³⁵²⁾ Confessa que, admirando o romancista e o historiador, admira menos o autor dos *Estudos Críticos*. O motivo da reserva é êste: "Francamente, não posso compreender como pessoa tão perspicaz, cabeça tão esclarecida possa desconhecer o objetivo do grande Zola, talvez contra convicção íntima, para prestar homenagem à corrente que domina em certos círculos". ⁽³⁵³⁾

Em pleno apogeu do Naturalismo, o depoimento de Koseritz não exprimiu um ponto de vista isolado. O Rio Grande, dividido entre românticos e "zolaístas", começava a pender para êste lado. Foi nessa época que o próprio Koseritz teria pôsto a circular um romance fescenino — *Memórias de uma Cantora*, e começou a traduzir novelas de Sacher-Masocher. O evolucionista de Pôrto Alegre já adquirira bastante autoridade para reprochar um grande romântico nacional; quer em tôrno dêle, na capital rio-grandense, quer nas demais cidades do Norte, a campanha ia acesa. Os naturalistas não cederiam; estavam dispostos a derruir os prejuízos da escola romântica. A êsse tempo, o próprio Machado de Assis, cantando a palinódia, já se havia convertido ao realismo. O alemão estava em boa companhia.

Ainda no século XIX teve início a atividade crítica de Alcides Maya, que se vai tornar uma das mais altas figuras literárias do Rio Grande. As páginas de estréia de *Pelo Futuro* (1897) revelam inteligência crítica especialmente bem dotada, gôsto natural e curiosidade pelos fenômenos literários universais. Em *Machado de Assis (Algumas notas sôbre o humour)*, livro de 1912, o escritor rio-grandense fará o ensaio mais agudo de sua geração. Caberia também dizer uma palavra sôbre Múcio Teixeira, autor de estudos acêrca da poética de Castro Alves; sôbre Carlos Ferreira, que evocou os românticos através de boas páginas; sôbre Carlos Maximiliano, o futuro grande jurista, que debatia então temas literários, à luz da doutrina de Taine, e alguns outros nomes de menor importância. Como se destacaram, êstes últimos, já no século XX, dêles não nos ocuparemos aqui.

(352) Obra cit., pág. 4.

(353) Idem, pág. 16.

CAPÍTULO XVIII

A HISTORIOGRAFIA,
APÓS A GUERRA DO PARAGUAI

RENOVAÇÃO DA PESQUISA E DA CRÍTICA. — ANÁLISE DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA. — DEPOIMENTO SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI. — A REVOLUÇÃO DE 93. — OS ALMANAQUES.

CAPÍTULO XVIII

A HISTORIOGRAFIA, APÓS A GUERRA DO PARAGUAI

A malograda república rio-grandense de Piratini deixara traços profundos, bem visíveis, mercê da adesão sentimental do povo à experiência dos farrapos. Caxias e os seus sucessores no govêrno pacificaram a província, mas não lograram extirpar-lhe o republicanismo, latente sobretudo no seio das elites e dos prósperos estancieiros da campanha. A vitória militar conquistada no Paraguai, ao invés de fortalecer, debilitou os liames do regime monárquico; cessada a luta externa, e mesmo antes disso, as instituições começaram a dar sinais de colapso iminente, e foi então que o Rio Grande liberal teve ocasião de batalhar pela implantação do regime pelo qual tanto sofrera nos tempos do Segundo Reinado.

A pregação republicana, sob as vistas benevolentes ou enfraquecidas do monarca, caminhava para as soluções radicais. E nesse período, quando era ainda mais cômoda, apesar de tudo, a posição conservadora, alguns acadêmicos gaúchos, fazendo côro a colegas de outras províncias, estudantes todos na Academia de S. Paulo, deitaram aos quatro ventos a sua profissão de fé revolucionária.

Agremiou-os, num círculo propício a entusiasmos contagiantes, o *Clube Vinte de Setembro*, de onde iriam desferir furiosas cutiladas contra a ordem vigente.

A obra escrita, a êsse tempo, por Alcides Lima (354) e

(354) Alcides de Mendonça Lima nasceu em Bagé a 11 de outubro de 1859; faleceu no Rio, em setembro de 1935. Estudante em S. Paulo, onde se diplomou em Direito, participou ativamente da vida acadêmica; com Pedro Lessa e Alberto Sales, redigiu *O Federalista*, mensário republicano; redator d'A *República*, órgão do Centro Republicano Acadêmico. Foi promotor-público e juiz de comarca; reitor do ginásio Lemos Júnior, da cidade do Rio Grande; deputado à Constituinte de 1890 e à Assembléia Legislativa do Estado. Escreveu: *História Popular do Rio Grande do Sul*, Rio, Tip. Leuzinger, 1882; *Discurso inaugural, pronunciado a 20 de Setembro, na fundação do Clube Vinte de Setembro* — Tip. Leuzinger, Rio, 1881; *Resposta do juiz de comarca do Rio Grande à denúncia do Procurador-Geral do Estado* — Liv. Universal — Pelotas, 1896.

Assis Brasil ⁽³⁵⁵⁾ acentua a preocupação de rever o passado rio-grandense à luz das idéias liberais. O primeiro escreve a *História Popular do Rio Grande do Sul* e o segundo a *História da República Rio-Grandense*, publicadas ambas no mesmo ano de 1882, na data aniversária da revolução farroupilha.

Na intenção e na realização, constituem verdadeiramente um só livro, de tal modo se fundem e completam os planos a que obedeceram. Alcides Lima, na introdução, declara: "O autor intenta unicamente apresentar aos seus comprovincianos, em uma apreciação resumida e sintética, o conjunto da elaboração social e a concatenação dos elementos que predispueram o Rio Grande do Sul a desligar-se do Império brasileiro, proclamando-se Estado Independente sob a forma de governo republicano. Nesse sentido a *História Popular* não é

(355) Joaquim Francisco de Assis Brasil nasceu em S. Gabriel a 29 de julho de 1857 e faleceu a 24 de dezembro de 1938 na granja de Pedras Altas, município de Pinheiro Machado. Formou-se em Direito (1882) pela Academia de S. Paulo, onde participou do Clube Republicano Acadêmico, do Clube Vinte de Setembro e redigiu *A República*, órgão de propaganda mantido pelos estudantes. Deputado provincial (1884-88). Constituinte federal de 1890. Embaixador extraordinário e ministro plenipotenciário em Buenos Aires (março de 1890). Enviado em missão especial à China em 1893. Coube-lhe reatar, como embaixador em Lisboa, as relações diplomáticas do Brasil com Portugal (1895). Ministro plenipotenciário nos Estados-Unidos (1898) e no México. Encarregado, como plenipotenciário, de negociar, juntamente com Rui Barbosa, as bases do tratado de limites com a Bolívia (1903). Delegado brasileiro ao III Congresso Internacional Americano (1907). Aposentou-se em 1912 e recolheu-se à estância de Pedras Altas, mas em 1922 reiniciou a atividade política. Em oposição ao Sr. Borges de Medeiros, a Aliança Libertadora lançou a sua candidatura à presidência. Não tendo sido reconhecido, isso deu causa ao movimento revolucionário de 1923, que só terminou com o "Pacto de Pedras Altas", firmado na granja deste nome, com a presença do Gal. Setembrino de Carvalho, representante do governo federal. Deputado federal em 1927. Vitoriosa a Revolução de 30, foi Ministro da Agricultura do Governo Provisório; em 1931, seguiu para Buenos Aires como embaixador extraordinário; eleito deputado federal constituinte (1933). Sua obra é mais de publicista político que de historiador. Escreveu: *Chispas* — poesia — Alegrete, Tip. do "Jornal do Comércio", 1877. *História da República Rio-Grandense* — Rio, Tip. Leuzinger, 1882 (1.º vol; o 2.º não chegou a imprimir-se). *Do Governo Presidencial na República Brasileira* — Lisboa, Cia. Nac. Edit., 1896. *Do Voto e do Modo de Votar* — Lisboa, 1895. *Idéia de Pátria* — conferência — S. Paulo, 1918. *O Brasil em Guerra* — Rio, Imp. Nac., 1919. *A República Federal*, Rio, 1881. *Democracia Representativa* — Rio — Leuzinger, 1893. *Ditadura, Par-*

mais do que uma introdução necessária à *História da República Rio-Grandense*." ⁽³⁵⁶⁾

Há na advertência lisamente emitida uma quase confissão de parcialidade, se não política, pelo menos inspirada no determinismo de Taine. Pois o jovem autor teve o intuito de apresentar a experiência republicana rio-grandense como resultante de fatores geográficos, econômicos e políticos cujas conseqüências, na ordem provinciana, levariam inelutavelmente àquele resultado. Mas, se a tese era essa, o exame histórico feito pelo seu autor não inculca, nem justifica tal conclusão. Alcides Lima tratou o assunto desapetrechado de elementos de comparação. Viu na história local um processo todo particular, todo peculiar, esquecido das ligações, ostensivas ou subjacentes, do grupo humano aqui formado com o corpo de aspirações e tendências da América Portuguesa. Não há dúvida que, sob muitos aspectos, êle tem razão. O Rio Grande, no seu isolamento físico, daria a um observador menos atento a impressão de constituir uma célula perdida no mapa da cultura de origem lusa. Mas quem o visse desse modo não o veria na sua feição mais verdadeira. Os traços mais genuínos da sociedade gaúcha ligam-na intimamente às origens lusas; estas não se lhe apagaram da fisionomia espiritual, como pretendem historiadores e sociólogos apressados. Bem ao contrário. A própria vizinhança do espanhol, tida como elemento concorrente da pretendida descaracterização, serviu antes para avivá-las. De outro modo, não se explicaria a posição do Rio Grande de hoje na Federação, a cujo grêmio leva o tributo de um sentimento nacional agudíssimo. Mas o moço historiador queria justamente dizer que as condições físicas eram o maior responsável pela insurreição do Vinte de Setembro. Ora, numa época de inquietações generalizadas, como as que antecederam a crise da Maioridade, a explosão de sentimentos hostis ao governo do Centro não se registraram somente no Sul. Outras províncias conheceram os mesmos assomos de inconformismo e rebeldia.

lamentarismo e Democracia — P. Alegre, Tip. d'A Federação, 1886, (2.ª ed., Rio — Liv. Leite Ribeiro, 1927). *Cultura dos Campos* — Lisboa, 1897. *A Unidade Nacional* — conferência — P. Alegre, 1883. *Atitude do Partido Democrático Nacional* — P. Alegre, Globo, 1929. Deixou, além disso, vários opúsculos e escreveu ainda um drama, *Os Homens Microscópicos*, representado em S. Gabriel, em 1876.

(356) V. *História Popular do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Globo, 2.ª ed. 1935 — pág. 7.

Mas, como íamos dizendo, se a análise a que se entregou Alcides Lima não é a mais aceitável, tem contudo um grande mérito. Dêste modo, sua *História Popular* é um livro excelente, não só pela vivacidade dos relatos, como pela clareza da exposição. De resto, as causas mediatas e imediatas que deram origem à revolução rio-grandense não seriam tratadas por êle, mas por um seu companheiro de Academia e de ideais políticos — Assis Brasil.

O livro dêste autor — *História da República Rio-Grandense* — não é tão inspirado, nem tão fluente, e muito mais subordinado ao método taineano, pelo menos nessa primeira parte, pois o anunciado trabalho de conjunto ficou em meio, não tendo Assis Brasil podido terminá-lo. A parte escrita equivale a um levantamento da atmosfera moral em que se moveram os homens de Bento Gonçalves, aquêles humildes estancieiros, chefes de clã rural, convertidos em administradores de uma república temporã, a que deram, contudo, a sua fé inabalável, os seus haveres e o seu sangue.

Falho muitas vêzes, impreciso outras, nem sempre justo no discernir os verdadeiros motivos da revolução setembrina, nem por isso o livro de Assis Brasil deixa de ser a imagem de um grande espírito, que nessa obra escrita na mocidade correu para renovar os processos até então em voga na historiografia local. O tom crítico ali evidenciado impôs aos sucessores maiores compromissos no trato do mesmo assunto.

A *História da República Rio-Grandense* é livro básico, ainda hoje, para a interpretação político-social da sublevação farrapa. A intenção laudatória com que Assis Brasil o escreveu não chegou a tisonar de parcialidade as páginas admiráveis dessa pequena grande síntese.

O autor mostrou-se, aliás, pouco inclinado a relatar episódios da luta armada, deixando isso aos cata-piolhos da história militar. Ocupou-se, ao revés, dos fatos políticos, das causas que os geraram, de seu processo evolutivo, como até então não se fizera. À luz de tal exame crítico, dirigido especialmente a focalizar a preparação da República saída dos campos do Seival, cresceu de importância aquêle movimento, tido até então na categoria de insurreição armada sem idéias ou programas, despida de compromissos morais e jurídicos.

Ainda que se possa discordar de muitas de suas conclusões, a verdade é que a obra de Alcides Lima e Assis Brasil plantou no terreno dos estudos históricos uma orientação inteiramente nova, que impeliu a novos rumos a historiografia vigente, miudamente episódico-narrativa.

João Cezimbra Jacques, ⁽³⁵⁷⁾ suprimindo com talento suas deficiências de cultura, atinge com certo golpe uma nova modalidade de estudos históricos. Não pretendeu rever o passado através dos sucessos culminantes da história guerreira ou política. Sensível à alma popular, no que ela tem de mais permanente — usanças, costumes, folguedos, técnica de trabalho — Cezimbra os relembra com agudo senso documental e indisfarçável ternura. Num livro de grande importância, o *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*, tornou-se cronista das cousas de antanho, pondo no evocá-las uma acentuada preferência pela vida da campanha. O monarca das coxilhas surde das páginas dêste livro com a franqueza, a galhardia e o entono das eras primitivas. É completa a ressurreição. Com a sua prosa desataviada, conduz-nos o autor ao fogão gaúcho de outros tempos, mostra-nos os duros trabalhos do velho guasca transformado em peão de estância. E depois vêm os folguedos, os cantos à viola, as danças, tudo aquilo que, embora transformado pela civilização, reproduz com vivacidade o meio social do antigo continente de São Pedro.

Livro de amor, desencadeou reações favoráveis à valorização da campanha como assunto literário. Mas, não contente de o ter escrito, Cezimbra Jacques levou mais além a sua devoção ao pago. Assim, fêz-se precursor das associações tradicionalistas, a teor do *Grêmio Gaúcho*, que fundou num dos arrabaldes de Pôrto Alegre, para que ali, à sombra de uns tristes umbus cidadãos, se evocassem ao ar livre as danças, as cantorias, os folguedos característicos da fronteira.

A volta ao autoctonismo — palavra na moda por aquela época — tomou, além daquela, outra direção na obra de Cezimbra. O estudo do índio rio-grandense, isto é, das poucas famílias reunidas nos *toldos* de Cima da Serra, preocupou-o também. Examinou-lhes os hábitos, recolheu têrmos e expressões da sua meia-língua, esforçou-se por descobrir nas suas

(357) João Cezimbra Jacques, filho do Capitão Inácio de Sousa Jacques e de D. Rita Cândida de Cezimbra Jacques, nasceu em Santa Maria a 13 de novembro de 1849 e faleceu no Rio. Era oficial do Exército, reformado no posto de major. Declarou-se livre pensador e adepto da política positiva de Comte. Escreveu: *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul* — Tip. de Gundlach & Cia., P. Alegre, 1883. *Assuntos do Rio Grande do Sul* — Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia, P. Alegre, 1912. *Meditações* — opúsculo — Tip. da Agência Literária — Pôrto Alegre, 1907. *O Direito na Sociologia* — Pimenta de Melo & Cia., Rio, 1917.

manifestações orais um farrapo de poesia; e assim, a despeito de não possuir conhecimentos mais amplos sobre esse gênero de pesquisas, realizou um levantamento precioso, fonte a que se vão abeberar muitos autores, ainda agora.

Nos *Assuntos do Rio Grande do Sul*, com igual devotamento, continuou a forragear valiosas migalhas de uma tradição ameaçada. Repetindo o livro anterior em muitos pontos, renovando a matéria, retificando ou ampliando o quadro, Cezimbra Jacques completou a obra que o seu tradicionalismo quase religioso projetara em verdes anos.

Alfredo Varela ⁽³⁵⁸⁾ tinha o mesmo fervor pelas cousas do Rio Grande. A sua maneira de ver o passado histórico é que nem sempre coincidia com a de seus conterrâneos mais ilustres. Talvez pela formação recebida, em tenros anos, na estância uruguaia do avô, esse jaguareense de cabelo na venta trouxe à historiografia uma paixão que até então lhe faltara: um certo platinismo colorido e brilhante, não apenas na expressão rebuscada, de boa cêpa gongórica, senão ainda o mau vêzo de interpretar os acontecimentos locais com a preocupação de descobrir possíveis ligações com as intranquilidades platinas. Assim, por exemplo, na obra mestra que escreveu — *História da Grande Revolução* — cinco volumes de prosa compacta, endereçados a revisar o movimento farroupilha. Mas este livro, aparecido no século XX, não é o que nos vai ocupar por agora, na bibliografia de Varela.

(358) Alfredo Varela nasceu em Jaguarão a 16 de setembro de 1864 e faleceu no Rio a 27 de julho de 1934. Era filho do Dr. Manuel Rodrigues Villares, que assassinou sua mulher, mãe do escritor; este, aos 21 anos, mudou o nome para Alfredo Augusto Varela, adotando o sobrenome materno. Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife (1889) e doutorou-se na do Rio. Foi procurador da República no seu Estado; deputado federal (1900-1905) e cônsul em vários países, desde 1909. Durante a revolução de 93 comandou um corpo de infantaria. Dirigiu *A Federação* (1890-1891). Exerceu atividade de imprensa no Rio e Curitiba. Foi enviado pelo governo à Europa para coligir documentos concernentes à história nacional. Escreveu: *A Constituição Rio-Grandense*, em defesa da mesma — 1894; *Rio Grande do Sul*, Pelotas, Liv. Universal — 1897. *A Lógica das Revoluções* — panfleto, 1899. *Direito Constitucional Brasileiro*, 1899. *Pátria!* — Rio, Laemmert, 1900. *Código Financeiro da República*, 1900 a 1902. *Contra as Oligarquias*, 1903. *Última encarnação de Rocambo* — polémica — Bruxelas, 1908. *Política Brasileira*, Livraria Chardron, Pôrto, 1929. *História da Grande Revolução* — 6 vols. — P Alegre, Globo, 1933. *Ensaio e Críticas* — 1948. *O Solar Brasília* — Rio, 1950. Anunciava: *Fábulas Novas* — aspectos políticos da questão social, e *A Revolução Brasileira, padrão de impuro civismo*.

Voltemos ao século anterior e vejamos a sua estréia com a *Constituição Rio-Grandense*.

Ninguém, entre nós, se apresentou com maiores cabedais do que êle ao cultivo das letras históricas: bom conhecimento da antiguidade clássica, amor ao estudo, freqüência no manuseio dos grandes intérpretes do passado. Mas, por outro lado, ninguém tão rebuscado, de expressão mais caudalosa, incontida no louvor e na descompostura. O esforço que despendeu para estudar os farrapos é alguma cousa de descomunal. Tudo leu e pesquisou, tangido por uma permanente necessidade de extroversão. Brioso e rebarbativo, não escondeu o seu pensamento. E aí daquele que ousasse dissentir de suas conclusões. Esse homem fidalgo de maneiras, de porte varonil e trato ameno, diante do papel refugia a tódas as lições da conveniência, da tolerância, da transigência. Fêz da história motivo para dar vasão ao seu temperamento de panfleatório.

Grandes defeitos, aliados a grandes qualidades, tornaram-lhe a obra indigesta, ilegível mesmo. É preciso um grande amor às cousas que êle debateu, aos fatos que estudou, para se arriscar alguém a penetrar os subterrâneos construídos por Alfredo Varela. Mas ninguém que pretenda conhecer o Rio Grande poderá deixar de fazer um estágio nessa atmosfera opressiva. Amando passionadamente a linguagem retorcida, sobrecarregada de imagens, comparações e tropos, amou do mesmo passo o documento, de modo que não caiu na simples vaniloquência. Daí a sujeição em que nos tem presos. Queiramos ou não, é preciso suportá-lo.

Evaristo Afonso de Castro, ⁽³⁵⁹⁾ português de nascimento, publica em 1887 a *Notícia Descritiva da Região Missioneira*. A resenha histórica da fundação e destruição da república guaraníca, tema inicial do livro, não chega a ser um trabalho original, mas os estudos da segunda parte, relativos a Cruz Alta, São Martinho, Palmeira, Passo Fundo, Soledade, Santo Ângelo, São Luís, Boqueirão, São Borja, São Francisco de Assis, São Vicente e Itaqui, representam um esforço digno de encômios. O próprio autor, quase imodestamente, acentua a importância de tais páginas, como precur-

(359) Evaristo Afonso de Castro, filho de Lourenço Afonso de Castro, nasceu em Portugal. Residiu muitos anos em Cruz Alta, onde enriqueceu no comércio. Escreveu: *Notícia Descritiva da Região Missioneira* — Cruz Alta, Tip. do Comercial, 1887 e *Gigante Missioneiro*, poemeto histórico e geográfico, 1902.

soras de um gênero de investigações em que os historiadores da província não se haviam aprofundado. Mas o certo é que esse livro, escrito e impresso numa pequena cidade da zona missioneira, antecipou-se de muito às monografias municipais publicadas neste século, além do que, poucas se lhe avantajam.

O cearense J. Artur Montenegro, ⁽³⁶⁰⁾ que viveu muitos anos no Rio Grande, foi um historiador modesto, singular-

(360) José Artur Montenegro nasceu em Uruburetama, Ceará, a 29 de fevereiro de 1864 e faleceu em Pôrto Alegre a 3 de abril de 1901. Em 1881, depois de estudar pilotagem na costa do Brasil, matriculou-se na Escola Militar de Pôrto Alegre, de que se desligou em 1884. Serviu, como oficial inferior, em Santa Catarina e Jaguarão. Deixou em 1889 a carreira militar. Empregou-se na Estrada de Ferro de Pôrto Alegre a Uruguaiana. Voltou ao Ceará e foi secretário da Estrada de Ferro de Baturité; fixando-se de novo no Rio Grande, exerceu as mesmas funções na Southern Brazilian. Pertenceu a muitas instituições de cultura, do país e do exterior. Escreveu: *Memórias de Madame Dorotheia Duprat de Lasserre* (traduzido do original e anotado), Rio Grande, 1893. *Resumo da Ordenança*, sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército, 1893. *Monografias históricas por D. Juan Silvano de Godói* (tradução e notas), acrescido de D. Pedro II, de Benjamin Mossé (Paris, 1889), Rio Grande; 1895. *Viagem pitoresca pelos rios Paraguai, Paraná, S. Lourenço e Arinos*, por B. Bossi — tradução e anotações, in *Eco do Sul*, Rio Grande, 1893. *Cristóvão Colombo e o descobrimento da América. História da geografia do Novo Continente e dos processos da Astronomia Náutica dos séculos XV e XVI*, por Alexandre Humboldt, tradução, in "Atualidade", Rio Grande. *Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai*, publicadas no "Diário do Rio Grande" e na "República", de Fortaleza. *Bibliografia da campanha do Paraguai*, in "Diário do Rio Grande". *Visconde de Taunay*, esboço biográfico, in "Revista da Academia Cearense", 1899. *O Uruguai*, poema de José Basílio da Gama, ed. da Biblioteca Pública de Pelotas, comemorativa do 4.º centenário do descobrimento do Brasil (prefácio e anotações), Echenique Irmãos & Cia., Pelotas. *Fragmentsos Históricos. Homens e Fatos da Guerra do Paraguai* (1.ª série) Tip. da Liv. Rio-Grandense, Rio Grande, 1900. (Com prefácio de R. de Farias Brito.) *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, Rio Grande, 1895. *Projeto de Estatutos do Instituto Histórico-Geográfico Rio-Grandense*, Rio Grande, 1894. Deixou inéditos: *História da Guerra da Triplíce Aliança contra o governo do Paraguai* — 6 volumes. *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*, de que foram publicados alguns trechos. *Dicionário das madeiras do Brasil. História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana*, 1878-1881. *As ilhas do Brasil*, estudo geográfico. *Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX*. Iniciou a tradução das "Memórias do General van Versen", na parte referente à Guerra do Paraguai. Vide J. F. Velho Sobrinho, *Dic. Biobibliográfico Brasileiro*.

mente operoso. Deixou bibliografia numerosa, através da qual ressalta a sua preferência por assuntos ligados à Guerra do Paraguai. Traduziu obras diversas, de grande importância para o estudo daquele conflito externo, mas não olvidou a história rio-grandense, para a qual quis compor livros de referência, no empenho de facilitar o trabalho de outros pesquisadores.

O seu livro mais pessoal intitula-se *Fragmentsos Históricos*, coletânea de retratos de heróis e chefes brasileiros que pelejaram contra Solano López. Prefaciando-o, Farias Brito assim se manifesta sobre o autor, seu conterrâneo: "Independente de toda e qualquer impugnação, nota-se nos trabalhos do Sr. Artur Montenegro pronunciada tendência (e isso mesmo é o que constitui uma das feições características do seu método) para averiguar, para entrar no exame dos menores detalhes, para deixar tudo fora de dúvidas, de modo a dar às suas narrações um grau tal de certeza que a gente ao lê-las não possa deixar de ficar convencido."

Eis aí o traço principal do incansável polígrafo. Ele possuía, como poucos, a paixão da pesquisa; se isso lhe desviou a inteligência para muitos rumos, impedindo-a de concentrar-se num só tema (o que sacrificou a unidade em benefício da variedade), o escrúpulo do seu labor lhe dá um lugar eminente na reduzida família dos pesquisadores autênticos. O seu arquivo, religiosamente guardado na Biblioteca Rio-Grandense, onde o consultamos, é mina quase inexplorada. Existem ali peças de altíssimo valor, trabalhos inéditos que precisam vir a lume.

Eudoro Berlink (1843-1880) publicou em vida um compêndio de geografia, mas a sua obra mais importante, no domínio da história, ficou inédita. Jornalista de grande brilho, como historiador não lhe faltou essa qualidade, a par da isenção, da segurança com que versou os seus temas. Só neste século, graças a E. Vilhena de Moraes, vieram a lume os seus *Apontamentos para a História Militar do Duque de Caxias*, contribuição realmente preciosa para esclarecer a atuação do grande soldado, notadamente durante a pacificação do Sul.

Pertence Ramiro Fortes de Barcelos (1851-1916) um excelente estudo, infelizmente incompleto, sobre *A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul*, onde a visada do historiador teve em mira o exame profundo das causas políticas e sociais da insurreição. Abrange apenas o período inicial do movimento, mas ficaram aí patenteadas as altas qualidades do escritor, a agudeza de seu lance de vista, mercê das quais pô-

de esclarecer de modo definitivo alguns aspectos até então olvidados.

Fernando Luiz Osório (1848-1896) iniciou a revisão da vida trabalhosa de seu pai no primeiro volume da *História do General Osório*, obra capital pela ampla documentação que oferece ao estudo das origens da família Osório, e dos primeiros passos do futuro Marquês do Erval na vida militar. O influente papel desempenhado pelo bravo soldado na Guerra do Paraguai e na política do tempo foi objeto do segundo volume, terminado por Joaquim Luiz Osório e Fernando Luiz Osório, filho.

Sobre a nossa contenda com o Paraguai, surge no último decênio do século a obra magnífica de José Bernardino Bormann. O autor, que serviu naquele teatro de operações, a par da observação direta utilizou-se de vastos subsídios escritos, percorrendo os arquivos do Exército e da Marinha. Produziu, assim, um livro de consulta obrigatória, que por muitos anos, até que aparecesse a *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, do General Tasso Fragoso, foi a nossa melhor fonte de informação. Testemunha de muitos acontecimentos que narra, Bormann escreve com ardor e paixão, raramente indicando fontes bibliográficas ou a origem dos documentos transcritos. Sem embargo de tudo isso, é seguro no informe, retratando, além do mais, com muita vivacidade, os cabos de guerra aliados. Rebate com vigor certas interpretações da historiografia paraguaia, mostra grande conhecimento de estratégia, ressalta os feitos do inimigo, mas não tem bastante serenidade para julgar os homens que se moveram do lado de lá, atrelados à aventura de López.

José Zeferino da Cunha, autor obscuro, aditou muitos informes, nos seus *Apontamentos para a História da Revolução de 1835* (1902), ao estudo da biografia de Domingos José de Almeida, ministro da República de Piratini e fundador da cidade de Pelotas. Antônio Maria Pinto, também quase desconhecido, publicou *A Invasão da Fronteira de Jaguarão em 27 de janeiro de 1865*; Antônio de Azevedo Lima (1834-1898), a *Sinopse Geográfica, Histórica e Estatística do Município de Pôrto Alegre* (1890), e editou, de parceria com Inácio de Vasconcelos Ferreira, o prestante *Almanaque Rio-Grandense*, de vida efêmera. José Pinto Guimarães sumariou a cultura rio-grandense num livro didático até hoje não superado, *O Rio Grande do Sul para as escolas* (1896), de que conhecemos duas edições. Felicíssimo Manuel de Azevedo (1823-1905), seguindo a trilha de Antônio Álvares Pereira Coruja, publi-

cou pela imprensa, e parece que em livro, as *Cousas Municipais*, enquanto Sebastião Afonso Leão (1866-1903), também homem de imprensa, divulgou no "Correio do Povo" as *Datas Rio-Grandenses* e, com o pseudônimo de *Coruja Filho*, as *Escavações Históricas*, curioso repositório muito consultado pelos historiadores e cronistas da cidade de Pôrto Alegre.

Na cidade de Piratini, onde nasceu, viveu e morreu, destacou-se na segunda metade do século anterior uma curiosa figura de erudito — Manuel José Gomes de Freitas (1811-1884), autor de numerosos trabalhos sobre história geral e regional. Com as iniciais G. de F., publicou na *Arcádia*, da cidade de Rio Grande, os seguintes trabalhos: *Os jesuítas, sua criação, introdução no Brasil e motivos de sua expulsão de Portugal e seus domínios* (1869) e *Vila de Piratini — Notícia histórica, geográfica e descritiva*. Publicou ainda: *Apontamentos dos fatos diretos ou relativos à História do Brasil; Lista das batalhas desde 758 anos antes de Jesus Cristo até 1866*; deixou inéditos: *Bosquejo das nações e personagens notáveis da história universal e pátria* — 2 vols. — e *Apontamentos históricos e geográficos da Província do Rio Grande do Sul*.

A Revolução de 93, ainda não estudada em obra sistemática, e imparcial, abrangendo os sucessos ocorridos tanto no Rio Grande como em Santa Catarina, teve, contudo, quem sobre ela depusesse ainda ao calor das paixões veementes que suscitara. Além de Albino José Ferreira Coutinho, autor da *Marcha da Divisão Norte* (1896); Pedro Carvalho, de *A campanha do Coronel Santos Filho*, General Salgado, de *Apontamentos sobre a Revolução do Rio Grande do Sul*, destaca-se Ângelo Dourado, em *Voluntários do Martírio* (1896), a crônica histórica mais emocionante que já se escreveu sobre aquele período conturbado. O autor, natural da província da Bahia, foi coronel-médico das forças federalistas. Nas páginas desataviadas de seu diário de campanha, os fatos mais banais tomam relêvo especial; havia no fundo desse narrador desprezioso uma ficcionista de polpa, ou pelo menos uma sensibilidade muito alerta ao sofrimento humano, uma paixão e uma chama criadora incomuns, que dão excepcional relêvo documental aos trechos em que descreve a paisagem, evoca as privações da campanha, os horrores da luta fratricida.

Nos fins do século começam a aparecer os primeiros ensaios de dois historiadores verdadeiramente dignos deste nome — Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942), e Alcides Cruz (1867-1916), o primeiro dos quais iniciou a revisão do pro-

cesso histórico dos Farrapos. Durante mais de trinta anos, Ferreira Rodrigues levantou amorosamente, com exemplar honestidade e lúcida inteligência, vasta documentação sobre o decênio revolucionário, retificando pontos essenciais e esclarecendo definitivamente outros até ali obscuros ou desconhecidos. A sua figura vai encher um largo período de nossa historiografia, no século XX.

OS ALMANAQUES

Nas últimas décadas do século passado, os almanaques publicados no Rio Grande tiveram grande voga e prestígio. Eram o melhor veículo da poesia, do conto e do estudo histórico. Algumas dessas publicações chegaram a exercer influência na vida mental, pois que se constituíram em repositório de pesquisas e ensaios da maior importância. Desde o modesto Manuel Antônio de Magalhães, precursor do gênero, em 1808, até ao advento da imprensa, copiosas informações ter-se-iam perdido, por falta de periódicos dessa natureza.

Dentre os almanaques e publicações congêneres aparecidos ao findar do século, salientam-se os seguintes:

Anuário da Província do Rio Grande do Sul (depois Estado), dirigido por Graciano A. de Azambuja (1885-1914), o mais prestante de todos.

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, editado na cidade do Rio Grande pelo organizador, Alfredo Ferreira Rodrigues (1889-1917), que lhe deu feição eminentemente histórica, publicando em suas páginas a maior parte da obra de revisão que empreendeu no concernente aos Farrapos.

Almanaque Popular Brasileiro, editado em Pelotas por Echenique & Irmão (Livraria Universal), de 1894 a 1908.

Almanaque Enciclopédico Sul-Rio-Grandense, dirigido por Augusto Pôrto Alegre (1898-1899).

Em língua alemã, tivemos vários outros, a exemplo do *Koseritz Deutsche Kalender*.

CAPÍTULO XIX

A ORATÓRIA, O JORNALISMO, A SÁTIRA POLÍTICA

ORATÓRIA SAGRADA E ORATÓRIA POLÍTICA. — A IMPRENSA ATRAVÉS DAS GRANDES CAMPANHAS EM QUE SE EMPENHOU. — POETAS SATÍRICOS DO SÉCULO XIX.

CAPÍTULO XIX

A ORATÓRIA, O JORNALISMO, A SATIRA POLÍTICA

Durante o período colonial o gênero da oratória não teve ocasião de manifestar-se, a não ser no púlpito católico. Mas o Rio Grande não deu à oratória sacra figuras que suplantassem as que esplenderam em outros centros culturais do país. Já na política, sobretudo a partir da primeira assembléia constituinte, o papel dos oradores do Rio Grande começou a tornar-se brilhante. As fortes paixões que as parcialidades desencadearam entre nós constituíram uma verdadeira escola de oradores, e estes apareceram, durante o Segundo Reinado e a República, equiparando-se aos que mais de perto contribuíram a engrandecer a eloquência neste país.

A oratória sacra, escassamente cultivada até hoje, não deixou, contudo, de oferecer à nossa admiração alguns nomes bem expressivos.

Em primeiro lugar, aparece o Padre Antônio Marques de Sam Payo (1778-1846), que aqui e na Côrte, mas principalmente nesta, demonstrou qualidades de orador fluente e arbatado, como se vê da oração que proferiu na capela imperial, no ano de 1808, saudando a Família Imperial portuguesa e analisando a política napoleônica. A palavra de Sam Payo, não liberta dos artifícios da velha retórica, era simples e direta, sem embargo de aplicar as mesmas objurgatórias em que se celebrou o seu contemporâneo Mont'Alverne. Ao lado dos inúmeros oradores sacros da chamada "escola fluminense", pode e deve figurar o gaúcho, sem desdouro para os demais.

Do mesmo período é o Padre Santa Bárbara (1786-1868), que no parlamento imperial e nas suas homílias dominicais, em Pôrto Alegre e Cachoeira, se tornou célebre pela agudeza do engenho e cultura filosófica, ademais do realismo com que debateu temas políticos.

O Cônego José Gonçalves Viana (1843-1897, licenciado em Filosofia na Itália e humanista muito justamente reputado em sua terra, deu brilho invulgar à oratória sacra, mercê de sua poderosa imaginação, servida por um lastro filosófico que faltou a outros oradores mais modestos, como o Cônego To-

mé Luís de Souza (1770-1858), mais conhecido por sua vida piedosa e austera.

Já o Cônego Augusto Joaquim de Siqueira Canabarro (1843-1890), ilustre taquariense, atuou na tribuna sagrada a partir da segunda metade do Segundo Reinado, e deixou impressos pelo menos dois sermões, ambos dedicados ao tema que mais o apaixonou — a escravidão. O primeiro dêles, de 1887, é um tremendo libelo ao instituto do trabalho servil, abundante de citações históricas, referidas com grande imponência, numa linguagem polida e enfática; o segundo, proferido em solene Te-Deum, dias após o Treze de Maio, oferece o mesmo interesse do anterior, tanto mais quanto as questões sociais do tempo não foram tratadas pelo Cônego Canabarro por alto e improvisadamente. A sua formação liberal assentava em convicção arraigada, que aos mínimos pormenores de sua oratória infunde uma fôrça capaz de comover e arrebatar. E os contemporâneos conheceram, de fato, o poder de sua sedução; nenhum outro orador sacro o excedeu, aqui, nesses raptos de boa eloquência. Admirador intransigente de Nabuco e de Patrocínio, foi, como êstes, um orador moderno, colorido, sabendo jogar com as paixões alheias, mas, do mesmo passo, guardando uma categoria literária que o preserva do esquecimento. A cidade de Pelotas, onde viveu os últimos anos de sua afanosa existência, teve nêlo o seu maior pregador.

Felipe Néri de Oliveira (1820-1869), filho de militar, seguiu também a carreira das armas e prestou serviços na fronteira com a Argentina, mas antes dos trinta anos abandonou o Exército para fazer política e jornalismo na Capital. Logo, porém, que irrompeu a guerra com o Paraguai, voltou à tropa; mandado para o teatro de operações, veio a falecer em Assunção. Na assembléia Provincial, como representante dos liberais progressistas, alteou-se a sua oratória como uma das mais eloqüentes do Rio Grande do Sul. A sua atuação parlamentar criou-lhe uma auréola de prestígio como não a teve nenhum outro orador político da mesma época. E os louvores que se lhe fizeram não são exagerados. Falava realmente muito bem. Do seu físico dominador, de sua bela voz, soube tirar o maior proveito na tribuna, distinguindo-se pelo tratamento artístico que imprimia ao discurso. De tal modo se houve nos debates ali travados, que é de justiça considerá-lo o primeiro grande orador político produzido pelo Rio Grande do Sul, em ordem cronológica.

Antônio Ferreira Viana (1832-1904), o nosso segundo grande orador parlamentar, teve por cenário a capital do Império, onde construiu um dos nomes mais respeitados e admirados do seu tempo. Abraçou muito cedo, logo depois de formado em Direito pela Academia de São Paulo, a carreira política, em que iria competir com os homens mais experientes do Segundo Reinado, a que deu grande lustre, no Parlamento, a sua oratória à inglêsa, segundo o bom gôsto e a elegância da era vitoriana. Nesse homem de tão rica e estranha psicologia, misto de monge e de espadachim, a palavra pública foi sempre um modêlo de aticismo, ainda nos momentos de maior causticidade. Fugindo aos exageros da oratória romântica, exato e polido, reservado e fino, sugerindo mais do que afirmando, não pôde competir com outros oradores famosos mas desconchavados, perante auditórios heterogêneos, massas populares apaixonadas. Os requintes da sua expressão casavam com as preferências de uma pequena elite de letrados, ante a qual desfrutou de largo renome, respeito e admiração. Enfrentou grandes oradores na arena parlamentar e na tribuna judiciária. De uma finura e dicacidade realmente excepcionais, sagrou-se um dos grandes cultores do *humour*, notadamente nos ataques a Pedro II, de quem só se aproximou após a proclamação da República. Êsse grande espírito foi, sem dúvida, o que mais artista se revelou entre todos os oradores gaúchos do século passado.

Gaspar Silveira Martins (1835-1901) era, em tudo, a antítese da medida e da sobriedade finamente intelectual de Ferreira Viana. A sua oratória é mais imaginosa e colorida, veemente até ao esgar, feita dessa matéria impalpável das adivinhações fulgurantes. De um golpe percebia onde se aninhava, em que recanto obscuro da alma popular, o alvo que devia ferir, a paixão que devia desatar. Identificou-se com os seus ouvintes, arrastou-os a si, teve-os presos à potência de seu verbo. Mas as suas orações, mesmo as mais admiráveis, não podem ser lidas hoje sem um sentimento de decepção. Aquilo não se destinava apenas a ser dito — mas a ser representado, como num palco. Na personalidade de Silveira Martins o sentido do teatral será por acaso a sua marca realmente característica. Fascinou com a sua presença, com os seus ares dominadores, a sua fôrça física, sendo a palavra, nesse conjunto, não a qualidade primeira, mas o dom que contribuiu a aperfeiçoar a harmonia geral da pessoa. A sua

entrada no Parlamento do Império é relembrada por Joaquim Nabuco em termos que lidos uma vez se nos gravam para sempre na memória:

“Um homem novo começava a aparecer na política, e revelava, desde os seus primeiros atos, uma independência, uma fôrça, uma audácia, como decerto ainda não se tinha visto, batendo às suas portas em nome de um direito até então desconhecido: o povo. Era Silveira Martins. A figura do tribuno, como depois a do parlamentar, era talhada em formas colossais; não havia nêle nada de gracioso, de modesto, de humilde, de pequeno; tudo era vasto, largo, soberbo, dominador.”⁽³⁶¹⁾

Não admira que o seu nome houvesse centralizado, em certo momento, a política do Império; feita a República, bate-se contra Júlio de Castilhos, ao lado de Saldanha da Gama, e termina os seus dias, melancolicamente, exilado na capital uruguaia. A sua poderosa individualidade forjara, porém, uma filosofia política, deixara traços inapagáveis, mas isso é outra história. O que se quer dizer aqui é que foi um dos oradores mais temidos neste país, uma das palavras mais carregadas de audácia e senso de objetividade. Deixando de lado as galas da oratória tradicional, indo direto ao cerne dos assuntos que debatia, foi em verdade um realista. Por isso, se a sua fama perdura, a sua oratória, com o passar do tempo, vai perdendo substância, por isso que não trabalhou o período para viver no papel. Omitido o cenário, o palco de suas façanhas, vai-se ver, os diamantes de Gaspar são vidrilhos, ou fogos de artifício de festa veneziana. Na oratória, como em política, criou escola, suscitou admirações incondicionais e adversários poderosos, deixando aos pósteros uma herança que até hoje se discute.

Contemporâneo de Felipe Néri, mais moço e mais inflamado, Félix da Cunha (1833-1865) deu ao partido liberal a sua voz potente, o seu verbo afeiçoado segundo o preceito do individualismo romântico. Nesse gênero de oratória excedeu a todos os seus contemporâneos. Possuía uma flama interior que se nota não apenas em seus discursos, mas sobretudo em seus versos. O cultivo da poesia, da imaginação, deu-lhe aos períodos um tom flexuoso, uma harmonia, um matiz que se tornaram inesquecíveis. Não competiu, como orador, ape-

(361) Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Império*, Comp. Edit. Nacional, S. Paulo, 1936 — II vol., págs. 122-123.

nas no estreito ambiente provincial; também em São Paulo e Rio de Janeiro foi ouvido com interêsse e admiração. A sua atitude na falange liberal, a que era favorável a maioria da imprensa da época, ou pelo menos a imprensa mais ardente, contribuiu bastante para erguer-lhe o nome e torná-lo conhecido em todo o país. Seu irmão, Francisco Cunha, não chegou a reunir em livro, como pretendia, as principais orações de Félix, como fez no tocante aos versos e ao drama *Vitor*, de sua autoria, mas o que se pode ler, fragmentariamente, na imprensa da época, basta para conferir a êsse ardente paladino das idéias liberais o título de grande orador.

Afonso Luiz Marques (1847-1872), também poeta, como seu amigo Félix da Cunha, fez de sua oratória, sempre muito fina e arrebatada, uma página de arte literária superior. Ainda inexperiente da vida pública, muito interessado pelos problemas da cultura, foi o que se pode chamar de orador acadêmico. A geração do “Partenon”, a que pertenceu, guardou dêle lembrança muito viva, explicável pelo encanto de sua palavra cambiante e vigorosa.

Lôbo Barreto Filho (1853-1875) foi outro caso de orador precoce; arrebatou a cidade de Pôrto Alegre num breve período. Não chegamos a ler os seus discursos, a que encontramos encomiásticas referências nos jornais, ao lado de críticas muito favoráveis ao engenho do dramaturgo.

José Bernardino dos Santos (1848-1892) cultivou a oratória acadêmica, com entono e elegância de linguagem não inferiores a Félix da Cunha. Menos arrebatado, mais seguro estilisticamente, revelou mais substância, pela segurança com que conduziu o seu pensamento. Menos subjetivo do que o seu grande êmulo antes citado, teve sôbre êle a vantagem de conhecer melhor as paixões coletivas, explorando com habilidade a tônica da liberdade.

Oliveira Belo (1851-1914), político e romancista, pertenceu à categoria dos oradores acadêmicos. Sua especialidade não era o debate parlamentar, o aceso das discussões em que o ouvinte aparteia e perturba o fluxo do discurso, mas a conferência bem urdida, matizada a capricho, rica de metáforas. Como nesse gênero, diante de assembléias passivas, pudesse dar largas ao seu temperamento romântico, fez do discurso comemorativo e da conferência pública uma especialidade em que poucos o excederam. Com os seus discursos inflamados

tornou-se um dos sustentáculos da Maçonaria, explorando o tema da fraternidade humana sob os mais variados aspectos. No Rio de Janeiro, em cidades fluminenses e mineiras, bem como no Rio Grande do Sul, onde esteve, aliás, raras vezes, foi considerado um dos maiores oradores do seu tempo, ampliando a fama que conquistara com a sua famosa oração *A Igreja perante a História* (1873). Saldanha Marinho, o agressivo e brilhante *Ganganelli*, estava na ordem do dia; Oliveira Belo, então jovem, secundou-lhe a ação com ardor e entusiasmo, sobretudo durante as discussões mais acaloradas acerca da "Questão dos Bispos". Mas a sua oratória, não se tendo aperfeiçoado, não tendo seguido a evolução do gosto, decaiu rapidamente, mesmo porque Oliveira Belo desgostou-se da política, onde maiores triunfos poderia colher. Apesar de tudo, representou bem a sua geração, marcou uma época, a da oratória liberal, de fundo anticlerical, que teve no Brasil, nos últimos decênios do Segundo Reinado, o seu momento de maior esplendor. ⁽³⁶²⁾

Assis Brasil (1857-1938) praticou a oratória num plano mais modesto, por um lado, e mais ambicioso por outro. Pensador político, agitador de idéias, vestiu a palavra com menos gala e louçania, preferindo convencer pela firmeza da argumentação. Se foi apaixonado e veemente, pôs, contudo, a clareza das idéias acima do êxito momentâneo das tiradas fáceis, donde ter atingido mormente as classes cultas, com as quais se entendeu bem, desprezando o elemento povo, mesmo porque os seus temas, no tocante à organização política, não podiam ser julgados por êste último. Falou sobretudo aos condutores, aos responsáveis, aos que por seu alto nível intelectual devem compor as classes deliberantes. Haja vista a campanha que desfechou, na tribuna e no campo jurídico, em prol da verdade do voto. O pensador político sobrepujou, na sua personalidade, o orador partidário; por isso, se artisticamente é menos importante, como construtor de uma mentalidade pública mais arejada o seu nome há de ficar entre os maiores que teve o Brasil republicano.

Álvaro José Gonçalves Chaves (1863-1890), da geração de Júlio de Castilhos, morreu prematuramente, mas durante um lar-

(362) V. Oliveira Belo, *Ensaio na Tribuna Popular* — Tip. de Pinto, Brandão & Cia., Rio, 1875. Ai estão enfileirados discursos e conferências do seu tempo de moço.

go decênio, quando se fazia mais intensa a propaganda republicana no Rio Grande, saiu a pelear pelo interior da província, pondo a serviço de seu apostolado político qualidades excepcionais de orador. O que Castilhos fazia com a pena de jornalista, pelas colunas de *A Federação*, Álvaro Chaves dilatava para o grande público através da palavra. As idéias nítidas e firmes do primeiro tiveram no segundo o seu maior divulgador na tribuna popular.

Pedro Moacyr (1871-1919) começou a aparecer no início do regime republicano, a que se devotou ardorosamente, de início como companheiro de Castilhos, após como dissidente, indo aliar-se a Silveira Martins, cuja herança parlamentarista recolheu e procurou defender. Na Câmara Federal, onde atuou até pouco antes de morrer, como na tribuna judiciária, foi um dos pontos altos da nossa oratória. Pouco imaginoso, mas admiravelmente arguto, espontâneo e fluente, raramente se perturbava diante da investida dos contrários.

Argumentando com firmeza, certo no aparte e na resposta, dominou sem contraste os seus inúmeros opositores. A coletânea de seus *Discursos Parlamentares* (1925), prefaciada por Assis Brasil, evidencia notáveis qualidades de diletante. O presidencialismo teve nêle um de seus adversários mais veementes; fez a campanha revisionista da Constituição de 91 e combateu o situacionismo rio-grandense em orações memoráveis. A pregação civilista de Rui encontrou no tribuno rio-grandense uma das vozes mais eloqüentes que ouvimos na fase republicana.

A IMPRENSA

Desde que fundada no Rio Grande, como vimos em capítulo anterior, ao tratarmos do ciclo farroupilha, a imprensa ocupou-se preferentemente de assuntos de política partidária. Farrapos e caramurus, liberais e conservadores, republicanos e federalistas, na centúria anterior, mantiveram extremamente viva a chama das dissidências, quer na tribuna popular, quer no jornalismo, mas principalmente neste, ensejando que se destacassem penas ágeis e vigorosas. A atuação da imprensa, segundo a linha ideológica das facções em luta, foi de tal modo profunda que não sobrou muito espaço em suas colunas para a publicação de trabalhos literários. O editorial com que se lançou a *Revista do Partenon* (1869), escrito por Apolinário Pôrto Alegre, exprime o descontamen-

to da *intelligentzia* local ante a circunstância a que aludimos; e ainda em nosso século, João Pinto da Silva, na *História Literária do Rio Grande do Sul* (1924), anotou que a imprensa rio-grandense vinha vivendo à margem da evolução literária, ocupada quase que exclusivamente em divulgar matéria política. Talvez por isso, cuidaram os escritores e poetas, desde muito cedo, de fundar suas fôlhas literárias, tais como *O Guaíba* (1853), a *Arcádia* (1867), e a citada revista da "Sociedade Partenon Literário", através das quais puderam as respectivas gerações alcançar o grande público, dando relêvo às inquietudes estéticas que as absorviam.

O gaúcho teve sempre uma vida partidária muito ativa, de modo que os próprios homens de letras, mesmo aqueles mais encharcados de subjetivismo, mais indiferentes às quízi-las das parcialidades, se viram arrastados aos debates de imprensa, o que até certo ponto cavou entre uns e outros profundas divergências e antagonismos partidários, que se substituíram aos de ordem meramente artística.

Se ali foi salutar a presença dessa elite carregada de idéias, cujo conteúdo doutrinário contrastava com o personalismo inferior dos que fazem da política uma atividade lúdica, nem por isso deixou de influir negativamente a economia própria da obra literária.

O jornalismo, no século passado, não chegou a ser uma profissão no Rio Grande, mas se teve alguma expressão, se conseguiu firmar-se e desenvolver, deveu-o sobretudo ao tipo então vigente do "jornalista romântico" — homem que dava ao jornal os seus lazeres, defendendo uma facção, sem outra paga que o reconhecimento do partido a que prestava tais serviços. Então, como hoje, partido que se prezasse devia botar na rua o seu jornal; mas, a gazeta, longe de ser a indústria e o comércio em que modernamente se transformou, não visava senão a lucros indiretos. Não deixa, por isso, de ser simpática a atuação dessas velhas fôlhas que impuseram penoso sacrifício aos seus mantenedores, no empenho exclusivo de fazer proselitismo. Tal situação permaneceu inalterada até as vésperas de 1930, quando o jornalismo começou a estruturar-se como profissão bem definida.

Ante a pletera dêsses jornalistas ocasionais, dificilmente poderíamos distinguir, na longa relação que elaboramos, os que o foram de verdade. Vamos citar somente os que mais chamaram sôbre si a atenção de seus contemporâneos.

De 1827 até 1845, isto é, da fundação do primeiro jornal ao fim da Revolução Farroupilha, a imprensa partou sua

orientação por várias tendências, que se cruzaram e confundiram naquele agitado período. A princípio nacionalista, agressivamente xenófoba, sofreu as conseqüências da campanha de Evaristo; foi antiportuguêsa, antirestauradora, contra e a favor da Regência e da Monarquia. O ideal republicano de Piratini e os movimentos liberais de Minas e São Paulo, em 42, tiveram nessa imprensa que alvorecia grandes paladinos e também detratores. É quando se destacam, entre outros: José de Paiva Magalhães Calvet, Francisco de Sá Brito, Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto, Pedro José de Almeida, cognominado Pedro Boticário, Domingos José de Almeida, Antônio Manuel Corrêa da Câmara, Vicente Xavier de Carvalho, Vicente Ferreira Gomes, Tito Lívio Zambecari, Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, José Marcolino da Rocha Cabral, Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena, Manuel dos Passos Figueirôa, Antônio Álvares Pereira Coruja.

De 1845 até fins da Guerra do Paraguai, dividida politicamente entre conservadores e liberais, a imprensa teve a seu serviço grandes nomes:

Félix da Cunha, Antônio José Domingues, Caldre e Fião, Carlos von Koseritz, Inácio de Vasconcelos Ferreira, Pedro Antônio de Miranda, Eudoro Berlink, Carlos Jansen, Gaspar Martins, Bernardo Taveira Júnior, Pedro Bernardino de Moura, Antônio Joaquim Dias.

De 1870 até fins do século, na fase mais aguda do Abolicionismo e da propaganda e consolidação da República, destacaram-se de modo especial:

Júlio de Castilhos, Venâncio Aires, Assis Brasil, Francisco Cunha, Alcides Mendonça Lima, Carlos von Koseritz, Ernesto Alves, Eleutério de Camargo, Germano Hasslocher, Múcio Teixeira, Alexandre de Moura, João Maia, Timóteo de Faria Corrêa, Francisco de Paula Pires, João Cância Gomes, Fernando Osório, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Damasceno Vieira, Graciano Alves de Azambuja, Carlos Thompson Flores, Antônio Corrêa de Oliveira, Adriano Nunes Ribeiro, Homero Batista, Aquiles Pôrto Alegre, Augusto Pôrto Alegre, Alfredo Ferreira Rodrigues, Florêncio de Abreu, Demétrio Ribeiro, Ramiro Barcelos, Teodósio Menezes, Antônio Rodrigues de Souza, Wenceslau Escobar, Caldas Júnior, Zeferino Brazil, Paulino de Azurenha. E um sem-número de outros jornalistas de menor importância. Nessa última fase, em Pôrto Alegre, surgiram os nossos primeiros grandes jornais, *A Reforma*, *Gazeta de Pôrto Alegre*, *A Federação*, o *Correio do Povo*, sendo êste o único que subsiste, modernizado e muito difundido.

A SATIRA

Como na oratória e no jornalismo, os gaúchos se distinguiram, quanto à sátira, em sua modalidade política.

Logo no terceiro decênio do século XIX, ainda em começo a formação da classe intelectual, o gênero vai rebentar numa estranha figura rebelde a tudo — a Deus, ao rei e à sociedade. É quando os versos de Pedro José de Almeida, o *Vaca Brava*, deixam fama em Pôrto Alegre e excitam o ânimo da população contra os “galegos”, isto é, os portugueses suspeitos de pretenderem a restauração de Pedro I no trono do Brasil.

Manuel de Araújo Pôrto Alegre, n’*O Ganhador*, poema de que se conhece hoje apenas a introdução, atacou um dos homens mais temidos do seu tempo, o jornalista carioca Justiniano José da Rocha, sucessor de Evaristo da Veiga na admiração popular consagrada aos foliculários desabusados.

Mas, nesse período, o nome mais em evidência, no Rio Grande, nos domínios da sátira, foi o ex-seminarista Bibiano Francisco de Almeida, que se tornou professor de latim em Pôrto Alegre, em cuja vida boêmia foi o mais bem humorado, o mais impiedoso denunciante dos ridículos alheios. Homem de cultura, mas desleixado, desambicioso, consumiu em rodas de patuscos o seu enorme talento de improvisador, de satírico nervoso e ágil. Não reuniu em livro tais produções, de que conhecemos pouca cousa, pois corriam geralmente em cópias apográficas, que se perderam. As que ficaram impressas bastam, contudo, para atestar o seu talento e *vis* cáustica. Por exemplo, Damasceno Vieira, o poeta e prosador a que tantas vezes nos referimos, recebeu de Bibiano uma estocada dêste gênero:

“Ó João Damasceno

Vieira Fernandes!

Ó monstro pequeno,

De idéias tão curtas e orelhas tão grandes!”

Amigo de Bibiano de Almeida, seu sócio em noitadas alegres, o viamonense Inácio de Vasconcelos Ferreira juntou ao lirismo inconseqüente, de padrão amoroso incolor, pronunciado senso de *humour*, que explodiu nos versos intitulados — *Campara*, nome de um bandido que então aterrorizava Pôrto Alegre. Esse Campara furtava aos ricos para dar aos pobres, o que inspirou ao poeta deliciosa sátira aos costumes. Censu-

ra o malfeitor pela sua falta de tato. Para roubar não era preciso procurar as trevas da noite, expor-se à morte em mãos da polícia. Era mais fácil, mais cômodo, furtar às claras, furtar em grosso, porque teria comendas e seria um dos grandes do país.

“Com honra sempre, com prestígio e glória,
Há muitos meios de roubar aqui.”

Zeferino Vieira Rodrigues Filho, poeta pesado, indigesto, preferiu a sátira pessoal no *Ulricheida*, poema em oitava rima, destinado a cantar os feitos de um tal Ulriche, funcionário da Alfândega de Pôrto Alegre. Não conseguimos localizar êsse livro, a que se referem muitos de seus contemporâneos. Nem mesmo sabemos se chegou a ser publicado.

A partir de 1870 é que a sátira vai realmente desenvolver-se entre os gaúchos. Das peças mais encorpadas que então se fizeram, podemos citar as subscritas por Fontoura Xavier, Múcio Teixeira, Oscar Paranhos Pederneiras, então no Rio, onde se celebrou, Alarico Ribeiro, e Augusto Sá, fluminense aqui radicado.

Fontoura Xavier, quando estudante, publica em 1877 *O Régio Saltimbanco*, prefaciada por Lopes Trovão. A carta do tribuno, após explicar que os versos não foram aceitos pela imprensa da época, vendo-se o seu autor obrigado a divulgá-los em folheto, ataca rudemente o Imperador Pedro II, como era de hábito entre os moços republicanos de São Paulo e Rio, onde o poeta gaúcho formara seu espírito de luta contra as instituições vigentes. O poema é todo ousadia e destemor. Sob o disfarce do régio saltimbanco apresenta a figura veneranda do nosso último Imperador, ridicularizando-lhe o amor do estudo e da ciência, apresentando-o como um arlequim real, num tom que não corresponde, nem de longe, à verdade histórica. O monarca era justamente o avêso de tudo isto:

“É outro o Coliseu: mais vasto e mais fecundo

Tem Roma por cenário e por platéia o mundo.

É mais variada a festa. A um tempo o imperador

É sábio, poliglota, artista e professor,

Acrobata, truão, frascário, rei e mestre,

D. Juan, Robert, Falstaff e Benoiton equestre.

Oh! deve ser imenso, esplêndido o festim

Onde vai exhibir-se o célebre arlequim,

Colhêr, longe da pátria, além, noutra horizonte,

Mais um florão gentil que lhe orne a heróica frente.”

Só mesmo a impulsividade juvenil, aliada a firme ideal republicano, explicam tais excessos, que culminam no soneto final do poemeto:

“Espêlndido triunfo! O mundo em derredor
Ouviu-te a execução do mágico programa,
E ao cabo, convulsiva, ergueu-se a voz da Fama
Saudando ainda uma vez o régio Professor!

Um povo se ocultava à sombra do pudor;
De lá, com êsse rir nervoso do epigrama,
O ouvido lhe feria o brado que te aclama
O artista sem rival, o grande imperador!

Te apraz representar o salto, o riso franco
E as escamoteações de um velho saltimbanco?
— Dá rédea ao gôsto teu, funâmbulo real!

Que um dia do corcel elástico da glória
Decerto hás de cair no trampolim da História,
Artístico Blondin da farsa imperial.” (363)

Múcio Teixeira é autor de pelo menos cinco composições de fôlego: *O Inferno Político*, poema satírico (1879), *O Tribuno-Rei*, poema herói-cômico (1881), *A Canoa da Escravidão*, sátira política (1882 — 2.^a ed.), *O Girafa* (1895) e *Rimas de Montalvo*, versos humorísticos (1895-1899). Teve grande voga, no Rio Grande, *O Tribuno-Rei*, pois a figura ridicularizada, Silveira Martins, era chefe de partido muito prestigiado. Em suas duas edições, a pôrto-alegrense e a pelotense, o poema conserva a mesma dureza, a mesma acritude, como nas oitavas dêstes triolés:

“À cena! à cena o palhaço,
Êsse arlequim popular;
Vem ou não vem o mandraço?
À cena! à cena o palhaço!
Tragam-no a tiros de laço
Se êle manhoso empacar!
À cena! à cena o palhaço!
Êsse arlequim popular.

(363) *O Régio Saltimbanco* — Rio, 1877 s/edit.

Cuidado que êle tem manha
Quando pretende dar couces:
Finge que alisa: — e arranha...
Cuidado que êle tem manha
No potreiro dos alcouces...
Cuidado, que êle tem manha
Quando pretende dar couces.
.....

Vamos mostrá-lo à gentalha
Nos circos, à “balastraca”;
Comendo a ração de palha
Vamos mostrá-lo à gentalha!
Rangendo, no ar se espalha
Surdo rumor de matraca...
Vamos mostrá-lo à gentalha
Nos circos, à “balastraca”.
.....

O Tribuno encervejado
Vai agora entrar em cena:
Vamos ver desmascarado
O “Tribuno” encervejado!...
Anda tudo “abichornado”
Só de ver com que melena
O “Tribuno” encervejado
Vai agora entrar em cena!

Ao rouco som do tambor
E aos guinchos da “Chimarrita”,
— Entoará o “Tenor”,
Ao rouco som do tambor
Certa “cantata” de amor
Duma matrona gasguita...
Ao rouco som do tambor
E aos guinchos da “Chimarrita”!

Prossegue caricaturando a nobre figura de Gaspar, num crescendo de aspereza e perversidade só ultrapassadas em *O Girafa*, sátira cruel a Germano Hasslocher. Na introdução, explicando a gênese do poema, diz Múcio que o Girafa viveu expatriado no Prata, a explorar os refugiados da Revolução de 93. Voltou, porém, a Pôrto Alegre e provocou escândalos; escreveu o panfleto *A Mentira sôbre a Revolução*, a que de

certo modo o poeta responde violentamente. Nas oitavas camonianas que abrem o poema, lê-se:

“Canto a protéria, a infâmia, o servilismo
De um sujeito que avilta a espécie humana;
Sujeito que com sopros de cinismo
Ateou a fogueira onde se inflama;
Sujeito que transforma num abismo
O próprio meio social, que infama:
E que, além de gatuno e vagabundo,
Quer as botas meter em todo o mundo.”

E mais:

“Da nossa capital num bairro inculto
Nasceu o vil Girafa de quem falo;
Tomou bem cedo aquêlo enorme vulto,
De quem parece andar sempre a cavalo...
Mal disfarçando o pensamento oculto,
Na língua, a repicar como um badalo,
Êle é como carvão: que, não queimando,
Tudo aquilo em que toca vai tisanando.”

Após as oitavas, vêm os epigramas e sonetos; um destes últimos termina assim:

“No teu mole focinho de cachorro,
Sempre trombudo, trágico, casmurro,
Todo o meu ódio, diluído, escorro...”

À lógica, porém, de sôco e murro,
Ou hei de te fazer pedir socorro,
Ou hás de confessar que és grande burro.”

Finalmente, a *Pá de cal*:

“Mal aparece aquêlo enorme vulto,
Desaparece logo a paz e a calma,
Dando expansão aos vícios em tumulto.

Êle colheu dos cínicos a palma;
E o que lhe sobra em corpo, não compensa
O que lhe falta em sentimento e alma.”

Quem contempla os processos da vida pública de hoje, com os seus ódios e rancores desatados, não estranhará, de certo, a linguagem de nossos avós. Em matéria de política, sempre fomos uns selvagens. O que nos vale é que a injúria, ônus obrigado do jôgo político, não causa grande mossa na carne dos ofendidos. Político tem pêlo duro.

O fluminense Augusto Sá, ⁽³⁶⁴⁾ vivaz e malicioso, estudou na antiga Escola Militar de Pôrto Alegre; aqui viveu muitos anos, casou e deixou descendência. Espírito culto, de grande verve, não chegou, porém, àquele despojamento de linguagem. Nos *Cacos de Garrafa*, livro que teve duas edições sucessivas, tudo é mocidade, alegria de viver para assistir à pantomima das convenções. Claudicando no metro e na rima, mas sempre imaginoso, Augusto Sá, inteligência buliçosa, não quis mal a ninguém.

(364) Augusto da Silva e Sá nasceu no Rio em 13 de janeiro de 1863 e ali faleceu a 13 de dezembro de 1924. Estudou na Escola Militar, no Rio e em Pôrto Alegre, formando-se em engenharia pela Faculdade desta Capital. Professor do Colégio Militar, reformou-se no posto de major. Viveu alguns anos em Berlim. Escreveu *Cacos de Garrafa* — paródias, sátiras e epigramas — Echenique Irmãos & Cia., Pelotas, 1901 — 2.^a ed.; *Épuras*, versos, 1894; *Intruso*, romance de costumes militares — Pintos & Cia., P. Alegre, 1907; *Turquia Política e Militar* — estudos e crônicas; *Exercícios regionais* — Echenique — P. Alegre, 1905, com retrato.

CAPÍTULO XX

SIMBOLISMO À VISTA

O INÍCIO DO SÉCULO XX. — PANORAMA DA VIDA MENTAL. — MARCELO GAMA E ZEFERINO BRAZIL. — DO SIMBOLISMO AO PRÉ-MODERNISMO.

CAPÍTULO XX

SIMBOLISMO A VISTA

A publicação de *Via Sacra*, primeiro livro de Marcelo Gama, no ano de 1902, assinala o termo do quinto período.

O Rio Grande fôra sacudido, ao findar o século, por acontecimento político de grave transcendência — a Revolução de 93, página sombria da história local, guerra civil cruenta, que deixou atrás de si ampla sementeira de rancores e ressentimentos. Alguns intelectuais, premidos por violências vindas de todos os lados, foram viver no Prata ou em outros pontos do nosso país; entre eles, Apolinário Pôrto Alegre, que voltou do exterior, onde se refugiara, alquebrado e desiludido. Em tal ambiente de luta, passou despercebida a obra de alguns bons poetas, como Alarico Ribeiro, que, sendo homem de partido, teve seu livro *Oásis*, estudado páginas atrás, inteiramente olvidado pela grande maioria dos que em política militavam em campo oposto. Do ponto de vista literário, a atmosfera abrasada de paixões contribuiu para que se fechassem melancolicamente as portas do século anterior.

Entretanto, prosseguia a fermentação das idéias, mais ativa que nunca. No campo doutrinário, comtistas e spenceristas terçavam armas. A Escola de Engenharia de Pôrto Alegre, nosso primeiro estabelecimento de ensino superior, fundada em 1896, como parte integrante da Universidade Técnica, germe da Universidade federal de hoje, centralizava inquietações que principiavam já a solapar o primado do comtismo. A Constituição de 14 de julho, pomo de discórdia das facções de Júlio de Castilhos e Silveira Martins, mantinham em pé de guerra o espírito das elites. Estas se haviam dividido literariamente em dois grupos: o da revista *Mecenas* (1893) e o do “Centro Literário” (1897).

Nesse momento de exaltação, o novo século pôde contemplar, atuando nos quadros literários rio-grandenses, muitas figuras, já consagradas: Damasceno Vieira, Fontoura Xavier, Múcio Teixeira, Aquiles Pôrto Alegre, Mário de Artagão, na poesia; Alfredo Varela, José Artur Montenegro, Assis Brasil, Graciano Alves de Azambuja, Alcides Cruz, Alfredo Ferreira Rodrigues, Carlos Maximiliano, Alcides Maya, José Bernar-

dino Bormann, na historiografia e no ensaio; Pedro Moacyr, na oratória parlamentar; Germano Hasslocher e Caldas Júnior, no jornalismo político; José Romaguerra Correia, na dialetologia.

Aos nomes citados, ocupantes de postos eminentes na evolução intelectual rio-grandense, sob o patriarcado de Apolinário Pôrto Alegre, então quase emudecido, juntem-se os “novos” que irromperam brilhantemente no primeiro decênio do século atual: Alberto Ramos, Marcelo Gama, Zeferino Brazil, José Picorelli, Aurélio Pôrto, Pedro Velho, Pinto da Rocha, Barbosa Neto, Alcides Miller, Eduardo Guimaraens, Alvaro Moreyra, Othelo Rosa, João Pinto da Silva, Felipe d’Oliveira, na poesia, e Alcides Maya, Luiz de Araújo Filho, Roque Callage, J. Simões Lopes Neto, na prosa de ficção.

1902 anuncia, como dissemos, o aparecimento de Marcelo Gama, que vai chefiar, sem o saber, uma nova corrente, mitigando a objetividade dos primeiros parnasianos com a sua poesia tão extravagante e originalmente subjetiva. Numa linha que parte da *Via Sacra* e se continua em Pedro Velho, Zeferino Brazil (*Vovó Musa*, livro de importância singular, é de 1903) e Alceu Wamosy, cuja estréia data de 1913, o parnasianismo evolue mansamente para a revolução espiritualista. Embora outros, também novos, permaneçam fiéis à maneira de ser daquela escola, tal como se apresentou no primeiro momento; é o que acontece com Artur Pinto da Rocha (*Talita*, poema dramático, 1906), Barbosa Neto (*Molduras e Visões*, 1907) Othelo Rosa (*Canções da Mocidade*, 1909), João Pinto da Silva, (*Estalactites*, 1910).

Cruz e Souza, vizinho de Florianópolis, Alphonsus de Guimaraens, mineiro, e o grupo de *O Cenáculo*, de Curitiba, lograram rápida difusão em Pôrto Alegre e no interior do Estado. Eugênio de Castro, Antônio Nobre e mesmo Cesário Verde haviam encontrado também ressonância entre os nossos poetas do novo século, penetrando-lhes profundamente a sensibilidade, acordando-os para a batalha do antimaterialismo. A nova geração, em sua maior parte, foge ao passado heróico do Rio Grande, interioriza-se, ausenta-se. Nota-se isso sobretudo na temática e na musicalidade predominantes. As noites de inverno, os poentes de outono, linhas imprecisas da paisagem, sugestões do vocabulário litúrgico — o que é frágil e leve desperta a sensibilidade dos autores de vanguarda.

E foi então que se deu, na obra dos autores mais significativos, a proscricção definitiva de todo e qualquer “tropicalismo”, traço que Mário de Andrade, com agudeza, observou faltar à literatura gaúcha da fase contemporânea. Tropicalismo

que os românticos, Múcio Teixeira e Lôbo da Costa, entre outros, não desdenharam de todo, no momento em que o prestígio dos românticos do Norte se fêz sentir com maior intensidade no complexo literário rio-grandense, conforme acentuamos páginas atrás.

A essa influência inicial de brasileiros e portugueses, segue-se a de franceses e belgas, — Verlaine, Rodenbach, Saimain, — sobretudo a partir de Eduardo Guimaraens, cuja estréia em livro se dá em 1908.

Isto, quanto à poesia.

Na prosa, retomando o fio da tradição “continentina”, Alcides Maya e J. Simões Lopes Neto voltam à campanha, sa-codem o “monarca das coxilhas”, revolvem o passado rio-grandense, e então, estilizando, afeiçoando, brunindo a prosa, re-torcendo o período, — empregando valores estéticos denunciadores do Simbolismo, — provocam o surgimento de um novo tipo de literatura regional.

O Pré-modernismo não tardaria a aparecer.

BIBLIOGRAFIA

Vão indicadas, a seguir, algumas obras que se ocupam da literatura no Rio Grande do Sul, além de outras fontes.

Sobre a bibliografia dos autores estudados no texto, consulte-se o *Índice Onomástico*.

a) ESTUDOS SOBRE AUTORES RIO-GRANDENSES

- Abreu, Florêncio, de. *Atas das sessões do "Partenon Literário"*. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul*, Pôrto Alegre, ano IV, 1924.
- . *Silveira Martins, o tribuno*. Rio de Janeiro, Of. Gráf. do Jornal do Comércio, 1947.
- Abreu, Luciana de. *Preleções*. Pref. de Dante de Laytano. Pôrto Alegre, ed. do Museu Júlio de Castilhos, 1949.
- Almeida, João Pio de. *Gênese da Imprensa no Rio Grande*. In *Comemorações em honra do Centenário da Independência do Brasil*, Pôrto Alegre, Of. Gráf. de "A Federação", 1923.
- Andrade, Mário de. *Os Gaúchos*. In *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1939.
- Antunes, De Paranhos. *O Pintor do Romantismo (Vida e obra de Manuel de Araújo Pôrto Alegre)*. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1943.
- Araújo e Silva. *Esbôço Biográfico de Delfina Benigna da Cunha*. In *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, 2.^a série, V. Pôrto Alegre, 1872.
- Bernardi, Mansueto. *Vida e Poesia de Eduardo Guimaraens (Tiragem restrita, fora do comércio)*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1944.
- Brandão, Paulo Pires e outros. *Primeiro Centenário do Nascimento do Conselheiro Antônio Ferreira Viana*. Rio de Janeiro, Tip. São Benedito, 1933.
- Brito, Vítor de. *Gaspar Martins e Júlio de Castilhos*. Pôrto Alegre, Livraria Americana, 1908.
- Cesar, Guilhermino. *Época, merecimento e influência de "Antônio Chimgo"*. In *Província de São Pedro*, n.º 6. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1946.
- . *O Criador do Romance Gaúcho*. In *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, 1.^a série. Pôrto Alegre, Publicação da Faculdade de Filosofia da URS, 1954.
- Collor, Lindolfo. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. In *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, vol. XVIII. Lisboa-Rio de Janeiro-Nova York, Sociedade Internacional, s/d.
- Docca, Gen. Souza. *Desenvolvimento Intelectual do Rio Grande do Sul*. In *Terra Farroupilha*, vol. comemorativo do 2.º centenário da fundação do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre, s/ed. e s/d. (Republicado, com omissão da parte final, em *História do Rio Grande do Sul*, do mesmo autor, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1954).

- Fagundes, Morivalde Calvet. *Lôbo da Costa (Ascensão e declínio de um poeta)*. Coleção Meridional. Pôrto Alegre, Ed. Sulina, 1954.
- Ferreira, Carlos. *Feituras e Feições*. Campinas, Tip. Livro Azul, 1905. (Parte final, *Poetas e Prosadores*).
- Ferreira, Damasceno. *Revivências*. Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger, 1928.
- Fião, José Antônio do Vale Caldre e. *Esbôço biográfico de Rita Barém de Melo*. In *Revista Mensal do "Partenon Literário"*. Pôrto Alegre, 1875.
- Goycochêa, Castilhos. *Eduardo de Araújo, Assis Brasil, Vítor Russomano*. Publ. da Academia Rio-Grandense de Letras. Pôrto Alegre, Tip. do Centro, 1941.
- Hafkemeyer, S. J., Pe. J. Batista. *Estudo sobre Antônio José Gonçalves Chaves*. In *Revista do Instituto Hist. e Geog. do R. G. do Sul*, Pôrto Alegre, 1922.
- Irmão Elvo Clemente. *Aspectos da vida e obra de Francisco Lôbo da Costa*. Pôrto Alegre, Liv. Selbach, 1953.
- Koseritz, Carlos von. *Alfredo d'Escragnolle Taunay (esbôço característico)*. Trad. do alemão por R. (odolfo) P. (au) B. (rasil). Rio de Janeiro, Tip. de Leuzinger & Filhos, 1886.
- Lima, Afonso Guerreiro. *Aquiles Pôrto Alegre*. In *Revista do Inst. Histórico e Geog. do R. G. do Sul*, n.º 109, 1948.
- Lôbo, Hélio. *Manuel de Araújo Pôrto Alegre*. Publ. da Academia Brasileira. Rio, Empresa Editora ABC, 1938.
- Machado, Antônio Carlos. *O Solitário da Casa Branca (A vida, a obra e a época de Apolinário Pôrto Alegre)*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1945.
- Maia, João. *Literatura, Artes e Ciências*. In *O Rio Grande do Sul*, publicação organizada por Alfredo R. da Costa, I. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Livraria do Globo, 1922.
- . *Aquiles Pôrto Alegre*. In *Revista do Instituto Hist. e Geog. do Rio G. do Sul*, n.º 21-22, 1926.
- Martins, Ari. *Os nossos autores dramáticos*. In *Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1940.
- . *Poetas do Rio Grande do Sul*. Idem. ib.
- . *O Parnasianismo no Rio Grande do Sul*. In *Revista das Academias de Letras do Brasil*, vol. XI. Rio de Janeiro, 1941.
- Meyer, Augusto. *Prosa dos Pagos*. Coleção Mosaico, III. São Paulo, Liv. Martins, 1943.
- . *O Grupo Gaúcho*. In *A Literatura no Brasil*, direção de Afrânio Coutinho, vol. II. Rio de Janeiro, Editorial Sul-Americana S. A., 1955.
- Miller, Alcides Lopes. *Poetas Farrroupilhas*. In *Anais do IV Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1946.
- Monteiro, Antenor de Oliveira. *Manuel José da Silva Bastos, um dramaturgo rio-grandense*. In *Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geog.* Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Liv. do Globo, 1940.
- Oliveira, Andradina de. *A Mulher Rio-Grandense*. 1.ª série. S/d.
- Ornellas, Manoelito de. *Vozes de Ariel*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1938.
- . *Símbolos Bárbaros*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1943.
- . *Uma Viagem pela Literatura do Rio Grande do Sul*. Separata do n.º IV da revista *Atlântico*, nova série. Lisboa, 1947.
- Osório, Fernando. *Ferreira Viana e sua terra natal*. In *Rev. do Instituto Hist. e Geog. do R. G. do Sul*, ano XII, fasc. III.
- Osório, Fernando. *A Graça e o Lirismo Heróico dos Farrapos*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1935.

- Pôrto, Aurélio. *Biografia de Antônio Manuel Corrêa da Câmara*. In *Anais do Itamarati*, III. Rio de Janeiro, Of. Gráf. do Arquivo Nacional, 1938.
- Pôrto Alegre, Alvaro. *Ciclo Apolinário Pôrto Alegre*. Pôrto Alegre, Tip. Thurmann, 1944.
- Pôrto Alegre, Apolinário. *Estudo biográfico de José de Alencar*. In *Revista Mensal do "Partenon Literário"* 1873-1874.
- Pôrto Alegre, Aquiles. *Contos e Perfis*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1910.
- . *Fôlhas Caídas*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1912.
- . *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre, Tip. do Centro, 1916 (2.ª ed., Liv. Selbach, s/d.).
- . *Vultos e Fatos do Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre, Livraria do Globo, 1919.
- . *Através do Passado*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1920.
- . *Homens do Passado*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1922.
- . *Noutros Tempos*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1922.
- . *Serões de Inverno*. Pôrto Alegre, Liv. Selbach, 1923.
- . *A Sombra das Árvores*. Pôrto Alegre, Liv. Selbach, 1923.
- . *Noites de Luar*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1923.
- . *Prosa Esparsa*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1925.
- . *Palavras ao Vento*. Pôrto Alegre, Liv. Selbach, 1925.
- . *A Beira do Caminho*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1925.
- Ribeiro, Hilário. *Esbôço biográfico de João Vespúcio de Abreu e Silva*. Pôrto Alegre. In *Revista Mensal do "Partenon Literário"* ano III, 1874.
- Ribeiro, José Paulo. *Síntese da Poesia Popular Rio-Grandense considerada como fator histórico*. In *Revista do Instituto Hist. e Geog. do R. G. do Sul*, ano IV, I e II trim., 1934.
- Rodrigues, Alfredo Ferreira. *Bernardo Taveira Júnior*. In *Província de São Pedro*, VI. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1946.
- Rodrigues, Félix Contreiras. *Esbôço da Filosofia Política de Silveira Martins*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1945.
- Rosa, Othelo. *Vultos da Epopéia Farrroupilha*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1935.
- . *Apolinário Pôrto Alegre*. In *Revista do Instituto Hist. e Geog. do Rio G. do Sul*, n.º 49-50, 1933.
- . *Júlio de Castilhos*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1928.
- Russomano, Mozart Vítor. *Vida e Morte de Lôbo da Costa*. In *Província de São Pedro*, n.ºs 15 e 17. Pôrto Alegre, Editora Globo, 1951.
- Salgado, Plínio. *A Literatura Gaúcha*. São Paulo, Paschoal Napolitano & Irmão, 1928.
- Sanmartin, Olyntho. *O Visconde do Rio Grande e o Teatro em Pôrto Alegre no Século XIX*. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Liv. do Globo, 1940.
- Silva, João Pinto da. *História Literária do Rio Grande do Sul*. 2.ª ed. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1930.
- . *Vultos do meu Caminho*. 2 vols. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1926-1927.
- . *Fisionomia de Novos*. São Paulo, Monteiro Lobato & Cia., 1922.
- Souza, Leal de. *A Mulher na Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurillo, 1918.
- Spalding, Walter. *Poesia do Povo*. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Liv. do Globo, 1934.
- Taveira Júnior, Bernardo. *Reflexões sobre a Literatura Rio-Grandense*. In *Arcádia*, Rio Grande, 4.ª série, ano IV, 1869.

- Teixeira, Alvaro. *Múcio Teixeira (O homem, o poeta, o prosador, o tribuno, o cientista)*. 3.^a ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922.
- Teixeira, Múcio. *Os Gaúchos*. 2 vols. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurillo, 1920-1921.
- Telles, Alípio. *Homenagem a Silveira Martins*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902. (Poliantéia).
- Toscano, Artur. *Múcio Teixeira e o seu tempo*. In *Revista do Instituto Hist. e Geog. do R. G. do Sul*, ano VIII, 4.^o trim., 1928.
- Varela, Alfredo. *Ensaio e Críticas*. Rio de Janeiro, Instituto América, 1948.
- Vellinho, Moisés. *Letras da Província*. Coleção Autores Brasileiros, vol. I. Pôrto Alegre, Livraria do Globo, 1944.
- Vergara, Pedro. *A Poesia Modernista Rio-Grandense*. Rio de Janeiro, Of. do Jornal do Comércio, 1943.
- Vieira, Damasceno. *Esboços literários (estudos crítico-literários e poesia)*. Pôrto Alegre, Tip. da Deutsche Zeitung, 1853.
- . *A Musa Moderna*. Pôrto Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1885.
- . *A Crítica na Literatura*. Bahia, Reis & Cia., 1907.

b) ANTOLOGIAS REGIONAIS

- Costa, Lôbo da. *As Melhores Poesias (Auras do Sul — Flores do Campo — Dispersas)* escolhidas por Mansueto Bernardi. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1927.
- Ferreira, Inácio de Vasconcelos (e) Lima, Antônio de Azevedo. *Seleta Nacional*. Pôrto Alegre, s. ed., 1869.
- Krug, Guilhermina (e) Carvalho, Nelly Rezende. *Letras Rio-Grandenses*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1935.
- Lessa, Luís Carlos. *As Mais Belas Poesias Gauchescas*. Antologia Crioula do Rio Grande do Sul, 1.^o vol. Pôrto Alegre, s/d., 1951.
- Machado, Antônio Carlos. *Coletânea de Poetas Sul-Rio-Grandenses*. Rio de Janeiro, Editôra Minerva Ltda., 1952.
- Pires, Francisco de Paula (e) Renault, Carlos Bandeira (e) Campos, Antônio J. *Sonoras*. Pelotas, Liv. Universal, 1891.
- Pôrto Alegre, Apolinário. *Cancioneiro da Revolução de 1835*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1935.
- Sibílicas*, coleção de poesias e recitativos. 3.^a ed. Pelotas e Pôrto Alegre, Echenique & Irmão, 1897.
- Villeroy, Frederico Ernesto Estrêla de. *Seleta Nacional*. Pelotas, Carlos Pinto & Cia., 1883.

c) JORNAIS E REVISTAS

- Album Literário*. Pelotas, 1875.
- Anais da Biblioteca Pública Pelotense*. Pelotas, Liv. Comercial, 1905. 2 vols.
- Anais do Itamarati*. Rio de Janeiro, Of. Gráf. do Arquivo Nacional. 3 vols.
- Arauto das Letras*. Pelotas, 1882.
- Arcádia*. Direção de Antônio Joaquim Dias. Rio Grande, 1867-1870; Pelotas, 1870. 4 séries.
- O Artista*. Rio Grande, 1862.
- Autores & Livros, suplemento literário de "A Manhã"*. Orientação de Múcio Leão. Rio de Janeiro, 1941-1949. 10 vols.
- Boletim Municipal*. Publicado pela Diretoria-Geral do Expediente da Prefeitura de Pôrto Alegre. Redação de Walter Spalding. 1939-1949. 30 nos.
- Boletim Municipal*. Publicação da Prefeitura de São Leopoldo. Redação de Carlos de Souza Moraes. 1946.

- Boletins (em português) do Apostolado Positivista do Brasil*. Rio de Janeiro, 1897-1905.
- O Colibri*. Pôrto Alegre, 1878. 40 nos.
- O Conservador*. Pôrto Alegre, 1880-1889.
- Corimbo*. Rio Grande. Ano de 1885 e outros.
- Correio do Povo*. Pôrto Alegre. 1895-1902.
- A Crisálida, revista mensal, órgão da Associação Literária Gabrielense*. São Gabriel, 1874.
- A Federação*. Pôrto Alegre, 1884-1902.
- Gazeta de Pôrto Alegre*. Pôrto Alegre, 1879-1884.
- Gazeta da Tarde*. Pôrto Alegre, 1895-1898.
- O Guaíba, periódico semanal, literário e recreativo*. Pôrto Alegre, 1856-1858.
- O Guarani*. Pôrto Alegre, julho de 1874 a março de 1875. 37 nos.
- A Idéia, órgão do Clube Literário Democrata*. Pelotas, 1878.
- Letras e Artes, revista quinzenal*. Diretor, Eugène Console; diretor-secretário Marcelo Gama. Pôrto Alegre, 1899.
- O Mensageiro*, 1835-1836; *O Americano; Estrêla do Sul*, 1842-1843. Reimpressos em um só vol. Publ. do Museu Júlio de Castilhos. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Liv. do Globo, 1930.
- O Mercantil*. Pôrto Alegre, 1878.
- Murmúrios do Guaíba*. Pôrto Alegre, Tip. do Rio-Grandense, 1870. 5 nos.
- Norte-Sul*, mensário literário, artístico, científico e social. Direção de Emílio Kemp. Pôrto Alegre, 1919. 3 nos.
- A Ordem*. Jaguarão. 1884-1904.
- A Pena, órgão do Clube Literário Apolinário Pôrto Alegre*. Pelotas, 1884.
- O Pervigil*, publicação semanal. Pelotas, 1882.
- O Povo, jornal político, literário e ministerial da República Rio-Grandense (1838-1840)*. *Fac-símile* da coleção completa. Ed. do Museu Júlio de Castilhos. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Liv. do Globo, 1930.
- Província de São Pedro*. Direção de Moisés Vellinho. Pôrto Alegre, ed. da Livraria do Globo, 1945-1955. 20 nos.
- Publicações do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro. Coleção.
- A Reforma*. Pôrto Alegre, 1869-1912.
- Revista Mensal da Sociedade "Partenon Literário"*. Pôrto Alegre. Março, 1869 — setembro, 1879. 4 séries (A partir de abril de 1879, *Revista Contemporânea do "Partenon Literário"*.)
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre. 1921-1950. 120 nos.
- Revista da Sociedade Ensaio Literários*. Pôrto Alegre, Tip. do Mercantil, 1876.
- Revista da União Acadêmica*. Pôrto Alegre, maio de 1889.
- Tribuna Literária*. Propriedade de José Gomes Corrêa. Pelotas, 1882.
- A Tribuna Rio-Grandense*. Pôrto Alegre, 1853.
- A Ventarola*. Pelotas, 1887.
- Violeta, periódico literário, crítico e instrutivo*. Redação e propriedade de Julieta de Melo Monteiro. Rio Grande, 1878-1879.

d) OBRAS DE REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Blake, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1883-1902. 7 vols.
- Carpeaux, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, M.E.S., 1952.

- Ferreira, João-Francisco. *Elementos para uma Bibliografia sobre o Rio Grande do Sul. In Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, 1.^a série. Pôrto Alegre. Faculdade de Filosofia da Universidade do R. G. do Sul, 1954.
- Guimarães, Argeu. *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, ed. do autor, 1838.
- Melo, Luís Correia de. *Subsídios para um Dicionário dos Intelectuais Rio-Grandenses*. Rio de Janeiro, Distribuição da Editora Civilização Brasileira, 1944.
- Perdigão, Henrique. *Dicionário Universal de Literatura*. 2.^a ed. Pôrto, Ed. Lopes da Silva, 1940.
- Pôrto, Aurélio. *Dicionário Enciclopédico do Rio Grande do Sul*, 3 fascículos. Pôrto Alegre, Editorial Minuano, 1937.
- Reis, A. Simões dos. *Bibliografia Brasileira. I. Poetas do Brasil*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1949.
- Silva, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923.
- Spalding, Walter. *Bibliografia do Folclore Rio-Grandense*. Publicação n.º 4 da Comissão Estadual de Folclore do Rio Grande do Sul. Pôrto Alegre, Imprensa Oficial, 1954.
- Velho Sobrinho, J. F. *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1937-1940. 2 vols.

e) OUTRAS FONTES

- Abreu, Florêncio de. *A Constituinte e o Projeto de Constituição da República Rio-Grandense*. Pôrto Alegre, Tip. do Centro, 1930.
- Anais do I Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense*. Pôrto Alegre, Livraria do Globo, 1936. 3 vols.
- Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense*. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Livraria do Globo, 1937. 3 vols.
- Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia*. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Livraria do Globo, 1940. 4 vols.
- Anais do IV Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense*. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Livraria do Globo, 1946. 2 vols.
- Balém, Mons. João Maria. *A Primeira Paróquia de Pôrto Alegre*. Pôrto Alegre, Tip. do Centro, 1941.
- . *O Rio Grande do Sul no primeiro centenário de sua emancipação eclesiástica*. Pôrto Alegre. In *Correio do Povo*, 3 de julho de 1953.
- Barcelos, Rubens de. *Estudos Rio-Grandenses (Motivos de história e literatura)*. Coleção Província, VII. Pôrto Alegre, Livraria do Globo, 1955.
- Barnasque, Clemenciano. *Efemérides Rio-Grandenses*. Pôrto Alegre, Liv. Selbach, 1931.
- Barreto, Abeillard. *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul. In Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1937.
- Calmon, Pedro. *História da Literatura Baiana*. Coleção Documentos Brasileiros, 62. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1949.
- Carvalho, Alfredo de. *Aventuras e Aventureiros no Brasil*. Rio de Janeiro, Paulo Pongetti & Cia., 1930.
- Carvalho, Mário Teixeira de. *Nobiliário Sul-Rio-Grandense*. Pôrto Alegre, Livraria do Globo, 1937.
- Carvalho, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. 5.^a ed. Rio de Janeiro, Briguier & Cia., 1935.

- Cascudo, Luís da Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo, Livraria Martins, s/d.
- Coruja, Antônio Álvares Pereira. *Ano Histórico Rio-Grandense*. Rio de Janeiro, Tip. de José Dias de Oliveira, 1889.
- . *Antigualhas*. Pôrto Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1881.
- Costa, Alfredo R. da Costa. *O Rio Grande do Sul*. Coletânea organizada por — . Pôrto Alegre, Livraria do Globo, 1922.
- Cunha, Francisco. *Reminiscências*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914.
- Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil. In Brasília* (suplemento ao vol. IV). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1949.
- Echenique, Guilherme. *História do Teatro Sete de Abril de Pelotas*. Pelotas, Liv. do Globo, 1934.
- Erikson, Nestor. *Apontamentos para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. In Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1940.
- Ferreira, Athos Damasceno. *Jornais Críticos e Humorísticos de Pôrto Alegre no século XIX*. Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1944.
- . *O Teatro em Pôrto Alegre no século XIX. In Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, publicação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1954.
- Freitas e Castro, Ênio de. *Música Popular do Rio Grande do Sul. In Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre, Editora Cosmos Ltda., 1942.
- Jacques, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Escola de Engenharia, 1912.
- Júlio, Sílvio. *Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore*. Ed. do Clube Internacional de Folclore. Petrópolis, Artes Gráficas Imprensa, 1953.
- Lima, Afonso Guerreiro. *Cronologia da História Rio-Grandense*. Pôrto Alegre, Livraria do Globo, 1936.
- Lopes Neto, J. Simões. *Cancioneiro Guasca*. Pôrto Alegre, Editora Globo, 1954.
- . *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Pôrto Alegre. Editora Globo, 1950.
- Mena, Sebastião Xavier do Amaral Sarmiento. *Obras Completas*. Coligadas por Dante de Laytano. Rio de Janeiro, Papelaria Velho, 1933.
- Meyer, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho*. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Aurora. Rio de Janeiro, 1951.
- . *Cancioneiro Gaúcho*. Coleção Província, vol. 2. Pôrto Alegre, Editora Globo, 1952.
- Miguel-Pereira, Lúcia. *Prosa de ficção* (de 1870 a 1920). Rio de Janeiro. José Olímpio, 1950. *História da Literatura Brasileira*, sob a direção de Alvaro Lins, vol. 12.
- Moraes, Carlos Dante de. *O povo rio-grandense nas vésperas de 35. In Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, 1.^a série. Pôrto Alegre, Faculdade de Filosofia da U.R.G.S., 1954.
- Nogueira, J. L. de Almeida. *A Academia de São Paulo*. São Paulo, Tip. Vanordem, 1907. 9 vols.
- Oliveira, Artur de. *Dispersos*. Publicações da Academia Brasileira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, S. A., 1936.
- Pôrto, Aurélio. *Fundação da imprensa rio-grandense. In Terra Farrroupilha*, I. Pôrto Alegre, s/d. (1937).
- . *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre, Estabelecimento Gráfico Santa Teresinha, 1934.
- . *Notas ao Processo dos Farrapos. In Publicações do Arquivo Nacio-*

- nal, nos. 29, 30 e 31. Rio de Janeiro, Of. Gráf. do Arquivo Nacional, 1933, 1934, 1935.
- . *Jornais publicados no Rio Grande do Sul de 1827 a 1837. In Publicações do Arquivo Nacional, Processo dos Farrapos, II.* Rio de Janeiro, 1934.
- Rodrigues, Alfredo Ferreira. *Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. In Almanaque Literário e Estatístico do R. G. do Sul para 1900.*
- Romero, Inocêncio. *A imprensa rio-grandense. In O Rio Grande do Sul, publicação organizada por Alfredo R. da Costa. Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Liv. do Globo, 1922 (I, págs. 135-148).*
- Romero, Sílvio. *Cantos Populares do Brasil.* Rio de Janeiro. Liv. Francisco Alves, 1897.
- . *História da Literatura Brasileira.* 5.^a ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1953.
- Silva, Lafaiette. *História do Teatro Brasileiro.* Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde, 1938.
- Silveira, Armando. *A Velha Pôrto Alegre (Memorial do bacharel João Braz) In Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia.* Pôrto Alegre, Of. Gráf. da Liv. do Globo, 1940.
- Terra Farroupilha.* Redação e coordenação literária de Aurélio Pôrto. s/d. e s/d. 1.^o vol.
- Tôrres, João Camilo de Oliveira. *O Positivismo no Brasil.* Petrópolis. Ed. Vozes, 1943.
- Vampré, Spencer. *Memórias para a História da Academia de São Paulo.* São Paulo, Liv. Acadêmica, 1924.
- Varela, Alfredo. *Rememorações.* 1.^a série. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1920.
- . *Res Avita.* Lisboa, Tip. Maurício e Monteiro, 1935.
- . *História da Grande Revolução.* Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1933. 6 vols.
- Veríssimo, José. *Estudos de Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro, Garnier, 1901-1910, 6 vols.
- . *História da Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1916.
- Vieira, Damasceno. *Através do Rio da Prata.* Pôrto Alegre, Tip. do Jornal do Comércio, 1890.

ALMANAQUES

- Anuário da Província do Rio Grande do Sul,* dirigido por Graciano Alves de Azambuja. Pôrto Alegre, 1885-1914.
- Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul,* dirigido por Alfredo Ferreira Rodrigues. Rio Grande, 1889-1917.
- Almanaque Popular Brasileiro.* Pelotas. Ed. de Echenique & Irmão, Livraria Universal, 1894-1908.
- Almanaque Enciclopédico Sul-Rio-Grandense,* dirigido por Augusto Pôrto Alegre. Pôrto Alegre, 1898-1899.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ABBOT, Raul, 344, 346
- ABREU, Cândida Isolina de, 297
- ABREU, Casimiro de, 19, 153, 154, 160, 162, 163, 164, 232, 238
- ABREU, Francisco Ferreira de, 117, 125
- ABREU, Des. Florêncio de, 180, 349, 381
- ABREU, Luciana de, 177, 180
- ADAM, Villiers de l'Isle-, 273
- AIRES, Venâncio, 381
- ALENCAR, José de, 105, 171, 216, 234, 263, 293, 307, 309, 320, 327, 332, 349, 350, 352
- ALENCASTRE, Serafim Joaquim de, 69, 72, 82
- ALMEIDA, Bibiano Francisco de, 176, 382
- ALMEIDA, Domingos José de, 67, 70, 84, 91, 368, 381
- ALMEIDA, Filinto de, 274
- ALMEIDA, João Pio de, 33, 91
- ALMEIDA, Manuel Antônio de, 143, 146
- ALMEIDA, Pedro José de, 69, 72, 75, 381, 382
- ALVES, Artur Alfredo da Mota, 137
- ALVES, Castro, 171, 190, 202, 216, 217, 218, 221, 222, 227, 231, 232, 234, 238, 283, 286, 355
- ALVES, Ernesto, 381
- AMARANTE, Tibúrcio do, pseudônimo de Manuel de Araújo Pôrto Alegre, 106
- AMARÓ JUVENAL, pseudônimo de Ramiro Barcelos, 62
- ANDRADE, Mário de, 7, 17, 18, 219, 220, 392
- ANEMÚRIA, Bispo de, 124
- ANTEQUERA Y CASTRO, 34
- ANTÔNIO PAULINO, *ver* Fontoura, Antônio Paulo da
- ANTUÑA, José G., 116
- ANTUNES, De Paranhos, 85
- ANZANI, 70
- ARARIPE, Tristão de Alencar, 88
- ARAÚJO, Eduardo Ernesto de, 297, 298
- ARAÚJO, Fermino Antônio de, 176
- ARAÚJO, Francisco José de, 105
- ARAÚJO, Joaquim José de, 90
- ARAÚJO FILHO, Luís de, 330, 392
- ARNAULD, 333
- ARROIO GRANDE, Barão do, *ver* Costa, Francisco Antunes Gomes da
- ARTAGÃO, Mário de, 289, 297, 298, 299, 300, 303, 391; *bibliografia*, 299, 300
- ASSIS, Machado de, 32, 122, 123, 125, 156, 205, 216, 231, 234, 274, 288, 309, 323, 331, 355
- ASSIS BRASIL, J. F. de, *ver* Brasil, Joaquim Francisco de Assis
- ATALIBA VALE, pseudônimo de Argemiro Cícero Galvão, 314
- ATHOS, pseudônimo de Inácio de Vasconcelos Ferreira, 241
- AUGUSTO LUÍS, 342
- AURÉLIO JÚNIOR, 292
- AVÉ-LALLEMANT, Roberto, 58
- AZAMBUJA, Darcy, 18, 20
- AZAMBUJA, Graciano Alves de, 43, 44, 58, 61, 72, 76, 134, 176, 250, 252, 283, 327, 328, 341, 370, 381, 391
- AZAMBUJA, Luísa de, 177
- AZARA, Félix de, 68, 129
- AZEVEDO, Aluísio, 205, 331, 332, 333, 335
- AZEVEDO, Álvares de, 157, 164, 216, 229, 232, 238
- AZEVEDO, Felicíssimo Manuel de, 368
- AZEVEDO, Vasco de, 177, 267
- AZEVEDO, Vitorino José dos Santos, 177

- AZEVEDO JÚNIOR, 176
 AZURENHA, Paulino de, 307, 308, 337, 381
- BAINVILLE, 278
 BALÉM, João Maria, 23, 36
 BARANDAS, Ana Eurídice Eufrosina de, 72, 85, 93, 103, 104, 105, 166, 307, 308; *bibliografia*, 103
 BARANDAS, Joaquim da Fonseca, 103
 BARBACENA, Marquês de, 33
 BARBOSA, Rui, 324, 346, 360, 379
 BARBOSA NETO, 392
 BARCELOS, João Carvalho de, 176
 BARCELOS, Ramiro Fortes de, 241, 367, 381
 BARRADAS, Manuel da Costa, 346
 BARRÃO, Carlos, 176
 BARRETO, Abeillard, 103
 BARRETO, Lôbo, 87, 88
 BARRETO, Maria Josefa, *ver* Pinto, Maria Josefa da Fontoura Pereira
 BARRETO, Tobias, 251, 252, 253, 254, 255, 314, 341, 350, 351, 352, 355
 BARRETO FILHO, João da Cunha Lôbo, 176, 182, 266, 338, 377
 BARROS, Padre Joaquim Cacique de, 244
 BARROS, Mariz e, 243
 BARROS, Sebastião do Rêgo, 249
 BARROS, Tobias de Aguiar e, 70
 BARTH, Carlos, 176
 BASTOS, Manuel Jacques de Araújo, 134
 BASTOS, Manuel José de Souza, 260, 263, 268
 BATISTA, Homero, 176, 381
 BAUDELAIRE, 251, 280, 292
 BEAUVALLET, Léon, 311
 BÉDIER, Joseph, 52
 BELÉM, João, 272, 297
 BELLOT, Adolfo, 332
 BELO, José Maria, 347
 BELO, Luís Alves Leite de Oliveira, 22, 193, 209, 308, 321, 322, 323, 377, 378; *bibliografia*, 321
 BELO, Desembargador Luís Alves de Oliveira, 322
 BEM, Manuel Francisco de, 297
 BENTO CEGO, 59
 BENTO GONÇALVES, pseudônimo de Oliveira, Artur de, 273
- BERLINK, Eudoro Brasileiro, 176, 264, 324, 367, 381
 BERNARDI, Mansueto, 233
 BERNARDINO, Félix, 58
 BETTAMIO, Sebastião Francisco, 137
 BICALHO, Honório, 32
 BILAC, Olavo, 228, 272, 274
 BILSTEIN, Miguel de Castro e Melo de Werna e, 176
 BITTENCOURT, Aurélio Veríssimo de, 176, 182, 229, 245, 338, 381
 BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento, 65, 86, 103, 121, 135, 141, 162, 163, 239, 242, 293, 299, 321, 324, 331, 338
 BOCACIO, pseudônimo de Pôrto Alegre, Apolinário José Gomes, 201
 BOCAGE, 76, 80
 BOISARD, 77
 BOMPLAND, Aimé, 135
 BONAPARTÉ, Príncipe Luís, 133
 BORBA, Artur, 182
 BORBA, Cabo, 59
 BORBA, Joaquim Antônio de, 72, 85
 BORMANN, José Bernardino, 333, 334, 368, 391
 BORMANN, Maria Benedita Câmara de, 308, 333; *bibliografia*, 333
 BOSSI, B., 366
 BOULIECH, Telêmaco, 167
 BRAGA, Teófilo, 251, 252, 300, 351
 BRANCO, Aderaldo Castelo, 106
 BRANCO, Camilo Castelo, 223, 224, 225
 BRANDÃO, Cândida Fortes, 297
 BRANDÃO, Beatriz Francisca de Assis, 101
 BRASIL, Joaquim Francisco de Assis, 48, 177, 267, 271, 275, 276, 277, 314, 360, 362, 378, 379, 381, 391; *bibliografia*, 360
 BRASIL, Rodolfo Pau, 347
 BRAZIL, Zeferino, 272, 285, 288, 381, 389, 392
 BRITO, Farias, 366, 367
 BRITO, Francisco de Sá, 88, 381; *bibliografia*, 88
 BRITO, Francisco Isidoro de Sá, 176
 BRITO, José de Sá, 176, 182, 264, 338
 BRUZZI, Nilo, 163
 BÜCHNER, 342, 348
 BUENO, Franco, 267
 BÜRGER, Gottfried August, 192
 BYRON, 218, 231, 238, 292

- CABRAL, José Marcolino da Rocha, 381
 CAETANO, João, 105, 115, 262
 CALDAS JÚNIOR, Francisco Antônio Vieira, 193, 381, 392
 CALDRE E FIAO, *ver* Fiaão, José Antônio do Vale Caldre e
 CALLAGE, Roque, 392
 CALMON, Pedro, 27
 CALVET, José de Paiva Magalhães, 90, 381
 CÂMARA, Antônio Manuel Corrêa da, 66, 67, 72, 84, 90, 136, 381; *bibliografia*, 66, 67
 CÂMARA, Sargento-mor José Corrêa da, 137
 CAMARGO, Antônio Eleutério de, 136, 381; *bibliografia*, 136
 CAMARGO, Hipólito de, 167
 CAMILO, *ver* Branco, Camilo Castelo
 CAMÕES, 75, 80, 113
 CAMPARA, 242, 382
 CAMPO, Estanislau del, 230
 CAMPOAMOR, 231
 CAMPOS, Antônio J., 292, 293
 CAMPOS, Carneiro de, 241
 CANABARRO, Cônego Augusto Joaquim de Siqueira, 374
 CANABARRO, Davi, 50, 85
 CANDAL, *ver* Carvalho, Artur Candal de
 CANGA, Pedro, 41, 59, 60, 61, 69, 72, 76
 CAPISTRANO FILHO, João, 153, 162, 181, 324
 CARDOSO, Silvério, 58
 CARLOS, Henrique Alberto, 346
 CARMO, Manuel do, 62
 CARNIOLI, pseudônimo de Pôrto Alegre, Aquiles, 281
 CARVALHO, Alfredo de, 129, 250
 CARVALHO, Artur Candal de, 176, 245, 297
 CARVALHO, Artur Homem de, 346
 CARVALHO, Crescentino de, 177
 CARVALHO, E. d'Artagnan, 23, 95, 162
 CARVALHO, João Simplício de, 346
 CARVALHO, Gal. Setembrino de, 360
 CARVALHO, Pedro, 369
 CARVALHO, Vicente Xavier de, 91, 381
 CASTILHO, Antônio Feliciano de, 213
- CASTILHO, Júlio de, 176, 201, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 354, 359, 376, 379, 381, 391
 CASTRO, Ênio de Freitas e, 59
 CASTRO, Eugênio de, 392
 CASTRO, Evaristo Afonso de, 365
 CASTRO, Flora Valério de, 23
 CASTRO, Francisco Pedro de Miranda e, 35
 CASTRO, João Capistrano de Miranda e, 176
 CASTRO, Lourenço Afonso de, 365
 CASTRO, Marcos de, pseudônimo de Ramos, Alberto, 290
 CASTRO FILHO, João Capistrano de Miranda e, *ver* Capistrano
 CAXIAS, Duque de, 67, 85, 100, 122, 171
 CÉSAR, Trajano, 176
 CHAGAS, Manuel Pinheiro, 349
 CHAMISSO, 192
 CHATEAUBRIAND, 153
 CHAVES, Alfredo de Freitas, 176
 CHAVES, Álvaro José Gonçalves, 378
 CHAVES, Antônio José Gonçalves, 67, 68, 132; *bibliografia*, 67
 CHAVES, Joaquim Gonçalves, 176
 CHAVES, Pedro Rodrigues Fernandes, 381
 CHÉNIER, André, 164
 CHIQUINHO DA VOVÓ, *ver* Fontoura, Francisco Pinto da
 CIDADE, Lúcio Brasileiro, 176
 CINCINATO, pseudônimo de José Feliciano de Castilho, 350
 CINTRA, José Pinheiro de Ulhôa, 70, 72, 73, 74, 84, 181
 CLEMENTE, Irmão Elvo, 233
 COELHO NETO, 244
 COLOMBO, 114, 366
 COMTE, Augusto, 283, 308, 330, 333, 336, 341, 342, 344, 345, 347, 363
 CORRÊA, Geraldo de Faria, 176
 CORRÊA, Timóteo de Faria, 177, 381
 CORREIA, José Romaguerra, 392
 CORREIA, Raimundo, 272, 276, 277
 CORREIA LEITE, Alberto, *ver* Leite, Alberto Correia
 CORREIA LEITE FILHO, Antônio da Costa, *ver* Artagão, Mário de
 CORUJA, Antônio Álvares Pereira, 33, 69, 88, 91, 117, 119, 120, 121, 133, 134, 368, 381; *bibliografia*, 133, 134

- CORUJA FILHO, pseudônimo de Leão Sebastião Afonso, 134, 369
 COSTA, Albino, 330
 COSTA, Alfredo R. da, 314
 COSTA, Érico, 176
 COSTA, Francisco Antunes Gomes da, 181
 COSTA, Francisco Lôbo da, 62, 101, 158, 167, 173, 176, 191, 193, 211, 213, 215, 216, 225, 233, 239, 263, 292, 293, 338, 393; *bibliografia*, 233
 COSTA, Hipólito José da — Furtado de Mendonça, *ver* Mendonça
 COSTA, Jorge Pereira da, 177
 COSTA, José Correia da, 27, 28, 29
 COSTA, Manuel Corrêa da, 28
 COSTA, Ramos da, 167
 COUTINHO, Albino José Ferreira, 369
 CRESPO, Gonçalves, 271, 281
 CROCE, Benedetto, 16
 CROHUET, Tôrres, 181
 CRUZ, Alcides, 369, 391
 CRUZ, Oswaldo, 125
 CUNHA, Alberto Coelho da, *ver* Vítor Valpério, seu pseudônimo literário
 CUNHA, Ana Raquel da, 95
 CUNHA, Delfina Benigna da, 18, 69, 72, 86, 93, 95, 96, 105, 166; *bibliografia*, 95
 CUNHA, Felícia Joaquina da, 162
 CUNHA, Félix da, 150, 153, 154, 155, 156, 157, 180, 181, 264, 324, 376, 377, 381; *bibliografia*, 155
 CUNHA, Francisco, 155, 176, 377, 381
 CUNHA, Francisco Augusto da, 95
 CUNHA, Jacinto Rodrigues da, 137
 CUNHA, João da, 95
 CUNHA, João Marques Renato da, 285, 288; *bibliografia*, 285
 CUNHA, Joaquim Francisco da, 95
 CUNHA, José Mariano da, 95
 CUNHA, José Zeferino da, 368
 CUNHA, Maria Eufrásia da, 95
 CUNHA, Maria Francisca de Paula e, 95
 CUNHA, Maria Teodora da, 95
 CUNHA, Pedro César da, 95
 CUNHA, Simeão Estelita Gomes da, 95
 CURTENAZ, Laurence, 23
 DAISSON, Augusto, 205
 DANTAS, Júlio, 300, 301
 DARWIN, 342, 348
 DAUDET, 241
 DAVID, Louis, 107
 DAYMÁ, pseudônimo de Santos, José Bernardino dos, 315
 DEBRET, Jean-Baptiste, 105, 106, 107
 DELAMARE, Ana Paulina, 106
 DELFINO, Luís, 284
 DÉLIA, pseudônimo de Bormann, Maria Benedita Câmara de, 333
 DERBY, Orville, 123
 DESNOYER, 311
 DIAS, Antônio Joaquim, 166, 167, 181, 381
 DIAS, Gal. D. César, 80
 DIAS, Gonçalves, 81, 105, 106, 108, 115, 183, 184, 190, 192, 195, 238, 315
 DIAS, Teófilo, 271, 353
 DOCCA, Gal. Souza, 348
 DOMINGUES, Antônio José, 165, 166, 381; *bibliografia*, 165
 DON JUAN, 225
 DORAT, Claude Joseph, 77
 DORNELLES, Ernesto, 15
 DOURADO, Angelo, 369
 DRANMOR, 191, 192
 DREYS, Nicolau, 58, 130
 DUARTE, Antônio Carlos, 182
 DUARTE, Eduardo, 72
 DUARTE, Olímpio, 283
 DUARTE, Tomás Carlos, 23
 DUMAS, Alexandre, 191
 ECHENIQUE, Guilherme, 260
 ELEJALDE, Benito Ilha, 346
 ELISIO, Filinto, 32, 77, 80
 ELVO CLEMENTE, 233, 237
 ENIO, 115
 ERGONTE, Barão, 226, 228, 333
 ERICKSON, Nestor, 33, 91
 ERVAL, Marquês do, *ver* Osório, Manuel Luís
 ESCOBAR, Wenceslau, 381
 ESPÍNOLA, João Manuel, 167
 EXPILLY, Charles, 135
 FABRÍCIO, José de Araújo, 23, 65
 FAGUNDES, João, 87
 FAGUNDES, Pedro Muniz, *ver* Canga, Pedro
 FALCAO, Aníbal, 277, 284
 FÁRIA, Antão de, 346
 FÁRIA CORREIA FILHO, Timóteo, 297
 FAY, Gabriel, 176
 FEIJÓ, Pe. Diogo Antônio, 73

- FELIZARDO, Jorge Godofredo, 23, 103, 154, 239, 344
 FELIZARDO JÚNIOR, Joaquim José, 346
 FELIZARDO JÚNIOR, José, 214, 222, 265
 FERNANDES, Alexandre José de Seixas, 267
 FERNANDES, João Damasceno Vieira, *ver* Vieira
 FERNANDO V, o Católico, 114
 FERREIRA, Athos Damasceno, 92, 134, 259, 260, 324
 FERREIRA, Carlos, 21, 22, 176, 211, 215, 222, 234, 239, 265, 308, 314, 355; *bibliografia*, 214
 FERREIRA, Catão Damasceno, 162, 181, 324
 FERREIRA, Inácio de Vasconcelos, 176, 241, 242, 264, 324, 368, 381, 382; *bibliografia*, 241
 FERREIRA, João-Francisco, 23
 FERRUGEM, José Gonçalves Lopes, 72, 73, 85
 FLAIO, José Antônio do Vale Caldre e, 19, 23, 139, 141, 150, 158, 160, 167, 172, 173, 176, 179, 184, 193, 205, 308, 309, 310, 319, 367, 381; *bibliografia*, 141
 FIGUEIRAS, Andrade, 163
 FIGUEIREDO, Pe. Antônio Pereira de, 134
 FIGUEIRÔA, Amália dos Passos, 177, 180, 215, 239, 240; *bibliografia*, 239
 FIGUEIRÔA, Manuel dos Passos, 86, 381
 FLAUBERT, 251
 FLEIUSS, Max, 27, 106
 FLORES, Carlos Thompson, 177, 381
 FLORES, José Martins, 182
 FLORIAN, 77
 FONTANA, Carlos Eugênio, 167, 308, 310, 311; *bibliografia*, 310
 FONTOURA, Antônio Paulo da, 72, 81, 82
 FONTOURA, Antônio Vicente da, 72, 85, 87, 244; *bibliografia*, 87
 FONTOURA, Bento Pôrto, 244
 FONTOURA, Francisco Pinto da, 59, 72, 81, 82
 FONTOURA, Ildefonso Borges Toledo da, 346
 FONTOURA, Maria Josefa da, 72, 381
 FONTOURA, Paulino da, *ver* Fontoura, Antônio Paulo da
 FORTES, Gal. Borges, 30
 FRAGOSO, Gal. Tasso, 368
 FRANÇA, Audálio Arquibaldo, 245
 FRANCO, Afonso Arinos de Melo, *ver* Melo Franco, Afonso Arinos de
 FRANCO, Francisco da Natividade, 176
 FRANCO, Modesto, 70, 74
 FREDERICO GUILHERME IV, 249
 FREIRE, 110
 FREIRE, Junqueira, 232
 FREITAS, Leopoldo de, 176
 FREITAS, Manuel José Gomes de, 369
 FURTADO, J. I. Arnizaut, 167
 GALVÃO, Argemiro Cícero, 176, 252, 308, 314; *bibliografia*, 314
 GALVÃO, Enéas, 272; *bibliografia*, 288
 GAMA, José Basílio da, 366
 GAMA, Marcelo, 18, 19, 285, 288, 289, 391, 392
 GAMA, Governador Paula, 34
 GAMA, Almirante Saldanha da, 376
 GANGANELLI, pseudônimo de Saldanha Marinho, 378
 GARCEZ, Leônidas, 23
 GARIBALDI, 70, 144, 157, 191
 GARRETT, Almeida, 105, 116, 242
 GAUTIER, Judith, 273
 GAUTIER, Théophile, 273, 274
 GAY, Cônego João Pedro, 135
 GERMANO, Irenadir, 23
 GLICÉRIO, Francisco, 215
 GODÓL, Juan Silvano de, 366
 GOETHE, 32, 192, 230, 292
 GOMES, Fernando Ferreira, 176
 GOMES, João Cândio, 311
 GOMES, Vicente Ferreira, 381
 GOMIDE, Antônio Gonçalves, 65, 66
 GONÇALVES, Aurora, 244
 GONÇALVES, Bento, 50, 71, 75, 86, 90, 99, 100, 144, 145, 146, 147, 149, 321, 362
 GONÇALVES, Bento, pseudônimo de Oliveira, Artur de, 273
 GONÇALVES, Carlos Tôrres, 346
 GONÇALVES JÚNIOR, Manuel José de, 176, 243, 244
 GONZAGA, Tomás Antônio, 225, 240
 GONZÁLES, Pe. Roque, 129
 GRANT, Eduardo, 163
 GUANABARA, Augusto, 176
 GUIDO, Angelo, 115, 116
 GUIMARAENS, Alphonsus de, 392

- GUIMARAENS, Eduardo, 19, 392, 393
 GUIMARAES, Argeu, 121
 GUIMARAES, Bernardo, 309
 GUIMARAES, Gaspar, 177
 GUIMARAES, José Pinto, 368
 GUIMARAES JÚNIOR, Luís, 294
 GUSMÃO, Alexandre de, 132
 GUSMÃO, Bartolomeu Lourenço de, 132
 HADDAD, Jamil Almansur, 217
 HAFKEMEYER, S. J., Pe. João Batista, 67, 68
 HASSLOCHER, Germano, 227, 381, 385, 392
 HEINE, 32, 192, 290
 HENNEQUIN, 351
 HERACLITO, pseudônimo de Silva, João Mendes da, ou João Mendes de Taquari, 308, 326, 330; *bibliografia*, 326, 327
 HERCULANO, Alexandre, 184, 190, 191, 204
 HESSEL, Lothar, 23, 326
 HOMERO, 207
 HORÁCIO, 191
 HORTA, Pedro Antônio da Silva, 177
 HORTA, Sebastião, 176
 HUGO, Victor, 191, 218, 273, 292, 293, 309, 333, 351
 HUMBOLDT, Alexandre, 275, 366
 IRIEMA, pseudônimo de Pôrto Alegre, Apolinário, 201
 ISABEL, a Católica, 114
 ISABELLE, Arsène, 130
 JACQUES, Inácio de Sousa, 363
 JACQUES, João Cezimbra, 43, 58, 60, 346, 348, 363, 364; *bibliografia*, 363
 JACQUES, Paulino, 88
 JACQUES, Rita Cândida de Cezimbra, 363
 JANSEN, Carlos, 22, 181, 249, 250, 256, 299, 308, 323, 326, 381; *bibliografia*, 323, 324
 JANUÁRIA, Dona, 97
 JAÓ, Ernesto, 338
 JAPURA, Barão de, 121
 JARDIM, Gomes, 144, 147, 148
 JARDIM, Manuel dos Santos, 76
 JESUS, Antônia Maria de, 95
 JOBIM, José Martins da Cruz, 117, 125
 JOÃO ANTONIO, 50
 JOÃO III, Dom, 334
 JOÃO IV, Dom, 66, 86
 JÚLIO SILVINO, pseudônimo de Pires, Francisco de Paula, 292, 293
 JUNQUEIRO, Guerra, 231, 286, 298
 JURITI, pseudônimo de Melo, Rita Barém de, 181
 KÖRNER, Theodor, 192
 KOSERITZ, Carlos von, 43, 44, 165, 176, 191, 192, 247, 249, 256, 264, 272, 275, 283, 299, 310, 323, 339, 341, 347, 354, 355, 381; *bibliografia*, 250
 KRAEMER, Cristiano, 175
 LAET, Carlos de, 300
 LAF, pseudônimo de Araújo Filho, Luís de, 330
 LA FONTAINE, 77
 LAGUNA, Barão da, 84
 LAMARTINE, 238
 LAMEGO, Alberto, 28
 LA MOTTE, Antoine Houdar de, 77
 LAMPÍAO, 52
 LANGSDORFF, G. de, 65
 LANGUIRU, 55
 LARANJA FILHO, 332
 LA ROCHEFOUCAULT, 77
 LASSERRE, Dorotéia Duprat de, 366
 LAVALEJA, General, 148
 LAYTANO, Dante de, 23, 72, 77
 LEAL, Antônio Henrique, 108
 LEAL, Gomes, 298, 300, 311
 LEAL, Júlio César, 176, 267
 LEÃO, Múcio, 276
 LEÃO, Sebastião Afonso, 134, 369
 LEIBNIZ, 333
 LEIRIA, Francisco Lopes, 87
 LEITE, Alberto Correia, 272, 289, 290; *bibliografia*, 289
 LEITE, Colimério, *ver* Pinto, Colimério Leite de Faria
 LEITE FILHO, Antônio da Costa Correia, literariamente, Mário de Artagão
 LEMOS, Milton de, 23
 LENAU, 192
 LEONI, Raul de, 291
 LESSA, Pedro, 359
 LIMA, Afonso Guerreiro, 23, 35
 LIMA, Alcides de Mendonça, 359, 360, 361, 362, 381; *bibliografia*, 359
 LIMA, Antônio de Azevedo, 241, 368

- LIMA, Augusto de, 284
 LIMA, F., 167
 LISBOA, Ana Aurora do Amaral, 245, 267
 LISBOA, Miguel Maria, 121
 LISLE, J. C. Semple, 129
 LISLE, Leconte de, 273
 LITTRÉ, 333, 344, 352
 LÔBO, Carlos, 182
 LÔBO, Hélio, 106, 116
 LÔBO, José Teodoro de Sousa, 176, 307, 308, 337
 LÔBO DA COSTA, *ver* Costa, Francisco Lôbo da
 LOCKE, 333
 LOPES, B., 271, 281
 LOPES, Isidoro José, 103
 LOPES NETO, J. Simões, 20, 38, 43, 44, 52, 58, 272, 326, 329, 330, 392, 393
 LÓPEZ, Solano, 367, 368
 LUCAS, Irmão Dionísio, 23
 LUCCÓ, John, 129
 LUCIANO DE AGUIAR, pseudônimo de Vieira, João Damasceno, 282
 LUZ, Francisco Antunes Ferreira da, 176, 241; *bibliografia*, 241
 MACEDINHO, O, *ver* Macedo Júnior, José Joaquim Cândido de
 MACEDO, Henriqueta Cândida de, 162
 MACEDO, Joaquim Cândido de, 162
 MACEDO, Joaquim Manuel de, 105, 106, 141, 143, 149, 174, 238, 265, 303
 MACEDO, Cel. José Joaquim Cândido de, 162
 MACEDO, Pe. Manuel de, 25, 32
 MACEDO, Sebastião Cândido de, 162
 MACEDO JÚNIOR, José Joaquim Cândido de, 162, 164; *bibliografia*, 162
 MACHADO, Alcântara, 108
 MACHADO, Antônio Carlos, 181
 MACHADO, Dionégio, 20
 MACHADO, N. Teixeira, 167
 MACHADO, Possidônio, *ver* Gama, Marcelo, seu pseudônimo literário
 MACHADO FILHO, 181
 MAGALHÃES, Gonçalves de, 105, 108, 109, 110, 259
 MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de, 261
 MAGALHÃES, Manuel Antônio de, 137, 138, 370; *bibliografia*, 138
 MAIA, João, 267, 314, 381
 MAISONNETTE, Horácio, 176
 MALLARMÉ, 292
 MALLETT, João Carlos de Medeiros Pardal, 308, 331, 334, 335; *bibliografia*, 334
 MALOT, Henri, 191
 MANFREDO, pseudônimo de Teixeira, Múcio, 226
 MARACAJU, Visconde de, 288
 MARCELO GAMA, pseudônimo de Machado, Possidônio, *ver* Gama
 MARCIAL, 291
 MARCKMANN, 190
 MARCOS DE CASTRO, pseudônimo de Ramos, Alberto, 290
 MARIA I, Dona, 65, 86
 MARINHO, Saldanha, 378
 MARQUES, Afonso Luís, 176, 245, 377
 MARQUES, Paulo, 293, 307, 308, 330, 332, 335; *bibliografia*, 330
 MARTINS, Ari, 259
 MARTINS, Fidélis, 58
 MARTINS, Gaspar Silveira, 155, 190, 201, 226, 227, 250, 344, 346, 375, 376, 379, 381, 384, 385, 391
 MARTINS, Oliveira, 184, 264
 MARTINS JÚNIOR, 271, 277
 MARYLANDICO, pseudônimo de Pires, Francisco de Paula, 292, 293
 MASSA, José de Noronha Nápoles, 177
 MATHES, Richard, 252
 MAXIMILIANO, Carlos, 346, 348, 355, 391
 MAYA, Alcides, 19, 190, 273, 326, 347, 348, 355, 391, 392, 393,
 MAWE, John, 130
 MAZERON, Gaston Hasslocher, 134
 MEDEIROS, A. A. Borges de, 344, 346, 360
 MEIRELES, Miguel Pereira de Oliveira, 181, 264, 324
 MELO, Adelina, 23
 MELO, Alfredo Luís de, 177
 MELO, Estulano de, 176
 MELO, José Correia de, 159
 MELO, José Mascarenhas Coelho de, 27, 28
 MELO, Luís Correia de, 181
 MELO, Revocata Heloísa de, 267, 294
 MELO, Revocata dos Passos Figueirôa de, 177, 338

- MELO, Rita Barém de, 150, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 166, 181, 237, 239, 324; *bibliografia*, 158
- MELO, Tancredo Fernandes de, 91
- MELO FRANCO, Afonso Arinos de, 250
- MELO MORAIS FILHO, 277
- MENA, Francisco de Paula do Amaral Sarmiento, 72, 78, 85
- MENA, Frederico Augusto do Amaral Sarmiento, 72, 80, 81
- MENA, Sebastião Xavier do Amaral Sarmiento, 69, 72, 73, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 381; *bibliografia*, 77
- MENDANHA, Joaquim José, 81
- MENDÊS, Catulle, 273
- MENDONÇA, Hipólito José da Costa Furtado de, 25, 32, 33
- MENDONÇA, Lúcio de, 277, 281
- MENDONÇA, Alferes Pereira da Costa Furtado de, 33
- MENÉNDEZ Y PELAYO, M., 34
- MENEZES, Teodósio, 381
- MENEZES, Tobias Barreto de, *ver* Barreto
- MEYER, Augusto, 20, 42, 47, 48, 49, 50, 58, 62, 130, 190, 251, 273
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia, 209, 321, 335, 342
- MILLER, Alcides Lopes, 71, 72, 73, 80, 84, 392
- MILLER, Carlos Alberto, 297
- MILLER, Juvenal Otaviano, 344, 346
- MILLER, Manuel, 176
- MILLEVOYE, 164
- MIRANDA, Jorge de, 215
- MIRANDA, José Teodoro de, 176, 193, 245, 297
- MIRANDA, Pedro Antônio de, 157, 162, 181, 324, 381
- MIRANDA, Terêncio de, 176
- MOACIR, Pedro, 379, 392
- MOISÉS, 208
- MOLIERE, 20
- MONTALVERNE, 373
- MONTEIRO, Antenor de Oliveira, 263
- MONTEIRO, Dionísio, 182
- MONTEIRO, Julieta de Melo, 267, 272, 294; *bibliografia*, 294
- MONTENEGRO, J. Artur, 155, 233, 366, 367, 391; *bibliografia*, 366
- MONTESQUIEU, 67
- MORAIS, E. Vilhena de, 367
- MORAIS, Francisco, 28
- MORAIS, Henrique, 23
- MORÉ, Jean Charles, 58, 135; *bibliografia*, 135
- MOREIRA, Joaquim, 176
- MOREYRA, Alvaro, 392
- MOSSÉ, Benjamin, 366
- MOTA, Luís, 176
- MOTA, Sousa, 177
- MOURA, Alexandre Bernardino de, 176, 381
- MOURA, Noah, 23
- MOURA, Reynaldo, 23
- MOUTA-RARA, 267
- MUSSET, 232, 272, 311, 312, 351
- NABUCO, Joaquim, 374, 376
- NAPOLEÃO, 65
- NASCENTES, Antenor, 120
- NASCIMENTO, Amália Vieira do, 297
- NASCIMENTO, Ana Felícia do, 103
- NÉRI, Felipe, *ver* Oliveira, Felipe Néri de
- NERUDA, Pablo, 287
- NERVAL, Gérard de, 278
- NETO, General, 50
- NEVES, Antônio Ferreira das, 167, 177, 245
- NINGUÉM, pseudônimo de Ferreira, Inácio de Vasconcelos, 241
- NOBRE, Antônio, 298, 392
- OLIVEIRA, Alberto de, 272
- OLIVEIRA, Andradina de, 267, 338
- OLIVEIRA, Antônio Corrêa de, 381
- OLIVEIRA, Artur de, 273, 275; *bibliografia*, 273
- OLIVEIRA, Belfort de, 130
- OLIVEIRA, Felipe d', 392
- OLIVEIRA, Felipe Néri de, 176, 204, 374, 376
- OLIVEIRA, Paulo Marques de, *ver* Marques, Paulo
- OLNE, George d', 300
- ORNELLAS, Manoelito de, 326
- OSÓRIO, Fernando, 33, 368
- OSÓRIO, Fernando Luís, 76, 167, 38
- OSÓRIO, Joaquim Luís, 368
- OSÓRIO, Manuel Luís, Marquês do Erval, 72, 76, 136, 155, 243, 336, 368
- OSÓRIO, Pedro Luís, 43, 308, 332, 336; *bibliografia*, 336

- PAES, Elpídio Ferreira, 23, 38
- PAIS, Brigadeiro José da Silva, 29, 297
- PALMEIRO, Antônio, 176
- PAPINI, Giovanni, 22
- PAREDES, Clodomiro, 167, 338
- PAREDES, Juvêncio Augusto de Menezes, 167, 176, 211, 213, 222, 226, 264, 267; *bibliografia*, 222
- PATROCÍNIO, José do, 374
- PAU BRASIL, Rodolfo, 354
- PAULA, M. Alves de, 177
- PEDERNEIRAS, Manuel Veloso Paranhos, 176
- PEDERNEIRAS, Oscar Paranhos, 267, 383
- PEDRO BOTICÁRIO, *ver* Almeida, Pedro José de
- PEDRO CANGA, *ver* Canga, Pedro
- PEDRO I, Dom, 66, 70, 96, 98, 99, 105, 107, 382
- PEDRO II, Dom, 85, 88, 96, 97, 105, 106, 108, 109, 133, 141, 165, 214, 226, 243, 249, 279, 366, 375, 383, 349
- PEIXOTO, Afrânio, 214, 217, 273, 274, 275
- PEIXOTO, Floriano, 334, 346
- PELUFO, Jaime, 23
- PENA, Leonam de Azevedo, 130
- PENA, Martins, 259, 264
- PENALTA, Joaquim Pena, 103
- PENSEROSA, pseudônimo de Monteiro, Julieta de Melo, 294
- PEREIRA, Gabriel, 245
- PEREIRA, João Inácio, 119
- PEREIRA, José Inácio Pereira, 84
- PEREIRA, Lúcia Miguel-, *ver* Miguel-Pereira, Lúcia
- PEREIRA, Nicolau Vicente, 167, 176
- PÉRICLES, 179
- PESTANA, Augusto, 346
- PETHION DE VILAR, 284
- PETRARCA, 336
- PETRUCCI, Salvador, 23
- PICORELLI, José, 392
- PINHEIRO, José Feliciano Fernandes, Visconde de São Leopoldo, 68, 127, 131, 132, 133; *bibliografia*, 131, 132
- PINTO, Antônio Maria, 167, 368
- PINTO, Carlos de Lavre e, 176
- PINTO, Colimério Leite de Faria, 263, 308, 311, 312; *bibliografia*, 311
- PINTO, Luís França, 297
- PINTO, Luís Maria da Silva, 120
- PINTO, Maria Josefa da Fontoura Pereira, 85, 381
- PINZÓN, Vicente Yanez, 121
- PIRANGA, Antônio da Silva, 72, 84
- PIRES, Francisco de Paula, 233, 237, 292, 293, 308, 330, 331, 332, 336, 381; *bibliografia*, 292
- PIRES, Onofre, 50
- PIZARRO E ARAÚJO, Mons. José de Souza de Azevedo, 134
- PLATAO, 29
- POE, Edgar, 216, 279, 292
- POETA, Napoleão, 176
- POMBAL, Marquês de, 29
- POMPEIA, Raul, 335
- PONTES, Conselheiro Rodrigo de Souza da Silva, 70, 87, 90
- PÔRTO, Aurélio, 33, 35, 67, 72, 75, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 120, 132, 133, 135, 137, 240, 250, 392
- PÔRTO ALEGRE, Alvaro, 178, 204, 209
- PÔRTO ALEGRE, Apeles, 176, 308, 313
- PÔRTO ALEGRE, Apolinário José Gomes, 21, 43, 48, 72, 73, 142, 150, 167, 172, 173, 176, 182, 183, 184, 190, 191, 193, 199, 210, 213, 222, 223, 226, 232, 239, 251, 255, 264, 265, 271, 307, 308, 315, 319, 321, 323, 326, 339, 345, 349, 350, 379, 391, 392; *bibliografia*, 201
- PÔRTO ALEGRE, Aquiles, 19, 58, 67, 134, 141, 142, 163, 167, 176, 222, 242, 271, 272, 280, 281, 282, 286, 289, 313, 319, 322, 381, 391; *bibliografia*, 280, 281
- PÔRTO ALEGRE, Augusto, 91, 134, 138, 207, 370, 381
- PÔRTO ALEGRE, Barão de, 80
- PÔRTO ALEGRE, Conde de, 178
- PÔRTO ALEGRE, Lúcio, 176
- PÔRTO ALEGRE, Manuel de Araújo, Barão de Santo Ângelo, 22, 66, 85, 93, 103, 105, 116, 125, 154, 160, 165, 190, 228, 259, 261, 262, 273, 352, 381; *bibliografia*, 105, 106
- PRATES, D. Feliciano Rodrigues, 119
- PRUNES, Lourenço Mário, 23
- PY, Aurélio, 176

- QUASÍMODO, pseudônimo de Leite, Alberto Correia, 289
 QUEIROS, Eça de, 209, 264
 QUINCA CORONEL, 59
- RADEZ, Marechal Radetzky de, 310
 RAMOS, Alberto, 290-292, 392; *biografia*, 290
 RASGADO, Vitorino, 58
 REBÉLO, Darcy, 23
 RENAN, Ernest, 231
 RENAULT, Carlos Bandeira, 245, 292, 293, 297
 REVERBEL, Carlos, 330
 RIBAS, Antônio Antunes, 177
 RIBAS, João Fanfa, 297
 RIBEIRO, Adriano Nunes, 381
 RIBEIRO, Alarico Herculano de Sampaio, 294, 295, 296, 383, 391; *biografia*, 294
 RIBEIRO, Bento Manuel, 74
 RIBEIRO, Demétrio, 344, 346, 381
 RIBEIRO, Hilário, 155, 176, 265, 308, 314; *biografia*, 314
 RIBEIRO, José de Araújo, 117, 121, 122, 123, 124, 125; *biografia*, 121
 RIBEIRO, Marciano Pereira, 91
 RIBEIRO, Tomás, 185, 226
 RICHEPIN, 286
 RICHTER, Charles Robert, 77
 RIO BRANCO, Barão do, 31, 124, 135, 278
 RIO GRANDE, Barão do, *ver* Ribeiro, José de Araújo
 RIVAROL, 273
 ROCHA, Artur Pinto da, 297, 298, 299, 392
 ROCHA, Artur Rodrigues da, 176, 266, 267
 ROCHA, Justiniano José da, 382
 RODENBACH, Georges, 393
 RODRIGUES, Alfredo Ferreira, 43, 44, 71, 72, 75, 80, 87, 91, 191, 369, 370, 381, 391
 RODRIGUES, Félix Contreiras, 43
 RODRIGUES, José Honório, 133
 RODRIGUES, Milton da Silva, 129
 RODRIGUES, Zeferino Vieira, 59, 243
 RODRIGUES FILHO, Zeferino Vieira, 48, 176, 181, 242, 243, 324, 383; *biografia*, 242
 ROMERO, Sílvio, 17, 43, 46, 251, 252, 253, 254, 261, 275, 280, 323, 324, 341, 350, 351, 352, 355
 ROSA, Othello, 23, 321, 344, 345, 392
 ROSA, Teodolindo Antônio da, 162
 ROSAS, D. Juan Manuel, 81, 171, 249, 250
 ROSCIO, Francisco João, 137
 ROSSETTI, Luís, 70, 91
 ROSTAND, Edmond, 301
 RUSSOMANO, Mozart Victor, 233, 237
- SÁ, Augusto da Silva e, 297, 383, 387; *biografia*, 387
 SÁ, José Bernardino de, 134
 SÁ, Luís de França Almeida e, 177
 SACHER-MASOCH, 250, 355
 SAINT-AMAND, Arthur Léon Imbert de, 77
 SAINT-HILAIRE, Augusto de, 45, 58, 67, 68, 130
 SAINT-PIERRE, Bernardin de, 313
 SALDANHA, João de, 137
 SALES, Alberto, 359
 SALES, Campos, 215, 222
 SALGADO, José Tomé, 176
 SALGADO, Gal. Luís Alves de Oliveira, 369
 SALOMÉ, Eduardo, 177, 267
 SAMAIN, Albert, 393
 SAM PAYO, Pe. Antônio Marques de, 65, 66, 373; *biografia*, 65
 SAND, George, 326
 SANMARTIN, Olyntho, 23, 143
 SANTA BÁRBARA, Pe. João de, 119, 373
 SANTA CRUZ, Pe. Roque González de, 129
 SANTO ANGELO, Barão de, *ver* Pôrto Alegre, Manuel de Araújo
 SANTOS, João Luís Faria, 344, 345
 SANTOS, José Bernardino dos, 173, 176, 181, 183, 193, 229, 297, 308, 315, 316, 317, 318, 349, 377; *biografia*, 315
 SANTOS, Luís Delfino dos, 284
 SANTOS, Mário, 338
 SANTOS, Quirino dos, 215
 SÃO JOÃO MARCOS, Marquês de, 111
 SÃO LEOPOLDO, Visconde de, *ver* Pinheiro, José Feliciano Fernandes
 SCHILLER, 191, 192
 SEBASTIÃO, Dom, 301
 SEPP, Pe. Antônio, 129
 SERAFIM BEMOL, pseudônimo de Lopes Neto, João Simões, 267
 SERRÃO, 110

- SEVERO, Sátiro, 308, 313,
 SILVA, Antônio Joaquim Caetano da, 165
 SILVA, Domingos de Araújo e, 135
 SILVA, Ernesto, 176, 266, 272, 289; *biografia*, 289
 SILVA, Feliciano Teixeira da, 162
 SILVA, Fernando Duprat da, 23
 SILVA, Florêncio Carlos de Abreu e, 338
 SILVA, Hilário Ribeiro de Andrade e, *ver* Ribeiro, Hilário
 SILVA, Inocêncio Francisco da, 141
 SILVA, João Luís de Abreu e, 154
 SILVA, João Mendes da, *ver* Heráclito
 SILVA, João Moreira da, 176, 266, 289
 SILVA, João Pinto da, 46, 47, 50, 160, 380, 392
 SILVA, João Vespúcio de Abreu e, 150, 153, 154, 155, 158, 166, 181, 323, 324; *biografia*, 154
 SILVA, Joaquim Caetano da, 110, 117, 124, 125; *biografia*, 124
 SILVA, Joaquim Norberto de Souza e, 141, 143, 163
 SILVA, J. J. da, 176, 179, 201, 207
 SILVA, José Bonifácio de Andrada e, 66
 SILVA, Manuel Ribeiro de Andrade e, 177
 SILVA, Maria Antônia da, 162
 SILVA, Maria Lourenço da, 162
 SILVA, Vasco de Araújo e, 95, 99, 167, 176
 SILVA NETO, Manuel Corrêa da, 177
 SILVEIRA, Amaro da, 314
 SILVEIRA, Geraldino, 297
 SILVEIRA, João Machado da, 72, 79
 SILVEIRA, Sousa da, 159, 163, 164
 SIMÕES LOPES NETO, João, *ver* Lopes Neto, João Simões
 SIQUEIRA, Clarinda da Costa, 85, 86, 153, 154, 165, 166, 311; *biografia*, 165
 SOARES, Francisco de Paula, 176
 SOARES, Ferreira, 88
 SOARES, Sebastião Ferreira, 87
 SOEIRO JÚNIOR, Manuel José, 176
 SOUSA, João da Cruz e, 354, 392
 SOUSA, Nelson C. de Melo e, 129
 SOUTO, João Batista Pereira, 177
 SOUTO, Luís Felipe Vieira, 273
 SOUZA, Antônio Gonçalves Teixeira e, 141, 143
 SOUZA, Antônio Rodrigues de, 381
 SOUZA, Júlio César Ribeiro de, 177
 SOUZA, Leal de, 297
 SOUZA, Luís de Vasconcelos e, 137
 SOUZA, Pedro Bernardino de, 233
 SOUZA, Scylla Soares da S. e, 92
 SOUZA, Cônego Tomé Luís de, 347
 SOVERAL, Alberto Borges, 245
 SPALDING, Walter, 23, 43, 72, 91, 138
 SPENCER, 308, 333, 341, 347
 SPINDLER, Ronald, 23
 STEWART, W., 129
 STRAUSS, 81
 STROHSCHOEN, Íris, 23
 SUE, Eugène, 310
- TAINÉ, H., 251, 351, 355, 361
 TALLONI JÚNIOR, João, 176, 245, 297
 TANCREDO, pseudônimo de Pôrto Alegre, Aples, 313
 TAQUARI, João Mendes de, *ver* Heráclito
 TARANTINO, Biagio, 23
 TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle, 205, 250, 354, 355, 366
 TAVARES, Silva, 147
 TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo, 48, 62, 167, 173, 176, 184, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 203, 213, 229, 232, 255, 263, 276, 381; *biografia*, 191
 TAVORA, Franklin, 323
 TEIXEIRA, Álvaro, 193, 228
 TEIXEIRA, Apolinário, 177
 TEIXEIRA, Carlos, 297
 TEIXEIRA, Múcio, 43, 44, 45, 47, 48, 62, 96, 173, 176, 191, 193, 194, 196, 211, 213, 214, 215, 222, 225, 226-233, 239, 243, 266, 275, 294, 321, 353, 355, 375, 381, 382, 384, 385, 391, 393; *biografia*, 226, 227
 TEIXEIRA, Padre, 177
 TERESÓPOLIS, Barão de, *ver* Abreu, Francisco Ferreira de
 TESCHAUER, Pe. Carlos, 135
 THIBAUDET, Albert, 251
 THIBAUT, José Vicente, 167
 TIARAJU, Sepé, 52, 54, 55, 57, 58, 239, 326

- TIBÚRCIO DO AMARANTE, pseudônimo de Pôrto Alegre, Manuel de Araújo, 106
- TIEGHEM, Philippe van, 351
- TIRADENTES, O, 278, 283
- TÓRRES, Joaquim Alves, 176, 182, 266
- TOSTES, Teodomiro, 130
- TOTTA, Augusto Rodrigues, 176, 245
- TOTTA, Mário, 307, 308, 337
- TOURGUENEFF, 314
- TROVÃO, Lopes, 383
- TSCHUDI, von, 190
- UBATUBA, Manuel Pereira da Silva, 176
- UHLAND, 192
- ULHÔA, José Pinheiro de, *ver* Cintra, José Pinheiro de Ulhôa
- ULRICH, 383
- ULRICH, Artur Lara, 166, 177
- VACA BRAVA, *ver* Almeida, Pedro José de
- VALE, José Antônio do — Caldre e Fião, *ver* Fião
- VALPÍRIO, Vitor, *ver* Vitor
- VAN DICK, 280
- VARELA, Alfredo, 34, 35, 67, 87, 91, 122, 255, 364, 365, 391; *bibliografia*, 364
- VARELA, Deusino, 281
- VARGAS NETO, Manuel, 20, 62
- VASCONCELOS, Valdemar de, 209
- VASQUES, Norberto, 176
- VEIGA, Evaristo da, 89, 381
- VELHO, Pedro, 285, 288, 392
- VELHO SOBRINHO, J. F., 366
- VELLINHO, Moisés, 23, 50, 51
- VELOSO, Frei Mariano da Conceição, 131
- VERDE, Cesário, 298, 392
- VERGARA, Pedro, 20, 62
- VERISSIMO, Erico, 20
- VERISSIMO, José, 160
- VERLAINE, Paul, 292, 393
- VERSEN, Gal. van, 366
- VIANA, Antônio Ferreira, 375
- VIANA, Araújo, 193
- VIANA, Francisca Antônia, 105
- VIANA, Gustavo, 176, 182
- VIANA, Cônego José Gonçalves, 177, 373
- VIANA, Manuel Gomes, 177
- VIDAL, Silvino, 176
- VIEGAS, José dos Santos, 134
- VIEIRA, Arnaldo Damasceno, 282
- VIEIRA, João Damasceno, 176, 182, 192, 250, 255, 271, 282, 283, 284, 285, 293, 308, 312, 321, 338, 339, 342, 350, 351, 352, 353, 354, 381, 382, 391; *bibliografia*, 282
- VIEIRA, José Geraldo, 278
- VIGNY, 351
- VILAR, Pethion de, 284
- VILLALOBOS JÚNIOR, José, 245
- VILLARES, Manuel Rodrigues, 364
- VILLAS BOAS, Benjamin, 176
- VILLAS BOAS, F., 167
- VILLEROY, Augusto Ernesto Estrêla de, 176
- VILLEROY, Frederico Ernesto Estrêla de, 167, 176, 181, 182
- VILLEROY, Raul de, 297, 339
- VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, 273
- VILLON, 238
- VÍTOR VALPÍRIO, 176, 182, 184, 307, 308, 316, 318, 319, 321; *bibliografia*, 319
- VOGT, 342
- WALTER, Luís Kraemer, 176
- WAMOSY, Alceu, 392
- WEIDLE, Wladimir, 233
- WERNA, Miguel de Castro e — e Bilstein, 176
- WHITMAN, Walt, 275
- WILLAGRA CABRITA, pseudônimo de Bormann, José Bernardino de, 334
- WOLF, Ferdinand, 106
- XAVIER, Antônio da Fontoura, 18, 19, 192, 237, 238, 271, 272, 275, 277, 278, 279, 280, 383, 391; *bibliografia*, 277
- ZALUAR, Emílio, 294
- ZAMBECCARI, Tito Lívio, 70, 381
- ZAMPERINI, 33
- ZOLA, 209, 309, 331, 333, 336, 355

Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Livraria do Globo S. A. em Pôrto Alegre. Filiais: Santa Maria, Pelotas e Rio Grande (no Rio G. do Sul), Rio de Janeiro, S. Paulo e Curitiba

EDIÇÃO 2031 A — Para pedidos telegráficos dêste livro basta indicar o número 2031 A antepondo a êsse número a quantidade. Exemplo: para pedir 5 exemplares do presente livro basta indicar "Dicionário" — Pôrto Alegre — 52031 A — Quando a quantidade a pedir fôr 10 ou mais exemplares não é necessário transmitir a letra A.

COLEÇÃO PROVINCIA



Volumes Publicados

1.
Contos Gauchescos e Lendas do Sul
J. Simões Lopes Neto
2.
Cancioneiro Gaúcho
Augusto Meyer
3.
No Galpão
Darcy Azambuja
4.
Casos do Romualdo
J. Simões Lopes Neto
5.
Antônio Chimango
Amaro Juvenal
6.
Cancioneiro Guasca
J. Simões Lopes Neto
7.
Estudos Rio-Grandenses
Rubens de Barcellos
8.
Tropilha Crioula e Gado Xucro
Vargas Neto
9.
Coxilhas
Darcy Azambuja
10.
História da Literatura do Rio Grande do Sul
Guilhermino Cesar
11.
Palco, Salão e Picadeiro em Pôrto Alegre no Século XIX
Athos Damasceno Ferreira

Publicações da

1600
d

GUILHERMINO CESAR

HISTÓRIA DA
LITERATURA
DO
RIO GRANDE DO SUL



COLEÇÃO



PROVÍNCIA

EDITORA GLOBO

RIO DE JANEIRO — PÔRTO ALEGRE — SÃO PAULO